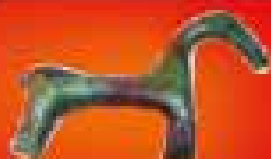




Bens imóveis no Distrito de Bragança das Ordens dos Templários e Hospitalários durante os séculos XII/XIII/XIV



Equilíbrio Zela

Terronha Pinhoelo



Equilíbrio

Pinhoelo

OSTRAKA
VOPILIS
OSTRAVA

Cadernos Terras Quentes n.º 22

τφ



$\tau\phi$



Caderno

TERRAS QUENTES

Nº 22

Maio 2025

Ficha Técnica

Editor e propriedade

Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do
Concelho de Macedo de Cavaleiros «Terras Quentes»

Rua D. Maria Mascarenhas, Apartado 110

5340-326 Macedo de Cavaleiros

Tel.: 278098548 – 936761011

E-mail: administração@terrasquentes.pt

Site: www.terrasquentes.pt

Director

Carlos Alberto Santos Mendes

Conselho de Redação

Carlos Alberto Santos Mendes

Henrique da Costa Ferreira

Manuel José Serra Sousa Cardoso

Miguel Sanches Baêna

Colaboradores deste número

António do Nascimento Pinto

Augusto Ferreira do Amaral

Carlos Alberto Santos Mendes

Henrique da Costa Ferreira

Luis Manuel Santos Mendes

Manuel José Serra Sousa Cardoso

Miguel Sanches Baêna

Miriam Arranz Gozalo

Agradecimentos

Ana Maria Canelas Sanches de Baêna

Maria Belmira Cordeiro Mendes

Maria Lua Sanches de Baêna

Na Capa

Caderno nº 22 da ATQ

Cruz da Ordem Templária e da Ordem de Malta

Mapa do ano 300.a.C situando Zelas e Vaceos

Modelo de Ostraka

Equídeo Zela (Terronha de Pinhovelo)

Equídeo Vaceo (Píntia)

Na Contracapa

Mapa Concelho Macedo de Cavaleiros

com as povoações mortas e existentes hoje e

com os sítios arqueológicos.

Design e Composição Gráfica

Carlos Mendes

Graficifra

José Rocha

Impressão

A Várzea da Rainha Impressores SA – VRI

Depósito Legal

212756/25

Edição

Caderno Terras Quentes Nº 22 – maio 2025

Índice

Editorial	5
Metamorfoses da República de Abril no Concelho de Macedo de Cavaleiros	9
Vacceos y Zoelas, dos Pueblos Prerromanos Vecinos	47
Da (l) Pedra ao Papel Higiénico – Focando sobretudo o Período entre a Idade Clássica (Século XIV, a.C. – Período Homérico) e o Século XXI – ou seja 35 séculos de Evolução	69
Trás-os-Montes e Riba Cõa na Fundação do Reino de Portugal	97
Toponímia das localidades do distrito de Bragança “focando-nos, mormente, no concelho de Macedo de Cavaleiros” com a finalidade de apurar os bens ali existentes pertencentes à Ordem dos Templários, abrangendo o Período Cronológico entre 1122 e 1319	115
Templários em Macedo de Cavaleiros	415

Editorial

Manuel José Serra Sousa Cardoso

...E chegamos ao Caderno 22 da Terras Quentes! Sem fastídio, com novidades e capazes de manter a chama que, já há quase um quarto de século, acendemos a iluminar o passado e o presente de Macedo de Cavaleiros!

Terra sobre que muito está por escrever da sua história recente, mas sobre a qual Henrique da Costa Ferreira e António do Nascimento Pinto formatam, num artigo interessante, a sua opinião e visão no “Metamorfoses da República de Abril no Concelho de Macedo de Cavaleiros”. É uma pena que não haja uma tradição memorialista e alguns dos protagonistas já tenham desaparecido dentre nós porque os que entrevistaram no 25 de Novembro em Macedo de Cavaleiros tiveram um papel muito importante e decisivo – talvez da leitura do artigo dos autores surja o acicate para alguém vir a lume com o seu testemunho!

“Vacceos y Zoelas, dos pueblos prerromanos vecinos”, de Miriam Arranz Gozalo, vem, com uma esclarecida simplicidade histórica, demonstrar que as nossas idas a Espanha de hoje e vindas dos espanhóis até nós já foram precedidas de movimentos semelhantes há mais de dois milénios e, culturalmente, há a prova de tal na arqueologia. O fundo destes povos, apesar das miscigenações ocorridas posteriormente, está connosco, e um dia virá em que estudos de DNA poderão vir dar uma versão cada vez mais interessante da antiga e actual paisagem humana da nossa terra. A vizinhança, mesmo com períodos de costas voltadas, não deixa de ter convivido em festas ou, em momentosos episódios, de ter trocado os seus genes – além do linho, do gado, das jóias e das orações aos seus deuses.

Esperamos que o futuro traga mais estudos de campo, de arqueologia, e que as autoridades saibam preservar e valorizar o património do já descoberto! “Da (I) Pedra ao Papel Higiénico – focando sobretudo o período entre a Idade Clássica (século XIV a.C. – período Homérico) e o século XXI – ou seja 35 séculos de evolução” de Carlos Alberto Santos Mendes, Miguel Pereira Coutinho Sanches Baêna e Luís Manuel Santos Mendes, é a prova de que o pensamento científico pode ser omnipresente, mesmo nos momentos mais inesperados. Todos nos lembramos onde é que Arquimedes descobriu o princípio da impulsão dum corpo mergulhado num fluido: na banheira! Ora, neste artigo, os autores partiram para a sua inspirada investigação ao estarem sentados no objecto ao lado da banheira. Cientificamente a propósito. *Sic transit gloria mundi...*

“Trás-os-Montes e Riba Côa na Fundação do Reino de Portugal”, de Augusto Ferreira do Amaral, artigo que torna cada vez mais importante conhecer a nossa história regional no contexto da História de Portugal, no seguimento dos anteriores publicados nestes cadernos e que com este se articulam de modo perfeito. E vem dar um sabor especial ao sentimento trasmontano ao colocar no devido lugar, mais uma vez, o papel dos Braganças como essencial à formação do nosso país, nomeadamente pelo de Fernando Mendes. O Riba Coa já antes de D. Dinis tinha sido de Portugal. Notável.

“A toponímia das localidades do Distrito de Bragança “focando-nos, mormente, no Concelho de Macedo de Cavaleiros” com a finalidade de apurar os bens ali existentes pertencentes à Ordem dos Templários, abrangendo o período cronológico entre 1122 e 1319”, de Carlos Alberto Santos Mendes. Mais uma peça de demonstração de quão indelével, embora fugaz, foi a Ordem do Templo no nosso território.

Finalmente, “Templários em Macedo de Cavaleiros – discurso no Seminário da IV Convenção OPCTJ a 16.11.2024 em Macedo de Cavaleiros”, trata-se de meia dúzia de ideias expostas pelo autor sobre a importância do revisionismo histórico e a da tendência política dominante ocultarem não só a veracidade de factos mas também deformarem as narrativas em contexto. Esta pecha não é exclusiva dos tempos de hoje, sempre existiu. Daí a importância do sentido crítico nas diferentes fases dos processos de investigação e de formulação de hipóteses. Para que se consiga que prevaleça a verdade. Se bem que saibamos a resposta de Cristo quando Pilatos Lhe perguntou: “O que é a verdade?”.

Num certo sentido, aliás, nuns certos sentidos, os Cadernos Terras Quentes têm contribuído fortemente para a sua busca. Tal como mais este, a cuja gratidão nos associamos.

τφ



Metamorfoses da
República de Abril no
Concelho de Macedo de
Cavaleiros

Metamorfoses da República de Abril no Concelho de Macedo de Cavaleiros

Henrique da Costa Ferreira ¹ e António Pinto ²

Resumo

Tentamos descrever os traços essenciais do processo de democratização do país e as transformações que nele ocorreram nos últimos 50 anos, focando-nos principalmente nas representações políticas dos portugueses traduzidas pelas votações em cada uma das eleições realizadas.

Numa segunda parte, tentamos aplicar os princípios e ideias mais importantes da descrição anterior e analisar a evolução do Concelho de Macedo de Cavaleiros no mesmo período.

Abstract

We attempt to describe the essential features of the country's democratization process and the transformations that have occurred in the last 50 years, focusing mainly on the political representations of the Portuguese people as expressed in the votes cast in each of the elections held.

In the second part, we attempt to apply the most important principles and ideas from the previous description and analyze the evolution of the Municipality of Macedo de Cavaleiros in the same period.

1 Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto e Mestre e Doutor em Sociologia das Organizações Educativas e Administração Educacional pela Universidade do Minho. Professor Coordenador Aposentado da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

2 Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Lisboa e pós-graduado em Bibliotecas e Documentação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Chefe da Divisão de Educação e Desporto na Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

Os objetivos do presente trabalho

Pretendemos analisar a evolução política, social, económica e cultural do Concelho de Macedo de Cavaleiros ao longo do período da República Democrática e Pluralista (desde 26 de Abril de 1974 até ao presente), período que preferimos denominar «República de Abril» (Ferreira, 2024) ou III República por ter sido iniciado com a aprovação do Programa do MFA (Movimento das Forças Armadas) na madrugada do dia 26, na sequência do Golpe desencadeado por este Movimento no dia 25 do mesmo mês e ano, a que se seguiu, segundo alguns, uma revolução política, económica e social e, segundo outros, uma mudança política, administrativa, social e cultural controlada, com permanência de vários aspetos do Estado Novo «Renovado» (1968-1974) ³ e introdução de inovações democráticas, neste caso, um Estado Dual.

Este objetivo mais amplo desdobrar-se-á em objetivos mais limitados e parcelares, a saber:

1. Caracterização das principais transformações políticas, económicas, sociais e culturais que ocorreram no período em análise;
2. Discussão sobre a pertinência da aplicação destas caracterizações à especificidade do Concelho de Macedo de Cavaleiros face à comum admissão da natureza centralista e centralizadora das administrações do país, nos seus diferentes níveis territoriais (e/ou inexistência deles), hipótese que secundariza a realidade de que quem realiza a centralização, nos territórios e nas práticas, introduz sempre aspetos inovadores e, muitas vezes, em contravenção aos princípios, ordens e regras prescritos a nível superior;
3. Descrição de alguns indicadores políticos, económicos, sociais e culturais na evolução do Concelho;
4. Descrição de alguns indicadores demográficos e educativos.

A República de Abril

Com a expressão República de Abril queremos significar todo o conjunto de princípios, leis, decretos-lei e de realizações materiais e culturais que caracterizam o período da democracia política, em Portugal, vigente desde 26 de Abril de 1974, apesar das suas várias metamorfoses.

3 O período de 1968 a 1974, conhecido como «Primavera Marcelista» é também o período em que se tenta «uma evolução na continuidade» dos princípios essenciais do Estado Novo, de Salazar. Prometendo uma abertura democrática como legitimação da ordem político-social do Estado Novo, pouco avançou no processo de democratização do país mas criou as condições para uma discussão pública de temas que gerou as condições para que «o 25 de Abril» fosse aceite como necessário e urgente. CF. António REIS (1994). A Revolução do 25 de Abril. Em António REIS, Coordenador, 1994. Portugal: 20 anos de democracia. Lisboa: Círculo de Leitores.

Não é por isso um período homogéneo em nenhuma das dimensões da vida política, social e cultural mas é comum dividi-lo em função da natureza das bases do Poder dos governos: pré-constitucionais (16 de Maio de 1974 a 2 de Abril de 1976), com ausência de contrato social legitimado por sufrágio popular; e constitucionais, na presença deste contrato. Acrescentamos um período, entre 25 de Abril e 15 de Maio de 1974 – que designamos por pretoriano –, em que todos os poderes foram concentrados na Junta de Salvação Nacional.

O período pretoriano (25 de Abril a 16 de Maio de 1974)

Tal como acabámos de escrever, este período não tem enquadramento constitucional pois o Governo não resulta da expressão popular – seja mitigada, parcial, como no Estado Novo, seja universal como na eleição dos deputados à Assembleia Constituinte (25 de Abril de 1975) e dos governos sucedâneos à Constituição da República.

Tem a sua legitimidade no facto de ter uma composição designada pelos responsáveis do MFA expressando o pluralismo de tendências presente no Movimento. Adquire ainda legitimidade no facto de derrubar um Governo ilegítimo por não se basear na vontade popular universal e por usar a força para postergar as pessoas que pensassem e manifestassem opiniões diferentes.

O período pré-constitucional

Este período foi orientado pelo Programa do Movimento das Forças Armadas e pelos programas dos seis governos provisórios que nele existiram

O Programa do Movimento das Forças Armadas preconizava a construção de uma democracia parlamentar, de cariz social-democrata, baseada em partidos políticos, aprovados pela Junta de Salvação Nacional, primeiro, pelo Conselho da Revolução, entre 12 de Março de 1975 e 1982, e Tribunal Constitucional, a partir de 1982. Orientava-se ainda para a construção de uma democracia social e para a igualdade geográfica de todas as regiões.

A partir de 12 de Março de 1975, o PCP quis uma aliança MFA-Partidos, cooptando o Conselho da Revolução para o seu Programa, o que os outros partidos não permitiram. O PCP não queria as eleições para a Assembleia Constituinte e tentou boicotá-las. Mas os homens do MFA impuseram o cumprimento do Programa deles com a ajuda de um outro documento, de 7 de Agosto de 1975, emitido por um conjunto de militares contra a pécipização da sociedade portuguesa, conjunto intitulado «Grupo dos Nove»

e documento intitulado «Documento dos Nove» que serviu de suporte ideológico à contra-revolução que, a partir do Norte do País, se desenvolveu contra esta pêcepização e que culminou no 25 de Novembro de 1975. Contra-revolução que queria o espírito do Programa do MFA mas não a pêcepização do País e da sociedade.

A aliança MFA-Partidos foi renovada e reformulada após o 25 de Novembro de 1975 para acabar com as veleidades do PCP de impedir a aprovação da Constituição e boicotar a construção de uma democracia parlamentar ao estilo ocidental

A ausência de contrato social no período pré-constitucional induziu tentativas várias de controlo ideológico e político da sociedade por parte dos líderes dos partidos políticos mais organizados – Partido Comunista e Partido Socialista - com proeminência do Partido Comunista, criando dificuldades à Junta de Salvação Nacional para impor o Programa Político do MFA.

Com efeito, a luta entre os líderes partidários no seio dos governos tornou estes frágeis porque heterogéneos, transportando esta luta para o interior da própria Junta de Salvação Nacional refletindo as tensões e divisões entre as alas radical comunista e moderada liberal-democrata do MFA.

Mesmo assim, é possível caracterizar o período pré-constitucional como de «mobilização revolucionária e participação direta» pela abundante presença de pessoas em manifestações e protestos, com exigência permanente de reformas e de mudanças sociais. Participação direta porque as pessoas não eram representadas mas participantes presenciais e ativos em ordem ao desmantelamento das estruturas e ordem social do Estado Novo.

Nas manifestações e protestos reclamava-se particularmente:

- O «saneamento» (demissão e substituição) de dirigentes e funcionários associados ao antigo regime;
- A destruição dos latifúndios e a distribuição da terra por quem a quisesse trabalhar, designadamente, através de associações de agricultores em cooperativas agrícolas de que Macedo de Cavaleiros teve o exemplar dos Cortiços;
- A democratização da gestão das empresas com participação dos trabalhadores na gestão e nos lucros;
- A criação de sindicatos de trabalhadores representados na administração das empresas e do Estado e de confederações sindicais;

- A legalização dos partidos políticos;
- Reivindicação de direitos sociais e políticos como: sufrágio universal, ordenado mínimo, direito de greve, direito à reforma, liberdade de expressão, liberdade de reunião, liberdade de associação, subsídio de desemprego, contrato de emprego garantido, pagamento do vencimento em caso de doença, licença de parentalidade garantida e paga;
- Democratização das relações sociais no sentido de abolir as desigualdades económicas e sociais e de garantir respeito pela identidade de cada pessoa;
- Fim da guerra colonial e descolonização dos territórios ultramarinos (independência para Angola, Guiné e Moçambique) e «nem mais um soldado para as colónias»;
- Democratização da sociedade, tanto da sua forma estatal como civil;
- Liberdade religiosa, igualdade entre religiões e, de preferência, laicização da sociedade mas, sobretudo, perda de privilégios da Igreja Cristã Católica.

Garantindo a liderança destas reivindicações e protestos, o Partido Comunista assumia também a liderança da «revolução» política e social evidenciando capacidade para controlar a comunicação social e o pensamento político. Canções, provérbios e exemplos de vida eram formas de gerar um pensamento revolucionário que, verdadeiramente, até Março de 1975, só teve tímidas reações por parte dos dirigentes do Partido Socialista, do Partido Social-Democrata (PSD) e do Centro Democrático e Social (CDS). O momento de rutura entre o Partido Comunista e o PS deu-se aquando da celebração do I de Maio de 1975, no Comício da Fonte Luminosa, em Lisboa, dia em que o PS é excluído das celebrações oficiais, a mando de Álvaro Cunhal, Secretário Geral do PCP.

O conflito de orientações no seio do MFA e da Junta de Salvação Nacional também esteve sempre presente porque já vinha de quando, no seio do Movimento dos Capitães, em Dezembro de 1973, uns decidiram transformar as reivindicações corporativas em movimento político e outros decidiram que não se devia transformar o Movimento nesse sentido.

Os oficiais do Movimento necessitavam de legitimação política, social e militar e entenderam, para isso, convidar os generais António de Spínola e Francisco da Costa Gomes para o liderarem, desiderato que nunca conseguiram, ficando os dois generais num limbo entre a adesão e a indiferença, só aparecendo Spínola após o Golpe conseguido e Costa Gomes a pedido de Spínola para a Constituição da junta governativa, a Junta de Salvação Nacional, com todos os poderes de Presidência da República, Governo e Controlo legislativo.

António de Spínola era um militar do Antigo Regime e tentou por todos os meios controlar o Movimento e, até, anulá-lo, não o conseguindo. A última tentativa dá-se no fracassado intento de golpe em 16 de Março de 1974. Porém, a divisão por ele criada fez com que, tanto na Assembleia do MFA como na Junta de Salvação Nacional, a divisão entre comunistas e não comunistas (radicais e moderados na versão oficial) fosse permanente, evidenciando os comunistas vontade e tentativas de assumir o controlo do Poder. De qualquer forma, controlaram a Administração Pública e o pensamento político dominante, pelo menos até 1980.

Esta tentativa de controlo do Poder pelo Partido Comunista está presente até ao dia 25 de Novembro de 1975 mas vai crescendo ao longo da evolução do período pré-constitucional em etapas bem planeadas e bem executadas, que passamos a resumir:

- A primeira, até fim de Setembro de 1974, na qual os militares moderados tentam apoiar Spínola na estratégia de retardar a descolonização e o fim da guerra colonial, iniciativas perdidas quando, em 27 de Julho, é publicado o Decreto-Lei «reconhecendo o direito dos povos à autodeterminação»; em Agosto e Setembro, Spínola tenta demonstrar que o Povo Português é contra as duas deliberações e começa a propagandear uma «manifestação da maioria silenciosa que, no dia 28 de Setembro, é abafada na Praça de Touros do Campo Pequeno pelo «exército» das «forças revolucionárias», leia-se afetas ao Partido Comunista;
- A segunda, até 11 de Março de 1975, em que as «forças revolucionárias» tentam apoderar-se de todos os órgãos de comunicação social e dominar ideologicamente os militares e os governos, ao mesmo tempo que promoviam ocupações de fábricas, promovendo plenários que decidiam a favor face à desistência e cansaço dos que não concordavam, promoviam ocupações de casas e de herdades agrícolas, sobretudo nas zonas de latifúndio, e chamavam «reacionários» aos que não concordavam com a subordinação da sociedade ao PCP; é o período inicial do PREC (Processo Revolucionário em Curso) e da fusão entre «a rua» na versão das milícias comunistas e os governos presididos por Vasco Gonçalves sob o lema «força, força, Camarada Vasco, nós seremos a muralha de aço»;
- E a terceira, entre 12 de Março e 24 de Novembro de 1975, em que se promove uma identificação entre as milícias revolucionárias e os soldados e marinheiros (os SUV, Soldados Unidos Vencerão) com aprofundamento do PREC, sobretudo com os III, IV e V governos pré-constitucionais, presididos pelo Coronel Vasco Gonçalves, apesar das tentativas do VI Governo Provisório (19 de Setembro de 1975 – 23

de Julho 1976), presidido pelo Almirante Pinheiro de Azevedo em tentar colocar alguma ordem no país; a luta entre a ala radical e moderada do MFA e entre o Partido Comunista e os partidos liberal-democratas agudiza-se e termina com um golpe militar de alguns militares da Ala Esquerda em 22 de Novembro a que os líderes militares da Ala Moderada respondem submetendo o Partido Comunista à ordem parlamentar e os militares radicais à ordem militar, conseguindo-se, a partir de então, a paz social necessária à elaboração e aprovação da Constituição da República Portuguesa, em 2 de Abril de 1976.

Há expressões que ficam para a história como a proferida pelo Almirante Pinheiro de Azevedo numa manifestação dos militares e partidos democratas contra a desordem social provocada pelos militantes e milícias do PCP, que alguns destes tentaram anular com granadas ofensivas e de fumo. O Almirante Pinheiro de Azevedo gritava: «não temos medo, é só fumaça».

O Período Constitucional

Este período começa em 25 de Abril de 1976, com a entrada em vigor da nova Constituição, aprovada em 2 do mesmo mês. Dizemos começa porque, apesar de o VI Governo Provisório ter durado até 23 de Julho do mesmo ano, data da tomada de posse do I Governo Constitucional, baseado no PS, o partido vencedor das eleições, sem maioria, o período remanescente do tempo do VI Governo Provisório teve enquadramento constitucional para organizar as primeiras eleições legislativas ⁴, as quais decorreram em 25 de Abril.

Logo em 1976 ficou claro o agrupamento dos partidos em Esquerda e Direita, apesar do artificialismo atual da distinção (Bobbio, 1989 ⁵). Viviam-se o período ideológico e idílico da «revolução», período que se prolongou até 1985. À Esquerda, PS, PCP, Frente Republicana e Socialista e União Democrática do Proletariado foram os partidos que elegeram representantes no Parlamento. À Direita, PSD e CDS. As grandes características de cada um destes dois blocos são distintas e, em grande parte, opostas. A Esquerda enfatiza os direitos sociais, o Estado de Direito, o controlo estatal da economia, com divisão clara entre sectores público e privado, mas com prevalência do sector público

4 Portugal. Assembleia da República. 50 anos de Resultados Eleitorais. Lisboa, Assembleia da República. Disponível em <https://ficheiros.parlamento.pt/DILP/Publicacoes/folhas/62.ResultadosEleitorais/62.pdf>

5 BOBBIO, Norberto (1989). Liberalismo y Democracia. México: Fondo de Cultura Económica. Tradução de José F, Fernandez Santillán a partir das 1ª e 2ª edições em Italiano, 1985 e 1986, Bobbio, Liberalismo e Democrazia, Milán, Franco Ángeli Libri, s,r,l

nas áreas estratégicas fundamentais da estruturação do Estado: economia, saúde, educação, Segurança Social. No fundo, vai muito mais além da adoção do princípio «adamsmitheano» de que o Estado não deve fazer nada que os particulares possam fazer mas deve fazer tudo o que eles não possam fazer. Já a Direita, vale-se do mesmo princípio para afirmar a prevalência do privado nos sectores fundamentais como estratégia para fortalecer a sociedade civil e como estratégia para diminuir a despesa pública. A Esquerda coloca-se face à mudança social dos costumes e dos valores como tolerante e promotora, a Direita é naturalmente conservadora, o que se aplica também à Religião onde a Esquerda defende o laicismo e a separação «Johnlockeana» entre Estado e Sociedade Civil e a Direita aceita o pacto social entre o Estado e a religião que lhe possa fornecer legitimidade.

O período entre 1976 e 1987 é marcado pela instabilidade governativa graças a uma conceção então dominante de identificação de vitória eleitoral, mesmo que sem maioria, com poder de domínio, o que dificultava a aceitação de alianças partidárias para a formação de governos, alianças que, apesar disso, aconteceram entre PS e CDS para o II Governo Provisório (23-01-1978 a 29-08-1978). Poderemos interpretar esta identificação, convocando Luc Ferry⁶ para afirmarmos a influência da natureza do poder estadonovense nos primórdios da República de Abril.

A instabilidade foi maior até 31 de Dezembro de 1979, tendo o Presidente da República de transformar o País numa república quase presidencialista, sucedendo-se ao governo de coligação três governos de mediação presidencial, já que os partidos representados na AR se recusaram a formar governo lançando o país numa crise política, económica e financeira muito prejudicial. O Presidente da República, António Ramalho Eanes (1976-1985), teve de organizar, nomear os governos e responsabilizar-se por eles: o III, de 29-08-78 a 2-11-1978, sendo presidido pelo Primeiro-Ministro (PM) Alfredo Nobre da Costa, que durou apenas 86 dias; o IV, de 22-11-1978 a 07-07-1979, presidido por Carlos da Mota Pinto; e o V, de 01-08-1979 a 03-01-1980, presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo⁷.

Nas eleições legislativas de 2 de Dezembro de 1979, uma coligação (finalmente) ganhou o concurso governativo e parlamentar com maioria absoluta. Foi o Governo da AD, Aliança Democrática (3-01-79 a 04-12-79), constituída por um acordo entre PSD, CDS e PPM, e cujo Primeiro-Ministro, Francisco Sá Carneiro (PSD) faleceu num acidente de aviação

6 FERRY, Luc. A Emergência do Par Estado / Sociedade. Em Alain RENAULT, (Director, 2002a). História da Filosofia Política – 4. As Críticas da Modernidade Política, pp. 31- 41. Lisboa: Instituto Piaget. Tradução de Maria Carvalho a partir do original francês, 2000, Paris, Calman-Lévy

7 Portugal, XXIII Governo Constitucional, <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/governo/governos-anteriores>

em 4 de Dezembro de 1979, sendo substituído no cargo por Francisco Pinto Balsemão, chefiando o VII Governo Constitucional (9-01-81 a 4-09-81), findo com a demissão do PM, face a desavenças na Coligação.

Seguiu-se-lhe o VIII Governo Constitucional (4-9-1981 a 9-6-1983), chefiado, outra vez, por Francisco Pinto Balsemão, também ainda com suporte na coligação AD, com base nas eleições de 1979.

O período entre finais de 1976 e meados de 1983 ficou conhecido entre os sociólogos da política como «período de normalização». Normalização e instituição formal de órgãos democráticos na administração pública e nas autarquias, até 1979, e combate ideológico pela social-democracia contra o socialismo comunista, entre 1980 e 1983, com aceso confronto entre defensores da propriedade privada e propriedade coletiva dos meios de produção. É marcado pela Revisão Constitucional de 1982 que faz a abolição de expressões como «propriedade colectiva dos meios de produção», sociedade sem classes» e «orientação do país para o socialismo», esta última hoje interpretada como socialismo comunista.

Face às dificuldades de formar governos estáveis, o PR defendeu com afínco a necessidade de ter governos de coligação que garantissem maioria parlamentar. Acabou por conseguir um governo de aliança PS/PSD, o IX Constitucional (9 de Junho de 1983 a 6 de Novembro de 1985), na sequência das eleições legislativas de 25-4-1983 em que o partido mais votado foi o PS, sem maioria. Este governo ficou conhecido como do «Bloco Central» por excluir PCP e CDS.

Portugal atravessava um período muito difícil em termos de défice, de dívida pública, de juros da dívida e de diálogo entre Esquerda e Direita pelo que a primeira ação do Governo foi solicitar a ajuda do FMI. Foi o tempo em que Mário Soares sugeriu que era necessário dar prioridade ao realismo político e social face ao projeto socialista. A frase proferida por ele foi *“não se trata, agora, de meter o socialismo na gaveta, mas de salvar a democracia”* (<https://expresso.pt/economia/2023-02-19-1978-O-ano-do-socialismo-na-gaveta-be6e635b>), em Ferreira, 2025:30, cortesia. Frase adulterada pelas oposições para «é necessário meter o socialismo na gaveta».

A partir de 1982, a preparação da adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia colocava questões ideológicas fundamentais para as quais estava mais preparado o PSD do que o PS. Anunciava-se dinheiro fácil para a economia e as obras públicas e o Governo, apesar de ter consolidado direitos sociais e amadurecido a estruturação da

Administração Pública, era um barril de pólvora já que os projetos políticos não eram totalmente conciliáveis. Em face destas circunstâncias e da realidade de que cada um dos partidos queria culpar o outro pela austeridade imposta pelo FMI, a oportunidade das eleições de 25 de Abril de 1983, a Coligação foi desfeita.

Pelo meio, um projeto político pessoal do Presidente da República, o tutor, até então, da democracia parlamentar portuguesa, ao abrigo do Pacto MFA/Partidos, vigente até à Revisão Constitucional de 1982, que extingue o Conselho da Revolução e cria o Tribunal Constitucional, dá origem a um partido político, de nome e sigla Partido Renovador Democrático (PRD), ocupando o espaço ideológico do PS e roubando-lhe a condição de partido vencedor face ao PSD. Curiosamente, o PRD tem uma vida curta e, nas eleições legislativas seguintes, quase desaparece.

Assim nasce o X Governo Constitucional (6-11-1985 a 17-08-1987, chefiado por Aníbal Cavaco Silva, aparecido numa tarde de *nevoeiro*, no XII Congresso do PSD (17 a 19 de Maio de 1985), da Figueira da Foz, sem disso dar nota ou candidatura prévia ao Congresso. Cavaco Silva, qual homem providencial à imagem do super-homem de Nietzsche, candidatou-se a Secretário-Geral, foi eleito, foi às eleições legislativas de 6 de Outubro, venceu-as e tomou posse como Presidente e Primeiro-Ministro do X Governo Constitucional em 6 de Novembro, Governo que o partido que o ajudou a eleger por ocupar o espaço ideológico do PS, o PRD, ajudou também o PS e o PCP a derrubar através de uma moção de censura apresentada em 3 de Abril de 1987.

O PR convocou então eleições legislativas para 19 de Julho de 1987 das quais resultou a primeira maioria absoluta baseada num só partido, o PSD, com 50,3% dos votos, a maior maioria de sempre em eleições portuguesas, tanto em termos de percentagem como em termos de eleitores votantes.

Beneficiando dos fundos do I Quadro Comunitário de Apoio e de uma conjuntura internacional favorável em termos energéticos, na qual o petróleo se manteve entre os 15 e os 30 dólares por barril, o XI Governo fez um trabalho notável de modernização do país, em termos de infraestruturas logísticas e rodoviárias e em termos de modernização económica e agrícola, cedendo nas áreas da pesca e da ferrovia.

Foi o primeiro governo a durar os quatro anos previstos. Preparou a Revisão Constitucional de 1989, a abertura da economia e da administração pública ao sector privado. Abriu-lhe também a comunicação social via televisão e preparou a entrada em massa da WEB no nosso país bem como a televisão a cores.

Foi um período de grande otimismo, tanto político como económico que a crise internacional de 1993 já começava a ameaçar e que pôs em causa o XII Governo Constitucional (31-10-1991 a 28-10-1995), também presidido por Cavaco Silva e também com base na maioria absoluta que lhe foi confirmada nas eleições legislativas de 6 de Outubro de 1991, com 50,6% dos votos e grande aderência de votantes.

Estavam criadas as condições para prosseguir a política de privatizações e de criação de parcerias público-privadas, a primeira das quais ocorre em 1993 no Hospital Amadora-Sintra. Mas também de ataques de estupidez cívica e de autoritarismo expresso na frase salazarista de que «quem não é por nós é contra nós», a propósito de uma greve geral dos trabalhadores em Fevereiro de 1993 e da ocupação da Ponte 25 de Abril em que a luta política foi indevidamente misturada com objetivos estratégicos.

Começaram também a surgir os primeiros sinais de corrupção, anotados por uma comunicação social já menos dependente do Estado e os efeitos do rigor orçamental imposto pela já União Europeia criava grandes dificuldades às contas públicas. O Governo tornava-se vítima do otimismo e das expectativas de leite e mel perdendo as eleições seguintes, não já com Cavaco Silva mas sim com Fernando Nogueira como candidato a PM.

O XIII Governo Constitucional (28-10-1995 a 25-10-1999), de base socialista embora sem maioria absoluta (menos 3 votos), estava à porta, eleito com base nas eleições legislativas de 1 de Outubro de 1995, e presidido por António Guterres.

António Guterres e os dirigentes do PS prometeram na campanha eleitoral e na governação uma ação mais dialogante e mais participativa colocando a ênfase nos direitos sociais e cívicos. O seu mandato ficou marcado pelo incremento das parcerias público-privadas como forma de financiamento das obras públicas, pela Revisão Constitucional de 1997 na qual são incrementadas as listas paritárias em eleições nacionais e autárquicas bem como a figura do referendo e, em conformidade, o Governo e a AR aprovam a realização de referendos sobre a regionalização e sobre o aborto.

Para o referendo à regionalização, é ripristinada a Lei 56/1991, de 13 de Agosto, sobre as competências regionais, que Cavaco Silva havia mandado meter na gaveta com a crise económico-financeira de 1993. A AR confirma então aquela Lei e o referendo é realizado com base numa muito má definição de um mapa regional exequível e em competências pouco claras. Resultado: um chumbo vergonhoso no qual se misturaram conceções de regionalização e lutas partidárias apelando o PSD ao voto contra.

Mais bem conseguidas são a «revisão Constitucional de 1997 que aprofundou a participação política dos cidadãos mediante a petição popular e o *referendum* e a de 2004 que aprofundou a autonomia das regiões autónomas.» (Ferreira, 2024).

O Referendo seguinte, de 1998, teve o mesmo destino mas com uma votação mais favorável e o Governo decidiu avançar com a liberalização do aborto o que quase destruiu a segunda União Moral entre Estado e Igreja Católica, iniciada por Aníbal Cavaco Silva em 1989.

Abalada por estas derrotas, a governação de Guterres vai a votos sob um ambiente pouco otimista mas volta a ser sufragada para a governação nas eleições de 1999 e toma posse como XIV Governo Constitucional (25 de outubro de 1999 a 6 de abril de 2002), ainda sem maioria absoluta, ficando a um deputado dela. A crise financeira internacional e a necessidade de ajustamento das contas nacionais às exigências da União Europeia lançam a «guerra» entre ministros em competição pelo orçamento, cria-se um clima de «pântano» (Guterres, janeiro de 2002) pelas dificuldades em conseguir aprovar orçamentos, sendo o de 2002 apelidado de «queijo limiano» por ser aprovado por um deputado pelo distrito de Viana do Castelo com interesses autárquicos e económicos em Ponte de Lima.

A queda da Ponte Hintze Ribeiro, ligando os concelhos de Vila Nova de Paiva e Entre os Rios, em 4 de Março de 2002, foi o grito de alerta para um Governo que se tornara inconsequente, em que o Ministro das Finanças já não ia às reuniões do Conselho de Ministros pela «guerra» pelo orçamento entre ministros, e em que a queda da ponte revelava um PM sozinho, a dirigir operações de socorro e ajuda, abandonado pelos principais responsáveis políticos sob o argumento de que «a culpa não pode morrer solteira», numa repugnante hipocrisia face à tragédia, o que, na lei civil, constitui crime.

Na sequência das eleições autárquicas de 16 de Dezembro de 2001 e da expressiva derrota do PS, Guterres anunciou a sua demissão de PM e, consequentemente, do Governo.

O PR dissolveu então a AR e convocou eleições legislativas para 17 de Março de 2002. Delas resultou a derrota do PS, relegado para segundo lugar, e que PSD e CDS fizeram uma coligação pós-eleitoral, denominada AD (Aliança Democrática), sendo Durão Barroso nomeado Primeiro-Ministro, tomando posse juntamente com o XV Governo Constitucional (6-4-2002 a 17-07-2004), e saindo na sequência da nomeação do PM para Presidente da Comissão Europeia.

Nada de realce especial aconteceu neste período a não ser a reunião George W. Bush, Tony Blair e José Maria Aznar e com Durão Barroso como promotor e que valeu a este o cargo de Presidente da União Europeia. Além disso, este Governo promoveu a Revisão Constitucional de 2004 que dotou as regiões autónomas da Madeira e dos Açores de autonomia legislativa, política, administrativa, patrimonial e financeira concedendo-lhes o privilégio de arrecadarem todos os impostos gerados na região e arrecadarem ainda as transferências do Orçamento do Estado. O primeiro privilégio está na base das reivindicações autonomistas da Catalunha face ao Governo Central Espanhol.

Na sequência da saída de Durão Barroso, o PR Jorge Sampaio (1995-2005) preferiu eleições mas os partidos da AD pugnaram por designar um novo PM indicado pela Aliança. Jorge Sampaio era de opinião que Santana Lopes não reunia requisitos para o cargo e, por isso, queria eleições, mas cedeu avisando da agenda política e financeira que o Governo e o país tinham pela frente e que, em caso de desrespeito aos compromissos do país, demitiria o XVI Governo Constitucional (17-07-2004 a 12-03-2005, presidido por Pedro Santana Lopes. E se o disse, também o fez, registando-se desse conflito duas frases que constam das metáforas mais brilhantes da democracia portuguesa: «não sou o notário da República», de Jorge Sampaio, invocando os seus poderes de Presidente, e «sou um bebé que foi atirado fora com a água do banho», de Santana Lopes, apelando para o tempo que não lhe foi concedido.

O PR dissolveu então a AR e convocou eleições para o dia 20 de Fevereiro de 2005, ganhas pelo PS com maioria absoluta, pela primeira vez, tendo como primeiro proponente da Lista de Candidatos, José Sócrates. O XVII Governo Constitucional (13-03-2005 a 26-10-2009).

O XVII Governo encetou um programa de modernização da Administração Pública, criando o Simplex, ao mesmo tempo que tratava de disciplinar as contas do Estado e reduzir despesas. Para isso, hostilizou os principais corpos profissionais (deputados, autarcas, juízes, técnicos superiores, médicos e professores), reduzindo-lhes férias e retirando-lhes alguns privilégios. Porém, exagerou no lançamento de obras públicas ao abrigo das parcerias público-privadas, embora a recomendação dos líderes da União Europeia, obras públicas que pioraram ainda mais o défice e a dívida pública, ao longo do mandato do XVIII Governo Constitucional (26-10-2009 a 21-06-2011), eleito nas eleições de 27-09-2009, sem maioria absoluta.

Já não bastava a crise económico-financeira induzida pelas falências bancárias norte-americanas e europeias, ao longo de 2008 e 2009, acrescentava-se agora mais juros, mais dívida, mais crise económica.

Apesar disso, aumentou ainda os vencimentos no Estado em 2,9%, no final de 2009, tudo tendo contribuído para que os juros da dívida soberana atingissem os 7% em Maio de 2011 e tivesse sido necessário chamar a ajuda da «Troika» (FMI, UE e BCE) em Abril de 2011, com o apoio do PSD, a troco da realização de eleições legislativas em 5 de Junho de 2011.

Estas eleições tiveram como partido mais votado o PSD, que fez uma coligação pós-eleitoral com o CDS/PP tendo como PM Pedro Passos Coelho, empossado como Presidente do Governo em 21 de Junho de 2011 até 30-06-2015, constituindo o XIX Governo Constitucional.

O XIX Governo tinha uma tarefa hercúlea à qual tinha de dar prioridade: endireitar as finanças públicas, segundo as orientações da Troika, custasse o que custasse. Conseguiu-o à custa da implementação das medidas do PEC IV, proposto por Sócrates a Bruxelas mas que o PSD não aceitou. Assim, verdadeiramente, a austeridade aplicada por Pedro Passos Coelho foi prevista pelo governo anterior e alguma dela como os cortes de vencimentos e taxas de solidariedade aos aposentados já começaram a ser implementados pelo XVIII Governo.

A partir de finais de 2013, a crise financeira internacional foi aliviando e as finanças públicas portuguesas começaram a reagir positivamente. De tal modo que, quando chegados ao fim do mandato do XIX Governo, já a economia apresentava indicadores de algum equilíbrio.

Porém a odisseia de Pedro Passos Coelho e Coligação só foi compensada parcialmente nas eleições de 2015, que deram vitória à Coligação PSD/CDS, Portugal à Frente, mas sem maioria. Tal como da tradição, o PR Aníbal Cavaco Silva convidou a Coligação para formar o XX Governo Constitucional (30 de outubro de 2015 a 26 de novembro de 2015) mas o programa deste foi reprovado pela maioria dos deputados à AR. Este Governo foi o mais curto do período democrático, 26 dias.

Aconteceu então um facto inédito na história da democracia portuguesa, julgado por uns, normal na vida política e, por outros, imoral, porque os partidos envolvidos perderam as eleições: o XXI Governo Constitucional foi negociado entre os partidos da ala esquerda embora só constituído por membros nomeados por António Costa, o Primeiro-Ministro. Cavaco Silva exigiu um memorando de entendimento escrito na esperança de que ele não fosse apresentado. Enganou-se e deu posse ao XXI Governo em 26 de Novembro de 2015, Governo que durou os quatro anos, até 26 de Novembro de 2019.

Vasco Pulido Valente achando este Governo anti-natural, apelidou-o de «geringonça» para o comparar com o anterior que considerou «caranguejola»⁸, sendo seguido por Paulo Portas. Foi um Governo que fez da bandeira da reversão da austeridade o seu lema bem como da disciplinação das contas públicas o que até conseguiu. Porém, o investimento público baixou. O próprio António Costa o assumiu como geringonça: *“Sim, sim, é geringonça, mas funciona. É uma grande vantagem, estão a ver? É geringonça, mas funciona. E até posso acrescentar mais: a nós não nos incomoda nada ser geringonça, mas a vocês incomoda-vos muito que funcione.”*⁹

Neste entusiasmo, António Costa foi para as eleições legislativas em 6-10-2019. O PS não obteve maioria absoluta mas constituiu o XXII Governo Constitucional (26-10-2019 a 30-03-2022) sem formalizar novo acordo com os partidos da «geringonça». Assim, o fim do Governo ocorreu 2 anos e cinco meses depois por dissolução da AR pelo PR Marcelo Rebelo de Sousa por os suportes da «geringonça» terem votado, juntamente com o PSD, em 27 de Outubro de 2021, contra o Orçamento de Estado para 2022.

O PR convocou então eleições em para 30 de Janeiro de 2022, para que o PM do XXIII Governo Constitucional (30-03-2022 a 2-4-2024) fosse eleito e constituísse governo, eleições que foram repetidas para os círculos da emigração em Março. O PS ganhou as eleições com maioria absoluta só tendo sido ultrapassado em número de deputados pela AD, em 1979.

Tal como todos os governos anteriores de maioria absoluta que não tenham tido rédea curta, este também se desfez internamente, perturbado por «casos e casinhos» (António Costa, 2024). No entanto, foi um governo que reanimou o investimento público, redimiu as contas públicas e consolidou o governo eletrónico, no qual Portugal ocupa um dos melhores lugares a nível mundial e que vem construindo desde o Governo de José Sócrates. E, pela primeira vez na história democrática, gerou superavit das contas. Além disso, lançou o PRR (Plano de Recuperação e Resiliência) incrementando a ideologia de que para a implementação deste seria necessário incentivar a entrada de imigrantes¹⁰, ideologia agora em disputa pelo XXIV Governo Constitucional como «política de portas escancaradas», numa retórica que parece assimilar o discurso anti-imigração do Chega.

8 <https://www.publico.pt/2019/12/23/politica/noticia/nasceram-geringonca-caranguejola-1898073>

9 <https://www.publico.pt/2019/12/23/politica/noticia/nasceram-geringonca-caranguejola-1898073>

10 Note-se que o Ministro Leitão Amaro, do atual Governo, insurgiu-se contra esta política apelidando-a de «portas escancaradas» por a legalização do imigrante depender apenas de uma declaração de interesse. Cf <https://www.publico.pt/2025/04/10/sociedade/noticia/leitao-amaro-portugal-paises-europa-maior-percentagem-imigrantes-falso-2129263>

O XXIII Governo Constitucional chegou ao fim porque o PM se demitiu em 7 de Novembro de 2023 por a Procuradora Geral da República ter comunicado ao PR que havia uma investigação a correr na Procuradoria em que o PM também é citado, embora sem conteúdo. O PR convocou então eleições legislativas para encontrar o PM do XXIV Governo Constitucional. As eleições realizaram-se a 10 de Março de 2024 e o Governo tomou posse em 2 de Abril do mesmo ano.

Síntese conclusiva sobre o Período Constitucional

A características essenciais deste período são a formalização, instituição e consolidação das instituições democráticas, a par da adaptação da Constituição da República às exigências do pluralismo democrático e da realidade impostas pelas organizações e instituições internacionais.

A par, consolidaram-se os direitos humanos e sociais, as condições de participação dos cidadãos na vida política e cívica, as condições para a participação paritária das mulheres na vida política, a evolução na construção da igualdade de género e o respeito pelas diferenças de todo o tipo, com salvaguarda dos projetos nacionais.

As crises económicas pela consciencialização social e cívica que permitiram, dotaram o Povo Português de um sentido de coesão social fora do vulgar, com reflexos muito positivos na participação em programas de ajuda.

As ajudas e programas financeiros vindos da CEE/EU permitiram superar estas crises e construir uma boa conceção de equidade política e social que muito tem contribuído para a identidade e coesão nacional, económica e social.

As evoluções conseguidas na área da saúde, da educação, da segurança social e da salvaguarda de direitos económicos e sociais permitem a vivência de um bom ambiente democrático e cidadão que temos de preservar e melhorar sempre.

Não podemos saber se com o Antigo Regime nós também teríamos uma evolução positiva como aquela que ocorreu depois de 1974, mas é consensual na comunidade científico-social que andámos muito mais depressa e com mais equidade apesar das turbulências que as conquistas de uns à custa da diminuição dos privilégios de outros sempre causam.

As metamorfoses políticas, económicas e sociais no Concelho de Macedo de Cavaleiros ao longo dos 50 anos da República de Abril

Como dissemos antes, pode parecer que, num país de administração pública tão centralizada e de grande domínio do Estado Administrativo sobre a Sociedade Civil, um Concelho tão perdido no Interior Norte do País não possa fazer mais do que reproduzir as orientações e ordens emanadas do Centro e usufruir dos programas e financiamento oferecidos/impostos pelo Governo Central. Isso até pode ser mais verdade hoje do que ontem porque a sociedade civil é muito mais dependente do Estado hoje ¹¹ do que o era há 50 anos. E é mais dependente hoje porque as pensões de aposentação e os subsídios ao desemprego, à inserção social e à própria atividade económica geram sensações de conforto que tendem a acomodar os cidadãos a um certo «laissez faire, laissez passer».

De qualquer modo, o nosso Michel Crozier, Marcelo Caetano, já em 1961 ¹², alertou-nos para o facto de que nunca há reproduções de orientações «*ipsis verbis*» e descontextualizadas ficando sempre uma margem de liberdade de ação para os «atores» locais, ideia que Crozier e Friedberg desenvolvem em *L'Acteur et le Systhème* (1970) e em *Le Pouvoir et la Règle* (1995).

Por isso, é possível ver excelentes exemplos de práticas autonómicas em sistemas centralizados e práticas subservientes em sistemas desconcentrados e em sistemas descentralizados.

Tentaremos passar em revista a evolução do Concelho de Macedo de Cavaleiros em algumas áreas: política, economia, educação, saúde, segurança social, proteção civil, cultura, ajuda ao emprego e à atividade económica.

11 Devemos convocar para aqui a crítica tocquevilleana da democracia na América e o dinamismo da sociedade civil tal como ele é percebido no liberalismo inicial, um misto de iniciativa individual e de associativismo comunitário. Para esta análise, conferir Ferreira (2007), Teoria Política, Educação e Participação dos Professores, capítulo sobre o Liberalismo. Lisboa: Editora EDUCA. Além disso, hoje, as redes sociais, pelo seu mediatismo e imediatez, privaram o indivíduo dos filtros constituídos pelas estruturas intermédias dos grupos e das associações, de todos os tipos, deixando-o só, isolado, à mercê de informações falsas, deturpações e más intenções.

12 Manual de Direito Administrativo, Coimbra, Almedina, 1966.

A evolução das conceções políticas no Concelho de Macedo de Cavaleiros

Nesta área não existe autonomia relativa das representações da população do Concelho em relação ao contexto ideológico tanto dos concelhos vizinhos como do Interior ¹³ da Região Norte. Portugal era, no início da democratização, uma sociedade dominada pelo Estado, pelos «caciques» que o representavam e por uma Igreja conservadora. Esta situação durou pelo menos até 1992, quando começou o verdadeiro pluralismo da imprensa e da televisão.

Estas representações podem ser analisadas a partir dos resultados das eleições legislativas e das eleições autárquicas existindo razoável congruência entre umas e outras. E variaram ainda em função de vários fatores: evolução da escolarização da população, urbanização do território, envelhecimento demográfico, natureza da economia, emigração, influência da religião e dinamismo autárquico.

Os resultados eleitorais do Concelho variaram pouco em função do período ideológico-político de domínio ou do PS ou do PSD, o que significa que a população se manteve sempre numa posição conservadora associada ao centro político, mesmo quando votou mudança de partido ou para o PS ou para o PSD. Mas já parece mais verosímil que os poderes autárquicos possam ter influenciado parcialmente as votações em eleições legislativas face aos respetivos poderes de influência.

O Poder Autárquico só em quatro de 12 mandatos esteve nas mãos do PS, com Luís Vaz (1993-2001) e Benjamin Rodrigues (2017-2025). Nos restantes mandatos esteve com o PSD, com António Ferreira (Pescadinha), de 1976 a 1993; com Beraldino Pinto, de 2001 a 2013; e com Duarte Moreno (2013-2017). Em ambos os períodos em que o PS foi poder autárquico, o PS nacional também foi poder governativo total (2005-2011) ou parcial (2015-2022 e 2022-2024), o que relativiza o poder de influência dos autarcas nas votações nacionais, até porque o eleitorado desses autarcas é bastante comum aos dois partidos.

A população do Concelho revelou-se assim cristã católica, liberal conservadora, e afeta essencialmente ao PSD embora, até 1991, o CDS tenha tido uma adesão e influência importante, com eleição de vereadores. Hoje é um partido quase residual, substituído pelo Chega, que lhe ocupou o espaço ideológico, sem adesão à religião, diferentemente do CDS, essencialmente democrata-cristão e conservador.

¹³ Estamos a tomar o Interior em abstrato como categoria territorial e sociológica, o que não deixa de ser polémico na medida em que há interiores nas zonas de grande densidade urbana que fogem desta classificação.

Em conclusão, diremos que, apesar das flutuações eleitorais, não houve, ao longo dos últimos 50 anos, mudanças significativas nas representações axiológicas, sociais e políticas, mesmo com o renovar de gerações. Poder-se-á analisar o contributo das novas tecnologias para a erupção de novos comportamentos sobretudo no renovar de gerações mas elas só tiveram relevância ao nível das novas formas de vida, de comunicação e de entretenimento.

A evolução demográfica

O Concelho de Macedo de Cavaleiros teve, a este nível, uma grande transformação. Para melhor, porque a população, entre ajudas do Estado e atividade autónoma, vive, hoje, muito melhor do que em 1960. Para pior, porque não se vislumbra a continuidade da soberania sobre o território pelo envelhecimento da população. Com efeito, 0,52% de taxa de natalidade produz um envelhecimento acelerado que conduz ao fim da autonomia demográfica em apenas uma geração.

Mais rural do que agrícola, com 80% da sua população a viver do sector primário no final da década de 50 do Século XX, e, por isso, com um elevado índice de juvenilização (400 crianças e jovens para 100 idosos acima dos 65 anos), o Concelho vive hoje uma situação de despovoamento e envelhecimento demográfico que coloca em causa o seu futuro. Segundo Ferreira (2023:28), «o índice de envelhecimento e o índice de juvenilização agravaram-se, ao longo dos últimos 60 anos do período em análise, constante e exponencialmente. O primeiro, de 5,44% para 384,22% em desejáveis 125%, e o segundo de 540% para 26,27%, em 2021, em desejáveis 150%).»¹⁴.

Vários factores contribuíram para isso: 1) o baixo nível de rendimento da actividade económica que se tornou em atividade de serviços (sector terciário) passando por cima do sector secundário (indústria); 2) o forte apelo da emigração para uma melhor condição de vida e, sobretudo, mais bem remunerada; 3) o melhor conhecimento do mundo externo que a escola e a educação foram proporcionando motivando os jovens para a aventura e busca de melhor vida; 4) a incapacidade do Estado para promover a liderança e modernização agrária antes da chegada dos fundos comunitários, em 1987; 5) a ideologia da resignação que faz as pessoas pensarem que a situação é irreparável e que, portanto, lutaremos até ao desaparecimento do último idoso sem ninguém ajudar a pensar em como evitar o abandono da soberania sobre o território.

¹⁴ FERREIRA, Henrique (2023). O Concelho de Macedo de Cavaleiros e os seus desafios demográficos. Cadernos Terras Quentes, nº 19, pp. 5 a 40. Associação Terras Quentes.

Apesar de alguma urbanização da cidade, – em 2021, «Habitavam na cidade 6137 pessoas (43,87%)» e nas comunidades rurais 8114 (57%), numa repartição bastante próxima entre cidade e campo, ao contrário da capital do ex-Distrito (Bragança), onde habita um terço da população no campo, e ao contrário dos restantes concelhos do ex-Distrito onde a grande maioria da população habita no campo. Sinal de que o nível de desenvolvimento dos serviços nas sedes de concelho não é grande» (Ferreira, 2023: 27 ¹⁵).

Segundo o mesmo autor (Idem), o problema da sobrevivência demográfica é mais grave nas comunidades rurais do que na cidade mas, mesmo aqui, a percentagem de população abaixo dos 40 anos é de apenas 43% face à população total refletindo-se também na população feminina em idade reprodutiva, em percentagem muito inferior em relação à população masculina na mesma coorte etária (Idem, *ibidem*).

Sendo certo que uma economia de base agrária, para ser sustentável, só dará de «comer» a um máximo de 1000 pessoas para cada 50 a trabalhar, numa sociedade tecnologicamente evoluída, Macedo de Cavaleiros necessita desenvolver muito mais os sectores secundário e terciário para não hipotecar o futuro das gerações jovens dos seus cerca de 14.000 habitantes já que a dependência das ajudas do Estado em tais condições se eleva acima dos 60% da população.

A evolução das estruturas e condições da escolarização da população

Nesta área, seguindo Henrique Ferreira (2023¹⁶), a oferta escolar dependeu mais das políticas de expansão da rede e ciclos escolares estatais do que da iniciativa privada. Com efeito, até 1971, ano da autonomização da escola preparatória Eng^o Moura Pegado, só havia Ensino Primário, Primário Complementar e Ensino Preparatório TV (Telescola), em escolas do ensino primário, e os Colégio de Nossa Senhora da Paz, em Chacim, e Externato Trindade Coelho, em Macedo de Cavaleiros, os dois de carácter privado. Estes dois cederam face às políticas de expansão do Ciclo Preparatório, a partir de 1970, e do Ensino Secundário, a partir de 1974, derivadas da unificação do ensino, que se haveria de completar até 1980, com o ensino secundário. Porém, o Colégio de Nossa Senhora da Paz foi recuperado, a partir de 1979, para a oferta da educação de infância, do ensino primário e do ensino básico, em regime de contrato pedagógico, com o Estado.

15 Ferreira, Henrique da Costa (2023). O Concelho de Macedo de Cavaleiros e os seus desafios demográficos. Caderno 19 das Jornadas da Primavera, Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros, pp.19-36. Leia-se perímetro urbano e não cidade porque a população desta não ultrapassará os 5.500 habitantes.

16 Ferreira, Henrique (2024). O Património Educacional do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Caderno 20 das Jornadas da Primavera, Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros, pp.10-43.

A Escola Secundária de Macedo de Cavaleiros funcionou, desde 1974 até 1984, no antigo estabelecimento prisional, hoje quartel da GNR, e a Escola Preparatória, no edifício do ex-Externato, até 1980, complementado com as estruturas do edifício dos Bombeiros Voluntários.

Macedo de Cavaleiros teve também ensino superior, na área da formação de professores e de enfermeiros, desde 1989 até 2011 através do Instituto Piaget. Ali foram ministrados bacharelatos, licenciaturas e alguns mestrados em todas as áreas dos 1º e 2º ciclos do ensino básico e em várias áreas das tecnologias da saúde.

Para além desta oferta de ensino normal, funcionaram e funcionam em Macedo todas as modalidades especiais de educação escolar: educação especial (desde 1974), educação de adultos (desde 1965), formação profissional (desde 1984, através do IEFPP) e educação artística (desde 1990), esta através e durante a vigência do Instituto Piaget. Porém, o número de opções de formação é muito baixo.

«O número de alunos no ensino não superior regrediu de 6.100 em 1960, para 4.240 em 1984¹⁷ para 2.768 em 1998/99 (Carta Educativa, 2006), para 1.554 em 2023 e para 1214 em 2025¹⁸». (Ferreira, Idem: Ibidem)», apesar do aumento da escolarização no ensino secundário para 147%.

Na Escola Jean Piaget, chegaram a frequentar 2.200 alunos, entre cursos da área da educação e cursos da área da saúde. A expansão da modalidade estatal destas ofertas, em Bragança, aliada à ausência de público escolar devido à recessão demográfica e carências de oferta de emprego, acabou por ditar o fecho da Escola.

Como se deduz desta exposição, a expansão das ofertas escolares e educativas constitui o sector das maiores metamorfoses na vida do Concelho, ao longo dos 50 anos da República de Abril. Porém, as formas pouco contextualizadas das ofertas escolares às necessidades da região não motivaram os jovens formados nem para permanecerem na mesma nem para nela encontrarem formas sustentáveis de vida, mas sim para demandarem outros «oásis». Acresce que o «inverno» demográfico aumentou a diminuição das ofertas ao nível das opções vocacionais.

Vale a pena referir – por justiça – que a maior parte das conquistas na área da educação foram conseguidas nos mandatos liderados por António Joaquim Ferreira em momentos dominados pelo PSD e pelo CDS (até 1989). Posteriormente, o atual executivo, liderado

¹⁷ Este número resulta da consulta das matrículas neste ano letivo.

¹⁸ Números fornecidos pela Direção do Agrupamento.

por Benjamin do Nascimento Pereira Rodrigues, em representação do PS, conseguiu um pólo do IPB na área da Hotelaria e Turismo.

A economia

A economia é uma área que se transformou ao longo dos últimos 50 anos, de economia rural e agro-industrial para uma economia agrária e agro-industrial complementada com «pecuária, serração de madeiras, carpintaria, fábricas de móveis, serralharias civis, construção civil, hotelaria, panificação e moagem» ¹⁹.

Segundo Pedro Nogueira Ramos (1998) ²⁰, Macedo de Cavaleiros era em 1994 o 160º Concelho no país em *PIB per capita*, com 652,7 contos, 3250 euros anuais, traduzidos linearmente para a moeda atual, mas esse valor só representava 44,2% da média do PIB de todos os concelhos, em que o mais rico era Sines (5676,9/384,5%) e o mais pobre era Celorico de Basto (338,9/23%) da média.

Em 2021, no sector primário, que representava 5,9% da população, ativa havia um ganho mensal médio, por pessoa, de 855 euros, sendo 867 para os homens e 826 para as mulheres. No sector secundário, representando 18,1% da população activa, o ganho era de 911; 921;871; e no sector terciário, representando 76% da população, 1006; 1051; 972 ²¹.

Obtendo a média destes sectores, teremos um ganho médio mensal de 925 euros contra os 270 de 1994. Descontando a inflação, que foi de 150%, teríamos um ganho médio mensal de 675 euros em 1994 e 1006 em 2021, o que significa uma melhora significativa. Não conseguimos obter nem o número de empresas nem o número de empregados em momentos distanciados mas <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais/distritos-concelhos/braganca/macedo-de-cavaleiros/3041-macedo-de-cavaleiros/file> fornece-nos dados evolutivos desde 2017 e há uma evolução constante que revela uma salto bastante positivo.

19 https://www.google.com/search?q=Atividades+econ%C3%B3micas+no+Concelho+de+Macedo+de+Cavaleiros&rlz=1C1SQJL_enPT886PT886&oq=Atividades+econ%C3%B3micas+no+Concelho+de+Macedo+de+Cavaleiros&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRifBTIHCAIQIRifBTIHCAQQIRifBTIHCAUQIRifBTIHCAQYQIRifBTIHCAAcQIRifBTIHCAQIRifBTIHCAkQIRifBdIBCTIzMjYwajBqN6gCALACAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8.

20 Pedro Nogueira Ramos. Estimativas do PIB para os concelhos portugueses. Revista de Estatística, 3º Quadrimestre, 3º Volume (1998). PP. 31-50 Disponível em file:///C:/Users/Henrique%20Ferreira/Downloads/A2REN9.PDF, acedido em 12-04-2025, 19h26. E República Portuguesa, Gabinete de Estratégia e Estudos: <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais/distritos-concelhos/braganca/macedo-de-cavaleiros/3041-macedo-de-cavaleiros/file>

21 Para estes dados, veja-se <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais/distritos-concelhos/braganca/macedo-de-cavaleiros/3041-macedo-de-cavaleiros/file>

Pouco congruentes com estes dados são os apresentados por PORDATA ²² para os anos 1993 a 2021 relativamente ao *PIB per capita*. O Concelho apresentaria 0,084% da média nacional em 1993, e 0,104 em 2021.

O nº total de empresas era, em 2021, de 3081 com um total de 4642 trabalhadores e uma média de 1,5 trabalhadores por empresa, o que revela a sua pequena dimensão e o seu pequeno contributo para o PIB.

De qualquer forma, são evidentes os sinais de modernização tecnológica de muitas empresas com automação (lagares de azeite, particulares e cooperativos) e são ensaiados processos de robotização na área do digital e das energias verdes.

Foram feitos avanços muito significativos na produção autónoma de energia elétrica e em aproveitamento da energia solar para fins diversos, sobretudo no aquecimento das instalações, na gestão da rega agrícola e, agora na utilização em processos industriais.

Macedo de Cavaleiros está bem lançado na área do digital com muitas empresas a gerirem os seus processos de gestão com recurso aos sistemas de programação digital.

A Câmara Municipal tem feito um trabalho muito útil na ajuda aos processos de inovação e de gestão, tendo um programa de financiamento empresarial. É de salientar ainda a programação das atividades e dos sistemas de interação com os munícipes através de meios eletrónicos, designadamente o das águas.

Se é certo que Macedo de Cavaleiros ainda tem um PIB e um poder de compra abaixo da média nacional, o município tem-se dotado de infraestruturas de suporte à instalação e investimento, designadamente através da Zona Industrial da Amendoeira e da Zona Oficial de Travanca.

Realce ainda para o sector cooperativo através da Cooperativa Agrícola de Macedo.

Urge continuar a estudar processos de envolvimento dos agricultores na modernização tecnológica das empresas e, designadamente nos sistemas de rega e poupança de água.

Urge ainda aproveitar o «cacho» da Zona Industrial de Macedo para chamar mais empresas do setor secundário para fixar mais jovens.

22 PORDATA. Proporção de poder de compra. Disponível em https://www.google.com/search?q=Poder+de+compra+per+capita+em+Macedo+de+Cavaleiros&rlz=1C1SQJL_enPT886PT886&oq=Poder+de+compra+per+capita+em+Macedo+de+Cavaleiros&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQABjvBTIKCAIQABiABBiiBDIKCAMQA-BiABBiiBDIKCAQQABiiBBiJBdIBCTE5MDAazjBqN6gCALACAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8. 12_04-2025, 23h00

A Saúde

A saúde é a área em que o Concelho de Macedo de Cavaleiros só melhorou parcialmente embora ao cidadão comum pareça que piorou dada a perda de estatuto e valências da sua unidade hospitalar.

A melhoria regista-se nas valências de Ortopedia e Cuidados Continuados sendo, nestas áreas, a unidade de referência da Unidade Local de Saúde do Nordeste, com administração centralizada em Bragança. Recentemente, foi concentrado também na unidade hospitalar de Macedo de Cavaleiros o atendimento e tratamento dos doentes com AVC embora a urgência pluridisciplinar nesta área continue na Unidade de Bragança.

A perceção de perda deve-se ao facto de o Hospital de Macedo de Cavaleiros, inaugurado em 1953 e gerido pela Santa Casa da Misericórdia, até 1975, nacionalizados ambos em 1975, com ampliação inaugurada em 1988, ter sido integrado pelo XXIII Governo Constitucional no de Bragança e, posteriormente, ter passado a Unidade Hospitalar de Macedo de Cavaleiros da Unidade Local de Saúde do Nordeste (2009), mantendo as valências dos Serviços de Saúde Primários, reorganizados em 2006 pelo Ministro António Correia de Campos, designadamente a limitação do tempo de disponibilização do atendimento em urgência em pequenas unidades do Interior, com fins de poupança financeira e de melhor concentração de recursos em centros de Referência de atendimento em urgência. Os Hospital e Centro de Saúde de Macedo de Cavaleiros mantiveram o seu estatuto.

O público, em geral, reagiu com consternação à reorganização, à qual se seguiu a dos hospitais, esta, sim, mais profunda, mas, diga-se, pouco adiantava ter hospital se não havia nem meios humanos nem materiais para prestar saúde nas várias áreas de especialidade, de onde a reorganização e concentração de meios em determinadas localidades parece adequada, mesmo se fica a impressão de que o que se poupa em recursos humanos, se gasta em deslocações de doentes, de médicos, de enfermeiros e de serviços administrativos.

Os serviços de saúde de Macedo de Cavaleiros têm prestado um auxílio precioso às populações, tanto em atendimento de urgência como de atendimento hospitalar nas áreas ali sedeadas e prova disso é o cumprimento cabal de todas as políticas e programas de prevenção da saúde, desde os cuidados pré-natais à vacinação e desde a vigilância epidemiológica ao auxílio à população sénior.

O ambiente e a cultura

Eis duas áreas em que o Município de Macedo de Cavaleiros se distingue pela qualidade das suas realizações.

Associamos as duas áreas porque elas se implicam mutuamente não havendo proteção do ambiente sem cultura ambiental e sem cultura em geral, definida esta como o conjunto de saberes, de saberes-fazer e de práticas de cuidar da «nossa casa comum» e de preservação do nosso património natural e cultural.

Os programas nacionais de preservação ambiental iniciados em 1992 e de desenvolvimento patrimonial e cultural iniciados em 1997 deram o enquadramento para as principais ações do Município, desde o aproveitamento temático ambiental da Albufeira de Santa Combinha, tecnicamente conhecida como Albufeira do Azibo aos projectos do GeoParque e dos Caretos de Podence.

Construída entre 1980 e 1986, «para abastecer de água a região e regar os campos agrícolas» ²³

Segundo www.albufeira.pt, ela foi objeto de aproveitamento ambiental «em 1999 e é um espaço de importância regional e nacional com mais de 4.000 hectares. Possui uma elevada valia paisagística a par com um rico património construído. Deve a sua proteção à importância dos seus valores naturais. É um repositório de vegetação de importância nacional e acolhe várias espécies ameaçadas. Além disso, é um excelente exemplo de desenvolvimento sustentável, já que promove atividades de lazer e recreio em harmonia com a proteção ambiental.».

Ainda segundo <https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/337>, «Os seus predicados ambientais, integram-na também na Reserva da Biosfera Transfronteiriça da Meseta Ibérica, assim classificada pela UNESCO, a maior reserva da Europa. Mais do que nome de rio, de albufeira ou de um sítio, Azibo é sinónimo de qualidade ambiental, beleza paisagística e de praias fluviais.

23 https://www.google.com/search?q=Quando+foi+constru%C3%ADda+a+Albufeira+do+Azibo%3F&rlz=1C1S-QJL_enPT886PT886&oq=Quando+foi+constru%C3%ADda+a+Albufeira+do+Azibo%3F&gs_lcrp=EgZjaHJvb-WUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigATIHCAQMIRigATIHCAQQIRiPatIBCTE0NTc1ajBqN6gCALACAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8

É um dos locais mais visitados em todo o Nordeste Transmontano. Um imenso lago, onde confluem a proteção das espécies, com uma rede de percursos sinalizados, que fazem as delícias dos adeptos de caminhadas e BTT, e duas praias sucessivamente galardoadas com a Bandeira Azul: Praia da Fraga da Pegada e Praia da Ribeira. Uma, a área balnear fluvial com mais Bandeiras Azuis em toda a Europa, a outra, uma das 7 Maravilhas, Praias de Portugal.».

Ali se pode:

- Fazer percursos pedestres ou em bicicleta;
- Ir à praia;
- Praticar desportos náuticos (não motorizados);
- Observar aves;
- Participar nas atividades de interpretação ambiental;
- Visitar os museus e povoações circundantes.

O projecto do GeoPark, criado em 2012, é, segundo <https://geoparkterrasdecavaleiros.pt/p/pt/geopark/>, «uma área geográfica bem definida, coincidente com os limites administrativos do Concelho de Macedo de Cavaleiros, com um importante património geológico ao qual se soma um grande património de biodiversidade, um notável património histórico-cultural, os produtos locais, a rica gastronomia e a arte de bem receber das suas gentes.

O singular Património Geológico dá a oportunidade de percorrer milhões de anos na história da Terra, despertando o interesse de geólogos de todo o mundo. O Património Natural é diferenciador, com paisagens deslumbrantes e preservadas, mantendo viva a identidade do povo, que conserva o segredo de tratar a terra, a mestria com que confecciona os seus pratos e o carinho com que acolhe aqueles que o visitam.



Imagem do por do sol na Albufeira do Azibo
(<https://geoparkterrasdecavaleiros.pt/p/pt/geopark/>, 12-04-2025, 19h00)

O Geopark Terras de Cavaleiros assume um papel proativo no sentido de estimular o turista a viver experiências gratificantes, que o façam tornar-se num protagonista ativo e não um mero observador da paisagem. Contribui para a afirmação deste como um destino geoturístico de excelência, que proporciona vivências científicas, educativas e culturais, onde todas as vertentes desta abordagem contribuam para o desenvolvimento sustentável do território, mantendo intactas as suas características naturais e a autenticidade das suas gentes.».

A cultura dos Caretos de Podence tornou-os reconhecidos em 2019, pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade. O que documenta a dinâmica de promoção cultural pelo Município.

Segundo https://pt.wikipedia.org/wiki/Caretos_de_Podence, os Caretos de Podence, «Inseridos nas festividades de Inverno, tão características na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, (...) representam imagens diabólicas e misteriosas que todos os anos desde épocas que se perdem no tempo saem à rua nas festividades carnavalescas. Interrompendo os longos silêncios de cada Inverno, como que saindo secretos e imprevisíveis dos recantos de Podence, surgem silvando os «Caretos» e seus frenéticos chocalhos bem cruzados nas franjas coloridas de grossas mantas.

Os rapazes mais novos que seguem e imitam os caretos são chamados *facanitos* e asseguram a continuidade da tradição.».

Ao contrário do que muitas vezes é propalado, estes caretos não serão originários de Podence mas foi a Associação dos Caretos de Podence quem mais os fez conhecer e brilhar.

Temos de referir ainda o Centro Cultural Municipal de Macedo de Cavaleiros, um centro multíusos de fins culturais, com grande ocupação em atividades culturais de todo o tipo: exposições representações, encontro, congressos, projeções, seminários, apresentações musicais, e, agora, também o Museu dos Templários, a inaugurar em 31 de Maio de 2025.

Construído ao abrigo do Programa de Teatros lançado pelo Ministro Manuel Maria Carrilho, o Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros realiza um excelente projeto arquitetónico, bem situado e em convite permanente a uma interação com todas as escolas da cidade pela sua proximidade

Verifica-se uma boa estruturação da página do município em relação aos diferentes programas ambientais e culturais, com valorização de rotas culturais e patrimoniais, museus etnográficos, tradições e atividades nas freguesias e na sede do Concelho.

Falta referir a Associação Terras Quentes, a exceção cultural do país, existente no Concelho de Macedo Cultural. Remexendo em 50 séculos da História de Macedo e respetivo concelho, a Associação, ao longo dos últimos 23 anos, tem caracterizado o património arqueológico, a História e os protagonistas da História do Concelho.

A Associação, até ao momento, organizou quatro museus - Arte Sacra, Arqueologia, Martim Gonçalves de Macedo e a Batalha de Aljubarrota e, agora, o dos Templários, o primeiro do país.

Evidência da qualidade dos trabalhos da Associação são a apresentação anual em «Jornadas da Primavera» dos trabalhos e investigações realizados, relatados nos «Cadernos Terras Quentes» em número, já, de 22. Igualmente, o terem já sido produzidas três teses de doutoramento e vinte e duas dissertações de mestrado significa um caminho de investigação relevante.

Administração e interação com os munícipes

A página do município é facilmente consultável com acesso fácil às diferentes estruturas e departamentos

Existem páginas próprias para os órgãos autárquicos e suas deliberações bem como para regulamentos, posturas e legislação, o que transporta um bom grau de transparência.

A interação com os munícipes é possível, tanto presencial como digitalmente.

Os diferentes sectores estão devidamente assinalados só faltando o nome dos intervenientes responsáveis por cada um deles.

Os utentes são encaminhados e orientados nos contactos e encaminhamento dos seus problemas e petições.

Apesar das mudanças entre partidos que servem de base à direção da autarquia, a estrutura administrativa tem-se mantido flexível e articulada, sem prioridades partidárias, o que revela um grau de isenção satisfatório.

Presidentes de Câmara e respetivo período de exercício

Os mandatos autárquicos tiveram a duração de três anos entre 1976 e 1984.

O Regime jurídico dos órgãos municipais foi estabelecido em 1976 e revisto em 1979, 1984, 1997 e 2013.

O financiamento municipal, advindo principalmente do Fundo de Coesão Municipal foi criado em 1979 e revisto em profundidade apenas em 2013 e 2015.

Os presidentes de Câmara do Concelho foram os seguintes:

- António Joaquim Ferreira 1976-1993;
- Manuel Luis Gomes Vaz 1993-2001;
- Beraldino Vilarinho Pinto 2001-2013;
- Manuel Duarte Moreno 2013-2017 ²⁴;
- Benjamin do Nascimento Pereira Rodrigues, desde Outubro de 2017 a 30 de Dezembro de 2023;
- Rui Alexandre Vilarinho Dias, desde 1 de Novembro de 2023 a 28 de Fevereiro de 2024;
- Benjamin do Nascimento Pereira Rodrigues, desde 1 de Março de 2024.

²⁴ https://issuu.com/gabinete.comunicacao/docs/terras_de_cavaleiros_n_2.

Rede viária

O aumento e a requalificação da rede viária do Concelho são dois dos aspetos mais marcantes da sua evolução no pós-25 de Abril de 1974 e, sobretudo, após a instalação do Poder Local e finanças próprias, em 1976 (Decreto-Lei 701-A e 701-B, de 1976).

Como em todos os concelhos geograficamente mais extensos (699,14 kms quadrados), a rede viária do Concelho tem 399,1 quilómetros de extensão, sendo constituída por cinco estradas nacionais – três centrais (N216, N102, e N317) e duas periféricas (N15 e N217), as quais foram o suporte da vitalidade do Concelho até ao Plano Rodoviário 2000, e por uma imensidade de estradas inter e intramunicipais.

De lá para cá, a N216, entre Macedo de Cavaleiros e Peredo, e a N215, entre Azibeiro e o entroncamento com a ex-N216, agora ER216, foram desclassificadas, respetivamente, para regional e municipal em 1999. A N217, entre Izedo e a foz do Rio Azibo, é objeto de querelas entre Estado e municípios atravessados, querendo o Estado alienar dela as suas responsabilidades. E a N317 aguarda ansiosamente pela nova ponte entre Carção e Vimioso para agilizar o percurso entre Vale de Nogueira, Vinhas, Castro Roupal, Morais e Lagoa.

Restam as estradas municipais que servem 29 freguesias (30 com a da sede do Concelho) e 67 localidades. Estão todas betuminadas a alcatrão e, de um modo geral, em bom estado. Fazem bem a interface com os concelhos vizinhos (Mogadouro, Vimioso, Bragança, Vinhais e Mirandela). Falta apenas a rede entre as maiores localidades rurais, que carecem de melhores radiais, e ainda uma ligação de Talhas a Junqueira mas, tratando-se de uma estrada que seria intermunicipal, requer planeamento e acordo específico.

Conclusão

O concelho de Macedo de Cavaleiros espelha, como todos os do Interior, a prevalência da administração centralizada em Portugal, derivando as metamorfoses da sua evolução mais de dinâmicas externas (contexto internacional, programas nacionais, financiamento, programas comunitários e financiamento autárquico) do que de variáveis endógenas.

O mesmo não se dirá das eleições dos presidentes do Executivo Municipal que estão intrinsecamente ligadas às vagas políticas de fundo do país, mescladas com a notoriedade e perfil humano, técnico e científico dos candidatos. No caso de Macedo de Cavaleiros, isso é evidente na mudança de partido governante autárquico entre 1993 e 2001, o PS, cujo principal representante coincide com a ascensão de António Guterres e a mudança seguinte, para o PSD, em 2002, coincide com a perda de prestígio de António Guterres e seu Governo.

Do mesmo modo, a ascensão de Benjamin Rodrigues parece influenciada pela ascensão de António Costa e da «Geringonça» embora o desgaste do Executivo incumbente tivesse também ajudado à vitória do candidato do PS.

Mas também houve a influência contrária nas eleições legislativas, com os partidos incumbentes na Câmara a influenciarem fortemente os resultados daquelas. Por exemplo, as votações que o PS teve nas eleições legislativas de 1995, de 2005 e de 2022 e todas as restantes que o PSD obteve, graças à cultura natural da população do Concelho e à influência dos incumbentes representantes do PSD e do CDS.

Mesmo o envelhecimento demográfico e a emigração não são fenómenos exclusivos seja do Concelho seja de uma região específica mas sim da dinâmica e evolução da economia nacional e internacional e da evolução tecnológica, científica e económica do país.

Um olhar atento para a relação entre eleitores e votantes revela o peso da população ausente no estrangeiro e ainda do analfabetismo latente no Concelho, que foi baixando muito lentamente, para lá das políticas de organização dos cadernos eleitorais, influenciadas por mudanças tecnológicas que uma população menos instruída tem dificuldades em assimilar.

Neste sentido, a evolução dos eleitores, para a qual não temos dados até 1985, revela um concelho estagnado demograficamente, com um pico de mais 1.200 eleitores em 2009 do que em 2001, para o qual ainda não conseguimos explicação convincente.

Há áreas em que o perfil dos autarcas e da estrutura e dinâmica dos serviços administrativos consegue fazer diferenciações visíveis face a outros concelhos porque dependem da iniciativa, interesse e formação das pessoas envolvidas: educação, ambiente, cultura, associativismo, apoio à economia e às empresas sobressaem entre elas.

Só por duas vezes, nos mandatos 1993-1997 e 2013-2017, foi necessário recorrer ou a uma coligação ou a entendimento executivo. No caso da coligação, (PSD/CDS), o partido mais pequeno da coligação, o CDS/PP, apesar da comprovada competência do seu representante, foi desaparecendo, engolido pelo pensamento dominante do partido maior. No caso primeiro, a arte do Presidente transformou o empate em número de mandatos na maioria do mandato seguinte.

Apesar da prevalência da realidade centralizada e centralizadora, é possível identificar quatro fases evolutivas no Concelho:

- Até 1990, em que as autarquias sobrevivem com os dinheiros do fundo municipal, com grande dependência política e com uma perda e envelhecimento acentuados da população;
- De 1990 a 2008, em que se inverte um pouco a tendência da perda demográfica – que não do envelhecimento – com um reforço dos programas comunitários ao nível do planeamento regional;
- Desde 2008 a 2015, restrições graves a nível orçamental com depressão económica, social e cultural, originadas pela crise financeira mundial, com um elevado índice de endividamento municipal; e
- Desde 2015, recuperação económica e financeira com o reforço de alguns programas de investimento, com procura de uma ideologia de modernização do Concelho aos níveis cultural, ambiental e económico.

Evolução das representações políticas dos portugueses em eleições

Eleição	Eleitores	Votantes	% de votantes	Votos em %	PS, PPS	PSD, Ad, PP	PCP, ADU, CDU, PCP, PV	CDU	III	PN	Libre	Chega	IL	Madeira, PPD-PSD/CDU-PP	Açores, PPD-PSD/CDU-PP	Algarve Democrática Nacional
Com. 1976	6.231.372	571.829	91,7													
23/04/1976	6.430.020	548.723	85,2													
02/12/1976	7.259.946	600.743	82,86	4063												
05/03/1980	7.759.946	650.885	83,94	3022												
05/03/1980	7.759.946	650.885	83,94	3022												
06/01/1985	7.898.924	578.924	74,2	4120												
15-07-1987	7.950.058	567.958	71,4	9135												
26/03/1991	8.469.352	573.451	67,74	4702												
05/05/1995	8.850.000	600.000	67,8	4702												
10/01/1999	8.850.000	600.000	67,8	4702												
17/02/2002	8.850.000	600.000	67,8	4702												
23/02/2005	8.850.000	600.000	67,8	4702												
05/05/2005	8.850.000	600.000	67,8	4702												
05/05/2011	8.850.000	600.000	67,8	4702												
06/10/2015	8.850.000	600.000	67,8	4702												
06/10/2015	8.850.000	600.000	67,8	4702												
20/02/2022	10.812.226	947.789	87,66	8982												

(PS) foi uma coligação de **partidos políticos** portugueses formada pelo **Partido Socialista (PS)**, **União da Esquerda Socialista Democrática (UEDS)** e **Açores Social Democrata Independente (ASDI)**, regida em 1 de Agosto de 2002.

AdU - Aliança Livre Unido, uma aliança pró-eleitoral de PCP e outros partidos de esquerda.
PAP - Aliança Portugal à Frente, uma aliança pró-eleitoral entre PPD-PSD e CDU-PP.
PCP+ADU - Coligação política entre o Partido Comunista e o Partido Comunista do Açores.
Fonte: Comissão Nacional de Eleições. Eleições Legislativas. Resultados das eleições legislativas, Meninheiros de Bragança, 17-02-2022. Organização de Henrique Ferreira
Tabela de Resumos (2023), *continua*

Governos na República de Abril (desde 16-05-1974)

Natureza Instituinte	Sequência	Representação Social	Período de vigência	I Ministro
Revolucionária: Pré-constitucional Pretoriana	Junta de Salvação Nacional		25-4 a 15-5-74	
	I	MFA, PCP, PS, PSD	16-05- a 11-7-74	Adelino da Palma Carlos
	II	MFA, PCP, PS, PSD	18-6 a 30-09-74	Vasco Gonçalves
	III	MFA, PCP, PS, PSD	30-09-74 a 26-3-75	Vasco Gonçalves
Plebiscitado por eleições em 25-04-1975 para a Assembleia Constituinte	IV	MFA, PCP, PS, PSD	26-03 a 8-8-75	Vasco Gonçalves
	V	MFA, PCP, PS, PSD	8-8-75 a 19-9-75	Vasco Gonçalves
	VI	MFA, PCP, PS, PSD, CDS	19-9-75 a 23-7-76 23-06-76	J. Pinheiro de Azevedo; A. Almeida e Costa
Natureza Instituinte	Sequência	Representação Política	Período de vigência	I Ministro
Constitucional ou Sufragado por voto popular	I	PS (Minoría)	23-4-76 a 23-01-78	Mário Soares
	II	PS & CDS (Maioria)	23-01 a 29-08-78	Mário Soares
Nomeação presidencial	III	MFA	a 22-9-78	A. Nobre da Costa
	IV	MFA	22-09-78 a 1-8-79	Carlos Mota Pinto
	V	MFA	1-8-79 a 3-1-80	M ^a Lurdes Pintassilgo
Constitucional ou Sufragado por voto popular	VI	& PSD, CDS, PPM (Maioria)	3-1-80 a 9-01-81 4-12-80 a 9-1-81	Francisco Sá Carneiro Diogo Freitas Amaral
	VII	& PSD, CDS, PPM (Maioria)	9-01 a 4-9-81	J. Pinheiro de Azevedo; A. Almeida e Costa
	VIII	& PSD, CDS, PPM (Maioria)	4-9-81 a 9-06-83	Francisco Pinto Balsemão
	IX	& PS, PSD (Maioria)	9-06-83 a 6-11-85	Mário Soares
	X	PSD (Minoría)	6-11-85 a 17-8-87	A Cavaco Silva
	XI	PSD (Maioria)	17-08-87 a 31-10-91	A Cavaco Silva
	XII	PSD (Maioria)	31-10-91 a 29-10-95	A. Cavaco Silva
Constitucional ou Sufragado por voto popular	XIII	PS (Minoría)	29-10-95 a 25-10-99	António Guterres
	XIV	PS (Minoría)	25-10-99 a 6-4-2002	António Guterres
	XV	& PSD, CDS, PPM (Maioria)	6-4-2002 a 17-07-04 4-12-80 a 9-1-81	Durão Barroso
	XVI	& PSD, CDS, PPM (Maioria)	17-07-04 a 12-3-005	Santana Lopes
	XVII	PS (Maioria)	12-3-005 a 26-10-09	José Sócrates
	XVIII	PS (Minoría)	26-10-09 a 21-6-11	José Sócrates
	XIX	& PSD, CDS	21-06-11 a 30-10-15	Pedro Passos Coelho
	XX	& PSD, CDS (Maioria)	30-10-15 a 26-11-2015	Pedro Passos Coelho
	XXI	PS (Minoría)	26-11-15 a 25-10-19	António Costa
	XXII	PS, com PCP e BE associados	25-10-19 a 30-3-22	António Costa
	XXIII	PS (Maioria)	30-3-22 a 2-4-24	António Costa
	XXIV	& PSD, CDS, PPM	Desde 06-04-2024	Luís Montenegro (PSD)

Tomado de Ferreira (2025), cortesia

Evolução das votações para a Presidência e Conselho de Vereadores da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros (expressa em percentagem relativamente ao número de votantes úteis, isto é, que não votaram nem nulo nem branco).²⁵

	1976	1979	1982	1985	1989	1993	1997
PSD	52,2	51,7	48,4	40,1	37,8	37,2	28,50
PS	14,9	12,4	19,9	21,3	18,8	41,5	52
CDS	23,7	25,7	22,1	32	36,7	16,9	14,59
PCP	3,8	05,4	2,4	2,7	2,1	1	0,89
Eleitores					16944	17766	18620
Votos úteis					10473	11557	11717

	2001	2005	2009	2013	2017	2021	2025
PSD	&50,43	54,36	&52,14	43,52	&47,41	&41,55	
PS	44,09	32,53	37,62	42,53	51,88	50,21	
CDS	&/PSD	8,32	&/PSD	12,24	&/PSD	&PSD	
PCP	1,09	1,21	1,91	1,79	1,63	1	
B Esquerda	NE	NE	2,95	NC	1,93	1,1	
Chega	NE	NE	NE	NE	NE	1,1	
Eleitores	17626	18121	19393	18945	18776	17655	
Votos úteis	11528	11894	11393	10704	10666	10105	

&: Coligação com &; NE não existia; NC: não concorreu. NE: não existia

Fontes dos dados: SILVA, Isabel (Coordenadora, 1997). *Municípios: 20 anos de Poder – Mandatos e Presidentes*. Matosinhos (Freixieiro): Minha Terra (para eleições até 1993); e Comissão Nacional de eleições. Eleições Autárquicas (<https://www.cne.pt/content/eleicoes-referendos-resultados-oficiais>). Para eleições entre 1997 e 2021. Pode consultar-se também outra organização dos dados em https://pt.wikipedia.org/wiki/Macedo_de_Cavaleiros.

²⁵ Só ocorreu publicação oficial dos resultados das eleições autárquicas a partir de 1989. Assim, não conseguimos fonte para alguns dos dados.

Eleições legislativas na República de Abril no Concelho de Macedo de Cavaleiros

Data	%																
	PSD	CDS	PS	PCP	UDP	AD	APU/ CDU	FRS	PRD	PSN	BE	PSD CDS	PAN	L	CH	IL	
1976	36,19	29,55	20,41	2,42	0,59												
1979	AD	AD	17,54	APU	1,46	66,46	5,05										
1980			FRS		0,88	70,61	4,2	16,97									
1983	39,22	22,69	26,15		0,51			3,7									
1985	39,32	22,35	19,88		0,76			3,98		5,56							
1987	63,13	10,33	15,7	CDU	0,68		2,53		0,83								
1991	54,57	15,65	21,95				1,7		0,56	1,41							
1995	39,04	17	38,62		0,31			1,59									
1999	40,8	13,94	38,71					1,94		0,22	0,85						
2002	51,86	15,1	26,8				1,7			0,99							
2005	37,29	13,81	39,84				1,67				2,14						
2009	41,11	14,48	30,83				2,16				6,16						
2011	52,71	13,21	23,62				2,5				2,01						
2015	CDS	PSD	31,49				2,6				5,24	52,76	0,45	0,32			
2019	39,4	5,88	37,07				1,97				5,84		1,31	0,46	0,65	0,42	
2022	37,72	3,02	42,84				1,32				2,03		0,43	0,38	7,45	1,64	
2024	AD	AD	31,16			40,36	1,09				2,14		0,8	1,12	16,17	1,41	

Tomado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Macedo de Cavaleiros](https://pt.wikipedia.org/wiki/Macedo_de_Cavaleiros). 21-04-2025. 23h00

τφ



Vacceos y Zoelas,
dos Pueblos
Prerromanos Vecinos

Vacceos y Zoelas, dos Pueblos Prerromanos Vecinos

* Ana Miriam Arranz Gozalo

Resumen

Cuando en el año 218 a.C. los romanos llegaron a la Península Ibérica se encontraron con numerosos pueblos indígenas que habitaban este amplio territorio y que poseían una serie de características comunes, así como diferentes singularidades propias. Dos de estos pueblos prerromanos eran los zoelas (*zoelae*) y los vacceos (*vaccaeii*) que ocupaban parte de los actuales países de Portugal y España, los cuales dejaron su impronta en las zonas que habitaron a través de un valioso legado que debemos estudiar, valorar y preservar. Los objetivos de este estudio se no solo se centran en descubrir su forma de vida, sus creencias más peculiares y sus objetos característicos, sino también en ahondar en algunos de sus yacimientos arqueológicos más representativos.

Abstract

When the Romans arrived on the Iberian Peninsula in 218 B.C., they encountered several indigenous peoples inhabiting this vast territory, each possessing a series of characteristics and unique traits of their own. Two of these pre-Roman peoples were the *Zoelae* and the *Vaccaeii* who occupied parts of what are now Portugal and Spain. These peoples left their mark on the regions they inhabited through a valuable legacy that we must study, appreciate, and preserve. Discovering their way of life, their most peculiar beliefs, their characteristic objects, as well as delving into some of their most representative archaeological sites are the aims of this study.

En el territorio que actualmente ocupa *Macedo de Cavalerios* habitó el pueblo prerromano de los Zoelas cuya investigación ha ocupado gran parte de la actividad de más de veinte años de la *Associação de Defesa do Património Arqueológico "Terras Quentes"*. De esta manera, las excavaciones arqueológicas desarrolladas en la *Terronha do Pinhovel*, el *Povoado do Cramanchão* o el *Povoado do Bovinho* han servido para aumentar el conocimiento de esta tribu perteneciente a los astures.

* Licenciada en Historia y Máster en Patrimonio Cultural por la Universidad de Valladolid

Los zoelas compartían fronteras con otros pueblos prerromanos como fueron los galaicos, los vettones o los vacceos. Concretamente, con estos últimos coincidía su límite al este y profundizar sobre cómo era la vida a ambos lados de esa frontera se ha convertido en el objetivo de este estudio.



El pueblo prerromano de los vacceos se correspondía con una de las etnias prerromanas que ocupó la Península Ibérica en su parte central, concretamente la correspondiente al valle medio del río Duero. Actualmente, el territorio vacceo es el equivalente a la totalidad de la provincia de Valladolid, así como gran parte de las provincias de Palencia, León, Zamora, Salamanca, Ávila, Segovia y Burgos. De esta manera, una gran extensión del territorio que hoy en día ocupa la comunidad autónoma de Castilla y León se corresponde con la ubicación del pueblo vacceo. Precisamente, una pequeña parte de esta amplia región también estuvo ocupada por los zoelas debido a que su localización se centraba en un territorio que hoy en día ocupan el oeste de la provincia de Zamora (España) y las tierras de Miranda, *Trás-os-Montes* y *Bragança* (Noreste de Portugal).

Con respecto al origen de los vacceos, frente a las tesis de invasiones celtas defendidas en el pasado, actualmente es más aceptado el substrato indígena que apunta a una evolución local paralela a fenómenos de aculturación por contactos con pueblos vecinos, así como por la incorporación de grupos foráneos. Cabe destacar que, si nos remontamos a las fuentes clásicas, la primera referencia escrita hacia la etnia vaccea corresponde al historiador griego Polibio, que en la segunda mitad del siglo II a.C. acompañó a Escipión *El Africano* en el momento de las guerras celtíberas.

Por su parte, los zoelas, en latín *zoelae*, fueron uno de los veintidós *populi* perteneciente al convento de los *Astures* referida en la división de la provincia Citerior de la Hispania romana y su ubicación marcaba el límite suroeste del *conventus asturum* con los galaicos y los vetones. La *Civitas Zoelarum* surgió como consecuencia de la reorganización del territorio una vez acometida y consolidada la conquista romana. Conviene además destacar que algunos autores no dudan en afirmar que los Zoelas fueron una de las etnias más antiguas de toda la Península Ibérica.

Los astures poseían un modelo de asentamiento territorial basado en la creación de poblamientos fortificados pero es importante indicar que, al ocupar una extensión territorial tan amplia, no existe una uniformidad cultural en todas sus zonas presentando estas, por consiguiente, claras influencias de los pueblos vecinos. Parece constado que los astures que habitaban en las montañas poseían poblados de pequeño tamaño dispersos y con una economía más autárquica, mientras que los grupos asentados más al sur del territorio se asentaban en núcleos poblacionales más amplios que desarrollaron una agricultura más avanzada.

Los castros se han convertido en la forma de asentamiento más identificativa de los astures con murallas, parapetos de tierra y piedras y hasta en ciertos casos, que se pueden corroborar en la provincia de Zamora, con fosos y barreras de piedras hincadas. En el interior de estos castros aparecían viviendas generalmente de planta circular u ovalada, siendo su cobertura superior totalmente vegetal.

Concretando más dentro de la etnia de los astures que ocupaba el territorio de Macedo de Cavaleiros, todo apunta a que la capital de este pueblo prerromano era *Curunda*, del Pacto de los Zoelas, donde se ubicaba el *ordo Zoelarum*. Existen diferentes opiniones sobre cuál sería la ubicación exacta de este núcleo poblacional que se localizaba en algún lugar entre la provincia de Zamora y la zona de Bragança entre las cuales están: el *Castro Avelãs* (Portugal), el territorio del Rabanal (Zamora) y, con bastantes evidencias después de las excavaciones desarrolladas por la *Associação de Defesa do Património Arqueológico "Terras Quentes"*, el propio *Concelho do Macedo de Cavaleiros* (Portugal).



Terronha do Pinhovelo vista desde el noreste.
A. Terras Quentes

Volviendo a la actual meseta castellana, el territorio vacceo se caracterizó por poseer una estructura con grandes centros urbanos (*oppida*) que poseían varios miles de habitantes y, en su mayoría, ocupaban unas cinco hectáreas que se constituyeron como auténticas ciudades-estado independientes que contarían al frente de ellas con una oligarquía guerrera. Estos *oppida* tenían la peculiaridad de estar separados entre sí por grandes distancias y de estar ubicados en las proximidades de los principales ríos de la zona habitada por los vacceos (Duero y Pisuerga). Cada una de estas ciudades poseía una serie de magistrados elegidos mediante una asamblea y un órgano de deliberación y consulta del que formaban parte los individuos de mayor edad. Durante el período de la conquista, los historiadores romanos destacaron ciudades indígenas como *Pallantia*, *Intercatia* y *Cauca*. Ya en el siglo II d.C., Claudio Ptolomeo en su tratado de “*Geographia*” mencionó otros de estos **núcleos urbanos vacceos como fueron** *Pintia*, *Bargiacis*, *Viminacio*, *Autraca*, *Rauda*, etc.

Dentro de la cultura vaccea destaca el desarrollo de una rica orfebrería muy emparentada con la joyería celtíbera e ibérica, así como con relaciones constatadas con la orfebrería ejecutada en el noroeste peninsular pero sin perder una esencia muy personal avalada por el gran nivel de los trabajos de sus orfebres, depositarios de una estética vernácula a través de la que creaban joyas propias y singulares. Una gran parte de las piezas de joyería vaccea está elaborada en plata, aunque también existen muestras en oro y la mayoría de

las halladas formaban parte de tesoros que fueron ocultados en períodos de inestabilidad y que estaban compuestos en su gran mayoría por joyas de adorno personal.

En esta zona también se ha constatado la presencia de forjas locales para la fundición y fabricación de utensilios. Estos lugares se vieron favorecidos por el desarrollo y beneficio proporcionados por las actividades agrícolas, ya que se pudo invertir en la industria de guerra para elaborar armas.



Armas vacceas.
Museos provinciales de Palencia y de Valladolid

Si existe una pieza muy característica del pueblo vacceo son las fíbulas. Ya en la Segunda Edad del Hierro se ha constatado su uso frecuente a tenor tanto de su abundancia como de variedad de formas encontradas en los diferentes yacimientos arqueológicos. Como muestra de esto, solo en el Museo Arqueológico de Palencia se guardan más de cuatrocientas fíbulas, de las cuales tienen una gran relevancia las zoomorfas denominadas “de caballito” en las que su carácter ornamental prevalece sobre el funcional.



Exposición de fíbulas vacceas.
Museo Provincial de Palencia

Por su parte, el pueblo prerromano de los astures explotaba las minas para obtener metales a los que daban un uso. De esta manera, entre estos indígenas eran muy características las aleaciones de bronce y las producciones de hierro, sin olvidar que también usaron

metales preciosos para la orfebrería, así como diferentes artículos típicos de herrería. Conviene destacar la presencia de restos de plata y oro en un gran número de castros ubicados en el noroeste peninsular que nos refieren a una generalización de producción local entre los astures. Parece que la plata era mayormente conseguida a través de intercambios con otros lugares y las piezas obtenidas de ella se producían gracias a un proceso complejo en el cual la especialización itinerante y autonomía local coexistieron al mismo tiempo. La producción del oro apunta más a haber sido una actividad local generalizada algo que no ocurrió con la plata que, al ser un metal exógeno, se integró en las tradiciones astures a través de aleaciones y chapados

Centrándonos en la tribu de los zoelas en las excavaciones realizadas en el territorio que actualmente ocupa el *Concelho de Macedo de Cavaleiros*, tenemos que apuntar que se han hallado materiales que corroboran la existencia de contactos con otros pueblos dentro del marco globalizador que fue el Imperio Romano. De esta manera, por ejemplo, los tradicionales adornos femeninos se vieron influenciados por las modas llegadas de fuera de su territorio.

En este aspecto conviene también destacar dentro de este pueblo prerromano sus fíbulas entre las cuales también se desarrollaron las zoomorfas con forma de caballo, como en el caso de sus vecinos vacceos. Concretamente en las excavaciones arqueológicas desarrolladas en la *Terronha de Pinhovelo* apareció un fragmento de una fíbula zoomorfa en bronce con forma equina que presenta características propias de las culturas celtíberas proto urbanas. En dichas culturas la representación animalística poseía diferentes valores rituales y sociopolíticos para las élites de la Península Ibérica.



Fíbula zoomorfa zoela.

Museo Municipal de Arqueología Coronel Albino Pereira de Macedo de Cavaleiros

Entre los indígenas peninsulares existía un documento jurídico de gran arraigo denominado “pacto de hospitalidad”, a través del cual se establecían vínculos de independencia y relaciones de hospitalidad entre dos pueblos o gentilidades, así como también entre

particulares con rango jerárquico. Estos pactos se sellaban en documentos escritos en placas de bronce denominadas “teseras de hospitalidad”, las cuales presentaban un tamaño reducido, frecuentemente con forma de animales y estaban escritas en caracteres celtíberos a través de un texto breve. En los pueblos indígenas de la meseta fueron muy frecuentes estos pactos de hospitalidad durante el periodo de la conquista romana y pervivieron en el tiempo hasta formar parte del propio derecho romano, ya escritas en latín y con textos más extensos.

Al referirse a estos pactos es fundamental mencionar que de los zoelas se conserva en el *Staatliche Museen* de Berlín (Alemania) la famosa placa de bronce coronada por un frontón triangular llamada “Tabla de Astorga” (también conocida como “Pacto de los Zoelas”), en la que se renueva un pacto de hospitalidad entre gentilitates de esta gens:

«Bajo el consulado de M. Licinio Craso y de L. Calpurnio Pisón, cuatro días antes de las kalendas de mayo, la gentilidad de los Desoncos de la gente de los Zoelas y la gentilidad de los Tridiavos de la misma gente de los Zoelas renovaron el antiguo pacto de hospitalidad y todos ellos recibieron a los otros en la fidelidad y clientela suya y de sus hijos y de sus descendientes. Actuaron: Arausa, hijo de Blacaeno, y Turanio, hijo de Clouto; Docio, hijo de Elaeso; Magilón, hijo de Clouto; Bodecio, hijo de Burralo; Elaeso, hijo de Clutamo por medio de Abieno, hijo de Pentilo, magistrado de los Zoelas. Tuvo lugar en [la ciudad de] Curunda»



“Tabla de Astorga” (“Pacto de los Zoelas”).

Wiki Commons

La zona del valle del Duero era conocida por poseer un campo de excelencia de gran abundancia de cereales. Antes de la dominación romana la economía estaba centrada en una agricultura en la que prevalecía el cultivo de trigo y de cebada, aunque también cabe señalar que las propiedades de la tierra hicieron posible que en algunas zonas se pudieran desarrollar plantaciones de regadío como verduras, árboles frutales o prados.

Las fuentes clásicas dejaron constancia de esta importante actividad agrícola en un acontecimiento muy destacado de la Península Ibérica: concretamente señalaron la escasez de trigo que sufrieron los habitantes de *Numantia* durante la contienda con Roma y cómo fueron los vacceos quienes les suministraron continuamente este grano. Sin duda alguna, el cultivo de cereales fue la actividad económica más desarrollada por el pueblo vacceo y la presencia predominante de estos cultivos puede ser corroborada mediante el hallazgo de numerosos molinos, utensilios de labranza (trillos, hoces, azadas o rejas de arado), así como de espacios de conservación y almacenamiento del grano bajo tierra (silos, hórreos o tinajas),.

El historiador griego Diodoro Sículo (V, 34, 3.) en el I a.C. se refirió de esta manera al colectivismo agrario que practicaban los vacceos: “Entre los pueblos vecinos de los celtíberos, uno de los más adelantados es, según se les llama, el de los Vacceos. Cada año dividen la tierra que poseen entre sus miembros, repartiendo la cosecha según las necesidades de cada cual, condenando a muerte a quienes oculten o guarden para sí lo que no les corresponden”.



Escena hogareña vaccea.

“Pintia Vaccea”, Centro de Estudios Federico Wattenberg, Universidad de Valladolid

Por su parte, la ganadería (centrada en el ganado ovino, bovino, porcino y equino) igualmente se erigió como un elemento destacable del abastecimiento del pueblo vacceo y los restos de animales hallados en los diferentes yacimientos arqueológicos excavados dan buena muestra de su importancia. Precisamente los ovicaprinos tuvieron una gran importancia por el desarrollo de productos derivados, como fue el caso de la lana, al igual que la cría de caballos, habiendo sido esta señalada por autores clásicos en ciudades vacceas como *Pallantia o Intercatia*.

Por su parte, las excavaciones arqueológicas desarrolladas sobre la tribu de los zoelas han concluido que su economía estaría basada en la ocupación de territorios idóneos para el cultivo del lino y de una agricultura mayormente de subsistencia, a lo que sumarían el aprovechamiento de recursos cinegéticos y cierta ganadería. En este sentido es importante destacar que precisamente esa vinculación con el lino les hacía diferenciarse claramente con el resto de sus vecinos.

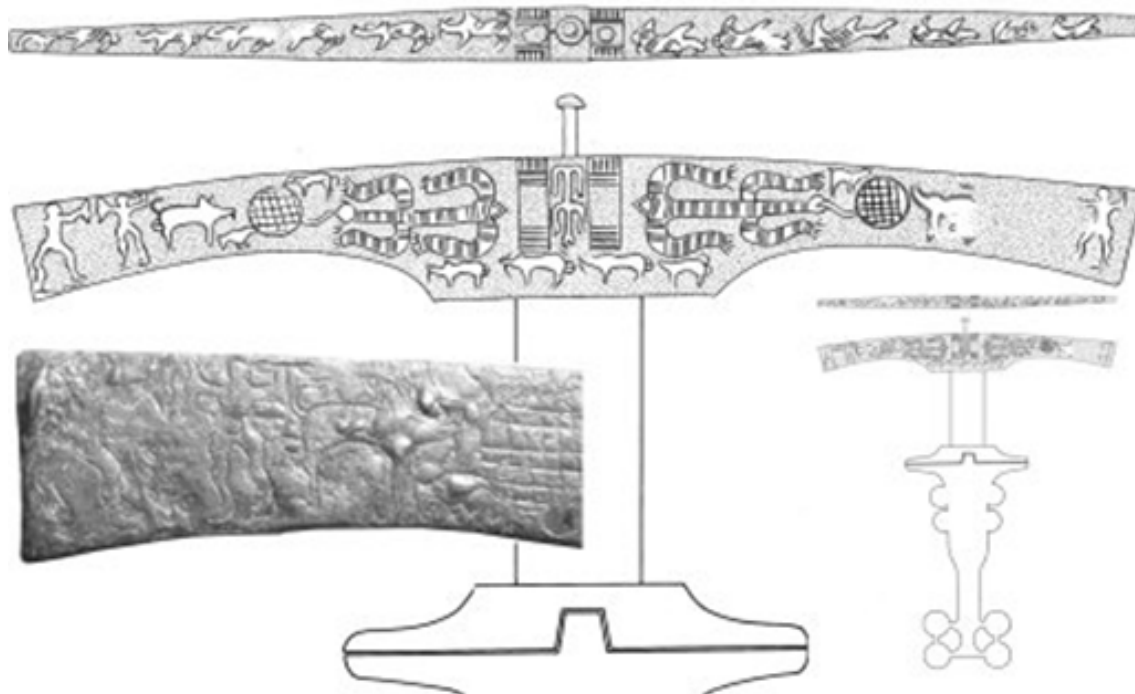
Plinio El Viejo en su “Historia Natural” mencionó la importancia del lino en este pueblo: “La Hispania Citerior tiene también un lino de una blancura extraordinaria, por la calidad de las aguas del torrente que baña Tarragona, en el que se lustra; su finura es maravillosa y es de allí donde se han descubierto primero los tejidos de cárbaso. De la misma Hispania y desde hace poco tiempo, ha venido a Italia el lino de los Zoelas, utilísimo para las redes de caza; la civitas Zoela es una de la Gallaecia y está próxima al océano”.

Según el historiador Liborio Fernández, no se debe descartar el uso del lino por parte de los vacceos para la confección de ropa pero, al no existir grandes evidencias materiales y no poder corroborarse una tradicional cultura del lino en ese territorio (como ocurre en el caso de los zoelas), parece evidente que adquirirían este material a través del comercio y no por plantación autóctona.

Todo lo vinculado con la ideología religiosa del pueblo prerromano de los vacceos está relacionado con su forma de organización y sus actividades de la vida cotidiana. La mayoría de las referencias a sus creencias aparecen reflejadas en los textos de los cronistas clásicos, así como en la epigrafía. De esta forma, podemos recurrir al geógrafo e historiador griego Estrabón (III, 4, 16.), quien se refirió en estos términos a las creencias religiosas de esta zona en el siglo I d.C. : “Según ciertos autores, los galaicos son ateos (...) más no así (no son ateos) los celtíberos y los otros pueblos que lindan con ellos por el norte, todos los cuales tienen una divinidad innominada a la que, en las noches de luna llena, las familias rinden culto danzando hasta el amanecer fuera de la ciudad en las puertas de su casa”.

Parece lo más correcto referirse a una religión céltica de tendencia universalista con un predominio de una idea globalizadora (no antropomorfizada) plasmada en *Lug o Dis Pater*. Según dicha creencia, la noche origina al día al igual que el ser nace del no ser. De esta manera se puede comprender cómo los celtas contaban por noches y fijaban el inicio del año precisamente la noche de la festividad de *Samain* (1 de noviembre) en la que se contactaban con su consideración del más allá. Otra de las festividades célticas, esta vez de carácter agrario, era el *Lughnasadh* (también denominada *Asamblea de Lug*) que se celebraba en agosto con el objetivo de culminar las cosechas.

El universo conceptual de los vacceos era poco figurativo en lo que a representaciones se refiere ya que, como muestras los restos arqueológicos, abundaban los elementos geométricos. No obstante, se han localizado unas misteriosas representaciones de animales en perspectiva cenital. Algunos de estos se han podido relacionar con lobos y, seguramente, se elaboraron con el objetivo de aludir a cuerpos celestes o a ciertos conceptos míticos, aunque conviene señalar que resulta complicado realizar una correcta interpretación debido a los pocos testimonios escritos que dejaron los vacceos al ser un pueblo prácticamente ágrafo.



Detalle de un puñal vacceo hallado en Pintia.
Centro de Estudios Federico Wattenberg, Universidad de Valladolid

Los vacceos desarrollaron un ritual funerario diferenciado en tres formas: cremación del cadáver para la gran parte de la población; inhumación de neonatos debajo de los suelos de las viviendas; y exposición a los buitres de los guerreros muertos en combate.

Claudio Eliano (De Nat. Anim. X, 22.) apuntaba en el siglo I d.C. : “Los Vaceos, pueblo de Occidente (...) a los que han perdido la vida en la guerra, los consideran nobles, valientes y dotados de valor y, en consecuencia, los entregan a los buitres porque creen que son animales sagrados (...)”. Su creencia en la inmortalidad propició que este pueblo prerromano trasladara al ámbito de ultratumba los elementos que en vida les había caracterizado y de esta manera se han localizado un gran número de ajuares y de ofrendas que confirman su sociedad altamente jerarquizada.

Los zoelas dejaron estelas funerarias con símbolos circulares aludiendo al sol y con diseños de fauna con diferentes animales como el venado o el cerdo. Igualmente, dejaron muchas inscripciones dedicadas a su dios Aernus, aspecto que ha servido para delimitar mejor el espacio donde habitaron ya que era una deidad específica de esta tribu de la cual los pueblos limítrofes carecían, como es el caso de los vacceos. *Bragança* y *Castro Avelãs* cuentan con ejemplos de estos vestigios dedicados a este dios y cabe destacar que, igualmente, se localizó una ara votiva con ex voto a su Aernus junto a la puerta de la capilla del Sr. de Malta, en la localidad de *Malta* perteneciente a la *Freguesia dos Olmos del Conselho de Macedo de Cavaleiros* con la inscripción: “Al Dios Aerno. Lucrécio Valente, por voto”.



Reproducción ara votiva con ex voto al dios Aernus.
Museo Municipal de Arqueología Coronel Albino Pereira de Macedo de Cavaleiros

En lo referente a la cerámica, la desarrollada por los vacceos poseía características muy parecidas a la celtibérica, aunque poseía singularidades propias al igual que producciones en su territorio, como así lo atestiguan los hallazgos en distintos alfares. Los restos hallados en los diferentes yacimientos testimonian la variedad y pujanza de las producciones alfareras vacceas contando con cerámicas elaboradas a mano, lisas o decoradas con peine, diversas variedades de cerámica torneada, ya sea la tosca o común o la fina pintada con motivos geométricos, tuvieron un gran éxito y difusión.

Igualmente, la producción alfarera vaccea desarrolló una serie de objetos singulares entre los cuales se puede destacar la producción de unas cajitas zoomorfas de abigarrada decoración externa con forma prismática rectangular presentando una oquedad en su parte superior y con cuatro patas en las esquinas así como un asa en uno de los lados menores. Por estas características se ha considerado que se trataba de algún recipiente y, profundizando mayormente, se puede pensar que eran representaciones de animales. La explicación sobre su funcionalidad ha ido variando a lo largo del tiempo y, de esta manera, de la teoría de ser unos recipientes para guardar condimentos para cocinar se ha pasado a ser consideradas como cajas de ofrendas.



Cajitas zoomorfas vacceas.
Museos provinciales de Valladolid y de Palencia

Las excavaciones arqueológicas desarrolladas por la Associação de Defesa do Património Arqueológico “Terras Quentes” en los poblados habitados por los zoelas de *Cramanchão*, *Terronha de Pinhovelo* y *Bovinho* nos muestran una gran y diversificada gama de producciones de cerámica común muy ligadas al desarrollo agrícola y asociadas a la vida doméstica. Todo ello sin olvidar la existencia de una cerámica de importación llegada al territorio a través de las rutas comerciales de los romanos dirigida a las élites locales y las producciones de cerámicas industriales como las tejas.

Los diferentes yacimientos arqueológicos de zoelas y de los vacceos nos han permitido aumentar el conocimiento de estos dos pueblos prerromanos que compartían frontera y que, como hemos abordado, presentan una serie de características comunes pero a la vez unas singularidades propias que les convierten en dos vecinos muy especiales. De entre todos los yacimientos relacionados con estos pobladores, vamos a profundizar en un ejemplo de cada uno de ellos: Pintia y *Cramanchão*.

La ciudad vacceo-romana de Pintia se encuentra ubicada en el extremo oriental de la actual provincia de Valladolid perteneciente a la comunidad autónoma de Castilla y León, España. Las intervenciones arqueológicas llevadas a cabo en este *oppidum* se han desarrollado a través de la Universidad de Valladolid y su Centro de Estudios Vacceos “Federico Wattenberg”. El yacimiento arqueológico de Pintia posee tres zonas diferenciadas y excavadas: el núcleo poblacional de las “Las Quintanas”; la necrópolis de “Las Ruedas”; y el barrio alfarero de “Carracaleña”.



Reconstrucción de Pintia.

Centro de Estudios Vacceos Federico Wattenberg, Universidad de Valladolid

Comenzando por las “Las Quintanas”, este asentamiento contaba con una compleja obra defensiva con muralla y un sistema de tres fosos consecutivos a lo largo de algo más de un kilómetro de perímetro. En este lugar se han podido definir varias fases de ocupación desde el IV a. C. hasta el VII d. C. La riqueza patrimonial de su conjunto, muy destacable en su período vacceo, proviene de las reiteradas fases de destrucción violenta que sufrió y que han permitido que tengamos una especie de imágenes concretas de su vida cotidiana.

Tras el proceso de conquista romana, esta ciudad continuó su existencia, hasta que entre los siglos IV-V y VII d. C. vivió un marcado declive que derivó en ser convertida en un espacio de cementerio hispano visigodo hasta acabar con su abandono con la presencia árabe.

El cementerio de la ciudad de Pintia, de aproximadamente seis hectáreas, se ubicaba en el espacio de “Las Ruedas”, situado a trescientos metros al sur de su núcleo poblacional y separado por un pequeño arroyo. Se utilizó como zona de enterramiento ordenado y continuado durante más de cinco siglos, prevaleciendo el ritual de incineración a través de la cremación del cadáver para posteriormente enterrar los restos en un recipiente cerámico, junto a sus objetos personales característicos, en un hoyo que en abundantes casos era señalizado con estelas de piedra caliza. Hasta la fecha se han exhumado más de trescientas de estas tumbas, entre las que destacan las pertenecientes a las clases sociales más altas por la presencia de unos ricos ajuares, parte de los cuales se pueden observar en el Museo Arqueológico de Valladolid.



Interior de urna funeraria (tumba 89) y tumbas resituadas tras su consolidación.

Imágenes de “Pintia Vaccea”,

Centro de Estudios Federico Wattenberg, Universidad de Valladolid

Por último, la “Carracaleña” se creó como una extensión del poblado en el momento en que éste precisó de un mayor abastecimiento de productos cerámicos. Esta zona llegó a ocupar alrededor de nueve hectáreas y contaba con áreas funcionales diversas. Las estructuras halladas se corresponden con los restos de las instalaciones de un alfar en el que seguramente, a partir del siglo II a. C. y hasta el cambio de Era, se fabricaron los recipientes y demás objetos de cerámica ligados a la vida cotidiana. Las actuaciones arqueológicas efectuadas dan muestra de una gran actividad alfarera de cerámica elaborada a torno y es muy significativo el hallazgo de tres hornos destinados a la cocción de los repertorios cerámicos de esta población, a los que se asocian importantes áreas de vertido de restos de hornadas o de limpieza.

Por su parte, el *Povoado do Cramanchão* se ubica en la actual *Freguesía dos Cortiços del Concelho de Macedo de Cavalerios*, en Portugal. Por desgracia, su área se encuentra afectada por la existencia de una cantera al oeste y por el trazado de una línea de ferrocarril al sur.

Como curiosidad ya referida en anteriores artículos de esta asociación “Terras Quentes”, *cortiço* es un recipiente elaborado de *cortiça* que forma parte de la producción de obtención del lino y, de esta misma manera, también es denominada la zona donde se encuentra ubicado el yacimiento de *Cramanchão*: Freguesía dos Cortiços. Con esta referencia, queda demostrada esa ligación del pueblo zoela a la producción de lino que está corroborada en este yacimiento, tanto por la toponimia de su localización como por los restos arqueológicos hallados.



Imagen del Povoado do Cramanchão.
A. Terras Quentes

Este núcleo poblacional se encuadra dentro del territorio del pueblo prerromano de los zoelas, concretamente estaría al sur de lo que actualmente se considera que fue el área habitada por esta etnia de los astures y posee tres fases de ocupación: una en la Edad del Hierro y dos posteriores ya en el periodo romano (siglos II y IV d.C.). Desgraciadamente, antes de las excavaciones arqueológicas desarrolladas por la *Associação de Defesa do Património*

Arqueológico “Terras Quentes” este poblado sufrió una intervención, sin la correspondiente metodología arqueológica, que condicionó el desarrollo de las posteriores campañas.

Como ya se ha señalado, las excavaciones arqueológicas desarrolladas en el poblado romanizado de *Cramanchão* durante el período temporal 2003-2006 corroboran la importancia de la cultura del lino en este núcleo poblacional a través del gran volumen de material arqueológico hallado relacionado con esta plantación y su consecuente actividad textil.

Concretando en las campañas de los años 2005 y 2006, en los trabajos llevados a cabo en los sectores A y C, fueron hallados un total de diecisiete pesos de telar elaborados en piedra, dos pesos de telar fabricados en cerámica y una fusayola también de piedra. Parte de esos materiales encontrados se pueden visualizar expuestos en las vitrinas del *Museo Municipal de Arqueología Coronel Albino Pereira de Macedo de Cavaleiros* junto con el resto de piezas halladas en campañas anteriores.



Pesos de telar y fusayola encontrados en Cramanchão.
A. Terras Quentes

Además, en este poblado, a lo largo de sus diferentes intervenciones se han encontrado otra serie de materiales singulares de su vida cotidiana como son utensilios para moler el cereal, recipientes de almacenamiento o fragmentos de materiales de construcción. Pero también cabe destacar el hallazgo singular de una moneda de bronce de Augusto (27-23 a.C.) en cuyo anverso posee el busto descubierto del emperador mirando a la izquierda con una palma delante y un caduceo detrás, mientras que en el reverso aparece, sin leyenda, una caetra (símbolo correspondiente a un escudo redondo atribuido a los pueblos indígenas del norte de la Península Ibérica desde la Edad del Bronce). Esta moneda presenta un gran simbolismo porque está encuadrada en la fase de conquista del noroeste peninsular por parte de Roma y era un elemento que servía precisamente para el pago de sus tropas.

En los últimos años, los yacimientos arqueológicos de Pintia y de *Cramanchão* han sido víctimas de la destrucción que, por desgracia, afecta a muchos de estos bienes patrimoniales tanto de España como de Portugal.

En enero de 2024, la zona arqueológica de Pintia fue gravemente alterada por la acción de un dos excavadoras que realizaron una zanja de gran profundidad para instalar una tubería destruyendo más de 1200 metros cúbicos del yacimiento. La rápida actuación de los responsables de Pintia, perteneciente a la Universidad de Valladolid, mediante la denuncia pública de los hechos posibilitó que rápidamente la población conociera este atentado patrimonial rápidamente y que la Junta de Castilla y León anunciara que se iba a personar en la denuncia contra el responsable.

También a inicios del año 2024, el *Povoado do Cramanchão* fue gravemente dañado con la realización de diferentes zanjas a lo largo de toda su ubicación. Estos lamentables hechos igualmente fueron puestos en conocimiento de las autoridades responsables de la salvaguarda del patrimonio portugués por parte de la Associação de Defesa do Património Arqueológico “Terras Quentes”.



Zanjas en Pintia y Cramanchão, 2024.

Imágenes de “El País” y de la Associação de Defesa do Património Arqueológico “Terras Quentes”

Las destrucciones tanto de Pintia como de *Cramanchão* se encuentran actualmente en fase de investigación. En ambos casos, los responsables de las mismas han aludido al desconocimiento de las leyes de defensa del patrimonio para intentar justificar su procedimiento y eludir de esta manera la acción de la justicia.

A lo largo de estas líneas se ha profundizado sobre los conocimientos existentes sobre los zoelas y los vacceos dejando claro que, a pesar de toda la información existente en la actualidad sobre estos dos pueblos prerromanos, aún se necesita profundizar más en su estudio para poder ampliar los conocimientos. Por este motivo es fundamental luchar para que no se produzcan más destrucciones como las sufridas recientemente en *Cramanchão* o en Pintia y exigir a las autoridades competentes de ambos países que aumenten los esfuerzos para vigilar la integridad de los yacimientos arqueológicos e invertir más en concienciar a toda la población en la necesidad de apreciar, respetar y defender el patrimonio arqueológico.

BIBLIOGRAFÍA

- Alarcão, J.,** (1998) – *O domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Mem Martins. Europa América (Fórum História). 1998.
- Alarcão, J.,** (1990) – *A Conquista do Território In, Alarcão, J de Coord. Portugal das origens á romanização*. Nova História de Portugal, I. Lisboa.
- Arranz Gozalo, A. M.,** (2006) – *El poblado de Cramanchão, campaña 2005*. Caderno Terras Quentes nº 3. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Arranz Gozalo, A. M., y Mendes Santos, C. A.,** (2007) – *O resultado da campanha 2006 e alguma algumas reflexões sobre o povoado do Cramanchão, Freguesia dos Cortiços*. Caderno Terras Quentes nº 4. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Arranz Gozalo, A. M.,** (2024) – *La cultura del lino en el territorio de los zoelas*. Caderno Terras Quentes nº 20. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”,** (2017) – *Cadernos Terras Quentes nº 14*. 50 séculos de História de Macedo de Cavaleiros.
- Barandiarán, I., Martí, B., Rincón, M^a A. y Maya, J.L.,** (2007) – *La Prehistoria de la Península Ibérica*. Ariel Historia.
- Delibes de Castro, G. y Herrán Martínez, J.I.,** (2007) – *La Prehistoria*. Diputación de Valladolid.
- García y Bellido, A.** (1993) – *España y los españoles hace 1000 años según la “Geografía” de Estrabón*. Espasa Calpe.
- Guerra, Amílcar** (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Edições Colibri, Lisboa.
- Hernández Guerra, F. y Jiménez de Furundarena, A.,** (2013) – *Vacceos. Historia y romanización de un pueblo prerromano del Valle del Duero*. Universidad de Valladolid.
- Hernández Guerra, F.,** (2002) – *Indigenismo y romanización*. Diputación de Valladolid.
- Juan Eiroa, J.,** (2000) – *Nociones de Prehistoria general*. Ariel Historia.
- Mendes Santos, C. A.,** (2005) – *Povoado do Bovinho, resultados preliminares da campanha 1/2003*. Caderno Terras Quentes nº 2. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Mendes Santos, C. A.,** (2006) – *Povoado Mineiro do Bovinho, Freguesia de Edroso. Resultados preliminares da campanha 2/2005*. Caderno Terras Quentes nº 2. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Montenegro A., Blázquez J. M^a. y Solana J. M^a.,** (1986) – *España Romana*. Editorial Gredos.
- Lemos, F. S.,** (1993) – *Povoamento romano de Tras-os-Montes Oriental*. Vol. II-III. Universidade do Minho, Braga. 1993.
- Pintia Vaccea,** Centro de Estudios Federico Wattenberg (Universidad de Valladolid), página web.
- Romero Carnicero, F. y Sanz Mínguez, C.,** (2010) – *De la Región Vaccea a la Arqueología Vaccea*. Centro de Estudios Vacceos “Federico Wattenberg” de la Universidad de Valladolid.
- Sanz Mínguez, C. y Velasco Vázquez, J.,** (2003) – *Pintia, un oppidum en los confines orientales de la región vaccea*. Universidad de Valladolid.
- Tereso Vicente, J. P., Barranhão, Helena e Resende, Joana.,** (2003) – *O povoado do Cramanchão (Cortiços, Macedo de Cavaleiros): Resultados e reflexões após a 1ª campanha (2003)*. Caderno Terras Quentes nº 2. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Tereso Vicente, J. P., Barranhão, Helena.,** (2006) – *A Terronha de Pinhovelo na ciuitas zoelarum: primeira síntese*. Caderno Terras Quentes nº 3. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.
- Tereso Vicente, J. P.,** (2009) – *Estudo paleoetnobotânico das estruturas arqueológicas do povoado romano da Terronha de Pinhovelo (Macedo de Cavaleiros)*. Caderno Terras Quentes nº 9. Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.

τφ



Da (I) Pedra ao Papel Higiénico

- Focando sobretudo o Período entre a Idade Clássica (Século XIV, a.C. – Período Homérico) e o Século XXI – ou seja 35 séculos de Evolução

Da (I) Pedra ao Papel Higiénico – Focando sobretudo o Período entre a Idade Clássica (Século XIV, a.C. – Período Homérico) e o Século XXI – ou seja 35 séculos de Evolução

*Carlos Alberto Santos Mendes

**Luís Manuel Santos Mendes

***Miguel Sanches Baêna

Por certo poderíamos recuar muitos milénios, talvez mesmo até ao aparecimento do Homo Sapiens, Sapiens Sapiens, Neanderthal ou Denisovanos, pois, teríamos que atender às necessidades fisiológicas desde o “Ardi” – Ardipithecus Ramidus com 4,4 milhões de anos, ou da sua prima mais nova, a “Lucy” “considerada a mãe da humanidade” quando desceram da árvore, o Ardi mais a Norte e a Lucy, no deserto de Hadar, ambos na Etiópia, para saber como fariam a limpeza do ânus após efectuarem a descarga fisiológica?

Há poucos registos arqueológicos, antropológicos, iconográficos e muito menos escritos, como é evidente, mas, que todos se aliviavam, podemos ter a certeza, (pelo menos anatomicamente assim parece, como em todo o reino animal, seja racional ou irracional). Nessa altura estávamos muito longe da descoberta/utilização do papel (higiénico) para essa finalidade, mas estamos convencidos que não andaremos muito longe do que ainda era hábito ainda em meados do século XX no nosso país (e não só), em determinadas povoações, menos favorecidas, não por experiência própria, mas por informação de terceira pessoa: A “pedra”.

* <https://orcid.org/-0000-0002-1248-6461> – Mestre em História Regional e Local pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em História variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro da Uniarq (Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa). Director dos Cadernos “Terras Quentes”, sócio fundador, investigador e Presidente da Direcção da Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.

** Licenciado em Psicologia pelo ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada). Membro da Cegoc-Tea sede em Paris e *managing partner* da Cegoc Portugal, responsável pelo departamento de cursos abertos e consultor sénior em áreas como gestão de Recurso Humanos, formação, desenvolvimento pessoal e liderança.

*** Doutorado em História, Investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa e investigador e Vice-Presidente da Associação Terras Quentes. Perito em História Militar. Membro do Observatório de Segurança, criminalidade organizada e terrorismo. Diplomata de carreira na disponibilidade de serviço. Conselheiro técnico para a parte histórica de vários filmes notáveis; a exemplo” Non, ou A Vã Glória de Mandar” de Manuel de Oliveira, 1990, *Braveheart* realizado por Mel Gibson, 1995, Linhas de Wellington, 2012 (produção Franco/Portuguesa de Raoul Ruiz). Autor de vasta obra publicada.

Os dados existentes para esta temática são, como é óbvio, muito escassos, quem se iria lembrar de escrever um artigo de como se limpou o ânus, através dos tempos. Sempre nos preocupámos com a nossa higiene pessoal completa, como a vestimenta ou outros aspectos, mas, pouco ou nunca num elemento tão básico e inegavelmente com processos e métodos que se foram diferenciando de período para período.

Assim sendo, iremos analisar o “fenómeno” dentro de cada período cronológico, nos quais encontrámos alguma informação.

Introdução

A origem da palavra “higiene” provém da Deusa grega, Hígia, relacionada com a saúde, limpeza, sanidade e higiene. Epíone (Deusa da suavidade da dor) está ligada ao Deus Grego da Medicina, Asclépio, (seu marido) este, mais adossado à cura. Hígia, filha de Epíone e de Asclépio, tinha o seu equivalente, no panteão Romano, era Salus. Epíone e o seu marido Asclépio são considerados os protectores da Medicina e dos Farmacêuticos.



Bastão de Asclépio

Os atributos de Asclépio eram a serpente enrolada num bastão. O caduceu, que mais tarde se transformou no símbolo da medicina. A(s) serpente(s) era(m) consagrada(s) a Asclépio, provavelmente devido à superstição de que aqueles animais têm a faculdade de readquirir a juventude, mudando de pele. Também são a sua epifania – a inspiração divina – e está presente no espírito dos médicos e profissionais de saúde, estimulando um conhecimento do corpo humano e também das ervas e drogas.

Os cuidados com a higiene corporal, no decorrer dos tempos teve avanços e retrocesso até chegarmos aos dias de hoje, tendo muito que ver com o entendimento clínico, que a época sugeria. Um dos períodos mais negros vamos encontra-lo na Idade Média, onde por sugestão clínica, dessa época, não se devia tomar banho, pois a água (quente ou fria) fazia abrir os poros o que se tornava perigoso, pois poderiam (por aí) entrar doenças no corpo. Esse hábito veio a alterar-se somente no Renascimento, onde era quase obrigatório tomar banho. Mas, tanto gregos como romanos, eram apaixonados pelos banhos (públicos), serve-nos de exemplo os imensos registos arqueológicos que nos deixaram. Os romanos mais abastados tinham o luxo de ter água corrente nos seus palácios e vilas, alimentada por canos de chumbo ligados a aquedutos. Os sofisticados sistemas de encanamento também abasteciam as “*fullonicas*”, ou lavandarias.

Mas, comecemos pela **Idade do Bronze**.

Claro está, não temos elementos que nos permitam individualizar dentro da Idade Bronze, as divisões (cronologias) que habitualmente utilizamos. por exemplo; o Bronze Inicial, Médio e Final, até porque a décalage temporal é enorme entre Portugal e, por exemplo, o Próximo Oriente. Todavia os registos (peças) que temos em exposição no Museu de Arqueologia, Coronel Albino Pereira Lopo em Macedo de Cavaleiros, atestam de sobremaneira os cuidados higiénico e de embelezamento pessoal que fomos encontrar na Idade do Bronze, sobretudo, médio e final em Macedo de Cavaleiros.

Assim, encontramos em exposição na sala de Pré-História, a maior coleção de agulhas, existentes em Portugal, encontradas no arqueossítios das “Fraga dos Corvos” em Macedo de Cavaleiros

Um exemplar de agulha em bronze:



Também em contexto Romano no arqueossítio da “Terronha de Pinhovelo” exumámos uma agulha, mas esta, em ferro, como se pode apreciar no Museu de Arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo, em Macedo de Cavaleiros.

Exemplar de agulha em contexto seguro Romano:



Mas, muitos outros exemplos de apetrechos de higiene pessoal e cuidados no tratamento do vestuário e do corpo fomos encontrar nesse arqueossítio da Fraga dos Corvos da Idade do Bronze em Macedo de Cavaleiros.

Um exemplar de alfinete:



Um exemplar de pinça:



Um exemplar de Espátula de cosmética:



Por fim, um fragmento de lâmina, porventura utilizado para raspar o corpo. Quando foi exumada, não houve oportunidade (de fazer uma análise) afim se saber se seria utilizada, para raspar o corpo ou qualquer outra limpeza da parte mais íntima, como existem exemplos da utilização deste tipo lâminas para limpar o ânus.



Fragmento de lâmina em bronze

Encontramos [BMJ 2012; 345: e 8287] elementos que demonstram como se faria a raspagem da “sujeira” e suor do corpo. Com o óleo devidamente espalhado, o estágio final do ritual envolvia a raspagem da substância usando um instrumento de bronze conhecido como estrígil. Na foto, pode observar um conjunto completo com um frasco de óleo.



A esfoliação do corpo era efectuada no banho, um ritual diário, para os romanos e para os Gregos. Os romanos usavam uma combinação de argila, areia e pedra-pomes para se limparem, com uma generosa camada de azeite de oliva em seguida.

Período Clássico – Grécia Antiga/Romano: (332 a.C. até 642 d.C.)

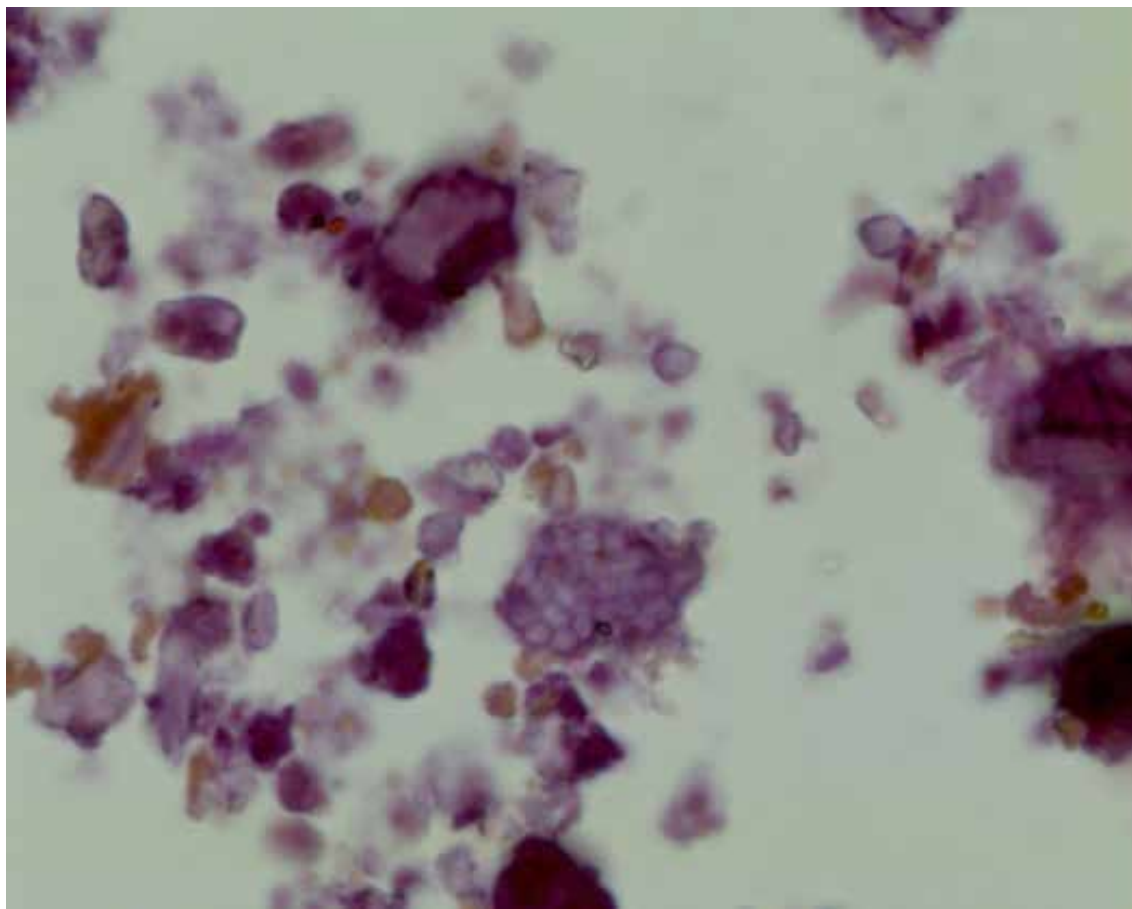
Durante o período greco-romano, uma esponja fixada a uma vara (tersorium) era utilizada para limpar as nádegas após a defecação. A esponja era então colocada num balde cheio de água salgada ou água com vinagre, para que o próximo utilizador pudesse utilizá-la.



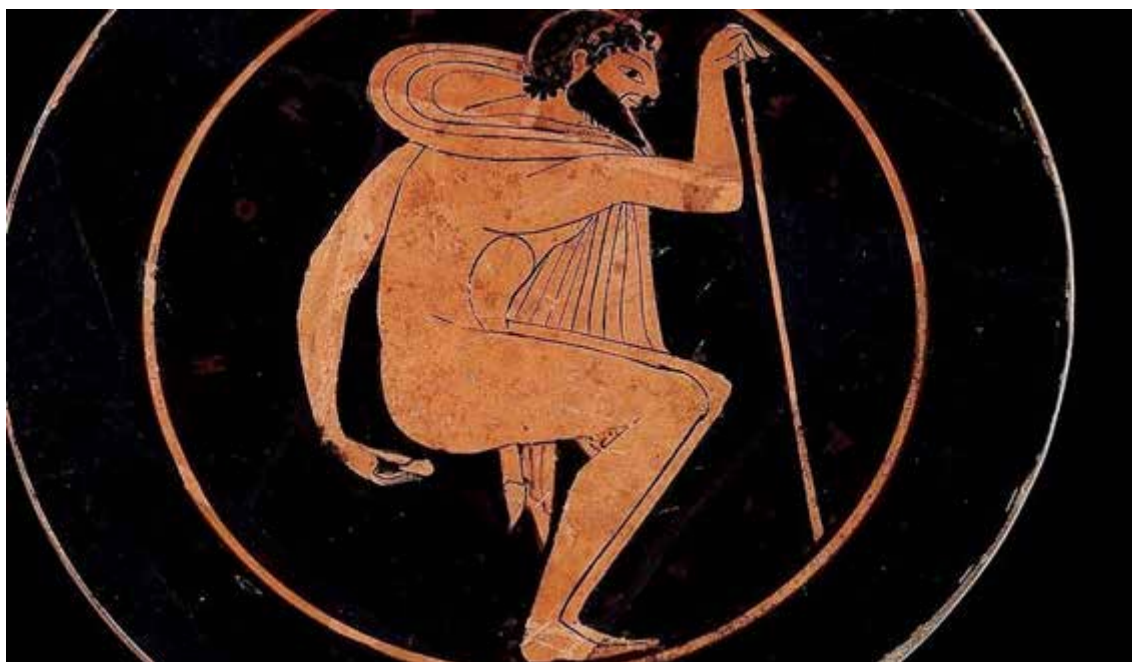
Exemplos em fragmentos em terracota de “Pessoi” (provavelmente de ânfora) encontrados em latrinas romanas datadas do século II d.C. O um à esquerda vem de Utica (Sicília), tem um diâmetro de 4,7 cm, uma espessura de 1,7 cm, e foi recortado como um octógono.

O pessoi da direita foi encontrado em Gortyn (Creta) e tem um diâmetro de 6 cm e uma espessura de 1,3 cm, “*In*, <https://www.bmj.com/content/345/bmj.e8287>”

Nota do autor: Talvez tenha vindo deste hábito a expressão, “bem Portuguesa” – “Estou aflito para arriar o calhau”.



Vista microscópica dos excrementos solidificados e parcialmente mineralizados na face não limpa dos pessos de Gortyn (coloração HES, ampliação $\times 1000$),
"In, BMJ 2012; 345: e 8287"



Iconografia de um prato, em cerâmica, grego. – O que usavam os gregos antes do papel higiênico? Os gregos antigos usavam fragmentos de cerâmica, ou uma simples pedra, como parece ser o caso
"in, [https:// www.bmj.com/content/ bmj/345/bmj.e8287.full](https://www.bmj.com/content/bmj/345/bmj.e8287.full).

Nota deste autor: As características abrasivas da cerâmica sugerem que o uso prolongado de “pessoi” podia ter como resultado uma irritação local, danos na pele ou nas mucosas, ou complicações das hemorroidas externas. Talvez esta descrição grosseira e satírica de Horácio no seu oitavo epodo (século I a.C.) — “um asno no centro de nádegas secas e velhas imitando as de uma vaca a defecar” — se refira a complicações decorrentes dessa irritação anal.

Texto completo do oitavo epodo [Fernández-Galiano p 409];

“Que preguntes tu, podrida hace un siglo,
por que se enervan mis fuerzas,
con tus dientes negros y tu frente arada
por la edad y tus secas nalgas
entre las que el cola deforme bosteza
de una vaca indigestada!
!Ah, quiza me inciten tu pecho, tus tetas
fofas como ubres de burra,
tu vientre blandengue, tus muslos canijos
sobre hinchadas pantorrillas!
!Bien, bien, se feliz, efigies triunfales
te acompanen en tu entierro!
!Ninguna matrona pasee luciendo
perlas mas redondas! .Que?
.Los libros estoicos entre tus cojines
sericos calentaran
acaso mis miembros incultos y menos
flojo haran que este mi miembro?
Si quieres que en mi ingle desdenosa se alce,
trabajame con la boca”.

Nota: Quinto Horácio Flaco, (65 a.C. - 8 a.C.) . Foi um filósofo e um dos maiores poetas (lírico e satírico) da Roma Antiga.

Mas, a sofisticação na Grécia antiga ia mais longe. Era hábito utilizar-se também para a limpeza do ânus discos redondos, ligeiramente côncavos e, por norma, com um buraco no centro. Ali se escrevia o nome do seu pior inimigo, (qual seria a razão). Estes discos denominavam-se “Ostrava”.

Os Atenienses tinham por hábito no século VI a.C. de realizarem uma reunião anual com os cidadãos, para deportar da cidade por um período de uma década todo o cidadão que pudesse subverter a democracia e tomar o poder político da cidade. Todavia havia regras “democráticas” para se efectuar essa expulsão. Era necessário o mínimo de 6.000 votos para ostracizar esse pessoa. O voto expressava-se, com uma peça chamada Ostraka. Nessa peça escrevia-se o nome da pessoa que se pretendia expulsar da Urbe, conforme figuras que se seguem.



Disco redondos em cerâmica, denominados Ostrava (Concha em Português) era escrito o nome do individuo que se pretendia expulsar. *In*, BMJ 2012; 345: e 8287”

Estas peças foram encontradas em várias regiões do Oriente Próximo, por exemplo nas cidades Israelitas de Massada (em hebraico: מטצדא, prenuncia-se Metzada), Samaria, em vários locais do Egito, como Dura Europo; Ma Líbia em Jeerba e na Tunísia em Cartago, mas, a maior quantidade foi encontrada na Palestina no sítio de Tel Duvier onde se exumou 21 peças Ostrava?/Ostraka? que foram datados do século VI a.C.

Como se verifica, a existência destas “Ostrakas” (também eram conhecidas por outros nomes exp. Ostraka; Ostrakon; Ostracophoria; Ostracos) estendiam-se por todo o próximo Oriente e não só para a utilização do hábito Ateniense de ostracizar alguém.

Todavia a utilização destas peças, as “Ostravas” tinham outra utilidade, como nos chama a atenção o filósofo Grego Aristófanes, entre outros. Isto pelo facto, que a democracia tinham nascido na Grécia e em lugares como aqueles que nos referimos acima os hábitos da vida em sociedade seriam diferentes.

Na peça de teatro de Aristófanes (considerado o maior comediante da Grécia antiga) “A Paz” está plasmado num dos diálogos entre o Traficante de armas e Trigeo, à utilização com fins de higiene sanitária (limpar a ânus) com as Ostravas. O diálogo é o que se segue: ...

TRIGEO – Vá para o inferno com as suas plumas: têm cerdas flácidas; Não valem alguma coisa. Não te vou dar um figo por todos eles.

TRAFICANTE DE ARMAS – E esta couraça, avaliada em dez minas e trabalhada com tanto cuidado. O que vou fazer com ela? Pobre de mim!

TRIGEO – Nenhum mal lhe acontecerá; Dê-mo pelo seu preço: Será uma bacia muito elegante.

O TRAFICANTES DE ARMAS – Não goze comigo e com os meus bens.

TRIGEO – Com ela... e três boas pedras..., certo? teremos o que é necessário para cagar? (*Ipsis Verbis*).

O TRAFICANTE DE ARMAS – Mas como é que te vais limpar, seu imbecil?

TRIGEO – Perfeitamente. Olha, passo a mão pela abertura da Ostrava, e o outro...

O TRAFICANTE DE ARMAS – O quê! Com as duas mãos?

TRIGEO – Claro, para que não me acusem de defraudar o Estado. tapando os buracos dos remos do trirreme¹².

O TRAFICANTE DE ARMAS – E atreve-se a usar uma bacia de mil dracmas?

TRIGEO – Quem duvida, miserável? Acha que por dez mil venderia o meu rabo?

O TRAFICANTE DE ARMAS – Bem, então aqui está o dinheiro.

TRIGEO – Oh, meu Deus, peço desculpa; Mas a sua armadura destrói a minha nádegas. Leve-o; Não posso comprar-lhe isso.

Todavia em tempos da antiguidade clássica eram também, utilizada uma peça denominada “Tersório ou Xilospôngio” que era composto com um bastão e na sua ponta era colocada uma esponja, que, por norma, era colocado num banheiro comunitário dentro de um balde com água e vinagre, para ser limpo entre duas utilizações.

12 Alusão aos trierarcas, que ordenaram o fecho de vários buracos nos navios para beneficiar do salário dos remadores correspondentes, suprimidos. Trierarca era um cidadão que era obrigado a pagar a manutenção e armamento do navio, o que implicava ser pessoas de largas posses.



Uma latrina Romana construída em Pedra por volta de 124 d.C., na Província Romana da Britânia. Nota-se, todos os presentes utilizam o “Tersório” Bastão com esponja na ponta, também chamado de “Xilospôngio”.
In, BMJ 2012; 345: e 8287”

Para terminar este período referiremos que no Japão no século VIII, utilizavam um bastão em madeira a que davam o nome de “chuugi” para limpar a parte externa e interna do ânus.

Idade Média

Vamos começar pela Alta Idade Média pelo século VI d.C. e mergulhar na História da China. Assim:

Os primeiros escritores chineses, entre os quais Yan Shitui, menciona que o papel higiênico começa a ser usado por volta do ano de 589 a.C.

Por volta do ano 851.a.C., sabe-se que um viajante muçulmano, ao viajar pela china, referiu que na higiene das pessoas, se utilizava o papel em vez da água, como mais à frente aludiremos.

Citando a página 123 do Vol.1 de [NEEDHAM], retirámos;

“A utilização de papel para fins de higiene deve ter sido praticada até ao 1º dia do Século VI. Embora as fontes chinesas sejam geralmente omissas sobre o uso do papel para limpar o corpo após a eliminação, uma referência datada já no século VI refere-se à proibição do uso de papel com caracteres para tais propósitos”.

“Na verdade, o conceituado académico-funcionário Chinês, Yen Chih-Thui (53-1 -9) disse nas suas instruções familiares, escritas por volta de 589, ‘Papel em que há citações ou comentários de Cinco Clássicos ou nomes de sábios, não me atrevo a usá-lo para fins higiénicos.

Fins’,c, um antigo viajante árabe à China, que foi obrigado pela sua religião a realizar banhos purificadores, comentou curiosamente esta utilização do papel.

No seu relatório de 1851, diz: *“Eles (os chineses) não se preocupam com a limpeza e não se lavam com água depois de fazerem as suas necessidades; mas só se limpam com papel”.*

O papel higiénico (tshao chih) era feito de palha de arroz, cujas fibras, eram macias, e exigia menos tempo e trabalho para ser processado; portanto custava menos que qualquer outro tipo de papel. Grandes quantidades deste papel eram necessárias para o uso diário e para apenas na corte imperial, como foi especificado em 1393 pelos serviços administrativos Imperiais. Segundo o historiador Pao Chao Su, fabricavam-se 720.000 folhas de papel, de dois por três pés (60,69 cm x 91,44 cm) de tamanho, para uso geral do tribunal e 15.000 folhas, três polegadas quadradas (19,35cm²), era de cor amarela claro, feito de fibras de bambu misturadas com palha de arroz. Durante os tempos modernos, a mesma matéria-prima continuou a ser utilizada, sendo que o papel de embrulho representava mais de vinte por cento da produção total.

A utilização de papel para fins de higiene deve ter sido praticada até ao Século VI. Embora as fontes chinesas sejam geralmente omissas sobre o uso do papel para limpar o corpo, após a eliminação, numa referência datada ainda no século VI alude-se à proibição do uso de papel com “caracteres” para tal fim, ou seja, para limpar o ânus.

Provavelmente, antes do séculos VI d.C. os chineses, também utilizavam a peça a que chamavam “o bastão da higiene” (衛生棒), ou “bastão sanitário” (竹箴) ou ainda outros instrumentos chamados salaka, cechou e chugi, encontrados em latrinas em Xuanquanzhi, uma antiga base militar da Dinastia Han, na China, que existia ao longo da Rota da Seda. Eram peças de bambu e outras madeiras, que pareciam espátulas. As pontas estavam enroladas em pano e continham vestígios de matéria fecal preservada.



Peça igual ao que encontrámos na Idade clássica a que davam o nome de Tersório”

Antes de aparecer este bastão outros existiram que tinham na ponta não uma esponja, mas, uma ponta embrulhada num tecido.

Pode-se assim considerar que os chineses foram os pioneiros no uso do papel para a higiene pessoal, entenda-se para limpar o ânus. No entanto, a produção em massa de papel higiênico, será mais muito mais à frente como iremos comprovar.

Na Idade Média, no Ocidente, manter-se limpo não era bom, Os cristãos consideravam que lavar a sujidade era pernicioso à saúde porque se abriam os poros pelos quais poderiam entrar doenças. Mesmo líderes religiosos influentes, como, fundador do movimento metodista, John Wesley não ajudaram a promover a higiene pessoal. Embora Wesley tenha popularizado a frase “a limpeza está próxima da piedade”, ele referia-se principalmente à limpeza das roupas e não à prática de lavar o corpo regularmente. Assim, a ênfase estava mais em manter as roupas limpas do que em enxaguar a sujidade do corpo. Durante a peste negra que assolou a Europa entre 1346 e 1353 e que matou cerca de 50% da população europeia, desencorajava-se as pessoas a lavarem-se para não contraírem a doença, usando-se sempre o mesmo argumento, “a abertura dos poros”.

Latrinas nos castelos medievais

Os sanitários de um castelo medieval eram, de modo geral, construídos nas muralhas, para se projetavam para o exterior e os dejetos caíam no fosso do castelo ou diretamente para um rio, como no caso das latrinas de uma das grandes salas de pedra no Castelo Chepstow em Gales, (na imagem) com início da construção no século XI.



Orifício de despejo

In, <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1239/sanitarios-em--um-castelo-medieval/>
#:~: text= Praticamente%2C%20privacidade%20externa%20das%20muralhas.

Por exemplo na Torre de Londres o assento da retrete era constituído por uma tábua de madeira cobrindo a abertura na pedra. A madeira era em geral cortada com uma abertura circular. Feno, relva ou mesmo musgo eram usados como papel higiênico. Febre da privada é relacionada pelos escritores médicos medievais, embora indiretamente. Jocelin de Brakelond, um monge inglês, no século XII, relatou a história de que um incêndio quase destruiu a Abadia de Bury St. Edmonds, quando uma vela ficou acesa perigosamente próxima ao feno em uma das privadas da abadia.



Retrete da Torre de Londres,
In, <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1239/sanitarios-em-um-castelo-medieval/>
#: ~:text= Praticamente%2C%20privacidade%20externa %20das%20muralhas

Idade Moderna (1453/1789)

Já em pleno Renascimento, (1522) foi sentida a necessidade de se promover mais conforto nas habitações, não nas habitações rurais, por norma mais pobres, mas, sobretudo nos Paços e Palácios, diz-nos Mattoso, a p. 35; *“Regressemos as latrinas, as que foram objecto de investimento público... No Porto havia pelo menos duas latrinas públicas, na Praça da Ribeira uma das quais estrategicamente situadas em cima da muralha. A dificuldade em optar entre a inegável utilidade e o fedor explica que o governo municipal portuense*

vacilasse entre a sua destruição ou a sua manutenção. Poucos eram os municípios que assumiam a responsabilidade da existência desta valência comunitária, mas uma vez mais no Porto sabe-se que as necessidades fisiológicas dos detidos eram satisfeitas a céu aberto, num beco. Em Coimbra a Câmara proíbe que os vizinhos “façam os seus feitos” na rua, com a exceção dos menores de quatro anos”.

No Paço Ducal de Guimarães

Continuando com José Mattoso, refere-se, na obra citada na bibliografia, que houve uma grande remodelação nas latrinas (ou privadas) no Paço Ducal de Guimarães, construído no século XV, aqui existia já um refinado sistema de esgotos que aproveitava as águas da chuva, o que indicia um maior conforto e outras exigências sanitárias neste Paço.

O Coche Real

Em 1619 o Rei D. Filipe II, deslocou-se a Portugal. Viajou num coche fabricado em Espanha, com característica curiosas: Retirámos a informação do site do museu Nacional dos Coches, que nos diz; O interior está forrado a veludo cinzelado vermelho sobre fundo amarelo. Sob as almofadas dos assentos esconde-se um sistema de evacuação (sanita) útil num veículo destinado a longas viagens.



Coche do Rei Filipe II, 1619. *In*, <http://museudoscoces.gov.pt/pt/coche-de-filipe-ii>

Na vida a bordo na época dos Descobrimentos

Os tripulantes precisavam conter sua repugnância diante dos companheiros de viagem, que arrotavam, vomitavam, soltavam ventos e escarravam perto dos que comiam sua escassa refeição. Não havia instalações sanitárias a bordo. Eles faziam as necessidades debruçando-se no costado da nau, na “borda falsa” – (*Bulwark*) do navio, voltados para o mar. Alguns caíam enquanto buscavam alívio e nunca mais eram vistos. Aqueles que podiam, valiam-se de bacios, cujo conteúdo fétido era depois despejado em qualquer canto. Havia variantes de lugar para fazerem o “serviço” no Gurupés, trave que ficava por cima da figura da proa da Nau, mas aí, talvez fosse mais perigoso. Não havendo estatísticas, crê-se que o número de mortos (desaparecidos na água do mar), fosse superior.



Idade Contemporânea – até aos dias de hoje

O livro de Rabelais retrata a vida de Gargântua e de Pantagrue, que fala das aventuras destes dois gigantes, Gargântua (rei dos Dispsodos) e seu filho Pantagrue. O texto é escrito século XVI (França) em tom extravagante e satírico, e apresenta muita crueza, humor negro e violência (listas de insultos explícitos ou vulgares preenchem vários capítulos).

Será pois, François Rabelais, que na sua obra “Gargantua and Pantagrue”, faz a primeira (c.1550) menção negativa ao uso do papel higiénico.

Na página 17 da sua obra lá encontramos várias menções ao assunto, a exemplo:

- Who his foul tail with paper wipes, Shall at his bollocks leave some chips.

Tradução:

- Quem lhe limpa o rabo sujo com papel, Deixará algumas lascas nos seus testículos.

A ROUNDELAY

In shitting yesterday I did know
 The sess I to my arse did owe:
 The smell was such came from that slunk,
 That I was with it all bestunk:
 had but then some biavc Signor
 Brought her to me I waited for,
 In shitting!
 I would have cleft her water-gap,
 And join'cl it close to my flip-flap,
 Whilst she had with her fingers guarded
 My foul nockandrow, all bemedded
 In shitting.

Tradução:

UMA RONDA

Cagando ontem eu sabia
 A sessão que fiz para o meu rabo:
 O cheiro era tão forte que vinha daquele cano furtivo,
 Que eu estava com tudo isto melhorado:
 tinha, mas então algum (biavc?) Senhor
 Trouxe-a para mim, esperava eu,
 Na merda! teria aberto a sua fenda de água,
 E juntei-o perto da minha aba do dedo,
 Enquanto ela tinha com os dedos guardados
 Meu rabo imundo, todo envolto em mistério
 Em cagar.

Na página 12 encontramos um provérbio sugestivo:

“To a shitten tail fails never ordure,”

Tradução:

“Para um rabo de merda nunca faltam excrementos,”

Mas, Rabelais dá-nos mais informações de formas como se procedei à limpeza do Ânus, na página 18 lê-se:

Depois disso; ... limpou-me com **salva**, com **funcho**, com **manjerona**, com **rosas**, com **folhas de cabaça**, com **beterraba**, com **folhas de videira**, com **malvas**, lâmina **de lã**, com **alface** e com **espinafres**, depois com **mercúrio**, com **beldroegas**, com **urtigas**, o que me deu o fluxo sangrento da Lombardia, que curei limpando-me com a minha braguette (mosca). Então limpei o meu rabo nos lençóis, na **colcha**, nas cortinas, com almofada, com um **tapete verde**, com uma **toalha de mesa**, com um **guardanapo**, com um **lenço**; em tudo o que encontrei mais prazer do que os cães sarnentos quando os esfrega. Eu limpei-me com **feno**, com **palha**, com **juncos**, com **linho**, com **lã**, com **papel**, **mas**, quem lhe limpa o rabo sujo com papel, deixará algumas farpas nos seus testículos. Não há necessidade de limpar o rabo, disse Gargântua, mas quando está sujo; sujo não pode ser, a não ser que alguém tenha sido esquiador.

Uma mosca é uma peça de vestuário que cobre os órgãos genitais.



Modelos de braguette (moscas) metálicas; Wikipédia



In, Gargântua and Pantagruel

Ao longo da história, para além das técnicas, métodos e peças a que já nos referimos, os povos antigos usaram outros materiais, como exemplo a água, folhagem, ervas, peles de animais, conchas, dedos, com tudo o que estivesse à mão como vimos atrás.

Por outro lado, os mais antigos, por certo, ainda se lembram do pregão “Lá vai água” ou “água vai” muito utilizado pelas ruas dos grandes centros do nosso país e que era audível ainda em meados do século XX, o que recomendava, procurar abrigo. Se bem que, a autarquia lisboeta, tenha proibido esse hábito por edital de 1 de abril de 1818. [Fernandes, p113]; Oficiava assim o edital com as seguintes penalizações pecuniárias:

1. Lançar das janelas corpos sólidos de dia ou de noite.	12\$000
2. Ditos de dentro das portas	6\$000
3. Imundícies ascorosas de dia	10\$000
4. De noite a qualquer hora, ainda que, com vozes de anúncio	5\$000
5. Águas imundas de dia	8\$000
6. De noite a qualquer hora, ainda que, com vozes de anúncio	4\$000
7. Lixos das casas, ou restos de fruta ou hortaliças de dia	4\$000
8. De noite ainda sobre os passeios, ainda com anúncio	2\$000
9. Água limpa das janelas de dia e sobre os passeios	2\$000
10. De noite, posto que com voz de anúncio	5\$000

N.B.: Ficam livre aos moradores, que não tiverem despejos próprios, de descer à rua, depois das dez horas e vazar as imundices, lixos, e restos de hortaliças e fruta fora dos passeios, para serem retiradas pelos carros de limpeza.

Os mais antigos ainda se lembram, em meados do século XX em Lisboa, era hábito defecar-se em casa em cima de folha de papel de jornal no qual depois se embrulhavam os dejectos e se atirava pela janela fora e dizia-se; “lá vai pombo”. Informação de um vivente.



In, BMJ 2012; 345: e 8287

Pela primeira vez apareceu nos hábitos da higiene íntima, em França, nos finais do século XVII o “Bidé”. Podemos apreciar no Palácio Nacional da Pena em Sintra, (século XIX) não só o bacio como a cadeira/sanita real.



Fonte: *(History) (Discover Magazine) (European Cleaning Jornal)*

Temos que considerar o papel higiénico como artigo de primeira necessidade para o “Ser Humano”. Quem não se lembra da última pandemia – O Covid 19 – e a corrida que houve aos supermercados para adquirir um bom fornecimento de pacotes de papel higiénico, fenómeno que ocorreu em todo o mundo.

Mas o papel higiênico comercializado tem a sua história a sua evolução, pois só aparece em 3 de fevereiro do ano de 1857 pela mão do Nova-Iorquino Joseph Gaytty, a comercialização deste papel, com o nome de “Papel Medicinal para o Sanitário”, que era vendido em embalagens de 500 folhas por 50 centimos. Anúncio da época:

The Greatest Necessity of the Age!

GAYETTY'S

Medicated Paper,

FOR THE WATER-CLOSET.

Read and Learn What is in Ordinary Paper.

MANY people have wooed their own destruction, physical and mental, by neglecting to pay attention to ordinary matters. Few persons would believe that a beautiful enameled card contains a quantum of arsenic, with other chemicals, which, if used to any extent, will communicate poison, and that fatally. All printing or writing papers contain either Oil of Vitriol, Chloride of Lime, Potash, Soda Ash, White Clay, Lime, Ultramine or OXALIC ACID. White paper contains either some or all of these fearful poisons, while colored papers, (excepting GAYETTY'S, which is a pearl color, and made to be as pure as snow,) embody portions of Prussiate of Potash, Bichromate of Potash, Muriatic Acid, Prussian Blue, Aqua-Fortis, Copperas, and a variety of other articles equally dangerous and pernicious, but too numerous to be catalogued in our little circular. Physicians owe it to the rising generation to caution all against touching or tasting such deleterious and death-dealing material. Printed paper, everybody knows is rank poison to tender portions of the body. Individuals would not put printers' ink in their mouths, as one of its ingredients is LAMP BLACK—yet they have no hesitation in allowing themselves and children to lay in a plentiful crop of piles—or aggravating them if they exist—by applying that ink to the tenderest part of the body corporate, if we except the eye. How much cheaper in every respect is it to use a paper made of the purest material and medicated with the greatest care. Such is GAYETTY'S MEDICATED PAPER. For sale by

J. RUSSELL SPALDING,

27 Tremont Street, Boston.

Look for the inventor's name water-marked in each sheet of the genuine, thus :

J C GAYETTY

N Y

BARTON & SON Print, 111 Fulton street.

Biblioteca do Congresso Washington

<https://www.loc.gov/programs/center-for-the-book/about-this-program>

O papel higiénico de JC Gayetty NY, era um papel higiénico feito de cânhamo puro de Manila, com babosa, considerado um produto anti-hemorroida, mas, ainda longe da perfeição, pois, era comum encontrarem lascas de madeira no papel higiénico. Somente na década dos anos 30 do século passado é que a, Northern Tissue Company anunciou um papel higiénico livre de farpas.

Por outro lado, a ideia de perfurar (individualizar) a folha do rolo de papel higiénico também teve a sua evolução. Assim a primeira vez que aparece o rolo individualizado folha a folha é patenteado em 25 de julho de 1871. Nova patente aparece registada, folha a folha, a 13 de fevereiro de 1883, mas, a patente do rolo de papel higiénico como o conhecemos hoje aparecerá somente oito anos e meio depois a 22 de dezembro de 1891. Seth Wheeler ficou, oficialmente, conhecido como o inventor do rolo de papel higiénico, tal como conhecemos hoje em dia. Será em 1942, que a empresa, “St. Andrew’s Paper Mill” lançou o primeiro papel de duas camadas.

Nos inícios do século XX chegam a Portugal os primeiros sanitários, (sanita, bidé e lavatório) conjunto que ainda hoje equipa as nossas “casas de banho”. Apresentamos uma peça que proveio do palacete, situado na rua de S. Marçal, em Lisboa pertença D. Jerónimo Sousa Sanches de Baêna (1863/1988) tio-avô do terceiro coautor deste artigo. Não deixa de ser curioso; no puxador do autoclismo está inscrita a palavra “puxar” provavelmente por ser novidade, isto é, pelo sim, pelo não, o melhor era advertir os utilizadores menos avisados a estas modernices.



Ponteira de puxador do autoclismo
anos oitenta do século XIX



Brasão dos Sanches Baêna no Palacete

Mas, também, os sanitários que bem conhecemos, para se defecar (com algumas denominação por eufemismo), encontrámos; “Sanita”; “Retrete”, “Latrina”, “vaso sanitário”, “Privada”, “Sentina”, “Dejetório” “Câmara privada”, “Quarto privado” etc. Em Inglaterra ainda encontramos outras designações como “draught” (ar encanado), “gong” (caminhada, ida), “siege-house” (casa do assento), etc., pois se não fosse eufemismo seria simplesmente “local onde se evacua” ou na expressão popular, cagadeira.

No Japão as sanitas vulgarmente chamadas washlets (ウォッシュレット, Woshuretto), nome patenteado pela marca Toto Ltd. (passe a publicidade) inclui algumas funções, dependendo do modelo. Estas sanitas (as mais sofisticadas) foram concebidas para levantar o tampo “e colocar música para relaxar” quando um utilizador se aproxima, lavam o ânus e/ou a vulva do(a) utilizador(a), inclui funções pulsantes e de massagem e, secam depois com ar morno, descarregam automaticamente e fecham o tampo quando termina a utilização e termina também a musica. Porventura já existe disponível em Portugal, talvez, não tão luxuosas e com menos funções.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Sanitas_no_Japão#/media/Ficheiro:Modern_japanese_toilet.jpg

Se relermos o texto verificamos que a utilização da água para limpar o ânus, já vem de muito longe. Mas..., pelos problemas geopolíticos (guerras com que nos deparamos actualmente, provavelmente, não estará (infelizmente) muito longe recuarmos no tempo e voltarmos á (l) pedra.

Bibliografia utilizada e/ou consultada

ABRAMSON, M; GUREVITCH, A e KOLESNITSKI N.; A História na Idade Média (a baixa Idade Média) Editorial Estampa (VAAP, Moscovo, 1976), Lisboa, 1978.

ABRAMSON, M; GUREVITCH, A e KOLESNITSKI N.; A História na Idade Média (do século XI ao Século XV) Editorial Estampa (VAAP, Moscovo, 1976), Lisboa, 1978.

ABRAMSON, M; GUREVITCH, A e KOLESNITSKI N.; A História na Idade Média (A Alta Idade Média) Editorial Estampa (VAAP, Moscovo, 1976), Lisboa, 1978.

BAÊNA, LUÍS SANCHES DE E SILVA, MARIA TERESA DE SANCHES: Memória histórica dos Sanches de Baêna, Edição dos Autores, Lisboa, 2022.

BMJ 2012; 345: e 8287 – CHARLIE, PHILIPPE (Professor assistente em medicina legal e antropólogo); **BRUN, LUC** (Patologista); **PRÊTE, CLARISSE** (investigadora); **CHARLIE-HUYNH, ISABEL** (Radiologista. Responsável pelo Departamento de Medicina Legal e Patologia, Hospital Universitário, 104 R, Poincaré Boulevard, F-92380 Garches, França; Laboratório de Ética Médica, Faculdade de Medicina, Paris, França; Departamento de Patologia, Hospital Universitário, Parakou, Benim; e **IPEL-HALMA** (Universidade de Lille 3, Villeneuve d'Ascq, França; 5Departamento de Radiologia, Hospital Universitário Pitié-Salpêtrière, Paris, França.)

CARTWRIGTH, MARK (Traduzido por José Monteiro Queiroz-Neto); Sanitários em um Castelo Medieval, publicado on-line em 7 junho de 2018 – <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1239/sanitários-em-um-castelo-medieval>

CARVALHO, SÉRGIO LUIS DE; Portugal na Idade Média, Uma viagem pelos primeiros 400 anos da nossa História; Clube do Autor, 1ª edição, Lisboa, 2020.

D'HAUCOURT, GENEVIÉVE; A Vida na Idade Média, (tradução do original; La Vie au Moyen-Age) Livros do Brasil, Lisboa, 1944.

FERNADES, FERREIRA; FERREIRA, JOÃO; Frases que fizeram a História de Portugal, 4ª edição, Esfera dos Livros, Lisboa, 2010.

FERNANDEZ-GALIANO, MANUEL e CRISTÓBAL, VICENTE; Horácio, Odas y Epodos, Letras Universales, terceira edición, Madrid.

FRADA, JOÃO JOSÉ CÚCIO; A vida a bordo das Naus, Tomo I Organização Naval e Sanitária; Edição Cosmos, Lisboa, 1997.

GONÇALVES, IRIA; Imagens do Mundo Medieval; Colecção Horizonte Histórico, Livros Horizonte, Lisboa, 1988.

GUIMARÃES, MANUEL; À mesa com a História, Colares Editora, Sintra, 2001.

LOPES, ANTÓNIO e FRUTUOSO, EDUARDO; A vida a bordo das naus da carreira da Índia – Texto inédito preparado em 1995 para publicação na obra História do Quotidiano em Portugal, então em produção pela Editorial Presença, mas que não chegou a ser editada. In; [https:// alvarovelho.net/images/patrono/Viver_no_mar.pd](https://alvarovelho.net/images/patrono/Viver_no_mar.pd).

LOT, FERDINAND; o Fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média; Edições 70, Lugar da História, Éditions Albin Michel, Lisboa, 1968.

MARQUES, ANTÓNIO LOURENÇO (Director) e **SALVADO, MARIA ADELAIDE NETO**, (Coordenação); Medicina na Beira Interior da Pré-história ao século XXI, Caderno de Cultura, nº XXXVIII, Edição RVJ-Editores, Lda., Castelo Branco, 2024.

MATTOSO, JOSÉ; (Coord. Bernardo Vasconcelos e Sousa); História da Vida Privada em Portugal, A Idade Média, Círculo dos Leitores, Maia, 2016

MATTOSO, JOSÉ; A Nobreza Medieval Portuguesa, a família e o poder, Editorial Estampa, Imprensa Universitária nº 19, Lisboa, 1987.

NEEDHAM, JOSEPH; História da China. Ciência e Civilização; Volume V, (partes I/II/III/IV/V e XI) Impresso na Grã-Bretanha em Imprensa da Universidade, Cambridge – Número do cartão de catálogo da Biblioteca do Congresso: 54-4723 – Catalogação da Biblioteca Britânica.

MENEZES, JOSÉ DE VASCONCELLOS E; Armadas Portuguesas, Apoio Sanitário na Época dos Descobrimentos, Academia de Marinha, Lisboa, 1987.

MORRISOM, SUSAN SIGNE; Excremente in the Late in the Middle, Sacred Filth and Chaucer's Fecopoetics; <https://www.history.com/news/higiene-do-papel-higiene-roma-antiga-china>, acesso em 2 de fevereiro de 2025.

NUNES, BERTA; O Saber Médico do Povo; Editora, Fim de Século, Lisboa, 1997.

PINTO, ANTÓNIO JOSÉ NUNES; Bronzes figurativos romanos em Portugal, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, distribuição Dinalivro 804pp, Coimbra, 2002.

REBELAIS, FRANÇOIS; Gragandua and Pantagruel (translated by sir thomas Urquhab and Peter Motteux; Great Books of the Western World, Robert Maynard Hutchins, Editor in Chief, London, 1952.

SARAIVA, JOSÉ HERMANO; História de Portugal; Biblioteca da História, Publicações Europa-América, Mem Martins, Sintra, 1973.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2009) – Armas, lugares e homens: Aspectos das práticas simbólicas na Primeira Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 17, p.467-488.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6, p.69-79.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2010) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 7 (2009). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6.

SENNA-MARTINEZ, J.C. e LUÍS, E. (2011) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 8 (2010). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 8, p.33-46.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2011) – First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M.S.; MARTINS, José Inácio F.P. & CARVALHO, Jorge (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010*. Braga: CITCEM, APEQ, FEUP, p.381-394.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – A Fraga dos Corvos: Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros. *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 1, p.32-58.

STEPHENS, HENRY MORSE; Portugal a História de uma Nação, Alma dos Livros, Lisboa, 2017.

TERRAS QUENTES (SENNA-MARTINEZ, JOÃO CARLOS; MENDES, CARLOS E LUÍS, ELSA); Caderno Terras Quentes, Nº 14, Catálogo do Museu de Arqueologia, 50 Séculos de História, p.86, 129 e 130, Macedo de Cavaleiros, Maio, 2017.

Edições Electrónicas

<https://blogohist8gondifelos.blogspot.com/2014/10/curiosidades-sobre-os-descobrimientos.html>. (acesso em 5 de fevereiro de 2025)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sanitas_no_Japão#/media/Ficheiro:Modern_japanese_toilet.jpg (acesso em 7 de fevereiro de 2025)

<https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1239/sanitarios-em-um-castelo-medieval/#:~:text=Praticamente%2C%20privacidade%20externa%20das%20muralhas.> (acesso em 7 de fevereiro de 2025)

<https://www.bmj.com/content/345/bmj.e8287> (acesso 7 fevereiro 2025)

<http://museudoscoches.gov.pt/pt/coche-de-filipe-ii> (acesso em 12 fevereiro 2025)

<https://blogs.ffyh.unc.edu.ar/teatropoliticounc/files/2016/11/Aristofanes-La-paz> (acesso 14 fevereiro 2025). (Bloge Facultad de Filosofia y Humanidades UNC, Córdoba, Argentina).

τφ



Trás-os-Montes
e Riba Côa
na Fundação
do Reino de Portugal

Trás-os-Montes e Riba Côa na Fundação do Reino de Portugal

*Augusto Ferreira do Amaral

Como é consabido, desde o tratado de Alcanices, em 12 de setembro de 1297, celebrado entre o rei de Portugal, D. Dinis, e o rei de Leão e Castela, D. Fernando IV, ficou definitivamente pertencente a Portugal o chamado território de Riba Côa, localizado entre os rios Côa e Águeda, ambos afluentes do Douro. Esse território figura entre os castelos, vilas e lugares cedidos, no dito tratado, pelo rei castelhano ao português.

À letra essa cedência foi a contrapartida duma cedência recíproca por parte de D. Dinis àquele monarca, seu primo coirmão muito mais novo, então com treze anos de idade. Lê-se no instrumento escrito desse acordo¹³:

«.....eu El Rey Dom Fernando, entendendo, e conoscendo, que vós aviades direito en alguns Lugares dos Castelllos, e Villas de Sabugal, e de Alfayates, e de Castel Rodrigo, e de Villa Mayor, e de Castel Boom, e de Almeida, e de Castel Melhor. e de Monforte, e dos outros Lugares de Riba Coa, que vós Rey Dom Diniz teendes agora en vossa mão por esso me vos parto do ditos Castelllos, e Villas, e Lugares de Sabugal, e de Alfayates, e de Castel Rodrigo, e de Villa Maior, e de Castel Boom, e de Almeida, e de Castel Melhor e de Monforte, e dos outors Lugares de Riba Coa que vós agora teendes à vossa maãao, com todas seus Termos, e Direitos, e perteenças, e partome de toda demanda, que eu hei, ou poderia aver contra vós, ou contra vossos successores per razom destes Lugares sobreditos de Riba Côa, e de cada hum deles».

* Licenciado em Direito pela faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1964. Em 1978/9, Secretário de Estado da Estruturação Agrária no III Governo Constitucional, 1979/1983 Ministro da Qualidade de Vida no VII Governo Constitucional 1981; Deputado da Assembleia da República pela Aliança Democrática 1979/1983; Presidente do Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados; Vogal do Conselho de Nobreza, Presidente da Associação Portuguesa para o Direito do Ambiente; Presidente do Círculo de Amizade Portugal-Marrocos; Presidente do Partido Popular Monárquico; Presidente da Causa Real; Sócio correspondente da Academia Portuguesa de História; Investigador e sócio efectivo do Instituto Português de Heráldica. Vasta obra publicada na área da história e Ciências Históricas.

13 Segundo LOPES, José Carlos, Versão original do Tratado de Alcanices, disponível na rede www.https://capeiaarraiana.pt/2008/09/12/versao-original-do-tratado-de-alcanices.

Muitos medievalistas, sobretudo espanhóis, têm sustentado que, antes da campanha de D. Dinis, que veio a concluir pelo tratado de Alcanices, o território de Riba Côa nunca fizera parte do de Portugal, quer antes quer depois da fundação. O “Lavrador” teria aproveitado a conjuntura favorável sob o ponto de vista militar e, sobretudo, a fraqueza da monarquia leonesa-castelhana, mormente devido ao facto de Fernando IV ser ainda uma criança, para conseguir um significativo ganho de território, tirado a Leão.

Não me proponho aqui contrariar este ponto de vista, nem quanto ao oportunismo de D. Dinis, nem ao seu voluntarismo para conseguir vantagens territoriais para o seu reino. Aqui, não afirmo nem nego.

Mas o que entendo necessário é criticar aquele pressuposto histórico, muito comum, de que Riba Côa nunca fora antes território português.

Mais. Julgo curial chamar a atenção para o papel que os transmontanos tiveram, na época da fundação do reino, na primeira evidência de Riba Côa como parte de Portugal, antes e depois da afirmação desse reino.

São muito escassas as menções documentais das terras de Riba Côa do tempo de D. Afonso Henriques, de seus pais ou do reinado de Afonso VI, que reconquistou Toledo, seu avô materno. Sabe-se que o pai deste último, o rei Fernando I, o “Magno”, foi quem reconquistou os pontos mais significativos da Beira Alta portuguesa, em várias e sucessivas expedições, a saber em:

- 1055 organizou a primeira, ainda como que experimental, que se dirigiu a Viseu, junto de cujas muralhas tinha sido morto seu sogro, o rei Afonso V de Leão; correu e saqueou a terra a norte da cidade;
- 1056 os seus homens restauraram um conjunto de castelos próximos (Anciães, Linhares, Paredes da Beira, Penela e S. João da Pesqueira);
- 1057 tomou Lamego;
- 1058 tomou Viseu;
- 1062 os exércitos cristãos ocuparam fortalezas na Beira Alta, perto do rio Mondego;
- 1064, depois de um longo cerco, tomou Coimbra¹⁴.

14 Estes dados recolhi-os em VIÑAYO GONZÁLEZ, Antonio, *Fernando I, série Corona de España, Reyes de León y Castilla*, Burgos, Editorial La Olmeda, 1999, p.145-166.

Mas, segundo parece, estas expedições não eram secundadas por tomada do poder em extensão, sobre um vasto território abrangendo a maior parte do território de Trás-os-Montes e Douro médio. Pelo menos, quase nenhuma notícia nos é dada sobre a ocupação aí praticada. As realidades, sócio-políticas e militares desse vasto território interior permanecem em grande parte por revelar, devido à escassez de documentos que produzam sobre elas informação útil.

Dessa grande área, aparentemente fronteira, embora vizinha de zonas ou cidades já solidamente reconquistadas, era tenente, no início do 4º quartel do séc. XI, o magnate Fernando Mendes, que os nobiliários medievais portugueses apontam como filho dum tal Mendo Alão, cuja etnia seria, possivelmente, a de um dos povos “bárbaros” invasores de península Ibérica no séc. IV – os Alanos.

Nos documentos ele aparece com a qualificação de *princeps* de Chaves, ou com a indicação de *imperavit* nessa terra, ou com a de ser *tenens* de Bragança. No *concilium* de Oviedo de 1115¹⁵ e noutro documento poucos anos após, foi referido com a dignidade de *conde* de Zamora e de Toro.

Sabe-se que ele foi prócere da corte de Afonso VI e que confirmou um considerável número de diplomas régios de D. Urraca e dos Condes D. Henrique e D. Teresa.

Da documentação coetânea conhecida parece concluir-se, não só que Fernando Mendes foi senhor de diversas povoações disseminadas, várias delas importantes e fortificadas, mas também que poucos outros nobres terão tido senhorios de relevo dentro da referida área extensa em Portugal ou Leão.

Será, por isso, legítima a presunção de que era senhor, com jurisdição, daquele território, o qual constituía um verdadeiro feudo, e vassalo de Afonso VI.

Tal senhorio, além de muito amplo, era hereditário, como posteriormente se viu nas gerações que nele foram sucedendo. E é legítimo pensar que esteve na base de lhe terem sido confiadas, a ele e seus descendentes, variadas tenências de evidente importância, tanto em território hoje português como espanhol.

15 Ainda que vários medievalistas hajam contestado a plena autenticidade da acta do dito *concilium*, poucas dúvidas têm sido suscitadas sobre a credibilidade dos nomes e da qualidade nele indicados para as pessoas e lugares dele constantes, como observa REILLY, Bernard F., *The Kingdom of León-Castilla under Queen Urraca 1109-1126*, Princeton University Press, 1992, p.107, nota 57.

Qual a origem da posse, por Fernando Mendes, desta parcela tão dilatada do reino de Leão?

Não me creio em condições, presentemente, de apontar uma resposta provável.

Uma hipótese pode ser a de que tivesse sido fundada numa presúria, levada a efeito por Fernando Mendes ou por algum seu ascendente, espontânea ou encomendada pelo rei Fernando I, o “Magno”, em área inimiga muçulmana ou em terra mais ou menos ermada. Outra será a de que houvesse resultado uma doação régia, deste rei ou de seu filho Afonso VI. Outra a de que lhe tivesse sido doada pela infanta D. Urraca, que havia sido instituída herdeira de Zamora por testamento de seu pai, o mesmo Fernando I, o “Magno”. E também não é de excluir que as comunidades em grande parte moçárabes, dessa zona recentemente reconquistada ou, pelo menos abandonada pelas forças armadas muçulmanas, tivessem pedido protecção de um rico-homem, como *behetria*, submetendo-se voluntariamente ao seu poder militar e civil.

Em qualquer dos casos, ou mesmo em nenhum deles, o que parece provado é que a *potestas* desse território foi, ao longo de várias gerações, quase sempre e até acabarem em Portugal as tenências, um membro da linhagem de Fernando Mendes.

Ao que parece, Fernando Mendes morreu em inícios de 1118. Então, ou talvez pouco tempo antes, deve ter-se cindido a sua tenência em duas partes, localizada uma, *grosso modo*, no que é hoje território espanhol, outra no hoje português.

A primeira parte terá ficado para um dos filhos de Fernando Mendes, Fernando Fernandes, personagem que identifiquei, em estudo anterior, como um filho do casamento de Fernando Mendes com uma filha do Conde de Carrión¹⁶.

Entendo que se trata do mesmo Fernando Fernandes, que casou em 1118 com a infanta D. Elvira, filha bastarda de Afonso VI e irmã inteira da nossa rainha D. Teresa. Era ela viúva do Conde de Toulouse, falecido na Terra Santa, com geração. Fernando Fernandes foi *Conde* (já era identificado como tal em 1115), além de magnate da corte de D. Urraca, sua cunhada e *tenens* de Malgrado e Bolanhos. Quando morreu, cerca de 1126, foi tumultado no mosteiro de S. Zoilo de Carrión¹⁷.

16 AMARAL, Augusto Ferreira do, “A linhagem dos Braganços”, partes I e II, separatas de *Armas e Troféus*, Lisboa, Instituto Português de Heráldica, IX série, nºs 18 e 19, 2016-2017.

17 Jaime de Salazar y Acha, continua a entender que o 2º marido da dita infanta D. Elvira, Fernando Fernandes, pai de uma D. Teresa Fernandes que deixou abundante e ilustre descendência em Espanha, não era filho do Fernando Mendes a que acima refiro, (*El Poder del Linaje: La alta nobleza de Castilla y León en la Edad Media*, Madrid, 2024, Real Academia de la Historia, p.393-395, e “La família de Jimena Muñoz, abuela de don Alfonso Henriques, primer rey de Portugal”, in *Armas e Troféus*, Lisboa, Instituto Português de Heráldica, p.121-124).

A segunda parte do território de Fernando Mendes localizava-se no território hoje português.

Veio a pertencer a seus netos, filhos de seu filho Mendo Fernandes, provavelmente por este ter morrido em vida de seu pai.

O primogénito, o célebre D. Fernando Mendes de Bragança, o “Bravo”, foi magnate na corte da nossa rainha D. Teresa e aderiu visivelmente, segundo se alcança dos documentos da época, ao partido de D. Afonso Henriques, pelo menos desde a batalha de S. Mamede, em junho de 1128, pois logo em julho seguinte aparece mencionado como *tenens* de Bragança. Mais tarde, em julho de 1139, participou, comandando a sua mesnada, juntamente com dois de seus irmãos, na vanguarda da batalha de Ourique e foi, decerto, dos que aclamaram D. Afonso Henriques como rei. Pouco tempo depois, quando era já viúvo e com filhos, casou em segundas núpcias com a infanta D. Sancha Henriques, irmã inteira do rei (não tendo havido descendência deste matrimónio).

Rodrigo Mendes, seu irmão, era em 1132 senhor de Seia e prócere de D. Afonso Henriques, que lhe deu as duas vilas de Figueirolas, no Aliste¹⁸ e a quem acompanhou na vanguarda de Ourique¹⁹.

O estatuto dos *tenentes* de terras da estirpe de Mendo Alão é difícil de qualificar e está longe de ser consensual para os historiadores medievalistas e historiadores do direito. As instituições medievais (de resto, assim como os acontecimentos) tendem a ser mal compreendidas, porque deformadas à luz das concepções da actualidade. Desde que Alexandre Herculano se ocupou magistralmente de fazer história por método científico, bem assente em documentos, racional e profunda, os historiadores que abordaram aquelas épocas do ocidente da península Ibérica (incluindo ele próprio), procuraram formular grandes sínteses e conclusões ambiciosas que condensariam os informações obtidas. O mal, porém, é que as fontes a que recorreram foram preconceituosamente valorizadas e muito circunscritas a fontes literárias indirectas, não confrontadas com o que desejavelmente seria um exaustivo aproveitamento do manancial heurístico existente nos acervos documentais.

Eu atrevo-me, porém, neste particular, a discordar daquele notável medievalista, que tanto admiro, mas que, aqui, não pode ter razão. Além do mais, creio impossível de aceitar a hipótese que ele propõe, de o pai de Fernando Fernandes ser Fernando Gómez, filho do Conde de Carrión. Na verdade, está provado, documentalmente e pelas inscrições do mosteiro de San Zoilo, que Fernando Fernandes, o marido da infante, era neto do Conde de Carrión, mas pela filha deste, Aldonza Gómez. A mãe de Fernando Fernandes, Conde em Malgrado, foi Aldonza Gómez. Ora esta não poderia ter sido mulher de seu irmão inteiro Fernando Gómez.

18 Hoje Figueruela, junto ao rio Maçãs, ainda em território leonês, mas junto da fronteira com Portugal, nos arredores de Bragança.

19 *Documentos Medievais Portugueses, Documentos Régios*, por Rui Pinto de Azevedo, Lisboa, Academia Portuguesa da História, tomo I, p.129 e 151.

Essas sínteses distorcidas, no entanto, dificilmente se mantiveram até os nossos dias, por serem frequentemente desmentidas à medida que ia crescendo enormemente o acesso às fontes disponíveis, viabilizada pela intensa actividade da publicação científica do acervo dessas fontes, a partir do último quartel do século XX.

A relutância que tiveram, durante muito tempo, muitos dos mais conspícuos historiadores das instituições, em reconhecer que o feudalismo existiu aqui e aqui predominou, por tempo que abrangeu a fundação do reino de Portugal é um exemplo flagrante da incapacidade para compreender o passado medieval sem deforma essa compreensão pelo filtro das categorias mentais e ideológicas dos especialistas da época contemporânea²⁰.

Ora eu não tenho dúvidas de que as instituições dos reinos saídos da reconquista peninsular, até meados do século XIII, claramente feudais, ainda que lhe falem pormenores ou aspectos demasiado valorizados pelos autores mais formalistas:

- a soberania era fragmentada em cascata e, com isso, o poder político, militar, económico e administrativo;
- predominava frequentemente a concepção patrimonial dos reinos, que por isso podiam ser divididos entre os sucessores;
- o que marcava o estatuto de governados, em relação directa ou indirecta aos monarcas, era o vínculo pessoal vassalático, mais do que a condição objectiva de naturais ou residentes na área geográfica do reino;
- o Estado, ou seja, o conjunto das instituições político-administrativas do poder central, não fora ainda minimamente desenvolvido;
- havia complexo pluralismo social e geográfico e frequente sobreposição de ordenamentos jurídicos;

20 Ver, entre outros trabalhos de referência, MERÊA, Manuel Paulo, *Introdução ao Problema do Feudalismo em Portugal*, Coimbra, F. França Amado, Editor, 1912, GANSHOF, F. L., *Qu'est-ce que la Féodalité*, Bruxelles, Office de Publicité, 1947, BOUTROUCHE, Robert, *Seigneurie et Féodalité*, II, *L'Apogée (XIe-XIIIe siècles)*, Paris, Aubier, 1970, GRASSOTTI, Hilda, *Las Instituciones Feudo-Vassaláticas en León y Castilla*, 2 tomos, Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1969, VALDEAVELLANO, Luis García de, *El feudalismo hispánico*, Editorial Crítica, edição de 2000, BARBERO, Abilio / VIGIL, Marcelo, *La formación del feudalismo en la Península Ibérica*, Barcelona, Editorial Crítica, 5ª edição, 1991, PASTOR, Reyna, "El problema del feudalismo hispánico en la obra de Sánchez Albornoz", in *En Torno al Feudalismo Hispánico*, Fundación Sánchez-Albornoz Ávila, 1989, p.9-19, ALFONSO ANTÓN, Isabel, "Feudalismo. Instituciones feudales en la Península Ibérica", in *Entorno al Feudalismo...* etc. cit., p.57-65, ESTEPA DÍEZ, Carlos, "Formación y consolidación del feudalismo en Castilla y León", in *Entorno al Feudalismo...* etc. cit., p.157-256, MATTOSO, José, "O léxico feudal", in *Entorno al Feudalismo...* etc. cit., p.293-312, HESPANHA, António Manuel, *História das Instituições. Época medieval e moderna*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982, *máxime* p.81-183, e CAETANO, Marcello, *História do Direito Português [1140-1495]*, 3ª edição, Lisboa, Editorial Verbo, 1992, p.149-174.

- os funcionários régios eram em número restrito e pouco significativo, pois alguns cargos dos que colaboravam com o rei tendiam a ser apanágio hereditário de alguns próceres ou linhagens de próceres;
- o direito público era quase residual e regia-se por princípios de influência privatística.

A ideia que os coetâneos formavam, das normas e do modelo em que se alicerçavam as comunidades políticas, em nada era subsidiária, como na era contemporânea se pensava, da de um mítico Estado anterior, bem organizado e ordenado, com instituições claramente definidas e harmoniosas. Se é de crer que, em plena reconquista, Afonso III, rei das Astúrias e Leão, terá enformando a crónica desses reinos que deliberara promover, na insinuação da convicção de que eles caminhavam no sentido da reconstrução do reino visigótico, não menos certo é que a realidade, tanto factual como institucional, vivida nesse e nos séculos seguintes, não foi demasiado influenciada pela tradição conservada dos Visigodos.

E, mais ainda, pode dizer-se que o modelo das instituições surgidas, estava longe de ser exclusivamente definido por referência às instituições do tempo do império romano.

Mesmo reconhecendo-se o papel, aqui em território português, representado por um rei tendente ao monopólio do poder peninsular, como foi o caso de Fernando I, o “Magno”, ou de seu filho, Afonso VI, o “de Toledo”, que dispunha duma chancelaria já razoavelmente sofisticada e duma indisputada autoridade sobre vários reinos anteriores e de diversos costumes e religiões, é excessivo conceber que as instituições por que se pautou o seu reinado, tivessem uma clara consistência e fossem uma lei fundamental bem definida, da qual tivessem derivado as normas que, depois dele, regeram os reinos que do seu se separaram.

Estes reinos nasceram dos factos empíricos relevantes, mormente militares e económicos, e daquilo que, na época, os homens que detinham poder, civil e eclesiástico, e algumas comunidades, entendiam consuetudinariamente, por tradição e pela prática administrativa e judicial, ser devido que se fizesse e fosse decidido.

Foi, pois, mais a partir dos factos do que do direito formulado, que se foi vivendo colectivamente em Portugal, antes e depois da fundação do reino.

A própria fundação, que creio ter sido proclamada nos campos de Ourique, em julho de 1139, logo após a vitória do exército português, pelos fidalgos que acompanharam D. Afonso Henriques na vanguarda (dos quais 21 estão identificados²¹), ocorreu porque:

- Se tratava de uma impressionante vitória em batalha campal, contra os infiéis comandados por chefes poderosos;
- O território em que se manifestava a obediência do infante “promovido a rei”, tinha já, quer directa, quer indirectamente, uma dimensão capaz de auto-subsistência.

Resultou, pois, da conjugação de factos contingentes. Não da execução de quais fórmulas de direito escrito, nacional ou internacional.

Vem a propósito salientar que Trás-os-Montes teve nesses factos um duplo papel decisivo.

Quem os representava colectivamente (os seus “representantes”, se assim se lhes pode chamar, qualquer que fosse a sua legitimidade do seu poder representativo), ou seja, então, os chefes da linhagem dos Braganças, que tinham a *potestas* sobre esse território, optaram pela obediência a D. Afonso Henriques, pelo menos desde a batalha de S. Mamede, separando-se da obediência ao rei de Leão. Como disse já Luiz Gonzaga de Azevedo, «a adesão de Fernão Mendes de Bragança à causa de D. Teresa e de seu filho, do qual mais tarde se tornou cunhado, pelo seu casamento com D. Sancha, trouxe a Portugal o distrito daquele nome»²².

Esse extenso território, as suas povoações, o seu potencial económico produtivo e, sobretudo, os seus homens de armas, castelos, torres e equipamento militar, passaram a reforçar e defender geograficamente o pequeno território do Condado Portucalense e o do Condado de Coimbra, dando a todo o conjunto uma dimensão comparável à existente em outros reinos.

E, para mais, os comandantes dos transmontanos que participaram na batalha à frente da respectiva hoste, ou seja, os irmãos Fernando, Rodrigo e Nuno Mendes, da dita linhagem bragançana, eram os três fidalgos que figuravam à cabeça da lista dos que acompanharam D. Afonso Henriques na vanguarda vitoriosa de Ourique. Eles mesmos,

21 Segundo uma “relação” feita no convento de Santa Cruz, em Coimbra, fonte que considero inteiramente fiável e foi publicada por Frei António BRANDÃO, *Terceira Parte da Monarchia Lusitana*, Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1632, p.123, e *Crónica de D. Afonso Henriques*, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.16.

22 AZEVEDO, Luiz Gonzaga de; *História de Portugal*, Lisboa, Edições «Bíblion», vol. V, p.137.

em uníssonos com os demais fidalgos dessa vanguarda, terão feito ouvir a sua voz entre os barões que aclamaram o seu rei e que assim fundaram o reino de Portugal.

Mas importa prosseguir um pouco mais na revista da situação em vésperas da referida fundação.

Os Braganças governavam, em Portugal, toda a área transmontana a leste duma linha ideal que ligue o rio Tâmega, a norte e o rio Corgo, a sul. Fernando Mendes de Bragança era ainda *tenens* de Zamora em 1131 e 1137. Decerto herdara a tenência, pois em 1117 ela pertencera a seu avô, Fernando Mendes, acima referido.

Mas esse domínio não ficava por aí. Prolongava-se, a sul, para uma faixa na margem esquerda do rio Douro.

Aí era Fernando Mendes de Bragança senhor de Numão, cujo castelo construiu; e em 25 de junho de 1130 concedeu carta de foral para que uma vila aí fosse povoada²³.

Os destinatários são nela definidos assim: «*vobis hominibus de civitate Nomam cognomento Monforte qui ibi populatores estis per mandatum meum moram faciendi sive qui venerit ad populandum*» («a vós, homens da cidade de Numão chamada Monforte que aí sois povoadores quer por ordem minha de estadia demorada quer venha para povoar»).

E a delimitação do âmbito territorial é descrita do seguinte modo: «*Et illi termini de Nomam incipiunt a Dorio et inde per cimam de Cestoias et ferit in rio Malo et inde ad illa Calcada et inde ad azinam de Donon et fert ad Duas Casas et inde ad portum de Novias in Agada, discurrente aqua in Dorium, et de fauce de Agada discurrente Dorio usque in Custodias*».

Embora vários destes topónimos hajam desaparecido e, portanto, seja difícil assegurar a sua correspondência na actual geografia da região, parece indubitável que a zona abrangida pelo foral constituía uma faixa da largura de vários quilómetros, que se estendia, para leste, até o rio Águeda, actual fronteira, ali, de Portugal e Espanha.

23 Publicada em *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, vol. I, 1856, p.368-370, e em *Portugaliae Monumenta Historica, Nova Série*, volume IX/1, *Leges et Consuetudines, Forais e Cartas de Povoamento*, 1ª Parte: 1050-1244, edição crítica de António Matos REIS, Lisboa, 2017, p.89-93.

Abrangia, portanto, uma importante área do norte de Riba Côa, incluindo Castelo Melhor, Algodres e Escalhão

A ela há que acrescer ainda uma parte da margem esquerda do Côa, a sul de Numão, que pertenceu ao mesmo referido Fernando Mendes de Bragança.

Atentemos por agora em Longroiva.

Em junho de 1145, ele, com sua 2ª mulher, a infanta D. Sancha Henriques, e os filhos que tivera da 1ª mulher, fez carta de doação, à Ordem do Templo, do castelo de Longroiva com todos os termos antigos que lhe pertenciam²⁴.

Vejamos o seu texto:

«... ego Fernandus una cum conjuge mea et filiis meis, cum filio regis Portugalensis, donni Adefonsi, pro remedio anime mea et parentum meorum, facio cartam testamenti et firmitatis illis militibus, qui Templo Hierusalem Deo serviunt, de castello meo quod populavi in Extremadura; et illud castellum vocatur Longrovia, habetque jacentiam in territorio Bracarensis metropoli, inter illud castellum quod vocatur Nomam et aliud quod dicitur Marialba, et fluvium qui vocatur Côa. Do atque concedo hoc castelum supradictis militibus eorumque sccessoribus, per suos terminos antiquos, cum omnibus que ad me pertinentes; habeant illum jure perpetuo. ...»

(tradução que proponho: «... eu Fernando, juntamente com a minha mulher e os meus filhos, com o filho do rei de Portugal, D. Afonso, para remédio da minha alma e dos meus parentes, faço carta de testamento e de firmeza aos cavaleiros, que servem a Deus no Templo de Jerusalém, do meu castelo que povoei na Extremadura; e o castelo chama-se Longroiva, e situa-se no território da metrópole Bracarense, entre o castelo que se chama Numão e outro que é denominado Marialva, e o rio que se chama Côa. Dou e concedo este castelo aos sobreditos cavaleiros e aos seus sucessores, pelos termos antigos, com todas as coisas que me pertencem; tenham-no por perpétuo direito. ...»)

A carta foi confirmada pelo arcebispo de Braga, D. João Peculiar, por Egas Moniz, *curie dapifer*, por Fernando Captivo, por Álvaro Peres, *signifer*, por Mendo Moniz e por Gonçalo Rodrigues. Godinho, *presbiter notavit*.

24 ALBON, Marquis d', *Cartulaire général de l'Ordre du Temple 1119? – 1150*, Paris, Librairie Ancienne, Honoré Champion, Éditeur, 1913, p.230-231.

Repare-se que a doação é feita com a mulher e os filhos e com o filho do rei de Portugal²⁵.

O castelo e o seu termo pertenciam, pois, a Fernando Mendes de Bragança, sua mulher e filhos e, provavelmente também, a um filho bastardo de D. Afonso Henriques. Só que não deveriam chegar ao senhorio deles por uma origem comum com a tenência transmontana. Apenas eram vizinhos dos limites desta. É possível que proviessem duma doação régia, ou então da herança de D. Egas Gondesendes, senhor de Baião, que era avô materno de Fernando Mendes.

O filho bastardo de D. Afonso Henriques, na carta de doação, era representado pelo outorgante que roborava o documento – Fernando Mendes. E não havia necessidade de outorga nem de consentimento por qualquer rei: nem do de Portugal nem do de Leão. O poder dos senhores do castelo era pois, na aparência, soberano e incluía a faculdade de alienar a uma ordem religiosa-militar como era a do Templo.

Os Templários obtinham assim, da mão do dito magnate, um dos pontos de maior relevância estratégica, naquele ano, para a ofensiva da reconquista contra o invasor muçulmano.

O castelo situava-se, com efeito, na fronteira do território sarraceno. É certo que rei Afonso VII conquistara, cerca de dois anos antes, Cória, vila fortificada perto de Placencia, mas que se situa à mesma latitude que Idanha-a-Velha, portanto bastante mais a sul do que Longroiva. Só que, aparentemente, se ficara por aí, tendo-se internado, nos anos seguintes em regiões mais centrais e nordestinas da península Ibérica²⁶. A oeste de Cória, até a parte sul das terras de Riba Côa, confrontava-se a guarda-avançada oriental dos portugueses, na sua ofensiva da reconquista no sentido meridional, com uma zona bastante ermada, que só gradualmente veio a ser tomada aos maometanos. A incansável progressão da reconquista para sul, pelo nosso rei, passava a ficar mais firmemente alicerçada naquele flanco, por acção dos cavaleiros Templários.

25 D. Afonso Henriques casou em 1154. Se em 1145 tinha um filho, este era necessariamente ilegítimo. E como o nome referido neste documento é *"donni Adefonsi"*, que está no genitivo, tal nome é indubitavelmente o do pai, isto é, de D. Afonso Henriques, que usava o título de *"rei"* desde a vitória em Ourique (1139), e não do filho, pois para se referir a este haveria o nome de estar no ablativo, acertando com o substantivo *"filio"* e a preposição *"cum"*. Sabe-se que D. Afonso Henriques teve, pelo menos, dois filhos bastardos. O mais velho deles foi Fernando Afonso, que deve ter nascido antes do matrimónio do rei-fundador. Provavelmente é este o filho do rei de Portugal D. Afonso, invocado como também doador por Fernando Mendes.

26 Ver REILLY, Bernard F., *The Kingdom of León-Castilla under King Alfonso VII 1126-1157*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1998, p.73-85.

O que nos ensinam, além do mais, o dito foral de Numão e a referida doação de Longroiva, quanto à legitimidade dos doadores para os emitirem?

O foral de Numão é um dos primeiros exemplos conhecidos, de forais portugueses concedidos por particulares.

Uma lista deles, com as respectivas referências diplomáticas, fora já elaborada por António Caetano do Amaral²⁷.

Herculano tratou do assunto, revendo as concepções deste académico do antigo regime, e fazendo a sua própria interpretação e classificação dos forais. Entendia ele que a palavra *foral* se applicava a diplomas de diversificada natureza e diferentes efeitos jurídicos. Escreveu: «O primeiro erro que tem havido, quanto a nós, no definir os foraes, é o pretender incluí-los em uma unica formula. D'aqui nasceu confundirem-se as diversas espécies de cartas ou diplomas a que antes dos fins do seculo XIII se chamou *forum*, *foros*, e depois *foral*». ²⁸ E, mais adiante, sobre a natureza dos forais particulares: «... aquelles forais particulares, ou não passam de emprazamentos collectivos, ou são concedidos pelos donatários da corôa como representantes do rei; pelos governadores dos distritos, castelos, e logares (*tenentes*); e pelos povoadores delegados *ad hoc* para instituirem o municipio cuja carta redigiram. O verdadeiro foral, a carta de comuna que fazia existir o concelho como entidade política, partia do rei: só d'elle podia partir. Fosse quem quer que fosse o promulgador do foral, chame elle até ao preambulo do diploma ao território do concelho instituído propriedade sua (*meam hereditatem*) esse homem não era mais que um representante do príncipe; exercitava apenas uma delegação». ²⁹

Este veredito do grande historiador do nosso romantismo, peca exactamente pelas razões que apontava para rejeitar as ideias de A. Caetano do Amaral, que ele considerava ultrapassadas e erradas: «é incontestável que elle nem sempre tirou as verdadeiras conclusões históricas dos documentos que consultou, e que sobretudo desconheceu o modo de ser da idade-media, ou, para nos servirmos d'um neologismo, a sua côr local». ³⁰ Herculano applicou à análise dos forais particulares uma teoria do direito das instituições correspondente à época em que o Estado foi criado em Portugal (incipiente a partir de D. Afonso II e consistente a partir de D. Dinis). Se é que não usou, aqui como

27 AMARAL, António Caetano do, *Memória V. Para a história da Legislação e Costumes de Portugal*, edição por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Porto, Livraria Civilização – Editora, 1945, p 205-208, nota (a).

28 HERCULANO, Alexandre, *Opusculos*, 2ª edição, tomo VI, Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão – Editores, 1897, p.216-217.

29 *Ibidem*, p.234-235.

30 *Ibidem*, p.233-234.

noutros lugares, categorias, postulados e dogmas próprios das ideias consagradas pela Revolução Francesa.

Dele veio a discordar Gama Barros, que procedeu a uma análise mais pormenorizada e quantificada dos diplomas.

Mais tarde, eminentes medievalistas, como Torquato de Sousa Soares³¹, Lindley Cintra³² e Matos Reis³³, entre outros, estudaram e compararam o conteúdo dos forais que estão na origem de concelhos e mesmo de ordenamentos jurídicos autárquicos. Os dois primeiros, embora tenham encontrado semelhanças entre alguns tipos de foral, tanto em Portugal, como em Leão, a verdade é que não apontavam uma proximidade estreita e sistemática entre as normas e a linguagem do foral de Numão com o de qualquer outro ou conjunto de outros. Nem mesmo com o de Sernancelhe, outorgado por um particular como foi D. Egas Gondesendes de Baião.

Mas foi Matos Reis quem com mais minúcia analisou o conteúdo dos diplomas, tendo chegado a algumas conclusões diferentes daquelas, como, por exemplo, sobre o foral de Numão, como as que seguem:

«– Em 1130 foi outorgada a Numão a sua carta de foro, cujo teor conhecemos através da posterior confirmação de D. Afonso II. Na elaboração dessa carta, embora sem o referir, utilizou-se um paradigma já existente, que era uma versão mais ou menos próxima do texto que noutros diplomas é designado como o foral de Salamanca (versão A). É específica do foral de Numão a cláusula relativa ao montádigo, assim como é própria a redacção das disposições tributárias; – A mesma versão serviu de paradigma na redacção do foral de Freixo, em 1952.....; – Da carta do Freixo derivam as de Urros, Junqueira da Vilariça e Santa Cruz ...».³⁴

Sucede que todos estes outros concelhos se situavam em território transmontano que era tenência dos Braganças. E o foral de Freixo (de Espada-à-Cinta) até foi outorgado pelo rei, mas, declaradamente, mediante o prévio “*concilium*” de Fernando Mendes. O que inculca grande influência do governo dos chefes daquela linhagem no norte de Riba-Côa desde antes da fundação do reino.

31 SOARES, Torquato de Souza, *Apostamentos para o Estudo da Origem das Instituições Municipais Portuguesas*, Lisboa, 1931, *máxime* p.77-122.

32 CINTRA, Luís F. Lindley, *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, reprodução de 1984, *máxime* p.LXXVII a CII.

33 REIS, António Matos, *Origens dos Municípios Portugueses*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, *máxime* p.160-177.

34 *Ibidem*, p.171-173.

Já observara Gama Barros, contrariando a opinião de Herculano acima referida, que, dos forais dados por particulares, «o número dos que não consta que tivessem confirmação regia é superior ao número dos que sabemos terem sido confirmados, ou em cuja concessão parece ter intervindo o consentimento do rei»³⁵.

Finalmente importa mencionar o lúcido magistério de Marcello Caetano, que sem embargo de levar em conta, com admiração, as opiniões de Herculano, não foi ao ponto de reconhecer que o poder de emitir forais o fosse unicamente por delegação do soberano.

Ensinou ele:

«O forais eram outorgados normalmente pelo rei, mas dentro dos seus senhorios podiam dá-los os respectivos senhores: existem nesta época muitos concedidos por bispos, mestres das ordens militares, corporações monásticas ou ricos-homens. Claro que nestes casos os direitos concedidos sobre as terras abrangidas pelo foral não podiam ser mais amplos do que aqueles de que os outorgantes eram titulares.»³⁶

Ora o foral de Numão concedido por Fernando Mendes de Bragança (1130), é anterior à própria fundação do reino português e, portanto, anterior a qualquer ordenamento jurídico geral deste, minimamente reconhecido (1139). E também é posterior à saída das terras transmontanas e alto-durienses das quais ele era *tenens*, da vassalagem ou obediência directa ao rei de Leão (antes de 1128).

Mas, dir-se-á, do próprio texto do diploma de foral consta a seguintes fórmula: «*In ipsis temporibus regnante Alfonso, in Legione et in tota Strematura, imperante Portugal Infante domno Alfonso, Archiepiscopus in Bracara domnus Pelagius, potestas in Bragancia et in Lampazas Fernando Menendiz*», o que poderia inculcar que o próprio Fernando Mendes confessava no documento a sua obediência ao rei de Leão.

Não creio aceitável tal objecção pela simples razão de que aquela fórmula é manifestamente aposta ao documento original em época muito posterior à roboração pelo concedente do foral, provavelmente introduzida no texto pelo diploma que confirmou o original, confirmação que foi de D. Afonso II, em época em que se julgava que Riba Côa sempre fora, ininterruptamente, pertencente ao reino de Leão.

35 BARROS, Henrique da Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, 2ª edição, dirigida por Torquato de Sousa Soares, Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, tomo I, 1945, p.96.

36 CAETANO, Marcello, *História do Direito Português [1140-1495]*, 3ª edição Lisboa, Editorial Verbo, 1992, p.239.

Todo a terra entre os rios Côa e Águeda veio a ser tomada por Fernando II, rei de Leão, a partir de 1158, em que celebrou com seu irmão Sancho III, rei de Castela, um pacto pelo qual pretendiam repartir entre si o território novo de Portugal³⁷. Em 1161 mandou repovoar Ciudad Rodrigo. Posteriormente, tendo contribuído para a derrota e desastre de D. Afonso Henriques, na tentativa de conquistar Badajoz, pois socorrera o respectivo rei muçulmano contra o rei português, ficou este como seu prisioneiro. É natural que a libertação deste tivesse tido como contrapartida um compromisso de não se opor a que o rei leonês se apossasse e povoasse Riba Côa.

Tal ocupação prosseguiu nos reinados leoneses-castelhanos seguintes, com densidade crescente, tendo sido criados novos concelhos, a partir do séc. XIII, tais como Almeida, Castelo Bom, Castel Melhor, Sabugal e Alfaiates e a vila de Vilar Maior, até que D. Dinis invadiu militarmente o território, como preliminar do convénio que veio a estabelecer com o rei Fernando – o Tratado de Alcanices.

Do exposto se justificam algumas conclusões a reter:

- Os termos em que foi redigido e outorgado o foral de Numão, na sua fórmula original de Fernando Mendes (aliás tal como ocorria com um foral outorgado por seu avô materno, D. Egas Gondesendes, senhor de Baião), é a de que, em 1130, permitem afirmar que o poder de Fernando Mendes de Bragança sobre as terras de que era *tenens*, parecia quase soberano, apenas subordinado à sua obediência pessoal, por si próprio submetida, ao infante D. Afonso Henriques;
- Idêntica é a conclusão a extrair dos termos em que foi redigida e outorgada a doação do castelo de Longroiva, em 1145, à Ordem do Templo, como atrás se viu, pois, os doadores omitem qualquer ressalva dos seus poderes, para por sua simples decisão, o alienarem; a referência ao rei de Portugal é apenas feita para identificação de seu filho bastardo, também associado à doação, como doador representado por Fernando Mendes de Bragança;

37 Para este dado e para os que imediatamente se seguem, baseei-me em BARRIOS GARCÍA, Ángel, “El Proceso de Ocupación y de Ordenación del Espacio de la Raya Leonesa”, in *O Tratado de Alcanices e a Importância Histórica das Terras de Riba Côa*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1998, p.155-183. Ver igualmente, com utilidade para o tema versado neste trabalho, na mesma publicação, LADERO QUESADA, Miguel-Ángel, “O Tratado de Alcanices visto de Espanha”, p.11-30, SERRÃO, Joaquim Veríssimo, “O Tratado de Alcanices visto de Portugal”, p.31-39, BARATA, Manuel Themudo, “Importância de Riba Côa para a Consolidação e Segurança de Portugal”, p.53-60, e NOGUEIRA, José Artur Anes Duarte, “Os Municípios Medievais em Riba Côa dos Inícios do Século XIII a 1297”, p.197-209.

- Nenhuma indicação é dada pelos referidos diplomas, de que Fernando Mendes de Bragança, tanto numa data como na outra, se submetesse à obediência ao rei de Leão e Castela;
- O estatuto da faixa de território da margem esquerda do rio Douro, incluída no termo de Numão e que ia desde este castelo até a foz do rio Águeda, abrangendo uma parte substancial (a mais setentrional) da terra de Riba Côa, era o de terra imune, pertencente a sua tenência ao chefe da linhagem bragança;
- Por tal razão, como esse chefe era o citado Fernando Mendes não só em 1130, mas também, a seguir, por todo o tempo em foi vivo, antes e depois de fundado o reino de Portugal, era vassalo de D. Afonso Henriques, de quem, aliás veio a ser cunhado, bem pode afirmar-se que o território de Riba Côa fazia parte deste reino.
- Reconhece-se que, no reinado de Fernando II de Leão, este monarca veio a reclamar que Riba Côa lhe pertencia e a apoderar-se dele; porém, mais tarde, com o tratado de Alcanices, D. Dinis ocupou militarmente tais terras e obteve o retorno delas à soberania portuguesa, com todo o fundamento histórico e jurídico.

τφ



Toponímia das localidades do distrito de Bragança “focando-nos, mormente, no concelho de Macedo de Cavaleiros” com a finalidade de apurar os bens ali existentes pertencentes à Ordem dos Templários, abrangendo o Período Cronológico entre 1122 e 1319

Toponímia das localidades do distrito de Bragança “focando-nos, mormente, no concelho de Macedo de Cavaleiros” com a finalidade de apurar os bens ali existentes pertencentes à Ordem dos Templários, abrangendo o Período Cronológico entre 1122 e 1319

*Carlos Alberto Santos Mendes

Introdução

Quando iniciámos a montagem do “Museu Municipal dos Templários e da Identidade Nacional”, sentimos a necessidade de inventariar os bens imoveis que esta Ordem de Monges-Cavaleiros tinham no Nordeste Transmontano, mormente no concelho de Macedo de Cavaleiros, para isso era necessário escavar bem fundo, para chegar a um período da história deste país (1122/1319), que, neste particular pouca informação disponível existe.

Foi um trabalho enorme, fazer a recolha de toda a toponímia e micro-toponímia existente nas Inquirições de 1258 de Afonso III (PMH) e 1288 de D. Dinis. Aditou-se ainda a soma das existências dos 12 volumes da monumental Obra (Memórias Arqueológico – Históricas do Distrito de Bragança) (MAH) de Manuel Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal) assim como, a atualização da relação da Toponímia existentes na terra de Macedo de Cavaleiros constante no livro do signatário “Macedo de Cavaleiros Cultura, Património e Turismo; Contributos para um Programa Integrado” (MCCPT) e, agora, novamente, apresentado e revisto na parte que diz respeito à toponímia, trabalho que resultou da consulta às 114.556 fichas de cadastro das 38 freguesias que constituíam os registos no ano de 2006, no Concelho de Macedo de Cavaleiros e, existentes, na Repartição de Finanças deste concelho.

Para além deste rol foi extraída toda a toponímia existente nas cartas militares de Portugal à escala 1:25.000, números, 49, 50, 63, 64, 65, 77, 78, 79, 91, 92 e 93, as quais, abrangem a totalidade geográfica do Concelho de Macedo.

* <https://orcid.org/-0000-0002-1248-6461> – Mestre em História Regional e Local pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Licenciado em História variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Membro da Uniarq (Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa); Director dos Cadernos “Terras Quentes”; sócio fundador, investigador e Presidente da Direcção da Associação de Defesa do Património “Terras Quentes”.

Atualizou-se a colheita da toponímia com os dados extraídos da obra de Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal) nos seus tomos III, IV e X, apreciando e adicionando somente, as existência do Concelho de Macedo de Cavaleiros.

Reproduzimos integralmente a introdução com que Francisco Manuel Alves (Abade Baçal) entendeu iniciar o seu trabalho, atendendo à sua clareza, com respeito à finalidade e importância para o estudo da História Regional e Local da recolha, valiosíssima da informação prestada pela toponímia de um concelho ou de uma região, recolha que Francisco Manuel Alves efetuou entre os anos de 1909 e 1938 (data da primeira edição do volume X) como ele nos informa; Assim, ensina-nos o Abade Baçal:

“Os nomes de sítios dos termos de povoações adiante mencionados foram colhidos directamente por nós in loco, a maior parte, durante os longos anos das nossas peregrinações arqueológicas pelo distrito de Bragança, ou dos recrutas nas inspeções militares, acompanhando para isso as respectivas comissões do recenseamento de concelho em concelho, e ainda dos recrutas incorporados no Regimento de Infantaria n.º 10 em Bragança. Às referidas comissões e ao comandante e oficiais desse regimento a profundidade do nosso reconhecimento pelas atenções, facilidades e auxílio que nos prestaram nestas investigações. Também o nosso amigo, tenente João José Vaz de Moraes de Abreu Sarmento, diversos párocos e professores primários nos forneceram alguns tópicos de povoações onde não pudemos ir nem obter por outra forma; no final do tomo mencionaremos com reconhecimento seus nomes, convindo memorar desde já os bons ofícios, atinentes a este assunto, que nos prestaram D. António Bento Martins, bispo de Bragança, e Bernardino Guedes de Miranda, inspector escolar. É interessantíssimo o estudo da toponímia pelos ensinamentos que presta tanto à filologia como aos outros ramos do humano saber, tais são, entre os mais: Arqueologia, nomes Anta, Penedante, Vale de Anta, Arca, Arcã, Meda, Castelo, Castro, Casas Velhas, Casarelhos, Cunca, Escrita, Pena Escrita, Forno dos Mouros, Vilar e derivados, Terronha, Caminho do Rei (havia este toponímico em Sortes e Edrosa, e já consta do «Tombo dos bens do mosteiro de Castro de Avelãs» feito em 1501). Caça, nome Fojo, que se relaciona com o período neolítico. Comunidade agrícola, nomes Coito, Coitada e outros alusivos à velha exploração comum da propriedade. Fecúndia criadora do povo. Ver artigos Bouça, Fonte, Junco, Penedo, etc. Identidade de razões que levaram povos muito distantes a adoptar os mesmos toponímicos. Influência galega, nomes Gavilões, Guinda, Guingeiras, Paneiros, etc. Ironia escarninha, com os diminutivos orio, oria: Curtinhório, Fontório, etc. Indústrias, nomes Açude, Alambique, Barca, Canameira, Fiães, Linho, Linhares, Moinho, Azenha, Nona, Oleiros, Pelames, Sumagral, Telheiras, etc. Instituições fiscais, nomes Parada, Paradela, Paradinha, Ossa, Ossos, etc. Instituições religiosas, nomes Abade, Reitor, Cura, Bispo, Mitra, Frade, Freiras, Mosteiro, etc. Instituições judiciais, nomes Força, Picota, Tronco.

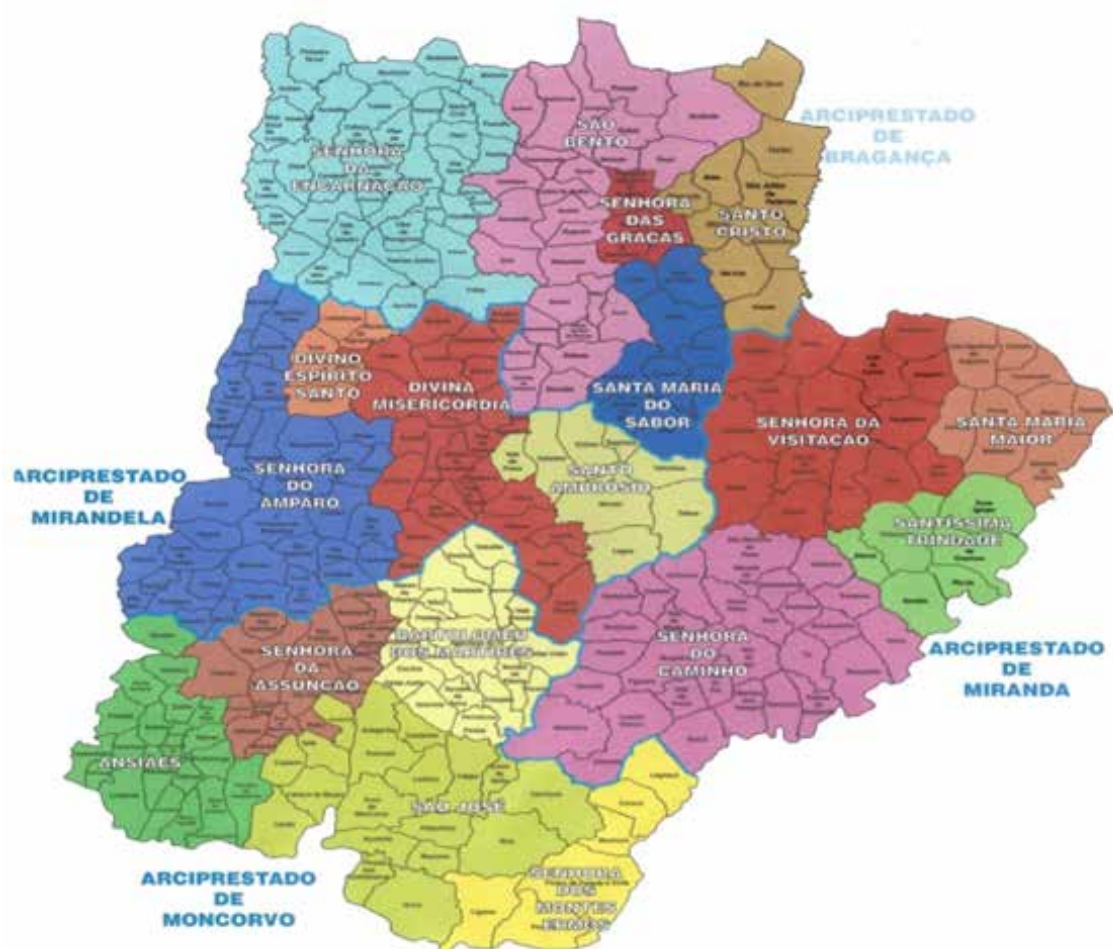
*Mineralogia, nomes Cal, Caleira, Penascal, Estanho, Ferreiros, Ouro, Penha Ferreira, Penicas de Ferro, etc. Modalidades criminosas, nomes, Rouso, Ladrão, etc. Modalidades agrícolas, história da propriedade e correlativas, nomes Alcaide, Comenda, Conde, Foro, Mitra, Morgado, Rainha, Rei, Represália, Poçacos, Casais, Quintas, Sortes, Talhas, Talhinhas, Moreiras (sericicultura), Vinho, Vinhago, Vinhal, Avinhó, Vinhascal, Vinhas, Abelhas, Colmeias, Enxames, Mel, etc. Monumentos religiosos, nomes Capela e Calvário. Ver os nomes de Santos. Regime pastoril, nomes Corriça, Lambedouro, Malhada, Mosqueiro, Sestiadeiro. Tática militar e estratégia, nomes Assumadouro, Atalaia, Cancela, Basteiros (por Besteiros), Facho, Miradouro, Esculca, Sentinela, Talanqueira, Trincheira, Viso, etc. Zoologia e botânica, espécies raras ou desaparecidas, nomes Cervo, Urso, Zebro. De alguns toponímicos com nomes de animais, como égua, asna, etc., e botânicos, como espinheiro, etc., não indicamos o sítio dos termos a que pertencem por serem vulgares e carecerem de interesse. Se o toponímico tem pouca importância, dão-se apenas um ou dois exemplos. Também não damos os toponímicos tirados de nomes próprios correntes actualmente, como Lourenço, no termo de Negreda, Vale de Maria Gonçalves, no de Rabal, Pai Gil, no de Aveleda, e muitíssimos outros. **Quando em seguida ao nome da povoação se acrescenta a palavra freguesia, posta entre parêntesis ou entre vírgulas, deve entender-se que o nome foi colhido na matriz predial, e, portanto, pode esse nome pertencer a povoação ou a alguma das anexas.** Da mesma maneira deve entender-se – quando se não indique seguidamente ao nome do povo alguma das variantes da palavra inicial do artigo, entre parêntesis – que o sítio mencionado tem o nome da palavra inicial do artigo”.*

O Concelho de Macedo de Cavaleiros está, hoje, englobado, geograficamente, em três Unidades de Paróquias das 18 existentes no Distrito e delimitadas pela Diocese de Bragança-Miranda: São essas unidades, a do “**Divino Espírito Santo**”; “**Santo Ambrósio**” e a “**Divina Misericórdia**”. Mais à frente indicaremos as localidades nelas englobadas, assim como nas restantes 15 Unidades Paroquiais que são o somatório da área geográfica do Distrito de Bragança.

Para efeitos de circunscrever os topónimos pertencentes à Ordem dos Templários, seguimos este caminho, não nos podemos esquecer que este objectivo se situou entre o século XII e o século XIV, e não à divisão administrativa do Distrito existente à data de hoje.

Recordamos que neste período existiam localidades que se encontravam dentro dos limites traçados, como exemplo, Guide, Torre de D. Chama, Ervedosa que se encontravam ligadas à área geográfica que é hoje o Concelho de Macedo de Cavaleiros e que mais tarde se assomaram ao Concelho de Mirandela ou a outros da raia do hoje concelho de Macedo que, entretanto, despegaram-se dele. Por outro lado, muitas outras povoações que, entretanto, se indicam deixaram de existir, como iremos denunciar.

São estas as localidades e as nomenclaturas em que estão distribuídas pelas 18 Unidades de Paroquias da Diocese de Bragança, ou seja, abrange todo o Distrito de Bragança.



1 – SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Pinheiro Novo
Quirás
Vilar Gestos Seco da Lomba
Edral
Vilar da Lomba
Sandim Brito da Lomba
São Jomil
Rebordelo
Santalha
Candedo
Curopos
Vale de Janeiro
Vale das Fontes
Moimenta
Montouto
Tuizelo
Cabeça da Igreja
Sobreiró de Baixo
Alvaredos
Vilar de Ossos
Penhas Juntas
Ervedosa

Agrochão
Celas
Edrosa
Vilar de Peregrinos
Nunes Ousilhão

Vinhais

Vila Nova de Ousilhão
Vila Verde
Paçó
Soeiro
Frezulfe
Travanca
Santa Cruz
Mofreita

2 – DIVINO ESPÍRITO SANTO

Macedo de Cavaleiros

Lamalanga

Argana

Vilarinho de Agrochão

Torre D. Chama

Guide

Vilarinho da Torre

Gandariças

Múrias

3 – SENHORA DO AMPARO

Aguieira
São Pedro Velho
Fradizela
Bouça
Vale de Telhas
Vale de Gouvinhas
Vale de Salgueiro
Miradeses
Cabanelas
Abrambes
Mascarenhas

Alvites
Avantos
Carvalhais
Chelas
Romeu
Cedães
Mosteiró
Mirandela
Suções
Vale de Asnes
Passos
Franco
Pereiro
Lamas de Orelhão
Pereiro
Vila Boa
Avidagos
Cobro
Marmelos
Valverde
Barcel
Valverde
São Salvador
Vila Verde
Freches
Vale da Sancha
Cachão
Freixeda
Caravelas

4 – SÃO BENTO

França
Sacóias
Bragada
Parâmio Espinhosela
Carregosa
Rabal
Aveleda
Baçal
Meixedo
Donai
Montesinho
Gondesende
Castrelos
Castro de Avelães
Carrazedo
Gostei
Nogueira
Zoio
Rebordões
Sortes
Mós
Pinela
Santa Comba de Rossas
Rebordainhos
Pombares
Salsas
Quintela de Lapaças
Sendas

5 – SANTA MARIA DO SABOR

Grijó de Parada
Faiße
Parada
Coelhoso

Serapicos
Calvelhe
Paradinha
Macedo do Mato
Izeda
Fermantões

6 – SANTO CRISTO

Rio de Onor
Deilão
Babe
São Julião de Palácios
Gimonde
Milhão
Quintanilha
Rio Frio
Outeiro

7 – SENHORA DA VISITAÇÃO

Argozelo
Pinelo
Vale de Frades
Avelanoso
Carção
Vimioso
Caçarelhos
Santulhão
Campo de Víboras
Matela
Algozo
Uva
Silva
Vilar Seco

8 – SANTA MARIA MAIOR

São Martinho de Angueira
Cicouro
Constantim
Póvoa
Ifanes
Paradela
Miranda do Douro
Malhadas
Genísio?

9 – SENHORA DOS MONTES ERMOS

Lagoaça
Fornos
Mazouco
Freixo de Espada à Cinta
Poiães?
Ligares

10 – SANTO AMBRÓSIO

Macedo de Cavaleiros
Vale da Porca
Banreses
Salselas
Vinhas

Bagueixe
Morais
Talhinhos
Talhas
Lagoa

11 – SENHORA DAS GRAÇAS

Bragança

Samil
Alfaiães
São Pedro de Sarracenos

12 – DIVINA MISERICÓRDIA

Macedo de Cavaleiros

Arcas
Azibeirol
Bouzende
Murçós
Soutelo Mourisco
Espadanedo
Ferreira
Edroso
Corujas
Ala
Lamas
Santa Combinha
Amendoeira

Gradíssimo
Sezulfé
Cortiços
Cernadela
Carrapatas
Vale de Prados
Castelãos
Vilar do Monte
Olmos
Chacim
Malta
Vale Benfeito
Bornes
Burga
Lombo
Peredo
Castro Vicente

13 – SENHORA DO CAMINHO

São Martinho do Peso
Macedo do Peso
Azinhoso
Soutelo
Remondes
Brunhoso
Paradela
Valverde
Meirinhos
Estevais
Castelo Branco
Bruçó
Vilarinho dos Galegos
Ventozelo

Peredo da Bemposta
Bemposta
Urros

Travanca
Saldanha
Vale da Madre

Mogadouro

Figueira
Vale de Porco
Vila do Rei
Vila de Ala
Tó

Brunhosinho
Variz
Penas Roias
Sanhoane
Castanheira

14 – BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

Gebelim
Soeirna
Vilares da Vilarça
Vales
Sambade
Agrobom
Pombal
Vale Pereiro
Alfândega da Fé
Vilarelhos
Eucísia
Santa Justa
Gouveia
Sendim da Serra Ferradosa
Picões
Cerejais
Sendim da Ribeira
Vilar Chão
Valverde

15 – SÃO JOSÉ

Junqueira
Vide
Castedo
Cabeça de Mouro
Lousa
Adeganha
Estevais
Torre de Moncorvo
Açoreira
Peredo dos Castelhanos
Cardanha
Larinho
Felgueiras
Maçores
Urros
Felgar
Souto da Velha

Carviçais
Mós

16 – SANTÍSSIMA TRINDADE

Atenor
Palaçoulo
Duas Igrejas
Vila Chã da Graciosa?
Sendim
Picote

17 – SENHORA DA ASSUNÇÃO

Vilarinho das Azenhas
Vilas E???
Freixiel
Candoso
Valtorno
Mourão
Seixo de Manhoses
Carvalho de Egas
Vila Flor
São João
Zaios
Vale Frechoso
Sampaio
Lodões
Assares
Santa Comba da Vilarça
Benlhevai
Trindade
Nabo

18 – ANSIÃES

Abreiro
Pereiros
Pinhal do Norte
Pombal
Zedes
Mogo da Malta
Amedo
Belver
Samorinha
Carrazeda de Ansiães
Castanheiro
Parambos
Ribalonga
Marzagão
Linhares
Lavandeira
Selares
Fontelonga
Seixo de Ansiães
Pinhal do Douro
Vilarinho da Castanheira
Beira Grande

Ajudas à leitura/interpretação do trabalho

Abreviaturas

• adv.	advérbio	• for	forma
• agri.	agricultura.	• gír.	gíria
• ant.	antigo	• gót.	gótico
• ár.	árabe	• IPA	Instituto Português de Arqueologia
• aum.	aumentativo	• lat.	Latim
• comp.	composto	• loc.	locução
• corrup.	corruptela	• masc.	masculino
• deriv.	derivação/derivado	• m.q.	mesmo que
• dimi	diminutivo	• pl	plural
• doc.	documento	• pop.	popular
• el.	elemento	• port.	português
• eluc.	Elucidário Viterbo	• pref.	prefixo
• esp/	especialmente	• prep.	preposição
• esp	espanhol	• reg.	regionalismo
• euf.	eufemismo	• sing.	singular
• f.	Feminino	• suf.	sufixo
• Femi.	Feminino	• tb.	Também

Código e nome atribuído às sedes de Freguesia pertencentes ao concelho de Macedo de Cavaleiros (2006)

1. ALA	20. MACEDODE CAVALEIROS
2. AMENDOEIRA	21. MORAIS
3. ARCAS	22. MURCÓS
4. BAGUEIXE	23. OLMOS
5. BORNES	24. PEREDO
6. BURGA	25. PODENCE
7. CARRAPATAS	26. SALSELAS
8. CASTELÃOS	27. SANTA COMBINHA
9. CHACIM	28. SEZULFE
10. CORTIÇOS	29. SOUTELO DE PENA MOURISCO
11. CORUJAS	30. TALHAS
12. EDROSO	31. TALHINHAS
13. ESPADANEDO	32. VALE BENFEITO
14. FERREIRA	33. VALE DA PORCA
15. GRIJÓ DE VALE BENFEITO	34. VALEDE PRADOS
16. LAGOA	35. VILARDO MONTE
17. LAMALONGA	36. VILARINHODE AGROCHÃO
18. LAMASDE PODENCE	37. VILARINHODO MONTE
19. LOMBO	38. VINHAS

Começamos este trabalho por apresentar a listagem actualizada de toda a toponímia existente na área geográfica onde se engloba hoje o Concelho de Macedo de Cavaleiros.

À frente de cada topónimo entre parêntesis rectos está o número que corresponde à listagem que se apresentou na página anterior, alusivo ao nome da freguesia correspondente. Também, por vezes, surge a seguir ao nome do topónimo o nome “CMP” (Carta militar de Portugal) e/ou ainda o nome da freguesia por extenso, mormente os topónimos retirados da obra do Abade Baçal.

No trabalho retirado da tese de Mestrado do signatário, apresenta-se uma proposta de significado/interpretação ao vocábulo do topónimo, por outro lado os topónimos retirados da obra do Abade Baçal não apresentam qualquer proposta de interpretação/significado. Indicamos no término de cada topónimo retirado da obra do Abade Baçal a entrada bibliográfica onde foi retirado, já que os restantes estão na bibliografia final das obras que foram consultadas/utilizadas. Por fim, por vezes, à frente do topónimo aparecem */**/** (asteriscos) que querem indicar que estamos na presença, de um lugar com (maior ou menor) interesse arqueológico, informação retirada na interpretação ao topónimo e a confirmação aquando realizamos o levantamento de todo o concelho espelhado na sua carta arqueológica.

Topónimos existentes por ordem alfabética no Concelho de Macedo de Cavaleiros

LETRA “A”

Abadinho [16]

- *Diminutivo de abade; superior de uma abadia, de um mosteiro ou de uma confederação de mosteiros; superior religioso de um território onde exerce poderes quase episcopais; pároco; título honorífico eclesiástico; homem gordo e pachorrento.*

Abanadouros [4]

- *M.q. abanadores: de abanador; utensílio em forma de leque com que se agita o ar para activar combustões; abano; leque; ventarola.*

Abedessa [16]

- *Corrup. de abadessa: superior de um mosteiro de monjas; mulher muito gorda.*

Abelaina [10]

- *M.q. abeleirar: fazer sociedade no trabalho de sementeira, emprestando-se mutuamente, gente, gado, alfaías (reg.).*

Abelairais [29]

- *De abelaina (ver, Abelaina).*

Abelheira [2; 17]

- *Ninho de abelhas: buraco onde as abelhas se alojam, – nome vulgar de espécies da família das Urquidáceas (erva-abelha), alpivre – Buraco ou conjunto de buracos nas rochas semelhantes às perfurações feitas nas árvores pelas abelhas.*

Abessada [36]

- *(ver, Abessedo).*

Abessedo [22;29]

- *Gír., lado do monte não soalheiro; onde não bate o sol; de abessana, junta de bois esp. Para puxar o arado; o primeiro sulco que aberto, num campo arado, serve de referência para os demais.*

Abexedo [21]

- *Corrup. de abessedo (ver, Abessedo).*

Abilheira [9]

- *Mesmo que abelheira: abelha-flor; alpivre; enxame; erva-abelha; erva-aranha.*

Ablaera – Chacim – MAH, Tomo X, p.174.

Abredo [2]

- *Corrup. de àgrego: acha-se em escrituras antigas que falam no aspecto e situação ou limite de terras que partem com outras. (eluc.).*

Abroeira – Chacim – MAH, Tomo X, p.174.

Abrosqueira [6]

- *De abrolho: espinho; espécie de pua; rebento; gomo; planta da família das zigofiláceas que produz frutos espinhosos e é espontânea em Portugal.*

Abrunheiros [17]

- *De abrunhal: terreno onde crescem abrunheiros; árvore ou arbusto inerme da família das rosáceas, que produz frutos (abrunho).*

Absedo [28;29]

- *Corrup. de abessedo (ver, Abessedo).*

Acenseira (Cendeira) – Chacim – MAH, Tomo X, p.174.

Aço (Pedras do Aço) – Peredon –MAH, Tomo X, p.174.

Açougue [1]

- *Carniça; carniçaria; carnificina; degoladouro, massacre; matadouro; matança; mortandade; talho – lugar onde se fazem crueldades.*

Adague (64cmp)

- *(Regionalismo) Pilha de madeira; (Regionalismo) Camada de telha que se põe no forno para cozer; (Regionalismo) fila de videiras numa vinha.*

Adagueira – Lagoa – MAH, Tomo X, p.175.

Adeveza [6]

- *Corrup. de devesa; cercado; coutada; couto; souto; tapada. Ou de aderno; arbusto da família das oleáceas de folhas espessas coberto de pelos sedosos, espontâneo em Portugal, tb. Arbusto inerme da família das ramnáceas, conhecido por aderno-bastardo, sandim e sanguinheiro-das-sebes.*

Adil [2]

- *Pousio; alqueive (do árabe “terreno inculto).*

Adiz [26] (cmp64)

- *De adir; entrar em posse (herança).*

Adro [26;36] *

- *Átrio; cemitério, eremitério; peribolo; vestíbulo – terreno em frente ou á volta da igreja.*

Adro da Igreja [35]

- *Adro (ver, Adro);*
- *Igreja (ver, Adro da Igreja de Nozelos).*

Adro da Igreja de Nozelos [3] *

- *Adro (ver, Adro);*
- *Igreja; abadia; basílica; canga; catolicismo; catria; clero; comil; gangarina – Nozelos; lugar da freguesia de Arcas.*

Afilhosa [1]

- *M.q. afilhar; açular; afilar; agarrar; filar; filhar.*

Agrade [13]

- *Grade; cerca; cancela; caniçada; vedação: cana; ripado. – agrade acarinhar; afaçar; aprazar; ceirar; comprazar; contentar.*

Agrado (64cmp)

- *Ato ou efeito de agradar; sentimento ou sensação de satisfação, de aprazimento.*

Agrebom [5]

- *M.q. agre+bom; agre; ácido; azedo; acre;*
- *Bom; de boa qualidade; competente; agradável; saboroso.*

Agrelo (79cmp)

- *M.q. agrela; agrura; aspereza; escabrosidade.*

Agres [38]

- *De Agre; que é acre ou azedo; ácido; acerado; acerbo; acre; acro; agrazo; agraz; agro.*

Agrochão (49cmp)

- *Antepositivo, do grego agrós “campo”, terreno cultivado ou potencialmente cultivável, herdade.*

Agrogeiro (78cmp)

- *Relativo a agrologia, ciência que trata do conhecimento dos terrenos em relação à cultura que lhe convém.*

Agueira [30]

- *Sulco ou vala por onde escorrem as águas da rega; aqueiro; torrente de água que faz mover o moinho.*

Água d’Alta [22]

- *Água: substância (H₂O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas substâncias; parte líquida que cobre aproximadamente 70% da superfície terrestre, sob a forma de mares, lagos e rios; arestim; auga; brilho; bua; chuva; cozimento; embriaguez; fonte; humor; infusão; lago; lágrimas; licor; limpidez; linfa; lustre; mar; menha; pranto; qualidade; ribeiro; rio; saliva; seiva; serosidade; suco; suor; torrente; transparência; urina;*
- *Alta: alto; altura; aumento; carestia; demora; elevação; escol; estação; fidalguia; parada; paragem; pausa; registo; subida; parte mais elevada de cidade, vila etc.*

Água d’Alva [22]

- *Água (ver, Água D’Alta);*
- *Alva; primeira claridade da manhã; alba; alvor; aurora; primeiro momento; início; começo; alvorada; anteauroa; antemanhã; dilúculo; esclerótica; madrugada; manhã; primórdio.*

Ala [1] (63cmp) *

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; pl. de arcas; cinta; ataúde; caixão; baú; tanque; cofre; reservatório; tesouro; incha; urna; álea; asa; az; bando; enfiada; ensejo; émula; campana; extrema; fila; fileira; flanco; labareda; lado; ocasião; reboque; renque; troço.*

Alastrinhos [12] (64cmp)

- *De alastro – estrame; feno; palha.*

Alástros [12]

- *Pl. de alastro (ver, Alastrinhos).*

Albagueira [5; 16;31] (93cmp)

- *Terreno íngreme onde abundam os saganhos e as giestas de flores brancas; gir.*

Albano Migueis [21]

- *Nome de Pessoa.*

Albeicas [28]

- *Do latim “albêdo” brancura; alvura.*

Alboredos – *Lamas de Podence* – MAH, Tomo X, p.176.

Aldeia [29;36] *

- *Povoação de pequenas proporções, menor que a vila; povoação rural; povoado; (do árabe Ad-dayHa); burgo; campanário; campo; lugarejo; pago; parvalheira; terra; vico;*
- *Alfado – Gradíssimo* – MAH, Tomo X, p.176.

Alegácia [7]

- *De alegável; que se pode alegar, alegar; deputar; fazer passar de um estado ao outro; defender; explicar; expor; ponderar, referir; relatar.*

Além do Rio [36]

- *Além; acima; acolá; ademais; afora; aí; alende; ali; antes; avante; fora; lá; longe; parte de lá; para o lado de lá; mais á frente; mais adiante;*
- *Rio (ver, Rio).*

Alfado (64cmp)

- *Que tem ou é marcado com alfa, na antiga notação musical; “alfa”, marco entre bens comuns e particulares, fronteira; rego aberto para sementeiras.*

Alhos (cmp93)

- *(pl) designativo comum a várias espécies do género allium, da família das aliáceas; erva com comprimento até 60 cm (allium sativum) com folhas lineares, flores brancas ou avermelhadas e cápsulas loculicidas, o bulbo dessa planta é constituído por vários bulbinhos ou dentes também chamado cabeça.*

Aliosa e (Fonte Aliosa) – *Podence* – MAH, Tomo X, p.176.

Alminhas [5] *

- *Painel que representa as almas dos mortos penando no purgatório; nicho ou capelinha situado geralmente na berma das estradas; pessoas, diminutivo de alma.*

Almofada [34] * – MAH, Tomo X, p.176.

- *Espécie de saco estofado para encosto; assento; ornato; coxim; travesseiro; alma-draque; bisa; boleia; cabeça; chumela; reclinatório.*

Almoinha – *Amendoeira* – MAH, Tomo X, p.176.

Alto da Assureira (cmp91)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Assureira (ver, Asseuseira).*

Alto da Azinheira (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Azinheira (ver, Azinheira).*

Alto da Bola. (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Bola: objecto natural ou fabricado maciço ou oco, redondo em toda a volta; esfera; m.q bolha.*

Alto da Bouça (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Bouça (ver, Boiça).*

Alto da Camba [24] (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Camba: câiba; caimba; cambeira; cambeta; mucamba; nesga; pina; cada uma das peças curvas que formam as rodas dos carros de bois; peça do freio em que entra o tornel da rédea.*

Alto da Côroa [1] *

- *Alto: o que tem extensão vertical – o que está acima do plano do observador, illustre; eminente; superior; importante; soberbo; altivo; transcendente, elevação, monte; cume; pináculo; lugar elevado;*
- *Côroa: aureola; capela; diadema; glória; realeza; reino; mimbo; soberania; triunfo; vitória; velho; velha.*

Alto da Caroeira (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Caroeira: caroç., antepositivo, do latim “carundium” núcleo dos frutos do tipo Drupa (ameixa, azeitona, manga etc.) ao qual se juntou o sufixo “eira”.*

Alto da Cruzinha [29] *

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Cruzinha: diminutivo de cruz; adversidade; aflição; cristianismo; cruzeiro; desgostos; fadário; infortúnio; penas; sacrifício; sofrimento; suplicio; tormento; tortura.*

Alto da Carrasqueira (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Carrasqueira (ver, Carrascal).*

Alto da Carvalheira (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Carvalheira (ver, Carvalheira).*

Alto da Cavada (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Cavada (ver, Cavado).*

Alto da Cruz de Macedo (cmp49/63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Cruz (ver, Cortinha da Cruz);*
- *Macedo; Relativo à Cidade de Macedo de Cavaleiros; Casta de uva branca.*

Alto da Cruzinha (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Cruzinha: diminutivo de cruz, (ver, Cortinha da Cruz).*

Alto da Curvaceira (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Curvaceira: de curvaça, tumor ósseo na base dos jarretes dos equídeos, sobreosso.*

Alto da Escaravada (cmp50)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Escaravada: de escarar, es+cara+ar “descarar, perder a cara” tornar-se descarado. Tomar bebida alcoólica em excesso, embebedar-se. Desgrenhado, arrepelado.*

Alto da Madorra [7] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, extraíndo-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Alto da Madorra.*
 - *Tipo de Sítio: Habitat.*
 - *Período: Neo-Calcolítico.*
 - *CNS: 2055.*
 - *Localização: Carrapatas.*
 - *Descrição: Habitat aberto, localizado no topo e nas encostas sul/sudeste do pequeno monte da Madorra. Este sítio foi intervencionado arqueologicamente, por interferir no traçado previsto do troço da IP2 Pinhovelo-Vale Benfeito. Na intervenção foram feitas numerosas sondagens, em quadrados de dois metros ou em valas. Obtiveram-se numerosos materiais arqueológicos datáveis genericamente do neo-calcolítico, mas a conservação estratigráfica dos achados era bastante fraca, com uma acentuada destruição provocada por trabalhos agrícolas. A potência média da terra rondava os 20 cm, e só em algumas depressões do terreno foi possível encontrar alguns níveis mais conservados. Numa zona, encontrou-se o possível negativo de uma estrutura, com empedrados, associados a barro de cabana. Noutra zona, identificou-se uma área de combustão. O material exumado é essencialmente, cerâmica, composta essencialmente por recipientes fechados, esféricos de fundo redondo. As decorações incluem diversas topologias de punção, havendo também cerâmica penteada. Apareceu igualmente um machado de pedra polida, polidores, fragmentos de mós, pesos de tear em xisto. Não se identificou material lítico lascado. De notar que cerca de 150 metros a Sudoeste, numa plataforma inferior, fica o sítio pré-histórico da urreta das mós.*

Alto da Mulher Morta (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Coroa);*
- *Mulher Morta (ver, Mulher Morta).*

Alto da Orreta da Cuba [13]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Ôrreta; atalho; caminho entre dois lugares, mais curto que o caminho principal; vereda; carreiro; estorvo; corte; remate;*
- *Cuba; balsa; balseiro; barrica; bota; dorna; feiticeiro; figurão; influente; mancueba; matreiro.*

Alto da Pala (cmp49) *

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Pala (ver, Pala).*

Alto da Peneda (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Peneda (ver, Peneda).*

Alto da Pinha [3] (cmp49) *

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Pinha; aglomeração; aglomerado; ananás; anona; ata; ateira; pedalha; cabeça; montão; multidão; pilha; rima; queimadura.*

Alto da Poça (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Poça (ver, Poça).*

Alto da Ponte (cmp63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Ponte (ver, Ponte).*

Alto da Ponte do Milho (cmp63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Milho: Planta da família das gramíneas, muito cultivada principalmente no Norte e no Centro de Portugal pelo valor do seu grão panificável, e pelo colmo e folhas que servem de forragem.*

Alto da Ribeira(cmp91)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Ribeira (ver, Ribeira).*

Alto da Sequeira (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Sequeira: pop. Seca, estiagem. Maçada. Privado de água. Terreno que não é regado. Lugar seco.*

Alto da Serra [5] (cmp50)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Serra; alpe; bonito; cordilheira; espadarte; judeu; meda; montanha; montão; monte; penhasco; pilha; rima; serrania; serreta.*

Alto da Uceira (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Uceira; corrup. de Ucheira: Depósito de alimentos, despensa, Ucha. Arrecadação. Depósito de forragens. Abundância.*

Alto das Cabeçadas [25]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Cabeçadas: Pl. de cabeçada; pancada com a cabeça; conjunto de cordas ou correias que cinge a cabeça dos animais de tiro ou cela; cabresto de argola para prender á manjedoura; disparate; tolice.*

Alto das Choisas (cmp50)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *M.q. Chousa. do latim “claudo”. Uma fazendinha, ou pequeno espaço de terra, tapado sobre si. (Documento de Moncorvo de 1407 (Elucidário), Duas Herdades, hum cortinhal, e huma chousa).*

Alto das Fontainhas (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Fontainhas (ver, Fontainhas).*

Alto das Lamelas (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Lamelas (ver, Lamela).*

Alto das Lastras (cmp93)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Lastras: Lastra, pedra larga e grande. Na olaria, pasta de argila pronta para pôr nas formas.*

Alto das Mesuras (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Mesuras: Urbanidade, cortesia, honra, modéstia, gravidade (Fernão Gil, tesoureiro da Guarda, diz no seu testamento de 1299 “Mando ao Cabidoo huuma cuba chea de vinho, só tal condiçom, que elles, per as mesura, sayam sobre mim, quando ssayrem da Missa da Prima até os trinta dias. Elucidário Doc da Guarda”). Medida, termo, conta, razão. “Os Çapateyros, e Alfayates, e Ferreiros, e outros Mesteiraaes vendem sem mesura o calçado, e as outras cousas, por tal guisa, que em todo continuamente amosttram gram malícia em sseos mesteres. Documento de Silves de 1404. Elucidário”).*

Alto das Penas Gosas (cmp50)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Penas: Elevação de terreno; rocha; fraga; punição; tristeza;*
- *Gosas: Corrup. Pl. de Guzo, Força, Vigor.*

Alto das Portelas (cmp63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Portelas (ver, Portela).*

Alto das Vinhas [26]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Vinhas: lucro; Mina; pechincha; videira; vinhadego; vinhal; vinhedo; vir.*

Alto de St^a Bárbara (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *St^a Bárbara (ver, Santa Bárbara).*

Alto de S. Pambo [26]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *S. Pambo; m.q. são pambo; pessoa que morreu em estado de santidade.*

Alto do Álvaro Maio (cmp91)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Álvaro Maio (ver, Álvaro Maio).*

Alto do Areal (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Areal (ver, Areal).*

Alto do Cancalho (cmp50)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Cancalho: De Cancara, armação, geralmente de madeira, que serve de suporte para a palha, ou outra qualidade de cobertura.*

Alto do Castelo [13] **

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Castelo: acumulação; alcácer; alcáçova; castro; cidadela; cúmulo; fortaleza; forte.*

Alto do Choupinho (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Choupinho (ver, Choupinho).*

Alto do Frade (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Frade (ver, Frade).*

Alto do Lago [26]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Lago: água; redonda; charco; estanco; poça; tanque.*

Alto do Lombo (cmp64)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Lombo (ver, Lombo).*

Alto do Macário (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Macário: m.q. maqueiro, maca+ário.*

Alto do Malhão (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Malhão: O que assinala um limite de espaço; Marco; Baliza; Divisa; Feixe de arbustos.*

Alto do Marco [10]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Marco: alveiro; baliza; capacidade; demarcação; dinheiro; divisa; estrema; fronteira.*

Alto do Mogrão (cmp63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Mogrão; Nome de localidade do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Alto do Moinho (cmp78)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Moinho (ver, Moinho).*

Alto do Peníge [1]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Peníge. Sem proposta.*

Alto do Picarrão (cmp92)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Picarrão: aumentativo de Pica. Reg. Acto ou efeito de picar ou cavar de leve a terra. Reg. Sacho de picar. Espécie de lança. pénis.*

Alto do Pinhal (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Pinhal (ver, Pinhal).*

Alto do Ponteiro (cmp64)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Ponteiro: Pequena haste ou vara para apontar; utensílio aguçado dos canteiros para desbastar pedra; O que está na ponta; Que aponta; Diz-se do vento contrário à navegação.*

Alto do Salgueiro (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Salgueiro (ver, Salgueiro).*

Alto do V. do Pito (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Pito: Franguinho, pinto. Reg. O interior podre da fruta. Vagina.*

Alto do Vale do Carvalho (cmp50)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalho (ver, Carvalho Negro).*

Alto do Vale Ferreiro (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Ferreiro (ver, Ferreiro).*

Alto do Vale Pereiro (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Pereiro (ver, Pereiro).*

Alto do Viso (cmp64)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Viso (ver, Viso).*

Alto dos Carris (cmp63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Carris (ver, Carril).*

Alto dos Carvalhos [34]

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Carvalhos: Pl. de carvalho; azinho; bodião; carvalha; carvalheira; carvalheiro; dentilha; quérco; roble; árvore da família das Fagáceas, comum em Portugal, útil pela madeira, pelo fruto e tanino que fornece.*

Alto dos Casais (cmp77)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Casais (ver, Casal).*

Alto dos Engaranhados (cmp49)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Engaranhados: de engaranhar; embaraçar; enlear; enregelar; inteiriçar.*

Alto dos Pinheiros (cmp63)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Pinheiros (ver, Pinheiro).*

Alto Muar (cmp91)

- *Alto (ver, Alto da Côroa);*
- *Muar; Macho; Um; Mula.*

Álvaro Dias [5]

- *Nome de Pessoa.*

Álvaro Maio [5]

- *Nome de Pessoa.*

Alvagueira (cmp79)

- *De Alva; alvor; alvorada; amanhecer; antaurora; antemanhã; aurora; começo; início; madrugada; manhã; primórdio.*

Amadorra [15] **

- *A+Madorra; mesmo que modorra; montão de pedras miúdas, túmulo romano (de meda+orra).*

Amêda [15;32] (cmp92)

- *A+meda; montão cónico de feixes de cereais, palha, colmo, caruma – lugar onde há medas, medeiro.*

Amêdo [9; 16]

- *A+Mêdo; terror, susto, receio, terror; apreensão; fantasma; almado outro mundo; assombramento; cagaço; cagueira; cerol; grima; horror; pânico; pavor; receio.*

Ameirêdo [31]

- *De ameigo; ameigamento; fazer carinhos; meiguices; acarinhar; afagar.*

Ameixeira [30]

- *Árvore da família das Rosáceas, que produz ameixas; lugar plantado de ameixoeiras.*

Ameixoeira [13]

- *M.q. ameixeira (ver, Ameixeira).*

Amendoeira [2] (cmp63)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; amígdala; pl. folar; árvore da família das rosáceas, de semente oleaginosa, cujo fruto é a amêndoa.*

Amieirinhos [4]

- *Diminutivo de amieiro; árvore da família das Betuláceas, frequente em terras húmidas, cuja madeira é aproveitada para construção e a casca para preparar curtumes.*

Amieiro [2]

- *(ver, Amieirinhos).*

Amieiros [28]

- *Pl. de amieiro (ver, Amieirinhos).*

Amoreiras [1; 17]

- *M.q. amoreira: árvore da família das Moráceas que produz amoras (soroses) cujas folhas são utilizadas na alimentação do bicho-da-seda.*

Amoreirinha [14]

- *(ver, Amoreiras).*

Amoreirinhas [10]

- *(ver, Amoreiras).*

Anal [7]

- *Anual, sedal; que durou ou durará um ano; relativo ou pertencente ao ânus, sedenho; assento; fontanela; fonte; sedém, saia.*

Andorinha (cmp77)

- *Designativo comum às aves passeiformes, insectívoras, da família dos hirundinídeos; ave migratória.*

Andorinhas [5;32]

- *Pl. de andorinha; bicicleta; filomela; meretriz; progne; prostituta; quelidónia; pássaro da família dos Hirundinídeos; planta herbácea da família das Liliáceas.*

Aneião [37]

- *Aumentativo de aneia; égua; idiotia; parvoíce.*

Antesterms(cmp78)

- *Antesterms, antes+termos; antes, em tempo ou lugar anterior, num tempo passado, dantes, antigamente. Termos, limite, prazo, tempo fixo, marco, baliza, raia, confins.*

A Olga [28]

- *(ver, Olga).*

A' Pereira [16]

- *A Pereira; nome de pessoa; planta arbórea da família das Rosáceas que produz, peras.*

Á Ponte [26] *

- *Ponte; alcântara; pató; construção que permite a passagem de uma via de comunicação sobre um curso de água ou vale; que serve de ligação.*

Arames [1]

- *Fio de qualquer metal puxado á fieira; antiga designação das ligas que tinham por base o cobre; alambre; dinheiro; espada; harém; latão; navalha; verga.*

Arbideiros – Lagoa – MAH, Tomo X, p.177.

Arcal [28;33;38] **

- *Sítio referenciado pelo Abade Baçal, (vol. IX, p.571) como de interesse arqueológico, não constando, todavia, nas fichas de registo de cadastro da freguesia de Moraes; derivado de arca; abraço; amplexo; anca, anta; baú; burra; caixão; cofre; costa do; depósito; frásqueira; lado; peito; reservatório; tanque; tesouro; ucha; urna; pl. Alas.*

Arçanhal [26]

- *De arçanha; arçanhas; campo de arçanhas ou arçãs; alfazema silvestre.*

Arçanheira [17]

- *(ver, Arçanhal).*

Arcas [3] (cmp49) *

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; pl. de arca; abraço; amplexo; anca; anta; ataúde; baú, burra; caixão; cofre; costado; depósito; frásqueira; lado; peito; reservatório; tanque; tesouraria; tesouro; tórax; ucha; urna; pl. Alas.*

Arcão [34] **

- *Sítio referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.571), como de interesse arqueológico*

Àrdonho – Freguesia de Vale de Ala – MAH, Tomo X, p.177.

Areal [2;25;34]

- *Areeiro; arneiro; duna; pousio; praia; lugar onde há muita areia.*

Areaís [32;35]

- *Pl. de areal (ver, Areal).*

Arganal [14;31] MAH, Tomo X, p.178.

- *De argana+al; guindaste, pragana; aresta; arista; rabeira; saruga; moinho, peugada; rasto; restos; traseira; pl. alimpaduras; gruim.*

Araganoso [19]

- *De argano+oso; difícil de domar, (do castelhano haragén).*

Argeriz – Castelões – MAH, Tomo X, p.178.

Arejadouro (cmp92)

- *M.q. arejador; que ou o que areja; fazer circular o ar num recinto; expor-se ao ar; refrescar.*

Argana (cmp49)

- *Elemento composto, Arg+ana; Alvura; brancura; brilho; esplendor; brilhante; espécie de videira que produz uva branca.*

Arnago – Vale da Porca – MAH, Tomo X, p.178.

Arrabalde [33]

- *Alfoz; proximidades; redor; vizinhança; arredores; cercanias; subúrbios, (do árabe ar-rabd).*

Arraial [18]

- *Acampamento de tropas, festa ao ar livre por ocasião de romarias, acampamento, aglomerado.*

Arraja [30]

- *Sem proposta.*

Arrebedal [13]

- *De arrebanha; aplanar com feixe de ramos preso na traseira do timão (camalhões que o arado forma) cobrindo ao mesmo tempo as sementes.*

Arreta [28]

- *De arretar; fazer voltar para trás; suspender a marcha; canimal; rebanho; muro que se destina a sustentar o peso de um terreno em declive.*

Arrouço [3]

- *Arrastamento; arrasto; demora; lentidão; frouxo; humilde; miserável; rasteiro; prolongado; vil.*

Arrouços [23]

- *Pl. de Arrouço; (ver, Arrouço).*

Arrousado [33]

- *M.q. (ver, Arrouço).*

Arvoreda de Baixo [22]

- *Arvoreda f. de arvoredado; arborização; bosque; floresta; mastreação; mata; mato; extenso aglomerado de árvores em determinada área;*
- *Baixo (ver, carva de Baixo).*

Arvoreda de Cima [22]

- *Arvoreda (ver, Arvoreda De Baixo);*
- *Cima (ver, Carva De Cima).*

Ás Hortas [36]

- *(ver, Hortas).*

Assaínhas [8]

- *De assai (da loc. Pop. Lat. formada da prep. Ad+adv. sātis); abundante; em quantidade.*

Assamor [30]

- *De assamara: crosta de alimentos torrados que tem sabor amargo.*

Asseiceira (cmp78/92)

- *Corrup. de aceiro; faixa de terreno que se limpou ou arrotou através ou em torno de herdades, matas, coivaras etc., para evitar a propagação de incêndios; debate de terreno próximo de cerca de arame para salvaguardar das queimadas.*

Asseienhas – Castelãos – MAH, Tomo X, p.179.

Asseuseira [9]

- *M.q. açoreira (de açor, significa terra de açor) Viterbo diz: nas serranias de Trás-os-Montes apareciam bastantes destas aves, para além desta grafia usa-se ainda assureira, assoreira e assoeira; ave de rapina, diurna da família dos falconídeos; falcão; diz ainda o autor referido que, em Trás-os-Montes não faltam povos, quintas e sítios de terra com o nome de azoreira.*

Assureira [6]

- *(ver, Asseureira).*

Atalhinho [12]

- *Diminutivo de atalho, (ver, Ôrreta).*

Atalaia [19;24;] **

- *Referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.354), com potencial arqueológico, todavia não consta das fichas de registo de cadastro da freguesia do Lombo.*

Atanheira [32]

- *De atañhar; curtir (couro) com atañado; casca de angico e de outras plantas que reduzidas a pó servem para curtir couros pelo tanino; lugar onde se atañha; desbriado; ordinário; reles; coirão.*

Atoladouro [16]

- *M.q. atoladoiro; atoladeiro, atoleiro; lamaçal; lodaçal; pântano; enlamear-se; sujar-se.*

Ataques – Talhinhos – MAH, Tomo X, p.179.

Avalouça (cmp78)

- *Sem proposta.*

Avela (cmp79)

- *Avela: enrugado; velho; envelhecido; diz-se do fruto quando despega da casca.*

Avelaina [10]

- *M.q. avelar; avelanal; aveleiral; amarrotar; encarquilhar; enrugar; envelhecer; melar; secar.*

Avelainas [12]

- *(ver, Avelaina).*

Aveleiras [6]

- *Pl. de aveleira, árvore da família das Coriláceas, que produz avelãs, também conhecida por aveleira, avelanzeira; campo de avelãs.*

Aveleura [9]

- *(ver, Aveleiras).*

Avenida da Igreja [24]

- *Avenida; acometimento; alameda; álea; assalto; ataque; chegada; entrada; passagem; pátio; vila; via pública urbana ampla, mais larga que a rua; principal via de acesso;*
- *Igreja (ver, Igreja).*

Avessada [17] (cmp93)

- *Correia com que se prendia a ave de caça à alcândora.*

Avessado [17]

- *Feito às avessas; arreversado; hostil; mal-avindo; repelir.*

Azal [31]

- *Designativo comum a numerosas castas de uva.*

Azamora – Talhas – MAH, Tomo X, p.180.

Azebeda – Lamalonga – MAH, Tomo X, p.180.

Azedal [4]

- *De azedinha; aleluia; trevo-aquático; trevo-azedo; campo de azedas.*

Azedas – Talhas – tirado 1º mapa de Portugal (Fernando Seco) datado de 1560.

Azenha [5;32] *

- *Atafona; moinho; moinho de rodízio movido a água (do árabe as-sániâ).*

Azenha da Cega (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Cega: Mulher que não enxerga; Estado de embriaguez; sem ver; tacteando no escuro; sem ponderar ou raciocinar; a torto e a direito.*

Azenha da Fonte (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Fonte (ver, Fonte).*

Azenha da Moteira (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Moteira: acto ou efeito de motejar: Zombar de; gracejar; dizer motejos; troçar; dar mote para glosas.*

Azenha da Turca (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Turca; Bebedeira; camoeira; embriaguez; herniária; porre; touca; natural ou habitante da Turquia.*

Azenha das Dobras (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Dobras: Pl. de dobra; parte de um objecto que se sobrepõe a outra parte; prega; vinco; da geologia, deformação sofrida pelos estratos das rochas sedimentares e devida a movimentos tectónicos. Antiga moeda Portuguesa.*

Azenha das Pedras Altas (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Pedras (ver, Pedras);*
- *Altas (ver, Cabeço Alto).*

Azenha de Baixo (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Azenha do Canal (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Canal (ver, Canal).*

Azenha do Carvalhal (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Carvalhal (ver, Carvalhal).*

Azenha do Chiqueiro (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Chiqueiro: Curral onde são recolhidos ou criados os porcos, ovelhas, bezerros, cabras etc. pocilga; lugar lamacento onde refocilam os porcos; lugar imundo.*

Azenha do Luzio (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Luzio: Luminoso; luzente; radioso; nítido; claro; evidente; manifesto.*

Azenha do Moreira (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Moreira: nome de pessoa; amoreira, do latim moru" amora+eira".*

Azenha do Padre António (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Padre: indivíduo que recebeu ordenação sacerdotal;*
- *António. Nome de Pessoa.*

Azenha do Pisão (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Pisão: Máquina para pisoar (dar mais corpo e resistência) os panos.*

Azenha do Poço Calastra (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Poço (ver, Poço);*
- *Calastra: antiga cidade da Macedónia; Calast. Antepositivo de Calar.*

Azenha do Pombal(cmp78)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Pombal (ver, Pombais).*

Azenha do Quimbino (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Quimbino. Sem proposta.*

Azenha do Serrão (cmp79)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Serrão: Relativo a serra, serrano; serra grande manejada por dois homens e própria para serrar toros de madeira.*

Azenha dos Dízimos (cmp49)

- *Azenha (ver, Azenha);*
- *Dízimos: tributo que os fiéis pagavam à igreja como obrigação religiosa; Referente à décima parte de um todo.*

Azenha dos Queimados (cmp79)

- *Azenha* (ver, *Azenha*);
- *Queimado* (ver, *Queimada*).

Azene (cmp78)

- *Azene*: *Corrup de Azena; m.q. azenha; azenia; acenia; asenha; assania; Moinho de água que serva para trigo e qualquer tipo de pão, a que chamamos azenha, azanha, asanha ou acenha. Hoje difere do moinho, este tem rodízio e anda com água do rio, e aquela tem roda, pela parte de fora, e anda com água do ribeiro que, caindo do alto na roda, lha dá o impulso, ficou-nos este nome dos Árabes, que chamam assanha ao moinho d'água, que serve para trigo, e nós chamamos azenhas não só as que moem o pão, mas também as que pisam a azeitona.*(*Elucidário, Viterbo, p.697*).

Aziba [29]

- (ver, *Azibal*).

Azibadinho – *Soutelo de Pena Mourisca* – MAH, Tomo X, p.180.

Azibal [13;14;29] (cmp63)

- *De azinho; m.q. azinhal, campo plantado de azinheiras; árvore da família das fagáceas, que fornece madeira apreciada, produz fruto (bolota).*

Azibo [27;29]

- (ver, *Azibal*).

Azibro [29]

- (ver, *Azibal*).

Azinheira [4; 14] – MAH, Tomo X, p.180.

- *Azinheiro; azinho; árvore da família das Fagáceas.*

Azinheiras [23]

- *Pl. de azinheira; (ver, *Azinheira*).*

Azinheiro – *Ferreira* – MAH, Tomo X, p.179.

LETRA “B”**Babão [22]**

- *Que ou quem faz ou diz tolices ou se revela ingénuo; bobo; palerma; parvo; aquele que se baba muito; baboso; apaixonado; apalermado; bajonjo; boca-aberta; dengoso; enamorado; pasmado; tolo.*

Babo [14]

- *Ababalhar; babujar; balbuciar; enxovalhar; escumar; salivar; baba; babugeira; baboca; barbaque; papalvo; pateta; simples; simplório; tolo.*

Bacarinha – *Lamalonga* – MAH, Tomo X, p.180.

Bacelinhos [31] (cmp79)

- *Diminutivo de baceiros: muda de videira usada para reprodução; videira nova e pequena; varinha; pauzinho; cajadinho; sarmento.*

Bacelo [17]

- *Baceleiro; sarmento; vara cortada da videira para plantar; videira brava para enxertar; vinha nova; terreno onde há plantação de videiras.*

Bacelos [1;2;4;13]

- *(ver, Bacelo).*

Bacelos Velhos [22]

- *Bacelos (ver, Bacelinhos);*
- *Velhos (ver, Caminho Velho).*

Bagueixe [2] (cmp78)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Sem proposta de sinonímia.*

Bairro [23;34;36]

- *(ver, Bairro da Pessarna).*

Bairro da Fonte de Gralhós [31]

- *Bairro (ver, Bairro da Pessarna);*
- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Gralhós; localidade pertencente á freguesia de Talhinhos, no concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Bairro da Pessarna [21]

- *Bairro; arraial; arredores; paróquia; subúrbio; porção de território povoado nas cercanias de uma cidade; povoado; arraial; cada uma das partes em que se divide uma cidade, vila ou aldeia;*
- *Pessarna. Sem proposta.*

Bairro da Roda [8]

- *Bairro (ver, Bairro da Pessarna);*
- *Roda; acusação; ambiente; arco; assembleia; associação; bezedor.*

Bairro das Nogueiras [16]

- *Bairro (ver, Bairro da Pessarna);*
- *Nogueiras: Pl. de noqueira, árvore da família das Juglandáceas, que produz nozes; nogal.*

Bairro de S. Sebastião [30]

- *Bairro (ver, Bairro da Pessarna);*
- *S. Sebastião (ver, S. Sebastião).*

Bairro do Outeiro [30]

- *Bairro (ver, Bairro da Pessarna);*
- *Outeiro (ver, Outeiro).*

Bairro do Souto [26]

- *Bairro (ver, Bairro da Pessarna).*
- *Souto; alameda; bosque; castanhal; castanheda; cerrado.*

Balheiro [2]

- *Relativo a balha: espaço cercado onde se travam justas e torneios de cavalaria; paliçada; estacada; valo.*

Balinhãs [12]

- *Diminutivo de baleio: vassoura grande com que se varrem as espigas e o grão nas eiras; vassouras de giesta.*

Balouta [15]

- *Abrótea: planta subarborescente da família das compostas, também conhecida por guarda-roupa.*

Balouto [32]

- *M.q. balouta (ver, Balouta).*

Balsada [5]

- *Balsa+ada m.q. balsa; angarilha, balseira, barco; barrica; charco; cuba; dorna; engaço; jangada; mosto; salgadeira; tina.*

Balsas, Balsados – Bornes – MAH, Tomo X, p.181.

Balsemão [9] (cmp78) *

- *Regionalismo, lenda local; m.q. bálsamo na mão.*

Bandaleira [17]

- *Corrup. de bandalheira (ver, Bandeilheira).*

Bandeilheira [17]

- *Corrup. de bandalheira; baixeza; bandalhice; canalhice; desvergonhada; falcatrua; impudícia; indignidade; obscenidade.*

Bandeira, Bandeirinha – Vilar do Monte – MAH, Tomo X, p.181.

Bandeira [21] (cmp79) *

- *Auriflama; balsão; catavento; chave; distintivo; emblema; facção; flecha; gonfão; grupo; guarda-vista; lema; muxirão; painel; pantalha; pára-luz; partido; pendão; protecção; sobreposta.*

Bandoria [17]

- *Dissensão; discórdia; guerra; contenda; inimizade; partido. “Os hereos querem partir esses bens, e heranças sem eixeco e sem bandoria e sem outra volta” in, documento das Bentas do Porto de 1307 (eluc/Viterbo).*

Banhos da Abilheira (cmp78)

- *Banhos: Pl. de banho, acto ou efeito de molhar o corpo para lavar-se ou refrescar-se; lugar onde outrora se cumpriam penas de trabalhos forçados; prisão; presidio;*
- *Abilheira; abilhar; dar ou tomar forma de bilha; colocar algo numa bilha; enfeite; adorno; aprontar-se; convir.*

Baniçal [21]

- *De banir+çal; desterrar; exilar; excluir; eliminar; suprimir; proibir.*

Banreses [33] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como “Benreses” e de interesse arqueológico, antiga povoação já extinta pertencente á freguesia de vale da porca; o topónimo Banrese de origem possivelmente pré-romana, [Lemos; 1993:179 Vol-II a], refere que pode corresponder a um dos pagi referidos no Paroquial Suévico, aparecendo nas inquirições de D. Afonso III, na forma de Venrreses e nas inquiri-*

ções de D. Dinis como Veareses, mais tarde foi freguesia de S. Frutuoso de Bareses, in, grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXXIII, p.775.

- *Da base de dados do IPA, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Benrezes.*
 - *Tipo de sítio: Povoado.*
 - *Período: Idade Média/Moderno.*
 - *CNS: 17287.*
 - *Localização: Vale da Porca.*
 - *Descrição: Benrezes é um povoado abandonado situado na margem direita do rio Azibo, na proximidade do sopé Norte do monte da Terronha. A aldeia, referida em documentos medievais, foi habitada até aos anos 60. No local é possível decifrar a sua antiga estruturação urbana, sendo ainda visíveis as ruínas da igreja, de notória feição medieval, estruturas de habitação e algumas estruturas de produção como o moinho da localidade e um lagar de azeite. A prospecção de superfície efectuada no local não permitiu extrair quaisquer conclusões que possibilitassem uma aproximação cronológica mais fundamentada em relação à origem do sítio em causa. No entanto, não será de excluir a possibilidade de o povoado poder ter evoluído a partir de uma antiga ocupação iniciada durante a romanização, dado as condições naturais do local, com excelentes potencialidades agrícolas e o seu posicionamento em relação ao povoado fortificado da Terronha.*

Baralha [29]

- *Perturbação da ordem; motim; conflito; intriga; maledicente; mexerico; peleja; confusão; (do latim “varalia”) entrelaçamento de varas ou de talos de plantas; prruaça; alteração; barulho; briga; rixa; contenda.*

Barca [30]

- *Angarilha; balça; nome genérico aplicado á enorme variedade de embarcações fluviais e marítimas.*

Barbeiro [4]

- *Alfageme; baeta; curandeiro; fígaro; fincão; fincudo; gandério; padeiro; procoto; rapão; rapa-queixos; roudão; sapateiro; sarrafaçal.*

Barcelinhos [11]

- *De barceiro; fabricante ou negociante de barça; invólucro de verga ou palha, com que se resguardam vasos de vidro; cestos em que os caçadores levam o furão.*

Barda (Lamas da) – Vale da Porca – MAH, Tomo X, p.181.

Barjoucas [23]

- *De barjouletas (ver, Barjouças).*

Barjouças [2]

- *De barjouleta; bolsa de couro; mochila; bolsa do caminhante.*

Barrancos [5;31;32] *

- *Algar; baianca; barroca; barroco; batoco; biboca; carcavão; carva; córrego; dano; despenhadeiro; embaraço; erro; esbarroudeiro; estorvo; forjoco; fosso; impedimento; infortúnio; miséria; mururé; obstáculo; precipício; quebrada; ravina; ribeiro; runa; sepultura; sulco feito no solo pelas enxurradas.*

Barras [26]

- *Pl. de barra; angra; barreira; catre; cinta; debrum; extremo; faixa; fúmbria; foz; friso; leito; lista; listão; local; orla; pimpão; porto; tira.*

Barreira [2;17;19;24;26;27;30;34;35]

- *Alvo; barra; barreiro; bastida; defesa; dique; escarpa; estacada; estorvo; fito; muro; meta; limite; portas; tapume; trincheira; valo; vedação.*

Barreiro [13;14;16;21; (26);28;29] (cmp79) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, com interesse arqueológico (possível forno de cronologia indeterminada) na freguesia de Salselas; amassa-barro; barreira; fosso.*
- *Este topónimo situado na freguesia de Salselas, foi sujeito a uma intervenção arqueológica em Agosto de 2003, no âmbito do projecto de investigação “Terras Quentes” tendo sido posto a descoberto um forno cerâmico de tipologia romana, sendo este composto por dois níveis; A) área de aquecimento, constituída por boca do forno, fornalha e câmara de aquecimento. B) composto de câmara de cozedura, constituída pela grelha (leito com 15 orifícios dispostos de forma simétrica em três fiadas) e provavelmente abobadada. O forno encontra-se encastrado em caixa trilateral escavada na rocha (xisto) e é totalmente fabricado em blocos de argila (adobe) feitos à mão e secos ao sol.*

Barreiro da Luzia (cmp79)

- *Barreiro (ver, Barreira);*
- *Luzia (ver, Luzio).*

Barreiros [1;3;4;6;11;20;22;25;27;28;32;33;34;35] (cmp64/78) **

- *Sítio referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.495) como de interesse arqueológico, na freguesia de Podence; pl. de barreiro, (ver, barreiro).*

Barres – Talhas – MAH, Tomo X, p.181.

Barriçal [26]

- *Lamaçal.*

Barrigão [23] (cmp78)

- *Aumentativo de barriga; qualquer parte que sobressai; protuberância; saliência; abdómen; baú; bojo; bucho; búzera; embuste; fole; pança; prenhez; redenho; ventre.*

Barrocal [19]

- *Barroqueira; batoco; lugar onde há barrocas.*

Barroncas (cmp78)

- *Sem proposta.*

Barros [15;26] (cmp78) *

- *Argiloso; barrento; pl. de Barros; terra própria para o fabrico de louça: argila.*

Barrosa [22]

- *De barro (ver, Barros).*

Barrosas [22]

- *Pl. de barrosa (ver, Barros).*

Barroucas [21] *

- *De barro (ver, Barro).*

Batoco, Batocos – Vale da Porca, Corujas, Castelãos, Morais – MAH, Tomo X, p.181.

Batacos [33]

- *M.q. batoco, no pl.*

Batoco [8;21]

- *Barranco, barrocal; pica-pau; trepadeira.*

Batocos [11]

- *Pl. de batoco, (ver, Batoco).*

Bebêdo [5]

- *Corrup. de bêbedo; que ingeriu bebidas alcoólicas em excesso; ébrio; zonzo; aturdido.*

Beçadas [25]

- *Relação com o arcaico, abesso; campo; (ver, Abessedo); (ver, Bessadas).*

Bedulo [29] – MAH, Tomo X, p.182.

- *Vidoeiro: planta lenhosa da família das Betuláceas, cultivada e espontânea em Portugal, especialmente nas regiões mais elevadas, também conhecida por bédulo; bétula; bidoeiro.*

Beiga da Dona [33]

- *Beiga: abastardamento de Veiga: campina; prado; vargem; várzea;*
- *Dona: título honorífico que precede o nome próprio; proprietária; dama; governanta; senhora da nobreza.*

Beira do Povo [33]

- *Beira: borda; margem; orla; proximidade; vizinhança;*
- *Povo: aldeia; arraial; casta; família; gentilha; gente; grei; lugarejo; povoado.*

Belado [14]

- *De baladouro: que contém beladoura; planta herbácea venenosa da família das solanáceas, subespontânea e cultivada em Portugal, de aplicação terapêutica.*

Benrezas (cmp78)

- *Corrup. de Banrrezes: antiga povoação pertencente à freguesia de Vale da Porca, extinta por epidemia de tifo no princípio do século XX.*

Benrota [30]

- *Bem+rota; Bem; domínio; honra; posse; propriedade; proveito; apoiado;*
- *Rota; caminho; direcção; corte de terreno para abrir caminho; espécie de junco.*

Berbedónia [28]

- *De berber; formado do árabe “ber berys”; ocorre em cultismos em geral da botânica, a partir do século XIX; berberidácea, berberidódeas.*

Berbedónio [28]

- *Masc. de berbedónia; (ver, Berbedónia).*

Bergo, Bergueira – Sobreda – MAH, Tomo X, p.183.

Berrão [30] *

- *Barrão; chorão; varrão; porco não castrado próprio para reprodução.*

Berrota [30]

- *Bem+rota; rota; espécie de cipo ou junco, corte de terreno para abrir caminho; (ver, Cordinhal); (ver; Benrrota).*

Bessada (cmp64)

- *Sing. de Bessadas. (ver, Bessadas).*

Bessadas [4] (cmp64)

- *Vessada; avessada; jeira; vessadela; terra fértil e regada; porção de terra que se lava num dia com uma junta de bois, (do latim versâre “revolver”)*

Bezerril [11;16]

- *M.q. berzerreiro; choça; curral.*

Bidaleiro [22]

- *Sem proposta.*

Bidoleiro [22]

- *Sem proposta.*

Bidueiro ou Vidoeiro – *Espadanedo e Vinhas* – MAH, Tomo X, p.183.

Bifreira [36]

- *De bifero: que dá flor ou fruto duas vezes no ano.*

Bilrona – *Talhinhas* – MAH, Tomo X, p.183.

Bispo – *Sesulfe; Salselas Freguesia* – MAH, Tomo X, p.183.

- *Afim; antístite; delfim; esturro; fumo; pastor; peru; pontífice; prelado; presbítero; queimado; rabadilha; uropígio.*

Boa Vida [9]

- *Comodista; gozador; mândria; preguiçoso; vadio.*

Boavista [18]

- *Vista panorâmica; boa visão.*

Bobedo (cmp91)

- *Bobedo; Bobe+edo; rolo; pequeno cilindro oco; cacho ou anel de cabelo.*

Bobo [2;34] (cmp78) – MAH, Tomo X, p.183.

- *Alvar; atoleimado; aparvalhado; bufão; caturra; chocarreiro; estúpido; farsante; farrista; jogral; maluco; relógio; tolo; truão; zângano.*

Bobó [11]

- *Ache; arrebenta-cavalos; barrigudinho; bobo; girino; ingénuo.*

Boca do Vale [3]

- *Boca: abertura; barra; beque; bico; bocal; começo; embocadura; entrada; foz; princípio.*
- *Vale: barbeito; comba; talvegue; val; vão; planície entre duas montanhas ou colinas.*

Bócos [10]

- *Pl. de bóco: acriançado; bobo; mocó; palerma; parvo; pascácio; pateta; simplório; tolo.*

Boieinha [26]

- *Diminutivo de boieira: alvéola; barroneira; alvela; avoeira; chíria; chirina; lavandeira; lavandisca; pastorinha.*

Boenga [2]

- *M.q. boenca: raça de bovino doméstico.*

Boengo [2]

- *Masc. de boenga (ver, Boenga).*

Boho [13]

- *Da gíria: interjeição popular, designativo de “está bem, negativo” admiração; exclamação.*

Boiça [12]

- *M.q. bouça: bravio; tapa; terreno delimitado em que se criam pinheiros, eucalip-tos, carvalhos e mato; terreno inculto.*

Boiças [14]

- *Pl. de boiça (ver, Boiça).*

Boiça Velha (cmp50)

- *Boiça (ver, Boiça);*
- *Velha: Fem. de velho, (ver, Caminho Velho).*

Boke [12]

- *Do gót. Boka; casta; caderno; registo.*

Bolas [36]

- *Pl. de bola (reg.) porção de massa de forma redonda de pequena espessura cozida na forno com que se faz a broa de milho; objecto esférico oco que é usado em di-versos desportos.*

Boleiro [29]

- *Que ou aquele que faz ou vende bolos.*

Bolelas – Lombo e Soutelo de Pena Mourisco – MAH, Tomo X, p.184.

- *De bole; nome vulgar de uma planta herbácea da família das gramíneas, espontâ-nea e frequente em Portugal, que se agita á menor aragem.*

Boletinha [16]

- *F. de boletinho (ver, Boletinho).*

Boletinho [16]

- *Diminutivo de boleto: agárico; alojamento; boletim; bolota; machinho.*

Borbeleira [1]

- *Sem proposta.*

Borda [23;30]

- *Extremidade de uma superfície; beira; orla; ourela; fímbria; margem; espécie de clava com pregos cravados.*

Bornes [5] (cmp91) ***

- *Toponímia referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Sítio constante na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, não consta nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Bornes;*
- *Património histórico edificado existente na freguesia.*
- *[Belarmino; brigantia, vol. X nº 4, 1990, pp.211 a 214], refere a existência de uma necrópole medieval situada no bairro do Condado, também conhecido por Eiras de Santa Marta com três sarcófagos medievais antropomórficos, de granito, com diversos espólio osteológico, dando notícia que a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros tomou conta do achado.*

Borralheira [25]

- *F. de borralheiro (ver, Borralheiras).*

Borralheiras [13]

- *Pl. de borralheiro; caseiro; friorento; sedentário.*

Botelhão [31]

- *Aumentativo de botelho (ver, Botelho).*

Botelho [31]

- *Pequena medida para cereais.*

Botianos – *Macedo de Cavaleiros (Freguesia)* – MAH, Tomo X, p.184.

Bouça [2;3;13;15;17;23;26;34;38] (cmp78/79)

- *M.q. Boiça (ver, Boiça).*

Bouça Longa [17]

- *Bouça; m.q. boiça (ver, Boiça);*
- *Longa; comprida, longe, extensa.*

Bouça Queimada [6;13] (cmp91)

- *Bouça; m.q. Boiça (ver, Boiça);*
- *Queimada; incêndio; queima.*

Bouça Redonda [29]

- *Bouça (ver, Boiça);*
- *Redonda: f. de redondo; abocetado; absoluto; arredondado; boleado; cheio; cilindro; circular; convexo; curvo; esférico; gordo; grande; orbicular; redondil; rolho.*

Bouça Velha [13;29]

- *Bouça; m.q. boiça (ver, Boiça);*
- *Velha; anil; esposa; gelfa; mãe; morta.*

Bouceira [22]

- *Primeira estopa tirada do linho; tormentos.*

Bouço Ribeiro [13]

- *M. de bouça m.q. boiça (ver, Boiça);*
- *Ribeiro; nome próprio; arroio; córrego; regato; remanso; riacho; ribeira; tremês; veio.*

Boucial (cmp50)

- *Boucial; Bouça; terreno baldio, ou porção dele onde crescem plantas agrestes; Terreno impróprio para cultura, onde se cria mato para usar como adubo, cama de animais ou lenha.*

Boucinha (cmp64)

- *Boucinha; diminutivo de bouça, (ver, Boiça).*

Boucinhas [6;29]

- *Diminutivo de bouças, m.q. boiça (ver, Boiça).*

Bouro [27]

- *De bourar; bater; boirar; espancar.*

Bousende [13] (cmp50) ***

- *Sítio referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, topónimo que não consta nas folhas de registo de cadastro da freguesia de Espadanedo, sendo, contudo, o nome da uma localidade pertencente á freguesia.*
- *Bousende; genitivo do n. Pessoal de origem germânica Baudisindus, isto é, “villa”, (in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXXIX, p.529).*
- *Da base de dados do IPA, extrai-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Bouzende.*
 - *Tipo de sítio: Achado isolado.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17257.*
 - *Localização: Espadanedo.*
 - *Descrição: Na parede de uma casa arruinada da aldeia de Bouzende foi reaproveitada uma pequena escultura antropomórfica, representando uma cara, esculpida em granito. Encontra-se algo deteriorada, sendo difícil atribuir-lhe uma cronologia, mas poderá ser medieval, provavelmente reaproveitada da Igreja, pois é provável que Bouzende seja povoação de origem medieval, ainda que não haja evidências directas disso.*

Bouza [11]

- *Corr. m.q. bouça (ver, Boiça).*

Bouzinha [1]

- *Diminutivo de Bouza (ver, Boiça).*

Bovinho [12] ***

- *Sítio referenciado na base de dados do IPA, como de interessa arqueológico, topónimo que não consta nas folhas de registo dos prédios rústicos da freguesia de Edroso.*
- *Da base de dados do IPA extrai-se, a seguinte informação:*
 - *Designação: Bovinho.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro/Romano.*
 - *CNS 2011.*

- *Localização: Edroso.*
- *Descrição: O castro do Bovinho, também denominado Poço dos Mouros, situa-se num relevo em esporão de baixa altitude onde as condições naturais de defesa e o seu controle geo-estratégico são de fraca qualidade. Esta estação arqueológica tem vindo a ser descrita como um povoado fortificado que possui uma linha de muralha que circunda toda a sua área, e um fosso localizado junto ao seu colo de acesso. Segundo a mesma fonte descritiva (Lemos:1993), no interior do perímetro muralhado foram observados indícios de romanização: Da visita efectuada ao local aquando do processo de realocizações colocadas em curso pela Extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros, nenhum destes elementos descritos foram observados de forma peremptória, devido à intensa vegetação que cobre todo o espaço ocupado pelo povoado, o que não permitiu a recolha de qualquer vestígio material, nomeadamente cerâmica de superfície, assim como não se observou quaisquer indícios de fosso ou de muralha. Os únicos elementos detectados foram um talude que se desenvolve junto ao sector sudeste, o sector onde se situa o colo de acesso, e um profundo poço parcialmente entulhado que se abre imediatamente a seguir a este talude, sendo o responsável pela origem do topónimo Poço dos Mouros. Quanto à plataforma onde se desenvolveu o povoado é praticamente impossível fazer qualquer descrição quer do seu tamanho ou forma, quer de outros elementos estruturais que aí possam existir. O local encontra-se praticamente inacessível, coberto por densa floresta de silvas, urze, pequenos carrascos, carvalhos e giestas.*

Bragaino – Corujas; Lamas, Vilarinho Agrochão – MAH, Tomo X, p.184.

Brêa [1;13;14;24]

- *Alcatroar; embrear; emporcalhar; enodoar; labrear; sujar.*

Breia [20;25;27;28;30]

- *Chã; chapada; planalto; vereda; vereia; lugar elevado, alto, gir.*

Brieira [10]

- *Sem proposta.*

Brinço (cmp63)

- *Brinço: masc. de Brinça; erva; da família das umbelíferas, de folhas partidas e flores amarelas, em umbelas nativa da Europa e usada como aperitivo, diurética e especialmente em veterinária; funcho-de-porco; peucédano.*

Bruceiras – Lamalonga – MAH, Tomo X, p.185.

Bruxento [25]

- *De bruxar; fazer bruxarias; capacidade sobrenatural atribuída a bruxas ou bruxos; sortilégio; facto extraordinário que não se sabe explicar.*

Bufareira [5] (cmp92)

- *Estramónio; planta herbácea medicinal da família das solanáceas, também conhecida por figueira-do-diabo e erva-dos-feitiços.*

Bufo [31]

- *Sopro forte e rápido; ventosidade expelida pelo ânus, sem ruído; homem avarento; burlesco; ave de rapina nocturna da família dos Bubonídeos ou Estrigídeos, também conhecido por corujão.*

Bulheiro [10]

- *De bulha: barulho; desordem; rebuliço; rixa; desordeiro; pinhal; antigo; medalhão; contenda; discórdia; ralhos.*

Buraca [17]

- *Boca; buraca; caverna; cova; gruta; postigo.*

Buraco [10;16]

- *Aberta; abertura; alvéolo; barranco; boquete; casebre; casinhola; cavado; cavidade; cova; decepção; desastre; forame; fosso; fracasso; janela; loca; lorca; lura; olhal; olho; orifício; toca; vulva.*

Burga [6]

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *M.q. burgo; seixo; calhau; cascalho; pedrinha; burgau; burgalhau; burgó.*

Burras [36]

- *Pl. de burras: fêmea do burro; jumenta; cavalete usado pelos serradores de madeira; dispositivo simples que serve para tirar água dos poços; pé-de-meia; cofre; fortuna.*

Burreiro [30]

- *M.q. burriqueiro; condutor de burros; que negocia em burros; alquilador.*

LETRA “C”

Cabana [28] (cmp50/65/79)

- *Sing. de cabanas (ver, Cabanas).*

Cabanas [4;30]

- *Pl. de cabana; casa rústica geralmente de madeira; choça; choupana; tugúrio; abrigo: pardieiro.*

Cabancas – Vale da Porca – MAH, Tomo X, p.186.

Cabanco [14]

- *Cab; antepositivo relacionado com “cabeça”; de cabano; bovino cujos chifres são abertos e horizontais ou ligeiramente voltados para baixo; cavalo ou burro que tem uma orelha caída.*

Cabeça [7;15]

- *Alma; alto; cabeça; cabo; carola; chefe; cimo; coco; cocuruto; coroa; crânio; fomentador; fonte; frente; guia; juízo; maior; melão; memória; mona; motor; pinha; regedor; rei; sabedoria.*

Cabeça Boa [19] (cmp92)

- *Cabeça (ver, Cabeça);*
- *Boa; adjetivo de qualidade.*

Cabeça Branca [22]

- *Cabeça (ver, Cabeça);*
- *Branca: cabelo branco; cã; antiga moeda de ouro; aguardente; braga; branquinha; cachaça; grilheta; navalha; patroa; senilidade; velhice.*

Cabeça da Mulher [17]

- *Cabeça* (ver, *cabeça*);
- *Mulher*: pessoa adulta do sexo feminino; amante.

Cabaça de Ouro [2]

- *Cabaça*: abóbora; aboboreira; aguadoiro; botelha; cabaceira; cabaço; cacau; cabaço; calabau; palerma; papeira; pigente; purunga;
- *Ouro*: areia; dinheiro; fausto; fortuna; jóias; lodo; opulência; preciosidade; resplendor; riqueza; metal amarelo-brilhante elemento químico com o número atómico 79 e símbolo AU.

Cabeça Gorda [29;30] (cmp64)

- *Cabeça* (ver, *Cabeça*);
- *Gorda*: f. de gordo; untuoso; corpulento; volumoso; obeso; unto; banha.

Cabeceiro [15;19]

- *Cabeceira*; caudilho; chefe; outeiro; pl. relheiros.

Cabecinha [28;36]

- *Diminutivo de cabeça* (ver, *Cabeça*).

Cabecinho [6;14;21] (cmp49/63)

- *Diminutivo de cabeça* (ver, *Cabeço*).

Cabecinho do Mouro [34] *

- *Cabecinho*: diminutivo de *cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Mouro* (ver, *Mourisqueiro*).

Cabecinho Rapado (cmp49)

- *Diminutivo de Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Rapado*: que se rapou; cortado rente; barbeado; que não tem vegetação; gasto pelo uso.

Cabeço [1;2;6;17;36;37] (cmp78)

- *Altura*; assomada; cimo; cocuruto; colina; cômoros; cume; eminência; juga; montezinho; morro; outeiro; penedo; pico; ponta; sumidade; viso.

Cabeço [22] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Murçós. Da referida base de dados extrai-se a seguinte informação:*
 - *Designação*: Cabeço.
 - *Tipo de sítio*: Povoado Fortificado.
 - *Período*: Romano.
 - *CNS*: 17279.
 - *Localização*: Murçós.
 - *Descrição*: Pequeno povoado fortificado, situado num cabeço pouco proeminente, rodeado por todos os lados menos por um, por vales relativamente encaixados de pequenas ribeiras. O único acesso faz-se por Norte. Possui assim boas condições defensivas naturais, mas não tem qualquer controle estratégico sobre a zona em volta. O topo do cabeço é uma plataforma aplanada, rodeada por todos os lados por um talude bastante alto e inclinado, que corresponde a uma linha de muralha, que forma um recinto oval. Os materiais de superfi-

cie são abundantes, só tendo sido detectados materiais de época romana, nomeadamente tégulas, cerâmica comum, e alguma sigillata. Não há evidência de ocupação anterior ou posterior à época romana. Dentro da zona muralhada, ocupada por um denso matagal, existem um ou dois enormes buracos feitos já há bastante tempo pela população de Murçós, à procura do tesouro que a lenda diz aqui estar. Foi também feito algum arroteamento para plantações florestais fracassadas, mas que parecem não ter tido grandes efeitos destrutivos pelo que, apesar de tudo, o povoado se apresenta em razoáveis condições de conservação.

Cabeço Alto [33]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Alto; alcantilado; altaneiro; crescido; grande; majestoso; cabeço; transmontano; monte; elevado; píncaro.*

Cabeço d’Azamor (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Azamor: Cidade da costa Atlântica de Marrocos. Os seus moradores prestaram vassalagem a D. João II em 1486. Após uma conquista falhada em 1508, é ocupada militarmente em 1513. Mostrando-se a sua ocupação muito onerosa, foi destruída e abandonada em 1542.*

Cabeço d’Ossa [38]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Ossa; osa; ura.*

Cabeço da Adreira (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Adreira; de, Adrede; Advertidamente, acinte; de propósito; com rixa velha; maliciosamente e de caso pensado.*

Cabeço da Anta [26;27;29] ***

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.570, 705 e 706), como de interesse arqueológico;*
- *Topónimo também referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico das freguesias de Salselas e Soutelo Mourisco.*
- *Da base de dados extraiu-se as seguintes informações:*
 - *Designação: Cabeço da Anta.*
 - *Tipo do sítio: Indeterminado*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17281.*
 - *Localização: Salselas.*
 - *Descrição: O Cabeço da Anta é um morro pouco pronunciado e de vertentes suaves, sobranceiro à ribeira de Salselas, onde a tradição local e o Abade de Baçal assinalam a existência de um possível monumento megalítico. O Abade de Baçal refere especificamente a existência de dois grandes blocos de xisto que poderiam ser esteios, e mais alguns blocos espalhados no chão. Actualmente, nada é visível no local.*
 - *Designação: Cabeço da Anta.*
 - *Tipo: Indeterminado.*
 - *Período: Indeterminado.*

- CNS: 6505.
- *Localização: Soutelo Mourisco.*
- *Descrição: Apesar do Abade de Baçal descrever com certo pormenor este suposto monumento, a sua existência é duvidosa, pois o local indicado para a sua implantação não tem as características normais de implantação de monumentos megalíticos, tratando-se de um cabeça rochoso, onde nada foi encontrado, ainda que haja um denso matagal a ocultar parte da zona. A referência descreve uma anta com cinco esteios, e alguns vestígios da respectiva laje de cobertura.*

Cabeço da Beta [33]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Beta; acelga; beterraba; corda; filãozinho; lista; raia; risco; vieiro; pl. apuros; dificuldades.*

Cabeço da Bola [26]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Bola; bala; cabeça; esfera; globo; chiste; fogaça.*

Cabeço da Barreira [4]

- *Cabeço (ver, Cabeça);*
- *Barreira (ver, Barreira).*

Cabeço da Cabana [30]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Cabana (ver, Cabana).*

Cabeço da Carvoíça (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Carvoíça (ver, Carvoíça).*

Cabeço da Cerca (cmp49)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Cerca (ver, Cerca Velha).*

Cabeço da Cerquinha (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Cerquinha: pequena cerca.*

Cabeço da Coelheira(cmp49)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Coelheira: local destinado à criação de coelhos; espécie de toca de barro onde os coelhos fazem criação; coleira que se ajusta ao pescoço do cavalo de tiro e à qual se prendem os tirantes.*

Cabeço da Coutada(cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Coutada (ver, coutada).*

Cabeço da Estalagem [28]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Estalagem: abrigo; albergaria; albergue; asilo; atoleiro; cortiços; estábulo; hospedaria; pousada.*

Cabeço da Fazenda [16]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Fazenda; acção; acto; azienda; feito; feitoria; labuta; herdade; mercadoria; negócio; obra; pano; peleja; quinta; rendas; rendimento; riquezas.*

Cabeço da Ferrada(cmp49)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Ferrada: recipiente que recolha o leite ordenhado de cabras, ovelhas e vacas; espécie de balde de lata que leva comida aos cães pastores de gado; balde em que se coloca lavagem do porco; manter relações sexuais.*

Cabeço da Ferreira [26]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Ferreira: besuga-de-ova; ferreiro; rabeta; rabirruivo.*

Cabeço da Fontainha (cmp49)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Fontainha (ver, Fontainhas).*

Cabeço da Fonte [3]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Fonte; bica; causa; chafariz; filão; fontanela; germe; mãe; matriz; mina; nascente; nascimento; princípio; raiz; temporã; teta.*

Cabeço da Fraga (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Fraga (ver, Fraga).*

Cabeça Gorda (cmp93)

- *Cabeça: fem de cabeça (ver, Cabeço);*
- *Gorda: Obeso; cheio; que tem gordura; corpulento.*

Cabeço da Jane [16]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Jane. Nome de Pessoa.*

Cabeço da Mata (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Mata: Terreno cheio de árvores silvestres; bosque; arvoredor; grande porção de hastes.*

Cabeço da Mira [26]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Mira; alvo; desejo; escopo; fim; fito; intenção; intento; intinto; meta; objectivo; pontaria; posto; proa; propósito; vista; acto de mirar; espreitar.*

Cabeço da Nogueira (cmp49/79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Nogueira (ver, Nogueira).*

Cabeço da Nova (cmp78)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Nova; Novidade; notícia; informação sobre algo ou alguém.*

Cabeço da Ourosinha (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Ourosinha. Sem proposta.*

Cabeço da Ouvida [16]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Ouvida; acto ou efeito de ouvir; outiva; toada; audiência; boato.*

Cabeço da Paixão [21;22] ***

- *Sítio referenciado na base de dados do Ipa como de interesse arqueológico, sito na freguesia de Morais, que, todavia, o topónimo não consta das fichas do registo de cadastro rústico da freguesia; sítio referido na obra do Abade Baçal, (495-IX), como de interesse arqueológico, sito na freguesia de Murçós;*
- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Paixão; martírio que precede a morte de cristo; a semana que precede imediatamente o domingo de páscoa.*
- *Da base de dados do IPA extrai se a seguinte informação:*
 - *Designação: cabeço da Paixão.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 1997.*
 - *Localização: Morais*
 - *Descrição: O Cabeço da Paixão eleva-se de forma dominante sobre o vasto planalto de Morais, constituindo-se como o monte de maior altitude de toda esta área. As suas condições de defesa natural e de controlo geo-estratégicas são de excelente qualidade, constituindo um factor determinante para a implantação de um povoado fortificado. Actualmente o local encontra-se densamente florestado por uma vegetação rasteira, constituída predominantemente por giesta, carrascos e silvas. Tal facto dificulta uma observação mais pormenorizada da organização estrutural deste povoado, sendo, no entanto, ainda claramente visíveis os derrubes de uma linha de muralha que circunda uma pequena plataforma situada no cume do relevo formando um recinto aproximadamente circular. Alguns derrubes de pedra miúda de xisto proliferam por toda a área podendo um desses amontoados constituir os vestígios relacionados com a existência de um torreão. À superfície não foram detectados vestígios cerâmicos, facto que em grande parte se deve à vegetação que prolifera por todo o local.*

Cabeço da Pelada [26]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pelada; calva; calvície; pl. porrigem.*

Cabeço da Pinha [8;34] (cmp78)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pinha; aglomerado; aglomeração; ata; ateira; bedelha; cabeças; montão; pilha; queimadura.*

Cabeço da Ponte [31;33]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Ponte; alcântara; pató.*

Cabeço da Ribeira [2]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Ribeira*; *arroio*; *borda*; *ínsula*; *margem*; *rega*; *regada*; *regato*; *riacho*; *riba*; *ribeiro*.

Cabeço da Ruferta (cmp79)

- *Cabeço*; (ver, *Cabeço*);
- *Ruferta*; *Corruptela de Referta*; *contenda*; *altercação*; *refrega*.

Cabeço da Santa [2] (cmp78)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Santa*: *imagem de mulher que foi canonizada*; *mulher muito virtuosa ou de extrema bondade*.

Cabeço da Senhora (cmp78)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Senhora* (ver, *Senhora da Oliveira*).

Cabeço da Turta (cmp79)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Turta*. *Sem proposta*.

Cabeço da Veiga [26;38] (cmp64)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Veiga* (ver, *Beiga da Dona*).

Cabeço da Vela [33] (cmp78) **

- *Sítio referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.356), como sendo uma atalaia, todavia este topónimo não se encontra nas fichas de registo de cadastro da freguesia de vale da porca*.
- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Vela*; *acto de velar*; *vigília*, *sentinela*; *rolo cilíndrico de cera que contém interiormente um pavio que serve para dar luz*.

Cabeço das Aguçadouras (cmp79)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Aguçadouras*; *m. q. aguçadeiras*; *pedras de aguçar ou amolar*; *afiadeira*.

Cabeço das Arças [38]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Arças*: *pl. de Arça*; *reg. Alfazema silvestre*, *arçanha*.

Cabeço das Bouças (cmp79)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Bouças* (ver, *Boiça*).

Cabeço das Carvas (cmp63)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Carvas* (ver, *Carva*).

Cabeço das Eiras (cmp79)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Eiras* (ver, *Eira do Concelho*).

Cabeço das Freixedas (cmp49)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Freixedas* (ver, *Freixeda*).

Cabeços das Meirinhas [26]

- *Cabeços*: pl. de *cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Meirinhas*: f de *meirinhos*; *aguazil*; *beleguim*; *citote*; *esbirro*; *galfarro*; *alcaide*; *polícia*; *quadrilheiro*; *sôfrego*; *vadio*.

Cabeço das Ôlas [9]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Ôlas*: pl. de *ôla*: *cartel*; *olaria*; *onda*; *panela*; *remoinho de água*; *buraco cavado nos penedos dos rios ou ribeiros*.

Cabeço das Soalheiras (cmp49)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Soalheiras*: *Hora de maior calor*; *ardor do sol*; *exposição ao sol*.

Cabeço das Sortes (cmp64)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Sortes*: pl. de *sorte*; *fado*; *destino*; *fortuna*; *ventura*; *felicidade*; *quinhão*; *acaso*; *riso*; *género*; *qualidade*; *maneira*; *forma*.

Cabeço das Olgas [9] (cmp77)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Olgas*: *propriedade agrícola destinada a horticultura*; *leira*; *courela de terreno*; *planície no meio de outeiros*.

Cabeço das Vinhas [2;31] (cmp79)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Vinhas* (ver, *Alto das Vinhas*).

Cabeço de Adreia [28]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Adreia*: de *Adregas*; *acto ou efeito de adregar*; *acaso*; *casualidade*; *aceitar*; *alcançar*; *conseguir*; *descobrir*; *enganar*; *iludir*; *suceder*.

Cabeço de Assanhas (cmp64)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Assanhas*; m.q. *assanhamento*; *acto ou efeito de assanhar*; *estado de irritação*; *enfurecer*; *enraivecera*; *fúria*.

Cabeço de Maçedo [3]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Macêdo*. *Sede do Concelho de Macedo de Cavaleiros*.

• Cabeço de Vale Pradinhos (cmp63)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Pradinhos*: *diminutivo de prado*; (ver, *Prado*).

Cabeço do Amedo (cmp78/92)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Amedo*: *Atemorizado*; *assustado pelo medo*; *ameaçado*; *aterrado*.

Cabeço do Berrão [30] (cmp79) ***

- *Sítio referido na base de dados do IPA como tendo valor arqueológico, mas que não consta nas fichas de registo rústico da freguesia de Talhas, tb. Conhecido pela “cerca dos mouros”. Da base de dados do IPA retirou-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Cerca dos Mouros/ Cabeço do Berrão.*
 - *Tipo de sítio: Povoadado fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 2007.*
 - *Localização: Talhas.*
 - *Descrição:*
 - *Povoadado fortificado de média dimensão, localizado num cabeço isolado sobranceiro ao rio Sabor. Tem uma razoável situação estratégica, controlando um troço do rio Sabor, e apresenta boas condições naturais de defesa, sendo inacessível pelos lados Norte e Leste onde as encostas caem em arriba. O acesso faz-se com alguma facilidade por Sul ou por Oeste, onde as encostas são suaves. Apresenta uma única linha de muralha, de configuração ovalada, que o rodeia por todos os lados menos por Leste, sendo aí substituída pelas arribas do sabor. A muralha, em xisto, apresenta-se bem conservada. Em nenhuma parte, se vê a sua face, mas o seu derrube atinge ainda, em toda a extensão, entre dois e três metros de altura. Não se notam indícios de torreões, nem na muralha, nem no interior. Esta é uma plataforma alargada, densamente coberta de mato. Junto ao declive para o Sabor, onde a erosão actuou mais intensamente, detectam-se alguns fragmentos de cerâmica manual, enquadrável na Idade do Ferro.*
 - *O interior deverá ter sido agricultado, em tempos, mas acumulou grande potência estratigráfica, pelo que deve haver uma razoável ou boa conservação dos vestígios arqueológicos. É de assinalar que o cabeço imediatamente vizinho deste, para Sul, separado apenas por uma depressão baixa e aplanada, tem o topónimo de Cabeço Berrão, podendo estar de alguma forma relacionado com a ocupação deste povoadado.*

Cabeço do Bispo [28] (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Bispo; alfim; antístite; delfim; esturro; fumo; pastor; peru; pontífice; prelado; presbítero; queimado; rabadilha.*

Cabeço do Canal (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Canal: Reg. Canavial; passagem natural ou artificial de águas; braço de rio; cano; tubo.*

Cabeço do Cubo [26;27;34] (cmp79) *

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Cubo; alcatruz; unidade de medida para sólidos, equivalente a um alqueiro e meio; medida de madeira com 1 m³ de capacidade para areia, cascalho; caçamba; botifarras; sapatorras.*

Cabeço do Cuco [27]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Cuco: campainha-amarela; coitadinho; coque; cornudo; cozinheiro; mocho; polícia; ave trepadora da família dos Cuculídeos frequente em Portugal na Primavera.*

Cabeço do Curral [19] (cmp92)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Curral; antro; aprisco; arribana; bardo; bezerreiro; berete; cercado; corte; curro; estábulo; estrebaria; malhada; mota; redil.*

Cabeço do Facho [18] ***

- *Topónimo onde se situa a capela de Nossa Senhora do Campo, sítio intervencionado no âmbito do projecto de investigação arqueológica “Terras Quentes”, tendo a sua primeira campanha decorrido em Setembro de 2003. Foram efectuadas quatro sondagens, sendo que na sondagem “B” foi possível detectar um cunhal de empena com lajeado interior, possivelmente pertencente à construção da antiga ermida sobre a qual foi construída a actual capela de Nossa Senhora do Campo. Na sondagem “C” foi posto a descoberto restos de um pavimento exterior, de pedra fincada em cunha e posta a preceito, também anterior à actual construção.*

Cabeço do Fidalgo [27]

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Santa Combinha. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Cabeço do Fidalgo.*
 - *Tipo de Sítio: Indeterminado.*
 - *Período: Indeterminado/ poderá tratar-se de um povoado da Idade do Ferro, com ocupação posterior.*
 - *CNS: 17282.*
 - *Localização: Santa Combinha.*
 - *Descrição: O Cabeço do Fidalgo é, actualmente, uma ilha no meio da albufeira da barragem do Azibo.*
 - *Originalmente, seria um cabeço isolado, rodeado por pequenas ribeiras, com boas condições defensivas naturais.*
 - *O cabeço está quase totalmente coberto por um denso mato de carrascos e estevas, o que dificulta muito a prospecção de superfície. Foi possível encontrar alguns fragmentos de cerâmica e de telha. Muito fragmentados e rolados, o que torna problemático a sua atribuição cronológica. Em Santa Combinha, o local é conhecido como “sítio de mouros”, e há memória do aparecimento de telhas e de alicerces de estruturas. É possível que se trate de um povoado fortificado da Idade do Ferro, com provável romanização.*

Cabeço do Gandarado (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Gandarados: de Gandara; terra arenosa improdutiva; terreno onde medram plantas agrestes; terreno onde medra a charneca (origem pré-romana).*

Cabeço do Jane (cmp93)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Jane. Sem proposta.*

Cabeço do Marco (cmp77) *

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Marco: Pedra oblonga que se junta a outras da mesma espécie para assinalar os limites de um território, de um lote etc. qualquer pedra já existente num local, que se usa como sinal de demarcação ou limite territorial; coluna, pirâmide, cone ou cilindro, feito tradicionalmente em mármore ou granito, e destinado a fixar a lembrança de um acontecimento, ou a associação deste com determinado lugar; sinal; símbolo.*

Cabeço do Nariz [28]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Nariz; beque; bitácula; cara; chaveta; corneta; fardo; feições; ferrolho; focinho; função; násio; penca; pessoa; rosto; tromba; ventas.*

Cabeço do Muro [30] (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Muro (ver, Muro).*

• Cabeço do Pau [38] (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pau; acha; árvore; bastão; bordão; cacete; cajado; castigo; cavaco; chavelho; chifre; estaca; lenho; madeira; madeiro; moca; paulada; pénis; porrete; ripa; sarrafo; trave; vara; viga.*

Cabeço do Pedregal (cmp92)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pedregal (ver, Pedregal).*

Cabeço do Penedo da Campa (cmp63)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Penedo (ver, Peneda);*
- *Campa: Pedra ou lousa que cobre a sepultura; sepultura; laje sepulcral; túmulo.*

Cabeço do Penedo Furado (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pendo (ver, Peneda);*
- *Furado: Que tem algum furo ou buraco; perfurado; que não tem valor; diz-se de mulher desvirginada.*

Cabeço do Pereiro [21]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pereiro; Aguilhada; catapereiro; pereira-brava; variedade de macieira que dá maçãs com forma de pêra.*

Cabeço do Pinheiro [17]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pinheiro; Pinho, pino; planta conífera da família das pinácias de folhas aciculares e sempre verdes.*

Cabeço do Pendão (cmp78)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pendão (ver, Pendão).*

Cabeço do Poço das Ondas (cmp63)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Poço* (ver, *Poço*);
- *Ondas*: pl. de *onda*; elevação e depressão da camada superficial de uma massa líquida, com sucessão rítmica; vaga; forma ou figura ondeada; sinuosa.

Cabeço do Raposo (cmp78)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Raposo* (ver, *Raposa*).

Cabeço do Russo (cmp49)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Russo*: relativo à Rússia; provavelmente corruptela de *Ruço*: Que tem o pêlo acinzentado; pardacento; desbotado; cavalo; macho ou burro de pêlo pardacento; pessoa com cabelo loiro ou castanho-claro. porco; suíno.

Cabeço do Seixo [23] (cmp78)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Seixo* (ver, *Seixo*).

Cabeço do Temeroso (cmp63)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Temeroso*: que tem medo; que mostra receio; medroso; perigoso; que causa medo; que infunde temor; pavoroso.

Cabeço do Urzedo (cmp63)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Urzedo* (ver, *Urzedo*).

Cabeço do Vale de Guela [16]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Vale* (ver, *boca do Vale*);
- *Guela*: de *goela*; *garganta*.

Cabeço do Valongo (cmp49)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Valongo* (ver, *Valongo*).

Cabeço do Velho [24]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Velho* (ver, *Caminho Velho*).

Cabeço do Vilarinho (cmp49)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Vilarinho*: diminutivo de *Vilar* (ver, *Vilar do Monte*).

Cabeço dos Ferreirinhos [38]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Ferreirinhos*: pl. de *Ferreirinho*; andorinha-do-mar; churreco; gavina; negrinha; ferreiro; papa-sebo; pinta-caldeira; semeia-linho; tudo-bem.

Cabeço dos Mouros [17] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de valor arqueológico, extraindo-se da referida base a seguinte informação:*
 - *Designação: Cabeço dos Mouros.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 17264.*
 - *Localização: Lamalonga.*
 - *Descrição: Povoado fortificado sobranceiro ao rio Tuela com excelentes condições de defesa natural na vertente voltada a este rio. A vertente oposta, do lado oriental, apresenta uma topografia da maior suavidade permitindo um mais fácil acesso e penetração. Por esse motivo, neste sector parece ter-se desenvolvido um mais elaborado sistema defensivo, sendo ainda visíveis os vestígios estruturais de um torreão e os derrubes de uma linha de muralhas. Esta linha de muralhas parece circundar o povoado na sua totalidade, no entanto, nos lados Este e Sul verifica-se o reforço do sistema defensivo através de uma segunda linha de muralhas. O estado actual em que se encontra a estação, coberta de intenso matagal, dificultou uma prospecção e análise mais pormenorizadas do conjunto. No entanto, no seu interior foram detectados fragmentos cerâmicos com uma cronologia atribuível à Idade do Ferro, não se verificando vestígios de romanização. Na zona Sul do povoado detectaram-se ainda três estruturas rectangulares de pequenas dimensões escavadas directamente em blocos graníticos que constituem o afloramento local. Em dois casos estas estruturas estavam articuladas com um conjunto de pequenas escadas também escavadas directamente na rocha. Na zona oeste, numa pequena plataforma que se desenvolve a uma menor altitude foram observadas pequenas estruturas realizadas com lajes de xisto colocadas verticalmente formando pequenas caixas cujo comprimento e a largura não ultrapassam os 30 e 20 centímetros respectivamente. O Cabeço dos Mouros implanta-se num pequeno morro sobranceiro à confluência da ribeira do Fornos com o rio Tuela, numa área fortemente irrigada e onde proliferam pequenos lameiros.*

Cabeço dos Muros (cmp49)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Muros (ver, Muro).*

Cabeço dos Pombais [30]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Pombais: pl. de Pombal; columbário; palomar.*

Cabeço dos Vintes [26]

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Vintes: corja; vigésimo; vindo; vindouro; vinteno; grupo de vinte.*

Cabeço Estreito (cmp79)

- *Cabeço (ver, Cabeço);*
- *Estreito: acanhado; ajustado; augusto; apanhado; apertado; avaro; curto; delgado; encolhido; restringido; aperto; desfiladeiro; garganta.*

Cabeço Fidalgo [27]

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Fidalgo*: *aprimorado; aristocrático; bizarro; digno; distinto; generoso; grande; hospitaleiro; ilustre; liberal; magnânimo; nobre; patricio; soberbo; valoroso.*

Cabeço Gordo (cmp50/77)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Gordo* (ver, *Gordo*).

Cabeço Negro [3] (cmp63)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Negro*: *adverso; africano; amargurado; denegrado; desgraçado; desprezível; execrável; horrendo; sombrio; tétrico; sombras; trevas; homem; escravo.*

Cabeço Redondo (cmp64)

- *Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Redondo* (ver, *Redonda*).

Cabeços Brancos [24] (cmp92)

- *Cabeços*: *pl de Cabeço* (ver, *Cabeço*);
- *Brancos*: *que tem cor da cal, da neve ou do leite; alvo; cândido; lívido; claro; indivíduo de raça caucásica.*

Cabês [30]

- *De cabear*; *mover (o cavalo) a cauda quando golpeado ou picado; rabear.*

Cabo [10;26]

- *Cabo*; *amarras; ânus; barriga; beta; cabeça; canda; caudilho; extremo; fim; fundo; limite; lugar; rabo; réstia; término; termo; topo.*

Cabóca [12]

- *F. de caboco*; *nos engenhos de cana, espécie de calha ou cavalete por onde escorre a água que vem dos cubos das rodas hidráulicas; profundo; cavado; côncavo.*

Cabo do Lagar [35]

- *Cabo* (ver, *Cabo*);
- *Lagar* (ver, *Lagar*).

Cabouco [13;26] *

- *Alicerce; base; cabocó; cavouco; cova; escavação; fosso; sapata; sepultura; vala.*

Caboucos [25]

- *Pl. de cabouco*; (ver, *Cabouco*).

Cabreiras – Grijó de Vale Benfeito – MAH 187**Cabreiro [3]**

- *Arisco; atilado; desconfiado; diligente; esperto; esquivo; estranho; finório; grosseiro; manhoso; montanhês; rústico; sonso.*

Cacarelhos [10]

- *Corrup. de cacarejos; garrulice; chocalhice; garrulidade; loquacidade; palavreado; palraria; tagarelice; verbosidade.*

Cachão [12;16;17] (cmp64)

- *Queda de água; cachoeira; borbotão; jacto; ebulição; ferveira; tombo.*

Cachoeira [21]

- *Cascata; catadupa; catarata; corredeira; queda; rápida; salto; torrente.*

Cadanhão [31]

- *De cade: árvores da família das cupressáceas, nativa do sul da Europa de folhas verticiladas, gálbulas avermelhadas; cedro; oxicedro; zimbro.*

Cadaval [31] – Termo de Vale Benfeito – MAH 187

- *Lugar onde há cádavos; cadava, conjunto dos pés de mato que ficam depois das queimadas.*

Cadouço [20] Macedo de Cavaleiros (freguesia) – MAH 188

- *Esconderijo (de peixe) grande e profundo; molho de trigo, aveia ou centeio que depois da ceifa se deixam no campo a atempar.*

Caída [3]

- *Queda; quebrada; mina; baque; decadência; declinação; declive; derribamento; descida; destruição; fim; ocaso; vertente.*

Cailota [24]

- *De caidor; diz-se do ponto do rio onde o gado pode atravessá-lo a vau.*

Cainha [14]

- *F. de cainho; avarenta; avara; canina; iliberal; mesquinha; miserável; mísera; somítica; sovina; tacanho.*

Cajemural [3]

- *Relativo a cajano; planta do género cajanus da família das leguminosas; erva erecta; cajanus cajan.*

Calado [15]

- *Armado; busmelé; cala; discreto; exagerado; moderno; mudo; quieto; reservado; retraído; secreto; silencioso; silente; sossegado; tácito; taciturno.*

Calbeiros [16]

- *Cal+beiros; relativo a cal; sítio onde se amontoa cal.*

Calçada [22]

- *Arruamento cujo pavimento é revestido por pequenos elementos de um material duro; ladeira; rua calçada.*

Calcados [1]

- *Calcadura; calcagem; calcamento; esmagadura; pisada; rasto.*

Caldeira [13]

- *Caldeirão; cratera; escada; lagamar; marmita; molhe.*

Caleado (cmp78)

- *Caleado; de Callear; m.q. Caiar; Pintar com cal diluída em água; branquear; disfarçar; encobrir.*

Caleira [23]

- *Cano para esgotar as águas dos telhados; algeroz; quelha; canal descoberto para escoamento de águas; tronco escavado longitudinalmente para escoamento de líquidos; telha; adulhão; caieira.*

Caleira, (Fonte Cal) – Vale da Porca Vale da Porca – MAH 188**Caleiros [33] *****

- *Pl. de caleiro: caieiro; caleira; calo. Topónimo relativo a um lugar da freguesia de Vale da Porca, onde se encontram vestígios de antigos e recentes fornos para a produção de cal.*

Calhfeira [30]

- *Sem proposta.*

Calhota [16] – MAH 188

- *Codorniz; paspalhão; paspalhós; tem-te-lá.*

Caliado [26]

- *Cali: elemento de formação de palavras que exprime a ideia de belo.*

Calvário [34;36] (cmp64) – Vale da Porca – MAH 188

- *Representação da crucificação de Jesus; moeda de prata do tempo do Rei Português D. João III; sofrimento; dificuldades: trabalhos.*

Calveiro [5;7;10;32] (cmp77) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Sítio referido na obra do Abade Baçal, (vol. X, p.275), como de interesse arqueológico, situando-se no seu caso na freguesia de Vale Benfeito: caveiro; cabeceira; cavilação.*
- *Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Calveiro.*
 - *Tipo de sítio: Povoado fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 17292.*
 - *Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: O sítio do Calveiro, ou Alto do Serralhão, localiza-se no topo de um grande monte isolado, rodeado por diversas ribeiras. O topo é estreito e alongado, na direcção Norte-Sul, com vertentes relativamente inclinadas por todos os lados, menos a Sul. Apresenta assim condições naturais de defesa e controle estratégico de razoável qualidade. O Abade de Baçal refere aqui a existência de um grande povoado fortificado, com a existência de vários recintos muralhados ligados entre si, e indicando ainda a existência de vestígios de casas circulares na encosta Oeste. A descrição refere uma tremenda quantidade de pedras soltas. Actualmente, nada disso é visível. Foi possível encontrar alguns fragmentos de cerâmica manual, de cronologia difícil de discernir, mas podendo ser da Idade do Ferro. Estes fragmentos encontram-se devido à abertura de um caminho pelo topo do monte, e são muito escassos, concentrando-se na parte Sul do monte.*

Nenhum vestígio de estruturas é visível. No entanto, se tomarmos a descrição como válida, o povoado estende-se por todo o topo, incluindo a parte rochosa onde se implanta actualmente o marco geodésico do Calveiro, e seria um po-

voador fortificado da idade do ferro. É também de realçar que o local apresenta uma razoável potência estratigráfica, e que não é tradicionalmente usado para a agricultura, só para pastagem, pelo que é possível que haja estratigrafia arqueológica conservada.

Camas [2]

- *Pl. de cama; álveo; barra; camada; cataló; catre; enxerga; jaça; leito; mergulha; ninho; pildra; pilula; quente; sorua; talha.*

Camba(cmp92)

- *Camba; (ver, Cambá).*

Cambá [9]

- *M.q. cama; cada uma das peças curvas que formam as rodas dos carros de bois; peça do freio em que entra o tornel da rédea.*

Cambrunheiras – No termo de Murçós (freguesia) – MAH 188

Cameirão/Cameiro – No termo de Lamalonga (freguesia) – MAH 188

Caminho da Barca [16]

- *Caminho; atalho; avenida; curso; direcção; estrada; jornada; passagem; percurso; rota; rua; saída; trajecto; trajectória; trilho; vereda;*
- *Barca; barcarola; bargueta; fazenda; marafona; meretriz; negócios.*

Caminho da Pedra [30]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Pedra; calhau; concreção; laje; pedrisco; rochedo; saraiva; seixo.*

Caminho de Ala [14]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Ala; álea; asa; enfiada; extrema; flanco; lado; troço.*

Caminho de Bagueixe [31]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Bagueixe; Freguesia pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Caminho de Castro [4]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Castro; acampamento; arraial; castelo; citânia; cavidade; crasto; cristêlo.*

Caminho de Freira [4]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Freira; beata; irmã; monja; professa; religiosa; sor; sóror.*

Caminho de Gralhós [21;31]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Gralhós; localidade da Freguesia de Morais.*

Caminho de Lamas [25]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Lamas; Freguesia pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Caminho de Quintela [25]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Quintela; Freguesia pertencente ao Concelho de Bragança.*

Caminho de Sambade [5]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Sambade; Freguesia do Concelho de Alfândega da Fé.*

Caminho de Santuro (cmp65)

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Santuro; localidade; Santoro, (reg.) espécie de pão bento que se dá nos dias de Todos os Santos e de Finados.*

Caminho de Talhas (cmp79)

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Talhas; Freguesia de Macedo de Cavaleiros; Vaso grande para água, azeite etc. certo número de alqueires de sal, nas salinas; acto ou efeito de talhar ou de cortar; corte; incisão; obra, especialmente de madeira, executada com talha-frio, escopro, buril, etc.; combinação de roldanas móveis em que cada uma está montada em eixo independente; cadernal.*

Caminho de Talhinhas [30]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Talhinhas; Freguesia pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Caminho de Vide [21]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Vide; bacelo; envide; parra; parreira; parreira; sarmento; videira.*

Caminho de Vinhas [4]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Vinhas; lucro; mina; pechincha; videira; vidural; vinhádego; vinhal; vinhedo.*

Caminho do Meio [2;31]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Meio; metade; partido; ardil; canal; centro; comunicação; mediano; médio; semi.*

Caminho do Pinhal [30]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Pinhal: terreno onde crescem pinheiros.*

Caminho do Pinal [30]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Pinal: corrup. de pinhal (ver, Caminho do Pinhal).*

Caminho Largo [23]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Largo (ver, Largo da Estação).*

Caminho Novo [1]

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Novo; adolescente; fresco; moderno; nascente; novato; original; principiante; teu-ro; verde; jovem.*

Caminho Velho [21;31] (cmp78)

- *Caminho (ver, Caminho da Barca);*
- *Velho; antiquíssimo; antigo; antiquado; arcaico; caduco; estafado; gasto; idoso; obsoleto.*

Campa. Sesulfe (Terras da Penedra da), Genísio (Campanina) MAH 188

Campaças [14] – Ferreira – MAH 189

- *De campação; acto ou efeito de campar; motivo de orgulho e honra; ufanía.*

Campainha (cmp93)

- *Campainha; Pequena sineta; aparelho sonoro, metálico, de alarme ou chamada; úvula; Planta da família das Campanuláceas e Amarilidáceas, espontâneas em Portugal; Instrumento musical com a forma de um triângulo com guizo e campainhas.*

Campainho [9;16]

- *De campainha; planta da família das campamláceas e amaridáceas, espontâneas em Portugal.*

Campalhão (cmp79)

- *Campalhão.*

Campelinhos [38]

- *De campeiros; amplo; campesino; campestre; camoso; espaçoso; largo; vasto.*

Campo [14]

- *Arraial; arredores; chão; domínio; espaço; planície; subúrbio; terreiro; terra de cultivo; pequena localidade fora da cidade onde predominam actividades agrícolas; aldeia; terreiro sem edificação; área rural.*

Campo da Fôrca [10] (cmp77) *

- *Campo (ver, Campo);*
- *Forca; armadilha; botequim; cadafalso; cilada; cordante; dependurada; desfiladeiro; enforcamento; forquilha; garfo; paço; patíbulo; suspendio; tasca.*

Campo da Freira [9]

- *Campo (ver, Campo);*
- *Freira; beata; irmã; monja; professa; religiosa; sor; sóror.*

Campo da Sirga [4]

- *Campo (ver, Campo);*
- *Sirga: reboque; sirgagem; atoar; cabo de reboque.*

Campo de Cima [14]

- *Campo (ver, Campo);*
- *Cima; alto; cabo; cimalha; cimeira; cimo; cocuruto; cume; cumeeira; fim; pico; remate; riba; termo.*

Campo de Égua (cmp92)

- *Campo (ver, Campo);*
- *Égua; Fêmea do cavalo; indivíduo pouco inteligente, ignorante; Mulher que pratica a prostituição; Pessoa que reúne em torno de si outras, a quem aconselha e orienta; satisfazer à saciedade; aneia; banguina; beroba; besta; biscaia; brivana; guincha; munã; pichorra; piguancha.*

Campo de Greu (cmp78)

- *Campo (ver, Campo);*
- *Greu. Sem proposta.*

Campo de Grou [26]

- *Campo (ver, Campo);*
- *Grou: grua; guindaste.*

Campo Redondo [5;15]

- *Campo (ver, Campo);*
- *Redondo: abocetado; absoluto; boleado; circular; completo; convexo; curvo; esférico; gordo; grande; orbicular; rematado.*

Campo de Santa Maria (cmp79)

- *Campo (ver, Campo);*
- *Santa Maria (ver, Santa Maria).*

Campo de Vir (cmp79)

- *Campo (ver, Campo);*
- *Vir; Encaminhar-se para o lugar onde está a pessoa que fala; Chegar; regressar; voltar; acompanhar alguém até certo lugar; aparecer; surgir; provir; descender; ter origem; suceder; ocorrer; medrar.*

Campo do Álvaro (cmp79)

- *Campo (ver, Campo);*
- *Álvaro (ver, Álvaro Dias).*

Canada [8;20;29;35;38]

- *Atalho; azinhaga; canado; carreiro; olga; passagem; rodeira; servidão; targa; valeiro.*

Canadinha [26]

- *Diminutivo de canada (ver, Canada).*

Canal [21]

- *Aqueduto; bueiro; calha; canavial; canelura; cano; ducto; estreito; esteria; fossa; goteira; intermediário; intermédio; meato; medianeiro; meio; modo; passagem; sanja; tubo; vala; veia; veio; via.*

Canameira [10;28]

- *De canamão; pequena peça a que se apoiam os trabalhadores que ocupam o trilho com que se debulham alguns cereais.*

Canameiras [26] – Carrapatas, Cortiços (freguesia), Salselas (freguesia) – MAH 189

- *(ver, Canameira).*

Canaveira [7]

- *Lugar onde cresce o cânave, cânhamo, canavial.*

Cancela [5;15]

- *Cancelo; portão; portela; portinhola.*

Cancelo – Bornes – MAH 18

Cancelinhas [6]

- *Diminutivo de cancela (ver, Cancela).*

Cancelinho – *Lagoa, Vilarinho do Monte (freguesia) – MAH 189*

Canda [28] MAH 191

- *F. de cando (ver; Candelo).*

Canda (Vale de) – *Ferreira – MAH 191*

Cande/Candedo/Vale de Canda – *Edroso – MAH 191*

Candêda [38] – Vinhas – MAH 191

- *Relativo a cando (ver, Candelo).*

Candedo [28;32] (cmp64) – Vale Benfeito, Valongo, Espadanedo – MAH 191

- *Relativo a cando (ver, Candelo).*

Candeianho – *Vilar de Ouro – MAH 190*

Candelo [12]

- *De cando, espaço estreito entre a ranilha e as barras, no casco das bestas; pernada seca de uma árvore; desfiladeiro; cândo; candil.*

Candeleiros – *No termo de Edrosa, conc. de Macedo – MAH 191*

Caneleiros [12]

- *Caneleiro; caneludo; canela; cinamomo; ciumento.*

Canelha [13;34;35]

- *Azinhaga; caleja; quelha; quelho; talinheira.*

Canelha do Carrasco [25]

- *Canelha (ver, Canelha);*
- *Carrasco (ver, Carrascal).*

Canelhas [2]

- *Pl. de canelha; (ver, Canelha).*

Canelho [33]

- *M.q. canelha (ver, Canelha).*

Canelhos (as) [19]

- *Pl. de canelho (ver, Canelha).*

Candêdo [19]

- *Relativo a cando (ver, Canelha).*

Cangalhas [30]

- *Armação para sustentar a carga das bestas dos dois lados.*

Cangorso [33]

- *Gurita.*

Canças – *corresponderá a Cancelas – Chacim – MAH 189*

Canos [28]

- *Pl. de cano: tubo para a condução de líquidos ou fluídos; canal; aqueduto; goteira.*

Canteira [35]

- *Pedreira de onde se extrai pedra de cantaria; gato de ferro para segurar partes de uma tábua rachada.*

Canto [2;13;26] (cmp93)

- *Ângulo; aresta; ária; canção; cantar; cântico; cantiga; cantoria; cotovelo; esquina; extremidade; garganteio; quina; recanto; seixo.*

Canto das Vinhas [20]

- *Canto (ver, Canto);*
- *Vinhas (ver, Caminho das Vinhas).*

Canto do Cerrado [4]

- *Canto (ver, Canto);*
- *Cerrado; basto; carregado; compacto; copado; deuso; duro; encostado; espesso; frondente; impedido; implacável; insulado; nublado; obstinado; pertinaz; rigoroso; tampado; tenebroso; vigoroso; alminha; cerca; cerradão; horto; souto; tapada.*

Canto do Vale de Azinha [4]

- *Canto (ver, Canto);*
- *Vale (ver, Cabeço do Vale de Guela);*
- *Azinha; azinheiro; bolota.*

Canzal (cmp77)

- *Canzal: de Canzil: Cangalho; marca que se faz em orelha de rês; canzo; canga.*

Capela [3;21;35] *

- *Arraial; ermida; grijó; grinalda; harmonia; igreja; igrejola; orada; povoação; povoado; santuário.*

Capela da Fraga do Santo [23] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, extraíndo-se daí a seguinte informação:*
 - *Designação: Capela da Fraga do Santo.*
 - *Tipo de sítio: Ermida*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17271.*
 - *Localização: Olmos.*
 - *Descrição: Num local bastante inóspito e de difícil acesso, onde se desenvolvem acidentados afloramentos rochosos que se implantam numa posição sobranceira e de forte pendor no sentido de uma linha de água subsidiária do ribeiro das fragas do santo, pode observar-se alguns vestígios estruturais, nomeadamente derrubes e alguns alicerces de uma construção aproximadamente quadrangular de reduzidas dimensões, conhecida localmente como a Capela da Fraga do Santo. A julgar pela sua localização, a capela do santo pode ter sido um pequeno ermitério ou ermida, que se desenvolveu nas imediações da localidade medieval de Malta. Na proximidade da capela do santo existe um outro afloramento rochoso, também em xisto que é designado localmente com o topónimo “fraga do ermitão”*

Capela de Sampaio [8] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Castelãos. Da referida base de dados extrai-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Capela de Sampaio.*
 - *Tipo de sítio: Capela.*
 - *Período: Indeterminado*
 - *CNS: 17207*
 - *Localização: Castelãos*
 - *Descrição: Numa encosta de acentuado declive, na margem esquerda da Ribeira do Vale do Medo, curso de água subsidiária da Ribeira de Carvalhais, observa-se um conjunto bastante denso de vestígios constituídos por telha de meia cana que pertenceram a uma antiga capela designada localmente por capela de Sampaio. Do templo não restam estruturas ou ruínas capazes de permitirem uma hipótese interpretativa sobre a sua planta ou arquitectura. A sua existência apenas é referida pela memória colectiva na actual aldeia de Castelãos. As informações orais recolhidas não permitem extrair quaisquer conclusões sobre a sua cronologia ou características arquitectónicas.*
 - *O local onde esta se implantou encontra-se actualmente ocupada pela plantação de castanheiros tendo sido a actividade agrícola a principal responsável pela sua aparente destruição.*

Capela de São João [17] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamalonga. Tb. É referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.60), como de interesse arqueológico. Da base de dados do IPA, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Capela de São João.*
 - *Tipo de sítio: Miliário.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS 6184.*
 - *Localização: Lamalonga.*
 - *Descrição: Na parte ocidental da aldeia de Lamalonga, no adro do pequeno templo de São João, foram desenterrados dois miliários, tendo um, epigrafado, sido recolhido no Museu de Bragança, e outro, anepígrafo, deixado no local da descoberta, o que acabou por levar à sua destruição.*
 - *O miliário que actualmente integra o espólio do Museu Abade de Baçal é dedicado ao Imperador Constâncio I. Estes miliários faziam parte da via romana que ligava Chaves a Astorga e cujo trajecto passava por Vale de Telhas e Lamalonga.*

Capelão [5] (cmp77)

- *Padre-mestre; padre; encarregado do serviço religiosos na capela.*

Caramachão [36]

- *M.q. caramanchão (ver, Caramanchão).*

Caramanchão [14;32] *

- *Almenara; berço; caramanchel; cutelo; pérgula; camaranchão; construção ligeira de ripas, ferro ou pedra, revestida de plantas trepadeiras formando cobertura; (Eluc) obra avançada de fortificação antiga, que também diziam cubelo, “hum (da-*

queles tiros) derrubou tres ameas de hum camaranchão... e ós Mouros pareceo que já tinham seu feito concertado pois assi acertarom aquelle cubelo. Crónica do Conde D. Duarte de Meneses, cap.56”

Carapineira (cmp77)

- *Carapineira: de carapina; carpinteiro de construções rurais.*

Caravadas(cmp50)

- *Sem proposta.*

Caravelas/Cravelas – *Nos termos de Bornes, Peredo (freguesia – Fonte) – MAH 191*

Carba (cmp79)

- *Carba; corrup. de carva (ver, Carva).*

Carboiça [14]

- *De carbo, elemento de formação de palavras que exprimem a ideia de carvão, carbonoso, ácido carbónico.*

Carbuiça [28]

- *M.q. carboiça (ver, Carboiça).*

Carcas – *No termo de Espadanedo – MAH 191*

Carcoas [13]

- *De carcavar; abrir fosso; carcova; fazer ficar oco; abrir-se; rasgar-se; fazer côncavo; (eluc) porta falsa ou caminho encoberto.*

Cardal [9;31;34;38] – MAH 191

- *De carda; badanhoca; cardadura; preguinha; sujidade.*

Cardinal [25] (cmp64)

- *Relativo a gorzo; designativo de uma variedade de uva; designativo de um número natural; cardial; escarlata; essencial; fundamental; principal; quício.*

Cardinal [34] (cmp64)

- *Relativo a cardinha; tanjasno; caiada; cardinha; cartaxo; chasco; pardinha; queijeira; tanjardo; tanjarro.*

Cardos [1]

- *Pl. de cardo; áspero; brusco; crespo; intratável; rude; cacto; carda; cardeiro; espinho; planta da família das Compostas, Cactáceas e Umbelíferas.*

Cardosa [29]

- *Cardanha; cardenho; savelha; barraca; casebre; quarto.*

Carmachão [25]

- *M.q. Caramanchão (ver, Caramanchão).*

Caramanchão [28;29] (cmp64)

- *M.q. caramanchão (ver, Caramanchão).*

Carmo (cmp64)

- *Carmo; carmeiar, desfazer os nós (lã churda) antes de passá-la pela carduça; carpear; cardar a lã; assedar o linho.*

Carniça (cmp50)

- *Carniça: animal que sofreu carnagem; cadáver de animal em estado de putrefacção; despojos podres de qualquer animal; provisão de carne de animais; gado que se destina ao consumo; carnificina; matança; morticínio.*

Carnidela [1]

- *Sem proposta.*

Caroceira [1;14;31] – Ala, Bornes, Salselas, Talhinhos (freguesia) – MAH 191

- *De carocha; espiga de milho; cabeça do linho que encerra a semente; baganha; azeitona; mirada; bebedeira.*

Caroceiras [29]

- *Pl. de Caroceira (ver, Caroceira).*

Caroceiro [26] – Ferreira – MAH 191

- *(ver, Caroceira).*

Caroeira [27]

- *De caroável; (eluc) séc. XVI, caroavel de cheiros; amigo de cheiros; não me he caroavel, não é amado de mim; xale.*

Caroupila [12]

- *Sem proposta.*

Carrambitos [16] – MAH 191

- *De carraboçal; ladeira penhascosa e coberta de silvas e arbustos: gir.*

Carrapata [16]

- *Caracará; carraça; carrapato; compilação; dificuldade; doença; embaraço; embriaguez; embrulhada; estorvo; ferida; óbice; sarilho.*

Carrapatas – Sobreda – MAH 191

Carrapatas [7] (cmp77) ***

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; também referenciado na base de dados do Ipa, como de interesse arqueológico.*
- *caracará; carraça; carrapeto; compilação; dificuldade; doença; embaraço; embriaguez; embrulhada; estorvo; ferida; óbice; sarilho.*
- *Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Carrapatas.*
 - *Tipo de sítio: Achado Isolado.*
 - *Período: Idade do Bronze.*
 - *CNS: 17205.*
 - *Localização: Carrapatas.*
 - *Descrição: Em lugar indeterminado do termo da freguesia de Carrapatas foram encontradas, em finais do século XIX, duas alabardas em cobre arsenical. A sua tipologia específica levou precisamente à definição das “alabardas tipo Carrapatas”, de que se conhecem pouco mais exemplares em território Português, todas em Trás-os-Montes.*
 - *O contexto do achado é desconhecido, mas o mais provável é fazerem parte de um depósito ou esconderijo, sendo possível, embora não provado, que provenham do sítio da fraga dos Mouros.*

Carrapatinha (cmp63)

- *Carrapatinha: Localidade da freguesia de Ala do Concelho de Macedo de Cavaleiros; diminutivo de Carrapata (ver, Carrapatas).*

Carrascais [4;35;38]

- *De carrascal (ver, Carrascal).*

Carrascal [1;3;4;20;33;36] (cmp65/92) ***

- *Carrascal, pertencente à freguesia de Ala, sítio indicado de interesse arqueológico na base de dados do IPA.*
- *Carrascal; mata de carrascos ou carrasqueiras; abrunheiro; bravo; algoz; carrasca; carrascal; carrascão; carrasqueiro; charneca; cruel; ferino; perseguidor; tirano; verdugo.*
 - *Da base de dados referenciada extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Carrascal.*
 - *Tipo de sítio: Povoado fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro/Romano.*
 - *CNS: 2056.*
 - *Localização: Ala.*
 - *Descrição:*
 - *Cabeço em esporão, encaixado no fundo vale da Ribeira de Corujas. Encontra-se desprovido de controlo estratégico sobre a região, mas apresenta soberbas condições defensivas, fortemente potenciadas pelo sistema defensivo do povoado. O cabeço localiza-se sobre um meandro da ribeira, encontrando-se rodeado pela ribeira e tendo vertentes muito inclinadas por todos os lados menos por Nordeste, onde se encontra o colo de acesso. Este é bastante estreito, inclinado e rochoso, sendo uma passagem com algum grau de dificuldade. O povoado de pequenas dimensões, apresenta uma única linha de muralha, que o rodeia por todos os lados. Há vestígios que indiciam a existência de um torreão sobranceiro ao colo de acesso, existindo logo a seguir um profundo fosso no final deste acesso. O interior do povoado apresenta diversos buracos, presumivelmente abertos por caçadores de tesouros, e que deixam ver a existência de uma estratigrafia profunda. Por toda a parte existem derrubes de estruturas. Os materiais de superfície são abundantes, havendo cerâmicas manuais da Idade do ferro, e muitos materiais de época romana, nomeadamente téguas, deixando adivinhar uma forte romanização do lugar.*

Carrasqueira [4;17;19;23] (cmp65/78)

- *De carrascal (ver, Carrascal).*

Carrasqueiras [33]

- *(ver, Carrascal).*

Carrasquinho [3]

- *(ver, Carrascal).*

Carrascas [2;26]

- *(ver, Carrascal).*

Carrasco [19;21;33;38] (cmp64/78/79)

- *(ver, Carrascal).*

Carrascos [26] (cmp78)

- *(ver, Carrascal).*

Carregal [15;35]

- *Juncal; lugar onde crescem carregas.*

Carreirão das Casas [16]

- *Carreirão; de carreiro; atalho; azinhaga; bica; calhe; carril; cocheiro; marrafa; meios; risca; senda; trilho; vereda; via.*
- *Casas, pl. de casa; aposento; botoeira; cas; classe; compartimento; cosque; divisão; domicílio; habitação; haveres; lar; linhagem; loja; mausão; mesão; morada; moradia; ninho; pagos; perrates, residência; tecto; vivenda; prédio.*

Carreira [19] (cmp64)

- *(ver, Carreirão das Casas).*

Carreiras (cmp78)

- *Carreiras: pl. de carreira (ver, Carreirão das Casas).*

Carreirinha [2]

- *(ver, Carreirão das Casas).*

Carreirinho [1]

- *(ver, Carreirão das Casas).*

Carrela (cmp93)

- *Carrela: Reg. Padiola*

Carrelha da Pastora [16]

- *Carrelha; padiola;*
- *Pastora; rapariga; semana; zegala; moça.*

Carriça [1;14]

- *Pássaro muito pequeno da família dos Trogloditídeos, também conhecido por carrincha, carriço, esconderijeira, cambaxirra, carricinha, corruíra.*

Carriçais [23]

- *Pl. de carriçal; mata de carriços; planta da família das Ciperáceas, espontânea em Portugal.*

Carril [2;20;21;25;34] (cmp64)

- *Atalho; carreira; carreiro; rego; rodeira; trilho; vereda.*

Carris [21;35]

- *Pl. de carril (ver, Carril).*

Carriz [21;28]

- *Pl. de carril (ver, Carril).*

Carroceira [31] (cmp79)

- *F. de carroceiro; condutor de carroças; o que faz fretes com uma carroça; individuo malcriado; grosseiro.*

Carva [6;33] (cmp78) *

- *Barranco; barroca; batoco; córrego; despenhadeiro; fosso; quebrada; ravina; sepultura.*

Carva de Baixo [21]

- *Carva (ver, Carva).*
- *Baixo; abaixado; abatido; anão; canalha; chato; chulo; que tem pouca altura; nível inferior.*

Carva de Cima [21]

- *Carva (ver, Carva).*
- *Cima; alto; cimeiro; cimo; cocuruto; cume; cumeeira; pico; riba; termo; parte mais alta.*

Carvalha [5;7;8;16;19;26] (cmp49/78)

- *Carvalho de copa estreita e alta, variedade de batateira.*

Carvalha Velha [29]

- *Carvalha (ver, Carvalha);*
- *Velha: f. de Velho (ver, Caminho Velho).*

Carvalhal [2;3;4;12;13;23;25;28;29;31;36;37;38] (cmp64/78)

- *Mata de carvalhos.*

Carvalhal do Nogueira [6]

- *Carvalhal (ver, Carvalhal);*
- *Nogueira; nome de pessoa, árvore de fruto.*

Carvalhas [17;26;31]

- *(ver, Carvalhal).*

Carvalhãs [30]

- *M.q. carvalhas (ver, Carvalhas).*

Carvalhas de Don Diego [30]

- *Carvalhas (ver, Carvalhas);*
- *Don Diego. Nome de Pessoa.*

Carvalheira [2;6;12;15;20;21;26;31]

- *Carvalho de pequeno porte.*

Carvalhinho [12]

- *Masc. de carvalhinha; planta arbustiva da família das Labiadas.*

Carvalho (cmp91)

- *Carvalho: (ver, Carvalho Negro).*

Carvalho Negro [21]

- *Carvalho; árvore da família das Fagáceas;*
- *Negro (ver, Cabeço Negro).*

Carvalho Queimado [5]

- *Carvalho (ver, Carvalho Negro);*
- *Queimado: abespinhado; ardente; cálido; carbonizado; cremado; quente; ressequido; seco; tismado.*

Carvalhões [27]

- *Aumentativo de carvalhos (ver, Carvalho Negro).*

Carvalhos [26]

- *Pl. de carvalho: (ver, carvalho Negro).*

Carvalhosa [25]

- *Relativo a carvalhos; (ver, Carvalho Negro).*

Carvas [8;28;36;38] (cmp78)

- *Pl. de carva (ver, Carva).*

Carveira – Lombo – MAH 193

Carvinças [38]

- *Sem proposta.*

Carvoíças [26] – Castro Roupal – MAH 193 – Latões – MAH 193

- *De carvoíço: resíduos dos fornos da cal que se emprega como adubo nas terras.*

Carupêla [12]

- *Sem proposta.*

Casa de Madeiras [26]

- *Casa (ver, Carreirão das Casas);*
- *Madeira; árvore; bengala; cacete; lenha; mato; pau; porrete; tabuado; parte lenhosa e dura que compõem o tronco e ramos de alguns vegetais).*

Casa da Ribeira [26]

- *Casa (ver, Carreirão das Casas);*
- *Ribeira (ver, Cabeço da Ribeira).*

Casa do Diabo [29]

- *Casa (ver, Carreirão das Casas);*
- *Diabo; cada um dos anjos maus; espírito do mal; demónio; satanás; arrenegados; belzebeu; chavelhudo; diacho; mafarrico; pecado; rabudo.*

Casa do Estavão [14] (cmp49)

- *Casa (ver, Carreirão das Casas).*
- *Estavão: forma do verbo estar; hospedaria; ajustar, anuir; assistir; caber; chegar; comparecer; concordar; condizer; consentir; continuar; convir; custar; existir; habitar; residir; achar-se; conservar-se; manter-se; sentir-se; permanecer.*

Casa Nova [17;26]

- *Casa (ver, Carreirão das Casas);*
- *Nova; alvitre; anúncio, aviso, notícia; novidade.*

Casais [19]

- *Pl. de casal (ver, Casal).*

Casal [20;28] (cmp78)

- *Aldeola; granja; herdade; lugarejo; monte; pago; par; parelha; povoa; quadrela; quinta; solar; urdidor; vilar.*

Casal de Vale Pradinhos (cmp63)

- *Casal (ver, Casal);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Pradinhos: Diminutivo de Prado (ver, Prado);*
- *Vale Pradinhos; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Casalinho [16]

- *Diminutivo de casal (ver, Casal).*

Casarão [22]

- *Aumentativo de casa (ver, Carreirão das Casas).*

Casas (cmp92/93)

- *Casas (ver, Carreirão das Casas).*

Casas de Cima [29]

- *Casas; pl. de casa (ver, Carreirão das Casas);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Cascalhão [4]

- *Aumentativo de cascalho: (ver, Cascalho).*

Cascalheira [11]

- *De cascalho (ver, Cascalhos).*

Cascalho [31;38] (cmp78)

- *(ver, Cascalhos).*

Cascalhos [4;26]

- *Pl. de cascalho; burgau; dinheiro; entulho; escória; pedregulho; piçarra; resto; rípio.*

Casarelhos [1]

- *Pl. de casarelho; casaréu; casebre; casinhoto.*

Casinha [21] **

- *Topónimo referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) com potencial arqueológico, situado na freguesia de Morais, mas que não consta nos registos de cadastro rústico da freguesia.*

Casinhas [18] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (570-IX), como de interesse arqueológico, diz; m.q. casarelhos, castro;*
- *Ganharia; latrina; privada; retrete; secreta; sentina; diminutivo de casa; casa pequena; quarto de banho; casa onde dormem os ganhões.*

Castanheira [2;20;21;38]

- *Artocarp; árvore do-pão; castinceira; mulher que vende ou assa castanhas para vender; castanheiro destinado a produzir frutos (castanha).*

Castanheiros do Bráz [12]

- *Castanheiros; pl. de castanheiro (ver, Castanheira);*
- *Bráz. Nome de Pessoa.*

Castelões [8] (cmp78)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; castelão; alcaide; casteleiro; castelhano; trincadeira; castelejo; castelete; castelinho; fortim; castelo; acumulação; alcácar; alcaçaria; alcácer; alcáçova; alcoulé; castilho; cida-dela; cúmulo; fortaleza; forte; forim; monte; prostíbulo; segurelha; solar;*
- *Património histórico edificado existente na freguesia.*

Castelares [14] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.152 e 570) com interesse arqueológico, mas que não consta nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Ferreira, possivelmente tratar-se-á de Castelvares que foi encontrado; acastelar;*

Castelvares [14] *

- *Tratar-se-á possivelmente do topónimo castelares, referido como existente na freguesia de Ferreira na obra do Abade Baçal; (vol. IX. p.570) acastelar; por em castelo.*

Castelejo [16] *

- *Parte mais elevada do castelo; castelete; castelinho; fortim.*

Castelhão [36] *

- *Castelhano; senhor do castelo; alcaide; pertencente ao castelo.*

Castelo [8;19;25;26;30;31;36;37] (cmp64/78/79/93) **

- *Topónimos referidos na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.152, 156, e 570 – e vol. X, p.571), tendo interesse arqueológico; situados nas freguesias de; Castelões e Ponde, mas que não foram encontrados nas folhas de registo do cadastro rústicos destas freguesias.*
- *Acumulação; alcácer; alcaçaria; alcácer; alcáçova; alcance; castilho; castro; cida-dela; cúmulo; fortaleza; forte; fortim; monte; prostíbulo; segurelha; solar.*

Castelo das Chairas [30] *

- *Castelo (ver, Castelo);*
- *Chairas; pl. de chaira (ver, Chaira).*

Castelo de Balsemão [9] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca ás folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Chacim. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Castelo de Balsemão.*
 - *Tipo do sítio: Povoado fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro/ Romano/Idade Média.*
 - *CNS: 17241.*
 - *Localização: Chacim.*
 - *Descrição: Num grande cabeço sobranceiro ao rio Azibo, onde hoje se situa o convento de Balsemão, desenvolveu-se um grande povoado fortificado, do qual actualmente restam poucos indícios ou vestígios estruturais. A construção dos edifícios relacionados com o convento, cuja origem remonta ao século XIX, foi a principal causa de destruição de um castelo medieval, cuja história permanece em grande medida desconhecida. Segundo as informações bibliográficas recolhidas, admite-se que aqui tenha existido uma vila medieval que evoluiu de um*

assentamento romano, mas que no século XVII se encontrava já completamente abandonada. Na altura em que estava a ser edificada a igreja conventual foram recolhidas do subsolo algumas moedas romanas, vestígios osteológicos, e mais tarde, quando se realizavam outras obras no local, acabou por ser detectada uma necrópole com sepulturas escavadas na rocha. O monte, com excelentes condições de defesa natural, foi completamente alterado pelo conjunto arquitectónico que constitui o actual convento. No entanto, em alguns locais são ainda visíveis vestígios da antiga muralha, alguns derrubes, um talude e o arranque de uma pequena torre quadrangular que incorporava o antigo sistema de amuralhamento. Todo o terreno se encontra fortemente humanizado por ruas calcetadas, pequenos jardins, variadas capelas, edifícios de apoio agrícola, habitacionais, etc., o que em parte impossibilita detecção de quaisquer outros vestígios, nomeadamente fragmentos de cerâmica, que não chegaram a ser observados no local. Na encosta Sul, no entanto, em terrenos lavrados fora do complexo conventual, detectaram-se alguns poucos fragmentos de cerâmica manual da idade do ferro, permitindo supor que a primeira ocupação deste cabeço terá sido um povoado fortificado da Idade do Ferro.

Castelo de Gralhós [31] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da base de dados retirou-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Castelo de Gralhós.*
 - *Tipo do sítio: Indeterminado.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17284.*
 - *Localização: Talhinhas.*
 - *Descrição: O morro onde se implanta o santuário de Nossa Senhora de Lassalette poderá ter sido um antigo povoado cuja cronologia é difícil de determinar. Actualmente, o local ainda é conhecido com o topónimo de Castelo, e à superfície, sobretudo junto ao marco geodésico, encontram-se pequenos fragmentos de cerâmica, muito rolados e difíceis de classificar. Mais nenhuma evidência material foi identificada neste sítio, que possui um excelente controlo geo-estratégico sobre uma extensa área envolvente, no rebordo Norte do planalto do Morais, implantando-se sobranceiramente à ribeira de Vale de Moinhos, que lhe corre no sopé da vertente Este, único sector que possui condições de defesa natural.*

Castelo de S. Marcos [8] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Castelãos. Da base de dados referida extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Castelo de São Marcos.*
 - *Tipo de sítio: indeterminado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 17206*
 - *Localização: Castelãos.*
 - *Descrição: Na vertente Norte da serra de Bornes, numa posição sobranceira à actual aldeia de Castelãos, desenvolve-se um morro de pequenas dimensões com excelentes condições estratégicas. Neste local, que possui um excelente domínio visual sobre todo o vale de Macedo de Cavaleiros, existiu um antigo sítio da Idade do Ferro, talvez um povoado fortificado. Actualmente apenas se obser-*

va uma pequena capela, cujo orago é dedicado a São Marcos. Poderão ter sido obras relacionadas com a construção deste pequeno santuário responsáveis pela destruição do sítio. Por esse motivo não se conseguem detectar quaisquer vestígios estruturais relacionados com o antigo povoado. No entanto, numa observação mais atenta permitiu detectar alguns fragmentos cerâmicos cuja cronologia poderá ser fixada na Idade do Ferro.

Castelos [26] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como pertencente à freguesia de Salselas, mas que não consta das folhas de registo predial rústico da freguesia.*

Castelo dos Mouros [37] ***

- *Topónimo referido na base de dados do IPA como pertencente à freguesia de Vilarinho do Monte, mas que não foi encontrado nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Castelo dos Mouros.*
 - *Tipo de Sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 2034.*
 - *Localização: Vilarinho do Monte.*
 - *Descrição: O Castelo dos Mouros situa-se num esporão xistoso com boas condições de defesa natural e um controlo geo-estratégico sobre a região envolvente. O sopé do monte onde se desenvolveu o povoado é rodeado pelas ribeiras do Seixigal, a Sul e Este e pela ribeira do Vale da Mulher, a Oeste. Ambas as ribeiras confluem a Sudoeste dando origem a terrenos agrícolas que foram lameiros fortemente irrigados. Actualmente o povoado encontra-se bastante alterado devido á abertura de um estradão que lhe alterou a topografia e lhe causou uma forte acção de destruição. No entanto ainda é perceptível a existência de duas linhas de muralhas que no sector Nordeste se desenvolvem paralelamente dando origem a um corredor que poderá atingir uns 1º metros de largura. No local observam-se grandes quantidades de derrubes provenientes do sistema defensivo e de possíveis estruturas habitacionais. A abertura do estradão deu origem a um corte vertical onde se observam pequenos troços de um aparelho de xisto de fraca qualidade pertencentes a uma estrutura de funcionalidade indeterminada. Uma prospecção de superfície efectuada no local permitiu detectar um conjunto significativo de fragmentos cerâmicos de tipologia comum e com uma cronologia atribuível à Idade do Ferro e possivelmente à Alta Idade Média. No sítio não foram detectados vestígios de romanização.*

Castelhão [38] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.152), de interesse arqueológico, mas que não consta nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Vinhas*

Castelucho de Balsemão [9] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA como pertencente à freguesia de Chacim, mas que não se encontrou na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro da freguesia; castelucho; relativo a castelo;*
- *Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Castelucho de Balsemão.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*

- *Período: Idade do Ferro.*
- *CNS: 1926.*
- *Descrição: Povoado fortificado de médias dimensões, num relevo em esporão sobre um meandro do rio Azibo e sobre a foz da ribeira de Chacim. Este esporão é um prolongamento natural para Leste, a baixa altitude, do monte onde se implanta o Castelo e Convento de Balsemão. Ao estar encravado no fundo do vale do Azibo, tem um fraco controlo estratégico sobre a área envolvente, mas tem boas condições defensivas naturais. Do lado Norte, a encosta cai em es-
carpa para a ribeira de Chacim, e do lado Sul o mesmo para o Azibo, ainda que com menor inclinação. Os acessos naturais fazem-se pelos lados Leste e Oeste. A poente encara a encosta para o Castelo de Balsemão, sendo por aí que hoje se acede ao povoado. A Nascente, existe igualmente um torreão sobranceiro à muralha e ao acesso. A Nascente, existe igualmente um torreão, e a muralha é precedida de um fosso: nesta parte, as estruturas estão melhora conservadas. O interior do povoado está coberto por um denso matagal, mas são visíveis diver-
sos derrubes de estruturas. Não se encontraram materiais de superfície.*

Castrilhão [36] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, também é referenciado na obra do abade Baçal, como castrilhão ou crastilhão (Vol. IX, p.152). Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação.*
 - *Designação: Castrilhão.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro/ Romano.*
 - *CNS: 17237.*
 - *Localização: Vilarinho de Agrochão.*
 - *Descrição: Povoado fortificado de pequenas dimensões, localizado num cabeço em esporão sobre um meandro apertado do Rio de Macedo, apresentando exce-
lentes condições defensivas, sendo acessível apenas pelo lado Este, pelo colo de acesso. Neste colo de acesso foi escavado um profundíssimo fosso, que confere a este povoado uma posição quase inexpugnável. Sobre o fosso, desenrola-se uma linha de muralha e um torreão, não se sabendo a extensão desta linha de mu-
ralha, pois o denso matagal que cobre o interior do povoado impede uma pros-
pecção mais efectiva. Encontram-se diversos fragmentos de cerâmica manual, da Idade do Ferro. No povoado não se encontram vestígios de romanização, mas no caminho de terra batida no sopé do povoado, do lado Sul, são abundantes os fragmentos de telha. Quanto ao fosso este é de tal modo profundo, tendo cor-
tado a rocha na vertical, que se pode questionar, se não terá servido como corte para extracção de minério. A bibliografia e a população local referem a existên-
cia de um grande abrigo ou buraco, cuja entrada fica no fundo do fosso, havendo referências ao aparecimento de material arqueológico neste abrigo.*
 - *Actualmente, existe um muro, de cronologia indeterminado, que atravessa o fosso de lado a lado, e cujo derrube terá tapado por completo esta entrada.*
 - *Por último, é de salientar que na plataforma lavrada do lado Este do povoado, que forma o colo de acesso em frente ao fosso, se encontram quantidades significativas de cerâmica manual da Idade do Ferro. Dado que o fosso se encontra de permeio entre a zona fortificada e esta plataforma, impedindo escorrimientos, estes materiais mostram que a ocupação do povoado se estendeu para fora da zona muralhada.*

Castro [17] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.571) como tendo interesse arqueológico, mas que não consta das folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Lamalonga.*

Castro Roupal [38] (cmp78)

- *Topónimo referente á localidade pertencente á freguesia de vinhas. Topónimo de origem germânica, como muitos na região, Rauparii sc “villa” ou semelhante, de Rauparius (roupeiro)... deve ser indício das suas origens pré ou proto-históricas, in, grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXX p.591-d.*

Catrajeira [26]

- *Sem proposta.*

Catrapeira [26]

- *De catrameço; catrapeço; naco; tenaz; tracanaz.*

Catrapeiro – No termo de Valdrez – MAH 193

Caudo [30]

- *Sem proposta.*

Caúnha (cmp63)

- *Caúnha; m.q. Caúnho (ver, Caúnho).*

Caúnho [11] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (185-IX), como de interesse arqueológico, mas que não consta nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Corujas; Caúnho; conho; coanha; penhasco. Elucidário de Viterbo; cunho; couho, penedo muito grande e redondo, que se acha no meio de um rio.*

Cavado [1]

- *Aagitado; cavo; côncavo; encapelado; fundo; profundo; revoltado; buraco; cava; cavidade; concavidade; cova; depressão; escavação; vala.*

Cavaleiro [2]

- *Aguerrido; alto; belicoso; brioso; denodado; duro; elevado; esforçado; feroz; montado; nobre; sobranceiro; valente; calção; cavalgador; cavalheiro; ginete; paladino; pitu.*

Cavaleiros (Prado) – Macedo de Cavaleiros – MAH 194

Cavancos [17]

- *Sem proposta.*

Cavas [14]

- *De cavar: abrir ou revolver (a terra) com enxada ou sacho, escavar; sachar; abrir cava (em roupa); investigar; trabalhar; fugir; averiguar; buscar; encovar; escavar; minar; procurar; rasgar; sulcar; vazaz.*

Cavês [30]

- *Sem proposta.*

Cedanho – No termo de Vale Benfeito – MAH 194

Cedelais (cmp64)

- *Sem proposta.*

Cego [7]

- *Alucinado; arrebatado; baixo; cécum; escuro; estúpido; ignorante; imprudente; inconsciente; intrincado; invisual; obcecado; oblituado; perturbado; sumido; temerário; tenebroso; o que não vê.*

Celinha(cmp92)

- *Celinha; diminutivo de celio; oco; vazado.*

Cemaçauga. No termo de Corujas – MAH 194**Cemitério [2;33;22]**

- *Adro; campo-santo; cardal; carneiro; galilé; necrópole; recinto destinado á sepultura de defuntos.*

Centieiras [30]

- *M.q. centeeiras, pl. de centeeira; próprio para centeio; destinado á cultura de centeio.*

Centro da Quinta [1]

- *Centro: ponto que fica no meio lugar de convergência ou de irradiação; alma; âmaggo; assembleia; associação; eixo; foco; núcleo;*
- *Quinta: barro; casal; chácara; fazenda; granja; herdade; horta; rocinha.*

Cêpo do Ferreiro [31]

- *Cêpo, m.q. cepo; pedaço de um tronco cortado de través; toro;*
- *Ferreiro; aivão; alcorraz; artesão que trabalha o ferro; pássaro da família dos Turdídeos.*

Cêrca [38]

- *M.q. cerca (ver, Cerca Velha).*

Cerca Velha [20]

- *Cerca; albarrada; cercado; cintura; estacada; muro; paliçada; sebe; tapume.*
- *Velha (ver, Caminho Velho).*

Cerejais [38]

- *Pl. de cerejal; pomar de cerejeiras.*

Cerdeiro [22]

- *M.q. cerejeiro; árvore de fruto da família das Rosáceas, de flores claras e por vezes amarelas, com caroço e uma parte carnuda comestível.*

Cernadela (cmp77)

- *Cernadela; localidade pertencente à freguesia dos Cortiços; cernada; acto ou efeito de cernar; descobrir o cerne; extrair o cerne; sangrar; rijeza; parte central do lenho do caule das árvores, a mais rija e mais escura, também designada durame ou durâmen.*

Cerrado [29;36]

- *Terreno murado; tapada; fecho; denso; compacto; escuro; vigoroso; chousa.*

Cervadinha [29]

- *Relativo a cerval; cruel; ferino; feroz; voraz.*

Cervatinha [28]

- *F. e diminutivo de cervato; cervo; enho.*

Cepa Velha [20]

- *Cepa; casta; cebola; cepeira; espécie; estripe; geração; origem; videira; tronco da videira.*
- *Velha (ver, Campo Velho).*

Cêpo [12]

- *Pedaco de um tronco cortado de través; toro; trambolho; armadilha; bronco; estúpido; grosseiro; inábil; madeiro; sapata.*

Cêrca [17]

- *Demarcação que rodeia um terreno geralmente feita de estacas; tapume; terreno vedado por um muro ou sebe.*

Cerdeirinho [6]

- *Diminutivo de cerdeiro; cerejeira; árvore de fruto da família das Rosáceas que produz um fruto (cereja).*

Cereijal [16]

- *M.q. cerejal; terreno plantado de cerejeiras; pomar.*

Cerquinha [1] ***

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico, da freguesia de Ala. Topónimo também referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
- *Da mesma base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Cerquinha.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Indeterminado/ Não foi possível obter elementos cronológicos concretos, mas deverá ser um povoado da Idade do Ferro.*
 - *CNS: 17197.*
 - *Localização: Ala.*
 - *Descrição: Esporão alongado sobre os vales encaixados das ribeiras de Ala, Corujas e Vale da Choca. Não tem controle estratégico sobre a região envolvente, mas apresenta boas condições de defesa natural por todos os lados excepto a Sudoeste, onde se localiza o colo de acesso. Existe uma única linha de muralha, perceptível por um talude e pelos derrubes, que rodeia o cabeço por todos os lados, definindo um recinto elipsoidal, de pequenas/médias dimensões. Na zona de acesso esta muralha foi recentemente destruída, para extracção de pedra. Os cortes deixam perceber uma boa potência estratigráfica, sendo possível que haja uma boa conservação dos vestígios arqueológicos na área não afectada por esta destruição. Não se encontram materiais superficiais, pelo que não há elementos cronológicos muito concretos, mas deverá ser um povoado da idade do ferro.*

Cerrada [11]

- *F. de cerrado (ver, Cerrado).*

Cerrado [4;11;21]

- *Basto; carregado; compacto; copado; denso; duro; encostado; escuro; espesso; frondente; impedido; implacável;*

Cerveira [21]

- *M.q. cerdeiro, árvore de fruto da família das rosáceas, deflores claras que se apresentam em pequenos ramos, e que produz um fruto (cereja).*

Chacim [9] (cmp78)

- *Topónimo da Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Cochino; cochom; porco. (Armando Pires, in Chacim, p.13, esclarece que o zootopónimo Chacim significa porco bravo; javardo ou javali; acrescentando que as armas dos “Chacins” illustre e poderosa família que entroncava nos braganções e, tendo tomado o nome do povoado, exerceu larga influência por toda a região durante a primeira dinastia, tinha de apor timbre “um javali de sua cor bandeado de arminhos em três faixas, o que confirma a hipótese zootoponímica)*

Chafurgo [21] – No termo de Macedo de Cavaleiros – MAH 194

- *Atoleiro; chafurda; imundície; sujidade; lugar; imundo.*

Chaiça (cmp92)

- *Sem proposta.*

Chãila – No termo de Grijó de Vale Benfeito – MAH 194**Chailinho [32]**

- *Corrup. e diminutivo de xaile; peça de vestuário em forma de triângulo ou de um quadrado dobrado na diagonal, em geral franjado e utilizado sobre os ombros.*

Chaina [2;12;15]

- *Noite.*

Chainas [15;20]

- *Pl. de chaina (ver, Chaina).*

Chaira [13;17;19;29;31;34]

- *Fraca; solta; invernada; minota; peia; vínculo.*

Chaira da Freixeda [31]

- *Chaira (ver, Chaira);*
- *Freixeda (ver, Freixeda).*

Chaira da Pia [36]

- *Chaira (ver, Chaira);*
- *Pia; recipiente de pedra para líquidos; tanque; reservatório.*

Chaira da Serra [29]

- *Chaira (ver, Chaira);*
- *Serra (ver, Serra).*

Chairas [16;21;29;30] (cmp78)

- *Pl. de chaira (ver, Chaira).*

Châiras [16;21;24]

- *M.q. chairas (ver, Chaira).*

Chairinha [26]

- *(ver, Chaira).*

Chairos [21]

- *(ver, Chaira).*

Chama da Talanqueira [23] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, contudo não consta dos livros de registo dos prédios rústicos da freguesia dos Olmos.*

Chamorrin [31]

- *Referente a chamorro; estúpido; grosseirão; Português; tosquiado; apelido que os Espanhóis davam aos Portugueses por usarem a cara rapada e o cabelo curto)*

Chãos [13]

- *Rasteiro; sincero; singelo; campo; chada; pavimento; piso; querência; sítio; soalho; sobrado; solo; terra; terrado; terreiro; terreno; superfície de terra que pisamos; propriedade rústica.*

Chão Comprido [6]

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Comprido; comprimento; crescido; demorado; esguio; espaçoso; longo; prolixo.*

Chão da Felpa [1]

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Felpe; buço; carepa; dinheiro; espécie; felpe; floco; frisa; guedelha; lamagem; pêlo; penugem; riço.*

Chão da Fonte [14;29] *

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Fonte; bica; causa; chafariz; filão; fontana; fontanela; germe; matriz; mina; nascente; origem; princípio; raiz; sedenho; teta.*

Chão da Galinha [29]

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Galinha; azar; caiporismo; má-sorte; mau-olhado; pita; polha; fêmea adulta de uma ave da família dos Fasianídeos de crista carnuda e asas curtas e largas.*

Chão da Lameira [29]

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Lameira (ver, Lameira).*

Chãos das Eiras [19]

- *Chãos (ver, Chãos);*
- *Eiras; calcadouro; eirado; malhadouro; terreiro.*

Chão das Nozes [30] (cmp79/93)

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Nozes; pl. de noz; fruto da noqueira de casca dura, resistente, rugosa e de coloração acastanhada.*

Chão do Concelho [26]

- *Chão (ver, Chãos);*
- *Concelho; concílio; conferência; município; reunião.*

Chãs [19]

- *Chãs: campina; chada; chana; chão; chapada; planície; plaura.*

Charavelho (cmp) 78

- *Sem proposta.*

Chastra [14]

- *F. de chastre: alfaiate; mão-cheia; pedaço; porção.*

Chastrinha – Ferreira – MAH 196**Chaupica [14]**

- *Relativo a Choupa, ponta de ferro ou aço das garrochas; ferro de dois gomes para abater reses; árvores semelhantes ao choupo*

Cheilinho (cmp78) – No termo de Vale Benfeito – MAH 196

- *Sem proposta.*

Cheinas (cmp78)

- *Sem proposta.*

Cheirinha (cmp49)

- *Cheirinha; Corrup de cheirinho; cheiro agradável; perfume.*

Cheuras [24]

- *M.q. cheúra; abundância; fartura.*

Cheusas [24]

- *Corrup. de chousa (ver, Chousa).*

Chiqueiro [4;6]

- *Chavascal; choço; cortelho; enxurdeiro; imundice; lodaçal; pocilga.*

Chora Grande [29]

- *Chora; (reg.) flor de oliveira ou sobreiro; indivíduo que anda sempre a lastimar-se.*
- *Grande; que é de tamanho maior do que o comum; crescido; duradouro; notável; respeitável; magnífico.*

Choça [3]

- *Abrigo; barraca; bezerreiro; cabana; cadeia; cafua; casebre; choupana; covil; furda; malha; malhada; mocambo; palhal; rancho; rocha; torga; tugúrio.*

Chorça [1;26]

- *Corrup. de choça; cama; vou à chorça, vou á cama, vou deitar-me (Lagoaça e Freixo de Espada á Cinta, Gír. (ver, Choça).*

Chordo [29]

- *Sem proposta.*

Choupa [17]

- *Alcorraças; alcorraz; chopá; choupo; chuço; mucharra; salama; olho-de-boi; sama; sarga.*

Choupica [13]

- *(ver, Chaupica).*

Choupiça – No termo de Ferreira – MAH 196

Choupinho [25;26]

- *Diminutivo de chopo (ver, Choupo dos Bacelos).*

Choupo dos Bacelos [7]

- *Choupo; álamo; choupa; choupeiro; cogumelo; olmo.*
- *Bacelos; pl. de bacelo: baceleiro; sarmento; vara cortada da videira para plantar; videira brava para enxertar.*

Chouriças [30] (cmp79)

- *Chouriço delgado; chicha; chouriço; salsicha.*

Chouriço [12] (cmp64)

- *Chinguiço; choura; chouriça; linguiça; paio; salpicão.*

Chourinho – No termo do Lombo (freguesia) – MAH 196

Chousa [13;33]

- *Bostelo; tapada; cerrada; chouseiras; coutada; mata; parque; rameira.; tapume. Do Eluc. Uma fazendinha ou pequeno espaço de terra tapado sobre si. (do latim clando) “duas herdades, hum quintal huma chousa, doc. de Moncorvo, 1407.*

Chousas [36]

- *Pl. de chousa (ver, Chousa).*

Chousas Velhas [3]

- *Chousas: pl. de chousa (ver, Chousa);*
- *Velhas (ver, Cerca Velha).*

Choussa [1]

- *(ver, Chousa).*

Chousinha – Bornes – MAH 197

Chouza [8;20]

- *M.q. chousa; cercado; cerrado; chousal; chouso; horta; pomar; pomarinho; quinta-rola; tapada; patadinha; tapado.*

Chouzas [28]

- *Pl. de Chouza (ver. Chouza).*

Chouzas de Cima [28]

- *Pl. de Chouza (ver, Chouza).*

Chouzinha [5]

- *Diminutivo de chousa (ver, Chousa).*

Chouzinha de Cima [5]

- *Chouzinha, diminutivo de chousa (ver, Chousa);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Chus da Pedra [36] – Vilarinho de Agrochão – MAH 197

- *Chus; debaixo; [adv. ant.] mais.*

Cigadonha [28]

- *Relativo a cigonha (ver, Cigonha).*

Cigonha [15]

- *Adulteração de cegonha; engenho de tirar água a pouca profundidade; picota; picanço; velhaco; ave pernalta de arribação de grande porte da família dos ciconídeos*

Cimo da Quinta [34]

- *Cimo (ver, Cimo);*
- *Quinta (ver, Quinta).*

Cimo da Vila [34]

- *Cimo (ver, Cimo);*
- *Vila (ver, Vila Cordeiro).*

Cimo do Lagar [19]

- *Cimo; acimento; alcantil; alto; cimo; cocuruto; cume; coroa; pino; púcaro; topo;*
- *Lagar; lagariça; relego.*

Cimo do Lugar [36]

- *Cimo (ver, Cimo);*
- *Lugar; espaço ocupado por um corpo; sítio; local; localidade; pequena povoação; região.*

Cimo do Povo [2;3;6;16;26;35;36]

- *Cimo (ver, Cimo do Lagar);*
- *Povo (ver, Beira do Povo).*

Cimo do Prado [8;34]

- *Cimo (ver, Cimo do Lagar);*
- *Prado: almargal; campina; campo; hipódromo; lameiro; prisão; veiga. vergal.*

Cinquêna [14] – MAH 197

- *Relativo a cinqueiro; que é useiro e vezeiro em dar cincas; falha; errar; talhar.*

Cioco [38]

- *Gíria; topónimo de Estrada, conhecido localmente por Cioco; (ver, Estrada).*

Ciradelha [21] **

- *Topónimo referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570), como de interesse arqueológico, todavia não se encontrou nas folhas de registo da freguesia de Morais.*

Circo [17] (cmp49)

- *Anfiteatro; arena; cerco; cincho; circuito; círculo; liça; praça; teia.*

Clôdras [8]

- *(ver, Ribeira de Côvres).*

Cobatas [29]

- *M.q. cubatas, pl. de cubata; habitação de certos povos africanos; sanzala; bata; choca; choupana; cova-do-ladrão; palhota.*

Cobelo [29] *

- *M.q. cubelo; betesga; cubículo; torreão de antigas fortalezas em forma de cubo; pequeno vaso para líquidos; cuba pequena.*

Cobradas [16]

- *Eluci., de cobro “Os reguengueiros do aro de Lamego pagavam anualmente ao mordomo d’el-rei certo foro de carne de porco a que se chamava cobro e cobros.*

Codeçais [23]

- *Relativo a codessal; sítio onde crescem codessos; codesso, arbusto da família das leguminosas de flores amarelo-claro espontânea em Portugal.*

Codeçal [13;]

- *M.q que codessal (ver, Codessal).*

Codes (Ribeiro de) – No termo de Corujas – MAH 197

Codessal [14]

- *Sítio onde crescem codessos, arbusto da família das leguminosas, de flores amarelo claro.*

Codiceira – Nos termos de Lombo (freguesia) – MAH 197

Coelha [28]

- *Fêmea do coelho; láparo; lombelo; lombinho; mamífero roedor da família dos Leporídeos de grandes orelhas e pequena cauda.*

Coelheira [22]

- *Coleira dos cavalos de tiro; sítio onde se criam coelhos; vaso de barro com forma de toca, onde os coelhos fazem criação.*

Coforas [37]

- *Relativo a cofo; cesto em que os pescadores guardam o peixe; cânhamo; escudo; pantufo; abacá; alvacá; avacá.*

Cofras – Nos termos de Vilarinho do Monte – MAH 197

Coitada [1;3;11;17;18;26;27;36] (cmp64) – Podence – MAH 198

- *Coutada; tapada.*

Coitada (Lameira da) – Sesulfe, Vinhas – MAH 198

Coitada de Baixo [25]

- *Coitada (ver, Coitada);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Coitada do Bairro [25]

- *Coitada (ver, Coitada);*
- *Bairro; pl. de bairro (ver, Bairro da Pessarna).*

Coitada Pequena [18]

- *Coitada (ver, Coitada).*
- *Pequena; amásia; garota; moça; namorada; rapariga; miúda; acanhada; exígua.*

Coitadinha [15] (cmp78)

- *Diminutivo de coitada (ver, Coitada).*

Coitadinha-Mina [15]

- *Coitadinha*; diminutivo de *coitada* (ver, *coitada*);
- *Mina*; *galeria*; *subterrânea e estreita*; *jazigo*; *manancial*; *meretriz*; *minestra*; *nascente*; *veio*.

Colado [14]

- *Colado com cola*; *intimamente ligado*; *agarrado*; *borrelho*; *colada*; *outeiro*; *desfiladeiro*; *garganta*; *nascente*; *veio*.

Coladras – Castelãos – MAH 198**Çoleira [16]**

- *Abastardamento de soleira*; *limiar*; *soalheira*; *solar*.

Colmeais – Vilar do Monte (Freguesia) – MAH 199**Comieiras [18] (cmp64)**

- *M.q. cumeeira*; *asna*; *cima*; *cimeira*; *cimo*; *cocuruto*; *cume*; *cumeada*; *enfesta*; *espigão*; *lomba*.

Comparças [38]

- *Corrup. de comparsas, pl. de comparsa*; *pessoa que acompanha a actuação de outrem*; *parceiro*; *cúmplice*; *coadjuvante*; *companheiro*; *sócio*.

Comunhal [12]

- *M.q. comunheiro*; *condómino*; *sócio*.

Comunhas [13] (cmp64)

- *Derivado de comunheiro* (ver, *Comunhal*).

Condado [5]

- *Comitato*; *condaria*.

Condivau (cmp78,33)

- *Sem proposta*.

Conforcados [21;31]

- *Relativo a enforcado*; *vinho de pé, o mesmo que vinho podado a diferença do que era enforcado* (eluc)

Confurcados (cmp79)

- *Confurcados* (ver, *Conforcados*).

Confraria [3]

- *Associação com fins religiosos, irmandade*; *conjunto de pessoas que exercem a mesma profissão ou tem as mesmas ideias ou sentimentos*; *companhia*; *congregação*; *familiaridade*; *freiria*; *ordem*; *sociedade*.

Coníferas [3]

- *Pináceas*; *plantas gimnospérmicas*; *árvores em geral resinosas de folhas em forma de agulhas ou espinhos e sementes que se apresentam em pinhos*.

Conqueiros [38] (cmp79)

- *Relativo a conquistar*; *conquistar*; *adquirir*; *alcançar*; *avassalar*; *conseguir*; *domar*.

Contelhos (cmp79)

- *Sem proposta.*

Contral [13] – no termo de Murçós (freguesia, Chãiras de) – MAH 200

- *Relativo a contra; elemento de formação de palavras que exprime a ideia de contrário; oposto.*

Contraz [22]

- *Relativo a contravir; acudir; contrariar; infringir; opor; remocar; replicar; responder; retorquir; opor-se.*

Contorcas – No termo de Vinhas (freguesia) – MAH 200

Convento das Flores [28]

- *Convento; casa onde os religiosos fazem vida em comunidade; mosteiro; reclusão; recolhimento;*
- *Flores, pl. de flor; órgão vegetal de reprodução sexuada das plantas.*

Corças [16;26] (cmp78)

- *Cerva, gama.*

Corcobete [19]

- *Sem proposta.*

Corços (cmp79)

- *Corços: Pl. de Corço; Pequeno veado da Europa e Ásia, com galhadas curtas pontiagudas e pelagem avermelhada no Verão e castanho-acinzentado no Inverno; Leitão mais novo de uma ninhada.*

Corda [8;15;20] (cmp78)

- *Apertante; azo; beta; cabo; cadeia; comprida; correnteza; enfiada; tortosa; viúva.*

Cordal [38]

- *Relativo a cordinhal (ver, Cordinhal).*

Cordinhal [34]

- *Corrup de cortinhal; (eluc.) terra lavradia, aproveitada, rota e frutífera, mas pouco extensa e cercada de paredes altas, a modo de horta ou pomar, a que também antigamente chamavam côrte ou almuinha.*

Corgo [14]

- *Corça; corgão; córrego.*

Corinhica [31]

- *Sem proposta.*

Cornica (cmp64)

- *Cornica: de cornico: m.q. cornicho: pequeno corno; saliência semelhante a um pequeno corno; ponta ou canto do saco; Reg. Prega da malha ao começar o calcanhar da meia.*

Corna [13]

- *Cavelho; cornadura; corno; jactância; vaidade; hornaveque.*

Cornêa [22]

- *Relativo a cornear; ferir com os cornos; ser infiel a; atraíçoar; enfeitar; escornar; escornear; marrar.*

Coroa [21] *

- *Auréola; cabeça; capela; celebridade; cimo; cume; esplendor; facho; glória; laurel; monarca; realza; reino; soberano; velho; vitória;*

Coroa do Credo (cmp63)

- *Coroa (ver, Coroa);*
- *Credo: Profissão de fé dos cristãos católicos, chamada também símbolo dos apóstolos, e que começa, em latim, pela palavra credo (que significa creio); opinião arreigada; sistema de normas de uma pessoa ou grupo;*

Corraliça [13]

- *Relativo a curriça; curro pequeno; curral de campo; curralada; recinto onde se recolhe o gado.*

Correição [10] *

- *Acto ou efeito de corrigir; visita do corregedor aos julgados da sua alçada: exame feito aos serviços dos juizes da comarca: área de jurisdição.*

Corredoura [21] – Castelãos, Chacim (rua do povo), Morais – MAH 200

- *Peça que fica sob a mó do moinho; corrida; rua larga e direita; caminho declivoso.*

Correla [16]

- *Corla, bílis; cólera; córrela.*

Corriça [13;34;36] – MAH200

- *(ver, Corraliça).*

Corriça da Borba (cmp79)

- *Corriça (ver, Corraliça);*
- *Borba; Relativo à vila de Borba.*

Corriça do Alto (cmp78)

- *Corriça (ver, Corraliça).*

Corriça dos Cavalos (cmp78)

- *Corriça (ver, Corraliça).*

Corriças [3]

- *(ver, Corraliça).*

Corte D'El Rei (cmp78)

- *Corte; Curral; malhada; pátio;*
- *D'el Rei; Relativo a monarca.*

Corte de Azamor (cmp93)

- *Corte; Curral; malhada; pátio;*
- *Azamor: Cidade da costa Atlântica de Marrocos. Os seus moradores prestaram vassalagem a D. João II em 1486. Após uma conquista falhada em 1508, é ocupada militarmente em 1513. Mostrando-se a sua ocupação muito onerosa, foi destruída e abandonada em 1542.*

Cortes da Fonte da Tijela(cmp79)

- *Cortes: Pl. de corte; curral; malhada; pátio;*
- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Tijela; corrup. de Tigela; recipiente de louça, vidro ou metal em forma de meia esfera; malga.*

Cortes das Paradas (cmp79)

- *Cortes (ver; Cortes da Fonte da Tijela);*
- *Paradas: Pl. de parada (ver, Parada).*

Cortelhos [13]

- *Cortelho; cerrado; chiqueiro; corte; curral; pocilga,*

Cortiçadas (cmp79)

- *Cortiçadas; Grupo de cortiços; Reg. Ant. Assuada que se faz a pessoa viúva que se vai casar de novo.*

CORTIÇOS [10] (cmp77)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros, referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
- *alveário; cabeça-de-porco; coliji; cochicho; colmeia; cobiculo; estância; quadro; zungu.*
- *Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Cortiços.*
 - *Tipo de sítio: achado isolado.*
 - *Período: Idade do Bronze.*
 - *CNS: 6163.*
 - *Localização: Cortiços.*
 - *Descrição: Machado de talão de dupla aselha em bronze, achado ocasionalmente na Aldeia dos Cortiços, sem contexto arqueológico conhecido, e que fazia parte do espólio arqueológico do extinto Museu Municipal de Vila Nova de Gaia.*

Cortinhicas [38]

- *De cortinheiro; (reg.) terreno cercado nas vizinhanças de uma povoação, mas não contíguo ás habitações.*

Coronheira [30]

- *De coronha; (reg.) caroço.*

Corunheira [30]

- *M.q. coronheira (ver, Coronheira).*

Cortiçados [30]

- *Pl. de cortiçado; coberto ou forrado de cortiça.*

Cortinha [21;35] (cmp78)

- *Arribana; cortelha; cortelho; cortina; quintalão. Terreno agrícola, maior do que um quintal, situado junto da habitação ou perto dela, gir.*

Cortinhas [21;26]

- *Pl. de cortinha (ver, Cortinha).*

Cortinha da Casa [1]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Casa (ver, Carreirão das Casas).*

Cortinha da Comenda [23]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Comenda: benefício concedido com renda anexa a eclesiásticos ou a cavaleiros de ordens militares, distinção honorífica.*

Cortinha da Cruz [2] *

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Cruz; adversidade; aflição; cristianismo; cruzeiro; desgostos; puras; sacrifício; sofrimento; suplício; tortura; trabalhos; tribulação.*

Cortinha da Oliveira [2]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Oliveira; árvore de folha persistente, da família das oleáceas que produz fruto (azeitona).*

Cortinha da Porca [10]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Porca; fêmea do porco; mulher suja e desleixada; alferro; cabeça-baixa; meretriz; reca; rosca.*

Cortinha da Porta [2;6;16;18;25]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Porta; acesso; ádito; admissão; burdia; desfiladeiro; drofa; entrada; introdução; morada; passagem; solução; tapa; umbral; barreira.*

Cortinha da Ponte [3;26]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Ponte (ver, Cabeço da Ponte).*

Cortinha da Quinta [3]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Quinta; barro, casal, chácara; fazenda; granja; herdade; horta; laranjal; rocinha; sítio.*

Cortinha da Senhora [20]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Senhora; cima, dama; domina; esposa; laia; madama; madona; matrona; siá; sinhá.*

Cortinha das Castanheiras [2]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Castanheiras; castanheiro bravo.*

Cortinha das Cerdeiras [2]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Cerdeiras; cerejeiras; árvore de fruto da família das rosáceas que produz cerejas.*

Cortinha das Igrejas [19]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Igreja; abadia; basílica; canga; catolicismo; catraia; clerezia; clero; comil; gangarina; greja; igreja; templo.*

Cortinha das Pedras [19]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Pedras; calhau; concreção; fragmento; laje; pedrisco; rochedo; saraiva; pedra dura e compacta que forma as rochas)*

Cortinha de Bragança [18]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Bragança: sede de distrito; relativo á cidade de Bragança.*

Cortinha de Cima [3;29]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Cortinha de S. Caetano [3]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *S. Caetano: indivíduo que morreu em estado de santidade e que foi canonizado.*

Cortinha do Adro [13] *

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Adro; átrio; cemitério; ermitério; peribolo; vestíbulo.*

Cortinha do Cemitério [22] *

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Cemitério (ver, Cemitério).*

Cortinha do Lagar [3]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Lagar; lagariça; relego.*

Cortinha do Pereiro [2]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Pereiro; pereira que dá peras pequenos (peros)*

Cortinha do Pombal [6;20]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Pombal; columbário; palomar.*

Cortinha do Porto [2;18]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Porto; abrigo; ancoradouro; asilo; baia; barra; cala; enseada; escala; passo; refúgio.*

Cortinha da Sequeira [8]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Sequeira; estiagem; impertinência; importunação.*

Cortinha do Vale [2]

- *Cortinha (ver, Cortinha);*
- *Vale: planície entre duas montanhas ou colinas.*

Cortinha dos Choupos [20]

- *Cortinha* (ver, *Cortinha*);
- *Choupos*; álamo; choupa; choupeiro; choupelo; cogumelos; olmo.

Cortinha dos Fins [6]

- *Cortinha* (ver, *Cortinha*);
- *Fins*; pl. de fim; acabamento; cabo; sentido; cauda, cimo; confim; encerro; escopo; extremidade; final; meta; mira; remate; termino; termo.

Cortinha Grande [28;36]

- *Cortinha* (ver, *Cortinha*);
- *Grande*; que é de tamanho maior do que o comum; vasto; crescido.

Cortinha Nova [1;17;20;25;28]

- *Cortinha* (ver, *Cortinha*);
- *Nova*; alvitre, anúncio; aviso; notícia; novidade.

Cortinha Pereira [36]

- *Cortinha* (ver, *Cortinha*);
- *Pereira*; nome de pessoa; árvore de fruto.

Cortinhas [2;9;11;17;28;29]

- *Cortinhas*; pl. de cortinha (ver, *Cortinha*).

Cortinhos [11]

- *De cortinhas* (ver, *Cortinha*).

Corujas [11] (cmp64)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*
- *Bebe*; azeita; bruaca; caburé; canhão; cruja; cuca; estrige; jabiraca; medusa; muxi-ba; seresma; serpente; toupeirão; tuídara; urucaca; xaveco.

Corvaceira [2;3;11]

- (ver, *Corviceira*).

Corviceira [19]

- *Relativo aos corvídeos, família de grandes aves passeriformes, que inclui as gralhas, os corvos, de asas largas, cauda longa, e bico grande e forte.*

Costa [13;19;22;24;32;33] (cmp77)

- *Costa*; acha; beira; costela; beira-mar; declive; descida; encosta; ladeira; lado; litoral; margem; subida; arrimo; ausência; espaldar; reverso; verso.

Costa da Figueirinha [21]

- *Costa* (ver, *Costa*);
- *Figueirinha*; figueirilha; trovisco; planta subarborescente venenosa de folha coriácea e lanceolada, pertencente à família das dafnéceas.

Costa de Espadanedo [22]

- *Costa* (ver, *Costa*);
- *Espadanedo*; freguesia pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.

Costa Queimada [5]

- *Costa (ver, Costa);*
- *Queimada; incêndio; queima.*

Costinha [16]

- *Diminutivo de Costa (ver, Costa).*

Costinheiro [10]

- *De costa (ver, Costa).*

Côto [38]

- *Pedaco ou resto de uma vela de cera; parte que resta de um membro que foi parcialmente amputado.*

Cotovia [36]

- *Ave passeriforme da família dos Alandídeos, de tons cinzentos ou castanhos, comum em Portugal.*

Coução – no termo de Sobreira – MAH 200

Couço [5;24] (cmp50/92) – MAH 201

- *Relativo a couçar; aconchegar; chegar a si; aproximar; abrigar; compor; acomodar-se; agasalhar-se, coço; aplanar; arranhar; bater; esfregar; espancar; fustigar; safar; raspar. De coucilhão, peça de madeira em que embebem as estroitoiras do carro.*

Courelas [21]

- *Courelas pl de courela; parcela de terra cultivada, comprida e estreita; montado de sobreiros; belga; casal; girão; jeira; lata; leira; linhares; olga; quadrela; quebrada; torrão.*

Cousos [16]

- *(ver, Couço).*

Cousso [5;19]

- *M.q. couço (ver, Couço).*

Coutada [28] (cmp49)

- *Terra defesa; mata onde se cria caça; cerrado; couto; devesa; mata; montaria; tapada; vedada.*

Coutelhos [38]

- *Pl. de coutelho; cercado; cerrado; chouso; coutilho; eido; pomar; quinchoso.*

Couto [1]

- *Abrigado; abrigo; acolheita; alfama; antro; asilo; coutada; còvado; guarida; homizio; ninho; paranho; recolhimento; refúgio; valhacouto.*

Cova [3;4;21] (cmp92)

- *Abertura; alvéolo; antro; biboca; buraco; cabouco; cafua; cava; caverna; cavidade; covil; depressão; escavação; fosga; fosso; fossa.*

Cova do Vicente [22] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.642) como de interesse arqueológico.*

Cova d'Ouro [12;25]

- *Cova (ver, Cova);*
- *Ouro; metal amarelo-brilhante maleável e dúctil inoxidável e inatacável pelos ácidos.*

Covada [8]

- *Regueiro; valeiro.*

Covas [21;22;38]

- *Pl. de cova (ver, Cova).*

Cóvelha [18]

- *Cóvelha, relativo a cova (ver, cova)*

Covelos [18] *

- *M.q. cubelo; m.q. cubo; é uma obra militar, espécie de torre, deu-se este nome pela semelhança dos cubos de pedra que ainda se usam nos moinhos de pão; doc. de Moncorvo de 1376 (eluc.)*

Covinha [33]

- *Diminutivo de cova (ver, Cova).*

Covos [22]

- *Pl. de covo (ver, Vale de Covo).*

Cramanchão [10] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do Ipa, como de interesse arqueológico. Localizando-se no sítio de Vale Mourão, conforme encontrado, na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia dos Cortiços. (ver, Vale Mourão)*
- *Este arqueosítio foi intervencionado em Julho de 2003, no âmbito do projecto de investigação arqueológico "Terras Quentes", tendo sido abertos três sectores, com os seguintes resultados preliminares: No sector "A" detectou-se em ambiente romano o que se supõe ter sido uma lareira junto à qual se encontrava um pavimento de pedra fincada colocada de forma criteriosa, neste sector ultrapassado o ambiente romano recolheu-se materiais de um assentamento pré-romano. No sector "B" foi detectada uma soleira de porta e vestígios de um muro de empena, delineando uma provável habitação, com grande área de derrube e grande quantidade de fragmentos cerâmicos de época romana. O sector "C" foi onde maior quantidade de materiais foi exumada, salientando-se a recolha de um pote "inteiro" que se supõe ter servido para um ritual de fundação da habitação detectada, com características semelhantes à detectada no sector "B".*

Crasto [26] **

- *Topónimo referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas fichas de registo predial rústico da freguesia de Salselas*

Craveira [38]

- *Compasso de correição; bitola; buraco de a ferradura para o casco ter nível; ser superior; estalão; marca; medida; tabela.*

Creche de St António [9]

- *Creche; estabelecimento destinado a receber crianças.*
- *St António; indivíduo que morreu em estado de santidade e que foi canonizado.*

Crela [34]

- *Querela.*

Cristelos [18] *

- *De castro (ver, Castro).*

Crôa [29]

- *M.q. coroa; alto; assomado; aureola; cabeça; calva; capela; cimo; cume; cúpula; domínio; soberano.*

Crueiro [29]

- *Sem proposta.*

Cruz [13 ;15]

- *Cruz (ver, Cortinha da Cruz).*

Cruz Benta [26]

- *Cruz (ver, Cortinha da Cruz);*
- *Benta: f. de bento; abençoado; bendito; benedito; benzedeiro; benzido; curandeiro; sagrado.*

Cruz de Macedo [3]

- *Cruz (ver, Cruz);*
- *Macedo; referente á cidade de Macedo de Cavaleiros; sede de Concelho.*

Cruzeiro das Portas [12]

- *Cruzeiro; cotiara; crucifixo; cruz; rota; transepto;*
- *Portas (ver, Cortinha da Porta).*

Cruzes de Castro [4] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.570), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca ás folhas de registo de cadastral rústico da freguesia de Bagueixe.*

Cruzinha [8;10;12;18;21;24;26] (cmp64/92)

- *Diminutivo de cruz; (ver, Cruz).*

Cuba [19]

- *Balsa; balseiro; barrica; bota; dorna; feiticeiro; figurão; influente; mancueba; matreiro; tina; tonel.*

Cubo [30] (cmp64)

- *Alcatruz; sólido limitado por seis faces quadradas e iguais entre si; produto de um número pelo seu quadrado; calha que leva a água ao rodízio do moinho; unidade de medida para sólidos equivalente a um alqueire e meio; medida de madeira com um metro cúbico de capacidade.*

Cuca [7]

- *Ameaça; cabeça; cambeira; coca; coque; coruja; duende; feiticeira; juízo; enxó; susto; fora.*

Cuco [21] – Vale da Porca – MAH, p.202.

- *Campainha-amarela; coitadinho; coque; cornudo; cozinheiro; mocho; polícia; ave trepadora da família dos Cuculídeos; relógio de parede que quando dá horas, imita o canto do cuco.*

Cumieira [36] (cmp63)

- *M.q. cumeeira; parte mais elevada da montanha ou do telhado de uma casa; cume; espigão.*

Cumieiro [29]

- *Relativo a cumeeira (ver, Cumeeira).*

Cunca [34]

- *Vaso de madeira para guardar alimentos; gamela; tigela; malga; conca; colher de pau; (reg.) rótula; queijo pequeno; jogo do fito.*

Cunhedo [30]

- *Relativo a cunheira; fenda aberta numa pedra para meter a cunha que a há-de rachar.*

Cuqueira [33]

- *M.q. cunheiro ou conqueiro; planta herbácea, de sabor ácido, da família das poligonáceas, espontânea e cultivada em Portugal; azeda. gir.*

Currais [6]

- *(ver, Corraliça).*

Curral (cmp92)

- *Curral (ver, Corraliça).*

Corraliça [21]

- *(ver, Corraliça).*

Curreliça – Termo de Sobreda – MAH, p.202.**Curral Mouro [25]**

- *Curral (ver, Corraliça);*
- *Mouro (ver, Mourisqueira).*

Curvaceira [5;20]

- *(ver, Curviceira).*

LETRA “D”**Debulheiro (cmp77)**

- *Debulheiro; de debulhar; separar o casulo ou invólucro os grãos dos cereais; descascar; debangar; esbagoar.*

Delgada [16]

- *F. de delgado; que tem pouca espessura; fino; pouco encorpado.*

Dente Abrum [22]

- *Dente: cada um dos órgãos rígidos que guarnecem a cavidade bucal de muitos seres vivos e que servem para a apreensão ou mastigação; cepo; crivante; defesa; osteíde; presa; ponta; tacha; vessadoiro;*
- *Abrum: el. comp. Antepositivo do lat. Bruma.ae, propriamente “o dia mais curto do ano”; solstício de inverno; antigo usual panromânico.*

Detrás da Portela [24]

- *Detrás (ver, Detraz das Vinhas);*
- *Portela (ver, Portela).*

Detraz das Vinhas [1]

- *Detraz, m.q. detrás; acima; antecedentemente; anteriormente; antes; após; aquém; detrás; posterior; sobre; somenos;*
- *Vinhas pl. de vinha; lucro; mina; videira; videiral; vinhal; vinhedo; vinhádego.*

Derreigada [3;14]

- *Acto ou efeito de derreigar; derraigar; surribar.*

Derreigadas [24] (cmp92)

- *Pl. de derreigada (ver, Derreigada).*

Derriados [35]

- *Corrup. e pl. de derreado; m.q. derreado; que não pode endireitar as costas por efeito de fadiga; pancada ou peso demasiado; curvado; alquebrado; ajoujado.*

Derroída [3]

- *(ver, Derruída).*

Derruída [5]

- *Demolida; derrubada.*

Desterro [9]

- *Barrimento; degredo; deportação; descampado; ermo; exílio; ostracismo; proscição; relegação; solidão.*

Devesa [13;29;35] (cmp78)

- *Alminha; cercado; contada; couto; souto; tapada.*

Devesas [35]

- *Pl. de devesa (ver, Devesa).*

Devesa Velha [22] (cmp50)

- *Devesa (ver, Devesa);*
- *Velha: f. de velho (ver, Vaminho Velho).*

Devesinha [32] (cmp92)

- *Diminutivo f. de devesa (ver, Devesa).*

Diabo (Paço do) – Termo de Sobreda – MAH, p.202.

Dobrada [23]

- *Vísceras de rês; ondulação num terreno.*

Dobraínho [33]

- *Este topónimo é conhecido localmente por zobraínho; sobrainho; diminutivo de sobreiro; (ver, Sobreiro).*

LETRA “E”**Edroso [12] (cmp64)**

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Sem proposta de sinonímia.*

Eira da Serra [28]

- *Eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Serra (ver, Eiras das Serras).*

Eira do Concelho [3]

- *Eira; calcadouro; eirado; malhadouro; terreiro; terreno; terreno liso e duro ou lajeado onde se desgranam e secam cereais e os legumes;*
- *Concelho; subdivisão do território sob a presidência de um presidente da Câmara; município.*

Eira do Lombo [15] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495), como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Grijó de Vale Benfeito.*

Eira Velha [34]

- *Eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Velha: f. de velho (ver, Caminho Velho).*

Eiras [1;2;4;16;26;28;33;34;38]

- *Pl. de eira (ver, Eiras do Concelho).*

Eira das Lages [16;19]

- *Eira;(ver, Eiras do Concelho);*
- *Lages; pl. de laje; campá; laja; lajem; lapa; lastra; lousa; pedra lisa geralmente quadrada ou rectangular utilizada para cobrir pavimentos.*

Eira das Serras [18]

- *Eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Serras; pl. de serra; alpe; bonito; cordilheira; meda; montanha; montão; monte; penhasco; pilha; rima; serrania; serreta.*

Eiras da Canelha [8]

- *Eiras; pl. de eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Canelha; azinhaga; caleja; quelha; quelho; talinheira.*

Eiras do Canto [19]

- *Eiras; pl. de eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Canto; angulo; aresta; esquina; extremidade; ponta; quina; recanto; seixo; toada.*

Eiras do Quadraçal [10]

- *Eiras; pl. de eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Quadraçal; granito ainda na pedreira; zona granítica.*

Eiras dos do Canto [19]

- *Eiras: pl. de eira (ver, Eira do Concelho);*
- *Canto (ver, Eiras do Canto).*

Eires (Eireles) – Murçós – MAH, p.204.

Eirinha [6;30] (cmp93)

- *Diminutivo de eira (ver, Eira do Concelho).*

Eirinhas [20;27]

- *Diminutivo de eiras (ver, Eira do Concelho).*

Eirinho [16]

- *Diminutivo de eiras (ver, Eira do Concelho).*

Eiró [26] – Vale de Prados – MAH, p.204.

- *Eira de piso térreo (reg.).*

Eixão – Termo de Vilarinho do Monte – MAH, p.204.

Emalveira [24]

- *Sem proposta.*

Embrunheira – Termo de Talhinhos (freguesia) – MAH – p.204.

Encruzinhadas [8]

- *Pl. de encruzilhada, m.q. encruzilhadas; cruzamento; dédalo; encruzado; entroncamento.*

Engaranhados [14]

- *Embaraçar; enlear; enregelar; inteiriçal.*

Enteada [30]

- *F. de enteado; desprotegido; não-filho; indivíduo em relação ao seu padrasto ou madrasta.*

Entre as Águas [15]

- *Entre; acerca; antre; através; cerca; com; dentro; durante; em; sobre;*
- *Águas; líquido incolor e transparente insípido e inodoro composto de hidrogénio e oxigénio.*

Entre as Hortas [20]

- *Entre (ver, Entre as Águas);*
- *Hortas; pl. de horta; chácara; fazenda; hortaliça; horto; pomar.*

Entre as Vinhas [28]

- *Entre (ver, Entre as Águas);*
- *Vinhas; pl. de vinha; (ver, Vinha).*

Entre Cortinhas [25]

- *Entre (ver, Entre as Águas);*
- *Cortinhas; pl. de cortinha (ver, Cortinha).*

Entre os Ribeiros [6]

- *Entre* (ver, *Entre as Águas*);
- *Ribeiros* (ver, *Cabeço da Ribeira*).

Entroncamento (cmp92)

- *Entroncamento*: lugar onde se reúnem dois ou mais caminhos; acto ou efeito de entroncar ou de entroncar-se; ligação de uma coisa a outra já existente; ramificação.

Enxidro – *Termo de Ferreira* – MAH, p.204.

Erege [3]

- *M.q. herege*; pessoa que nega ou põe em dúvida verdades da fé; ateu; blasfemo; descrente; gentio; heterodoxo; idolatra; ímpio; judeu; pagão.

Ereis [22]

- (ver; *Ribeira de Ereis*).

Ervedal [19] (cmp92)

- *Ervascal*; *chavascal*.

Ervideira [26] (cmp64) – *Valdrez* – MAH, p.204.

- (ver, *Ervideiro*).

Ervideiras (cmp79)

- *Ervideiras*; pl. de *ervideira* (ver, *Ervideira*).

Ervideiro [3]

- *M. q. Ervedeiro*; *erveido*; *êrvedo*; *êrvodo*; *medronheiro*, planta lenhosa da família das *ervicáceas*, cujo fruto é p *medronho*.

Ervideiros [16]

- Pl. de *ervideiro* (ver, *Ervideiro*).

Escadabada [16;35]

- (ver, *Escarabada*)

Escalão [31]

- *Categoria*; *degrau*; *divisão*; *escalda-fava*; *grau*; *grupo*; *plano*; *socalco*.

Escaleira (cmp78)

- *Escaleira*: série de *degraus*; *escada*.

Escaleirinhas [18]

- *Diminutivo de escaleira*; série de *degraus*; *escada*; *escaleira*.

Escambrulheira [22]

- *Gíria*; m.q. *espinheiro*; nome vulgar aplicado a muitas plantas, mais ou menos espinhosas, algumas espontâneas e cultivadas em Portugal; *espinheiro-alvar*; *espinheiro-da-argélia*

Escarabada [21;22]

- *Gíria*; *escarabanada*; *caída de granizo*; *mau tempo*.

Escaramunheiro [22]

- *M.q. escambrulheira (ver, Escambrulheira).*

Escaravada [13;22;29] MAH 205

- *(ver, Escarabada).*

Escarmenta [19]

- *Castigo; correcção; escarmento; vergonha.*

Escarleto (cmp78) – MAH205

- *Escarleto: de escarlato: cor vermelha muito viva; do Grego Bizantino “sigillâto” do Latim “sigillatumn”; tecido de cor vermelha; Terra rica em cochonilha (corante escarlato).*

Escaveda – No termo de Vilar do Monte – MAH, p.205.

Escola [33]

- *Aprendizagem; aula; classe; colégio; doutrina; ensino; estilo; exemplo; malícia; manhã; método; seita; sistema; tirocínio; universidade; velhacaria.*

Escorna Bois [19]

- *Escorna m.q. escornear; acometer; marrar; cornear; vituperar.*
- *Bois; nome de várias raças domésticas de um ruminante da família dos bóvidos ainda muito utilizado em trabalhos agrícolas; touro; cornante; bovino; comilão; marafona; mênstruo; meretriz; michela; prostituta; zebro.*

Escorregadia [7;33]

- *Relativo a escorregadio; deslizante; escorregável; lábil; liso; lubrico; oleoso; perigoso; resvaladiço.*

Escorregadouro

- *(ver, Escorregadia).*

Escramento (cmp92)

- *Escramento; corrup de excremento; matéria sólida (fezes) ou fluída (urina, suor, muco nasal) excretada pelo organismo humano; excreção; pessoa ou coisa vil, desprezível; estrume; esterco; acremento; badalhoca; barro; belouro; bonito; borradela; caca; cagadela; cagalhão; caganita; cocó; coprólito; trampa; marinheiro; merda.*

Escrita [22;] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.641) como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Murçós.*

Escusa (cmp78)

- *Escusa: acto ou efeito de escusar-se; desculpa; evasiva; justificação.*

Escusa (Vale de) – Vale de Prados – MAH 205

Esgaravatada [6]

- *M.q. esgaravatar; buscar; escarafunchar; esmiuçar; esquadrinhar; examinar; indagar; mexer; palitar; pesquisar; remexer; revolver.*

Esgavatadão [38] (cmp64)

- *Aumentativo de esgaravatada (ver, Esgaravatada).*

Esnalveira [24]

- *Sem proposta.*

Espadanal [12] – Nos termos de Podence, Macedo de Cavaleiros (freguesia) – PAH 205

- *Relativo a espadana; veio de água; esguicho; porro; repuxo que faz lembrar uma lâmina de uma espada; plantas herbáceas palustres de folhas lineares; acto de espadanada; espadela; gladiolo; jorro; barbatana.*

Espadanas [20] – Nos termos de Podence, Macedo de Cavaleiros (freguesia) – PAH 205

- *(ver, Espadanal).*

Espadanedo [13] (cmp50)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de macedo de Cavaleiros;*
- *Campo de espadanas, nome vulgar de uma planta herbácea da família das Iridáceas (espontânea em quase todo o país) – na obra do abade Baçal (vol. IX, p.191), o autor refere-se, que a origem do topónimo Espadanedo está ligada á lenda do mouro; como “espada nele” (espada nele, mata-o; passa-o á espada).*

Espadarras [21]

- *M.q. Espadarras; espadagão; espadão.*

Espade (Vale de) – no termo de Soutelo Mourisco – MAH, p.205.**Espanada [30]**

- *F. de espanado; andar sem fazer nada; andar de mãos a abanar.*

Espereirinhos (Vale dos) – Termo de Vale da Porca – MAH, p.205.**Espetaria [18]**

- *Acto ou efeito de espetar; atravessar; cravar; crivar; enfiar; enganar; furar; pespegar; picar; pregar; varar; eriçar-se; estender-se*

Espido [4] (cmp79)

- *Gíria; diz-se do pão fofo e leve depois de cozido.*

Espigarrão (cmp78)

- *Espigarrão; aumentativo de espiga; haste terminal do milho, trigo e outras gramíneas que encerra o grão; algo enfadonho; contratempo; maçada.*

Espinheira [26]

- *Balsa; cambroeira; espinheira; sarça; nome vulgar de muitas plantas de várias famílias em especial acácias.*

Espinheirão [29]

- *Aumentativo de espinheira (ver, Espinheira).*

Espírito Santo [30] (cmp78/79)

- *Espírito Santo; Na doutrina Cristã a terceira pessoa da Santíssima Trindade.*

Espondia [21]

- *Sem proposta.*

Espondra [21] (cmp79) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Espondra.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Calcolítico/Idade do Bronze/Idade do Ferro.*
 - *CNS. 17259.*
 - *Localização: Morais.*
 - *Descrição: O monte de Espondra constitui-se por uma elevação bastante alongada que se desenvolve no planalto de Morais. As suas características geo-morfológicas não reúnem grandes condições de defesa natural, embora a sua implantação permita o controlo geo-estratégico sobre uma vasta área envolvente. O monte é de fácil acesso praticamente por todos os sectores, com excepção dos sectores Sul e particularmente do sector Este que constitui a vertente que descai no sentido da ribeira de Vale de Moinhos. O local foi sujeito a uma intensa destruição devido a um projecto florestal aqui concretizado. Talvez por tal motivo não se consiga observar vestígios articulados com a existência de estruturas defensivas, nem qualquer talude, derrube ou amontoado de pedra que permita deduzir a sua existência. Tal facto constitui um elemento a ter em conta, já que por um lado o sítio não possui qualquer indício estrutural de um sistema defensivo, e por outro, a sua implantação confere-lhe grande vulnerabilidade em termos de defesa natural. Os vestígios materiais reduzem-se a fragmentos cerâmicos cujas pastas se inserem em períodos cronológicos articulados com o calcolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro. Estes materiais, únicos vestígios arqueológicos observados no local, encontram-se dispersos em grande quantidade por uma área superior a 1 ha*

Esporão [21]

- *Contraforte; cravagem; dique; espigão.*

Estação [10;20;33]

- *Época; oportunidade; parador; paragem; pausa; período; posto; quadra; quartel; razão; tempo; temporada; trâmite; paragem ou local de paragem de qualquer viatura.*

Estalagem (cmp63)

- *Estalagem: hotel modesto, ou de tipo mais antigo, que dá hospedagem e serve comida; albergue; hospedaria; conjunto de casas humildes; cortiço; atoleiro; habitação para hóspedes.*

Estante [31]

- *Móveis com prateleiras para livros, papeis, etc.; residente estável; fixo; atril; habitante; morador; suporte.*

Estantes (cmp79)

- *Estante: Móvel com prateleiras intervaladas, destinado a guardar livros ou papéis; que está ou esteve, que vive ou vivia; estar em posição recta ou vertical.*

Estercada [30]

- *Relativo a esterqueira; alfurja; chiqueiro; esterco; esterquice; estrumeira; imundice; monturo; muladar; porcária; sujidade; lixo; lixeira.*

Estorninho [5]

- *Pássaro da família dos esturnídeos de plumagem negra lustrosa e com reflexos esverdeados, também conhecido por tornilho; tordo-preto.*

Estrada [17;38] ***

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.15-16) e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico; caminho; carreira; costuma; direcção; linha; maneira; meio; modo; norma; rasto; rota; rotina; rumo; vereda; via.*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Estrada.*
 - *Tipo de sítio: Achado isolado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS: 6239*
 - *Localização: Vinhas.*
 - *Descrição: O local que tem o topónimo Estrada é uma zona aplanada no vale do pequeno ribeiro de Penedos (localmente conhecido como ribeiros dos Cio-cos, na margem esquerda. Aqui apareceu uma fíbula de ouro em 1930, quando se arrancava um castanheiro. Não são conhecidas com rigor as circunstâncias exactas do achado, nomeadamente se havia outros elementos a acompanhar este aparecimento. A visita ao local revelou-se inconclusiva, não sendo possível saber se foi um mero achado fortuito ou se tinha contexto arqueológico. Este tipo de fíbula tem uma cronologia atribuída à idade do Ferro ou aos princípios da romanização, sendo muito raras as de ouro.*

Estragariças ou Estfregariças – Termo de Bornes – MAH, Tomo X, p.206.

Estrangeira [10] *

- *F. de estrangeiro; ádvena; alheio; estranho; estranja; externo; forasteiro; gringo; palmeirim; palmeiro; peregrino; alheio; alienígena; exótico.*

Estrecadas [5]

- *Pl. de estrecada, m.q. estercada (ver, Estercada).*

Estregarriças [5]

- *Relativo a Estregar; almofaçar; coçar; esfregar; friccionar.*

Estreitinho [32]

- *Diminutivo de estreito; acanhado; ajustado; augusto; apanhado; apertado; avaro; curto; delgado; encolhido; escasso; restringido; aperto; desfiladeiro; garganta.*

LETRA “F”

Fabião (cmp64)

- *Fabião: Fabi, antepositivo do latim faba, ae “fava”; relativo às favas.*

Faceira [21]

- *F. de faceiro; alegre; aparvalhado; borrachão; bonacheirão; casquilho; contente; simplório; vaidoso; vistoso; elegante, enfeitçada; faceto; garboso; pacóvio; pata-rata.*

Faceirinha – Termo de Sobreira – MAH, Tomo X, p.206.

Fachal [4;38] (cmp64) **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.353, 354 e 570) com interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas buscas efectuadas às folhas de registo de cadastro rústico das freguesias de Bagueixe de Vinhas; (ver, Facho).*

Fachinha [21] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.355) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais.*

Facho [10;11;16;18] (cmp64) ** – (termos de Corujas, Lamas de Podence; Cortiços, Lagoa; Lamalonga – MAH, Tomo IX, p.335/353 e 566.

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.154 e 570) com interesse arqueológico, não encontrados nas folhas de registo de cadastro rústico das freguesias de, Corujas, (vol., pp.354,355 e 570) e Lamas de Podence, (vol. XIV da grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, p, 598) mas não referenciados nas freguesias de Cortiços e Lagoa constando nas folhas de registo de cadastro destas freguesias; archote; lanterna; o que ilumina ou esclarece; cruzeiro; facha; fanal; farol; guia; luzeiro; tocha; dinheiro; brandão; candeeiro; cara; escopo.*

Facho de Lamalonga [17] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Facho de Lamalonga.*
 - *Tipo de sítio: Atalaia.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17267.*
 - *Localização: Lamalonga.*
 - *Descrição: Num relevo de alta altitude com um domínio visual sobre um amplo troço da paisagem transmontana, no monte designado com o topónimo de Facho, poderá ter existido um ponto de vigia medieval, conforme tem vindo a ser referido bibliograficamente. Uma prospecção de superfície efectuada no local não detectou vestígios arqueológicos de nenhuma natureza.*

Fanado [34] – MAH, Tomo X, p.206.

- *Apertado; muito justo; curto; escasso; murcho; seco; teso; sem dinheiro; roubado.*

Fanhogal [26]

- *De Fanho; fanhoso; gangoso; morfanho; nasal; nasalado; roufenho.*

Fareleira [21]

- *Sem proposta.*

Ferrada (fonte) – Termos de Vale de Prados e Vilarinho de Agrochão – MAH, Tomo X, p.207.

Ferradosa (Vale) – Termo Vale de Porca e Talhinha – MAH, Tomo X, p.207.

Ferrazes – Termo de Sobreda – MAH, Tomo X, p.207.

Ferrecinta – Termo de Lagos – MAH, Tomo X, p.207.

Ferro – *Termo de Vale da Porca* – MAH, Tomo X, p.208.

Favais [28]

- *Pl. de faval; campo de favas; planta da família das leguminosas, subespontânea e cultivada em Portugal pelo valor nutritivo das suas sementes.*

Favião [14]

- *Relativo a favaceiro, palavra que ainda se usa em terras de Miranda e Bragança, assim chamavam aos que se obrigam a conduzir ali o peixe desde os portos do mar (eluc) doc. de 1304.*

Feiteira [7;15;16;17]

- *F. de feitoiro; embaiador; embusteiro; impostor; feto pequeno do mato.*

Feiticeira (terra da) – *Termo de Gradíssimo* – MAH, Tomo X, p.207.

Fenanco [1]

- *Relativo a fenação; colheita de feno; processo usado para conservar forragens.*

Fencha [21]

- *Sem proposta.*

Fercinto [16]

- *Sem proposta.*

Fermentos [38]

- *Pl. de fermento; substância orgânica capaz de produzir transformações químicas noutra substância, levedura; germe.*

Ferradal [22;25;31;34] (cmp79) **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495) com interesse arqueológico.*

Ferradosa [10]

- *Relativo a ferrada; reg. Vasilha onde se recolhe o leite ordenhado.*

Ferrazes [21;26]

- *Relativo a ferrazas; ferraduras; canelo; cornozeiro; ferro; protector.*

Ferredais [2]

- *Relativo a ferrejo; ferrã, cevada ou centeio cortados enquanto verdes para o gado; planta ou erva utilizada como forragem; ferrego; ferranho.*

Ferreira [14] (cmp63)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; ferreiro; aivão, alcorraz; araponga; cachorro; capim; corva; ferrageiro; ferreirinho; forjador.*

Ferreira [26]

- *(ver, Ferreiro).*

Ferreiro [2;4]

- *Aivão; ferreira; alcorraz; forjador; artesão que trabalha o ferro.*

Ferro [26]

- *Alfange; amuo; arrelia; aversão; ferradura; ferramenta; ferrão; ferrete; inveja; machada; zanga; metal dúctil e maleável, número atómico 26, símbolo Fe.*

Ferrolhão [16]

- *Aum. de ferrolho; aldraba; embude; fecho; nariz; tranqueta.*

Fetais e/ou Fetaes [17]

- *(ver, Fetal).*

Fetal [2;13;29;30] (cmp64/79)

- *Feital; feteira; figueital; figueiteira; terreno onde crescem fetos.*

Fétal [11;33]

- *(ver, Fetal).*

Fetal de Baixo [25]

- *Fetal (ver, Fetal);*
- *Baixo (ver, Carva de Vaixo).*

Fetal de Cima [25]

- *Fetal (ver, Fetal);*
- *Cima (ver, carva de Cima).*

Feteira [23] (cmp78)

- *Lugar onde há fetos; conjunto de fetos de várias espécies; fetal.*

Féteira [22]

- *M.q. feteira (ver, Feteira).*

Fetosa [24] (cmp92)

- *Relativo a feto (ver, Feteira).*

Fichó – Termo de Bornes – MAH, Tomo X, p.208,

Figueiredo [21]

- *Figueiral; pomar de figueiras.*

Figueirinha [21] (cmp78)

- *(ver, Costa da Figueirinha).*

Figueirinhas [32]

- *Pl. de figueirinha (ver, Costa da Figueirinha).*

Figueiro [10]

- *Masc. de figueira; Tumor maligno que nasce no ventre das bestas. gir. Nome vulgar de algumas árvores produtoras de figos comestíveis ou não em especial uma pertencente á família das moráceas.*

Figueirola [38]

- *Figueira pequena (ver, Figueiro).*

Filhada [19]

- *Acto de filhar; acto de apreender; filha; filhamento; tomada; tomadia.*

Filhosa [1]

- *Relativo a filha, capaz e digno de ser tomado e recebido, conquistado. É do século XIII, XIV e XV, também se escreveu ffilhar em 1318.*

Fitearosa [13]

- *Relativo a fiteira; arbusto cujas folhas longas e estreitas servem para amarrar; tá-bua assente de topo sobre outras para a ela se encostar o linho a ser espadelado.*

Fofo [29]

- *Que cede á pressão; mole; macio; cheio; tufado; enfatuado; afectado.*

Fôjo [10] (cmp77)

- *M.q. fojo; antro; atoleiro; barranco; caverna; lameiro; mundeú.*

Folhagaz (cmp78)

- *Sem proposta.*

Folga – (Fragas da) – Termo de Vale de Prados – MAH, Tomo X, p.209.**Folgar da Dona [13]**

- *Folgar: divertimento; folga; folguedo; recreação; brincar; afrouxar; dar folga a; dar descanso a.*

Folgaroso [29]

- *Relativo a folgado; descansado; ocioso; desafogado; despreocupado; sem cuidado; largo; amplo; vasto.*

Folhareense [21]

- *Relativo a folhal; variedade de videira produtora de uva preta, cultivada especialmente no norte do País*

Folhinha [20;38]

- *Diminutivo de folha; folha pequena; alqueive; bráctea; cadastro; chapa; factura; folio; gazeta; gíria; pétala; pinto; prancha; seara; comas; folhagem.*

Fontainha [35]

- *Sing. de fontainhas (ver, Fontainhas).*

Fontainhas [1;3;12;14;18; 19; 26;36] (cmp78/50)

- *Pl. de fontainha: fontaneca; fontanela; fontezinha; fontícula; fontículo.*

Fontainho (CMP64)

- *Fontainho (ver, Fontainhas).*

Fontaliosa de Baixo [25]

- *Fontaliosa, relativo a fontanário; chafariz; fontal; fonte; fontanário; fontano; fontinal; gerador; originário; produtor;*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Fontaliosa de Cima [25]

- *Fontaliosa (ver, Fontaliosa de Baixo);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Fonte [3;12;27;29;33]

- *Bica; causa; chafariz; fontanela; germe; mandeiro; matriz; mina; nascente; origem; princípio; raiz; sedento; tẽmpora; teta.*

Fonte Alva [1;28]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Alva; alvor; alvorada; amanhecer; antemanhã; aurora; começo; manhã; claridade indecisa que precede a aurora.*

Fonte Amieiro [18]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Amieiro: almo; amieira; vime; árvore da família das betulceas.*

Fonte Antiga [34]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Antiga; que existe há muito tempo; que vem de longa data; que existiu outrora; que se conserva desde muito tempo.*

Fonte Calves [8;33]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Calves; alopecia; calvície.*

Fonte Caravelas (cmp92)

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Caravelas: Embarcação de vela latina; antiga moeda de prata; gorjeta; chocalho.*

Fonte Ferrada [36]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Ferrada, (reg.) vasilha onde se recolhe o leite ordenhado; ferradela; ferrado; tarro.*

Fonte Neves (cmp93)

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Neves: Pl. de neve; água congelada em pequeníssimos cristais hexagonais, provenientes da sublimaqo do vapor de água ou da congelação lenta de gotas de água nas altas camadas da troposfera; frio intenso; brancura; insensível.*

Fonte da Alvisa [33]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Alvisa; alvissarado; alertado*

Fonte da Caravela [24]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Caravela; catavento; chocalho; cravela; gorjeta; gratificação; ventoinha.*

Fonte da Carreira [7]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Carreira: ala; alinhamento; caminho; carril; corredoura; curso; direcção; estrada; giro; percurso; profissão; rota; rumo; trilho.*

Fonte da elhe [14]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *elhe; celha; cilio; pestana; seda na margem de algumas filhas, ciliado.*

Fonte da Dona [5]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Dona* (ver, *Folgar da Dona*).

Fonte da Ledra [29]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Ledra*, povoação extinta, situada na parte NNO do concelho de Macedo de Cavaleiros, referida na divisão de Wamba como “Leta”, segundo interpretação do Abade Baçal (*Gr. Dicionário Port. e Brasileiro*).

Fonte da Pedra [2;34]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Pedra*: (ver, *Cortinha das Pedras*).

Fonte da Pia [1]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Pia*: *carlinga*; *lavabo*; *lavatório*; *reservatório*; *tanque*.

Fonte da Pipa [26]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Pipa* f. de *pipo*: *pipa*; *barril*; *barriga*; *cânula*; *chupeta*.

Fonte da Purga [21]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Purga*; *laxante*; *purgante*; *purgativo*.

Fonte da Sapa (cmp65)

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Sapa*; *Reg. tampa ou texto de vasilha*; *Pá para levantara a terra cavada*; *trabalho oculto*; *ardiloso*;

Fonte da Urze [37]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Urze*; nome vulgar de plantas pertencentes á família das *Ericáceas*, espontânea, ramosa, de folhas lineares e sem pilosidade.

Fonte da Videira [5]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Videira*: *cepa*; *parreira*; *uveira*; *vide*; *vinha*.

Fonte da Vila [16]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Vila*; *bairro*; *burgo*; *casal*; *granja*; *herdade*; *vilagem*.

Fonte das Festas [19]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Festas* pl. de *festa*: *alegria*; *barulho*; *carícia*; *diversão*; *espectáculo*; *festejo*; *festim*; *folia*; *função*; *galhofa*; *júbilo*; *trabalheiras*.

Fonte das Paredolas [23]

- *Fonte* (ver, *Fonte*);
- *Paredolas*, diminutivo de *paredes*, pl. de *parede*; *muro que serve para fechar um espaço ou dividi-lo*; *vedação de qualquer espaço*; *tapume*; *tabique*; *sebe*.

Fonte de Ameiro (cmp64)

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Ameiro (ver; Ameirêdo).*

Fonte de Baixo [13]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Fonte de Banreses [33]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Banreses; topónimo de antiga povoação extinta pertencente á freguesia de Vale da Porca.*

Fonte de Cima [13]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Fonte de Gemes [38]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Gemes, de gemer; dar gemidos; soltar lamentos, padecer suspirar; sussurrar; lastimar; prantear; agri; torcer ou vergar a vara da videira na amarração.*

Fonte de Mau Nome [1]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Mau; reles; parvo; ordinário; pérfido; repelente; vingativo; nefasto; nocivo.*
- *Nome: alcunha; apelido; reputação; fama; substantivo; designação; cognome.*

Fonte do Bicho [17]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Bicho; animal; fera; verme; animalejo; ignorante;*

Fonte do Cano [26]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Cano; algeroz; aqueduto; caleira; calha; canal; conduta; manilha; tubo; via.*

Fonte do Carvalho [4]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Carvalho; árvore da família das fogáceas.*

Fonte do Frade [29]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Frade; membro de uma ordem religiosa; marco de pedra; ave pernalta da família dos Caradrídeos; melro sedentário e comum em Portugal.*

Fonte do Lagarto [23]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Lagarto; réptil sáurio da família dos Lacertídeos, de dimensões maiores que a lagartixa; sardão.*

Fonte do Mé [29]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Mé; onomatopeia, referente ao balido da ovelha.*

Fonte do Milho [1]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Milho: dinheiro; milhão; milharal; planta da família das gramíneas.*

Fonte do Olmo [35]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Olmo, árvore da família das Ulmeáceas.*

Fonte do Prado [32] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Fonte do Prado.*
 - *Tipo de sítio: Arte rupestre.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17293.*
 - *Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: No largo da aldeia de Vale Benfeito existe uma fonte de mergulho, provavelmente medieval. A guarnecer o tecto da fonte existem dois blocos graníticos nos quais existem diversas covinhas e sulcos. A gravação é bastante imperfeita, mas intencional.*

Fonte do Pombo [18]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Pombo; ave da família dos columbídeos, adultério; mentira; peta.*

Fonte do Sapo [4]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Sapo; batráquio semelhante á rã; barrigudo; cadeado; mirone; observador; pénis.*

Fonte do Velho [10]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Velho (ver, Caminho Velho).*

Fonte dos Judeus [8] (cmp78)

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Judeus; pl de judeu: agiota; avarento; cigano; fariseu; hebraico; hebreu; israelita; nazareno; semita; indivíduo natural da judeia.*

Fonte dos Malhos [35]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Malhos, pl. de malho; espécie de martelo grande, sem unhas ou orelhas; instrumento de madeira, formado de tábuas com argolas móveis; matraca.*

Fonte Ferrada [6;18;21]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Ferrada: ferradela; ferrado; tarro.*

Fonte Fichó [5;32]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Fichó. Sem proposta.*

Fonte Fria [2;5;23]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Fria; f. de frio: arrefecido, congelado; calafrio, friagem; inverno; neve; inerte; rude; seco; insipio.*

Fonte Inez [1]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Inez. Nome de Pessoa.*

Fonte Limpa [17]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Limpa: alimpa; cachaça; clareira; limpeza; monda; roubo; saque; acto de limpar.*

Fonte Nova [4;27;31]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Nova: alvitre; anúncio; aviso; notícia; novidade.*

Fonte Salgada [17]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Salgada; f. de salgado: caro; cáustico; chistoso; gracioso; malicioso; puxante; salso; salgação; salgadura.*

Fonte Sequilha [20]

- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Sequilha; f. de sequilho: rosquilha; bolinho de massa seca de farinha.*

Fonte Velha [10] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.494), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia dos Cortiços.*

Fontelas [1;2;17;18;23;31;38]

- *Fontelas, pl. de fontela; feuda; fontículo; greta; fonte pequena.*

Fontelo [38]

- *Masc. de fontela; fonte pequena; nascente; fenda; greta; pequenos poros por onde passa a água de alguns recipientes de barro.*

Fontelheiro [9]

- *Acto ou acção de ir á fonte (ver, Fonte).*

Fontes [1;2;6;7;14;21;30]

- *Fontes; pl. de fonte (ver, Fonte).*

Fontesquilha – Freguesia de Macedo de Cavaleiros – MAH, Tomo X, p.210.

Fontinha da Pedra [31]

- *Diminutivo de fonte (ver, Fonte);*
- *Pedra (ver, Pedra).*

Fontilheiro [3;34]

- *(ver, Fontelheiro).*

Forca [34] *

- *Instrumento de suplicio onde se pendurava um condenado com uma corda para lhe provocar a morte por estrangulamento; armadilha; botequim; cilada; desfila-deiro; forquilha; garfo; laço; patíbulo; suspêndio; tasca.*

Formigos [13]

- *Formigos, pl de formigo: betonilha; formigão; formiguilho.*

Formosa [30] (cmp79)

- *Beleza; cozinheira; variedade de uva branca; mulher bonita; que tem formas agradáveis; perfeita.*

Fornadouro [21]

- *Relativo a fornaça, assim chamavam á casa da moeda, em razão da fornalha, em que ali o metal derretia – cortes do Porto, 1372. (eluc.)*

Forno dos Mouros [31;32] ***

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (Vol. X, pp.68 e 76) e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, desta base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Forno dos Mouros.*
 - *Tipo de sítio: Abrigo.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17283.*
 - *Localização: Talhinhos.*
 - *Descrição: Na vertente nascente do cabeço da Ruferta, num terreno de forte inclinação que desce no sentido da ribeira das Olgas, a meia encosta entre o topo do cabeço e a referida ribeira, existe um abrigo natural em xisto, designado localmente por forno dos Mouros. Prospectado o seu interior, não foram detectados vestígios arqueológicos. O abrigo situa-se a cerca de 750 metros do rio sabor, onde desagua a ribeira das Olgas. Apesar de não ter sido detectados indícios materiais, é muito possível que o abrigo tenha sido ocupado. Actualmente a gruta de Talhinhos ou forno dos Mouros é difícil de detectar, devido à espessa floresta de giestas e estevas que cobrem toda a área.*

Forno da Telha [3]

- *Forno (ver, Fornos);*
- *Telha; peça de barro cozido ou de vidro usado na cobertura dos edifícios; mania; esquisitice; mau-humor.*

Fornos [6;34;38] (cmp64) – *Termo Vale de Prados, Fornos da Cal – Termo de Vinhas – MAH, Tomo X, p.210.*

- *Fornos; pl. de forno: estufa; fornalha; furna.*

Fornos de Ledra (cmp49)

- *Fornos (ver, Fornos);*
- *Ledra (ver, Fonte da Ledra).*

Fôro/Foro [14] – *MAH, Tomo X, p.210.*

- *Pensão determinada ao senhorio directo pelo titular do domínio útil do prédio ou propriedade; aforamento; alçada; cacete; direito; estima; feudo; foro; foral; fórum; imunidade; indulto; juízo; lei; pensão; privilégio.*

Fortegosa [1]

- *Sem proposta.*

Fortinho [25]

- *Diminutivo de forte; que tem força; volumoso; sólido; consistente; construção que serve para defender uma zona estratégica; forte pequeno.*

Fouça [1]

- *De fouçe, m.q. fouçar: cortar com fouce, foice; foiçar.*

Foz [16] (cmp64)

- *Barra; desembocadura; desfiladeiro; embocadura; entrada; estuário; garganta; ria.*

Frade [21;34]

- *Anacoreta; avoceta; cenobita; chupeta; eremitão; fedelho; frei; freire; irmão; monge; polícia; raso; sovela.*

Frade (Vale de) – *Termos de Comunhas; Sobreda; Vale de Prados, pequena quinta onde vive uma família*) – MAH, Tomo X, p.211.

Fraga [1;3;5;17;28;29] (cmp49)

- *Alcantil; brenha; desbaria; flagrante; pedregulho; penha; penhasco; rocha; rochedo; rocha escarpada; calhau grande.*

Fraga Alta [14]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Alta (ver, Alto da Côroa).*

Fraga da Bailarina [3]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Bailarina; bailadeira; dançarina; saltatriz; vasilha de forma cónica para aquecer água.*

Fraga da Escaleira [23]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Escaleira; série de degraus; escada; escalera.*

Fraga da Ladeira [6]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Ladeira; baixada; costa; declive; descida; encosta; escarpa; inclinação; lomba; re-costo; ribanceira; talude; vertente.*

Fraga da Leonor [15] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado, na busca ás folhas de registo dos prédios rústicos da freguesia de Grijó.*

Fraga da Miomba [16]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Miomba. Sem proposta.*

Fraga da Miúva (cmp92)

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Miúva. Sem proposta.*

Fraga da Moura [7;17] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado nas fichas de registo de cadastro rústico das freguesias de Carrapatos e Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Fraga da Moura.*
 - *Tipo de sítio: Abrigo.*
 - *Período: Indeterminado/Pré-história Recente?*
 - *CNS: 6930.*
 - *Localização: Carrapatos.*
 - *Descrição: A Fraga da Moura ou Fraga dos Mouros situa-se no topo de uma colina, alargada e de pendentes suaves, onde há um grande maciço conjunto de afloramentos em xisto – quartzítico.*
 - *Nestes afloramentos existem diversos abrigos e palas, junto com algumas plataformas aplanadas, que reúnem boas condições para a ocupação humana, nomeadamente pré-histórica. Um dos abrigos destaca-se dos restantes, pela sua maior abertura e profundidade, sendo a este abrigo em particular que estão ligadas as tradições locais de aparecimento de possíveis materiais arqueológicos, havendo nomeadamente referência ao aparecimento de “potes e panelas”. Também se menciona a existência de uma gravura em forma de ferradura, que não foi localizada.*
 - *No local não foram encontrados vestígios arqueológicos, mas o denso matagal que cobre o sítio impediu uma boa prospecção. As características deste local, associadas às lendas locais sobre tesouros e outros achados aqui efectuados (o Abade de Baçal) menciona a lenda do aparecimento de uma “lança de ouro”), torna bastante possível que seja aqui o local do achado das duas alabardas de carrapatos.*
 - *Designação: Fraga da Moura.*
 - *Tipo de sítio: Lagar.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS 3494.*
 - *Localização: Lamalonga.*
 - *Ref^{as} bibliográficas: Fraga da Moura; em Vila Nova da Torre de D- Chama/O Arqueólogo Português/ 1905.*

Fraga da Pegada [27] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrada na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia de Santa Combinha. Da referida base de dados extraiu-se as seguintes informações:*
 - *Designação: Fraga da Pegada.*
 - *Tipo de sítio: Arte Rupestre.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 2023.*
 - *Localização: Santa Combinha.*
 - *Descrição: Rocha com arte rupestre, situada numa pequena eminência sobre a actual barragem do Azibo. Em diversos painéis, existe uma quantidade apreciável de motivos gravados, que são pegadas, essencialmente isoladas ou aos*

pares, covinhas, ferraduras e, diversas cruces, estas últimas concentradas quase todas num só painel e, deverão estar relacionadas com a separação do termo entre Santa Combinha e Quintela de Lampaças, que passava por esta rocha. Este sítio tem ainda duas características que o tornam interessante: uma é o facto de as gravuras se distribuírem por painéis com características físicas diferenciadas, havendo painéis gravados horizontais e verticais, o que é pouco comum em sítios de arte rupestre; outro aspecto é o facto de esta rocha marcar a separação entre afloramento de xisto e de granito, havendo gravuras em ambos os tipos de suporte.

Fraga das Conqueiras (cmp79)

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Conqueiras. Sem proposta.*

Fraga das Ferraduras [20] ***

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal (571-IX), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Macedo de Cavaleiros.*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - Designação: Fraga das Ferraduras.
 - Tipo de sítio: Arte Rupestre.
 - Período: Indeterminado.
 - CNS: 17268.
 - Localização: Macedo de Cavaleiros.
 - Descrição: Estas rochas com arte rupestre foram completamente destruídas, tendo apenas sido possível saber a sua localização original. Eram duas fragas em xisto, lado a lado, isoladas numa zona de vastos campos aplanados, tendo uma interessante localização numa pequena eminência de terreno, que domina visualmente o território em volta, sabendo-se a partir da descrição bibliográfica do abade de Baçal que tinham as faces gravadas viradas a nascente sensivelmente na direcção de uma pequena ribeira que lhe passa perto. O abade de Baçal publica um levantamento muito tosco e, Santos Júnior mostra fotografias, algo mais explícitas. Daqui se pode ver que o grosso das figuras eram ferraduras, com ou sem ponto central, havendo também diversos círculos, alguns cruciformes, e o que parece ser uma figura em “pente”. Há também referência à existência de covinhas. Pouco mais é possível dizer sobre este sítio.

Fraga das Mouras [7] *

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Mouras pl. de moura; argareno, árabe; colérico; idolatra; infiel; islamita; mafame-de; mauritano; da tribo dos mauro; pagão; sarraceno;*

Fraga do Berço [13] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (615 e 616-IX) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Espadanedo.*

Fraga do Berrão [29] *

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Berrão; barrão; chorão; varrão; porco não castrado para reprodução; varrasco.*

Fraga do Castelo [16;26] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA e na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp.152 e 495) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro das freguesias de Salselas e de Lagoa. Da referida base de dados extraiu-se as seguintes informações:*
 - *Designação: Fraga do Castelo:*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro/Idade Média.*
 - *CNS: 1999.*
 - *Localização: Salselas.*
 - *Descrição: Povoado fortificado de média dimensão, num relevo em esporão com uma altitude significativamente menor em relação à área envolvente, engravando-se assim na margem esquerda da bacia do rio Azibo. O local possui uma muito débil ou quase nula posição estratégica, sem qualquer visibilidade da área envolvente.*
 - *A sua implantação permite, contudo, um bom sistema de defesa natural, já que no seu sector Sul e Oeste, no sentido do rio Azibo, se desenvolvem arribas com uma altura superior a 20 metros, o que torna estes sectores completamente inacessíveis e não necessitados de qualquer estrutura defensiva. O sistema de amuralhamento, constituído por uma única linha de muralha, circunda apenas metade do povoado, desenvolvendo-se a Este e Norte, podendo ter-se também estendido um pouco pela vertente do sector Oeste. Esta estrutura de xisto, da qual ainda podem ser observados grandes quantidades de derrubes, foi edificadobretudo junto ao colo de acesso do povoado e poderia ser reforçada por dois torreões, que se localizariam a Norte conforme indiciam alguns vestígios no local.*
 - *Neste colo de acesso, no exterior e em frente à muralha, localiza-se um campo de pedras fincadas, mal conservadas. O interior do recinto amuralhado encontra-se parcialmente agricultado com oliveiras, e a restante parte ocupada com um maquis que torna impossível qualquer observação. Na parte ocupada pelo olival é possível detectar grandes quantidades de fragmentos de cerâmica manual de tipo comum, atribuível à Idade do Ferro. No local proliferam ainda grandes quantidades de telha de meia cana e alguma cerâmica com uma cronologia mais recente, cujo respectivo enquadramento cronológico poderá ser remontado até à Idade Média. Do local foram ainda recolhidos alguns cossoiros e um peso de tear que actualmente se encontram à guarda do proprietário do terreno. NO sítio não foram identificados quaisquer vestígios articulados com a romanização.*
 - *Designação: Fraga do Castelo.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Idade de Ferro.*
 - *CNS: 2917.*
 - *Localização: Lagoa.*
 - *Descrição: Povoamento fortificado de pequenas dimensões, localizado a Sul da aldeia de Lagoa, na extremidade de um relevo em esporão, alongado e rochoso, sobre o rio Sabor. Tem um bom controlo estratégico sobre um grande troço de rio Sabor, e excelentes condições defensivas naturais, sendo acessível apenas pelo lado Norte, caindo em falésias para os restantes lados. O sistema defensivo concentra-se assim só do lado norte, e apresenta uma apreciável complexidade. NO exterior, tem ainda os restos de um campo de pedra fincada, bastante*

degradado, e que deverá ter sido mais extenso, tendo provavelmente sido afectado pela agricultura que aqui se desenvolve ainda. A seguir, tem duas linhas de muralha, razoavelmente bem conservadas, uma logo a seguir à outra, parecendo ter um fosso no meio, parcialmente entulhado por terra e pelos derrubes das muralhas. No interior, sobranceiro Á última muralha, existe pelo menos um torreão, talvez dois, bastante destruído, no que é a parte mais degradada do povoado. Entre os torreões e as falésias existe uma plataforma, de pequenas dimensões, densamente coberta de mato, que será a parte habitável do povoado. Não se encontrou cerâmica de superfície, mas tudo indica tratar-se de um povoado da Idade do Ferro.

Fraga do Corvo [20;35] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.494) com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia Macedo de Cavaleiros.*

Fraga do Pino [32]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Pino: posição vertical do corpo com a cabeça para baixo; zénite; ponto mais alto a que o sol chega; a prumo; levantado; de pé.*

Fraga do Pulpado [21]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Pulpado sing. de pulpados; taberneiros; pulperia; bainca; bodega; mocanda; taberna; tasca; tenda.*

Fraga dos Corvos [35] ***

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Vilar do Monte. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Fraga dos Corvos.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Indeterminado/Pré-história Recente/ Idade de Ferro/ Idade Média.*
 - *CNS: 6650*
 - *Localização: Vilar do Monte.*
 - *Descrição: Povoado fortificado de grandes dimensões, situado no topo de um grande monte, sobre a aldeia de Vilar do Monte, nos contrafortes ocidentais da serra de Bornes. Tem uma excelente implantação estratégica, dominando por completo toda a depressão de Macedo de Cavaleiros e apresenta também óptimas condições defensivas por todos os lados. Do lado Oeste, tem uma defesa natural, um enorme fraguado, de grande altura, que lhe dá o nome, e o torna inacessível por esse lado. Do lado oposto é protegido pelo vale relativamente profundo de uma pequena ribeira. É mais acessível pelos lados Norte e Sul. O topo do povoado encontra-se mal conservado, onde foi implantado um posto de observação, tendo também sido afectado pela abertura de alguns caminhos, mas de resto parece estar em bom estado de conservação, mantendo grande potência estratigráfica em algumas zonas.*
 - *Do lado Sul, num corte deixado pela abertura de um caminho, observa-se um grande talude, com algumas pedras soltas, que poderão corresponder a uma linha de muralha. A ser assim, esta encontra-se a uma distância considerável*

do topo, deixando adivinhar que se trata de um povoado de grandes dimensões. De resto, o matagal e a floresta que cobrem grande parte deste sítio não deixam observar com clareza qual seria o seu sistema defensivo. Do lado Norte, numa plataforma em esporão á cota de 845 metros, observam-se ainda numerosos materiais cerâmicos de superfície, avultando os fragmentos de cerâmica manual, enquadrável na Idade do Ferro. Não existem vestígios de telha ou de cerâmica comum romana, mas aparecem alguns fragmentos de cerâmica a torno, indicando uma ocupação medieval deste local. Por fim, virado a Poente, na base da fraga dos corvos, existe um abrigo que tem vestígios de ocupação. Foi parcial e ilegalmente escavado por pessoas da aldeia de Vilar do Monte, o que lhe afectou irremediavelmente parte da estratigrafia, embora nem toda a terra tenha sido removida. O material exumado pertence na sua maioria à Pré-história recente, mas existem fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro e Idade Média. Um pouco adiante deste abrigo existe uma plataforma, abrigada pela rocha e pique da fraga, que representa derrubes de pedra, Por cima, foram abertos alguns buracos na rocha que poderão ter servido como suporte de traves para cobertura desta plataforma. Este arqueossítio já foi intervencionado em 21 campanhas de escavação onde se detectaram a presença de 17 cabanas que vão desde a idade do bronze inicial ao bronze final.

Fraga dos Lagartos [5]

- *Fraga (ver, Fraga);*
- *Lagartos; pl. de lagarto: réptil da família dos Lacertídeos; bicha; lagartixa.*

Fraga dos Mouros [7] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (494-IX), como de interesse arqueológico, nas que não foi encontrado na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro da freguesia de Carrapatas. M.q. “fraga das mouras”.*

Fraga dos Sete Zorros [17]

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal (vol. IX, p.570 e vol. X p.826) como de interesse arqueológico, como existente na freguesia de Lamalonga, mas que não foi encontrado na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro dessa freguesia.*

Fragão [30;31] (cmp79)

- *Aumentativo de fraga (ver, Fraga).*

Fragas [12]

- *Pl. de fraga (ver, Fraga).*

Fragas da Serralhã (cmp50)

- *Fragas; pl. de Fraga (ver, Fraga);*
- *Serralhã. Sem proposta.*

Fraguinhas [1;6]

- *Diminutivo de fraga (ver, Fraga).*

Franciscão(cmp78)

- *Franciscão; aumentativo de Francisco; Frade Franciscano; membro de ordem religiosa fundada por S. Francisco de Assis no início do século XIII; Fraanciscanada; folia; pândega; patuscada.*

Franciscalhão [9] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (494-IX), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada, às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Chacim.*

Frei Moniz (cmp92)

- *Frei; m.q. Frade (ver, Frade);*
- *Moniz. Nome de Pessoa.*

Freiras (cmp79)

- *Pl. de Freira; mulher que professou numa ordem religiosa; Reg., fenda na cortiça.*

Freixeda [15;18;21;25;31] (cmp64/79)

- *Referente a freixal: mata de freixos, nome vulgar de uma planta arbórea da família das fraxináceas.*

Freixedo [30]

- *Masc. de freixeda (ver, Freixeda).*

Freixeira [4]

- *(ver, Freixeda).*

Freixinho (cmp79)

- *Freixinho; diminutivo de Freixo (ver, Freixeda).*

Freixinhos [30]

- *Diminutivo de freixos (ver, Freixeda).*

Freixo [1;21]

- *(ver, Freixeda).*

Freixos [6;30]

- *(ver, Freixeda).*

Frencha [21]

- *Sem proposta.*

Frente do Lagar [3]

- *Frente; cabeceira; cava; dianteira; face; fachada; frou; frontaria; fronte; frontispício; proa; rosto; testa; testada; vanguarda.*
- *Lagar; lagariça; relego; espécie de tanque onde se espremem ou pisão certos frutos.*

Frieiras [30]

- *Pl. de frieira; inflamação da pele produzida pelo frio, acompanhada de inchaço, prurido e ardor. (reg.) eczema animal; pessoa que come muito.*

Froeira [31] (cmp79)

- *Sem proposta.*

Froia [10]

- *Abastardamento de froina; boroa; broa.*

Fugoeiro [29]

- *M.q. fugueiro; estadulho; fueiro.*

Fuligueiras [25]

- *Relativo a fuligem; felugem; ferrugem; negrume; tisne; mancha negra que reveste certos frutos, folhas, flores, sinal, rasto.*

Fundo da Praça das Eiras [20]

- *Fundo (ver, Fundo das Hortas);*
- *Praça; castelo; cerco; cidade; feira; fortaleza; largo; leilão; mercado; lugar público e amplo onde desembocam várias ruas;*
- *Eiras; pl. de eira (ver, Eira do Concelho).*

Fundo da Quinta [1;3;20]

- *Fundo (ver, fundo das hortas)*
- *Quinta: propriedade rústica com terra de sementeira e geralmente com casa de habitação; fazenda; casa de campo.*

Fundo da Vila [9;10] (cmp78)

- *Fundo (ver, Fundo das Hortas);*
- *Vila (ver: Fonte da Vila).*

Fundo das Hortas [26]

- *Fundo; baixo; cavado; alicerce; fundão; fundura; profundidade; que tem fundura ou profundidade; cavado; parte mais baixa de um monte;*
- *Hortas pl. de horta: chácara; eido; fazenda; hortaliça; horto; pomar; ómnia*

Fundo do Povo [2;5;16;22;26;33;35;36]

- *Fundo (ver, Fundo das Hortas);*
- *Povo (ver; Beira do Povo).*

Fundo do Prado (cmp92)

- *Fundo (ver, Fundo das Hortas);*
- *Prado (ver, Prado).*

Fundo do Vale [8]

- *Fundo (ver, Fundo das Hortas);*
- *Vale (ver, Boca do Vale).*

LETRA “G”**Gabançeira [1]**

- *Relativo a gabanço; gabação; louvor; acto ou efeito de gabar ou gabar-se. Ou de Garbanceira m.q. Espécie de roseira brava.*

Gago [31]

- *Aquele que fala de forma entrecortada, repetindo ou prolongando sílabas ou sons; que gagueja; atrapalhado; balbo; balbuciante; bleso; borboró; gaganho; pevidoso; quiquiqui; tardilongo; tartamudo; tatibitate; tato.*

Gafaria/Gafa – *Termo Talhinhos – Portela da Gafa – MAH, Tomo X, p.211.*

Gaiteira [5] (cmp91)

- *F. de gaiteiro; alegre; brincalhão; divertido; farrista; farsola; folião; garrido; jovial; lépido; peralta; tocador de gaita; instrumento de sopro que consiste num tubo mu-delante com palhete e orifícios.*

Gaiteiro [19] (cmp78)

- *M. de gaiteira (ver, Gaiteira).*

Galaboto [21]

- *Sem proposta.*

Galbote – *Termo de Moraes – MAH, Tomo X, p.212.*

Galdricha [7]

- *M.q. galdripeira; que, ou a que está descomposta e mal-arranjada; esfarrapada; maltrapilho; sujo.*

Galdrucha [7]

- *(ver, Galdricha).*

Gales – *Freguesia Vale Benfeito – MAH, Tomo X, p.212.*

Galheiras [34]

- *Pl. de galheira; (reg.) tipo de poda utilizada especialmente em Trás-os-Montes; chifres; cornadura; galhada.*

Galheiros – *Termo de Vale de Prados – MAH, Tomo X, p.212.*

Gamita (cmp64)

- *Sem proposta.*

Gança Jorge [14]

- *Gança; alimpadura; ganância; ganhança; ganhos; lucros; meretriz.*
- *Jorge. Nome de Pessoa.*

Gançal [32]

- *Deriv. do Port. ant. Gançar ou gaançar; gancho; ganho; lucro.*

Gançalejo [14]

- *De gança (ver, Gança Jorge).*

Ganzal – *Termos Vale Benfeito – MAH, Tomo X, p.213.*

Garamela [22]

- *De garamanha; ancinho.*

Gardais [2]

- *Abastardamento de gradais; gradar; agradar; aumentar; crescer; engrandecer; gradear; gradecer; graiar; medrar;*

Gargalha [34]

- *F. de gargalho; escarro; afronta; agravo; espanto; injúria; insulto; mácula; nódoa; mancha; porcaria; ultraje.*

Gargantina [4]

- *Gargantina; diminutivo de Garganta: (ver, Garganta).*

Gargo [31]

- *Sem proposta.*

Garjo (cmp79) – *Termo Talhinhos – MAH, Tomo X, p.213.*

- *Sem proposta.*

Garreira (cmp78)

- *Garreira; de garrear; Tosquiar a lã que não faz parte do véu (manta) do (oovino) como a da região do garrão; prender com garra; agarrar; esmorecer.*

Gavanceira [38]

- *Sem proposta.*

Gengil (cmp92)

- *Sem proposta.*

Geralda (cmp79/93)

- *Sem proposta.*

Gestais [2]

- *Pl. de gestal o m.q. giestal; gista; nome de algumas plantas subarbustivas da família das leguminosas; vassoura usada nos trabalhos agrícolas.*

Gestó [28]

- *Sem proposta.*

Giestais [11]

- *(ver, Gestais).*

Ginço [20]

- *M.q. guiço; cada um dos restos de lenha. gir.*

Gingeiras [36] (cmp49)

- *M.q. ginjeiras, pl. de ginjeira; árvore da família das Rosáceas, afim da cerejeira; produtora de ginja.*

Giralda [30]

- *Pop. Vida airada; patuscada.*

Godial – *Termo de Moraes – MAH, Tomo X, p.213.*

Goiusso [2]

- *Sem proposta.*

Golete (cmp78)

- *Sem proposta.*

Gomil [31]

- *Jarra de boca estreita para lavatório.*

Gondibau [21]

- *Sem proposta.*

Gordo [31]

- *Aquele que tem gordura; untuoso; gorduroso; excelente para cultura; corpulento; volumoso.*

Gorgolho [4]

- *Burgalhau; calandra; cárie; espinho; furúnculo; grupiava; gupiara; seixinhos.*

Gorja [10]

- *Boca; cachaço; cangote; garganta; goela; gorge; pescoço; talhamar.*

Grabanceira [21]

- *Relativo a gravanço: local onde se cultiva grão-de-bico; planta herbácea da família das leguminosas.*

Gradíssimo (cmp64)

- *Gradíssimo; nome de localidade pertencente à freguesia de Ala; concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Gralhós (cmp79)

- *Gralhós; localidade pertencente à freguesia de Talhas, Concelho de Macedo de Cavaleiros*

Gramela [11] – Termos de Comunhas e Murçós – MAH, Tomo X, p.214.

- *Relativo a grama: capim; escalracho; gazão; granadeira; gramão; selva.*

Granada [21]

- *Bomba; granate; romã; mineral do grupo das granadas, silicatos; alumínicos; fér-ricos e crómicos de cálcio ferro ou magnésio.*

Granja [23] – MAH, Tomo X, p.214.

- *Propriedade rústica de amanho; conjunto das dependências de uma propriedade agrícola; abegoaria.*

Graunha (cmp64)

- *Graunha.*

Gravatas [7]

- *Pl. de gravata; aperta-pescoço; coleira; degola; esganador; estrangulamento; fer-ragoso; gonilha; manta; nagalho; rodilha; traquete.*

Graviela [13]

- *Relativo a gravela; bagaço seco da uva; borra do vinho.*

Gregueira [32]

- *Sem proposta.*

Gricha [2;7;8;14;21;23;30;32;35;36;38](cmp78/79) **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, contudo não foi encontrado na busca às fichas do registo de cadas-tro da freguesia de Ferreira.*

Gricho [6;10;16;21]

- *Sem proposta.*

Grichos (cmp78)

- *Sem proposta.*

Grigocio – *Termo de Vale Benfeito* – MAH, Tomo X, p.214.

Grigueira – *Termo Vale Benfeito* – MAH, Tomo X, p.214.

Grijó [15] (cmp77/78) ***

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros, referenciado na base de dados do IPA, como de valor arqueológico, retirando-se dessa base a seguinte informação:*
 - *Designação: Grijó de Vale Benfeito.*
 - *Tipo de Sítio: Achado isolado.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17277.*
 - *Localização: Grijó de Vale Benfeito.*
 - *Descrição: Estela funerária, embutida em vão, em posição horizontal, por debaixo de uma janela de uma das antigas casas da família Sá Miranda, na aldeia de Grijó de Vale Benfeito. A parte superior da estela encontra-se parcialmente tapada pela parede não sendo possível observar na totalidade a sua decoração, que apresenta uma roda de raios curvos. O campo epigráfico é totalmente visível, com a inscrição bem conservada, que se lê, de acordo com a bibliografia: BOVTIA/BOVTI/ FILIA A/NORVM/LXX. Já não existe memória sobre a origem desta inscrição, mas poderá provir do sítio romano da Mêda, nesta mesma freguesia que é actualmente o sítio romano conhecido mais próximo de Grijó.*

Grijó; grejo; igrejinha; igrejó; (verso popular, local)” St António que estás só, deixa-me molhar o pão no teu grijó” neste caso grijó, refere-se a lamparina de azeite.

- *Vale (ver, Vale);*
- *Bem-feito; perfeito; aprimorado.*

Grincha [23]

- *Corrup. de gricha; (ver, Gricha).*

Gritos (cmp91)

- *Gritos; Pl. de grito; som penetrante voluntário ou espontâneo, articulado ou não e emitido com força pela voz humana; berro; brado; alarido;*

Grixo/Grixote – *Termos de Bornes; Castelãos; Chacim; Santa Combinha; Vale Benfeito; Vinhas* – MAH, Tomo X, p.215.

Gróbas [36]

- *Sem proposta.*

Grovas [36] – *Termo das Arcas* – MAH, Tomo X, p.215.

- *Sem proposta.*

Gruinha [2;7]

- *Diminutivo de grua; fêmea de grou; aparelho para levantar e deslocar corpos pesados, roldana.*

Gruintal [2]

- *Relativo a gruín; tromba ou focinho de porco que na baixa latidude se disse grugnum por onomatopeia, também se chamava gruín o pão que se verte ou espalha na eira na ocasião que se mede e faz conduzir á tulha.*

Grula [18] (cmp64) – *Termo de Lagoa – MAH, Tomo X, p.215.*

- *Sem proposta.*

Guala – *Termo de Arcas – MAH, Tomo X, p.215.*

Guarda de Moraes (cmp79)

- *Guarda; acção ou efeito de guardar vigilância; cuidado; guardamento; sentinela; resguardo; anteparo; retenção; conservação; cuidado; abrigo.*
- *Moraes. Nome de Pessoa; Nome de Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Guergulão [1]

- *Sem proposta.*

Gueirinho [6]

- *Diminutivo de gueira; brânquia; ganhó; galinhó; gaelra; pescoço; gorgomilos*

Guiço [2]

- *Graveto; guiceiro; guisso; pauzinho*

Guimbrias [11] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado nas folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de corujas.*

Guala – *Termo de Arcas – MAH, Tomo X, p.215.*

Gumieiro – *Freguesia do Lombo – MAH, Tomo X, p.216.*

Gundibal – **Condíva** – *Termo (freguesia) de Vale da Porca – MAH, Tomo X, p.216.*

Guinhães [21]

- *Sem proposta.*

LETRA “H”

Horta [22]

- *Sing. de horta (ver, Horta).*

Horta da Fonte de Stº António [1]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Fonte (ver, Fonte);*
- *St. António: indivíduo que morreu em estado de santidade e que foi canonizado.*

Horta da Nora [20]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Nora; estanca-rios; genra; nória; sarilho; engenho de tirar água dos poços.*

Horta da Velha [21]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Velha (ver, Cerca Velha).*

Horta das Paradas (cmp65)

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Paradas; acto ou efeito de parar; demora; pausa; interrupção.*

Horta do Lareiro [2]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Lareiro; cacete; fueiro; jarundo.*

Horta do Moinho (cmp65)

- *Hortas (ver, Horta);*
- *Moinho (ver, Moinho).*

Horta do Monte [3]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Monte (ver, Monte).*

Horta do Paço [20]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Paço: burgo; corte; cortesia; cortesão; galantaria; tribunal; zombaria.*

Horta do Sobreiro [2]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Sobreiro: árvore da família das fagáceas de folhas lobadas e flores pequenas de cujo tronco se extrai cortiça.*

Horta Frade [14]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Frade; anacoreta; avoceta; cenobita; ermitão; monge; irmão.*

Horta Maria [7]

- *Horta (ver, Hortas);*
- *Maria: nome de pessoa; planta de cultura do grupo do malmequer e da margarida; variedade de pêra.*

Hortas [14;17;30;37]

- *Pl. de horta; terreno plantado de hortaliças e legumes; chácara; eido; exido; fazenda; hortaliça; horto; ómnia; pomar; tabuleiro.*

Horteas [28]

- *Sem proposta.*

Hortinha [12;16]

- *Hortinha; diminutivo de Horta (ver, Hortas).*

Hortinhas [1;13;30]

- *Hortinhas; pl. de hortas (ver, Hortas).*

Horto das Cancelas [26]

- *Horto; bosque; cerrado; couve-galega; horta; jardim; quintal;*
- *Cancelas; cancelo; portão; portela; portinhola.*

Hortos [29]

- *Pl. de horto; local onde se cultiva e/ou se vendem sementes e plantas de hortas e de jardim; horta pequena; jardim.*

LETRA “I”

Ichas [26]

- *Abastardamento de inchas: aversão; desavença; inchaço; inimizade; ódio; perrice; quezília; rancor.*

Igreja [26;33]

- *Abadia; basílica; canga; catolicismo; catraia; clero; comil; gangarina.*

Igreja de Limãos [26] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base retirou-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Igreja de Limãos.*
 - *Tipo do sítio: Necrópole.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 6929.*
 - *Localização: Salselas*
 - *Descrição: Em 1980 quando se procedia à construção do coreto da aldeia de Limãos que se situa adjacente ao adro da igreja matriz desta localidade, foram descobertas e identificadas nove ossadas alinhadas, sem vestígios de estrutura sepulcral e que conforme a descrição de testemunhas na altura presentes no local, poderiam estar em conexão anatómica. Associados a estas ossadas não foram encontrados quaisquer outros vestígios de estruturas sepulcrais. A julgar pela arquitectura da Igreja, os vestígios osteológicos procedentes da necrópole existente no seu adro não deverão remontar além do século XVIII*

Igreja Matriz de Edroso [12] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Edroso. Da referida base de dados, retirou-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Igreja Matriz de Edroso.*
 - *Tipo de sítio: Igreja.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17256.*
 - *Localização: Edroso.*
 - *Descrição: Apesar de muito alterada, a igreja matriz de Edroso apresenta alguns elementos arquitectónicos que parecem evidenciar grande antiguidade. Na sua fachada principal desenvolve-se um portal onde merece realce um arco de volta perfeita, completamente liso, sem qualquer arquivolta, e ladeado por dois capitéis fracamente decorados, que se sustentam em duas finas colunas. O monumento foi sujeito a grandes obras de reestruturação, que acabaram por lhe alterar completamente toda a sua planta inicial. Dessas obras e dessas alterações são ainda visíveis três pequenas pedras decoradas, actualmente deslocadas do sítio onde originalmente pertenciam. Encontram-se na base da parede Sul do edifício e as decorações radicam numa plástica caracteristicamente românica.*

Igreja de Malta [23] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia dos Olmos. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação.*
 - *Designação: Igreja de Malta.*

- *Tipo de sítio: Necrópole.*
- *Período: Idade Média*
- *CNS: 17270.*
- *Localização: Olmos.*
- *Descrição: A igreja de Malta, actualmente bastante alterada arquitetonicamente por sucessivas obras de remodelação, apresenta ainda alguns elementos que testemunham a sua antiguidade. No se adro foi encontrada uma ara votiva ao deus Aernus que na altura da descoberta foi transferida para o Museu de Bragança. Algumas referências bibliográficas assinalam a existência de sepulturas escavadas na rocha que se implantariam no adro em redor do edifício. No entanto não são visíveis quaisquer vestígios dessas sepulturas. De assinalar que o adro foi sujeito a várias obras, encontrando-se uma parte da sua superfície calcetada com paralelepípedos e Lages em granito. Na aldeia, entre os mais idosos, também não foi recolhida qualquer informação que atestasse a existência desta necrópole. O único elemento ainda preservado é um sarcófago com a respectiva tampa que se encontra encostado à fachada do edifício, no lado esquerdo da porta principal. No lado direito da mesma porta pode ser observado a cruz de malta esculpida em granito, e por debaixo desta uma pequena cabeça a quem chamam o Maltês. Mais informação, em património edificado da freguesia de Olmos.*

Ilhargueiro [9]

- *Colateral; lateral.*

Imberniços [16]

- *M.q. inverniços (ver, Inverniços).*

Imbroesa [12]

- *Sem proposta.*

Imbroeses (cmp64)

- *Sem proposta.*

Imbroeza [12]

- *Sem proposta.*

Inferno [15]

- *Alarido; barafunda; desordem; desassossego; limbo; martírio; tormenta; estado ou lugar daqueles que, mortos em pecado, sofrem pena eterna.*

Inferno (Ribeira (0) do) – Termos de Grijó, Lagoa – MAH, Tomo X, p.216.

Infesta [10]

- *Costa; costeira; ladeira; subida.*

Inseia [12]

- *Sem proposta.*

Ínsua (cmp64)

- *Ínsua; pequena ilha de areia banhada por um rio ou levada; ilhota; lezíria; ilhota de areia na foz de um rio; terreno marginal de um rio.*

Intique – *Termo de Nogueirinha – MAH, Tomo X, p.216.*

Inverniços [21]

- *Invernio; invernosos.*

LETRA “J”

Jainhos – *Termos de Ala e Arcas – MAH, Tomo X, p.216.*

Jalete [26]

- *Jaleque; jaleco; jaleca; casaco curto sem abas que só chega á cintura.*

Jane – *Termo de Lagoa – MAH, Tomo X, p.217.*

Janica [4]

- *Sem proposta.*

Jardim [27]

- *Extensão de terreno, em geral com muro ou grades á volta onde se cultivam plantas de adorno e que se localiza num espaço público ou privado podendo estar ou não dependente de uma habitação.*

Jinjunho ou Ginjunho [23]

- *Sem proposta.*

Joana Afonso [29]

- *Nome de Pessoa.*

João Branco [34]

- *Nome de Pessoa.*

Jogo da Bola [36]

- *Jogo; actividade lúdica executada por prazer ou recreio;*
- *Bola; objecto de borracha ou de outro material geralmente oco que é usado em diversos desportos.*

Jogo dos Paus [22]

- *Jogo (ver, Jogo da Bola);*
- *Paus; pl. de pau.; vara de madeira; qualquer pedaço de madeira; jogo popular.*

Juliana [21]

- *Água-pé bacalhau-dos-açores; badejo; Hésperis; peixe-pau; nome de pessoa.*

Juncais [13]

- *Pl. de juncal; junqueira; pirizal; terreno onde crescem juncos; semear; alastrar; atepetar; causar; cobrir; derramar; difundir; dispersar.*

Junco [16;21;26]

- *Nome de planta herbácea alongada e flexível da família das juncáceas.*

Junqueira [21;27]

- *Terreno onde crescem juncos; juncal.*

LETRA “L”

Labagueira

- *Relativo a laborar; lavrar; romper a terra, eluc.*

Labãño [12]

- *Relativo a labanheiro; chiqueiro.*

Labanho [17;22] – Termo de Edroso – MAH, Tomo X, p.217.

- *M.q. labãño (ver, Labãño).*

Labor(cmp92)

- *Labor; trabalho; faina; lavor.*

Lacoais [33] – MAH, Tomo X, p.218.

- *(ver, Lacoieiro).*

Lacueiro [20]

- *Relativo a lacuna: cavidade, clareira; falha; falta; hiato; interrupção; vão vazio; preguiçoso da gir.*

Ladaino(cmp78)

- *Sem proposta.*

Ladeira [5;10;21;29;34]

- *Baixada; costa; costeiro; declive; descida; encosta; escarpa; inclinação; lomba; pendor; rampa; ribanceira; subida; talude; vertente.*

Ladeira do Castelo [23] *

- *Ladeira (ver, Ladeira);*
- *Castelo (ver, Castelo).*

Ladeiras [3;11;18;19] (cmp64)

- *Pl. de ladeira (ver, Ladeira).*

Ladeiro – Termo de Bornes, (na serra deste nome) – MAH, Tomo X, .p.217.

Lagalhêta [12]

- *M.q. lagareta: lagariça; pio; lagar; patamal.*

Lagar [14;26;27] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às fichas de registo de cadastro rústico das freguesias Ferreira e Santa Combinha; lagariça; relego; espécie de tanque onde se espremem ou pisam certos frutos.*

Lagar dos Mouros [17] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (Vol. IX, p.570 e vol. X, p.826) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Lamalonga.*

Lagar Velho [18;20;21] (cmp64/79)

- *Lagar (ver, Lagar);*
- *Velho (ver, Caminho Velho).*

Lagares [32] ***

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (571 e 684-IX), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da qual se retirou a seguinte informação:*
 - *Designação: Lagares*
 - *Tipo de sítio: Necrópole.*
 - *Período: Indeterminado/ Pré-História Recente?*
 - *Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: Neste local actualmente ocupado por culturas agrícolas, nomeadamente um olival, apareceu em 1904, uma cista ou sepultura, que foi destruída. Segundo a descrição, era composta por três lages, uma de cabeceira e duas laterais.*
 - *Em visita posterior ao abade Baçal foi referenciada o aparecimento de uma segunda, havendo notícias ainda do aparecimento de mais, que terão sido destruídas.*
 - *Na primeira cista, assinala-se o aparecimento de numerosos fragmentos de cerâmica, e de um anel de ouro, em espiral, de três voltas, que desapareceu, com o resto do espólio e das cistas.*
 - *No terreno, a par de grande quantidade de pequenas lages de xisto, aparecem pequenas aglomerações de três ou quatro lages maiores, também de xisto, registando-se ainda o aparecimento de uma em granito, pedra alheia à geologia local. Não apareceram outros materiais à superfície. Há algumas indicações, pouco precisas, de que poderá ter sido aqui o local de achado das quatro albardas de Vale Benfeito.*

Lagarões [16] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.570), como de interesse arqueológico;*
- *Aumentativo de lagares; (ver, Lagar).*

Lagarteira [26;33]

- *Toca ou buraco onde se alojam os lagartos.*

Lagas [26] (cmp63/78)

- *Pl. de laga; represa de água onde se afoga o linho para o curar.*

Lage [5]

- *M.q. laje; pedra lisa geralmente quadrada ou rectangular utilizada para cobrir pavimentos.*

Lages [14;36]

- *Pl. de laje (ver, Lage).*

Lago [26;33;38] – MAH, Tomo X, p.218.

- *Água redonda; charco; estanco; poça; tanque; acumulação permanente de água numa depressão fechada.*

Lagoa [16] (cmp93)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Alagoa; galé; lagão; palude; pântano; extensão mais pequena que um lago, rodeada por terra por todos os lados e com pouca profundidade.*

Lagoa [1;2;4]

- *Extensão mais pequena que um lago, rodeada por terra por todos os lados e com pouca profundidade; alagoa; galé; lagão; palude; pântano.*

Lagoa Cercada [25]

- *Lagoa (ver, Lagoa);*
- *Cercada, f. de cercado; rodeado; sitiado; vedado.*

Lagoa do Fel [30] (cmp79)

- *Lagoa (ver, Lagoa);*
- *Fel: sabor muito amargo; amargura; mau humor; tormento; bile; bilis; cólera; malícia; ódio; paixão.*

Lagoa Rechouros [16]

- *Lagoa (ver, Lagoa);*
- *Rechouros; de. Rechano; uma pequena planície no meio de uma portela ou viso “E des i ao rechouro ou viso onde se fazem dous caminhos” Tombo de Castro de Avelãs de 1501, doc. de Bragança. (eluc.)*

Lagoaça [36]

- *Aumentativo de lagoa (ver, Lagoa).*

Lagoões [2]

- *Relativo a lagoeiro; depósito de água das chuvas; porção de água entornada.*

Lagoas [2] – Termo Gradíssimo – MAH, Tomo X, p.218.

- *Pl. de lagoa (ver, Lagoa).*

Lagoeiro [17]

- *(ver, Lagoões).*

Lagos(cmp64)

- *Lagos; pl. de Lago; acumulação permanente de águas numa depressão de terreno fechado; tanque ornamental em jardim; grande porção de líquido entornado no chão; poça.*

Laguna [1]

- *Bacia litoral de águas quietas, separadas pelo mar apenas por uma restinga de areia e com o qual mantém comunicação intermitente; pequena lagoa; ria; alaguna; albufeira; fosseta.*

Lamadoura [25]

- *Lugar onde existe lama (ver, Lamagão).*

Lamagão [26]

- *Aumentativo de lama; terra ensopada em água; lodo; baixaza; objecção; desonra; insulto*

Lamalonga [17] (cmp49)

- *Topónimo referente á freguesia de Macedo de Cavaleiros; também, Lama Longa (ver, Lamagão) e (Lameira Longa).*

Lamalonga [26;22]

- *M.q. lameira longa (ver, Lameira Longa).*

Lamas [18] (cmp64)

- *Topónimo referente á freguesia de Macedo de Cavaleiros;*
- *Lamas; abejacção; alpaca; arro; barro; desdoura; desonra; fez; fezes; insulto; labéu; lameiro; ilhama; limo; lodo; miséria; prata; tijuco;*
- *Podence; sem proposta de sinonímia.*

Lamas da Barga [33]

- *Pl. de lama (ver, Lamagão);*
- *Barga; espécie de rede de emalhar; palhoça; cabana; cafre; choupana; colmada; varga.*

Lamazonas [2]

- *M.q. lamaroso; lamecento.*

Lambada [12]

- *Arrochada; barrigada; bofetada; bordoada; cachetada; lapada; mochinete; sova; surra; tareia; pancadaria; tareia; pancada com a mão.*

Lambedouro [26]

- *Relativo a lambeteiro; adulador; bajulador; delator; intrigante; lambeta; servil.*

Lameira [22]

- *Lameiro pequeno; casta de uva transmontana.*

Lameira da Cruz [21] (cmp78)

- *Lameira (ver, Lameiros);*
- *Cruz (ver, Cruz).*

Lameira da Esteva [35]

- *Lameira (ver, Lameira);*
- *Esteva: planta arbustiva da família das Cistáceas, espontânea em Portugal, também conhecida por Xara; rabiça do arado.*

Lameira Grande [14]

- *Lameira (ver, Lameira);*
- *Grande; alambazado; agigantado; amplo; avultado; comprido; descomunal.*

Lameira Longa [2;9;21] (cmp78)

- *Lameira (ver, Lameiros);*
- *Longa; alambazado; agigantado; amplo; avultado; comprido; descomunal.*

Lameira Redonda [11;14] (cmp78)

- *Lameira (ver, Lameiros);*
- *Redonda f. de redondo; abocetado; arredondado; boleado; circular; esférico.*

Lameira Seca [10] (cmp77)

- *Lameira (ver, Lameiros);*
- *Seca: enxugo; estopado; secatura; física; definhado; ressequido.*

Lameirões (cmp78)

- *Lameirões (ver, Lameiros).*

Lameirais [8;21] (cmp78)

- *Relativo a lameiros (ver, Lameiros).*

Lameirão [2;3;9;10;12;14;17;20;21;22;25;28;29;30;35;38] (cmp64)

- *Aumentativo de lameira; (ver, Lameiros).*

Lameirão de Baixo [2]

- *Lameirão; aumentativo de lameiro (ver, Lameiros);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Lameirão do Calado(cmp78)

- *Lameirão: (ver, Lameiros);*
- *Calado: Silencioso; que fala pouco; discreto; sossegado.*

Lameiras [6;7;18;26;31]

- *Lameiras; (ver, Lameiros).*

Lameiras Grandes [21]

- *Lameiras; (ver, Lameiros);*
- *Grandes: pl. de grande (ver, Lameira Grande).*

Lameiras Longas [12]

- *Lameiras (ver, Lameiros);*
- *Longas (ver, Lameira Longa).*

Lameiras de Martinho [8]

- *Lameiras; (ver, Lameiros);*
- *Martinho. Nome de Pessoa.*

Lameiras do Cousso [8]

- *Lameiras (ver, Lameiros);*
- *Cousso; cusso; cosso; andamento; corso; curso; perseguição.*

Lameirinha [30]

- *Diminutivo de lameiro (ver, Lameiro).*

Lameirinhas [30]

- *Pl. de lameirinha, diminutivo de lameira (ver, Lameiro).*

Lameirinho [2;5;32] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
- *lameirinho, diminutivo de lameiro; (ver, Lameiros). Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Lameirinho.*
 - *Tipo do sítio: Arte Rupestre.*
 - *Período: Idade Média/ Moderno.*
 - *CNS: 17294.*
 - *Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: Marra que separa os termos de Vale Benfeito e Grijó de Vale Benfeito. É um bloco granítico, de forma rectangular. Na face virada a Vale Benfeito tem gravada uma cruz, e por baixo, um círculo, apresentando ainda outros traços de difícil caracterização. Do outro lado da estrada, segundo informações recolhidas, existia outra, na zona de Cheilinhos, muito semelhante a esta, que, entretanto, desapareceu, provavelmente por causa das obras de construção do troço da IP2.*

Lameirinho Novo [21]

- *Lameirinho*, diminutivo de *lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Novo* (ver, *Moinho Novo*).

Lameiro [22]

- *Terreno húmido onde cresce erva; pântano; lamaçal.*

Lameiro da Água Fria(cmp78)

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Água* (ver, *Água d'Alta*);
- *Fria*: *Que não tem calor; arrefecido; que não transmite calor; imperturbável; indiferente; insensível; sem paixão; pouco sensual; seco; ríspido*

Lameiro da Casa do Pontão de Lamas [18]

- *Lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Casa* (ver, *Carreirão das Casas*);
- *Pontão*; *barcaça*; *escora*; *espegue*; *pontaletes*; *pontilhão*; *presiganga*;
- *Lamas*; *barro*; *lameiro*; *lodo*.

Lameiro da Cruz [36]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Cruz* (ver, *Cruz*).

Lameiro da Erva [33]

- *Lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Erva*; *capim*; *forragem*; *pasto*; *prado*; *verdura*.

Lameiro da Morte [5]

- *Lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Morte*; *acabamento*; *matança*; *morticínio*; *acabar*; *defuntar*; *desaparecer*; *esfalecer*; *falecer*; *finar-se*; *finalizar-se*.

Lameiro do Bairro [28]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Bairro* (ver, *Bairro da Pessarna*).

Lameiro do Cabo [36]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Cabo*: *extremidade*; *fim*; *ponta de terra*; *corda grossa*; *réstia*.

Lameiro do Castro [21] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou na busca efectuada às folhas de registo do cadastro rústico da freguesia Morais.*

Lameiro do Feno(cmp79)

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Feno*: *ervas que, depois de secas, se utilizam como forragens*; *Reg. Caruma seca*.

Lameiro do Linho [15]

- *Lameiro*, (ver, *Lameiros*);
- *Linho*: *planta herbácea pertencente a algumas espécies de família das lináceas, fornece fibra para a indústria de tecidos.*

Lameiro do Lombo [22]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Lombo* (ver, *Lombo*).

Lameiro da Pereira [31] (cmp79)

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Pereira* (ver, *Pereira*).

Lameiro do Piriqueiro [28]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Piriqueiro*, de *pirica*; áspero como *lixa*.

Lameiro dos Espinheiros [2]

- *Lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Espinheiros*, pl. de *espinheiro*; *balsa*; *cambroeira*; *espinheira*; *sarça*; *planta da família das acácias*.

Lameiro dos Moinhos [28]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Moinhos*; ver, *moinhos*

Lameiro Grande [18;20] (cmp79)

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Grande* (ver, *Lameiras Grandes*).

Lameiro Novo [28]

- *Lameiro* (ver, *Lameiro*);
- *Novo* (ver, *Caminho Novo*).

Lameiro Rargado [2]

- *Lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Rargado*. Sem proposta.

Lameiro Redondo [18]

- *Lameiro* (ver, *Lameiros*);
- *Redondo* (ver, *Lameiras Redondas*).

Lameiros [12]

- Pl. de *lameiro*; *atoleiro*; *borraçal*; *brejo*; *ceno*; *enxurdeiro*; *lamaçal*; *lamarão*; *lameira*; *lodaçal*; *pântano*; *paul*; *prado*; *sapal*.

Lameirões [1;9;17]

- *Aumentativo de lameiro* (ver, *Lameiros*).

Lamela [20;23;32]

- *Pequena lamina*; *membrana muito delgada*, *lamina de vidro muito fina*.

Lamela de Cima [32]

- *Lamela* (ver, *Lamela*);
- *Cima* (ver, *Carva de Cima*).

Lamelas [1;5;6;11;18;20;28;34;36]

- Pl. de *lamela* (ver, *Lamela*).

Lamelinhas [4]

- *Diminutivo de lamelas (ver, Lamela).*

Lamelo [23]

- *Sem proposta.*

Lamigoeiro [3]

- *M.q. lamigueiro; lamagueiro; ulmeiro.*

Lampaças [5] (cmp91)

- *Lampaças; astúcia; labaça; lábia.*

Lâmpada [15] *

- *Archote; candeeiro; candeia; candil; facho; lampião; luz; luzeira.*

Lampibrio [14]

- *Sem proposta.*

Landim [16]

- *Indivíduo dos landins; língua dos landins; árvore gutífera do brasil; guanandi; vátua.*

Langueira [14]

- *Relativo a langue; abatido; debilitado; extremado; fraco; lânguido; mórbido; voluptuoso.*

Lãngo [12]

- *M.q. lanho; fenda; golpe; lardo; rasgão; talho.*

Lapondo ou Lafondo [3]

- *Lapondo, m.q. lapo; facada; fragmento; golpe; lanho; naco; pedaço.*

Laranja [21]

- *Alaranjado.*

Largarteira [19]

- *Relativo a largar, acto de largar; partida de um lugar; saída; chiste; soltar; deixar; abandonar; desamparar.*

Largo da Estação [20]

- *Largo; que tem bastante largura; praça; espaçoso; terreiro;*
- *Estação (ver, Estação).*

Largo da Vila [16]

- *Largo (ver, Largo da Estação);*
- *Vila; (ver, Fonte da Vila).*

Largo da Povoação [35]

- *Largo (ver, Largo da Estação);*
- *Povoação (ver, Povoação).*

Largo do Jogadouro [16]

- *Largo (ver, Largo da Estação);*
- *Jogadouro; articulação dos ossos; lugar ao ar livre onde se joga.*

Largo do Sr. dos Aflitos [3]

- *Largo (ver, Largo);*
- *Sr. dos aflitos; uma das figuras em que se representa Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Lastrão [6]

- *Aumentativo de lastrar; alastrar; encher; propagar-se*

Lastras [16;30] (cmp79/93)

- *Tomar firma pondo lastro; pôr lastro em; assento; balastro; base; estiva; fundamento.*

Latões(cmp63)

- *Latões: Late; Reg. Engenho de tirar água dos poços; cegonha; peça de tirar água.*

Lavadeira [1]

- *Lavadeira; pessoa que lava a roupa; nome de ave peralta da família dos caradrideos; ave da família dos motacilídeos; lavandisca; alvéola; arvéoloa; borrelho; fradinho; maçarico; pito; viúva.*

Lavor(cmp78)

- *“Esta palavra, que vem de labor, tinha, em outro tempo, mui diferente significado do que hoje tem. Tomava-se por qualquer obra em que os homens trabalhavam, fossem campos ou searas, fossem edifícios, casas, pontes, muros ou igrejas. Em documentos do século XIV e XV, se toma pela terra cultivada, sementeira, campo, lavradio e quaisquer outras propriedades em que os lavradores têm posto a sua indústria, suor e trabalho”. (Elucidário. p.360)*

Lega [36]

- *Ama; esposa; patroa.*

Leira [25]

- *Alforbe; belga; canteiro; charolada; courela; excentricidade; leira; mania; olga; tabuleiro; talho; telha; treita; viveiro.*

Leiras [6;12;15;33;38]

- *Pl. de leira; alfobre; almácego; belga; canteiro; courela; jeira; mania; olga; telha; treita; viveiro.*

Leiro [25]

- *Masc. de leira (ver, Leira).*

Lembedouro [35]

- *Relativo a lambedor; adulator; bajulador; lisonja; loque; xarope; lambedela; lambida; lambidela.*

Lentilhas [13]

- *Lentilhas pl. de lentilha; carbúnculo; gameta; lenticula; lentigem; lentilheira; par-da; sarda.*

Lentiscas [19]

- *Lentiscas m.q. lentisco; almecegueira; aroeira; aroeira-do-campo; daroeira; terebinto; lentisqueira; lentiscal.*

Limãos [26] (cmp78) ***

- *Topónimo referenciada na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico; arencim; limoeiro; ácido; azedo; peça de carro de bois onde se metem os foiceiros.*

Linhar [25;28] – *Termos de Gradíssimo e Latões; Vale de Prados e Vilar do Monte – freguesia*) – MAH, Tomo X, p.219.

- *Relativo a linhal; campo semeado de linho; de linho+ar.*

Linhar de Cima [26]

- *Linhar de linhal; campo semeado de linho;*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Linhares [2;15;18;20;24;34;36;38] (cmp64)

- *Pl. de linhar; (ver, Linhar de Cima).*

Linhares da Rua Travessa [32]

- *Linhares (ver, Linhar de Cima);*
- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Travessa: rua estreita e curta que estabelece ligação entre duas ruas principais.*

Linhares da Rua Travessa de Baixo [32]

- *Linhares (ver, Linhar de Cima);*
- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Travessa (ver, Linhares da Rua Travessa);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Linhares da Rua Travessa de Cima [32]

- *Linhares (ver, Linhar de Cima);*
- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Travessa; (ver, Linhares da Rua Travessa);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Linheiros [13] – MAH, Tomo X, p.219.

- *Pl. de linheiro; homem que prepara o linho para se fiar; negociante de linho.*

Lobagueira [8]

- *F. de labagueiro; abetarda.*

Lobo Cão [18]

- *Lobo; aldravelo; guará; lóbulu; penca; mamífero carnívoro da família dos canídeos.*
- *Cão: alvo; branco; cã; cachorro; canalha; perro; mamífero carnívoro da família dos canídeos.*

Lobos (Ribeira de) – *Nassce no termo de Corujas e desagua no Tua* – MAH, Tomo X, p.219

Lomba da Corna(cmp50)

- *Lomba: Cumeada de um monte ou de uma serra; pequena elevação a toda a largura de um caminho ou de estrada; encosta; médão;*
- *Corna: Espécie de meio bastião; colher feita de chifre de cabra; Reg. Chavelho de boi usado para conter líquidos; cornuda.*

Lomba do Caramanchão(cmp50)

- *Lomba: Cumeada de um monte ou de uma serra; pequena elevação a toda a largura de um caminho ou de estrada; encosta; médão;*
- *Caramanchão (ver; Caramanchão).*

Lombeiro [5]

- *Indolente; lombar; preguiçoso; diz-se do couro do lombo de certos animais.*

Lombeiro da Fonte [13]

- *Lombeiro (ver, Lombeiro);*
- *Fonte (ver, Fonte).*

Lombeiro dos Castelejos [13] *

- *Lombeiro (ver, Lombeiro);*
- *Castelejos pl. de castelejo (ver, Castelo).*

Lombo [19] (cmp77) – *Instituição de Morgadio dos marqueses de Távora em 10 junho 1536 – MAH, Tomo IV, p.374.*

- *Topónimo referente á freguesia de Macedo de Cavaleiros. (ver, Lombo).*

Lombo [2;3;7;17;29]

- *Parte carnuda pegada á espinha dorsal dos animais; dorso; costas; lombada; elevação; eminência; espáduas; espinhaço; força.*

Lombo da Eira [12]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Eira (ver, Eira do Concelho).*

Lombo da Vinha [12]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Vinha (ver, Detrás das Vinhas).*

Lombo das Figueiras [36]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Figueiras (ver, Figueiro).*

Lombo de Boi [36]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Boi: nome vulgar de várias raças domésticas de um ruminante da família dos bovinos.*

Lombo de Freixedo [25]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Freixedo (ver, Freixeira).*

Lombo do Coelho [23]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Coelho: mamífero roedor da família dos Leporídeos.*

Lombo do Jorge [36]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Jorge. Nome de Pessoa.*

Lombo do Pereiro [22]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Pereiro (ver, Pereiro).*

Lombo do Pinheiro [5;13]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Pinheiro (ver, Cabeço do Pinheiro).*

Lombo do Pisão [14] *

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Pisão; pinçote; pisador; máquina para pisoar os panos.*

Lombo do Prado [25]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Prado (ver, Prado).*

Lombo do Rebôlo [6]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Rebôlo; pequena mó que gira em torno de um eixo e serve para amolar objectos cortantes; pedra redonda; castanheiro bravo; bravio; calhau; seixo.*

Lombo do Vale [8]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Vale (ver, Boca do Vale).*

Lombo dos Pojos(cmp94)

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Pojos: lugar de desembarque; poial para pousar fardos.*

Lombo Travesso [3]

- *Lombo (ver, Lombo);*
- *Travesso; atravessado; colateral; contrário; enviesado; lateral; oblíquo; oposto; transversal.*

Longas [27]

- *Pl. de longa; alongado; comprido; dilatado; estendido; longas; longo.*

Lourencinhas [13]

- *Sem proposta.*

Lugar da Cruz [15]

- *Lugar; espaço ocupado por um corpo; sítio; local; posição; ordem;*
- *Cruz (ver, Cruz).*

Lugar da Escrita [22] *

- *Lugar (ver, Lugar);*
- *Escrita: caligrafia; contabilidade; cópia; escritos; escrituração; letra.*

Lugar da Ribeirinha [34]

- *Lugar (ver, Lugar);*
- *Ribeirinha (ver, Ribeira).*

Lugar das Eiras [18]

- *Lugar (ver, Lugar da Cruz);*
- *Eira (ver, Eiras do Concelho).*

Lugar de Barreiros [26]

- *Lugar (ver, Lugar da Cruz);*
- *Barreiros (ver, Barreiro).*

Lugar de Carris [21]

- *Lugar (ver, Lugar da Cruz);*
- *Carris (ver, Carril).*

Lugar do Castelo [19] *

- *Lugar (ver, Lugar da Cruz);*
- *Castelo (ver, Castelo).*

Lugar do Cuco [21]

- *Lugar (ver, Lugar da Cruz);*
- *Cuco; ave trepadora da família dos cuculídeos; coitadinho; coque; cornudo; cozinheiro; mocho; polícia.*

Luiza [1]

- *(ver, Luzio).*

Luria (cmp92)

- *Lúria: Reg. Corda com que aperta a carga do carro de bois; loro.*

Lusia [24]

- *M.q. luzia (ver, Luzio).*

Luzio [22] **

- *topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico;*
- *Luzio: lúcido; cocante; lampião; olhar; olho; visita.*

Luzias [22] **

- *(ver, Luzio).*

LETRA “M”**Maçaera [33]**

- *Corrup. (ver, Maçaira).*

Maçaira [17;38]

- *Corrup. m.q. masseira; tabuleiro onde se amassa a farinha para o fabrico de pão; qualquer recipiente semelhante (de boca e fundo rectangular, este mais pequeno que aquela); calha que recebe a água dos alcatruzes da nora.*

Macareu [16]

- *Onda de maré formada pelas grandes massas de água acumuladas na preia-mar á entrada de certos estuários; macaréu.*

Macaroço [16]

- *Sing. de maçarocos; molhos de linho seco, depois de sacudidos e tirada a semente.*

Macedo (cmp78/64)

- *Macedo: Nome relativo à cidade de Macedo de Cavaleiros; casta de uva branca; etimologicamente de origem obscura; cf. Obs. em affonsa.*

Macêdo [3]

- *Relativo á cidade de Macedo de Cavaleiros, sede de concelho.*

Macedo de Baixo [25]

- *Macedo: relativo á cidade e sede do Concelho do Nordeste transmontano;*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

MACEDO DE CAVALEIROS [20]

- *Topónimo referente á freguesia e sede de Concelho do Nordeste transmontano:*
- *Para Pinho Leal; o topónimo Macedo, é um apelido nobre em Portugal, vindo de Espanha... trouxe-o D. Álvaro Gil de Macedo, que se julga deu o seu apelido por nome a esta vila, de que foi senhor donatário e onde teve solar.*
- *Também foi em Macedo de Cavaleiros que teve solar e morgado os Teixeira de Macedo.*
- *Para [pires; 26 notas] refere que Macedo de Cavaleiros, fazia parte das terras de Lampaças, com o topónimo de Massaedo ou Maçaedo. Nas inquirições de D. Afonso III, aparece com o topónimo de Maçaedo.*
- *O Guia de Portugal, avança com outra proposta sobre a origem do topónimo Macedo de Cavaleiros, mas também a partir das informações retiradas das leituras ás inquirições de Afonso III, assim; a p.878 a 880, lê-se, comprova-se por alguns documentos a sua remota existência já no século XII esse obscuro lugar é apontado como fazendo parte da chamada “Terra de Lampaças”, que D. Sancho I, não se sabe porque motivo extinguiu, nesse tempo o topónimo era Massaedo ou Maçaedo. O possessivo “de Cavaleiros” provém segundo se presume, do facto da aldeola rodeada de agros férteis, haver pertencido, pelo que se diz nas inquirições de D. Afonso III a um cavaleiro de Chacim, um tal D. Nuno Martins, da estirpe dos Braganços e a um outro ainda, de nome Mendes Gonçalves. Nas referidas Inquirições se acrescenta que tal posse constituía uma usurpação acentuando-se que esses fidalgos tinham “filhado” e não recebido por doação ou favor régio, os foros e as rendas de Vilar de Maçaedo.*

Macedo de Cima [25]

- *Macedo: relativo á cidade e sede do Concelho do Nordeste transmontano;*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Machada [30]

- *Machada; Machado pequeno e de cabo curto; instrumento cortante formado por uma cunha de ferro afiada e fixa a um cabo.*

Machadinhas [32]

- *Diminutivo de machada (ver, Machada).*

Maciedo/Maceddo; Maceda – *Termo Godesende – Freguesia de Macedo); termos de Ala e Portela – MAH, Tomo X, p.220.*

Macieira [9]

- *Árvore da família das rosáceas que produz fruto (maça); maçazeira; mançaneira; maceira.*

Maçouras, Maçores – *Termos de Lamalonga – MAH, Tomo X, p.220.*

Madalena (cmp63)

- *Madalena: nome de pessoa; mulher chorosa e triste; pecadora; arrependida.*

Madorra (cmp77)

- *Madorra: m.q. modorra; montão de pedras miúdas; túmulo romano.*

Madôrra [15] ***

- *M.q. madorra; montão de pedras miúdas; túmulo romano; anta; topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, como de interesse arqueológico nesta freguesia. Também referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, retirando da base de dados a seguinte informação:*
 - *Designação: Madorra/Estação de Grijó.*
 - *Tipo de sítio: Indeterminado*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17276.*
 - *Localização: Grijó de Vale Benfeito.*
 - *Descrição: A bibliografia refere a existência de um sítio arqueológico de época romana, assinalado por uma dispersão pouco extensa de tégulas e cerâmica comum, perto da estação de caminho de ferro de Grijó, na vertente Sul do cabeço da Madorra.*
 - *Prospectamos a zona indicada, que se encontra ocupada por um olival, e não encontramos vestígios deste sítio. Na mesma zona encontra-se as obras de construção do novo troço do IP2, sendo possível que estas tenham destruído o sítio, mas tal não vem assinalado no acompanhamento arqueológico que foi feito a esta obra. Por outro lado, as coordenadas apontadas por Sande Lemos colocam o sítio fora do alcance das obras, se bem que imediatamente ao lado.*

Madorra [32] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*

Madruga [3]

- *Acto ou efeito de madrugar; amanhecer; matinar; antecipar-se.*

Madruginha de Baixo [4]

- *Madruginha. Sem proposta;*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Madruginha de Cima [4]

- *Madruginha. Sem proposta;*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Maia [22]

- *Giesta de flor amarela que floresce em princípios de maio, como que continua a anunciar a chegada desse mês.*

Maias [22]

- *Pl. de maia (ver, Maia).*

Malbarato [23]

- *Mal: tudo o que prejudica, fere ou incomoda; aquilo que é contrário a bem.*
- *Barato; que custa pouco dinheiro; que se vende por preço baixo; fácil de conseguir favor; facilidade.*

Malhada [26;31;38]

- *Acto ou efeito de malhar, pancada com malho; lugar onde se malha; trabalho de malhar cereais executado por um grupo de pessoas.*

Malhada da Burra [12]

- *Malhada (ver, Malhada);*
- *Burra; fêmea do burro; jumenta; cavalete usado pelos serradores de madeira; dispositivo simples que serve para tirar água dos poços.*

Malhadas [26;28;31] – *Termo de Lamas de Podence – MAH, Tomo X, p.221.*

- *Pl. de malhada (ver, Malhada).*

Malhada Velha – *Termo de Vilar de Ouro e Edrosa? – MAH, Tomo X, p.22.*

Malhadas de Baixo [38]

- *Malhadas (ver, Malhadas);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Malhadas (Vale das) – *Termo de Limão – MAH, Tomo X, p.221.*

Malhadinha [29]

- *Diminutivo de malhada (ver, Malhada).*

Malhadinhas – *Termos de Burga e Chacim – MAH, Tomo X, p.221.*

Manheiro – *Termo do Lombo, freguesia – MAH, Tomo X, p.222.*

Malôfo [17]

- *Corrup. de balofo; volumoso, mas sem consistência; fofo; mole; superficial; que aparenta mais do que vale; gordo.*

Malta (cmp78)

- *Malta: conjunto de pessoas de baixa extracção social; escória; ralé; bando; súcia; antiga ordem religiosa; cimento usado pelos antigos para emboçar as muralhas e que consistia numa mistura de pez, cera, gesso e gordura.*

Malveira (cmp92)

- *Sem proposta.*

Mandriana (cmp93)

- *Mandriana: Mandrianar; mandriar; levar vida de mandrião; viver ociosamente; preguiçar.*

Manfroia [21]

- *Sem proposta.*

Manga [4;15] (cmp78)

- *Parte de uma peça de vestuário que cobre o braço; agulhão; ambó; choca; inverno; magote; multidão; rancho; redoma; turba; turma.*

Manga de Pereiro [4]

- *Manga (ver, Manga);*
- *Pereiro; árvore de fruto da família das rosáceas.*

Mangas [38]

- *Pl. de manga (ver, Manga).*

Manguinha [38] (cmp78)

- *Diminutivo de manga (ver, Manga).*

Manguinhas [26]

- *Pl. de manguinhas e diminutivo de mangas (ver, Mangas).*

Manheiro [19]

- *Birrento; caprichoso; demorado; impertinente; intrincando; manheirente; manhoso; teimoso.*

Manja [7]

- *Alimento; comida; pasto; pechincha; refeição; sinecura.*

Manteira – *Termo de Lagoa* – MAH, Tomo X, p.222.

Manuela [16]

- *Nome de Pessoa.*

Manuelino [21]

- *Relativo a D. Manuel I (1469/1521) ou á sua época; estilo arquitectónico Português, que é uma aplicação ao gótico florido, da flora e da fauna.*

Mão Fróia (cmp79)

- *Mão: órgão da extremidade dos membros superiores do homem, que serve especialmente para a preensão;*
- *Fróia. Sem proposta.*

Marçano [28]

- *Aprendiz de caixeiro.*

Marco [2;3;6;10;28;32;34;35] (cmp78)

- *Alveiro; baliza; capacidade; demarcação; divisa; extrema; fito; fronteira; limite; malhão; meta; padrão; posta; termo.*

Marco Negro (cmp78)

- *Marco (ver, Marco);*
- *Negro (ver, Negro).*

Marialbeques [29]

- *De Maria+ Albeques: Maria; nome de pessoa. Albeques, de albeicas, (do latim Albêdo), brancura; alvura.*

Maria Afonso [21] (cmp79)

- *Nome de Pessoa.*

Maria Leda [3]

- *Nome de Pessoa.*

Marmeirais (cmp64)

- *Sem proposta.*

Marmeleiro [31]

- *Árvore de fruto da família das rosáceas muito cultivada em Portugal. Produz fruto (marmelo); varapau feito dessa árvore; cajado.*

Marmeleiros [30]

- *Pl. de marmeleiro (ver, Marmeleiro).*

Marmerais [18;33]

- *Relativo a marmoreira; pedreira de mármore.*

Marmorim – *Freguesia de Macedo de Cavaleiros – MAH, Tomo X, p.222.*

Marmoris [23]

- *Relativo a mármore (ver, Marmerais).*

Marrama [12]

- *Relativo a marrano; porco; suíno; designação que se dava aos Judeus e Mouros que viviam em Portugal; sujo; maldito; excomungado.*

Marra [23] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da base de dados extraiu-se as seguintes informações:*
 - *Designação: Marra 1 de Malta.*
 - *Tipo de sítio: Outros.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS 17272.*
 - *Localização: Olmos.*
 - *Descrição: Marra com a “cruz de Malta” esculpida em alto-relevo de um lado, e em baixo relevo do outro. Este marco poderá remontar à época medieval, altura em que foi delimitado pela primeira vez o termo da antiga aldeia de malta.*
 - *Designação: Marra 2 de malta.*
 - *Tipo de sítio: Outros.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17273.*
 - *Localização: Olmos.*
 - *Descrição: Marra com a “cruz de malta” Este marco poderá remontar à época medieval, altura em que foi delimitada pela primeira vez o termo da antiga aldeia de Malta.*

Marra de Vale Prados [34] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Marra de Vale de Prados.*
 - *Tipo de sítio: Outros.*
 - *Período: Moderno.*
 - *CNS: 17263.*
 - *Localização: Vale de Prados.*
 - *Descrição: Pequena marra granítica, que faz a separação dos termos de Vale de Prados e Macedo de Cavaleiros. Encontra-se ligeiramente deslocada da sua localização original. Uma das faces encontra-se gravada com diversos sinais.*

Marras [17;36] *

- *Pl. de marra; sacho para mondar; valeta ao lado do caminho; clareira em vinhedos ou olivais; grande maço de ferro para quebrar pedra.*

Marros [17]

- *(ver, Marras).*

Martim Calvão [4]

- *Nome de Pessoa.*

Martinjis [14]

- *Relativo a martim-gil; variedade de maça.*

Martins [19]

- *Nome de Pessoa.*

Masteiro [26]

- *Relativo a mástica; resina.*

Mata Filhas [8]

- *Mata; acto ou efeito de matar;*
- *Filhas; indivíduos de sexo feminino em relação aos seus pais.*

Matalagana [30]

- *Sem proposta.*

Mato (cmp92)

- *Mato (ver, Matos).*

Matos [16]

- *Nome de pessoa; pl de mato; terreno inculto coberto de plantas agrestes; charne-ca; brenha; tojo; bosque; abrolhos; matagal; roça; urze.*

Matosinhos [28]

- *Nome de cidade do norte de Portugal; diminutivo de matos; brenhoso; silvestre; (ver, Matos).*

Meadela [18]

- *Relativo a meadade; metade, doc. de 1301, também se escreve meydade, ou de meado, ainda hoje se diz em algumas partes; pam meado; pam traçado, doc. de S. Pedro das águias do século XV. (Eluc.)*

Meadelo (cmp64) – Termo de Lamas – MAH, Tomo X, p.223.

- *Meadelo (ver, Meadela).*

Mêda/Meda [32] * – Termo de Corujas – MAH, Tomo X, p.223.**

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.277), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Mêda.*
 - *Tipo de sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17278.*
 - *Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: Este sítio situa-se numa encosta de vertentes suaves, sobre o regato de Roubães, perto da confluência deste com a ribeira de Mêda, numa zona de excelentes e profundos solos agrícolas. Uma recente surriba para plantação de vinha colocou a descoberto grandes quantidades de materiais arqueológicos, dos quais alguns mais importantes se encontram guardados na casa do proprietário do terreno, em Grijó de Vale Benfeito. Para além de grandes quantidades de tégula e cerâmica comum, aparece escória de ferro, uma grande quantidade de mós circulares, pelo menos três machados de pedra polida, alguns seixos com uma face desgastada e polida, provavelmente amoladores ou afiadores,*

um pequeno vaso inteiro de cerâmica comum romana, e destacando-se uma colecção de cerca de quarenta pesos de tear., de diferentes tipologias, todos aparecidos na mesma zona do terreno, segundo informação do proprietário. É difícil aferir o estado de conservação deste sítio, pois se a recente surribo certamente teve o efeito negativo, não se observam à superfície muitas pedras que indicassem a destruição avultada de estruturas.

- *É de salientar, no entanto que o proprietário guarda em sua casa uma grande soleira de porta, em granito, que foi arrancada pelo arado. A dispersão e a quantidade dos materiais deixam adivinhar um sítio com alguma importância, provavelmente uma vila, sendo de destacar a variedade dos materiais, indicativos da existência de várias actividades artesanais e oficinais.*

Meão (cmp64)

- *Meão; que está ao meio; em posição intermediária; mediano; médio; comum; me-diocre; peça central do tampo da vasilha; peça maciça no centro das rodas dos carros de bois.*

Meiral [2;22]

- *Sem proposta.*

Meirinhas [21]

- *fem. e pl. de meirinho; aguazil; beleguim; alcaide; escora; estaca; citote; esbirro; galfarro; diz-se do gado lanígero que de verão pasta nas montanhas e no inverno na planície; magistrado que governava uma comarca; oficial de diligências.*

Meio da Quinta [21]

- *Meio; ponto equidistante das extremidades;*
- *Quinta (ver, Centro da Quinta).*

Meio do Povo [17;26;25;32;33;38]

- *Meio (ver, Meio da Quinta);*
- *Povo (ver, Beira do Povo).*

Melão [38]

- *Fruto (pepónio) do meloeiro, de forma oval, com casca esverdeada ou amarela e polpa doce e succulenta.*

Meles (cmp63)

- *Meles; localidade pertencente à freguesia de Ala, Concelho de Macedo de Cavaleiros; Pl. de mel; doçura; suavidade; adular.*

Melôa [6]

- *M.q. meloa; fruto com forma de melão, muito doce, proveniente das últimas flores do meloeiro; cabeça.*

Meranços [20]

- *Relativo a mera; lama; lameiro (ver, Barroso).*

Mercadores [21]

- *Pl. de mercador; aquele que compra para revender; negociante; chatim; comerciante; dardanário; marcante; mercante.*

Merouços [20]

- *Pl. de merouço; medoucha; medouço; merouço; porção de excremento humano.*

Midoleiro [13]

- *Sem proposta.*

Midouros – *Termo de Espadanedo – Freguesia Carvalho – MAH, Tomo X, p.224.*

Migradeira [8]

- *Relativo a migração; acto de migrar; deslocação de populações de uma região para outra; conjunto de viagens periódicas que fazem certas espécies de animais.*

Milhara [17]

- *Papas de farinha de milho fervidas com leite.*

Milharada [21;28] (cmp77)

- *Relativo a milheiral; grande quantidade de milho.*

Milharadas – *Termo Santa Combinha – MAH, Tomo X, p.224.*

Mina [8;30;33]

- *Jazigo; manancial; meretriz; minestra; nascente; preciosidade; tesouro.*

Minas do Muro (cmp49)

- *Minas: Pl. de Mina (ver, Mina);*
- *Muro (ver, Muro).*

Minhoteira [19]

- *Fem. de minhoteiro; minhoto; tb, milhafre; milhano; papa-pintos; pica-milhos.*

Mioqueira [30]

- *Relativo a mioto (ver, Miotos).*

Mioteira [31] (cmp79)

- *Relativo a miotos (ver, Miotos).*

Miotos [11]

- *Pl. de mioto; francelho; milhafre; milhano.*

Miradouro [5; (21)] **

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.355) como de interesse arqueológico.*
- *Belvedere; mirador; mirante; lugar elevado donde se avista um horizonte.*

Mismil [34] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico*

Mixadouro [1] – MAH, Tomo X, p.224.

- *Relativo a mixa; apoucado; enfexado; insignificante; ordinário; pequeno; pouco, ruim; sensorão.*

Mocho [35] (cmp78) ***

- *Ave de rapina nocturna da família dos Estrigídeos, também denominada, toupei-rão; galhofa; chio; bufo; mocho-real, ujo;*
- *Neste topónimo situa-se um arqueosítio também conhecido pela fraga dos corvos (ver), tendo sido intervencionado no âmbito do projecto de investigação “Terras Quentes” em Setembro de 2003 (primeira campanha), com os seguintes resultados: Foi possível identificar dois fundos de cabana com pisos de argila e “buracos*

de poste” que sustentariam as ramagens e barro utilizados na sua construção, foi possível ainda proceder à limpeza e levantamento de alçados e plantas de dois abrigos existentes no local. Os materiais recolhidos “in situ” bem como os recuperados na posse de populares permitem identificar os níveis e estruturas preservados e identificados como pertencentes a uma ocupação de Primeira Idade do Bronze (c. 2300-1250 cal a.C.).

Modorra [15] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, como de interesse arqueológico; situado na extrema no termo de Grijó e Vale Benfeito é conhecido pelos habitantes desta localidade por Mêda.*

Mogirão [14] (cmp63) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Desta base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Mogirão/Caúinha.*
 - *Tipo de sítio: Povoado fortificado.*
 - *Período: Idade do Ferro.*
 - *CNS2004.*
 - *Localização: Ferreira.*
 - *Descrição: Povoado fortificado situado no topo do monte isolado da Caúinha, apresentando razoáveis condições defensivas e uma excelente implantação estratégica, tendo um amplo controlo visual a toda a volta. O povoado encontra-se quase totalmente destruído pela extracção de pedra, que lhe retirou quase toda a estratigrafia arqueológica até à rocha base em praticamente todo o seu interior. A bibliografia refere a existência de uma única linha de muralha, da qual resta um pequeno troço, ainda parcialmente intacto, do lado Norte. Do que resta deste troço, é possível inferir que se trataria, provavelmente, de um povoado de médias/grandes dimensões. Não se encontraram materiais de superfície, mas tudo indica que se trataria de um povoado da Idade do Ferro, havendo a referência bibliográfica de que não se registariam vestígios de romanização.*

Moinho [2;29]

- *Atafona; azenha; comilão; lagar; moenda; moleira; ninho.*

Moinho do Bento [29]

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Bento; nome de pessoa; benzido; consagrado; frade da ordem de S. Bento.*

Moinho do Cubo [28]

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Cubo (ver, cubo).*

Moinho do Ralo [31]

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Ralo: fundo do crivo ou da peneira; lâmina crivada de orifícios para coar a água ou outros líquidos; peça com buracos que se adapta a uma porta para deixar entrar o ar e deixar ver para fora; insecto ortóptero, muito nocivo da família dos grilídeos.*

Moinho do Pisão (cmp64)

- *Moinho (ver, Moinho);*

- *Pisão (ver, Pisão).*

Moinho Penedo [7]

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Penedo; cachopo; calhau; fraga; lancho; leixão; óbice; penha; penhasco; recife; roca; rocha; rochedo.*

Moinho do Regedouro (cmp64)

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Regedouro: m.q. regedor; que rege; antiga autoridade administrativa de uma freguesia.*

Moinho Velho [28]

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Velho (ver, Caminho Velho).*

Moinhos [3;29;36]

- *Pl. de moinho (ver, Moinho).*

Moinhos de Banreses [33]

- *Pl. de moinho (ver, Moinho);*
- *Banreses; antiga povoação pertencente á freguesia de Vale da Porca e já extinta.*

Moinho Novo [13] (cmp64)

- *Moinho (ver, Moinho);*
- *Novo: que tem pouca idade, jovem; moço, recente, moderno.*

Moinhos Velhos [6]

- *Moinhos: Pl. de moinho (ver, Moinho);*
- *Velhos (ver, aminho Velho).*

Moita [35]

- *Mata espessa de plantas de pouca altura; conjunto de castanheiros novos que nasceram juntos, maciço; tufo.*

Moleira (cmp92)

- *Moleira: dona de um moinha; mulher do moleiro; mulher que se ocupa em trabalhos de moagem; porção membranosa entre alguns ossos do crânio de bastantes animais, antes de atingir a completa ossificação.*

Montã [6]

- *M.q. monta; quinhão; sorte; porção que cabe a cada um dos herdeiros “das montas susoditas devem os herdeiros a Gil...” doc. de pendorada de 1362.*

Monte [17]

- *Acervo; elevação de terreno acima do solo circunjacente menos extensa e menos alto do que a montanha.*

Monte da Quinta [21]

- *Monte (ver, Monte);*
- *Quinta (ver, Centro da Quinta).*

Monte das Pereiras (cmp92)

- *Monte (ver, Monte);*

- *Pereiras (ver, Pereira).*

Monte de S. Gregório [38] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como sítio de interessa arqueológico.*

Monte do Cabeço [3]

- *Monte (ver, Monte);*
- *Cabeço (ver, Cabeço).*

Monte do Carvão [8] (cmp78)

- *Monte (ver, Monte);*
- *Carvão; substância animal, vegetal ou mineral obtida por meio de combustão incompleta (viva ou lenta) ou por destilação seca de matéria orgânica.*

Monte do Concelho [3]

- *Monte (ver, Monte);*
- *Concelho; subdivisão do território sob administração de um Presidente da Câmara.*

Monte Grande [19]

- *Monte (ver, Monte);*
- *Grande (ver, Lameiros Grandes).*

Montinhos (cmp77)

- *Montinhos; diminutivo de montes (ver, Monte).*

Moradelhas [37]

- *Diminutivo de moradia; lugar onde se mora; domicílio; casa de habitação; lugar onde uma coisa ou animal está habitualmente.*

MORAIS [21] (cmp79)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Medida de capacidade na Índia; mês do calendário árabe, correspondendo a Agosto.*

Moral [18] (cmp64)

- *Conjunto dos costumes e opiniões de um indivíduo ou de um grupo social respeitante a comportamento; doutrina; decente; ético; honestidade.*

Moredo [25]

- *Corrup de moreto; variedade de uva preta.*

Moreira (cmp92)

- *Moreira (ver, Moreira da Mula).*

Moreira da Mula [18]

- *Moreira: amoreira; amoreira; tatajuba.*
- *Mula; fêmea de mulo, monte de sal; manhosa; esperta; teimoso; asna; azémola; muar.*

Moreirão [34]

- *Aumentativo de moreira (ver, Moreira da Mula).*

Moreiras [17] (cmp78)

- *Pl. de moreira (ver, Moreira da Mula).*

Moreirinha [10;12;23] (cmp77)

- *Diminutivo de moreira (ver, Moreira da Mula).*

Moreirinhas [1;11] – Termo de Valdres e Bornes – MAH, Tomo X, p.225/6.

- *Diminutivo de moreiras (ver, Moreira da Mula).*

Moreiral – Termo de Castelãos – MAH, Tomo X, p.225/226 .

Moreirinha – Termo de Ferreira, Malta e Edroso – MAH, Tomo X, p.225/226.

Morgadio [10]

- *Morgadia; morgado; qualidade de morgado; classe dos morgados, vínculo indivisível e inalienável que se transmitia numa família de primogénito em primogénito, mas em linha recta varonil.*

Morgado (cmp) 77

- *Morgado: (ver, Morgadio).*

Morlório [6]

- *Relativo a morelos (ver, Murelinhos).*

Morta (mulher) – Termo de Vale Benfeito e Vilarinho do Monte – MAH, Tomo X, p.226.

Morto (Homem) – Termo de Lombo – MAH, Tomo X, p.226.

Mortório [7]

- *Cortejo fúnebre; funeral; sítio da seara onde a sementeira não germinou, terreno estéril.*

Mortinho (cmp78)

- *Mortinho: diminutivo de morto (ver, Mulher Morta).*

Mós (Lameiro de) – Termo de Brinços – MAH, Tomo X, p.226.

Mosca – Termos de Castelãos e Gradíssimo – MAH, Tomo X, p.226.

Mosqueiro [2;8;13;36] – MAH, Tomo X, p.226.

- *Casa; espelunca; frege; mosquedo; negrilho; olmeiro; tasca; ulmeiro; lugar inçado de moscas.*

Mosteirinho (cmp50)

- *Mosteirinho: diminutivo de Mosteiro (ver, Mosteiro).*

Mosteiro [30] (cmp78)

- *Casa onde vivem em comunidade, religiosos ou religiosas; convento.*

Mouco [5]

- *Aquele que ouve pouco ou nada, surdo, calmo, maluco, parvo.*

Mouço [30]

- *Corrup. de moço: que está em idade juvenil; jovem; inexperiente; imprudente; (reg.) criado da lavoura.*

Mouços [30]

- *Pl. de mouços (ver, Mouço).*

Mouque/Mouco – Termo de Bornes – MAH, Tomo X, p.226.

Moura (Cortinha da) – *Termo de Nogueirinha* – MAH, Tomo X, p.227.

Moura, (Fonte da) Termo – *Termo de Vale Benfeito* – MAH, Tomo X, p.227.

Moura (Urreta da) – *Termo de Vale da Porca* – MAH, Tomo X, p.227.

Moura (Vale da) – *Termo Santa Combinha* – MAH, Tomo X, p.227.

Moural [5]

- *Relativo a mourão; planta da família das brassicáceas vulgar em Portugal nos campos cultivados; cada uma das varas grossas em que se apoia as estacas; estaca para imparar videiras.*

Mourel [5; 32] ***

- *Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol., X, p.276) e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, existente na freguesia de Vale Benfeito. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Mourel*
 - *Tipo de sítio: Indeterminado.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17266.*
 - *Descrição: Este sítio localiza-se numa zona aplanada, de campos agrícolas férteis, com várias linhas de água. Aqui refere-se a existência de uma pequena povoação moderna, extinta no século XVII. O abade de Baçal indica ainda o aparecimento de uma telha de rebordo, surgida numa linha de água que atravessa o local. A nossa visita foi inconclusiva, mas a prospecção foi dificultada pelo muito mato que cobre parte da zona do topónimo Mourel. A referência bibliográfica será fidedigna.*

Mourelho (cmp91)

- *Sem proposta.*

Mouriscas – *Termo Soutelo Mourisco* – MAH, Tomo X, p.227.

Mourisqueira [26] *

- *Relativo aos mouros; árabe; infiel; islamita; mauritano; mauro; muçulmano; pagão; serraceno.*

Mourisqueiro (cmp64)

- *Mourisqueiro (ver, Mourisqueira).*

Mouros (Pia dos) – *Termo Ala* – MAH, Tomo X, p.227.

Mouros (Fornos dos) – *Termos de Valdrez e Castelãos* – MAH, Tomo X, p.227.

Mouros (Vila dos) – *Termo Espadanedo* – MAH, Tomo X, p.227.

Mouros (Cabeço dos) – *Termo de Murçós* – MAH, Tomo X, p.227.

Mouros (Forno dos) – *Termo Talhinhas* – MAH, Tomo X, p.227.

Moutados Freixos [33]

- *Moutados, m.q. mouta; moita, mata espessa de plantas de pouca altura;*
- *Freixos; planta arbórea da família das fraxináceas (ou oleáceas).*

Moutinho [33]

- *Diminutivo e corruptela de mota “toma-se hoje por açude ou levada de água que se forma de torrões, faxinas ou pedras”, doc. Vairão de 1280, (Eluc).*

Moutinhos [32]

- *Pl. de moutinho (ver, Moutinho).*

Muar [6;10] (cmp77)

- *Macho; um; mula; que é da raça dos mus; animal híbrido de burro e égua ou de cavalo e burra.*

Mudura21] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.570), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais, diz o autor, ser um topónimo equivalente a Anta.*

Mulher Morta [5;8;32] (cmp64/78)

- *Mulher; pessoa adulta do sexo feminino;*
- *Morta; acto ou efeito de morrer, termo da existência.*

Murços [22] (cmp49)

- *Topónimo referente á freguesia de Macedo de Cavaleiros; sem proposta de sinonímia.*

Murelinhos [23]

- *Corrup. de morelos; de moreia; conjunto de molhos de trigo ou outro cereal qualquer dispostos em montão em forma cónica; mêda; (reg.) pilha de mato que se deixa no campo no Inverno e se queima no verão, para adubo da terra.*

Múrias [21]

- *Pl. de múria; salmoura feita do pingo do atum; água que fica depois da cristalização do sal.*

Muro [3;7;19;22;25;30;32;34] (cmp78/79/92)

- *Obra geralmente de alvenaria que cerca um terreno; parede; muralha; sebe; tapamento; resguardo.*

Muros [3;21] (cmp78)

- *Pl. de muro (ver, Muro).*

Murouços (cmp78)

- *Sem proposta.*

Murrias [21] – Termo de Sobreda – MAH, Tomo X, p.227.

- *Pl. de murias (ver, Múrias).*

Musgal (cmp64)

- *Musgal: Musgar; Reg. Queimar o pêlo do porco, depois de morto; chauscar.*

LETRA “N”**Nabainhos [21]**

- *Diminutivo de nabal; terreno semeado de nabos.*

Nabalhos [30]

- *Relativo a nabos (ver, Nabainhos).*

Nabalhos de Don Diego [30]

- *Nabalhos (ver, Nabainhos);*
- *Don Diego. Nome de Pessoa.*

Nacarelo – *Termo de Talhas – MAH, Tomo X, p.229.*

Nabalinhos [16]

- *Relativo a nabos (ver, Nabainhos).*

Nacarelos [30]

- *Relativo a nacarar; rosar; ruborizar.*

Narze [36] *MAH, Tomo X, p.229.*

- *Sem proposta.*

Nascente [6]

- *Que nasce; que começa a aparecer; sol., que começa a surgir no horizonte; lado onde o sol nasce.*

Navalha (do carro) e Navalhais – *Ambas no termo de Talhinhos – MAH, Tomo X, p.230.*

Navainho/Naveinho – *Termo de Gradíssimo – MAH, Tomo X, p.229.*

Navalhas [24]

- *Instrumento cortante constituído por um cabo com uma fenda longitudinal em que se pode resguardar a lâmina; objecto cortante; frio intenso; pessoa de má-língua.*

Navalho [6;8;31]

- *M.q. navalhão; pedaço de terreno húmido entre as searas que se não cultiva para que dê erva.*

Navalho do Cão [8]

- *Navalho (ver, Navalho);*
- *Cão; mamífero carnívoro da família dos canídeos.*

Navalhos [15;23;24] (cmp64/79/92)

- *Pl. de navalho (ver, Navalho).*

Navalhós de Cima [38]

- *Navalhós: corrup. de navalhos (ver, Navalho);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Navalhos de D. Diego (cmp79)

- *Navalhos (ver, Navalho);*
- *D. Diego. Nome de Pessoa.*

Navalinha – *Termo de Lagoa – MAH, Tomo X, p.230.*

Navainhos [35] (cmp78)

- *Pl. e diminutivo de nava; planície; planura; vale.*

Navareja – *Freguesia de Ferreira – MAH, Tomo X, p.230.*

Necado [38]

- *Relativo a neca; coisa nenhuma; nada; não.*

Negacia [6]

- *Engodo, negaça; povoação.*

Negreda (cmp50)

- *Negreda: muito escuro; muito negro; funesto; detestável.*

Negro [16]

- *Preto; que tem cor muito escura; escurecido; sujo; sombrio; lúgubre; triste; funesto.*

Névada (Urreta da) – *Termo de Castelãos – MAH, Tomo X, p.230.*

Ninharias [24]

- *Pl. de ninharia; coisa ou dito de pouco valor; quantia muito pequena; bagatela; insignificância.*

Nilgas – *Termo de Penhas Juntas – MAH 230.*

Ninho da Corva [31]

- *Ninho (ver, Ninho do Açor);*
- *Corva: fêmea do corvo, pássaro da família dos Corvídeos, de bico e plumagem negra, também conhecidos por gralha e grelha; mulher má e gritadeira.*

Ninho do Açor [1]

- *Ninho; pequena construção feita pelas aves com penas, palhas, fios etc. abrigo; esconderijo; cama; leito;*
- *Açor; ave de rapina diurna da família dos accipitrídeos.*

Nogueira [1;10;21]

- *Árvore da família das juglandáceas, com tronco robusto, copa ampla, folhas pontiagudas e aromáticas, produz frutos comestíveis (nozes).*

Nogueirinha [13;19] (cmp64)

- *Diminutivo de noqueira (ver, Nogueira).*

Nogueirinhas [4;25]

- *Pl. de noqueirinha (ver, Nogueira).*

Nora [9;17;20]

- *Estanca-rios; genra; nória; sarilho; esposa do filho relativamente aos pais; engenho de tirar água de poços e cisternas.*

Noria [33]

- *Sem proposta.*

Noselos (cmp49)

- *Noselos: Corrup. de Nozelos; antiga freguesia e Concelho, hoje localidade pertencente à Freguesia de Arcas e ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Nossa Senhora da Piedade (cmp49)

- *Nossa Senhora: Virgem Maria;*
- *Piedade: compaixão; dó; misericórdia.*

Nossa Senhora do Arnal (cmp49)

- *Nossa Senhora (ver, Nossa Senhora da Piedade);*
- *Arnal: que cresce na areia; tojo que se desenvolve nos terrenos areentos.*

Noucho [30]

- *Sem proposta.*

Novais [18;25]

- *Relativo a noval; arroteia; terra desbravada recentemente que começa a ser cultivada.*

Novelo – No termo de Lagoa (Vale de Novelo), onde apareceu um triturador de pedra. Perto, na Fraga do Castelo, encontram-se cacos de telha, restos de muros e diz o povo que foi cidade dos mouros – MAH 230.

Novilha – Nozede – MAH 230

Nozelos [3] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, nome de localidade da freguesia de Arcas. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Nozelos.*
 - *Tipo de sítio: Achado isolado.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17203.*
 - *Localização: Arcas.*
 - *Descrição: Na base das escadas exteriores de uma casa na aldeia de Nozelos existe uma pedra aparelhada, em granito, que apresenta os restos de uma inscrição. Esta tem uma leitura truncada e difícil, mas o tipo de letra aponta para uma inscrição romana.*
 - *A pedra tem uma configuração elipsoidal, sendo difícil de dizer qual a sua função original. Poderá ter servido de coluna, ou poderá ser um cipo com inscrição, sendo duvidoso que se trate de um fragmento de marco miliário. Não é conhecida a sua origem, mas é provável que provenha da própria aldeia de Nozelos, ou das suas directas imediações, pois Nozelos é uma povoação bastante antiga, conservando ainda os restos de um pelourinho, com excelentes solos agrícolas nas imediações.*

LETRA “O”

Oitão (Vale de) – Grijó de Vale Benfeito – MAH 230

Ôla [17] – Remoinho de água; buraco cavado pela água nos penedos de rios ou ribeiros

Ôlas [21]

- *Pl. de ôla; (ver, Ôlas).*

Oleminhos [23]

- *Corrup. de olminhos, diminutivo de olmos (ver, Olmeda).*

Olga [1;8;12;18;20;25;29;34]

- *Relativo à gíria; planície entre outeiros; baixa de terrenos férteis; belga; canada;*

courela de terreno; leira; propriedade agrícola destinada á horticultura; planície no meio de outeiros.

Olga da Cevada [31] (cmp79)

- *Olga (ver, Olga);*
- *Cevada: Planta herbácea monocotiledónia da família das Gramíneas, representada por várias espécies, com flores em forma de espiga e cultivada como cereal.*

Olga da Sobreira [3]

- *Olga (ver, Olga);*
- *Sobreira; sobreiro muito grande ou muito velho.*

Olga do Picão [19]

- *Olga (ver, Olga);*
- *Picão: ponto mais alto de um fraguado; carvão feito de ramos de árvores.*

Olga do Rio Macedo [3]

- *Olga (ver, Olga);*
- *Rio: curso natural de água que nasce em geral nas montanhas e que vai desaguar ao mar, a um lago ou a outro rio;*
- *Macedo: relativamente á cidade de Macedo de Cavaleiros.*

Olga Grande [16]

- *Olga (ver, Olga);*
- *Grande.*

Olgas [4;6;10;14;30]

- *Pl. de olga; (ver, Olga).*

Olgas Centeias [3]

- *Olgas (ver, Olga);*
- *Centeias; relativo a centeio (ver, Centieiras).*

Olguinhas (cmp79)

- *Olguinhas: Diminutivo de Olgas (ver, Olga).*

Olia [38]

- *Corrup. de ochia; m.q. olga; (eluc.) porção de terra lavrada, rota e capaz de dar frutos; arcada de sebes ou valados e que, no espaço de um dia, se podia cavar, lavar, gradar e semear. Na baixa latinidade se dizia “ochia)*

Olia do Castro [38] *

- *Olia (ver; Olia);*
- *Castro (ver, Castro).*

Olivais [8;33]

- *Pl. de olival (ver, Olival).*

Olival [33]

- *Olivedo; oliveiral; terreno plantado de oliveiras.*

Olival dos Bois [16]

- *Olival (ver, Olival);*
- *Bois: pl. de boi; animal ruminante da família dos bóvídeos.*

Olival do Cabo [10] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado nas folhas de registo de cadastro rústico da freguesia dos Cortiços. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Olival do Cabo.*
 - *Tipo de sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17254.*
 - *Localização: Cortiços.*
 - *Descrição: No sopé Oeste do monte do facho, numa vasta área aberta onde se desenvolve um troço de terreno pouco acidentado, actualmente cultivado com vinha e oliveiras, no sítio designado localmente como Olival do Cabo, encontra-se disseminado por vasta área grandes quantidades de materiais de construção romanos, nomeadamente tijolos e telhas, que pertenceram provavelmente a uma villa romana. São também facilmente detectáveis fragmentos de cerâmica comum, pertencente a grandes recipientes de armazenamento, como os dolia e ânforas, além de fragmentos de cerâmica mais fina. Observou-se ainda um grande fragmento de opus signinum, no qual ainda puderam ser detectadas algumas tesselas brancas de um mosaico existente no local. À superfície não se observam grande quantidade de pedra, nem qualquer ordenamento estrutural que evidencie a presença de antigas construções. Vêem-se apenas alguns muros divisórios de propriedade que apesar de prospectados não revelaram qualquer elemento digno de realce. A implantação deste sítio parece ter obedecido a uma nítida estratégia de exploração agrícola, já que as condições morfológicas do terreno e a riqueza agrícola dos solos são de excelente qualidade.*

Olmeda [4;26;30]

- *Fem. de olhado, m.q. olmedal; terreno plantado de olmos, olmos, árvore da família das ulmáceas.*

Olminhas [16]

- *Diminutivo, f. de olmo (ver, Olmeda).*

Olminhos [16;23]

- *Diminutivo m. de olmo (ver, Olmeda).*

Olmos [23] (cmp78)

- *Topónimo referente á freguesia de Macedo de Cavaleiros;*
- *Pl. de olmo; negrilho; olmeiro, ulmeiro; ulmo; árvore da família das ulmeáceas, de grande porte, com folhas caducas, dentadas e ásperas, e frutos constituídos por sâmaras.*

Ondara [2]

- *M.q. ondear; encaracolar; flutuar; frisar; serpear; tremular; agitar-se; balancear-se; ondeia; que tem ou imita ondas.*

Oricha [3]

- *Sem proposta.*

Orno e Ornalhos – Vale da Porca – MAH, Tomo X, p.231.

Orrêta [10]

- *M.q. orreta (ver, Orreta).*

Orreta [23;35]

- *Gir. Atalho através dos campos; passagem estreita entre dois montes; m.q. orreta; (Viterbo) vale profundo entre montes e com mui estreita margem, que apenas admite poucas fiadas de oliveira ou outras árvores. Esta palavra antiga ainda hoje tem uso em Trás-os-Montes.*

Orreta da Casa [24]

- *Orreta (ver, Orreta);*
- *Casa (ver, Carreirão das Casas).*

Orrêta da Cova [10]

- *Orrêta (ver, Orreta);*
- *Cova (ver, Cova).*

Orreta da Cuba [13]

- *Orreta (ver, Orreta);*
- *Cuba (ver, cuba).*

Orreta da Velha [28]

- *Orreta (ver, Orreta);*
- *Velha; f. de velho (ver, Caminho Velho).*

Orreta do Cão [2]

- *Orreta (ver, Orreta);*
- *Cão (ver, Lobo Cão).*

Orreta do Convento [25]

- *Orreta (ver, Orreta);*
- *Convento (ver, Convento das Flores).*

Ôrreta Grande [14]

- *Ôrreta, m.q. orreta (ver, Orreta);*
- *Grande (ver, Olga Grande).*

Orrêta dos Ladrões [13]

- *Orrêta, m.q. orreta (ver, Orreta);*
- *Ladrões; pl. de ladrão; pessoa que rouba; ladra; gatuno; salteador; biltre.*

Orrêta dos Tocos [13]

- *Orrêta, m.q. orreta (ver, Orreta);*
- *Tocos; pl. de toco; parte do tronco ou da raiz que fica na terra após o corte de uma árvore; toca; touqueiro.*

Orretas [25;27]

- *Pl. de orreta (ver, Orreta).*

Orso (vale de) – Freguesia de Talhinhos) – MAH, Tomo X, p.231.

Ortigueira [16]

- *Relativo a ortigar; urtigar; flagelar.*

Os Carris [1]

- *Sulcos que fazem as rodas do carro; caminho estreito em que só pode passar um carro; carreiro; carro pequeno; viga de ferro.*

Os Moinhos [6]

- *Pl. de moinho (ver, Moinho).*

Ossa (Cabeça de) – Vinhas – MAH, Tomo X, p.231.

Ossa (Vale da) – Freguesia Amendoeira – MAH, Tomo X, p.231.

Ossa (Cabeço da) – Moraes – MAH, Tomo X, p.231.

Ossa (Vale de) – Olmos – MAH, Tomo X, p.231.

Ossa – Murçós – MAH, Tomo X, p.231.

Osseira [10;28] *

- *Relativo a ossário; lugar onde se guardam os ossos, sepultura comum.*

Oulia (cmp78)

- *Sem proposta.*

Ouro (Cova de) – Freguesias de Edroso e Podence – MAH, Tomo X, p.231.

Ouro (Pereira de) – Sobreda – MAH, Tomo X, p.231.

Outão – Vale Benfeito e Freguesia de Amendoeira – MAH, Tomo X, p.231.

- *Parte lateral de um edifício; paredes-meias.*

Outeiro [8;25;30] *

- *Cabeço; cerro; clivo; cole; colina; cômore; elevação; mamelão; medorro; montículo; morro; penela; poio; riba; salto; teso; viso;*

Outeiro Calvo [2]

- *Outeiro (ver, Outeiro);*
- *Calvo; que não tem cabelo na cabeça; careca; escalvado; sem vegetação; liso.*

Ouveira – Edroso – MAH, Tomo X, p.232.

LETRA “P”

Paço [2;20] – Freguesia de Bornes e Freguesia de Macedo – MAH, Tomo X, p.232.

- *Palácio real; residência de uma dignidade eclesiástica; residência sumptuosa de uma personagem importante; burgo; corte; tribunal.*

Paçós [5]

- *Pl. de paçó; morcego-vampiro.*

Padeira [8]

- *Mulher que fabrica ou vende pão; nevoeira.*

Padrão [20] *

- *Baliza; bitola; chavão; craveira; marco; memória; nível; padroeiro; monumento monolítico destinado a comemorar qualquer coisa.*

Padrão Norte [20]

- *Padrão (ver, Padrão);*
- *Norte; ponto cardeal situado na direcção da estrela polar; rumo; direcção; setentrião.*

Padre Francisco [30]

- *Padre: indivíduo que recebeu ordenação sacerdotal;*
- *Francisco. Nome de Pessoa.*

Pajes [4]

- *Relativo a pagela; parcela; prestação.*

Palorco – *Freguesia de Talhas*) – MAH, Tomo X, p.233.

Pai de Manga [19] (cmp78);

- *Pai: aquele que procriou um ou mais filhos;*
- *Manga; chocalho grande; choca; parte de peça de vestuário; filtro para líquidos em forma de funil.*

Pai Mouro [2] *

- *Pai (ver, Pai de Manga);*
- *Mouro (ver, Mourisqueira).*

Paio [31]

- *Enchido grosso do lombo de porco preparado com alho, pimento doce e vinho branco.*

Paixão (cmp79)

- *Paixão: Sentimento intenso e geralmente violento (de afecto, ódio, alegria, etc.) que dificulta o exercício de uma lógica imparcial; Grande predilecção; parcialidade; sofrimento intenso.*

Pala [3;19;28;31] *

- *Anteparo; carapetão; consola; cardina; empenhos; engano; engaste; mentira; patranha; peta; pifão; protecção; toca; abrigo.*

Pala da Raposa [5] *

- *Pala (ver, Pala);*
- *Raposa; mamífero carnívoro da família dos canídeos.*

Palas [20] (cmp77) *

- *Pl. de pala (ver, Pala).*

Palame [6]

- *M.q. pelame; cabelame; courama; curtume; pelagem.*

Palheirinho [29]

- *Diminutivo de palheiro; meda de palha; lugar onde se guarda palha; casa pobre e modesta.*

Palhete [7]

- *Que é da cor da palha; vinho com pouca cor; espécie de formão estreito.*

Pancho [1]

- *Sem proposta.*

Pantão [13]

- *Pant (o) “do grego pñn, pantós (todo; tudo; completo”).*

Parada [16] (cmp77)

- *Açude; aposta; bazófia; estada; janta; muda; paradeiro; paragem; parança; repressa; suspensão; vanglória.*

Parada (Corriça da) – Lagoa – MAH, Tomo X, p.233.

Parada (Pontão da freguesia) – Podence – MAH, Tomo X, p.233.

Parada (Vale de) – Salselas e de Vinhas – MAH, Tomo X, p.233.

Parada e Paradinha – Freguesia de Morais – MAH, Tomo X, p.233.

Paradas – Freguesias de Talhas e Sesulfe – MAH, Tomo X, p.233.

Paradinha de Besteiros (cmp78) – MAH, Tomo IV, p.478.

- *Paradinha: Fem. de paradinho (ver, Paradinho);*
- *Besteiros: Pl. de Besteiro; soldado armado de besta; fabricante de bestas (arma).*

Paradinho [26]

- *Diminutivo de parado; quieto; destituído de mobilidade; estagnado.*

Parados [30]

- *Pl. de parado; que não está em movimento; quieto; destituído de mobilidade; não corrente; estagnado; sem vivacidade; inexpressivo.*

Pardieiros [15]

- *Pl. de pardieiro; cabana; casebre; casinhola; moçar; paredeiro; tugúrio.*

Paraíso [28]

- *Lugar de delícias onde segundo o Antigo Testamento, Deus colocou Adão e Eva; morada dos anjos e dos bens aventurados e justos depois da morte; céu; edem; empíreo; galinheiro; paraviso; torrinhos; varandas.*

Paranhos – Ala – MAH, Tomo X, p.234.

Paredes [36]

- *Pl. de parede; muro que forma o exterior de um edifício; muro que serve para fechar um espaço ou dividi-lo; tapume; sebe; tabique; barreira; divisória; estorvo.*

Passais [8;14;20]

- *Relativo a passal (ver, Passal).*

Passal [18]

- *Degrau; passadouro.*

Passo [2;20]

- *Aberta; caminho; desfiladeiro; entrada; garganta; passagem; pé; pegada.*

Pateira [38]

- *Bilhada; charco; pântano; paul; espingarda para caçar patos.*

Paula [12]

- *Nome de Pessoa.*

Paulas [25]

- *Pl. de paula (ver, Paula).*

Paulo [13]

- *Nome de Pessoa.*

Peça [2;7;18]

- *Acessório; artefacto; bocado; canhão; cómodo; diabrura; engano; escravo; estúrdia; falcatrua; fragmento; jóia; logração; logro; ludíbrio; maganice; móvel; negro; ópio; partida; pedaço; peta; pirraça; presente; quarto; retalho; talho; teia; traste; trom; velhaco.*

Pedra [2]

- *Substância dura e compacta que forma as rochas; calhau; lápide de sepultura; designação de pedra preciosa; ardósia; canto; concreção; fragmento; laje; sebo; seixo.*

Pedra Abilheira [21]

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Abilheira; de abilhar; adereçar; adornar; ajaezar; ataviar; enfeitar; ornar; vestir; paramentar.*

Pedra Amarela [14]

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Amarela; planta poligalácea de sabor amargo; amarelo; que tem cor de gema de ovo ou de ouro; pálido; descorado; uma das cores do espectro solar; cor amarela; lassidão; preguiça; perigos; trabalhos.*

Pedra (Ar? Ague) – Comunhas – MAH, Tomo X, p.234.

Pedra Arrancada [22]

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Arrancada; acto ou efeito de arrancar; partida precipitada ou impetuosa; largada.*

Pedra Bicuda [36]

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Bicuda; que possui bico; aguçada; (reg.) embriagado.*

Pedra Cavalada [7]

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Cavalada; asnada; asneira; bestialidade; brutalidade; cavalice; disparate; estupidez; tolice; acavalhar; sobrepor.*

Pedra d'Ague [12] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico;*
- *Pedra (ver, Pedra);*
- *D'ague. Sem proposta.*

Pedra d'Águia [30]

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Águia; qualquer das aves de rapina, diurnas da família dos Accipitrídeos.*

Pedra-de-águia (cmp93)

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Águia: qualquer ave de rapina, diurnas, especialmente da família dos Accipitrídeos, notáveis pela sua força, grande envergadura, acuidade visual e capacidade de voo; pessoa de espírito penetrante; perspicaz.*

Pedra da Abilheira (cmp78)

- *Pedra (ver, Pedra);*
- *Abilheira (ver, Abilheira).*

Pedra da Anta (cmp50)

- *Pedra: (ver, Pedra);*
- *Anta: construção sepulcral, pré-histórica, tipicamente feita de pedras grandes; dólmen; pilastra saliente nas paredes das fachadas dos templos gregos;*
- *Elucidário, Actualmente existem em todas as províncias de Portugal e deveriam ter sido numerosíssimas nos tempos pré-históricos, Antas ou Dólmenes são monumentos funerários pré-históricos, formados de uma câmara de contorno poligonal ou mais ou menos circular, constituída por várias pedras (esteios ou espeques), enterradas verticalmente no solo, e cobertas por uma grande laje (mesa ou chapéu). Nalguns dólmenes neolíticos, os esteios ou espeques são interiormente decorados por pinturas monocromáticas ou policromas, mais ou menos geométricas, esquemáticas ou estilizadas, construídas algumas vezes por figuras humanas e de animais, arabescos variados de cor vermelha como se verifica em alguns de Trás-os-Montes, Douro e Beira Alta.*
- *À câmara vai dar uma espécie de corredor ou galeria, mais baixa, igualmente coberta de lajes, que se encontra revestida por um montículo de terra de dimensão variável, denominado em arqueologia por tumulus e a que o povo chama geralmente mamoa. Aparecem ainda as denominações populares de madorra, mámoa, mâmoa, mamoeira, mamoinha, mamunha, arcas e montilhão. Nalgumas regiões do País especialmente na Beira Alta e Beira Baixa o povo chama-lhe orcas, casa, casa da orca, casa da moira, forno do moiro, lapa ou pedra. As rochas adoptadas foram o granito, calcário, xisto e grés. Não se deve estranhar que para os mortos se construíssem monumentos tão sólidos e tão duradouros enquanto os vivos se contentavam com frágeis cabanas. Acreditavam os povos antigos que os mortos teriam, no outro mundo, uma existência análoga à que tiveram neste, com as mesmas ou semelhantes necessidades e costumes. Se aos mortos não se prestassem honras fúnebres e não se lhes desse sepultura conveniente, não poderiam achar, na vida futura o indispensável repouso. Acreditavam ainda, por outro lado, que os fantasmas maléficos perseguiriam os vivos sem quartel, enquanto estes não lhes prestassem honras fúnebres condignas e não lhes destinassem uma sepultura grandiosa e duradoura. No onomástico Espanhol aparece, na Galiza, Anta, Antas e Antelas, mas em Zamora, Anta de Rioconejos e Anta de Tera, em Almeria, Anta, em Valladolid Antela e Antella.*

Pedra da Vela [28] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, não tendo sido encontrado na busca as folhas de registos de cadastral da freguesia de Sezulfe.*

Pedra Furada [14] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastral rústico da freguesia de Ferreira*

Pedrada [6]

- *Acto de arremessar uma pedra; insulto; ofensa; critica agressiva geralmente inesperada; estado de entorpecimento ou euforia induzido por drogas ou álcool; seixada; calhoad.*

Pedragal [7;16;23]

- *Pedregoso; pedrento; sáxeo; pedregal; sítio de pedral.*

Pedragueira [3]

- *M.q. pedragal (ver, Pedragal).*

Pedrancho [26] (cmp78)

- *Regionalismo; relativo a pedra (ver, Pedra).*

Pedras [36]

- *Pl. de pedra (ver, Pedra).*

Pedras Altas [16;21] (cmp79)

- *Pedras: Pl. de pedra (ver, Pedra);*
- *Altas (ver, Cabeço Alto).*

Pedras Brancas (cmp79)

- *Pedras: Pl. de pedra (ver, Pedra);*
- *Brancas: Pl, de branca; cabelo branco; lapso momentâneo; antiga moeda de ouro; que tem cor de cal, da neve ou do leite; alva; cândida; lívida; clara.*

Pedras Negras [33]

- *Pedras Pl. de pedra (ver, Pedra);*
- *Negras (ver, Cabeço Negro).*

Pedregal (cmp93)

- *Pedregal (ver, Pedragal).*

Pedregueiras (cmp92)

- *Pedregueiras; m.q. pedragal (ver, Pedragal).*

Pedrinho (cmp78)

- *Pedrinho: diminutivo de Pedro; nome de pessoa.*

Pedreira [36]

- *Lugar onde se extrai pedra; canteira; nome por que também se designa a andorinha-dos-poços; apoio; empenhos; intercessor; morro; pedregal; piçarra; protecção; protector; valedor.*

Pedreiras (cmp78)

- *Pedreiras: Pl. de pedreira (ver, Pedreira).*

Pedroalha [7]

- *Relativo a pedregal (ver, Pedragal).*

Pedrogal [16]

- *M.q. pedregal (ver, Pedragal).*

Pedrosa [10]

- *Fem. de pedroso; que é de natureza ou de consistência da pedra; pedregoso.*

Pegada [27] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.570 e 652) mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Santa Combinha.*

Pégada [27]

- *M.q. pegada; vestígio que o pé deixa impressos no solo; sinal; vestígio.*

Pelames – *Freguesia de Ala, temos de Espadanedo, Lombo, Sesulfe, Bornes e Talhinhas* – MAH, Tomo X, p.234.

Pelames [5;28]

- *Pl. de pelame; porção de peles, courama; curtume de pele; pele dos animais; cabe-lame; pelagem.*

Pelourinho [2]

- *Picota; coluna levantada em lugar público onde outrora se expunham e se castigavam os criminosos.*

Pelourinho de Chacim [9] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (522-IX) como de interesse arqueológico, descrevendo o monumento; é todo de granito aparelhado e consta de um escadório e pedestal ornados por florões em série.*

Peludo [21]

- *Que tem muito pelo; tímido; desconfiado; irritável; novato; caloiro; acanhado; bebedeira; lorpa.*

Pena – *Freguesia de Pena Mourisca*) – MAH, Tomo X, p.235.

Penada Bela [28]

- *Penada: traço feito com pena; voto; opinião; parecer;*
- *Bela: jasmim-azul; namorada; mulher bela; agradável; boa; bonita.*

Pena Alta [25]

- *Pena (ver, Pena d'Águia);*
- *Alta: alto; altura; aumento; carestia; demora; elevação; escol; estação; fidalguia; parada; paragem; pausa; registo; subida.*

Pena d'Águia [26;27;38] (cmp64)

- *Pena; elevação de terreno; rocha; fraga; castigo; punição; tristeza;*
- *D'água; relativo a água; ave de rapina diurna da família dos accipitrídeos.*

Penadal (cmp78)

- *Penadal (ver, Penedal).*

Pena do Corvo (cmp92)

- *Pena (ver, Pena Mourisca);*
- *Corvo: nome vulgar extensivo a uns pássaros da família dos Corvídeos, de bico e plumagem pretos, comuns em Portugal, alguns também conhecidos por gralha e grelha.*

Pena do Touro [29]

- *Pena (ver, Pena d'Águia);*
- *Touro: bicho; cornúpeto; animal bovino do sexo masculino adulto e não castrado; toiro; homem de grande robustez física.*

Pendão [10;16;21;26;32] (cmp64/78) **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. X, p.276) mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Vale Benfeito;*
- *Pendão; auriflama; balsão; bandeira; bezedor; divisa; estandarte; flâmula; guião; indício; insígnia; orelhudo; panícula; signos.*

Penadinha [13]

- *Diminutivo de penada; opinião; parecer; voto.*

Pena Mourisca [13] (cmp50) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
 - *Pena; (ver, pena d'águia)*
 - *Mourisca; (ver, mourisqueira)*
 - *Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Pena Mourisca.*
 - *Tipo de sítio: Povoado fortificado.*
 - *Período: Idade do ferro.*
 - *CNS: 2018.*
 - *Localização: Espadanedo.*
 - *Descrição: Povoado fortificado de grande altitude, certamente um dos mais elevados de Portugal. Fica localizado precisamente no ponto mais alto da serra de Bouzende, onde fica o marco geodésico da Pena Mourisca. É um povoado de médias dimensões, no topo de um cabeço isolado muito pedregoso, com boas condições defensivas, e um excelente controlo estratégico da região em volta. Só é detectável uma única linha de muralha, bastante derrubada, ainda que na encosta norte exista um talude a seguir à linha de muralha, que parece ser natural. A muralha rodeia o povoado todo, excepto numa parte da encosta Sul, onde é substituída por rochas.*
 - *A zona de mais fácil acesso fica também a Sul, onde se parece detectar o que poderá ser uma entrada na muralha. Detectam-se numerosos fragmentos cerâmicos, sobretudo na encosta sul, de aparência bastante arcaica provavelmente do Bronze final ou ferro inicial.*
 - *O povoado está bastante degradado, sobretudo por acção da erosão natural. Já fora da área muralhada, para leste, existe um grande fraguedo, chamado fraga do Berço ou Embanadouro, porque tem ou tinha uma rocha que abanava. O acesso a esta rocha faz-se por uma abertura no meio das fragas, e segundo a bibliografia, existem gravuras logo á entrada desta abertura, nas duas rochas à esquerda e á direita da entrada. Estarão a cerca de três metros de altura, e não nos foi possível verificar a sua existência, quer pela sua altura, quer porque estão cobertas de musgos.*

Penascal [28]

- *M.q. penacal; penhasco; penhascal; penhasqueira.*

Penatoure – Vilar de Ouro – MAH, Tomo X, p.233.

Peneda da Campa [28]*

- *Peneda (ver, Peneda);*
- *Campa: pedra ou lousa que cobre a sepultura; sepultura; sino pequeno; sineta da Igreja.*

Peneda [19;27;31] (cmp64/78)

- *Fem. de penedo; cachopo; calhau; fraga; penha; penhasco; recife; rocha; rochedo; óbice; dificuldade.*

Penedal [26]

- *Fraguedo; penedia.*

Pendão [32] – MAH, Tomo X, p.235.

- *Espécie de bandeira grande ou estandarte que é levado em algumas procissões; pavilhão; insígnia; bandeira; auriflama; balsão; bezedor; divisa; guião; lábaro; orelhudo; panícula; signa; inflorescência terminal do milho, também designada bandeira.*

Penedra [34]

- *Relativo a penedia; conjunto ou série de penedos; fraguedo; penedal.*

Penedras – Grijó de Vale Benfeito) – MAH, Tomo X, p.235.

Penedrão [5]

- *Relativo a penedo (ver, Peneda).*

Penedinhas [1]

- *Diminutivo de penedo (ver, Peneda).*

Penedo [1;26] (cmp77)

- *(ver, Peneda).*

Penedo Redondo [26] (cmp78)

- *Penedo (ver, Peneda);*
- *Redondo (ver, Lameiras Redondas).*

Penedos (cmp92)

- *Penedos: Pl. de penedo (ver, Peneda).*

Peneireiros [6]

- *Pl. de peneireiro; aguião; aguioto; cigarreiro; derrabanhó; diabo; francelho; gafanhoto; lagarteiro; milhafre; milhano; rebanho; rapino; bicha-cadela; gavião.*

Peníge [1]

- *M.q. panígeo; que cria penas; penífero; penudo; emplumado; plumado.*

Pentiado [21]

- *M.q. penteado; arranjo e disposição dos cabelos da cabeça; toucado que se ajeitou com o pente; que é muito aprumado; adulado; engodado.*

Perdourega [23]

- *Relativo a perduração; acto de perdurar; que dura muito; grande duração.*

Perafita [17] *

- *(ver, Perfita).*

Peredo – Talhinhos – MAH, Tomo X, p.236.

Peredo [24;30] (cmp79/92)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Sem proposta de sinonímia.*

Perfita [17] *

- *Perafita; pedra muito grande; monumento antigo construído com pedras grandes; monumento megalítico. (de pedra+ficta “esculpida”).*

Pereira [14;17;30;34;36;38]

- *Planta arbórea da família das rosáceas, que produz frutos comestíveis (pedras).*

Pereira de Giro [21]

- *Pereira (ver, Pereira);*
- *Giro; movimento em torno; volta; rotação; rodeio; caminho; percurso; passeio; ronda; turno; bonito; catita; engraçado.*

Pereiras [19] (cmp79)

- *Pl. de pereira; (ver, Pereira).*

Pereirinha [31]

- *Diminutivo de pereira (ver, Pereira).*

Pereirinho [17;21]

- *Diminutivo de pereira (ver, Pereira).*

Pereiro [1;2;4;6;7;10;17;18;21;30;36] (cmp64/77/92)

- *Pereiro que dá peras pequenas; catrapeiro.*

Pereiros [8;30;34]

- *Pl. de pereiro (ver, Pereiro).*

Perguiça [25]

- *Corrup. de preguiça; tendência de uma pessoa para evitar ou recusar o esforço; indolência; inação; moleza; lentidão; mandrice; vadiagem; (reg.) pequeno molho da meda do cereal ainda por malhar.*

Perica (cmp78)

- *Sem proposta.*

Perlópia – Vilar do Monte – MAH, Tomo X, p.236.

Permonteiro [37] – MAH, Tomo X, p.236.

- *Sem proposta.*

Peroubinhos – Freguesia de Morais – MAH, Tomo X, p.236.

Perreio [37]

- *M.q. perreiro (ver, Perreiro).*

Perreiro [37]

- *Guarda da matilha; enxotacões (do esp. Perro+eiro).*

Pesadas [38]

- *Pl. de pesada; operação de pesagem; quantidade que se pesa de uma vez; mão; pesa; porta; pousada.*

Perviceira [30]

- *Relativo a pervicaz; pertinaz; perseverante; contumaz; pervicácia (do latim pervicāce).*

Pia [22]

- *Sing. de pias (ver, Pias).*

Pia dos Mouros [1;] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas não encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Ala. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Pia dos Mouros.*
 - *Tipo do sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano/Idade Média.*
 - *CNS: 1996.*
 - *Localização: Ala.*
 - *Descrição: Este sítio localiza-se numa chã planáltica, entre as ribeiras de Corujas e de Vale de Moinhos, numa zona com bons solos agrícolas dentro da área abrangida pelo topónimo Perafita. Especificamente, o nome Pia dos Mouros refere-se a uma sepultura escavada na rocha, situada num afloramento rochoso no ponto mais elevado da zona. É uma sepultura simples, sem forma antropomórfica, com a orientação canónica Leste/Oeste. Apresenta a particularidade interessante de estar associada a duas gravuras em forma de ferradura, uma situada na cabeceira, e outra um pouco atrás da cabeceira. Esta sepultura, de provável cronologia altimedieval, encontra-se associada a importantes vestígios de habitat. A toda a volta são muito abundantes os vestígios de cerâmica, dispersos por uma grande área de terreno, predominando as tégulas e cerâmicas comuns romanas, talvez vestígios de uma villa.*

Pias [21;31]

- *Pl. de pia; recipiente de pedra para líquidos; carlinga; lavabo; lavatório; reservatório; tanque.*

Picanheira [6]

- *Relativo a picanha; carne da região lombar da rês.*

Picaraunha (cmp78)

- *Picaraunha: picaroto; cume; cimo; vértice; +icoto.*

Picarrão [21]

- *Relativo a picarro; célebre; famoso; notável.*

Picota [30]

- *Parte do embolo de uma bomba; pau espetado a prumo onde se executavam as sentenças impostas aos criminosos; engenho para tirar água dos poços.*

Picotinho [13]

- *Diminutivo de picoto (ver, Picoto).*

Picoto [2;5;20]

- *Cume elevado e agudo de um monte; marco geodésico no cimo de um monte; pirâmide de triangulação.*

Picotos [30;31] (cmp79)

- *Pl. de picoto (ver, Picoto).*

Pido [10;16] – MAH, Tomo X, p.236.

- *Pidonho; pedinchão; pidão; pideiro; inoportuno; pedinte.*

Piedade (cmp49)

- *Piedade (ver, Nossa Senhora da Piedade).*

Pigarra [18]

- *Calhau; gobo; gosma; guilho; monquilha; pigarrear; caterrear; gogo.*

Pinal [21;30] (cmp79)

- *Relativo a pina; cada uma das peças curvas que formam as rodas de um veículo; camba.*

Pindão (cmp93)

- *Sem proposta.*

Pinhal [17;19;36]

- *Terreno onde crescem pinheiros; conjunto de pinheiros.*

Pinheira [21;38]

- *Espécie de cogumelo comestível de cor castanha, vulgar nos pinhais de Trás-os-Montes; pinheiro manso.*

Pinheiro [1;8;14;18;19;20;21;25;28;31;32;36] (cmp78) – Talhas – MAH, Tomo X, p.237.

- *Planta conífera da família das pináceas de folha aciculares e sempre verdes.*

Pinho [17]

- *Madeira de pinho; pinheiro.*

Pinho da Serra [7]

- *Pinho (ver, Pinho);*
- *Serra: elevação natural de terreno; montanha; grande extensão de montanhas ligadas umas às outras.*

Pinhovelo (cmp77)

- *Pinhovelo: localidade pertencente à freguesia da Amendoeira, Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Pintos [32]

- *Pl. de pinto; filhote de galinha; franguinho; antiga moeda Portuguesa; medida de capacidade; criança; cruzado-novo; folha; frangainho; pintainho.*

Pio [6]

- *Pia de lagar de azeite onde a azeitona é moída; instrumento de moer cereais; devoto; compaixão; caritativo; bêbedo; benigno; brando; lagareta; tanque; vinho.*

Piolhal [26]

- *Relativo a piolho; local com grande quantidade de piolhos; pobreza extrema; lugar imundo; pocilga; porcaria; galinheiro.*

Piornais [29]

- *Pl. de piornal; campo onde crescem piornos; nome de uma planta da família das leguminosas, semelhante á giesta, espontânea em Portugal.*

Pios [38]

- *Relativo de pira; piada; pilar; pio; chiar; falar; pipilar; pipitar; queixar-se.*

Pisão [10] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro da freguesia dos Cortiços.*

Pisão (Velho) – Lagoa – MAH, Tomo X, p.237.

Pissaras [21]

- *Sem proposta.*

Piteira [21]

- *Agrave; bebedeira; boquilha; calote; camoeça; dívida; embriaguez; fumadeira; pi-fão; pita.*

Plame [1;13]

- *Relativo a pelame (ver, Pelame).*

Plames [5]

- *Pl. de plame (ver, Pelame).*

Poçarrinha [35]

- *Relativo a poça (ver, Poça).*

Poçarrinhas [35]

- *Relativo a poça (ver, Poça).*

Poçarrinhos [35]

- *Relativo a poça (ver, Poça).*

Poça [35]

- *Cova pouco profunda, geralmente com água; charco; cisterna; lago.*

Poças [22;35]

- *Pl. de poça.*

Poço [22;33;35]

- *Cavidade profunda aberta no solo de forma a atingir um lençol de água; pego; abismo; cacimba; cisterna; lerna; pego; irra; poça; sebo.*

Poço da Fraga [33]

- *Poço (ver, Poço);*
- *Fraga (ver, Fraga).*

Poço das Águas [2]

- *Poço (ver, Poço);*
- *Águas (ver, entre as Águas).*

Poço das Ondas [2]

- *Poço (ver, Poço);*
- *Ondas (ver, Ondara).*

Poço do Lago [26]

- *Poço (ver, Poço);*
- *Lago (ver, Lago).*

Poço Redondo [26]

- *Poço (ver, Poço);*
- *Redondo (ver, Lameiras Redondas).*

Pôços [31]

- *M.q. poços,: Pl. de poço (ver, Poço).*

Podence [25] (cmp64)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Sem proposta de sinonímia.*

Poiares [22]

- *Relativo a poiar; abicar; aportar; assentar; colocar; depor; desembarcar; dispor; pojar; pôr; pousar; poia; poio; pojal; pojo.*

Poias [24]

- *Pl. de poia; (reg.) pão alto; bolo grande de trigo; pagamento em géneros ao mo-leiro ou forneiro ou ao lagareiro; grande quantidade de dejectos; polo; monturo.*

Poitão (cmp64)

- *Poitão: m.q. poutão; pouta grande; peso amarrado a um cabo, que serve de fatei-xa; ancorar.*

Poldras [21;26]

- *Alpondra, cada uma das pedras dispostas em fila através de uma curso de água, pelas quais se passa por cima a pé enxuto de uma margem para a outra; ladrão; pôla; alporquia; alporca.*

Poldras de Banreses [33]

- *Poldras (ver, Poldras);*
- *Banreses; povoação já extinta que pertencia á freguesia de Vale da Porca.*

Politeiro [38]

- *Sem proposta.*

Pomar [35]

- *Terreno plantado de árvores frutíferas; vergel; estabelecimento onde se vende fru-ta; frutaria; horta; pomeiro; tempe.*

Pombais [2;10] (cmp79)

- *Pl. de pombal; construção ou local onde as pombas domesticadas se abrigam.*

Pombal [6;17]

- *Sing. de pombais (ver, Pombais).*

Pombeira [17]

- *Fem. de pombeiro (ver, Pombeiros).*

Pombeiros [16]

- *Pl. de pombeiro; engenho para elevar ás águas, na marinha de sal.*

Ponta da Veiga [2]

- *Ponta; extremidade; bico; canto; esquina; vestígio; sinal; pequena quantidade;*
- *Veiga (ver, Beiga da Dona).*

Ponta do Carvalho [36]

- *Ponta (ver, Ponta);*
- *Carvalho (ver, Carvalho).*

Pontal – Concelho [35]

- *Pontal; ponta de terra ou penedra que entra um tanto pelo mar ou rio; pontalete.*
- *Concelho; subdivisão do território, sob administração de um presidente de Câmara.*

Pontão [6;17] (cmp50)

- *Ponte pequena; ponte de vão pequeno e sem apoios intermédios; escora para sustentar um muro; barcaça; escora; pontal; varal; espeque.*

Pontão da Assureira [21]

- *Pontão; pontão;*
- *Assureira; corrup. de assorear; produzir assoreamento em; obstruir; encher de areia, terra.*

Pontão da Paradinha [21]

- *Pontão (ver, Pontão);*
- *Paradinha: nome de localidade pertencente á freguesia de Morais.*

Ponte das Vinhas [27]

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Vinhas (ver, Vinha).*

Pontão de Lamas [18]

- *(ver, Pontão da Casa da Ponte de Lamas).*

Ponte [6;14;26]

- *Construção que permite a passagem de uma via de comunicação sobre um curso de água; alcântara; pató.*

Ponte da Brêa [7]

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Brêa (ver, Breia).*

Ponte das Arcas (cmp63)

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Arcas (ver, Arcas).*

Ponte de Banreses [33] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
- *Ponte (ver, Ponte).*
- *Banreses; localidade já extinta que pertenceu á freguesia de Vale da Porca.*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: ponte de Benrezes.*
 - *Tipo de sítio: Ponte.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17288.*
 - *Localização: Vale da Porca.*
 - *Descrição: Ponte sobre o rio Azibo, situada logo a jusante do povoado abandonado com o mesmo nome. É uma estrutura constituída por um aparelho em xisto, apresentando uma arquitectura bastante simplificada que se baseia num tabuleiro plano assente num único arco de volta perfeita.*

Ponte de Cernadela [10] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Ponte de Cernadela.*
 - *Tipo de sítio: Ponte.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17253.*
 - *Localização: Cortiços.*
 - *Descrição: Ponte em granito sobre a ribeira de Carvalhais, com um arco central de volta perfeita e um outro lateral de tamanho mais reduzido que fecha em lintel. O tabuleiro é plano.*

Ponte de Ferreira [3]

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Ferreira; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ponte de Ferro [33]

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Ferro (ver, Ferro).*

Ponte de Gralhós (cmp79)

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Gralhós: localidade pertencente à freguesia de Morais, Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ponte de Noselos (cmp63)

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Noselos: tb. Nozelos, localidade pertencente à freguesia de Arcas, Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ponte de Paradinha [9] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Ponte de Paradinha.*
 - *Tipo de sítio: Ponte.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17242.*
 - *Localização: Chacim.*
 - *Descrição: Ponte sobre o Rio Azibo, em xisto, de tabuleiro plano assente sobre dois arcos de volta perfeita, em central maior, e um lateral mais pequeno.*

Ponte do Azibo (cmp92)

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Azibo (ver, Azibal).*

Ponte do Bairrinho [9] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Ponte do Bairrinho.*
 - *Tipo de sítio: Ponte*
 - *Período: Idade Média/ Moderno*
 - *CNS: 17244.*

- *Localização: Chacim.*
- *Descrição: Pequena ponte em xisto, situada na aldeia de Chacim, ao lado do Real Filatório. Tem um só arco de volta perfeita, com o tabuleiro plano. Não há elementos seguros sobre a sua cronologia, mas é possível que tenha uma origem medieval, pela sua colocação na zona antiga de Chacim, comprovadamente uma povoação de origem medieval, que conserva ainda o pelourinho, havendo notícias da existência de uma torre medieval, entretanto destruída e de localização perdida. Pode também ter sido construída na época moderna, até como apoio à fábrica de seda do Real Filatório de Chacim.*

Ponte de Vale da Porca [33] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Ponte de Vale da Porca.*
 - *Tipo de sítio: Ponte.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 17289.*
 - *Localização: Vale da Porca.*
 - *Descrição: A ponte de Vale da Porca é uma estrutura em xisto que na zona Sudoeste desta aldeia permite a travessia do rio Azibo. A sua arquitectura define-se por um tabuleiro em forma de cavalete que assenta em 3 arcos de volta perfeita. Destes três arcos destaca-se um central de maiores dimensões, que por sua vez é ladeado por mais dois arcos, também de volta perfeita, mas de menores dimensões.*

Ponte Nova [3;26]

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Nova (ver, Lameiro Novo).*

Pontes (cmp78)

- *Pontes: Pl. de Ponte (ver, Ponte).*

Ponte Velha [3]

- *Ponte (ver, Ponte);*
- *Velha (ver, Cerca Velha).*

Pontinho (cmp50)

- *Pontinho: diminutivo de ponto; pequena mancha arredondada e de superfície indeterminada; parte do espaço sem dimensão definidas; sítio fixo e determinado; lugar.*

Porqueiros [30]

- *Tratador ou negociante de porcos; guardador de porcos; relativo a porcos; diz-se de uma variedade de abóbora; designativo de uma variedade de couve, utilizada para a alimentação do gado.*

Porretas de Chacim (cmp92)

- *Porretas: Pl. de porreta; Reg. Maço de ferro; marreta; talo verde das cebolas;*
- *Chacim, Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; (ver, Chacim).*

Porta [34]

- *Sing. de portas (ver, Portas).*

Portal da Veiga [13]

- *Portal; porta principal de um edifício; pórtico; átrio; abertura em muro; sebe ou valado; cancela; entrada;*
- *Veiga (ver, Beiga da Dona).*

Portaleira [22]

- *Relativo a porta (ver, Portas).*

Portaleiro [22]

- *Relativo a porta (ver, Portas).*

Portas [12]

- *Portas pl. de porta; abertura para dar entrada ou saída; entrada; aceso; passagem estreita; desfiladeiro; garganta.*

Portela [2;14;20;21;26;27;29;30;32;33;37] (cmp64/78) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, e referente á freguesia de Salselas, (também conhecido por monte calvário);*
- *Portela; cotovelo de estrada ou caminho; depressão entre cumes de montanhas; passagem estreita entre montanhas;*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Monte Calvário/Portela*
 - *Tipo de sítio: Necrópole*
 - *Período: Indeterminado/ Idade Média.*
 - *CNS: 6118.*
 - *Localização: Salselas.*
 - *Descrição: Num pequeno outeiro designado Monte Calvário pode observar-se a sequência de dois acentuados taludes, de funcionalidade indeterminado. Estes taludes circundam na parte superior e a meia encosta um pequeno monte, de pendentes suaves e cujas dimensões são demasiado exíguas para se tratar de um povoado fortificado. Nos anos oitenta foram aqui encontradas algumas ossadas humanas quando se procedia ao revolvimento do solo, e que poderiam integrar a necrópole de uma possível capela ou igreja existente no cume da pequena elevação. À superfície são visíveis grandes quantidades de materiais, apenas se detectaram alguns fragmentos de telha de meia cana, Contíguo ao Monte Calvário, do lado Norte, está a zona do topónimo Portela, actualmente ocupada por um olival, e identificado pela tradição local como o local de implantação de um antigo povoado, mas também aqui não foram detectados materiais que permitissem definir com alguma segurança uma cronologia aproximada para o sítio em questão. Parece, no entanto, provável que o Monte Calvário e o sítio da Portela se tratem de um único sítio, podendo corresponder o Monte Calvário talvez ao local onde se implantou o templo do antigo assentamento, sendo provavelmente um sítio de época medieval. O espaço, no seu conjunto, foi alterado topograficamente devido à separação provocada pela abertura de um estradão público.*

Portela da Chaiça (cmp92)

- *Portela (ver, Portela);*
- *Chaiça: de Chaira (ver, Chaira).*

Portela da Costa [16]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Costa (ver, Costa).*

Portela da Cruz (cmp93)

- *Portela (ver, Portela);*
- *Cruz (ver, Cortinha da Cruz).*

Portela da Freixeda (cmp78)

- *Portela (ver, Portela);*
- *Freixeda (ver, Freixeda).*

Portela da Madriana [16]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Madriana; (de madria, do latim mandria); açude – rebanho de gado (do italiano mandria “manada”).*

Portela da Martins [19]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Martins. Nome de Pessoa.*

Portela da Vinha [28]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Vinhas (ver, Vinhas).*

Portela das Eiras (cmp93)

- *Portela (ver, Portela);*
- *Eiras: pl. de Eira (ver, Eira do Concelho).*

Portela das Maças [25]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Maças: fruto comestível da macieira, de forma arredondada e consistente.*

Portela de Banreses [33]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Banreses; antiga localidade, já extinta, que pertenceu á freguesia de Vale da Porca.*

Portela de Ciocos [38]

- *Portela (ver, Portela);*
- *Ciocos (ver, Cioco).*

Portelinha da Pereira (cmp78)

- *Portelinha; diminutivo de Portela (ver, Portela);*
- *Pereira (ver, Pereira).*

Portelinho [29]

- *Diminutivo de Portela (ver, Portela).*

Portinhas do Sol (cmp78)

- *Portinhas; diminutivo de Portas (ver, Portas).*

Portinho [35] (cmp78)

- *Diminutivo de porto (ver, Porto).*

Porto [13;29]

- *Sítio de uma costa ou de um rio onde os navios podem fundear; ancoradouro; lugar de descanso; refúgio; asilo; cala; calheta; enseada; escala; passo.*

Porto Barro [14]

- *Porto (ver, Porto);*
- *Barro (ver, Barros).*

Porto Barro de Baixo [14]

- *Porto (ver, Porto);*
- *Barro (ver, Barros);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Porto Cães [23]

- *Porto (ver, Porto);*
- *Cães; pl. de cão: mamífero carnívoro da família dos canídeos.*

Porto das Estacas [15]

- *Porto (ver, Porto);*
- *Estacas; amparo; escora; espeque; estacoeiro; haste; rodrigão; tanchão.*

Porto Predo [19]

- *Porto (ver, Porto);*
- *Predo; corrup. de precto; pleito, litígio; demanda; contenda. Doc. das bentas do Porto de 1280. (Eluc.)*

Poulão [3;26]

- *Relativo a poula; terreno de pousio, inculto, mas cultivável.*

Poulinho dos Juncas [13]

- *Poulinho; diminutivo de poula (ver, Poulão);*
- *Juncas; pl. de juncal; terreno onde crescem juncos; junqueira.*

Poulo [18]

- *M.q. poula; terreno de pousio, inculto, mas cultivável.*

Pousadas (Fonte das) – Bornes – MAH, Tomo X, p.238.**Pousadoiro (cmp78)**

- *Pousadoiro: m.q. Pousadouro: (ver, Pousadouro).*

Pousadouro [13;32] *

- *Lugar onde se pousa; pousadeiro; cu; assento; estalajadeiro; nádegas; poleiro; pousada.*

Pouso [14] *

- *M.q. pouso; ancoradouro; descanso; estância; paradeiro; poleiro; sepultura.*

Pouzadouro [24]

- *M.q. pousadouro (ver, Pousadouro).*

Povo [26]

- *Aldeia; arraial; casta; família; gentilha; habitante; lugarejo; nação; plebe; população; povoado.*

Povoação [3;23]

- *Aldeia; arraial; assento; burgo; cidade; localidade; lugar; pobla; povoado; terra; vila; castelo; cerco; circo; feira; fortaleza; mercado; rossio; terreiro.*

Praça [2]

- *Alarde; almoeda; castelo; arco; cidade; arco; fortaleza; forte; largo; mercado; rossio; terreiro.*

Praça no Meio do Povo [32]

- *Praça (ver, Praça);*
- *Maio: âmagô; centro; seio; via; médio; mediano;*
- *Povo (ver, Povo).*

Prada de Favais [8]

- *Prada; fem. de prado (ver, Prado);*
- *Favais; pl. de faval; campo de favas.*

Pradanchô – Vale Benfeito – MAH, Tomo X, p.238.

Pradinho [4;6;7;26;33]

- *Diminutivo de prado (ver, Prado).*

Pradinhos [30]

- *Pl. de pradinho; diminutivo de prado (ver, Prado).*

Prado [2;5;7;10;13;19;20;21;23;25;26;27;31;32;33;36;38] (cmp78/92)

- *Almargeal; campina; campo; hipódromo; lameiro; prisão; relvado; veiga; vergel; xadrez.*

Prado Ancho [32]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Ancho: largo; cheio de vaidade; soberbo.*

Prado Cavaleiros [20]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Cavaleiros; homem que sabe, costuma andar a cavalo.*

Prado Contado [20]

Prado; (ver, prado)

- *Contado; atribuído; corrido; imputado; lançado; participado.*

Prado das Moças [26]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Moças; pl. de moça; mulher ainda nova; rapariga.*

Prado de Aneiros [27]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Aneiros, pl. de aneiro: dependente do modo como o ano decorre; que produz ano sim, ano não; contingente; incerto.*

Prado de Baixo [2;38]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Prado de Bornes [32]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Bornes*: *Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros*.

Prado de Cavaleiros [25]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Cavaleiros* (ver, *Prado Cavaleiros*).

Prado de Cima [2]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Cima* (ver, *Carva de Cima*).

Prado de Peredo [24]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Peredo*: relativo á freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.

Prado de Sapinhos [25]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Sapinhos*, pl. de sapinho, diminutivo de sapo: *batráquio anuro com corpo rechonchudo, olhos salientes, extremidades curtas e cinco dedos semelhante á rã, insectívoro e muito útil á agricultura*.

Prado de Susão [1]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Susão*; de *suso*; *jussã*; *antigamente se disse juso" abaixo" e suso "acima"*. (eluc).

Prado de Suzão [1]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Susão*; m.q. *susão* (ver, *susão*).

Prado do Alfaiate [17]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Alfaiate*; *indivíduo que confecciona vestuário masculino; insecto aquático hemíptero, da família dos hidrometrídeos, de pernas longas, que se desloca sobre a superfície das águas tb conhecido por cabra e joaninha*.

Prado do Lombo (cmp92)

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Lombo* (ver, *Lombo*).

Prado do Richouro (cmp93)

- *Prado* (ver, *Prado*).

Prado Fundo [21]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Fundo*; *que tem fundura ou profundidade; profundo; cavado*.

Prado Longo [20]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Longo*; *extenso; comprido; dilatado; demorado; largo; longueiro*.

Prado Rasgado [38]

- *Prado* (ver, *Prado*);
- *Rasgado*: *que tem rasgão ou rasgões; em pedaços; despedaçado; roto; esfarrapado; largo; espaçoso; aberto; sem limites; sem restrições*.

Prado Rasgado de Cima [38]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Rasgado (ver, Prado Rasgado);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Prados [16;21;26]

- *Prados; pl. de prado (ver, Prado).*

Prados Mocas [26]

- *Prados (ver, Prado);*
- *Mocas; pl. de moca; cacete; cacheira; clava; engano; escárnio; mentira; planta arbustiva espontânea, gíria, mocas de raposa ou mocas.*

Prado Saldonha [24]

- *Prado (ver, Prado);*
- *Saldonha. Sem proposta.*

Preadouro (cmp78)

- *Preadouro: de Prear; aprisionar; prender; agarrar; tomar; apossar-se de; conquistar; fazer presa: Reg. Irritar-se; zangar-se.*

Prêdo [31]

- *(ver, Ribeiro do Prêdo).*

Preguiça [8]

- *Tendência da pessoa para evitar ou recusar o esforço; indolência; pequeno molho de meda do cereal ainda por malhar.*

Prejoanes – Ferreira – MAH, Tomo X, p.239.

Pressada [17]

- *Gir: m.q. presseira; pequeno regato que sai da regueira condutora da água do rego.*

Priames – Freguesia de Ala – MAH, Tomo X, p.239.

Proviceira – Lombo – MAH, Tomo X, p.239.

Provinceiras (cmp93)

- *Sem proposta.*

Psarna – Morais – MAH, Tomo X, p.239.

Púlpado (Fraga do Púlpito) – Sobreda – MAH, Tomo X, p.239.

LETRA “Q”

Quadrassal (cmp77)

- *Quadrassal: m.q. Quadraçal (ver, Eiras do Quadraçal).*

Quartos (cmp79)

- *Quartos; pl. de quarto; divisão de habitação; vasilha de meia pipa, correspondente a um quarto de tonal; Antiga bala de chumbo; despensa; arrecadação.*

Quebrada [6;19] (cmp93)

- *Alcantil; barreiro; barroca; brecha; coirela; precipício; vertente; declive; declive de um monte, ladeira; escavação feita pelas águas pluviais; desmoronamento de terras; soldadas de dois pães por dia*

Quebradinha [19]

- *Diminutivo de quebrada (ver, Quebrada).*

Queimada [16] (cmp64)

- *Incêndio; queima; queima de vegetação; lugar onde se faz essa queimada; terra calcinada, própria para adubo.*

Queimadas (cmp79)

- *Queimadas; pl. de Queimada (ver, Queimada).*

Queimadinha [34]

- *Diminutivo de queimada (ver, Queimada).*

Queimados [16;30]

- *(ver, Queimada).*

Queiroga [26;31;34] (cmp63/64)

- *Espécie de urze, de flor branca espontânea em Portugal.*

Queirogal [22]

- *Local onde existe queirós.*

Queirogas [22]

- *Relativo a queiró (ver, Queiroga).*

Queirogueira [22]

- *Relativo a queiró (ver, Queiroga).*

Queirógueira [22]

- *Relativo a queiró (ver, Queiroga).*

Queixais – *Espadanedo* – MAH, Tomo X, p.239.

Quetrofe – *Bornes* – MAH, Tomo X, p.239.

Quilhosas [30]

- *Relativo a quilhoto; beirão.*

Quinhães [26]

- *Relativo a quinhão; parte que cada um recebe na divisão de um todo; quota-parte; parcela; porção; dose; monte; parte; partilha.*

Quinhões – *Valdrez* – MAH, Tomo X, p.240.

Quinta [3;12;15;17;18;21;22;34;36] (cmp63)

- *Propriedade rústica cercada ou não de árvores, com terra de semeadura e geralmente casa de habitação.*

Quinta da Barca (cmp93)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Barca (ver, Barca).*

Quinta da Caída (cmp49)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Caída: acto ou efeito de cair; queda; declínio; decadência; diminuição; enfraquecimento; cessação;*

Quinta da Camba (cmp91)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Camba: m.q. Cambá (ver, Cambá).*

Quinta da Carrasqueira (cmp49)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Carrasqueira (ver, Carrascal).*

Quinta da ChoreNSE [22] (cmp63)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *ChoreNSE; relativo a chorão; salgueiro-branco; salgueiro-chorão.*

Quinta da Ricorelha [32]

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Ricorelha. Sem proposta.*

Quinta da Taipa (cmp78)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Taipa (ver, Taipas).*

Quinta da Tapada [35]

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Tapada (ver, Tapada).*

Quinta da Ventoreira [30]

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Ventoreira; de ventor; cão-de-busca; cão que possui bom faro.*

Quinta das Camelas (cmp63)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Camelas: Tecido impermeável de pêlo de cabra ou de lã de carneiro.*

Quinta das Servas (cmp78)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Servas: fem. de servo; Feudalismo, indivíduo ligado a uma terra e dependente de um senhor; criado; servente; aquele que vive em situação de escravidão; escravo; pessoa oprimida ou sem liberdade.*

Quinta Debaixo (cmp78)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Debaixo: inferiormente; em lugar inferior a; na dependência de.*

Quinta de Cima [36]

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Quinta de S. Lourenço (cmp93)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *S.; m.q. Santo (ver, Santo);*
- *Lourenço. Nome de Pessoa.*

Quinta de Santa Marinha [30]

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Santa Marinha: pessoa santificada que foi canonizada.*

Quinta de Vale do Servo (cmp64)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Servo (ver, Quinta das Servas).*

Quinta do Calveiro [32]

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Calveiro (ver, Calveiro).*

Quinta do Mouco (cmp79)

- *Quinta (ver, Quinta);*
- *Mouco: que ou aquele que ouve pouco ou nada; surdo.*

Quintal [2]

- *Terreno com horta ou jardim junto a uma casa de habitação; pequena quinta; pátio.*

Quintela – Valdrez – MAH, Tomo X, p.240.

Quinto – Valdrez – MAH, Tomo X, p.240.

LETRA “R”

Rabaçal [38]

- *Terreno onde abundam as rabaças; planta herbácea da família das umbelíferas, espontânea em Portugal, nos poços, charcos, ribeiros etc.*

Rabaças [16]

- *Pl. de rabaça; bubão; paspalhão; paspalho; planta herbácea da família das umbelíferas, espontânea nos poços, charcos e ribeiros.*

Rabo de Égua [13;14] (cmp50)

- *Rabo; extremidade posterior mais ou menos prolongada do corpo de muitos animais; cauda;*
- *Égua; fêmea do cavalo.*

Rabo de Gata [21]

- *Rabo (ver, Rabo de Égua);*
- *Gata; fêmea do gato.*

Rabo-de-gato (cmp78)

- *Rabo (ver, Rabo de Égua).*

Racheira [38]

- *Relativo a rachar; preencher com lascas de pedra e argamassa; porção de lascas ou rochas de pedras.*

Racheiros [38]

- *Pl. de racheira (ver, Racheira).*

Rafado [4]

- *Bandalho; casquilho; falho; faminto; miserável; mísero; pobre; poído.*

Rafareira [2]

- *Relativo a rafar; coçar; roçar; cotiar.*

Rage [9;35]

- *M.q. raje; estria; risca; lista; raia; rajo, parte do pinheiro que se corta para extracção da resina.*

Rages [38]

- *Pl. de rage (ver, Rage).*

Raija – *Talhas* – MAH, Tomo X, p.240.

Rainha [31]

- *Soberana de um estado; esposa de Rei; primeira entre outros ou outras; pessoa mais importante.*

Raja (cmp79/93)

- *Raja: Estria; risca; Lista; faixa; Raia.*

Rajada [15]

- *Ventania repentina forte violenta e rápida; lufada; precipitação violenta e repentina.*

Rajadas [29]

- *Pl. de rajada; (ver, Rajada).*

Ramadouro [22]

- *Referente a rama; conjunto de ramos e das folhas de uma planta; ramagem; ramada.*

Ramalha [26]

- *Conjunto de ramos e de folhas de uma planta, ramo grande cortado da árvore.*

Ramalhal [12;26;38] (cmp64)

- *Porção de ramos cortados; muitos ramos.*

Ramalhosa [30]

- *Relativo a ramalhal (ver, Ramalhal).*

Rangel [21]

- *Relativo a range; som áspero e penetrante; peça em regra de sola ou cortiça que se mete por baixo da palmilha de um sapato.*

Ranguenjo – *Vale de Prados* – MAH, Tomo X, p.241.

Rapadas [29]

- *Pl. de rapada, f. de rapado; que se rapou; cortado rente; barbeado.*

Rapadinha [13]

- *Diminutivo de rapado; barbeado; calvo; liso; pronto; raso.*

Rapana – *Freguesia de Carrapatos – MAH, Tomo X, p.241.*

Raposa [17]

- *Mamífero carnívoro da família dos canídeos, muito ágil, esperta e manhosa.*

Raposeira [2*;11]**

- *Cova da raposa, sensação de bem-estar de quem se deita ao sol. Topónimo onde se encontra o povoado fortificado denominado Terrenha de Pinhovelo na freguesia da Amendoeira. (ver, Terronha).*

Raposeiras (cmp77)

- *Raposeiras: Pl. de Raposeira (ver, Raposeira).*

Raposo [16]

- *Macho da raposa (ver, Raposa).*

Raposeiras [18;20;29] (cmp64)

- *M.q. raposeiras (ver, Raposeira).*

Rasquadeira (cmp92)

- *Sem proposta.*

Real Filatório de Chacim [9] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Chacim. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Real Filatório.*
 - *Tipo de sítio: Complexo Industrial.*
 - *Período: Moderno.*
 - *CNS: 11375*
 - *Localização: Chacim.*
 - *Classificação: Em vias de classificação.*
 - *Descrição: Complexo industrial que engloba as ruínas do Filatório, o respectivo aproveitamento hidráulico, a casa dos casulos e o bairro operário. Aí se instalou em 1788 o Filatório de Sede, onde foi introduzido o sistema de fiação e torcedura de seda à piemontesa. A intervenção arqueológica (projecto de estudo e valorização) realizada por [Maia et alli, 1997], nas ruínas do Real Filatório permitiu confirmar a existência de um filatório do tipo piemontês. Foram detetadas duas paredes interiores e dois canais de escoamento de água. O espólio recolhido pode-se agrupar em três categorias: Um fuso, base onde giravam os fusos e tubos de vidro que impediam que o fio de seda se partisse.*

Rebentágua [13]

- *Rebentar+ água; rebentar; fragmentar-se de forma violenta e em geral barulhenta; estourar, estalar: água; (ver, Entre as Águas).*

Rebochão [1]

- *Sem proposta.*

Rebolal [31]

- *Relativo a reboleira (ver, Reboleira).*

Rebolale [16]

- *Relativo a rebolo (ver, Reboleira).*

Rebolêdo [4]

- *Relativo a rebolo (ver, Reboleira).*

Reboleira [14]

- *Lodo que se acumula no fundo da caixa onde gira o rebolo; rebolo; pequena mó que gira em torno de um eixo; pedra redonda; calhau; rebordão; seixo.*

Reboleiro [18;25]

- *(ver, Reboleira).*

Recantos [26]

- *Pl. de recanto; canto esconso; escaninho; lugar retirado; esconderijo.*

Recheira [18]

- *Relativo a rechega; operação de fender longitudinalmente os pinheiros para a colheita da resina.*

Recovas [38]

- *Pl. de recova; acto de recovar; transporte de bagagens, mercadorias, feito por recoveiro, mediante pagamento; preço desse transporte; recovagem.*

Recta da Cilha (cmp79)

- *Recta: conjunto infinito de pontos, linearmente ordenados, sem primeiro nem último; traço direito; lanço rectilíneo de estrada;*
- *Cilha: Faixa de tecido ou correia larga que passa por baixo da barriga das cavalgaduras para segurar a sela ou a carga.*

Rede (cmp79)

- *Rede: Aparelho armado com tecido de malha para apanhar peixe e outros animais; tecido de malha para vedações; tecido forte, tipicamente de malha, que se suspende de duas hastes ou ramos de árvores para se dormir a sesta; entrelaçamento de nervos e fibras; emaranhado de coisas ou de circunstâncias.*

Redroalho [1]

- *Sem proposta.*

Redonda [14]

- *Fem. de redondo; circular; esférico; cilindro, curvo.*

Redondel (cmp78)

- *Redondel: m.q. redondelo (ver, Redondelo).*

Redondelo [12;13;26;33*]**

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, situado na freguesia de Vale da Porca.*
- *m. de redondela; rodazinha; rodela; roda pequena; redondel.*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Redondel.*
 - *Tipo de sítio: Monumento megalítico.*
 - *Período: Neo-Calcolítico.*
 - *CNS: 17285.*
 - *Localização: Vale da Porca.*
 - *Descrição: Monumento megalítico de pequenas dimensões, situado nas proximidades do santuário de santo Ambrósio, para Norte, junto a uma pequena*

linha de água subsidiária da ribeira de Salselas. O local onde se implanta a mamoa é cultivado com cereais, o que constitui um importante factor para acelerar a sua degradação.

- Objecto de acções de vandalismo, o monumento apresenta uma grande cratera de violação que parece ter provocado a destruição da sua estrutura. No entanto, e apesar de não ser visível qualquer vestígio pétreo, nota-se a estruturação do seu corredor.
- No âmbito do projecto de investigação arqueológica “Terras Quentes” este arqueosítio foi intervencionado entre 25 de Agosto e 12 de Setembro de 2003, tendo-se obtido os seguintes resultados: Confirmou-se a existência do monumento megalítico, sendo digno de nota como resultado preliminar o aparecimento na periferia da mamoa, no lado Este de uma grande concentração de olaria, com evidente associação de fragmentos de vários recipientes cerâmicos. A sua análise configura uma situação de reutilização tardia provavelmente da Idade do Bronze.

Referta [17]

- *Referta*; alteração; briga; contenda; disputa; escaramuça; escatina, oposição; porfia. *Refega*, m.q. *refesta* f. de refesto; anfractuosidade; depressão; reentrância.

Refesta [17]

- *Fem.* de refesto; ruga profunda; anfractuosidade; reentrância.

Refoio [17] – Freguesia de Lamalonga – MAH, Tomo X, p.242.

- *M.q.* *refojo*; recôncavo de terreno; gruta ou caverna onde se acoitam feras.

Refunda [27]

- *Relativo a refundar*; tornar mais fundo; aprofundar.

Reina [14]

- *Gir*; f. de reino; pau comprido do moinho, com uma cavidade ao centro, onde se colocava a mealha.

Regada [3;11;12;13;17;22;29]

- *Leira*; *regadia*; terreno que tem água; (*reg.*) temporada das regas.

Regada das Pinhas [16]

- *Regada* (ver, *Regada*);
- *Pinhas*: Pl. de pinha; infrutescência com escamas lenhosas presas a um eixo, cada uma das quais suporta uma ou mais sementes, como nas coníferas.

Regada do Birra (cmp78)

- *Regada* (ver, *Regada*);
- *Birra*: *Teima*; *Obstinação*; *capricho*; *pertinácia*; *antipatia*; *aversão*; *quezília*; *zanga*; *costume irracional*; *vício*.

Regada do Fetal [33]

- *Regada* (ver, *Regada*);
- *Fetal*; terreno onde crescem fetos.

Regada do Moinho [16]

- *Regada* (ver, *Regada*);
- *Moinho*; *engenho* ou *máquina* de moer grãos ou triturar determinadas substâncias.

Regada do Senhor (cmp78)

- *Regada (ver, Regada);*
- *Senhor: masc. de Senhora: (ver, Senhora da Oliveira).*

Regadas [13;16] (cmp50/64/79)

- *Regadas Pl. de regada (ver, Regada).*

Regadinha [6;29]

- *Diminutivo de regada (ver, Regada).*

Regadinhas (cmp92)

- *Regadinhas; diminutivo de Regadas (ver, Regada).*

Regadinho [19]

- *Diminutivo de regada (ver, Regada).*

Regato da Felpa (cmp63)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Felpe: Pêlo saliente de estofado ou tecido; Pêlo de animais; pelagem macia que reveste alguns vegetais; carepa; pêlos finos e curtos existentes em certas zonas do corpo.*

Regato da Fonte Fria (cmp79)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Fria (Lameiro da água Fria).*

Regato da Fraga (cmp63)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Fraga (ver, Fraga).*

Regato da Touça (cmp63)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Touça: Vergôntea de castanheiro utilizada em cestaria; vara ou ramo comprido de uma árvore; parte de uma planta, especialmente árvore que compreende as bases do caule e da raiz; cepa; touceira; maciço de castanheiros; moita.*

Regato da Vila Seca (cmp50)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Vila (ver, Vila Cordeiro);*
- *Seca: acto ou efeito de secar; falta de chuva; estiagem; importunação; maçada.*

Regato das Adegas [6]

- *Regato: curso de água pouco volumoso e não permanente; corroio; ribeiro.*
- *Adegas: Pl. de adega; parte de uma casa geralmente subterrânea onde se guarda o vinho, azeite e outras provisões.*

Regato das Corgas (cmp49)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Corgas: Pl. de corga; caminho estreito; sulco; canal aberto pelas águas; regueiro.*

Regato de Penetiro (cmp50)

- *Regato (ver, Regato das Adegas);*
- *Penetiro: Peneta; infelicidade; azar.*

Regato de Urzeda (cmp79)

- *Regato* (ver, *Regato das Adegas*);
- *Urzeda*: fem de *urzedo* (ver, *Urzedo*).

Regato de Vale Côvo (cmp50)

- *Regato* (ver, *Regato das Adegas*);
- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Côvo*: Covo; côncavo; fundo; espécie de massa para pescar nos rios; cesto onde a galinha choca os ovos; espécie de gaiola para recolher a criação.

Regato do Azibal (cmp63)

- *Regato* (ver, *Regato das Adegas*);
- *Azibal* (ver, *Azibal*).

Regato do Gricho (cmp63)

- *Regato* (ver, *Regato das Adegas*);
- *Gricho*. Sem proposta.

Regato do Vale da Bouça (cmp49)

- *Regato* (ver, *Regato das Adegas*);
- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Bouça* (ver, *Boiça*).

Regocho (cmp92)

- *Regocho*: Rego; vala por onde passa água; valeta; sulco feito no solo pelo ferro do arado; sulco que as rodas de carro deixam; rodeira; ruga; refego.

Regueira da Vinha [13]

- *Regueira* (ver, *Regueira*);
- *Vinha*; terreno plantado de videiras; vinhal; conjunto de videiras de um terreno; mina.

Regueiral [17]

- Relativo a *regueira*; (ver, *Regueira*).

Regueiras [7]

- Pl. de *regueira*; acéquia; arroio; regato; rego; regueiro; reigada; sulco; vala.

Reguengos [27]

- Pl. de *reguengo*; próprio do Rei; real; pertencente ao património real; terra do património real; arrendada com a obrigatoriedade de certos tributos em géneros.

Reixa [6] (cmp91)

- Pequena tábuia; grade de janela; gelosia; [pop. antigo; rixa].

Rebor de Vaca [36]

- *Rebor*, m.q. rubor; de rebora; alvedrio; decisão; presente que o comprador de uma propriedade dava ao vendedor além do preço estipulado; (reg.) vinho que os contratantes bebem nas feiras depois de fechado o negócio.

Regueiral [36]

- Relativo a *regueiro*; sulco ou rego por onde passa água; pequeno curso de água.

Reitoria (cmp64)

- *Reitoria*: Gabinete do Reitor; sede da administração de uma Universidade; paróquia sobre a direcção de um reitor; residência do pároco, em certas freguesias.

Reladeira [21]

- *Gir. de rela; roldana para espetar os pássaros; seixo, mais ou menos redondo, sobre o qual gira o guilho ou aguilhão do moinho*

Relfa [3]

- *Sem proposta.*

Relva [16;21] (cmp79)

- *Camada de terra rasteira espontânea ou tratada; terreno coberto ou revestido dessa erva; planta herbácea da família das gramíneas.*

Relvas (cmp93)

- *Relvas; Pl. de relva (ver, Relva).*

Remiscal [29]

- *Sem proposta.*

Remisquedo/Remiscal – Cabanas – MAH, Tomo X, p.242.

Renda – Vilar de Ouro – MAH, Tomo X, p.242.

Renia [14]

- *Sem proposta.*

Requeixo [33] (cmp78/92) – Chacim – MAH, Tomo X, p.243.

- *Relativo a requeixada; acanhada; estreita; oprimida; e também despovoado; “a minha terra fica por esta rrazom mays requeixada para os meos foros, e direitos. Doc. Câmara secular de Lamego de 1352.*

Retorno [14;21;26] (cmp78)

- *Acto ou efeito de retornar; voltar; regresso; câmbio; devolução; gratidão; recompensa; regressão; tornada; troco;*

Retorta [30;31;32;38]

- *Parte curva do báculo; vaso bojudo, de gargalo estreito, curvo e voltado para baixo; parte do alambique que estabelece a ligação entre a caldeira.*

Revolta [13;20] (cmp78)

- *Rebelião contra a autoridade estabelecida, sublevação; insurreição; levantamento; motim; redição; volta ou curva de um rio ou caminho; deslavra; cultura de plantas de colheita serôdia feita num terreno já cultivado com espécies temporãs.*

Revoltas [12;13;18]

- *Pl. de revolta (ver, Revolta).*

Ria [27]

- *Enseada comprida e estreita provocada pelo movimento eustático de levantamento do nível do mar, de modo que este invadiu os vales fluviais separados uns dos outros por elevações orográficas oblíquas ou perpendiculares á costa.*

Ribal [38]

- *Relativo a ribado; outeirinho; ribanceira.*

Ribeira [2;5;7;10;13;14;15;18;19;20;24;25;28;29;33;34;35;38] (cmp50)

- *Pequeno rio; ribeiro; porção de terra banhada por um rio.*

Ribeira da Eirinha (cmp93)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Eirinha*: Diminutivo de *eira* (ver, *Eira do Concelho*).

Ribeira da Frieira (cmp65)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Frieira*: sing. de *frieiras* (ver, *Frieiras*).

Ribeira d'Ala [3]

- *Ribeira*; (ver, *Ribeira*);
- *D'Ala*; *Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros*.

Ribeira da Pedra Abelheira (cmp78)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Pedra* (ver, *Pedra*);
- *Abelheira* (ver, *Abelheira*).

Ribeira das Almas [26]

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Almas*; parte imaterial do ser humano; princípio espiritual em oposição à matéria.

Ribeira das Barroncas (cmp78)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Barroncas*. Sem proposta.

Ribeira das Canas (cmp78)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Canas*: Pl. de *Cana*: planta rizomatosa, de colmo lenhoso, da família das gramíneas, cultivada e subespontânea em Portugal, útil pelas aplicações de seu colmo.

Ribeira das Carvas (cmp77)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Carvas*: Pl. de *Carva* (ver, *Carva*).

Ribeira das Fragas do Santo (cmp78)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Fragas* (ver, *Fraga*);
- *Santo* (ver, *Santo*).

Ribeira das Maças [11]

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Maças*; fruto comestível da macieira.

Ribeira das Mós (cmp49)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Mós*: Pl. de *Mó*; pedra circular e rotativa dos moinhos que tritura e mói o grão dos cereais ou a azeitona; Pedra de amolar.

Ribeira de Ala (cmp63)

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Ala*: *Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros*; (ver, *Ala*).

Ribeira de Baixo [12;14;38]

- *Ribeira* (ver, *Ribeira*);
- *Baixo* (ver, *Carva de Baixo*).

Ribeira de Cacho [38]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Cacho; bocado; cachorro; cachu; corimbo; gacho; galho; pedaço; penca; pinhoca; pinhoca; inflorescência agrupada monopodial cujas flores são pedunculadas; racimo.*

Ribeira de Camba (cmp92)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Camba: Cada uma das peças curvas que formam as rodas dos carros de bois; Peça do freio em que entra o tornel da rédea; pedaço de tecido com que se aumenta a roda do vestido.*

Ribeira de Caravelas [5]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Caravelas; embarcação de vela; catavento; chocalho; gorjeta; ventoinha.*

Ribeira de Carvalhais (cmp78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Carvalhais: Pl. de Carvalhal (ver, Carvalhal).*

Ribeira de Carvalhal (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Carvalhal (ver, Carvalhal).*

Ribeira de Castro (cmp79)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Castro (ver, Castro).*

Ribeira de Cima [5;12;14;22]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Ribeira de Chacim (cmp91)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Chacim; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros (ver, Chacim).*

Ribeira de Codes [18] (cmp64)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Codes; reg. Codeão: terra endurecida pela geada; codão.*

Ribeira de Codres [25]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Codres; m.q. codes (ver, Ribeira de Codes).*

Ribeira de Cortes [11]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Cortes: Pl. de corte; curral; malhada.*

Ribeira de Côvres [11]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Côvres; corrup. de côdres (ver, Ribeira de Codes).*

Ribeira de Ereges [3]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Ereges (ver, Ereges).*

Ribeira de Ereis [3]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Ereis; de erro (eluc.) campo, herdade ou qualquer propriedade que por marcos se divide “Qui moiom alieno in suo ero modaret, Foral de Évora, 1166, livro velho dos forais”.*

Ribeira de Ferreiras (cmp64/63)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Ferreiras: Pl. de Ferreira (ver, Ferreiro).*

Ribeira de Fornos (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Fornos (ver, Fornos).*

Ribeira de Frieira (cmp79)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Frieira: sing. de Frieiras (ver, Frieiras).*

Ribeira de Gabes [32]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Gabes, de gabela; feixe de espigas; paveia; braçada.*

Ribeira de Latões (cmp63)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Latões (ver, Latões).*

Ribeira de Limãos [26]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Limãos; povoação pertencente á freguesia de Salselas.*

Ribeira de Macedo (cmp49)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Macedo: relativo à cidade de Macedo (ver, Macedo de Cavaleiros).*

Ribeira de Montestal (cmp50)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Montestal. Sem proposta.*

Ribeira de Móz [22]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Móz: Pl. de mó; derrangadeira; massa; moenda; montão; multidão; queixal; pedra circular e rotativa dos moinhos que tritura e mói o grão dos cereais ou a azeitona; pedra de amolar.*

Ribeira de Olmos [21]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Olmos; freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeira de Omeda (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Omeda. Sem proposta.*

Ribeira de Peredo (cmp92)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Peredo (ver, Peredo).*

Ribeira de Roubães (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Roubães. Sem proposta.*

Ribeira de S. Amaro [11]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Stº Amaro; pessoa que morreu em estado de santidade e que foi canonizada.*

Ribeira de S. Cabrão (cmp49)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *S.: m.q. Santo (ver, Santo);*
- *Cibrão. Nome de Pessoa.*

Ribeira de S. Gonçalo (cmp92)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *S. m.q. Santo (ver, Santo);*
- *Gonçalo. Nome de Pessoa.*

Ribeira de Salselas (cmp64/78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Salselas: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros (ver, Salselas).*

Ribeira de Vale de Moinhos (cmp93/79)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Vale (ver, Vae);*
- *Moinhos (ver, Moinho).*

Ribeira de Vale Pereiro (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Pereiro (ver, Pereiro).*

Ribeira de Vinhas (cmp64)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Vinhas: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros (ver, Vinhas).*

Ribeira do Amedo (cmp92)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Amedo (ver, Amêdo)*

Ribeira do Calveiro (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Calveiro (ver, Calveiro).*

Ribeira do Fisão (cmp64)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Fisão. Sem proposta.*

Ribeira do Fragão (cmp93)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Fragão: aumentativo de Fraga (ver, Fraga).*

Ribeira do Inferno (cmp78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Inferno (ver, Inferno).*

Ribeira do Moinho [29]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Moinho (ver, Moinho).*

Ribeira do Monte Velho (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Monte (ver, Monte);*
- *Velho (ver, Caminho da Barca).*

Ribeira do Pisão [22] *

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Pisão; máquina para pisoar os panos; pinçote; pisador.*

Ribeira do Poço do Diabo (cmp78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Poço (ver, Poço);*
- *Diabo: Pessoa má, perversa; pessoa astuta; pessoa irrequieta; Espírito do mal; demónio; Satanás.*

Ribeira do Reguengo (cmp64)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Reguengos (ver, Reguengos).*

Ribeira do Vale Gesto (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Gesto: Movimento do corpo, principalmente da cabeça e dos braços, para exprimir ideias ou sentimentos; aspecto; fisionomia; rosto; semblante; parecer.*

Ribeira do Vale Mourão (cmp77)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Mourão (ver, Vale Mourão).*

Ribeira dos Couços (cmp93)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Couços: Pl. de Couço (ver, Couço).*

Ribeira dos Moinhos [29]

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Moinhos: Pl. de moinho (ver, Moinho).*

Ribeira dos Muros (cmp78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Muros: Pl. de Muro (ver, Muro).*

Ribeira dos Piçarros (cmp78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Piçarros; Piçarra; nome extensivo a um grupo de rochas sedimentares xistosas, umas muito duras, constituídas essencialmente por quartzo e micas (filitos) ou-*

tras menos duras, constituídas por grãos de quartzo e matéria argilosa, a que se associam outros componentes (piçarras argilosas), e a que pertencem a lousa ou ardósia, a pedra de afiar ou pedra de amolar.

Ribeira Escura [32] (cmp78)

- *Ribeira (ver, Ribeira);*
- *Escura; com falta de luz; às cegas.*

Ribeiral [15]

- *Relativo a ribeira (ver, Ribeira).*

Ribeirão [1;20]

- *Aumentativo de ribeira (ver, Ribeira).*

Ribeirinha [1;2;5;8;11;12;13;15;18;20;23;24;25;26;27;29;31;34;38] (cmp78/79/91)

- *Ribeirinha, diminutivo de ribeira (ver, Ribeira).*

Ribeirinho [6]

- *Ribeirinho, diminutivo de ribeira (ver, Ribeira).*

Ribeiro [1;3;17;26;32]

- *Rio pequeno; regato; arroio.*

Ribeiro da Açoreira (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Açoreira. Sem proposta.*

Ribeiro da Amendoeira (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Amendoeira: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro da Caravela [24]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Caravela: embarcação de vela latina; antiga moeda de prata; gorjeta; chocalho; cata-vento; ventoinha.*

Ribeiro da Carvalha (cmp92)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Carvalha (ver, Carvalha).*

Ribeiro da Choudica (cmp50)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Choudica. Sem proposta.*

Ribeiro da Choupica (cmp49)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Choupica; m.q. Chaupica (ver. Chaupica).*

Ribeiro da Costa [22]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Costa: área que fica próxima do mar; margem do rio; lagoa; acha; declive; descida; encosta; ladeira; lado; traseira; verso.*

Ribeiro da Garganta (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Garganta: Passagem estreita entre serras; desfiladeiro; vale encaixado entre vertentes abruptas; desfiladeiro;*

Ribeiro da Gualta (cmp49)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Gualta. Sem proposta.*

Ribeiro da Igreja [21]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Igreja; edifício destinado ao culto de uma religião.*

Ribeiro da Lança [13]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Lança; arpão; azagaia; hasta; lanceiro; pique.*

Ribeiro da Margarida (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Margarida: Nome de pessoa; planta da família das Compostas, com capítulos de flores liguladas, brancas, espontânea em Portugal, e também conhecida por bonita; bem-me-quer; margarita.*

Ribeiro da Pala (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Pala (ver, Pala).*

Ribeiro da Pedreira (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Pedreira (ver, Pedreira).*

Ribeiro da Pombeira (cmp49)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Pombeira (ver, Pombeira).*

Ribeiro da Rodela (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Rodela (ver, Rodela).*

Ribeiro da Serra [29]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Serra (ver, Serra).*

Ribeiro da Valsada (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Valsada. Sem proposta.*

Ribeiro da Videira (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Videira: Nome vulgar extensivo a um grande número de castas (quase todas cultivadas) de um arbusto sarmentoso e com gavinha, de origem asiática, e também denominado videira europeia, pertencente à família das Vitáceas, intensivamente cultivado em Portugal pelo valor dos seus frutos (uvas), muito apreciados e utilizados na alimentação e na preparação do vinho; cepa; parreira; vide.*

Ribeiro da Vila [9;30] (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vila (ver, Fonte da Vila).*

Ribeiro das Aguçadeiras (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Aguçadeiras: pl, de aguçadeira; Pedra de aguçar ou de amolar; afiadeira.*

Ribeiro das Bouças (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Bouças; m.q. Boiça (ver, Boiça).*

Ribeiro das Corças (cmp92)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Corças (ver, Corças).*

Ribeiro das Cortinhas [8]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Cortinhas (ver, Cortinha).*

Ribeiro das Inverniças (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Inverniças; Fem. de Inverniço; próprio do inverno; que se desenvolve no inverno.*

Ribeiro das Lages [26]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Lages (ver, Lage).*

Ribeiro das Olgas (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Olgas: Pl. de Olga (ver, Olga).*

Ribeiro das Pombeiras [16]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Pombeiros; Fem. de pombeiro; engenho para elevar as águas.*

Ribeiro das Salgueirinhas (cmp92)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Salgueirinhas (ver, Salgueirinhas).*

Ribeiro de Agrobom (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Agrobom (ver, Agrebom).*

Ribeiro de Assureira (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Assureira (ver, Asseureira).*

Ribeiro de Baguleije (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Baguleije. Sem proposta.*

Ribeiro de Burga (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Burga: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros: Burgar, escavar (a terra) de origem controversa, talvez ligado ao francês meridional “bürgá” (esgaracatar).*

Ribeiro de Castro (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Castro (ver, Castro).*

Ribeiro de Chacim [5] (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Chacim; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro de Carrapatinha (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Carrapatinha: Localidade pertencente à freguesia de Ala, Concelho de Macedo de Cavaleiros; diminutivo de carrapata; ferida de cicatrização difícil; situação complicada; dificuldade; embaraço; carrapatal, lugar onde há grande quantidade de carrapatos ou carraças; (ver, Carrapatas).*

Ribeiro da Carvalha (cmp93)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Carvalha (ver, Carvalhal).*

Ribeiro de Códres [25]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Códres (ver, Ribeira de Codes).*

Ribeiro de Gervelim (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Gervelim; Gerzelim; m.q. gergelim, erva da família das pedaliáceas com folhas ca-riaveis; sésamo; coentro.*

Ribeiro de Ginjunho (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Ginjunho. Sem proposta.*

Ribeiro de Grijó (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Grijó: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros..*

Ribeiro de Entre as águas (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Entre as Águas: (ver, Entre as Águas).*

Ribeiro de Maças [25]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Maças: Pl. de maçã; pau bastante pesado mais grosso numa extremidade que noutra, outrora usado como arma; clava; instrumento que serve para bater ou maçar o linho; maço; pilão cilíndrico usado pelos calceteiros, fruto da macieira.*

Ribeiro de Macedo de Cavaleiros (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Macedo de Cavaleiros; Relativo à cidade de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro de Melão (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Melão (ver, Melão).*

Ribeiro de Mosqueiros (cmp64)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Mosqueiros: Mosquedo; lugar inçado de moscas; ninho de moscas; espécie de armário para resguardar os alimentos do contacto com as moscas, conservando-os arejados através de rede fina; qualquer objecto próprio para apanhar ou afugentar moscas.*

Ribeiro de Paradela (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Paradela: Reg. Exposição ao vento.*

Ribeiro de Poulos (cmp49)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Poulos: Reg. Poula; terreno de pousio, inculto, mas cultivável.*

Ribeiro de Rebolal (cmp93)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Rebolal: Rebolo; diz-se do castanheiro bravo; Reg. Pedra redonda.*

Ribeiro de Salgueiras (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Salgueiras (ver, Salgueiro).*

Ribeiro de São Mamede (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *São; m.q. Santo (ver, Santo);*
- *Mamede. Nome de Pessoa.*

Ribeiro de Seixo [3] (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Seixo; pedra geralmente lisa, dura e de tamanho reduzido; calhau; rocha sedimentar detrítica não lapidada.*

Ribeiro de Sezulfe (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Sezulfe; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro de Soalheiras (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Soalheiras (ver, Soalheira).*

Ribeiro de Palheiras [26]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Palheiras; meda de palha, lugar onde se guarda palha; casa pobre e modesta.*

Ribeiro de Real (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Real: que existe de verdade; que não é imaginário; verdadeiro; efectivo; referente ao rei ou à realeza; próprio do Rei. Magnífico; sumptuoso; antiga unidade monetária de Portugal.*

Ribeiro de Talhas [26]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Talhas; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro de Travanca (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Travanca, Localidade pertencente à freguesia de Macedo de Cavaleiros; empecilho; embaraço; obstáculo; travanca (de trave+anca).*

Ribeiro de Vale Bemfeito (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale Bem Feito; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro do Barrocal (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Barrocal (ver, Barrocal).*

Ribeiro do Couço (cmp92)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Couço (ver, Couço).*

Ribeiro do Escalão (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Escalão (ver, Escalão).*

Ribeiro do Fragão (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Fragão; aumentativo de Fraga (ver, Fraga).*

Ribeiro do Inferno [16]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Inferno; reservatório para onde escorrem os resíduos líquidos da extracção do azeite; estado ou lugar daqueles que mortos em pecado mortal, sofrem uma pena eterna.*

Ribeiro do Lameiro [6]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Lameiro (ver, Lameiros).*

Ribeiro do Lucas (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Lucas: nome de pessoa; tolo; palerma; tornar-se ou fazer-se parvo.*

Ribeiro do Moinho (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Moinho (ver, Moinho).*

Ribeiro do Pereiro (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Pereiro (ver, Pereiro).*

Ribeiro do Porto [30]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Porto: sítio de uma costa ou de um rio onde os navios podem fundear; lugar de descanso; refúgio.*

Ribeiro do Pereiro [16]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Pereiro; árvore que dá peras pequenas (peros).*

Ribeiro do Prado (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Prado (ver, Prado).*

Ribeiro do Prêdo [31]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Prêdo, corrup. de peredo; relativo á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Ribeiro do Retorno (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Retorno: acto ou efeito de retornar; volta; regresso.*

Ribeiro do Ricosino (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Ricosino. Sem proposta.*

Ribeiro do Tanque [4]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Tanque; reservatório para água ou para outros líquidos; açude; alverca; cárcere; cela; chafariz; cubículo; lago; pio.*

Ribeiro do Vale [30;33]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Cortinha do Vale).*

Ribeiro do Vale da Coutada (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Coutada (ver, Coutada).*

Ribeiro de Vale Covo (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Covo: Côncavo; fundo; espécie de massa para pescar nos rios; cesto onde a galinha choca os ovos.*

Ribeiro do Vale da Fonte da Pipa (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Fonte (ver, Fonte);*
- *Pipa: vasilha bojuda de madeira, para guardar vinho, azeite; medida de capacidade de 550 litros ou de 20 a 25 almudes; pessoa que bebem excesso; pessoa gorda e baixa.*

Ribeiro do Vale da Serra (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Serra (ver, Serra).*

Ribeiro do Vale do Estevam (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Estevam: arcaico de Estevão; nome de pessoa.*

Ribeiro do Vale do Medo (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Medo: sentimento de inquietação que surge com a ideia de perigo real ou aparente; terror; susto; receio; temor.*

Ribeiro do Vale do Monte Grande (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Monte Grande: (ver, Monte Grande).*

Ribeiro do Vale do Prado (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Prado (ver, Prado).*

Ribeiro do Vale do Seixo (cmp63)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Seixo (ver, Seixo).*

Ribeiro do Vale Escuro (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Escuro: Sombrio; em que não há luz; que tem falta de claridade; obscuro; quase negro; turvo; duvidoso; que não é perceptível; lugar sombrio e recôndito.*

Ribeiro dos Milharados (cmp79)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Milharados (ver, Milharada).*

Ribeiro dos Palheiros (cmp78)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Palheiros (ver, Palheirinho).*

Ribeiro Seco [8]

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Seco; privado de água ou humidade; enxuto; árido; murcho; baixio de areias que a vazante deixa a descoberto.*

Ribeiro Ugueirinho (cmp91)

- *Ribeiro (ver, Ribeiro);*
- *Ugueirinho. Sem proposta.*

Ricorelha [32]

- *Sem proposta.*

Ricuban [28]

- *Sem proposta.*

Rigueira [13]

- *Corrup. de regueira; regueiro; sulco ou rego por onde passa água; pequeno curso de água.*

Rijadouro [24]

- *Relativo a rija, f. de rijo; que não cede á pressão; que não quebra fácil; que tem força; duro; teso; que não está maduro; em abundância.*

Riña [14]

- *Relativo a rino; instrumento de esbaganhar o linho; nariz*

Rio [17]

- *Curso natural de água que nasce em geral nas montanhas e vai desaguar ao mar, a um lago ou a outro rio, ou por vezes se entranha na terra.*

Rio Azibo (cmp78/64/92)

- *Rio (ver, Rio);*
- *Azibo (ver, Azibal).*

Rio de Macedo (cmp63)

- *Rio (ver, Rio).*
- *Macedo; Relativo à cidade de Macedo de Cavaleiros.*

Rio detrás de Breia (cmp63)

- *Rio (ver, Rio);*
- *Breia (ver, Breia).*

Rio do Zoio (cmp63)

- *Rio (ver, Rio);*
- *Zoio. Sem proposta.*

Rio Sabor (cmp79/93/92)

- *Rio (ver, Rio);*
- *Sabor: do latim “sapõre”; caracter; graça; espírito; originalidade; capricho; vontade; aprazimento; forma; teor; natureza.*

Rio de Fornos [5;32]

- *Rio (ver, Rio);*
- *Fornos: Pl. de forno; estufa; fomalha; fuma.*

Rio de Macedo (cmp63)

- *Rio (ver, Rio);*
- *Macedo; Relativo à cidade de Macedo de Cavaleiros.*

Rio detrás de Breia (cmp63)

- *Rio* (ver, *Rio*);
- *Breia* (ver, *Breia*).

Rio do Sino [9] **

- *Topónimo* referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.494), mas que não foi encontrado na busca efectuado ás folhas de registo de cadastro da freguesia de Chacim.

Rio do Zoio (cmp63)

- *Rio* (ver, *Rio*);
- *Zoio*. Sem proposta.

Rio Sabor (cmp79/93/92)

- *Rio* (ver, *Rio*);
- *Sabor*: do latim “*sapōre*”; *caracter*; *graça*; *espírito*; *originalidade*; *capricho*; *vontade*; *aprazimento*; *forma*; *teor*; *natureza*.

Rios [26]

- *Pl. de rio* (ver, *Rio*).

Robeiral – Vale de Prados de Ledra – MAH, Tomo X, p.243.

Roda [7]

- *Peça circular destinada a mover-se em volta de um eixo que serve para lhe imprimir movimento*; *acusão*; *arco*; *assembleia*; *associação*; *cerco*; *redor*; *reunião*; *torno*; *turno*.

Rodeadas [26]

- *Pl. f de rodeado*; *assistido*; *envolto*; *percintado*.

Rodeira Larga [26]

- *Rodeira*; *carril*; *relheira*; *rodado*; *trilha*;
- *Larga*; *largueza*; *largura*; *latitude*; *soltura*; *extensão*; *amplidão*; *aumento*.

Rodela [26]

- *Bazófia*; *broquel*; *falsidade*; *jactância*; *lorota*; *mentira*; *patranha*; *peta*; *rótula*.

Rodo [4] (cmp79)

- *Almanjarra*; *circunferência*; *joelho*; *tacaniça*.

Roferta [31]

- *Corrup. de referta*; (ver, *Referta*).

Rola [3]

- *Caldo*; *embriaguez*; *pénis*

Rolana [16]

- *Relativo a rolão*; *parte mais grosseira da farinha que fica na peneira depois de peneirada*.,

Roncão – Castelãos – MAH, Tomo X, p244.

Roseira [9]

- *Arbusto aculeado do género da rosa da família das rosáceas*.

Rouçal [8]

- *Relativo a rouçom, m.q. rausador ou rousador, desde o século VIII, o que roubava filhas alheias e honestas, para abusar com violência da sua honestidade “sínodo compostelano de 1114 e foral da Lourinhã de 1218” se determina; O rousador seja prezo, e justicado; se fogir, pague CCC soldos ao pretor, e avenha-se com os pais ou parentes da mulher” in, livro dos forais velhos. (eluc).*

Roteia [32]

- *M.q. arroteia; arroteamento; terra desbravada recentemente que começa a ser cultivada; noval; arar; cachar; civilizar; cultivar; desmoitar; educar; esmoitar; instruir; romper; surribar.*

Roubães (cmp77)

- *Roubães. Sem proposta.*

Rua da Eira [4]

- *Rua: via ladeada de casas ou árvores dentro de uma povoação; renque; correnteza.*
- *Eira (ver, Eira do Concelho).*

Rua da Igreja [10;19]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Igreja (ver, Igreja).*

Rua das Palheiras [26]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Palheiras: Pl. de palheira; casa onde se guarda palha; palheiro; caule de trigo ou de outra planta congénere; pedaço de colmo.*

Rua de Cima [21]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Rua do Comendador Costa Pereira [24]

- *Rua (ver, Rua);*
- *Comendador: indivíduo agraciado com uma comenda;*
- *Costa Pereira. Nome de Pessoa.*

Rua do Cabo [10]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Cabo; extremidade; fins; ponta de terra que entra pelo mar.*

Rua do Hospital [20]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Hospital; estabelecimento onde se atendem e tratam os doentes, benévolo; caridoso; caritativo; hospitaleiro; albergue; nosocómio.*

Rua do Norte [11]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Norte; ponto cardeal situado na direcção da estrela polar; alvo; ártico; bóreas; setentrião; tramontana.*

Rua do Olmo [10]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Olmo; árvore da família das ulmáceas de grande porte e de folhas caducas, dentadas e ásperas, produzindo frutos constituídos por sâmaras.*

Rua dos Bombeiros Voluntários [20]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Bombeiros voluntários; instituição de homens e mulheres que trabalham na extinção de incêndios e outras operações de salvamento.*

Rua Travessa [32]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Travessa: cambapé; chulipa; cruzamento; dormente; pedieira; travessia; verga; viela; viga.*

Rua Travessa de Cima [32]

- *Rua (ver, Rua da Eira);*
- *Travessa (ver, Rua Travessa);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Ruivães [32]

- *Relativo a ruiva: borelho; granza; granza-brava; maçarico; polícia; rutúlio; seixoeiro; sol-das-almas; tordo-bravo; tordo-petinho.*

LETRA “S”**Sabalheiras [2]**

- *M.q. sebalheiras; conjunto de sebes; caniçada.*

Sabugal [31]

- *Uva-de-cão; terreno onde há muitos sabugueiros; diz-se de uma casta de uva.*

Safalheiras – Amendoeira – MAH, Tomo X p.244.

Safaulo [14]

- *Relativo a safara; terreno deserto cheio de pedregulho miúdo.*

Sagrado [15]

- *Relativo a culto religioso, que recebeu o carácter de santidade por meio de certas cerimónias religiosas; consagrado; santificado; venerado.*

Saias (Vale de) – Nogueirinha – MAH, Tomo X, p.244.

Sainça – Freguesia de Saiça – Termo do Lombo – MAH, Tomo X, p.244.

Sáinha [3] (cmp78)

- *Marinha; saiete; salina.*

Sairinha [22]

- *Sem proposta.*

Saissa [19]

- *Sem proposta*

Salgada [10]

- *Fem. de salgado; caro; cáustico; chistoso; custoso; malicioso; salso; impregnado de sal; fazer feitiços; terreno vizinho ao mar.*

Salgueira [21;26;30;36;38] (cmp64)

- *Durázia, variedade de oliveira também denominada lentisca; salgueiro, nome de várias plantas da família das salicáceas.*

Salgueirais [8;13] (cmp50)

- *Pl. de salgueiral, terreno onde abundam os salgueiros.*

Salgueiral [7;28]

- *Terreno onde abundam os salgueiros.*

Salgueiras [26]

- *(ver, Salgueiro).*

Salgueirinha [17] (cmp79)

- *Diminutivo de salgueiro (ver, Salgueiro).*

Salgueirinhas [30]

- *Pl. de salgueirinha, diminutivo de salgueiro (ver, Salgueiro).*

Salgueirinho [19;31]

- *Diminutivo de salgueiro (ver, Salgueiro).*

Salgueirinhos [16;17;30]

- *Diminutivo de salgueiro (ver, Salgueiro).*

Salgueiro [10;17;24;26;35] (cmp79)

- *Nome vulgar extensivo a várias plantas da família das salicáceas.*

Salgueiros [6;28;30;31]

- *Pl. de salgueiro (ver, Salgueiro).*

Salmianto [19]

- *Sem proposta.*

SALSELAS [26]

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*
- *de salseiro; aguieiro; balbúrdia; briga; salsada; salsa; salsaparilha; salseirada; tempo-quente; tumulto; vasilha em que se servem as salsas (molhos) bâtega de água.*
- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA como de interesse arqueológico extraíndo-se dela a seguinte informação:*
 - *Designação: Salselas*
 - *Tipo de sítio: Forno.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 13218.*
 - *Localização: Salselas.*
 - *Descrição: Forno cerâmico composto por uma câmara de aquecimento que se abre para o exterior em forma de V. invertido. Para o seu interior convergem pequenos canais feitos com paredes também de tijolo. A câmara é coberta por uma superfície perfurada por pequenos orifícios circulares, distribuídos simetricamente, que constituíam a grelha onde eram colocados os utensílios a serem cozidos. Devido ao facto de esta estrutura ter sido acidentalmente descoberta e só ter sido parcialmente observada, não foi possível elaborar uma descrição mais completa. A descoberta ocorreu quando se procedia a trabalhos agrícolas no local. Por esse motivo, e tendo como principal objectivo a sua preservação,*

optou-se por proteger a área tendo sido a estrutura devidamente acondicionada e novamente tapada com terra. Este trabalho foi realizado pela Extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros, em colaboração com a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. (ver, Barreiros).

Samamede [32]

- *M.q. São Mamede; pessoa que morreu em santidade e que foi canonizado.*

Samil – Bornes – Há também povoação – MAH, Tomo X, p.245.

Samora/Samorinha – Ala – Freguesia – MAH, Tomo X, p245.

Samorinha [1]

- *Relativo a samora; samorá; borá; saburá: aramã: bora-boi; borá-cavalo; aramaços.*

Sampaio [4;8] (cmp65) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, situado na freguesia de Bagueixe.*
- *de sampar; arremessar; assentar; ativar; cascar; champar; lançar.*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Sampaio.*
 - *Tipo de sítio: Capela.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17204.*
 - *Localização: Bagueixe.*
 - *Descrição: No termo de Bagueixe, a Sudoeste da aldeia, existe uma pequena capela cujo orago é designado por Sampaio. O pequeno templo de planta quadrangular apresenta uma cobertura em forma prismática, que provoca uma clara desproporionalidade em relação ao conjunto do edifício. Além deste particularismo arquitectónico pouco comum, a capela de Sampaio não oferece outros elementos dignos de realce. A sua época de construção é indeterminada, mas no seu interior existe uma pequena imagem de santo oitocentista.*
 - *No cunhal voltado a Oeste, e na padieira do lado direito de quem entra no interior da capela, existem duas inscrições de difícil interpretação.*

Sampaínho [26]

- *Sampaínho, diminutivo de Sampaio (ver, Sampaio).*

Sanco [1]

- *Masc. de sanca; parte do telhado que assenta sobre a espessura da parede; chança; tipo de calçado; sanefa.*

Sangrinho [11]

- *Relativo a sangrinheiro; sanguinho; amieiro-negro; avermelhado; lagarinho; purificador; sandim.*

Sanico [30]

- *Relativo a sanicar; (reg.) agitar; mexer; sacudir; mover-se com hesitação diante de alguém; tolhendo-lhe a passagem.*

Santa [17;20]

- *Pessoa do sexo feminino que foi canonizada; imagem de mulher canonizada; mulher muito venturosa ou de extrema bondade.*

Santa Ana [12]

- *Santa (ver, Santa);*
- *Ana. Nome de Pessoa.*

Santa Barbara [16;20;34] (cmp93)

- *Santa (ver, Santa);*
- *Barbara. Nome de Pessoa.*

Santa Catarina [25;26;34] (cmp64)

- *Santa (ver, Santa);*
- *Catarina. Nome de Pessoa.*

Santa Cruz [31]

- *Santa (ver, Santa);*
- *Cruz (ver, Cortinha da Cruz).*

Santa Comba [38] (cmp78)

- *Santa (ver, Santa);*
- *Comba; vale; vale que se alonga entre as montanhas que o rodeiam; vale entre montanhas; suave flexão ascendente ou descendente da crosta terrestre.*

Santa Combinha [27] (cmp64)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Santa; mulher que morreu santificada e foi canonizada; diminutivo de comba; talvez; val; vão; alqueive; arroteamento.*

Santa Madalena [2] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
- *Designação: Santa Madalena.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
 - *Período: Indeterminado/Pré-História Recente. Será provavelmente da Idade do Bronze.*
 - *CNS: 17201.*
 - *Localização: Amendoeira.*
 - *Descrição: Num morro sobranceiro à actual aldeia de Amendoeira situa-se uma capela dedicada a Santa Madalena. Neste local, actualmente constituído por uma pequena plataforma no centro da qual se ergue um templo, detectaram-se à superfície alguns fragmentos cerâmicos cuja cronologia se poderá situar na Pré-História recente, talvez idade do Bronze. As obras relacionadas com a construção do santuário poderão ter sido responsáveis pela sua parcial destruição. A implantação do local reúne boas condições naturais de defesa e um controlo estratégico sobre uma extensa área geográfica envolvente. Além dos poucos fragmentos cerâmicos recolhidos durante a realocação deste sítio, observou-se também na encosta Leste um troço de talude com derrube de pedra, que deverá fazer parte da muralha.*

Santa Maria [21]

- *Santa (ver, Santa);*
- *Maria. Nome de Pessoa.*

Santa Marinha [28] (cmp93)

- *Santa (ver, Santa);*
- *Marinha. Nome de Pessoa.*

Santa Marta [5] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
 - *Santa (ver, Santa);*
 - *Marta: Nome de Pessoa.*
 - *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Bornes/Santa Marta.*
 - *Tipo de sítio: Necrópole.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 5495.*
 - *Localização: Bornes.*
 - *Descrição: Na aldeia de Bornes, no bairro do condado, existem vestígios do que terá provavelmente sido um núcleo original da actual aldeia. No local assinalado ainda com o topónimo de Santa Marta, actual padroeira da Bornes existiram as ruínas de uma igreja, à qual se encontrava associada uma necrópole, sendo provável que haja vestígios de habitações nas imediações.*
 - *No local foi construída uma oficina, que se implantou por cima dos alicerces da Igreja. É possível que estes ainda existam debaixo da construção moderna. Junto da Igreja foram desenterrados pelo menos três sarcófagos de granito, havendo notícias de fragmentos de um quarto. Estes sarcófagos encontram-se hoje conservados no adro da igreja matriz de Bornes. Mais afastado das ruínas da igreja aparecem diversas sepulturas escavadas na rocha de xisto, sendo possível que algumas se conservem ainda, dado que o local foi parcialmente aterrado depois das obras. As sepulturas estavam estruturadas com lajes, em sistema misto, tendencialmente agrupadas. Na maior parte encontram-se violadas, com vestígios osteológicos desagregados e sem conexão anatómica definida, havendo também notícia de vestígios osteológicos relacionados com os sarcófagos.*
- (ver fotografia da Igreja de Bornes)*

Santiago [31]

- *M.q. Santo + Tiago: Santo (ver, Santo);*
- *Tiago. Nome de Pessoa.*

Santinho [26;33]

- *Diminutivo de santo; diz-se daquele que a igreja canonizou; canonizado; beatificado; relativo á religião; aos rituais; sagrado; venerável; puro; imaculado; variedade de trigo duro.*

Santislau (cmp93)

- *Santislau: Santo+Islau;*
- *Santa (ver, Santa);*
- *Islau. Nome de Pessoa.*

Santíssima Trindade (cmp78)

- *Santíssima Trindade: Espírito Santo, princípio incorpóreo que anima um ser vivo; alma.*

Santo – *Ala* – MAH, Tomo X, p.246.

Santo (Fonte do) – *Bagueixe* – MAH, Tomo X p.246

Santo Alexandre (cmp78)

- *Santo (ver, Santo);*
- *Alexandre. Nome de Pessoa.*

Santo Ambrósio [33]

- *Santo (ver, Santo);*
- *Ambrósio. Nome de Pessoa.*

Santo Amaro [11] (cmp78)

- *Santo (ver, Santo);*
- *Amaro. Nome de Pessoa.*

Santo Amaro Fragão [11]

- *Santo (ver, Santo);*
- *Amaro fragão. Nome de Pessoa.*

Santo André [36]

- *Santo (ver, Santo);*
- *André. Nome de Pessoa.*

Santo António [4;7;12;36] (cmp77)

- *Santo (ver, Santo);*
- *António. Nome de Pessoa.*

Santo Apolinário (cmp93)

- *Santo (ver, Santo);*
- *Apolinário. Nome de Pessoa.*

Santo Arsénio (cmp93)

- *Santo (ver, Santo);*
- *Arsénio. Nome de Pessoa.*

Santo Cristo [15]

- *Santo (ver, Santo);*
- *Cristo; nome dado a Jesus no novo testamento.*

Santo Velho [20]

- *Santo (ver, Santo);*
- *Velho; que tem muita idade; idoso.*

Santuro [4]

- *M.q. santoro; espécie de pão bento que se dá nos dias de todos-os-santos. E finados.*

São Caetano [3;5]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Caetano. Nome de Pessoa.*

São Bartolomeu [15;33] (cmp78)

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Bartolomeu. Nome de Pessoa.*

São Bráz [29]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Bráz. Nome de Pessoa.*

São Domingos [32]

- *São, m.q. santo (ver, Santo);*
- *Domingos. Nome de Pessoa.*

São Filipe [16]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Filipe. Nome de Pessoa.*

São Francisco [26] (cmp78)

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Francisco. Nome de Pessoa.*

São Gregório [38] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: São Gregório.*
 - *Tipo de sítio: Arte Rupestre.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 1961.*
 - *Localização: Vinhas.*
 - *Descrição: O Santuário de São Gregório situa-se no topo de um cabeço, imediatamente vizinho e a Sul da aldeia de Vinhas. O actual santuário é uma construção dos anos 40, que substituiu uma pequena capela, que talvez tivesse relação com os elementos arqueológicos aqui encontrados. Cerca de 30 metros a nascente da capela fica uma pequena rocha de xisto, onde foi gravado um par de pegadas, ainda hoje bem visíveis. Do lado oposto, uns 50 metros a poente do santuário, existe uma sepultura, hoje já não visível, por estar coberta de terra. Segundo as informações que podemos recolher localmente, esta sepultura não tinha qualquer elemento estruturante, sendo simplesmente escavada na terra. Não são conhecidas mais, mas poderão existir. O sítio da sepultura está assinalado por estar rodeado por um muro simples, de forma circular. Esta protecção deve-se à devoção local de que esta seria a “sepultura de Nosso Senhor”, lenda a que está igualmente ligada a rocha com as duas pegadas. No topo do cabeço não se encontraram mais elementos que pudessem dar contexto a estes dois elementos, sendo assim provável que aqui existisse um pequeno santuário medieval, a que estariam ligados a sepultura e a rocha com as pegadas, talvez sem contexto de habitat.*

São Islau [16]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Islau. Nome de Pessoa.*

São João [14;17] (cmp49)

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *João. Nome de Pessoa.*

São Lázaro (cmp78)

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Lázaro. Nome de Pessoa.*

São Mamede [15] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.495) com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia Grijó.*
- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Mamede. Nome de Pessoa.*

São Marcos [9] (cmp78)

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Marcos. Nome de Pessoa.*

São Martinho [26]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Martinho. Nome de Pessoa.*

São Pantaleão [21]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Pantaleão. Nome de Pessoa.*

São Roque [1;5;25] (cmp63/77)

- *São. m.q. santo (ver, Santo);*
- *Roque. Nome de Pessoa.*

São Sebastião [4;18;21;23;33;38]

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Sebastião. Nome de Pessoa.*

São Tiago (cmp79) (cmp78)

- *São; m.q. santo (ver, Santo);*
- *Tiago. Nome de Pessoa.*

São Tomé [25]

- *São, m.q. santo (ver, Santo);*
- *Tomé. Nome de Pessoa.*

Sapateira [3;28] (cmp77)

- *A que se emprega no fabrico ou venda de calçado; diz-se das azeitonas que se tornam moles e meio podres na salmoira; caranguejola.*

Sapeira [37]

- *Relativo a sapal; terreno alagadiço; brejo; paul; erva que se cria nestes terrenos.*

Sarcófago da Sobreda [21] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuado às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais.*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Sarcófago da Sobreda.*
 - *Tipo de sítio: Sarcófago.*
 - *Período: Medieval Cristão.*
 - *CNS: 17262.*
 - *Localização: Morais.*
 - *Descrição: Na pequena aldeia da Sobreda, no extremo de um dos seus bair-*

ros, encontra-se um sarcófago em granito de forma antropomórfica cujo arco da cabeceira se desenha em volta perfeita. O sarcófago não está associado a qualquer necrópole ou igreja, encontrando-se fora do local original da sua proveniência, que não se sabe exactamente qual é.

Sardão [17;27]

- *Azinhiera; carrasqueira; lagarto; pénis; nome vulgar extensivo a uns répteis; sáurios da família dos lacertídeos.*

Sardinheiras [5]

- *Pl. Sardinheira, planta da família das geraniáceas, cultivada em Portugal, com fins ornamentais; mulher que vende sardinhas.*

Sardoeiras [25]

- *Pl. de sardoeira; azinhiera-macho.*

Sarinheiras – Bornes – MAH, Tomo X, p.250.

Sarolha [12]

- *Sem proposta.*

Sastros [30]

- *Relativo a sastre: alfaiate.*

Seara [2]

- *Campo semedo de cereais, messe, extensão de terra cultivada; soldo paga aos criados em cereais; agremiação; associação; sementeira; pão; safra; colheita.*

Seara Velha [20]

- *Seara (ver, Seara);*
- *Velha; de idade avançada; anil; gelfa; mãe; moita.*

Searas [13]

- *Seara (ver, Seara).*

Sebe [7]

- *Vedação feita de ramos ou varas entrelaçadas para defender um terreno; caniçada; obstáculo formado por estacas cravadas no solo e ligadas por arame farpado.*

Secairo [31]

- *Relativo a secadal; terra de cultura que não é regada; sequeiro.*

Secoura – Lamalonga – MAH, Tomo X, p.250

Secouro [17]

- *Relativo a seco; secalhal; sequioso; vazio; sardónico; árido; áspero; definhado; desidratado.*

Sedanho [32]

- *Corrup. de sedenho: tirar de pano ou mecha de fios que se introduz sob a pele para promover a supuração; cordão de crina que se retesam as testeiras de uma serra de carpinteiro.*

Sedelães – Lamas – MAH, Tomo X, p.250.

Sedelais [18]

- *Relativo a sedela; sedalha (seda+alha) substância filamentosa segregada pela larva de um insecto lepidóptero clasulado bicho-da-seda.*

Seiras – Castro Roupal – MAH, Tomo X, p.250.

Seixedo [29]

- *Relativo a seixal (ver, Seixigal).*

Seixigais [13]

- *Pl. de seixigal (ver, Seixigal).*

Seixigal [3;10;16;20;33;37] (cmp93)

- *M.q. seixal; lugar onde abundam seixos ou cascalho.*

Sexigueira [17]

- *Relativo a seixal (ver, Seixigal).*

Seixinho [14] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.494), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Ferreira;*
- *Seixinho; diminutivo de seixo; (ver, Seixo).*

Seixo [1;5;6;13;14;20;33;36] (cmp79/92/93) **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) existente na freguesia de Ferreira;*
- *Seixo; pedra geralmente lisa e dura e de tamanho reduzido, calhau; rocha sedimentar detrítica não lapidificada; burgau; cascalho; pedrinha; rabo; sílex.*

Seixo do Pinal (cmp79)

- *Seixo (ver, Seixo);*
- *Pinal (ver, Pinal).*

Seixos [1]

- *Pl. de seixo (ver, Seixo).*

Senhora da Conceição (cmp78)

- *Senhora (ver, Senhora da Oliveira);*
- *Conceição. Nome de Pessoa.*

Senhora da Conceição (cmp78)

- *Senhora (ver, Senhora da Oliveira);*
- *Conceição. Nome de Pessoa.*

Senhora da Oliveira [21]

- *Senhora; título de cortesia dado á mulher; soberana; esposa; mulher*
- *Oliveira; árvore de folha persistente da família das oleáceas que produz azeitona.*

Senhora de Fátima (cmp93)

- *Senhora (ver, Senhora da Oliveira).*
- *Fátima: Nome relacionado com Nossa Senhora e as aparições, aos pastorinhos, que ocorreram na Cova de Iria, actual Vila de Fátima de 13 de maio a 13 de Outubro de 1917.*

Senhora do Desterro (cmp78)

- *Senhora* (ver, *Senhora da Oliveira*);
- *Desterro*: expulsão da pátria ou da terra onde reside; expatriação; degredo; exílio; sítio ermo.

Senhora do Campo [18] ***

- *Topónimo não encontrado na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamas, mas referenciado na obra do Abade de Baçal (vol.IX, p.154 e 570) como de interesse arqueológico, conhecido pelo lugar do facho* (ver, *Facho ou Cabeço do Facho*).

Senhora do Freixo [32] (cmp77)

- *Senhora* (ver, *Senhora da Oliveira*);
- *Freixo* (ver, *freixeda*).

Senhora do Monte (cmp79)

- *Senhora* (ver, *Senhora da Oliveira*);
- *Monte* (ver, *Monte*).

Senhora do Monte de Morais [21] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na fusca efectuada ás folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Senhora do Monte de Morais.*
 - *Tipo de sítio: Igreja.*
 - *Período: Moderno/ Medieval Cristão.*
 - *CNS: 17261*
 - *Localização: Morais.*
 - *Descrição: No local designado por Senhora do Monte de Morais pode observar-se actualmente uma pequena igreja já em ruínas e cujo traçado arquitectónico se constitui por um único corpo onde se abrem uma porta frontal virada a Oeste, simples, sem qualquer decoração; e uma pequena porta lateral com arco de volta perfeita que se rasga na parede sul do edifício. Os elementos arquitectónicos que ainda são possíveis observar não revelam qualquer elemento suficientemente elucidativo sobre o período da sua construção. As ruínas deste pequeno templo poderão estar associadas a um antigo povoado, conforme é corrente afirmar-se entre a população de Morais. Junto ao pequeno templo não são observáveis elementos materiais muito conclusivos, de forma a permitirem a formulação de uma qualquer hipótese interpretativa.*
 - *Na área envolvente do templo apenas se observam fragmento de telha de meia cana, e não foi detectado qualquer fragmento cerâmico ou outro vestígio estrutural que permita deduzir a existência de um antigo povoado.*

Senhora dos Aflitos (cmp92)

- *Senhora* (ver, *Senhora da Oliveira*);
- *Aflitos*: Que sofrem de aflições; angustiados; oprimidos.

Sentieiras (cmp93)

- *Sentieiras*; m.q. *Centeeiras*; próprio para centeio; destinado à cultura deste cereal.

Sepultura dos Mouros [34] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação.*
 - *Designação: Sepultura dos Mouros.*
 - *Tipo de Sítio: Sepultura.*
 - *Período: Indeterminado.*
 - *CNS: 17295.*
 - *Localização: Vale de Prados.*
 - *Descrição: Segundo informação local, neste sítio existia uma sepultura, entretanto totalmente destruída pela construção de uma padaria. Localizava-se numa encosta de relevo suave, virada a sul. Pela descrição, era uma sepultura feita com lajes, com uma só laje no chão, quatro a fazer as paredes, e uma tampa. Não há elementos sobre a sua cronologia, poderá tanto ser romana como medieval. Não há conhecimento do aparecimento de mais, embora seja possível que ainda existam.*

Sequeiredo (cmp79)

- *Sequeiredo: m.q. Sequeiro; privado de água; diz-se da cultura em terreno que não é regado; terreno que não é regado; lugar seco; Reg. Conjunto de tabuleiros onde se seca a fruta; Reg. Espigueiro.*

Serra [1;2;10;23;28;33] (cmp77)

- *Grande extensão de montanhas ligadas umas às outras; alpe; cordilheira; montanha; penhasco; serrania.*

Serra de Ala (cmp63)

- *Serra (ver, Serra);*
- *Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros (ver, Ala).*

Serra de Bornes [5]

- *Serra (ver, Serra);*
- *Bornes: Freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Serra de Lamalonga (cmp49)

- *Serra (ver, Serra);*
- *Lamalonga: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros (ver, Lamalonga).*

Serra de Penha Mourisca [13] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca as folhas de registo de cadastro da freguesia de Espadanedo.*

Serra do Cubo (cmp77/78)

- *Serra (ver, Serra);*
- *Cubo (ver, Cubo).*

Serra do Facho (cmp77)

- *Serra (ver, Serra);*
- *Facho (ver, Facho).*

Serradinhos [17]

- *Diminutivo de serrado (ver, Serrado).*

Serrado [1;36;38]

- *M.q. cerrado; terreno murado; tapada; denso; compacto; basto; copado; insulcável; alminha; cerradão; horto; souto.*

Serralhão [5;10;17;29;38] (cmp77)

- *Relativo a serro (ver, Serro).*

Serrano [38]

- *Da serra ou a ela relativo; montesinho; diz-se de uma variedade de linho; natural ou habitante da serra; montanhês.*

Serrinha [7;34;36] (cmp64) **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Carrapatas.*

Serrinho [7]

- *Serradura.*

Serro [1]

- *Conjunto de serras; serranias; aresta do monte; espinhaço; colina; monte; outeiro.*

Sêro [3;14]

- *M.q. serro (ver, Serro).*

Serro de Meles (cmp63)

- *Serro: conjunto de serras; serrania; aresta de monte; espinhaço; colina; outeiro.*
- *Meles, Localidade pertencente à freguesia de Ala, Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Serro do Morgão [3]

- *Serro (ver, Serro);*
- *Morgão; de morgar; comer; dormir. De morgado; vínculo indivisível e inalienável que se transmitia numa família de primogénito em primogénito.*

Servo (cmp64)

- *Servo (ver, Quinta das Servas).*

Sevadeiras [26]

- *M.q. cevadeiras; alforge; bornal; cevadal; cevador; enga; farnel; ou de sevar; reduzir a farinha; moer.*
- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Sem proposta de sinonímia.*

Sezulfe [28]

- *Topónimo referente a Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Silvares – *Freguesia de Lamalonga – MAH, Tomo X, p.252.*

Silveirinha [10] (cmp77)

- *Diminutivo de silveira; sarça; silva; silvado; moita de silvas; terreno onde crescem silvas.*

Sineiro [16]

- *Relativo a sino; em que há sinos; aquele que tem a seu cargo tocar o sino; fabricante de sinos; campaneiro.*

Sino dos Mouros [13] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.124) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrada na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Espadanedo.*

Sítio da Fonte [27]

- *Sítio (ver, Sítio das Pontes);*
- *Fonte (ver, Fonte).*

Sítio das Pontes [7]

- *Sítio; ponto determinado de uma zona; lugar; local; localidade; povoação.*
- *Pontes: Pl. de ponte; construção que permite a passagem de uma via de comunicação sobre um curso de água ou vale.*

Sio (Vale de) – Castro Roupal – MAH, Tomo X, p.252

Soalheira [1;3;17;22;29;38]

- *Hora de maior calor; ardor do sol; calor; exposição ao sol; acalmia; canícula; soalha.*

Soalheiras (cmp49)

- *Soalheiras (ver, Soalheira).*

Soalheiro [1]

- *M. de soalheira (ver, soalheira).*

Soares [16;19]

- *Pl. de soar; herdade; solar; soleira; agradar; exaltar; ressoar; tanger; tinir; tocar; zunir; divulgar-se; espalhar-se; propalar-se.*

Sobrachal [15]

- *Relativo a sobreiral; mata de sobreiros; sobral; soveral.*

Sobral [28] (cmp78)

- *Sobreiral; mata de sobreiros; soveral.*

Sobreda (cmp78)

- *Sobreda; Sobro+edo, este sufixo designa, aumentativo, abundância;*
- *Sobro; m.q. sobreiro (ver, Sobreiró).*

Sobreiró – Chacim – MAH, Tomo X, p.253

Sobreirinha (o)[12] (cmp78) ***

- *Topónimo que se reconhece existente na freguesia de Edroso como “Sobreirinho”, referenciado na base de dados do IPA, como “Sobreirinha” e de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Sobreirinha.*
 - *Tipo de sítio: Necrópole.*
 - *Período: Indeterminado/ Não há elementos suficientes para determinar se será uma necrópole romana ou medieval.*
 - *CNS: 2022.*
 - *Descrição: A necrópole da Sobreirinha será constituída por umas cinco ou seis sepulturas, pelo menos, estruturadas e cobertas por lajes de xisto. Sande Lemos assinala a existência somente de duas, mas a população local garantiu-nos a existência de mais algumas. No entanto, nem uma se consegue ver hoje em dia,*

tendo sido todas cobertas por terra e mato, sendo a sua localização muito difícil. A sua cronologia é indeterminada, poderão ser romanas ou medievais.

- *Este arqueosítio foi intervencionado por Carlos Mendes no âmbito do projecto de investigação arqueológica “Terras Quentes” entre 28 de Julho e 14 de Agosto de 2003, tendo sido possível detectar e escavar três sepulturas, encontrando-se uma delas, a sepultura nº 2” ainda parcialmente não violada. Assim foi possível encontrar nessa sepultura restos osteológicos tendo sido exumadas duas diáfises de fémures fragmentadas e um pequeno fragmento de diáfise de cúbito ou da clavícula esquerda, encontrando-se o corpo deposto em decúbito dorsal com orientação SW-NW. Recolheram-se ainda fragmentos de um objecto de cobre e, abaixo dos pés uma moeda, de bronze, provavelmente medieval. O método utilizado na construção destas sepulturas é peculiar, pois trata-se de sepulturas primeiramente escavadas na rocha (xisto) sendo depois totalmente revestidas e cobertas por lajes de xisto grauvaque não existente no local*

Sobreira [15;16;37] (cmp50/63/77)

- *Sobreiro muito grande, ou muito velho.*

Sobreiral [28;34;35]

- *Mata de sobreiros; sobral; soveral.*

Sobreirão [26]

- *(ver, Sobreira).*

Sobreiro [23] (cmp78)

- *(ver, Sobreiró).*

Sobreiró [9]

- *Relativo a sobreiro; árvore da família das fagáceas de folhas lobadas de cujo tronco se extrai cortiça.*

Sobreiro dos Galhos [25]

- *Sobreiro (ver, Sobreiró);*
- *Galhos: Pl. de galho; ramo de árvore; toco que fica na planta depois de o ramo ter sido cortado; rebento.*

Solar dos Sarmentos [2] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Solar dos Sarmentos.*
 - *Tipo de sítio: Necrópole.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17202.*
 - *Localização: Amendoeira.*
 - *Descrição: Apesar de alguma confusão quanto à origem exacta de algumas das inscrições, é provável que provenham todas do mesmo local, o solar da família Sarmento, que se situa no extremo Sul da aldeia de Pinhovelo.*
 - *No recinto contíguo a este solar, num campo actualmente plantado com árvores de fruto, nomeadamente pereiras e algumas oliveiras, foram descobertas algumas estelas funerárias romanas na altura em que se procedia ao plantio dessas árvores. Uma encontra-se no Museu Abade de Baçal, uma outra no Museu Nacional de Arqueologia, uma terceira na casa da família Correia Araújo,*

em Pinhovelo, e uma quarta está desaparecida. A estela actualmente à guarda do Museu Abade de Baçal apresenta a inscrição: LABOENA / CILVRNI / VXORI S / TAVI / CANCI. A estela que se encontra no Museu de Etnologia encontra-se partida, e de granito, e tem a inscrição...NARIA / CLOVTI F / ANN / LX.

Somargal (cmp79)

- *Somargal; m.q. sumargal (ver, Sumargal).*

Sorodeira [14]

- *De soro; grupo de arquídeos, das pteridófitas (do grego sóros “montão”).*

Sortes [2;6;] (cmp77) – Vale Benfeito; Vale de Prados – MAH, Tomo X, p.253.

- *Pl. de sorte; faixa de terreno que coube a alguém em partilha; ir às sortes; quinhão; acaso; bambúrrio, esfolia; destino.*

Sostras [30]

- *Pl. de sostra; mulher considerada suja e preguiçosa.*

Soutelo (cmp50)

- *Soutelo, relativo a Souto (ver, Soutelo Mourisco).*

Soutelo Mourisco [29]

- *Toponímia referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Soutelo; de souto; alameda; bosque; castanhas; castanhedo; cerrado;*
- *Mourisco; mauresco; mauriense; morisco; mouro; serraceno; verdelhão; indivíduo pertencente à tribo mauri.*

Soutilha [17]

- *Relativo a souto (ver, Souto).*

Soutinho [20;22] (cmp64)

- *Diminutivo de souto (ver, Souto).*

Souto [2;3;8;14;15;17;18;22;23;25;32;33;34]

- *Plantação de castanheiros; castanhal; mata espessa; alameda; bosque; cerrado.*

Souto de Talhas [26]

- *Souto (ver, Souto);*
- *Talhas; Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Souto do Carvalho [1]

- *Souto (ver, Souto);*
- *Carvalho; árvore da família das fagáceas.*

Souto Reitor [9]

- *Souto (ver, Souto);*
- *Reitor: aquele que rege ou dirige; autoridade máxima de um estabelecimento de ensino (universidade) (seminário) etc.*

Sparamos (Paramos) – Corujas – MAH, Tomo X, p.253.

Sumagral [30]

- *Terreno onde crescem sumargres; arbusto da família das Anacardiáceas, espontânea nos lugares pedregosos e cultivados para serem utilizados no curtimento de couros em tinturarias e em medicina.*

Suzamos – *Freguesia de Prado – Ala – MAH, Tomo X, p.254.*

Suzunas [30]

- *Sem proposta.*

LETRA “T”

Taberninhas [13]

- *Diminutivo de taberna; loja onde se vende vinho a retalho; casa de comidas e bebidas servidas a baixo preço; tasca; baiúca; bar; botequim; capelinha; ermida; venda.*

Tacão [17]

- *Calcanhar; pateada; salto; tacanho; avaro; velhaco.*

Talho/Talhinhas – *Freguesia Ala – MAH, Tomo X, p.254.*

Taínha [10]

- *Peixe teleósteo da família dos mugilídeos; do grego tageniam “frito”; bicudo; ca-do; liça; mugem; tinca.*

Taipas [9]

- *Pl. de taipa; estuque; muralha; sebe; tabique; tapa; tapume.*

Talanqueira [27; 28] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastral rústicos das freguesias de Santa Combinha e Sezulfe.*

Talhas [30] (cmp79)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Pl. de talha; cântaro; castada; cistotomia; corte; entalhe; finta; jornal; mão; peita; poda; salário; solpada.*

Talhinhas [31] (cmp79)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Diminutivo de talhas (ver, Talhas).*

Tanque [28]

- *Reservatório para água ou outros líquidos; pequeno reservatório pouco profundo geralmente de cimento ou plástico, usado para lavar a roupa.*

Tapada [9;11;14;17;21;23;26;35;36]

- *Mata vedada por muro geralmente destinado à criação de caça; parque murado; terreno murado; cercado; cerca; bostelo; chousa.*

Tapada da Demanda [5]

- *Tapada (ver, Tapada);*
- *Demanda; acto de demandar; acção judicial; litígio; reclamar; requerer; disputar.*

Tapada das Lebres [28]

- *Tapada (ver, Tapada);*
- *Lebres: mamífero roedor, de orelhas muito compridas, pertencente à família dos Leporídeos.*

Tapada de Cima [7]

- *Tapada (ver, Tapada);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Tapadão (cmp78)

- *Tapadão; aumentativo de Tapado (ver, Tapado da Costa).*

Tapadas [3;8]

- *Pl. de tapada (ver, Tapada).*

Tapadinha [29]

- *Diminutivo de tapada (ver, Tapada).*

Tapadinho [2]

- *Diminutivo de tapada (ver, Tapada).*

Tapado [34;35]

- *(ver, Tapado da Costa).*

Tapado da Costa [5]

- *Tapado; cercado; vedado; que se encheu e cobriu de mata vedada por muro; parque murado; terreno murado; cerca;*
- *Costa; encosta; declive.*

Taveira [5] (cmp91)

- *Relativo a taveda; nome vulgar de uma planta mais ou menos lenhosa da família das compostas, espontânea em Portugal, especialmente em lugares secos, também conhecida por tadeiga; tagueda; taveda.*

Teixedo [32] – MAH, Tomo X, p.255.

- *Lugar onde existe muitos teixos; planta arbustiva ou arbórea gimnospérmica da família das Taxáceas, espontânea nas montanhas do Norte de Portugal.*

Teixeira [5]

- *Relativo a teixo; planta arbustiva ou arbórea, gimnospérmica da família das taxáceas, espontânea nas montanhas do Norte de Portugal e também cultivada; taxo.*

Teixogueira [24;25;37]

- *Relativo a teixo (ver, Teixedo).*

Teixugueira [30]

- *Relativo a teixo (ver, Teixedo).*

Teixugueiras [13]

- *Relativo a teixo (ver, Teixedo).*

Telha (Vale de) – Ferreira – MAH, Tomo X, p.255.

Telheiros [32]

- *Pl. de telheiro; operário que faz telha; alpendre com cobertura de telha-vã; abrigo para animais, pessoas, lenha, etc.*

Telhosa – Ala – MAH, Tomo X, p.255.

Temeroso [14]

- *Que tem medo; que mostra receio; medroso; que receia o mar; timorato; que infunde temor; indivíduo dotado de temeridade.*

Tenga [18] – Freguesia de Lamas – MAH, Tomo X, p.255.

- *M.q. tengas; acanhado; devagarinho; lentamente; não deixar crescer; encolher; apertar; abater; retrair-se*

Terra [33]

- *Parte sólida da superfície terrestre; solo; parte do solo que é possível cultivar; localidade; região; pátria; pais; território; propriedade; fazenda; herdade; campo; planície.*

Terra da Burra [29]

- *Terra (ver, Terra);*
- *Burra: fêmea do burro, jumenta, cavalete usado pelos serradores de madeira; dispositivo simples que serve para tirar a água dos poços.*

Terra do Moinho [3]

- *Moinho (ver, Moinho).*

Terra Grande [21;37]

- *Terra (ver, Terra);*
- *Grande (ver, Lameiras Grandes).*

Terras Frias [35]

- *Terras: Pl. de terra (ver, Terra);*
- *Frias: Pl. de fria: frio; que não tem calor; arrefecido; que não transmite calor; insensível, seco, ríspido.*

Terreiro [2;4;17]

- *Espaço de terra plano e amplo; adro; largo; terraço; eirada; terreno; rossio.*

Terreiro do Povo [28]

- *Terreiro (ver, Terreiro);*
- *Povo: conjunto de indivíduos que tem a mesma origem, a mesma língua, e um passado cultural e histórico comum; conjunto de indivíduos que ocupam um território determinado e formam uma unidade políticas com leis próprias e sob a direcção do mesmo poder.*

Terrioso [34]

- *Terri, elemento de formação de palavras que exprimem a ideia de terra; terrum; terreno inculto; baldio; terreo; de natureza da terra; terroso; relativo à terra.*

Terrioulo [17] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Terrioulo.*
 - *Tipo de sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17265.*

- *Localização: Lamalonga.*
- *Descrição: Numa zona de relevo suave, nas proximidades do Cabeço dos Mouros, no sentido Este debruçado sobre a ribeira de Fornos, em terras de cultivo agrícola, foram detectados uma quantidade considerável de vestígios cerâmicos de cronologia romana. A par de tegulae e cerâmica de uso comum, foram recolhidos no local alguns fragmentos de opus signinum. A área de dispersão dos materiais não pôde ser confirmada na sua totalidade devido ao facto de alguns terrenos se encontrarem ocupados com cereais. Mais nenhum vestígio ou elemento estrutural pôde ser confirmado. Tendo em consideração a qualidade e a quantidade dos vestígios recolhidos, bem como as condições topográficas e potencialidades agrícolas da sua implantação, poder-se-á colocar a hipótese de aqui ter existido uma villa romana.*

Terronha [2; 13;23;26;27;28;29] (cmp78) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, com interesse arqueológico, nas freguesias de Amendoeira, Olmos e Soutelo Mourisco, sendo que nesta última freguesia, não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico. Topónimo também referenciado na obra do abade Baçal, com interesse arqueológico, mas que também não foi encontrado nas freguesias de Espadanedo (vol. IX, p.570) dos Olmos, (vol. IX, pp.570 e nota 1 da p.571), Salselas e Sezulfé. Da referida base de dados extraiu-se as seguintes informações:*
 - *Designação: Terronha de Pinhovelo.*
 - *Tipo de sítio: Povoado Fortificado*
 - *Período: Idade do Bronze/ Idade do Ferro/ Romano/ Séc. I ao Séc. V.*
 - *CNS 4504.*
 - *Localização: Amendoeira.*
 - *Descrição: O povoado romano da Terronha, situa-se num monte onde se desenvolve uma área aplanada com cerca de 2,5ha, cuja cota máxima atinge os 693 metros. A sua localização permite-lhe o controle sobre uma vasta área territorial dos vales adjacentes que se desenvolvem a Norte da Serra de Bornes, na depressão de Macedo de Cavaleiros. As condições naturais de defesa não são as melhores, com a excepção da vertente Oeste, onde se desenvolve um escarpado no sentido da actual aldeia de Pinhovelo. A Norte, este e Sul os seus declives são pouco acentuados, razão pela qual a meia encosta do monte se construiu uma linha de muralha que circundou o povoado nestes sectores. A Terronha situa-se nas imediações de um troço do IP2, tendo sido responsável pela alteração do traçado inicial desta rodovia. Dentro deste contexto promoveram-se escavações arqueológicas neste assentamento arqueológico a fim de se averiguar a importância patrimonial e científica do sítio em causa. Dessa intervenção obteve-se um conjunto de resultados que “colocam a estação arqueológica numa situação privilegiada no contexto da arqueologia do Norte de Portugal”. Em síntese, e segundo a publicação referente à intervenção (Carvalho et alli: 1997), concluiu-se que existiu uma antiga ocupação da idade do Bronze e da idade do Ferro que posteriormente foi sujeita a um intenso processo de romanização. No período romano verifica-se uma ocupação contínua desde o século I até ao século V. A intervenção arqueológica colocou a descoberto um conjunto significativo de estruturas com alguma monumentalidade e observam-se vestígios que se reportam a uma actividade relacionada com a mineração. Além de estruturas directamente articuladas com uma funcionalidade doméstica, identificou-se ainda um conjunto de fornos. Do espólio exumado merece maior realce uma peça*

em metal relacionada com um freio de animal, dois antoninianos, uma grande quantidade de cerâmica comum, sigillatas, cerâmica de construção, vidros, moedas, utensílios de ferro, bronzes e elementos de moinho. Recolheu-se ainda grande quantidade de restos osteológicos de animais. O conjunto total das estruturas escavadas aquando desta intervenção arqueológica de emergência coloca o povoado da Terronha “como uma das estações romanas mais importantes do nordeste Português”

- *Designação: Terronha.*
- *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
- *Período: Idade do Ferro.*
- *CNS 1998*
- *Localização: Olmos.*
- *Descrição: O povoado da Terronha desenvolve-se num relevo em esporão que permite o controlo de um significativo troço da bacia do rio Azibo. Apesar de muito destruído é possível ainda observar, no sector sul do antigo povoado, o mais vulnerável em termos defensivos, os vestígios de uma linha de muralha em xisto. As condições de defesa natural são excelentes, se exceptuarmos o colo de acesso localizado a Sul, de mais fácil penetração. No interior, no local onde se desenvolveu a estação arqueológica não se detectam vestígios de nenhuma natureza, nem estruturais, nem materiais. A cerâmica de superfície é praticamente inexistente e as estruturas e todos os derrubes que aqui existiam, nomeadamente das muralhas, foram retirados há cerca de 20 anos para serem reutilizados na construção civil.*
- *Designação: Terronha.*
- *Tipo de sítio: Povoado Fortificado.*
- *Período: Indeterminado/Idade do Ferro?*
- *CNS: 6310.*
- *Localização: Soutelo Mourisco.*
- *Descrição: Povoado fortificado de média dimensão, localizado num esporão que se desenvolve sobre a ribeira de Urze e o regato de Vale de Côvo. Apesar de encaixado num relevo de baixa altitude, se comparado com os montes envolventes que constituem a serra de Nogueira, tem boas condições de controlo estratégico da região envolvente, sendo mais vulnerável em termos de defesa natural, sobretudo a Sul, que é o sector que permite um mais fácil acesso. Talvez por esse motivo se desenvolveu um conjunto de estruturas defensivas constituídas por uma linha de muralha que circundava o povoado em toda a sua área, e um fosso do qual subsistem alguns poucos indícios no lado Sul. No sector Oeste podem ser observados alguns derrubes de pedra miúda que poderiam integrar essa mesma muralha. Os vestígios estruturais da ocupação do local são muito ténues, e não se encontram cerâmicas de superfície.*

Terrum [18] (cmp64) – *Freguesia de Lamas – MAH, Tomo X, p.255.*

- *Relativo a terrinho; fazendola; terreno; torrão; terreno de cultura pequenas dimensões.*

Tintos [32] (cmp78)

- *Pl. de tinto: que sofreu alteração de cor; tingido; colorido; sujo; manchado; uva de cor escura; vinho de cor vermelho-escuro.*

Tocos [1] (cmp50)

- *Pl. de toco; achaque; corno; coto; firme; moca; quinhão; toqueira; toqueiro; cifres; ponta; elemento de formação de palavra que exprime a ideia de parto; pau curto; parte do tronco ou da raiz que fica na terra após o corte.*

Tojal [20;30]

- *Terreno onde cresce tojo; tojo, nome vulgar de uma planta arbustiva com espinhos da família das leguminosas muito usada para estrumes e cama do gado.*

Tojal do Lameirão [30]

- *Tojal (ver, Tojal);*
- *Lameirão (ver, Lameiros).*

Tonre – Castelões – MAH, Tomo X, p.256.

Toquinhos [38]

- *Relativo a touqueira; parte de um tronco e raiz que fica na terra após o corte de uma árvore e que também é conhecido por toco.*

Torre – Castro Roupal – MAH, Tomo X, p.256.

Torre (da Costa) – Edroso – MAH, Tomo X, p.257.

Torna Burros (cmp78)

- *Torna: Cada uma das faixas em que é dividido por meio de regos o terreno cultivado; primeiro rego de uma lavra; nesga de terreno;*
- *Burros: Pl. de Burro; mamífero da família dos Equídeos, menos corpulento que o cavalo, mas com orelhas mais compridas; asno; jumento; cavalgadura;*

Tornadouro [5]

- *Cabo preso á grade da lavoura para dirigir e manobrar nas voltas; escoadouro de tanque; escoadouro.*

Torto (cmp77)

- *Torto; que não é direito; torcido; inclinado; oblíquo; estrábico; vesgo; desleal; injusto; errado; embriagado.*

Tosqueado [9]

- *Relativo a tosquiar; cortar rente (a lã dos animais), aparar; talhar as extremidades da rama das plantas; cortar o cabelo; criticar; espoliar; tosquiado.*

Touça [4;36]

- *Fem. de touço; timão; toucinho; vergôntea de castanheiro utilizada em cestaria; varas ou ramos compridos de uma árvore; cepa; touceira; maciço dos castanheiros; moita.*

Touça Carva [29]

- *Touça (ver, Touça);*
- *Carva (ver, Carva).*

Touça Escura [25]

- *Touça (ver, Touça);*
- *Escura (ver, Ribeira Escura).*

Touco (cmp78)

- *Touco: cobertura leve de cabeça de criança ou de mulher; peça de vestuário das freiras, que lhe cobre a cabeça e os ombros; turbante; bebedeira; carraspana.*

Tourão [22]

- *Pequeno mamífero carnívoro afim da doninha, também chamado gato-tourão; criança turbulenta e insubordinada.*

Toure [8] (cmp78)

- *Ture; relativo a Toural; lugar onde o coelho bravo costuma estercar. E onde é costume fazer-se-lhe espera; espaço de uma feira reservado à compra e venda de bois e outros animais domésticos; m.q. tourgão; cavilha na extremidade do eixo que segura cada uma das rodas do carro de bois; torneja.*

Tragaricas (cmp) 77

- *Tragaricas. Sem proposta.*

Traição [1]

- *Infidelidade conjugal; deslealdade; rotura de compromisso; emboscada; cilada; aleivosia; cobardia; dolo; engano; falsidade; insídia; moca; ratoeira; ursada.*

Tra-lo-Castelo [8] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, pp.152 e 570) como de interesse arqueológico, bem como na grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XXXIX, p.282), mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Castelões*

Trapa – Espadanedo – MAH, Tomo X, p.257.

Trampagual – Cabanas – MAH, Tomo X, p.257.

Trás as Casas [26]

- *Trás, m.q. atrás, de trás; na retaguarda; no lado posterior; ante; anteriormente; depois; em seguida;*
- *Casas (ver, Carreiro das Casas).*

Trás as Vinhas [26]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Vinhas (ver, Detras das Vinhas).*

Trás da Escaleira [3]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Escaleira; série de degraus; escada.*

Trás da Igreja [23]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Igreja (ver, Igreja).*

Trás da Pena [8]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Pena; elevação de terreno; rocha; fraga; rochedo.*

Trás das Caras [2]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Caras: Pl. de cara; rosto; face; fisionomia; aspecto; aparência; alga de água doce; filamentosa de cor esverdeada.*

Trás das Casas [3;14;]

- *(ver, Trás as Casas).*

Trás das Eiras [3;13;33]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Eiras (ver, Eiras do Concelho).*

Trás do Alfado [2]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Alfado; engelhado; manchado.*

Trás da Breia [36]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Breia (ver, Breia).*

Trás do Cabeço [3]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Cabeço (ver, Cabeço).*

Trás do Castelo [8] *

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Castelo (ver, Castelo).*

Trás do Cemitério [2]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Cemitério (ver, Cemitério);*

Trás do Concelho

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Concelho (ver, Eira do Concelho).*

Trás do Lagar [3]

- *Trás (ver, Trás das Casas);*
- *Lagar (ver, Lagar).*

Travanca [20] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
- *Empecilho; embaraço; obstáculo.*
- *Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Travanca.*
 - *Tipo de sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 17269.*
 - *Localização: Macedo de Cavaleiros.*
 - *Descrição: Na encosta Sul do cabeço onde se situa o grande povoado da Terro-nha, numa zona baixa e aplanada, detectam-se alguns fragmentos de tégula numa vinha. Indicam a existência de um possível habitat romano, de características desconhecidas, cuja proximidade e localização no que deveria ser a zona*

privilegiada de acesso à Terronha deixam supor uma ligação estreita a este povoado. Os escassos materiais detectados à superfície, num terreno lavrado com boa profundidade de solos, fazem pressupor uma boa conservação dos estratos arqueológicos.

Tráz da Breia [37]

- *Tráz; m.q. trás (ver, Trás das Casas);*
- *Breia (ver, Breia).*

Tráz da Cortinha [29]

- *Tráz; m.q. trás (ver, Trás das Casas);*
- *Cortinha (ver, Cortinha).*

Tráz da Igreja [37]

- *Tráz; m.q. tras (ver, Trás das Casas);*
- *Igreja (ver, Igreja).*

Tráz da Portela [29]

- *Tráz; m.q. tras (ver, Trás das Casas);*
- *Portela (ver, Portela).*

Tráz das Cortinhas [29]

- *Tráz (ver, Trás das Casas);*
- *Cortinhas (ver, Cortinha).*

Tráz das Eiras [35]

- *Tráz; m.q. tras (ver, Trás das Casas);*
- *Eiras (ver, Eira do Concelho).*

Tráz das Hortas [35]

- *Tráz; m.q. tras; (ver, Trás das Casas);*
- *Hortas (ver, Hortas).*

Tráz do Adro [28]

- *Tráz; m.q. tras (ver, Trás das Casas);*
- *Adro (ver, Adro).*

Tráz do Lagar [14]

- *Tráz; (ver, Trás das Casas);*
- *Lagar (ver, Lagar).*

Tráz do Lombo [35]

- *Tráz; m.q. tras (ver, Trás das Casas);*
- *Lombo (ver, Lombo).*

Tráz do Sêro [14]

- *Tráz (ver, Trás das Casas);*
- *Sêro (ver, Serro).*

Trebôlo [5]

- *M.q. trebolha; odre grande para transporte de vinho; trebolha.*

Treição [1] – MAH, Tomo X, p.258.

- *Corrup. de traição (ver, Traição).*

Treixogueira [12]

- *Corrup. de teixogueira (ver, Teixedo).*

Tribus (Vale dos) – Ferreira – MAH, Tomo X, p.258.

Trigueira [35]

- *Relativo a trigueirão (ver, Trigueiriça).*

Trigueiriça [1]

- *M.q. trigueirão; chinóbia; milheirão; tentarraiz; triqueiro; um tanto de trigueiro; relativo ao trigo.*

Tripoleira (cmp92)

- *Tripoleira: relativo a tripode; ânfora antiga com três pés.*

Trogal [13;22]

- *Trogalho; atilho; cordão; cordel; guita; trogalheira.*

Trouxiqueira (cmp79)

- *Trouxiqueira. Sem proposta.*

Trugueira [12]

- *Sem proposta.*

Tumbe – Bagueixe – MAH, Tomo X, p.259.

Túmbio [4;38] (cmp65)

- *Relativo a tumbice; azar; caiporismo; infelicidade; alguém infeliz.*

Turca [30]

- *Natural ou habitante da Turquia; bebedeira; camoeira; embriaguez; herniária; porre; touca.*

LETRA “U”

Uanguinha [27]

- *Diminutivo de uanga; ciência do feitiço.*

Ugas – Ferreira – MAH, Tomo X, p.259.

Ugeira [10]

- *M.q. urgeiro, de orgevão; urgebão; verbena; festa com arraial nocturno; quermesse; planta herbácea de flores pequenas da família das verbenáceas.*

Uina [27]

- *Sem proposta.*

Uirra [27]

- *Sem proposta.*

Ulia – Castro Roupal – MAH, Tomo X, p.260.

Urraca [36]

- *Aparelho das velas do estai entre mastros; aguardente; pega; uraca; fenasco.*

Urreda [7]

- *Relativo a orrêta (ver, Orrêta).*

Urredo [7]

- *Relativo a orrêta (ver, Orrêta).*

Urrêta [22]

- *Relativo a orrêta (ver, Orrêta).*

Urreta [3]

- *M.q. orrêta (ver, Orrêta).*

Urreta da Escusa [1]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Escusa; acto ou efeito de escusar; desculpa; evitar; poupar; eximir.*

Urreta da Moura [33] *

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Moura; salmoura; relativo ao povo mauro; indivíduo da tribo mauri; salga; tabafeia.*

Urreta da Nevada [8]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Nevada; queda de neve; quantidade de neve caída de uma vez.*

Urreta da Serva [1]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Serva; f. de servo; indivíduo ligado a uma terra e dependente de um senhor; criado; servente; escravo.*

Urreta das Moz [7] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*

Urreta; (ver, orrêta).

- *Moz; (corrup. de mós) Pl. de mó; derrangadeira; massa; moenda, montão; queixal; pedra circular, rotativa dos moinhos, pedra de amolar.*
- *De referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Urreta das Mós.*
 - *Tipo de sítio: Indeterminado.*
 - *Período: Indeterminado/ Pré-História Recente.*
 - *CNS: 17275.*
 - *Localização: Carrapatos.*
 - *Descrição: Neste sítio, identificado apenas por alguns escassos fragmentos de cerâmica superficial, colocava-se a hipótese de corresponder a um monumento megalítico, até pelo topónimo “Madorra” em que se insere.*
 - *Situa-se na mesma zona do Alto da Madorra, cerca de 150 metros a Sudoeste numa plataforma de cota inferior. Por estar ameaçado pela construção do troço do IP2 Pinhovelo- Vale Benfeito, foi objecto de uma intervenção arqueológica. A abertura de uma grande vala de sondagem não forneceu qualquer elemento arqueológico, ficando por confirmar a origem dos materiais de superfície. A existência no local de alguns afloramentos rochosos de xisto inviabiliza de alguma forma a existência de um monumento megalítico, mas este poderia ter existido nas proximidades. De realçar que um dos fragmentos cerâmicos encontrados à superfície apresenta uma decoração com duas fiadas de punção arrastado, elemento decorativo também encontrado no habitat do Alto da Madorra.*

Urreta de Galegos [25]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Galegos: Pl. de galego: região Espanhola da Galiza, relativo á Galiza; natural ou habitante da Galiza; designativo de uma qualidade de maçã, azeitona, Pêro, limão.*

Urreta do Lobo [28]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Lobo: mamífero carnívoro da família dos canídeos, feroz, semelhante a um cão grande, homem cruel; constelação austral.*

Urreta do Sapo [3] (cmp49)

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Sapo; batráquio anuro semelhante á rã; insectívoro muito útil á agricultura; doença nos cascos dos cavalos.*

Urreta Escura [25]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Escura; (ver, Ribeira Escura).*

Urreta Forte [3]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Forte; que tem força; robusto; possante; corpulento; sólido; consistente; construção que serve para defender uma zona estratégica; castelo.*

Urreta Serrada [1]

- *Urreta (ver, Orrêta);*
- *Serrada; de cerrada (ver, cerrado).*

Urretas [25]

- *Urreta (ver, Orrêta).*

Urso (Vale de) – Castelãos e de Espadanedo (Freguesia) – MAH, Tomo X, p.260.

Ussos – Freguesia de Peredo – MAH, Tomo X, p.231.

Urzedo [5;28;32] (cmp77/78/79)

- *Relativo a urzal; terreno onde crescem urzes; nome vulgar das plantas da família das ericáceas, espontâneas, ramosas de folhas lineares e sem pilosidade.*

Urzêdo [6]

- *M.q. urzedo (ver, Urzedo).*

Urzedos [19;21]

- *Pl. de urzedo (ver, Urzedo).*

Urzedinho [6;28] (cmp79)

- *Diminutivo de urzedo (ver, Urzedo).*

Urzeira [4;8;28]

- *Relativo a urzedo (ver, Urzedo).*

Urzeiros (cmp79)

- *Urzeiros; relativo a Urzedo (ver, Urzedo).*

Urzes [21]

- *Pl. de urze (ver, Urzedo).*

LETRA “V”

Val da Carvalho [1]

- *Val, m.q. vale (ver, Vale);*
- *Carvalha: carvalho de copa estreita e alta; variedade de batateira ou das suas batatas.*

Valdá – *Gradíssimo* – MAH, Tomo X, p.260.

Valdrez(cmp64)

- *Valdrez: Localidade pertencente à freguesia de Salselas, Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Valdeiras – MAH, Tomo X, p.260.

Valdolir(cmp64)

- *Sem proposta.*

Vale [2;3;12;14;17;20;21;22;25;28;29;34;36] (cmp78)

- *Vale: planície entre duas montanhas ou colinas, largo trato de terra banhada por um rio; barbeito; comba; talvegue; val;vão.*

Vale Benfeito [32] (cmp77/78)

- *Topónimo referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros, referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.*
- *Vale: barbeiro; comba; talvegue; val;vão; alqueive; arroteamento.*
- *Benfeito: bem feito; esmerado; excelente; perfeito.*
- *Da referida base de dados extraiu-se as seguintes informações:*
 - *Designação: Vale Benfeito.*
 - *Tipo de sítio: Achado isolado.*
 - *Período: Idade do Bronze.*
 - *CNS: 17290.*
 - *Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: Em local indeterminado do termo da freguesia de Vale Benfeito apareceram, em princípios do século XX, quatro alabardas de cobre arsenical, de tipo Carrapatas. Encontram-se guardadas no museu de Bragança. Este achado localiza-se bastante perto do das outras duas achadas em Carrapatas, e que deram o nome a este tipo de alabardas. O contexto do achado é desconhecido, mas informações recolhidas (ver, Carvalho et alli, 1997) apontam para que possam ter sido encontradas no sítio dos Lagares, o que a ser verdade lhes daria um contexto sepulcral, numa necrópole de cistas.*
 - *Designação: Vale Benfeito.*
 - *Tipo de sítio: Achado isolado.*
 - *Período: Idade Média.*
 - *CNS: 1729Localização: Vale Benfeito.*
 - *Descrição: Na parede sobre as escadas de uma casa em Vale Benfeito foi colocado uma escultura representando uma cara. Segundo informações recolhidas, haveria uma outra do mesmo tipo, entretanto desaparecida, sendo que uma representaria uma figura masculina e outra uma figura feminina. Eram assim chamadas localmente de “ Vale Benfeito” e a “ Vale Benfeito”, respectivamente. A tipologia da figura que resta lembra os cachorros das igrejas medievais, podendo ser um elemento reaproveitado de uma igreja antiga, entretanto desaparecida.*

Vale Bilos [17]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Bilos. Sem proposta.*

Vale Braz(cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Braz. Nome de Pessoa.*

Vale Breia [18]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Breia: chã; chapada; planalto; vereda; vereia.*

Vale Bom [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Bom: próprio; de boa qualidade; que tem bondade; competente; eficiente; útil; vantajoso; agradável; saboroso; perfeito.*

Vale Castanho(cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Castanho: Que tem a cor da casca da castanha ou a ela se assemelha.*

Vale Cerejal(cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cerejal (ver, Cerejais).*

Vale Chacim [8;21]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Chacim: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Vale Cornalha [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cornalha: de cornalheira, arbusto lenhoso da família das Anacardiáceas espontânea em Portugal, também conhecida por terebinto e cujos frutos se assemelham a pequenos cornos.*

Vale Couvo(cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Couvo: m.q. covo; que ou o que apresenta profundidade; concavidade; côncavo; oco; cavado; arqueado.*

Vale Cova(cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cova: Fenda; escavação feita na terra ou plantar uma muda ou vegetal desenvolvido; cavidade profunda; caverna.*

Vale Covo(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Covo: m.q. Couvo (ver, Couvo).*

Vale Cubinho [25]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cubinho, diminutivo de cubo; alcatruz.*

Vale d'A [2]

- *Vale (ver, Vale);*
- *D'a: primeira letra e primeira vogal do alfabeto; primeiro lugar, introduz expressões que designam, lugar para onde, lugar donde, modo ou meio; elemento protético ex. de+a=da.*

Vale d'Abilheira [14;26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Abilheira: de abilhar; adereçar; adornar; ajaezar; ataviar; enfeitar; ornar; vestir.*

Vale d'Agrade [15]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Agrade: de agradar; causar boa impressão; perecer bem; satisfazer; gostar de; meter grade; alisar (o terreno) com grade; gradar.*

Vale d'Anes [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Anes: antigo; de eanes, nome de pessoa.*

Vale d'Arca [20] *

- *Vale (ver, Vale);*
- *Arca: anta; ataúde; baú; caixão; cofre; depósito; reservatório; tanque; tesouro; ucha.*

Vale d'Arcas [2] *

- *(ver, Vale D'Arca).*

Vale d'Assa [23]

- *Vale (ver, Vale);*
- *D'Assa: suco vegetal concreto.*

Vale d'Azinha [4]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Azinha: fruto da azinheira; azinheira.*

Vale d'Eiras [20]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Eiras (ver, Eiras do concelho).*

Vale da Arruda [8]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Arruda: planta lenhosa subarbutiva da família das rutáceas, de forte cheiro desagradável e sabor acre, fornecedora de produtos terapêuticos utilizados em medicina popular; ruda.*

Vale da Baca [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Baca: m.q. vaca; mamífero ruminante da família dos bóvidos.*

Vale da Boiça [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Boiça (ver, Boiça).*

Vale da Bouça [3;24]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Bouça; m.q. boiça, (ver, Boiça).*

Vale da Cã(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cã: caa; mato; erva; planta em geral.*

Vale da Canda [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Canda. Sem proposta.*

Vale da Carvalha [22] (cmp92)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalha (ver, Carvalha).*

Vale da Carvalheira(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalheira (ver, Carvalheira).*

Vale da Cevadeira [32]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cevadeira; saco com cereais em que se mete o focinho dos animais para eles poderem comer a ração quando não há manjedoura.*

Vale da Corna [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Corna: espécie de meio bastão; colher de chifre de cabra; (reg.) chavelho de boi para conter líquidos; cornadura.*

Vale da Cruz [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cruz (ver, Cortinha da Cruz).*

Vale da Espada [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Espada: arma branca constituída por uma lâmina de ferro ou aço, comprida, perfurante com dois gumes punho e guardas, geralmente transportada numa bainha á cintura.*

Vale da Feliciano [6]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Feliciano. Nome de Pessoa.*

Vale da Ferradoura [33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ferradoura: m.q. ferradoria; oficina de ferrador.*

Vale da Frieira [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Frieira: inflamação da pele produzida pelo frio, acompanhada de inchaço, prurido e ardor, afectando geralmente os dedos das mãos e dos pés, o nariz e as orelhas; eczema animal; pessoa que come muito.*

Vale da Gargalha [1]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Gargalha: de gargalheira coleira de pregos que se põe no pescoço dos cães de gado para se defenderem dos lobos; opressão; jugo.*

Vale da Gista [27]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Gista. Sem proposta.*

Vale da Grula(cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Grula (ver, Grula).*

Vale da Guela [16]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Guela: m.q. goela; garganta; entrada dos canais; gritar.*

Vale da Grade [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Grade: balaustrada; caixilho; cerca; cancela; caniçada; gradador; gradeado; locutório; prisão; reixa; ripado; vedação; xadrez; espécie de tabique para vedar um lugar; utensílio que serve para esterrear e aplanar a terra lavrada.*

Vale da Igreja [15] (cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Igreja (ver, Igreja).*

Vale da Ligares – Macedo – MAH, Tomo X, p.174.**Vale da Macaira [17]**

- *Vale (ver, Vale);*
- *Macaira: de macaio; gasto; imprestável; ruim; macaia.*

Vale da Machada [24]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Machada: machado pequeno e de cabo curto.*

Vale da Momaria [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Momaria: de momar; murmurar, resmungar.*

Vale da Moreira [7]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Moreira: amoreira; tatajuba.*

Vale da Moura [27] *

- *Vale (ver, Vale);*
- *Moura (ver, Mourisqueira).*

Vale da Novela [16] ***

- *Topónimo referenciada na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Lagoa.*

Vale da Numaria [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *M.q. nomaria de nomar; murmurar; resmungar.*

Vale da Ossa(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ossa. Sem proposta.*

Vale da Pala [31] *

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pala: (reg.) abrigo natural; empenho; protecção; anteparo; toca.*

Vale da Pereira [cmp78]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pereira: (ver, Pereira)*

Vale da Ponte [7]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ponte: (ver, Ponte).*

Vale da Porca [22;33]

- *Toponímia da freguesia pertencente ao concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Porca: fêmea do porco; mulher suja e desleixada; alferro; cabeça-baixa; meretriz; reca; rosca.*

Vale da Queixa [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Queixa; achaque; acusação; agravo; aulido; brado; caramunha; censura; choro; clamor; mágoa; ofensa; querela.*

Vale da Roda [26;33] (cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Roda (ver, Roda).*

Vale da Saínha [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Saínha (ver, Saínha).*

Vale da Seara [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Seara (ver, Seara).*

Vale da Serva(cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Serva (ver, Quinta das Servas).*

Vale da Serva de Cima [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Serva (ver, Urrêta da Serva);*
- *Cima (ver, Cortinha de Cima).*

Vale da Sobreira [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Sobreira (ver, Sobreiro).*

Vale da Sobrina [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Sobrina. Sem proposta.*

Vale da Úrsula [8]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Úrsula: ursídeo; nome de pessoa.*

Vale da Videira [37]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Videira: nome vulgar extensivo a um grande número de castas de um arbusto sarmentoso e com gravinhas, de origem asiática e também denominada videira europeia, pertencente á família das vitáceas.*

Vale da Telha [78]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Telha: peça de barro cozido usado na cobertura de edifícios; mania; esquisitice; mau-humor.*

Vale da Trapa [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Trapa: cova ou alçapão próprio para apanhar feras; cabo com que se elevam pesos para dentro de uma embarcação; armadilha.*

Vale da Trapada [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Trapada: montão de trapos.*

Vale da Veiga [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Veiga: planície fértil; várzea; terra de cultura de centeio ou milho serôdio; do pré-romano Baika “terreno inundado”.*

Vale da Viga [13;22]

- *Vale, (ver, vale)*
- *Viga: elemento de construção sujeito principalmente a esforços de flexão; trave.*

Vale das Ameixieiras(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ameixieiras (ver, Ameixeira).*

Vale das Boiças [7;14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Boiças (ver, Boiças).*

Vale das Cabanas [14]

- *Vela (ver, Vale);*
- *Cabanas (ver, Cabanas).*

Vale das Carvalhas [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalhas: Pl. de carvalha (ver, Carvalha).*

Vale das Casas [29;36]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Casas (ver, Carreirão das Casas).*

Vale das Chousas [1;6]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Chousas (ver, Chousas).*

Vale das Cofras(cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cofras. Sem proposta.*

Vale das Cordas [11]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cordas: pl de corda; porção de fio de qualquer matéria filamentosa torcida uns sobre os outros para prender ou apertar; beta; cabo; cadeia; comprida; apertante; tortosa.*

Vale das Costas [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Costas (ver, Costa).*

Vale das Costêlhas [6]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Costêlhas: de costilho; costela, armadilha para pássaros; aumásia; boiz; brete; esposa; origem; raça.*

Vale das Lervas [9]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Lervas. Sem proposta.*

Vale das Malhadas [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Malhadas: pl de malhada; cabana de pastores; choça; local onde se recolhe o gado; redil.*

Vale das Ovelhas [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ovelhas: Pl. de ovelha; mamífero ruminante com o corpo coberto de lã, criado essencialmente pela lã e carne que fornece; fêmea do carneiro.*

Vale das Paredes [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Paredes: muro que forma o exterior de um edifício; muro que serve para fechar ou dividir um sítio; tapume; sebe; tabique.*

Vale das Pedreiras [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pedreiras: Pl. de pedreira; lugar onde se extrai pedra; canteira.*

Vale das Pereiras [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pereiras: Pl. pereira; planta arbórea da família das rosáceas, cujo fruto (pêra) é comestível.*

Vale das Pedras [37]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pedras: Pl. de pedra (ver, Pedra).*

Vale das Portas [14] *

- *Vale (ver, Vale);*
- *Portas: Pl. de porta; abertura para dar entrada ou saída; peça que fecha essa abertura; entrada; acesso.*

Vale das Quartas [33]

- *Vale (ver, Portas);*
- *Quartas: Pl. de quarta; bilha; cântaro; infusa; palmo; quartinha.*

Vale das Silvas [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Silvas: bosque; mata; sarça; selva; silveira; silvado.*

Vale das Telhas [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Telhas: Pl. de telha (ver, Vale da Telha).*

Vale das Vacas [37]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vacas: Pl. de vaca; mamífero ruminante da família dos bovídeos de grande utilidade para o homem pelo leite que produz; gado vacum.*

Vale das Vides [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vides: Pl. de vide; vara de videira; bacelo; cordão umbilical; envide.*

Vale das Vinhas [6;19]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vinhas: Pl. de vinha; terreno plantado de videiras; vinhal; sítio; região; mina.*

Vale de Agrade [32]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Agrade (ver, Agrade).*

Vale de Agrões [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Agrões: de agro; fragosidade; campo; agrura; agra; alcantilado; agre; feroz; fragoso; inacessível.*

Vale de Amado [33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Amado: amador; amor; caro; dilecto; quisto; respeitado.*

Vale de Antónia [3]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Antónia*. Nome de Pessoa.

Vale de Arage [32]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Arage*: *aragem*; *oportunidade*.

Vale de Arcanes [3] *

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Arcanes*: *de arcano*; *segredo profundo*; *mistério*; *enigma*; *oculto misterioso arcanos*

Vale de Arcas(cmp78)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Arcas*: *Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros* (ver, *Arcas*).

Vale de Arges [11]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Arges*: *de argel*; *desajeitado*; *descuidado*; *desgraçado*; *difícil*; *inerte*; *infeliz*; *miserável*.

Vale de Azedo [26]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Azedo*: *acre*; *áspero*; *irado*; *desabrido*; *incómodo*; *sabor*; *ácido*.

Vale de Baixo [26]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Baixo* (ver, *Cortinha de Baixo*).

Vale de Bagulho [13]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Bagulho*: *bagalhoça*; *basculho*; *cacaréus*; *dinheiro*; *grainha*; *granita*; *grânulo*; *graú-lho*; *confusão*; *desordem*; *trapalhada*.

Vale de Bezerros [5]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Bezerros*: *almalho*; *anojo*; *boizinho*; *garraio*; *novilho*; *vitelo*.

Vale de Bogalho [13]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Bogalho*: *m.q. bugalho* (ver, *Bugalho*).

Vale de Boi [26] (cmp78)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Boi*: *bovino*; *comilão*; *cornante*; *marafona*; *mênstruo*; *meretriz*; *micela*; *prostituta*; *touro*; *zebro*.

Vale de Bragança [36]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Bragança*: *cidade e capital do distrito transmontano*.

Vale de Brêa [33]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Brêa* (ver, *Brêa*).

Vale de Bugalhos [17]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Bugalhos: Pl. de bugalho; excrescência arredondada nos vegetais, produzida pela picada de certos insectos; conta grande de rosário; corpo globoso.*

Vale de Burga [26] ***

- *Topónimo existente na freguesia de Salselas, onde se situa um forno de cronologia indeterminada, conforme é referenciado na base de dados do IPA, mas situando-o no topónimo “Barreiro” (ver, Barreiro).*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Burga: seixo; burgo; calhau; cascalho; pedrinha.*

Vale de Burgas [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Burgas: Pl. de burga (ver, Burga).*

Vale de Cã [15]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cã: cabelo branco; branca; cadela; can; neve; ruças; velhice.*

Vale de Cabanas [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cabanas: Pl. de cabana; casa rústica geralmente de madeira coberta de colmo e sem pavimento; choça; choupana; tugúrio; parte dos salários pago em géneros aos operários contratados ao ano; casa pequena.*

Vale de Cande [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cande: de candeal; terreno onde crescem candeias, planta da família das aráceas.*

Vale de Canineiro [34]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Canineiro: de canineira; planta da família das rubiáceas; canica; caniana; trepa-deira lenhosa da família das poligaláceas de folhas lanceoladas; flores roseas ou violáceas.*

Vale de Carvalha [31;38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalha (ver, Carvalha).*

Vale de Castelos [31] *

- *Vale (ver, Vale);*
- *Castelos: Pl. de castelos (ver, Castelo).*

Vale de Carneiro [2;20;24;26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carneiro: nome vulgar comum a mamíferos ruminantes da família dos bóvidos.*

Vale de Carrasco [6]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carrasco: m.q. carrasqueira; planta arbustiva da família das fagáceas (espécie de carvalho).*

Vale de Carriço [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carriço: planta da família das ciperáceas com frutos ou sementes com apêndices ganchosos; cana brava; carrapiço; carriças; porco; suíno.*

Vale de Castanho [33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Castanho: madeira de castanheiro; cor da casca da castanha madura.*

Vale de Carvalha [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalha (ver, Carvalha).*

Vale de Carvalho [2;6;20;24]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalho (ver, Carvalho Negro).*

Vale de Castanheiros [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Castanheiros: Pl. de castanheiro; árvore de grande porte, da família das castaneáceas ou fagáceas, produtora de castanhas.*

Vale de Castro [34] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, como de interesse arqueológico.*

Vale de Cavaleiros [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cavaleiros: Pl. de cavaleiro: homem que sabe e costuma andar a cavalo; aguerrido; belicoso; brioso; duro; esforçado; feroz; montado; nobre; sobranceiro; valente; ginete.*

Vale de Cavalinhos [15]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cavalinhos: Pl. de cavalo, diminutivo de cavalo; mamífero perissodáctilo da família dos equídeos.*

Vale de Cerca de Baixo [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cerca (ver, Cerca Velha);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Vale de Cerca de Cima [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cerca (ver, Cerca de Cima);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Vale de Cerejais [1;27;29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cerejais (ver, Cereijal).*

Vale de Cerejal [26;34]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cerejal (ver, Cereijal).*

Vale de Ceroderia [32]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ceroderia: de ceroso; cera; céreo; cheio de cera.*

Vale de Cervo [25] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.495) como de interesse arqueológico.*

Vale de Chacim [26] (cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Chacim: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Vale de Chafurgor (cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Chafurgor: m.q. Chafurgo (ver, Chafurgo).*

Vale de Cima [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Vale de Cio [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cio: período de actividade sexual dos mamíferos durante o qual procuram reproduzir-se; manifestação do apetite sexual nos animais nas épocas próprias de reprodução; (reg.) vigor das palavras; alvoroço; calor; desejo; lua; vício; viço; vigor.*

Vale de Cobo [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cobo: corrup. de covo (ver, Vale de Covo).*

Vale de Coelho [1;33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Coelho: mamífero roedor da família dos leporídeos.*

Vale de Colmeias [19]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Colmeias: habitação artificial de abelhas; cortiços; colónia de abelhas; enxame.*

Vale de Corças [27;33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Corças:Pl. de corça; fêmea do corço, mamífero da família dos cervídeos.*

Vale de Corujas [11;14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Corujas: bebe; azeite; bruaca; caburé; canhão; cruja; cuca; estrige; jabiraca; medusa; muxiba; serisma; serpente.*

Vale de Couvo [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Couvo: abastardamento de cova (ver, Cova).*

Vale de Côva [22]

- *Vale (ver, Vale da Cova).*

Vale de Cova [22]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Cova*: abertura; alvéolo; antro; biboca; buraco; cabouco; cafua; cava; caverna; cavidade; concavidade; covil; depressão; escavação; fossa; fosso; furna; gruta; lapa; sepultura; túmulo; vala.

Vale de Covo [3;18;22;26;33]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Covo*: toupeirão; tuída; xaveco.

Vale de Côvo [23]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Côvo* (ver, *Vale de Covo*).

Vale de Crasto [34] *

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Crasto*: castelo; castro; lugar fortificado das épocas pré-romana e romana na península ibérica, que era um povoado permanente ou apenas refúgio das populações circunvizinhas em caso de perigo; citânia; cidade; cristelo; castelo antigo.

Vale de Cristelos(cmp79) **

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Cristelos*: m.q. Castro (ver, *Castro*).

Vale de D. Pedro [12]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *D. Pedro*. Nome de Pessoa com título honorífico.

Vale de Enfafe [24]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Enfafe*. Sem proposta.

Vale de Escuza [34]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Escuza*, corrup. de *escusa*; desculpa; desfeita; dispensa; escusação; truanice; fugida; justificação negativa; perdão; pretexto; recusa; subterfúgio.

Vale de Estradores [24]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Estradores*: de *estradeiro*; alarife; andarilho; andeiro; astuto; cangancheiro; esperto; estroina; ladino; trapaceiro; tratante; que anda a passo de estrada; bom andador.

Vale de Espeto [13]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Espeto*: haste ferro ou pau em que se enfia carne; pau aguçado numa extremidade.

Vale de Espinheiro [26;33]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Espinheiro*: nome vulgar aplicado a algumas plantas espinhosas, em especial acácias.

Vale de Esteio [13]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Esteio*: coluna de madeira, pedra ou ferro que serve para resguardar alguma coisa; escora; sustentáculo.

Vale de Ferradoza [26]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Ferradoza* (ver, *Ferradosa*).

Vale de Ferreiro [9]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Ferreiro*: aivão; alcorraz; corva; ferrageiro; ferreiro; ferreirinho; forjador; guincho; pedreiro; rabeta; serralheiro.

Vale de Ferreiros [32]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Ferreiros*: Pl. de ferreiro (ver, *Vale de Ferreiro*).

Vale de Fraga [17]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Fraga* (ver, *Fraga*).

Vale de Freixo [33;38]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Freixo* (ver, *Freixeda*).

Vale de Freixo de Cima [38]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Freixo* (ver, *Freixeda*);
- *Cima* (ver, *Carva de Cima*).

Vale de Galegos [9]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Galegos*: Pl. de galego; da região espanhola da galiza; designativo de uma variedade de maçã, azeitona, pêro e limão.

Vale de Gamões [24]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Gamões*: de gamão, m.q. abrótea; planta monocotiledónia, da família das litáceas, espontânea e vulgar em Portugal, nos terrenos secos, nos pinhais etc, também conhecida por gamão.

Vale de Ganço [9]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Ganço*: gancho (der. Regional do port. antigo *gançar* ou *gaançar* “ganhar”).

Vale de Groso [30]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Groso*: de grosar; desbarbar; desbastar; glosar.

Vale de Hula [11]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Hula*. Sem proposta.

Vale de Igreja [15;25]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Igreja (ver, Igreja).*

Vale de Infestas(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Infestas: Pl. de Infesta (ver, Infesta).*

Vale de Izeda [4]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Izeda; Freguesia do Concelho de Vimioso.*

Vale de Joaninha [25]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Joaninha: alfaiate; algema; anacoreta; boa-nova; cocinela; donzelinha; jacundá; santa-luzia; nome vulgar de um pequeno insecto coleóptero, da família dos coccinélidos, de corpo semiesférico, cabeça pequena, asas membranosas muito desenvolvidas, patas muito curtas, negra por baixo e vermelha por cima.*

Vale de Junco [6]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Junco (ver, Junco).*

Vale de Lagoas [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Lagoas: Pl. de lagoa (ver, Lagoa).*

Vale de Lobo [3;32]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Lobo (ver, Lobo Cão).*

Vale de Madeiras [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Madeiras: Pl. de madeira; parte lenhosa compacta e dura que compõem o tronco e ramos de vegetais.*

Vale de Madeiro [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Madeiro (ver, Vale de Madeiras).*

Vale de Malho [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Malho: espécie de martelo grande sem unhas ou orelhas; marginal; matraca.*

Vale de Maria Domínguez [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Maria Domínguez. Nome de pessoa.*

Vale de Martins [24]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Martins. Nome de Pessoa.*

Vale de Masseira [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Masseira: tabuleiro onde se amassa a farinha para o fabrico do pão; calha que recebe a água dos alcatruzes.*

Vale de Medo [10]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Medo: sentimento de inquietação que surge com a ideia de perigo real ou aparente; terror; susto; receio; temor; apreensão; fantasma; alma do outro mundo; duna.*

Vale de Mião [25;28]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Mião: m.q. meão; central; intermediário; interposto; meano; mediano; médio; medíocre; melão; meio; meul; miul; regular.*

Vale de Migueis [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Migueis: Pl. Miguel; nome de pessoa.*

Vale de Miguel [13;14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Miguel; (ver, Vale de Migueis).*

Vale de Mogadouro [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Mogadouro: cidade e sede de concelho do distrito de Bragança.*

Vale de Moinho [24]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Moinho (ver, Moinho).*

Vale de Moinhos [21;22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Moinhos (ver, Moinho).*

Vale de Muro [14;36;37;38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Muro; (ver, Muro).*

Vale de Negrelos [4] (cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Negrelos: de negreira; castanheira; ferreirinha; ferrugenta; negrela; pretinha; serrana.*

Vale de Negreta [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Negreta: f. de negrete; equimose; negra; negreira; negrinha.*

Vale de Nobêa [16] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, e assumido como “Vale de Noveia”;*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Nobêa: m.q. noveia de noval; terra desbravada recentemente para ser cultivada; arroteia; terra de pousio;*

- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Vale de Noveia.*
 - *Tipo de sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano/ Alta Idade Média?*
 - *CNS: 6195.*
 - *Localização: Lagoa.*
 - *Descrição: Numa zona planáltica, a nordeste da aldeia de Lagoa, numa encosta muito suave virada a Norte, observam-se numerosos materiais de superfície. Espalham-se por uma área alargada, mas tem uma distribuição bem circunscrita. Entre os materiais de superfície observados, destacam-se numerosos fragmentos de telha, alguns tijolos, bastante cerâmica, um peso de tear em xisto, uma mó manual de granito. A cerâmica comum encontrada é, quase exclusivamente, pertencente a grandes talhas, rareando a pequena cerâmica comum. A tipologia dos materiais encontrados aponta claramente para uma cronologia de época romana, mas é de salientar que não se encontrou um único fragmento de telha plana de rebordo entre os imensos fragmentos de telha observados, que são todos de meia cana. Uma cronologia medieval, ou alti-medieval não é assim de excluir. A confirmar-se a cronologia romana, teria a particularidade interessante e quase única de não ter tégula. Os materiais encontrados apontam também para um uso muito funcional deste sítio, de cariz agrícola.*

Vale de Nogueira [1;35] (cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Nogueira: árvore da família das juglandáceas de tronco robusto, coloração acinzentada, copa ampla e arredondada.*

Vale de Nogueirinha [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Nogueirinha: diminutivo de noqueira (ver, Vale Nogueira).*

Vale de Novela(cmp93)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Novela: Patranha; enredo; ficção.*

Vale de Nuno [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Nuno. Nome de Pessoa.*

Vale de Obrigos [21] (cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Obrigos. Sem proposta.*

Vale de Ôlas [1]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Ôlas (ver, Ôlas).*

Vale de Oleiros [15]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Oleiros. Pl. de oleiro; relativo á olaria; que trabalha em olaria; aquele que trabalha em louça de barro.*

Vale de Olide [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Olide. Sem proposta.*

Vale de Orno [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Orno: de ornar; alinhar; alfaiar; assear; guarnecer; ilustrar; matizar; flor; lardo; ornamentação.*

Vale de Parada [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Parada: acto ou efeito de parar; demora; pausa; açude; paradeiro; represa; vida.*

Vale de Pássaro [1]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pássaro: ave pequena, pertencente á ordem dos pássaros; indivíduo astuto; manhoso; sagaz.*

Vale de Pato [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pato: ave palmípede da família dos anatídeos; parreco; ingénuo; idiota; parvo.*

Vale de Pedra [19;20]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pedra (ver, Pedra).*

Vale de Pedreira [15]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pedreira: lugar onde se extrai pedra; canteira.*

Vale de Pedreiras(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pedreiras (ver, Pedreiras).*

Vale de Pereiro [5;26;38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Pereiro (ver, Pereiro).*

Vale de Perdiz [33;34;35]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Perdiz: ave galinácea da família dos fasianídeos.*

Vale de Piolho [36]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Piolho: nome vulgar extensivo a vários insectos hemípteros (anopluros) parasitas do homem e de outros animais, pertencente á família dos pediculídeos.*

Vale de Piteiro [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Piteiro: de piteira, planta monocotiledónia, da família das amarilidáceas de folhas espessas carnudas-fibrosas e espinhosas, subespontânea em Portugal, também conhecida por piteira-do-diabo; (reg.) calote; gir. Aguardente-de-figo; bebedeira.*

Vale de Porco [15;38] (cmp78)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Porco*: mamífero artiodáctilo doméstico da família dos suídeos.

Vale de Portas [14] **

- *Topónimo* referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrada na busca efectuada as folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Ferreira.

vale de prados [34]

- *Topónimo* referente á Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;
- *Vale*: barbeiro; comba; talveque; val;vão; alqueive; arroteamento; planície entre duas montanhas ou colinas;
- *Prados*: Pl. de prado; almargeal; campina; campo; hipódromo; lameiro; prisão; relvado; veiga; vergal; xadrez; almarjal; pastagem; pasto; prado.

Vale de Prejoanes [14]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Prejoanes*. Sem proposta.

Vale de Propisa [1]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Propisa*: pro+pisa; acto de pisar, porção de uva ou azeitonas para uma lagarada; tunda; sova.

Vale de Queimados [9]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Queimados*: Pl. de queimado (ver, Carvalho Queimado).

Vale de Quintela [38]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Quintela*: freguesia pertencente ao concelho de Bragança.

Vale de Rabos [5]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Rabos*: Pl. de rabo; região caudal; cauda; ânus; rabica; sesso.

Vale de Raposo [19;22] (cmp92)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Raposo*: macho da raposa; mamífero carnívoro da família dos canídeos, muito ágil, esperto e manhoso; pessoa astuta e manhosa; reg. espécie de cesto de vindima, jogo popular, conjunto de raízes (de plantas) que se introduzem nos canos condutores da água, bebedeira;

Vale de Resim [21]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Resim*. Sem proposta.

Vale de Resina(cmp79)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Resina*: Produto natural viscoso, que se extrai de algumas plantas (especialmente coníferas); Reg. embriaguez.

Vale de Rodica [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Rodica: f. de rodico; relativo a ródio, metal que faz parte do grupo de metais constituintes de mina de platina.*

Vale de S. Miguel [29]

- *Vale (ver, Vale);*
- *S. Miguel: nome de pessoa que viveu em santidade e depois do morto foi canonizado.*

Vale de S. Pedro [30]

- *Vale (ver, Vale);*
- *S. Pedro: pessoa que viveu em santidade e que depois de morto foi canonizado.*

Vale de S. Sebastião [18]

- *Vale (ver, Vale);*
- *S. Sebastião: nome de pessoa que viveu em santidade e que depois de morto foi canonizado.*

Vale de Saias [34] (cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Saias: Pl. de saia; combinação; derrota; descalçadela; descompostura; lábia; mulher; rapariga; saio; treta; ala; fora; rua; peça de vestuário feminino que aperta na cintura e desce sobre as pernas até uma altura variável.*

Vale de Santiago [4]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Santiago: m.q. Santo+tiago; nome de pessoa santificada.*

Vale de Santo [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Santo: pessoa santificada.*

Vale de Seães [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Seães. Sem proposta.*

Vale de Sebes [34]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Sebes: Pl. de sebe; barda; caniçada; cerca; seabada; seto; tabique; taipa; tapume; valado; vedação; vedro.*

Vale de Seiva [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Seiva: líquido nutritivo que circula nas plantas; sangue; vigor.*

Vale de Serapicos [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Serapicos: localidade, freguesia pertencente ao Concelho de Bragança.*

Vale de Sobreira [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Sobreira (ver, Sobreiró).*

Vale de Souto [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Souto: plantação de castanheiros; castanhal; mata espessa.*

Vale de Tandulhão [12]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Tandulhão: de tando; acampamento; lugar de encontro das pessoas.*

Vale de Tôrdo [5]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Tôrdo: ruiva; nome vulgar de pássaros da família dos turdídeos.*

Vale de Travesso [33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Travesso: traquina; turbulento; irrequieto; diz-se do animal doméstico que não é de raça pura.*

Vale de Urzedo [21]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Urzedo (ver, Urzedo).*

Vale de Vasco [3;18]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vasco: relativo às vascongadas, natural ou habitante de uma das vascongadas (Espanha).*

Vale de Vilar [15]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vilar: aldeola; lugarejo, (do latim villare “povoação”).*

Vale de Vinhas [38]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vinhas: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Vale de Viso [13] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia de Espadanedo.*

Vale de Vitrão [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vitrão. Sem proposta.*

Vale de Vizeira [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vizeira: corrup. de viseira; fisionomia austera; aspecto; máscara; pala de boné ou capacete.*

Vale de Zebro [10]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Zebro: cavalo selvagem; boi ou novilho selvagem.*

Vale do Abade [26;33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Abade: superior de uma abadia de um mosteiro; superior religioso; pároco; título honorífico; eclesiástico.*

Vale do Açor [21]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Açor: ásture; asturiano; pássaro da família dos accipitrídeos.*

Vale do Asno [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Asno: burro; pessoa estúpida; ignorante; palerma.*

Vale do Banho [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Banho: acção de mergulhar o corpo ou parte dele em água por motivos higiénicos ou de saúde; rega; trambolhão; molha.*

Vale do Brigado [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Brigado: aluado; zangado.*

Vale do Carvalho [10]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Carvalho (ver, Carvalho Negro).*

Vale do Cerejal [3] (cmp63)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cerejal (ver, Cereiçal).*

Vale do Escudeiro [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Escudeiro: pagem ou criado que levava o escudo do «cavaleiro; criado.*

Vale do Freixo(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Freixo (ver, Freixeda) de família nobre.*

Vale do Guiço(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Guiço: (ver, Guiço).*

Vale do Horto [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Horto (ver, Horto das Cancelas).*

Vale do Medo [8] (cmp77)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Medo: sentimento de inquietação que surge com a ideia de perigo real ou aparente; terror; susto; receio; temor; apreensão.*

Vale do Mercador [1]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Mercador: aquele que compra para revender; negociante.*

Vale do Moinho [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Moinho (ver, Moinho).*

Vale do Muro [4;7]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Muro (ver, Muro).*

Vale do Parâmio [11]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Parâmio: de paramo; o mesmo que campo raso; quinta; prédio; fazenda; herdade; vila; celeiro; paranho; propriedades frutíferas que eram património de alguns lugares pio. (eluc)*

Vale do Prado(cmp77)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Prado (ver, Prado).*

Vale do Rocinho [1]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Rocinho: m. de rocinha; chácara; granja; quinta.*

Vale do Rodrigo [14]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Rodrigo. Nome de Pessoa.*

Vale do Salgueiro [32]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Salgueiro (ver, Salgueiro).*

Vale do Santo(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Santo (ver, Santo).*

Vale do Seixinho(cmp63)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Seixinhos: diminutivo de seixo (ver, Seixo).*

Vale do Seixo [37]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Seixo (ver, Seixo).*

Vale do Souto [37]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Souto (ver, Souto).*

Vale do Seixinho(cmp63)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Seixinhos: diminutivo de seixo (ver, Seixo).*

Vale do Zedo (cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Zedo. Se proposta.*

Vale dos Avagos [13]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Avagos: de avagar; tornar lento; vagaroso; ir de um lugar a outro sem direcção definida; vacilar; andar a esmo; errar.*

Vale dos Cantos [27]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Cantos: Pl. de canto (ver, Canto).*

Vale dos Machados [6]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Machados: nome de pessoa; instrumento cortante formado por uma espécie de cunha de ferro afiada e fixa a um cabo de madeira.*

Vale dos Moinhos [10]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Moinhos: Pl. de moinho (ver, Moinho).*

Vale dos Montes [3]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Montes: Pl. de monte (ver, Monte).*

Vale dos Namorados [15] *

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.495) como de interesse arqueológico;*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Namorados: Pl. de namorado; enamorado; apaixonado; galanteador.*

Vale dos Navalhos(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Navalhos (ver, Navalho).*

Vale dos Olmos [8;26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Olmos: Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Vale dos Órfãos [9]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Órfãos: Pl. de órfão; aquele que perdeu pai e mãe ou um deles; desamparado; abandonado.*

Vale dos Trigos [22]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Trigos: Pl. de trigo; planta da família das gramíneas de cujo grão se obtém farinha alimentar usado para o fabrico do pão.*

Vale Duarte [9]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Duarte. Nome de Pessoa.*

Vale Escudeiro [2]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Escudeiro (ver, Vale do Escudeiro).*

Vale Escuro [22;23]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Escuro*: em que não há luz; que tem falta de claridade; sombrio; obscuro; de cor negra; quase negro; que não é muito nítido; pouco conhecido.

Vale Feital [10]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Feital*: terra cansada.

Vale Freixo [17]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Freixo* (ver, *Freixeda*).

Vale Gestoso [10]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Gestoso*: de gestal (ver, *Gestais*).

Vale Gineto(cmp79)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Gineto*: m.q. *gineta*; mamífero carnívoro da família dos Viverrídeos com pelagem cinzento-clara muito manchada de negro, também conhecido por gato-bravo. *Gineto*, *toirão*.

Vale Grande [22] **

- *Topónimo* referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.495) como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:
 - *Designação*: Vale Grande.
 - *Tipo de sítio*: Mina.
 - *Período*: Indeterminado.
 - *CNS*: 17280.
 - *Localização*: Murçós.
 - *Descrição*: Segundo informações da população, nomeadamente do proprietário do terreno, neste sítio existe uma galeria de mina, cuja boca de entrada era quadrada. A entrada foi tapada com terra, mas não foi destruída, e a galeria mantém-se igualmente intacta. Segundo a tradição local, era mina de ouro, não havendo memória da sua exploração. É de assinalar que nesta área existem numerosas minas de estanho e volfrâmio, de exploração recente, sendo esta a única que se mantém na memória local como exploração muito antiga.

Vale Gostozo [10]

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Gostozo*: m.q. *gostoso*; sabor agradável; saboroso; que tem sabor; alegre; contente.

Vale Longo(cmp78)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Longo* (ver, *Longas*).

Vale Meão [2] (cmp64)

- *Vale* (ver, *Vale*);
- *Meão*: o que ocupa o meio; mediano; médio; peça central do tampo das vasilhas ou das rodas dos carros.

Valemião [34]

- *M.q. vale meão (ver, Vale Meão).*

Vale Madeira(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Madeira: parte lenhosa, compacta e dura, que compõem o tronco e os ramos de alguns vegetais.*

Vale Martins(cmp92)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Martins. Nome de Pessoa.*

Vale Melhorado(cmp77)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Melhorado: tornado melhor; mais perfeito; corrigido; mais valioso.*

Vale Messado [38]

- *De messar; tirar cortiça, messa; época do ano em que se extraí a cortiça; parte da cortiça de um sobreiro tirada num ano.*

Vale Miguel(cmp64)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Miguel. Nome de Pessoa.*

Vale Mocado(cmp79)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Mocado: relativo a moca: cacete com uma maça na extremidade; clava; cacheira; Reg. Estúpido; bruto.*

Vale Monte [23]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Monte (ver, Monte).*

Vale Mortes [26]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Mortes: Pl. morte; acto ou efeito de morrer, termo da existência.*

Vale Mourão [10;11] ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas com o nome de caramanchão, como de interesse arqueológico, pertencente á freguesia dos Cortiços;*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Mourão; empa; estaca; morilho; poste; trasfogueiro;*
- *Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Cramanchão.*
 - *Tipo de sítio: Habitat.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS. 2019.*
 - *Localização: Cortiços.*
 - *Descrição: Sítio arqueológico de média dimensão que testemunha a ocupação romana no vale de Carvalhais, estando em associação com solos favoráveis ao cultivo de cereais. Não se observam vestígios de muralhas, nem tão pouco o local é favorável a fins estratégicos. Á superfície detecta-se grande quantidade de pedra miúda e recolheu-se muita tégula, tijolo e fragmentos de cerâmica comum romana.*

Do local foram ainda recolhidos, por um habitante dos cortiços, alguns numismas de cronologia romana, dormentes e moventes de mó, fragmentos de cerâmica “terra sigillata” e algum espólio metálico. A construção do caminho de ferro foi responsável pela destruição de uma pequena parte do povoado, virada à ribeira. Aparentemente, a potência estratigráfica é boa, deixando prever uma razoável conservação dos estratos arqueológicos.

Vale Muniars [8]

- Vale (ver, Vale);
- Muniars: de muni; homem piedoso e sábio; sabedoria; de munir; preparado; abastecido; dotado.

Vale Pereiro [10;25;30] (cmp79)

- Vale (ver, Vale);
- Pereiro (ver, Pereiro).

Vale Pertiga (cmp78)

- Vale (ver, Vale);
- Pertiga: m.q. pirtiga: vara; varapau; peça do leito do carro de bois que se estende até ao cabeçalho; cabeçalho do carro.

Vale Pertigas [34]

- Vale (ver, Vale);
- Pertigas: m.q. Pértiga; vara; varapau; peça do leito do carro de bois, que se estende até ao cabeçalho; cabeçalho do carro.

Vale Pertigos [34]

- Vale (ver, Vale);
- Pertigos: masc. pertigas (ver, Vale Pertigas).

Vale Pradinhos(cmp63)

- Vale (ver, Vale);
- Pradinhos: diminutivo de Prados (ver, Prado).

Vale Queimado(cmp92)

- Vale (ver, Vale);
- Queimada (ver, Queimada).

Vale Quente [34]

- Vale (ver, Vale);
- Quente: afoguedado; aquecido; ardente; cálido; caloroso; esquentado; estival; queimoso.

Vale Quintela [38] (cmp78)

- Vale (ver, Vale);
- Quintela: Freguesia do Concelho de Bragança.

Vale Redondo [17]

- Vale (ver, Vale);
- Redondo (ver, Redonda).

Vale Salgueiro [33]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Salgueiro (ver, Salgueiro).*

Vale Sobreira(cmp78)

- *Vale (ver, Vale);*
- *Sobreira (ver, Sobreira).*

Vale Trigos [10]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Trigos: Pl. trigo; planta da família das gramíneas, de cujo grão se obtém farinha alimentar.*

Vale Tuane [20;34]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Tuane. Sem proposta.*

Vale Vertigas [34]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Vertigas: corrup. de pertigas (ver, Vale Pertigas).*

Vale Videira [17]

- *Vale (ver, Vale);*
- *Videira: nome vulgar extensivo a um grande número de castas de um arbusto sarmentoso e com gavinhas que dá frutos (uvas) comestíveis.*

Vales [1]

- *Vales: Pl. de Vale (ver, Vale).*

Valdinopes [4]

- *Sem proposta.*

Valinho [4;17;38]

- *Diminutivo de Vale (ver, Vale); valura, vales mui profundos; cortes entre serras altíssimas; baixuras (história de Prestes João) (Eluc).*

Valinhos [21] (cmp79)

- *(ver, Valinho).*

Valmonte(cmp78)

- *Valmonte: Vale+Monte;*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Monte (ver, Monte).*

Valnadeiros [28]

- *Vale+nadeiros;*
- *Vale (ver, Vale);*
- *Nadeiros: de nadar; possuir em grande abundância; exageradamente; largo.*

Valongo [3;4;9;33;34] (cmp50/92)

- *Valongo m.q. vale+longo; Vale; (ver, Vale); longo; extenso; comprido; dilatado; que dura muito; demorado.*

Valouta – Grijó – MAH, Tomo X, p.261.

Valsada(cmp91)

- *Sem proposta.*

Valverde [32] – *Vale Benfeito nome de povoação* – MAH, Tomo X, p.261.

- *M.q. Vale+Verde: Vale (ver, Vale);*
- *Verde: cor da erva; cor resultante da mistura do azul com o amarelo; que não está maduro.*

Valverdes – *Chacim* – MAH, Tomo X, p.261.

Vau Pito [17]

- *Vau: sítio pouco profundo de um rio por onde se pode passar a pé; baixio;*
- *Pito; advertência; apito; cachimbo; carão; censura; cigarro; clitóris; descalçadela; frango; franguinho; lavadeira; pinto; pitada; ralhete; ralho; remoque; repressão; vulva.*

Veiga [2;9;17;26;31;35;38] (cmp78)

- *(ver, Beiga da Dona).*

Veiga da Cova [31]

- *Veiga (ver, Beiga da Dona);*
- *Cova (ver, Cova).*

Veiga de Cima [38]

- *Veiga: (ver, Beiga);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Veiga do Castro [26] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (181-IX) como de interesse arqueológico;*
- *Veiga: (ver, Beiga da Dona);*
- *Castro: lugar fortificado de épocas pré-romanas e romanas na península Ibérica, que era um povoado permanente ou apenas refúgio das populações circunvizinhas em caso de perigo; castro; castelo; citânia; civilidade; cristelo.*

Veiga da Dona(cmp78)

- *Veiga da Dona: (ver, Beiga da Dona).*

Veiga do Gestal [30]

- *Veiga: (ver, Beiga da Dona);*
- *Gestal: de giestal; lugar onde existem muitas giestas, nome de algumas plantas subarbusivas da família das leguminosas; giesteiras; giesteiros.*

Veiga Grande [25]

- *Veiga (ver, Beiga da Dona).*

Veiga Pequena [25]

- *Veiga (ver, Beiga da Dona).*

Veiga Redonda [38]

- *Veiga (ver, Beiga da Dona);*
- *Redonda: f. de redondo; abocetado; arredondado; boleado; cilíndrico: circular; convexo; curvo; esférico; gordo; grande; rotundo.*

Veige [15]

- *Sem proposta.*

Vela [22] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca ás folhas de registo de cadastro rústico á freguesia de Murçós.*

Velha (Fonte da) – Cortiços – MAH, Tomo X, p.261.

Velhas (Fonte das) – Lamas – MAH, Tomo X, p.261.

Vendada [19]

- *Fem. de vendado; velado.*

Verdiz (Vale de) – Vale da Porca e Vale de Prados – MAH, Tomo X, p.262.

Verdugal [3]

- *Relativo a verugo; carrasco; algoz; rebordo existente no aro das rodas com a finalidade de as guiar sobre os carris; pessoa cruel.*

Vereira(cmp77)

- *Sem proposta.*

Vião [29]

- *Aumentativo de via; caminho ou estrada que conduz de um ponto a outro; itinerário; lugar onde alguém vai; direcção; linha; rumo.*

Videira [1;16;21;27] (cmp93)

- *(ver, Vale Videira).*

Videirinha [20]

- *Diminutivo de videira; (ver, Vale Videira).*

Vidoeiros [13]

- *Pl. de vidoeiro; planta lenhosa da família das batuláceas; bédulo; bétula; bidoeiro.*

Viduleiro(cmp50)

- *Viduleiro: aparece tb. Bidoleiro, bidaleiro. Sem proposta.*

Vila (Cimo da) – Vale de Prados – MAH, Tomo X, p.262.

Vila (Fundo da) – Chacim – MAH, Tomo X, p.262.

Vila (Ribeira da) – Talhas – MAH, Tomo X, p.262.

Vila Cordeiro [20]

- *Vila; povoação de categoria superior a aldeia e inferior a cidade; casa de campo.*
- *Duarte; nome de pessoa.*

Vila de Mouros [13] ***

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.191) com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada ás folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Espadanedo. Também está referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, da qual se extraiu a seguinte informação:*

- *Designação: Vila dos Mouros.*
- *Tipo de sítio: Povoado Mineiro.*
- *Período: Romano.*
- *CNS: 17258*
- *Localização: Espadanedo.*
- *Descrição: A chamada Vila dos Mouros fica no topo de um cabeço em esporão pouco pronunciado, debruçado sobre a pequena ribeira de Candedo. Um recente arroteamento para florestação terá destruído grande parte do povoado, tendo-lhe remexido a parte superficial, se não a totalidade dos estratos. A memória local refere a existência de muitos fragmentos de cerâmica e telhas à superfície, sendo que estas, pela descrição, corresponderiam a telhas de rebordo romanas. Actualmente, quase não se detectam materiais à superfície, tirando um ou outro que apontam também para a romanização. A bibliografia refere a existência de muralhas e fosso, agora detectáveis, mas que poderiam existir, tendo em conta as características do sítio. Na vertente a nascente existe ainda uma abertura, que se enfia para dentro do povoado, e que parece corresponder a uma entrada de mina. Do lado oposto, poderá existir outra abertura, não visível devido ao denso matagal que a cobre. Assim sendo, é de colocar a hipótese de este se tratar de um povoado mineiro, de época romana, não excluindo a possibilidade de ter uma fundação anterior.*

Vila Nova da Rainha [17] (cmp49) ***

- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, respeitante a uma localidade pertencente à freguesia de Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:*
 - *Designação: Vila Nova da Rainha.*
 - *Tipo de sítio: Forno.*
 - *Período: Romano.*
 - *CNS: 10542.*
 - *Localização: Lamalonga.*
 - *Descrição: Junto à fonte pública da aldeia de Vila Nova da Rainha, ao lado do tanque das lavadeiras onde passa uma linha de água, existe um forno cerâmico medianamente bem conservado cuja tipologia permite atribuir-lhe uma cronologia antiga.*
O forno estrutura-se ainda com as suas quatro paredes em aparelho granítico e constitui-se fundamentalmente por duas partes principais: a área de aquecimento composta pela boca do forno e câmara de aquecimento; e pela câmara de cozedura, composta pela gralha que ainda se mantém em bom estado de conservação. A grande quantidade de água que existe dentro da estrutura, bem como a intensa vegetação que se desenvolvia em redor, não permitiam observações mais pormenorizadas.

Vilar de Ouro(cmp50)

- *Vilar de Ouro: Localidade pertencente à freguesia de Soutelo Mourisco, Concelho de Macedo de Cavaleiros.*

Vilar do Monte [35] (cmp78) ***

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico;*
- *Vilar: aldeola; casal; lugarejo;*
- *Monte: acervo; aglomeração; ajuntamento; altura; amontoado; anredo; baralho; bolo; caçada; cúmulo; grupo; herdade; lote; meda; montado; montão; montaria; morro; multidão; pilha; quinhão; rima. pl. cordilheira, montanha.*

Vilarinho do Monte [37] (cmp63)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Vilarinho (ver, Vilarinho de Agrochão);*
- *Monte (ver, Vilar do Monte).*

Vilhago [17]

- *Corrup. de vinhago; bacelo; vinha; vinhaça; vinhádego; vinhagem; vinhal; vinhedo.*

Vimes [13]

- *Pl. de vime; bunho; verga; vimeiro; ramo flexível dos vimeiros.*

Vimeiro [19]

- *Planta lenhosa, dióica com flores em amentilhos da família das silicáceas, com ramos longos, finos e flexíveis.*

Vinha da Porta [2]

- *Vinha terreno plantado de videiras; vinhal;*
- *Porta (ver, Portas).*

Vinha das Freiras [25]

- *Vinha (ver, Vinha da Porta);*
- *Freiras.*

Vinha do Vale [17]

- *Vinha (ver, Vinha);*
- *Vale (ver, Vale).*

Vinha Grande [7;17;20] (cmp77)

- *Vinha (ver, Vinha);*
- *Grande (ver, Lameiros Grandes).*

Vinha Velha [3;9]

- *Vinha (ver, Vinha);*
- *Velha: f. de velho (ver, Caminho Velho).*

Vinhas [11;12;26;29;31;38] (cmp64/79)

- *Topónimo referente à Freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros;*
- *Vinhas: Pl. de vinha; lucro; mina; pechincha; videria; videiral; vinhadego; vinhal; vinhedo.*

Vinhas de Cima [30]

- *Vinhas: Pl. de vinha (ver, Vinha);*
- *Cima (ver, Carva de Cima).*

Vinhas Velhas [17]

- *Vinhas: Pl. de vinha (ver, Vinha);*
- *Velhas: Pl. e f. de velho (ver, Caminho Velho).*

Vinhago [2;27;34]

- *Terreno plantado de videiras: vinha; bacelo.*

Vinhagos de Baixo [27]

- *Vinhago (ver, Vinhago);*
- *Baixo (ver, Carva de Baixo).*

Vinhais [34;38]

- *Concelho pertencente ao distrito de Bragança: pl. de vinhal; conjunto de vinhas; vinhedo; vinha extensa.*

Vinhão [28]

- *Relativo a vinho: bebida alcoólica proveniente do sumo das uvas fermentado; bebedeira; embriagado; bebedice; briol; gimbolinha; jorra; pingola; pinguinha; pio; piovês; verdasco; vio; zagrão; zagrê.*

Vinhascal [20]

- *Relativo a vinhâdego: terreno cultivado de videiras; vinha; vinhago.*

Vinhinha [5]

- *Diminutivo de vinha (ver, Vinha da Porta).*

Viso [11] **

- *Topónimo referenciado na obra do abade baçal, (Vol. IX, p.354,355 e 570) como de interesse arqueológico;*
- *Portela: cume; colina; lugar eminente, donde se descobre muita terra ou grande parte dela. Vide rodeira. (eluci); aspecto; semelhante; sinal; indício; vislumbre; alto; cimo.*

Volta [26] ***

- *Acto ou efeito de voltar ou de volver, regresso, mudança; movimento circular; circuito. – topónimo também conhecido pelo “cabeço da Anta”, referenciado na obra do abade baçal, (vol. IX, p.570, 705 e 706) como de interesse arqueológico.*
- *Este arqueosítio foi intervencionado por Carlos Mendes no âmbito do projecto de investigação arqueológica “Terras Quentes” em Agosto de 2003, tendo-se recolhido como resultado da prospecção efectuada ao local, 58 rochas gravadas, localizadas numa montureira, bem como foram escavadas duas rocha encontradas “in situ”, fazendo parte de afloramentos. A técnica utilizada e na quase totalidade por abrasão em filiformes, sendo a temática das gravações das gravuras rupestres representações de figurações de punhais, alabardas e arcos. Tanto quanto é possível dizer nesta fase preliminar do estudo, parecem apontar para um momento dentro da primeira Idade do Bronze. Não foi detectada na prospecção efectuada ao local vestígios da existência de qualquer monumento megalítico.*

Volta da Chouriça(cmp78)

- *Volta (ver, Volta);*
- *Chouriça: Chouriço delgado; forma subcircular.*

Voltas [22]

- *Pl. de volta; alarido; alternativa; alvoroço; briga; chegada; choque; circuito; círculo; contorno; curva; curvatura; demasia; desordem; desvio; devolução; dobra; enroscada; estribilho; giro; guinada; lance; meandro; motim; mudança; parto; passeata; pé; peleja; recontro; redor; reflexo; regressão; regresso; repercussão; réplica; reposição; resposta; reversão; revés; revinda; reviramento; revolta; substituição; torna; transformação; troca; troco; vicissitude; vinda; viragem; acto ou efeito de voltar; momento de regresso; percurso no fim do qual se volta ao ponto de partida; turvação do vinho; dança antiga.*

LETRA “X”

Xarinha – *Vilar de Ouro* – MHA, Tomo X, p.263.

Xaires (cmp65)

- *Xaires; relativo a Xairel; pano que se põe sobre o dorso da cavalgadura, sobre o qual assenta a sela; sobreanca; diz-se do cavalo que tem uma malha branca na área onde assenta a sela ou o selim; xeirelado; Reg. Adoentado.*

Xorca – *Ala* – MHA, Tomo X, p.263.

LETRA “Z”

Zabaralha [24]

- *Relativo a zebral; designativo de uma pedra que servia de peso e equivalia a uma arroba; relativo a zebro, m.q. azevinho, arbusto ou árvore de pequeno porte da família das aquifoliáceas de folhas onduladas e cor verde-escura, com pequenas bagas avermelhadas.*

Zambaiona – *Vinhas* – MHA, Tomo X, p.263.

Zarabalha [24]

- *Corrup. de zabaralha (ver, Zabaralha).*

Zebraínho [33] (cmp78)

- *M.q. zobrainho (ver, Dobrainho).*

Zebral [33]

- *Designativo de uma pedra que servia de peso e equivalia a uma arroba; zebrário; zebrino; bovino; de. (Zebra+al).*

Zebro (Vale de) – *Freguesia, Vale de Zebro* – Cortiços – MHA, Tomo X, p.264.

Zebrin e Zebral – *Vale da Porca* – MHA, Tomo X, p.264.

Zonzinho – *Macedo de Cavaleiros* – MHA, Tomo X, p.264.

Após a análise a todas as existências toponímicas do Concelho de Macedo de Cavaleiros é-nos possível chegar a diversas conclusões; assim, podemos apresentar, também, com a ajuda da Base de Dados da Associação Terras Quentes e da informação retirada dos Códigos Nacionais de Sítios Arqueológicos, uma relação exaustiva de todos os sítios inventariados às zonas de Habitat e de povoados simples ou fortificados existentes na área geográfica do Concelho de Macedo, que se estendem cronologicamente desde o calcolítico até ao período romano, passando pela Idade do bronze e pela Idade do Ferro, fazendo assim “quase” a ligação às existências toponímicas da Idade Média até às povoações hoje existentes.

Então;

Povoados Simples ou Fortificados e zonas de habitat existentes no concelho de Macedo de Cavaleiros e certificados pelos serviços de arqueologia da Associação Terras Quentes e certificados pelos Códigos Nacionais de Sítios

Nº	Código Nacional de Sítio "CNS"	Base dados ATQ	Nome do sítio	Cronologia	Tipologia	Freguesia
1		18	Vale Chafurgo	Romano	Habitat	Grijó
2		76	Prado dos Cavaleiros	Moderno	Habitat	Macedo de Cavaleiros
3		102	Escaleira	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Olmos
4		80	Travanca	Romano	Habitat	Amendoeira
5		113	Olminhos	Indeterminado	Habitat	Olmos
6		178	Calveiro	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Vale Benfeito
7		138	Santa Madalena	Indeterminado	Povoado Fortificado	Amendoeira
8		186	Mêda	Romano	Vicus	Vale Benfeito
9		240	Castelo dos Mouros	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Vilarinho do Monte
10		263	Fonte das Caravelas	Indeterminado	Habitat	Peredo
11		318	Pia dos Mouros	Romano	Habitat	Ala
12		338	Alto da Madorra	Neocalcolítico	Habitat	Carrapatos
13		373	Castro de Mogrão	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Arcas
14	1926	392	Castelucho de Balsemão	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Chacim
15	1997	81	Cabeço da Paixão	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Morais
16	1998	115	Terronha dos Olmos	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Olmos
17	1999	293	Fraga do Castelo	Idade Ferro/Média	Povoado fortificado	Salselas
18	2004	8	Caúinha/Mogrão	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Ferreira
19	2007	161	Cerca dos Mouros	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Talhas
20	2011	429	Bovinho	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Edroso
21	2017	27	Fraga do Castelo	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Lagoa
22	2018	455	Pena Mourisca	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Soutelo Mourisco
23	2019	411	Cramanchão	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Cortiços
24	2034	240	Castelo dos Mouros	Povoado	Idade Ferro	Ala
25	2055	16	Alto da Madorra	Idade do Ferro	Habitat aberto	Grijó

26	2056	2	Carrascal	Ferro e Romano	Habitat	Vilarinho do Monte
27	4504	140	Terronha de Pinhovelo	Romano	Povoado	Amendoeira
28	6195	31	Vale de Noveia	Povoado	Habitat	Lagoa
29	6310	374	Terronha de Soutelo	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Soutelo Mourisco
30	6650	230	Fraga dos Corvo	Idade do Bronze	Povoado	Vilar do Monte
31	17206	379	Castelo S. Marcos	Romano	Habitat?	Vilar do Monte
32	17237	235	Castrilhão	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Vilarinho de Agrochão
33	17241	391	Castelo de Balsemão	Idade do Ferro/ Média	Povoado	Chacim
34	17254	436	Olival do Cabo	Romano	Villa	Cortiços
35	17258	459	Villa dos Mouros	Romano	Povoado Mineiro	Espadanedo
36	17264	36	Cabeço dos Mouros	Idade do Ferro	Povoado Fortificado	Lamalonga
37	17265	56	Terrioulo	Romano	Villa	Lamalonga
38	17266	187	Mourel	Romano	Povoado	Vale Benfeito
39	17279	96	Cabeço	Romano	Povoado Fortificado	Murçós
40	17282	349	Cabeço do Fidalgo	Romano	Pequeno Povoado	Santa Combinha
41	17284	171	Castelo de Gralhós	Indeterminado	Pequeno Povoado?	Talhinhas
42	17287	465	Benrezes	Medieval	Povoado	Vale da Porca
43	17292	178	Calveiro	Idade do Ferro	Povoado fortificado	Vale Benfeito
44	31230	167	Xaires	Calcolítico	Povoado	Talhas

Por outro lado e num inquérito mais abrangente, recenseámos todas as existências toponímicas/povoações as quais registassem bens patrimoniais existentes em **todo o Distrito de Bragança** e pertencentes à Ordem dos Templários, afim de podermos aquilatar a percentagem de distribuição da presença desta ordem Monástica em todo o distrito de Bragança. Para tal percorremos as fontes mais longínquas, ou seja, as inquirições efectuadas pelo Rei D. Afonso III, (1258) e pelo Rei D. Dinis (1288), período, dentro da existência da Ordem dos Templários no Distrito de Bragança, assim como a obra do Abade Baçal, entre outras.

Começamos por apresentar as existências dos bens imóveis pertencentes à Ordem dos Templários (e outros donatários/proprietários) em todo o distrito de Bragança, à excepção do Concelho de Macedo de Cavaleiros que apresentaremos de seguida.

Localidades no Distrito de Bragança, excepto as do concelho de Macedo de Cavaleiros, onde a Ordem dos Templários e outros, possuíam bens imóveis				
1	Algozo (Natanor carta de venda à OT em 1268) – 7	Ordem Templários Ospital; Nuno de Zamora; Mosteiro de Moreirola; Braga; Castro de Avelãs; Regalengo	Tinham aqui bens	PMH, 4ª Alçada, p.1280 e 1284 MAH, Tomo VII, , p.722
2	Algosinho – 7	Ordem do Templo	Tinham aqui bens	MAH, Tomo IX, p.109
3	Atenor/Miranda – 9	Ordem Templários – Hospital	Tinham aqui bens	PMH, 4ª alçada, p.1280
4	Avelanoso – 7	Ordem do Hospital Templários	Tinham aqui bens	
5	Azinoso (Azuos) – 13	Ordem Templários; Mendes de Bornes	Tinham aqui bens	PMH, p.1290 MAH, Tomo III, , p.314
6	Bemposta – 13	Hospital; Templários	Tinham aqui bens	MOM, Tomo II, p.319
7	Bouços da Lobagueyra – 6	O. Templo	Tinha aqui bens	MOM, Tomo II, p.319
9	Castro de Latonis (raia) – 7	Ordem Templários Nuno de Zamora Nota: <i>Donnus Nunus de Zamora partiu a sua própria rocha e saqueou a própria cidade de Castro de Latonis e disse que o senhor (Nuno de Zamora) é do território de Leão e simplesmente não obedece ao Rei de Portugal</i>		PMH, 4ª alçada, p.1280
10	Coelhos(o)a – 5	Regalengo; Nuno Martins de Chacim; Ordini Templi	Tinham aqui bens	PMH, p.1290/303 MAH, Tomo III, p.313/314
11	Constantim – 8	Regalenga: Hospital; Templo	Património da Coroa	PMH, p.1280 – MOM, Tomo II, p.300
12	Freixeel – 3	Hospital; Regalengo	Tinham aqui bens	MAH, Tomo IV, p.29
13	Guadramil – 6	Ordem do Templo Nota: <i>Tinham aqui bens</i> <i>Ordem de Veles; A Ordem do Templo que reside em Leão possui vinhas e uma casa na fronteira de Portugal perto da Vila de Uasani e não faz de lá um fórum para o Senhor Rei, e disse que os Freires de (Alcanices) do Templo criaram um dos velhos Vilares chamado Galdramir, (Guadramil) e saquearam-no no tempo desse Rei, e ele não lhe fez nada desde então no fórum</i>		PMH, p.1288/1336 MAH, Tomo III, p.314
14	Ifanes (Ano de 1208) – 8	Ordem do Templo Nota: <i>Era dos Freires de Alcanices (Templários) estavam incorporados à Ordem do Templo de Leão e não respondia ao rei de portugal</i>		MAH – Tomo IX, p.462 – Tomo IV p.8, 9 e 10
15	Izeda (Santa Maria) – 5	Castro de Avelãs; Regalenga <i>Na própria vila e no nome obedecem ao Rei de Portugal, quando questionado sobre onde os próprios aldeões ali tinham a sua herança, ele disse que por parte das suas mulheres, que eram sobrinhas daqueles 15soldados a quem a própria vila pertencia, e sabe que a Ordem do Templo obteve na própria vila 5 casais por força no tempo daquele Rei</i>	Tinham aqui bens	PMH, p.1306/1338
16	Junqueira (Vilariça) – 16	Ordem Templários Martino Tavaya (Távora?); Regalenga; Nuno Martins de Chacim; Ordine de Sanctus Antonius	Tinha aqui bens	PMH, 4ª Alçada p.1276 MAH, Tomo IV, p.78

17	Mogadouro – 13	Ordem Templários	Tinha bens e comenda	PMH, 4ª Alçada p.1278 MAH, Tomo IV, p.53
18	Outeiro – 6	Castro de Avelãs; Hospital; Templo	Tinha aqui bens	PMH, p.1284 MOM, Tomo II, p.319
19	Palaçoulo 1209 – 16	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IV, p.9 e 11
20	Parada de Infanções – 5	Ordem do Templo	2 Casais	MAH, Tomo III, p.327 e 339
21	Paredes – 4	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IX, p.342
22	Refega – 6	Ordem do Templo Nota: <i>Era dos Freires de Alcanices (Templários) estavam incorporados à Ordem do Templo de Leão e não respondia ao rei de portugal</i>		MAH, Tomo IV, p.10, 11 e 16 e – Tomo IX, p.417
23	Penas Roias – 13	Ordem Templo	Tinha aqui bens e comenda –...e sabe que Pena Roya era do Rei de Portugal, e sabe que depois houve uma guerra entre o Rei de Portugal e o Rei de Leão	PMH, 4ª alçada p. 1248/1278/ e 1284/89 MAH, Tomo IV, p.55
24	Rio de Onor (Rio Door – Istat in termino Portucalis) – 6	Ordem de Veles Ordem do Templo (rio de Onor e Guadramil) Nota: <i>A vila de Rio Door fica na fronteira de Portugal, é meio dela e da sua fraternidade que herdou do pai, e ele disse que a outra metade desse meio que fica na fronteira de Portugal é da Ordem de Veles e ele sabe que o povo da Ordem do Templo que vive em Leão, possui vinhas e casas na fronteira de Portugal perto da cidade de Uasani, e por isso faz-lhe um mercado.</i> <i>O Senhor Rei que sabe que os Freires do Templo tomaram posse de um antiga aldeia chamada Guadramil e a saquearam no tempo daquele Rei, e de lá faz um praça/feira para eles</i>		PMH, p.1336
25	Rio Frio 6 (Sancte Marine de Riulo Frigido) – 6	Regalengo; Castro de Avelãs 2/3 Ecclesia Rio Frio; dois casais de Johannes Garsie et Donnus Stephanus – Hospital – Templo	Tinham propriedades no seu termo	PMH, p.133/497
26	Sam Gens de Parada – 6	Ordem do Templo	3 casais	MAH, Tomo III, p.327
27	Sanceriz (santiriz – Villar de Sansilis) – 5	Nuno Martins de Chacim e Castro de Avelãs Regalengo, Templo	Tinham propriedades no seu termo	PMH, p.1290/1306/ /1313/1316/17
28	Santa Comba de Rossas – 4	Ordinibus Templi; Castro de Avelãs	Templo 6 casais	PMH, p.132 MAH, Tomo III, p.329/376 e Tomo IV, p.74.

29	Santa Engrácia (Vinhais) Santulhão – 1	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IV, p.55
30	Santa Maria de Maladas (Malhadas) – 8	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	PMH, p.1283 – MAH, Tomo IV, p.15 e Tomo IV, p.15 e 19
31	São João de Riba Douro – 16	Templários (Freires de Alcanices) Nota: <i>Era dos Freires de Alcanices (Templários) estavam incorporados à Ordem do Templo de Leão e não respondiam ao rei de Portugal</i>		MAH, Tomo IV, p.55
32	São Martinho de Angueira – 8	Templários (Freires de Alcanices) Nota: <i>Era dos Freires de Alcanices (Templários) estavam incorporados à Ordem do Templo de Leão e não respondiam ao rei de Portugal</i>		MAH, Tomo IV, p.10
33	São Pedro de Rio Torto – 1	Ospital; Templários	Tinha aqui bens	PMH, p.1355
34	São Pedro de Sarracenos – 11	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IX, p.419 e Tomo I, p.315
35	Serapicos (Cerapicos) – 5	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IX, p.420 e Tomo IV, p.55
36	Travanca/Algozo – 1	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IV, p.10
37	Uva – 7	Regalengo; Ordem do Templo	Tinham aqui bens	PMH, p.1284 MOM, Tomo II, p.313
38	Vale de Frades – 7	Templários (Freires de Alcanices) Nota: <i>Era dos Freires de Alcanices (Templários) estavam incorporados à Ordem do Templo de Leão e não respondiam ao rei de Portugal</i>		MAH, Tomo IV, p.55
39	Vila Chã da Braciosa – 16	Ordem do Templo	Tinha aqui bens	MAH, Tomo IX, p.422 e Tomo IV, p.9, 12 e 15
40	Vila de Ecclesiola – 5	Regalenga; Templários	Tinham aqui bens	PMH, p.1304 MAH, Tomo III, p.342
41	Vila de Ulgo – 8	Regalengo; Hospital; Templários	Tinham aqui bens	PMH, p.1284/5
42	Villa Vasanis, Masanis; Massanas – 1	Ordem de Veles; <i>A Ordem do Templo que reside em Leão possui vinhas e uma casa na fronteira de Portugal perto da Vila de Uasanis e não faz de lá um fórum para o Senhor Rei, e disse que os Freires do Templo criaram um dos velhos Vilares chamado Galdramir, (Guadramil) e saquearam-no no tempo desse Rei, e ele não lhe fez nada desde então no fórum.</i>	Tinham aqui bens	PMH, p.1336 MAH, Tomo III, p.411
43	Vilares Veterum – 1	Templários	Aqui tinham bens	PMH, p.1290
44	Vilar de Uinóo (Vimioso) – 7	Templo e Hospital <i>E então o Rei de Portugal deu a própria vila de Ulgo (sic) aos Freires de Ospital e aos Freires de Templo para que os guardassem para alimentação e para que usassem a terra, e desde então ele próprio manteve ordens em controlando as próprias cidades, e apenas Donnus, o Rei, não ganha nada com isso.</i>	Tinham aqui bens	PMH p1284/1285
45	Vilariça (Santa Cruz de) – 14	Ordem Templária Regalengo; Alfonso Menendj de Bornes; Mosnasterium de Moreyrola; Nuno Martins de Chacim; Ordem Hospital e Monasterio de Burio	Tinham aqui bens	PMH 4ª alçada p1274

46	Vimioso – 7	Ordem do Templo	Tinham aqui bens	MAH – Tomo IV, p.19
47	Zorrozinhos (Zorrozyos – Çorrozinhos) Sancti Petri de – 4	Ordem do Templo Nuno Martins de Chacim; Ospital; Castro Avelãs	Tinha aqui bens	PMH 4ª alçada p1290/1335 – MOM T1 12 – MAH – Tomo III, p.314

Na análise deste quadro das localidades em todo o distrito de Bragança, à excepção do concelho de Macedo de Cavaleiros, que apresentaremos em seguida, salienta-se que as localidades da raia nordestina; Castro Latonis; Guadramil; Ifanes; Refega; Rio de Onor; São João de Riba d’Ouro; São Martinho de Angueira; Vale de Frades e Villar de Maçanas, eram controladas pelos Freires de Alcañices, que por sua vez estavam sedeados e adstritos à Ordem dos Templários de Leão, portanto não nos parece correcto englobar estas nove localidades (estamos no século XIII) para as contas finais que pretendemos apresentar no território que é hoje o Distrito de Bragança.

Seguem-se as localidades com bens pertencentes à Ordem dos Templários e situados no Concelho de Macedo de Cavaleiros.

Localidades de toda a área geográfica atualmente do concelho de Macedo de Cavaleiros referindo os seus donatários ou proprietários entre o século XII-XIV				
	Localidade	Proprietário	Observações	Bibliografia
1	Ala – 12	Afonso Lopes Baião Ordem de Cristo/Templários – Nota: <i>A informação foi retirada da Militar Ordem de Cristo, todavia à época a MOM, não existia, portanto, é legítimo atribuir-se à Ordem do Templo</i>	Localidade <i>Fructos eclesiásticos Abade de Guide</i>	Gradíssimo “opus cit” p.147 MOM, Tomo I, p.244
2	Alpandy – 2	Regalengo	Tinha aqui bens	PMH, p.1350
3	Amendoeira – 12	Regalengo, Vilãos, Sé Braga e Mendes Gonçalves.	Vila ½ rei, ½ Vilãos + 1 casal Mendes Gonçalves	Gradíssimo “opus cit” p.147
4	Argana – 2	Ordem dos Templários	Abade de Guide dada a Algoso que à data era O. Templários 1185-1211	MOM, Tomo I, p.233
5	Azibeiro – 12	Ordem Templários Ordem Hospital Regalengo; ecclesia de Valle de Porcas comparavit unum casale forarium Donni Regis in villa de Paxon	Abade de Guide dada a Algoso que à data era O. Templários 1185-1211 Tinha aqui propriedades	MOM, Tomo I, p.412* <i>a f.117 liv II.</i> <i>Inq afonso II lê-se; vieram a Mãe de Nuno Martins de Chacim que eram da O. Templi e Ospitalis – Ver, Tomo IV, p.806</i> PMH, p.1310/1313/ /1314/24

6	Banrezes (12) Sancti Giralddj de Venrreses) (et deinde quomodo ipsum riuulum de Porcas intrat in riuulo de Capras in Saavor – 10	Ordem Hospital Templo; Regalengo	Tinham bens neste termo	Ver, Tomo I, p.366 PMH, p.1315 PMH, p.1314/16 MOM, Tomo II, p.12 MAH, Tomo III, p.366
7	Bagueixe – 10	Ordem Templários	Tinha aqui propriedades	Ver, tomo III, p.334/352 e MOM, Tomo I, p.436 Lê-se: 1º que os Freires da Ordem do Templo deveriam ter hum daquelles Casaes com a sua posse PMH, p.1308 MAH, Tomo IX, p.406
8	Bornes –12	Regalengo; Arcebispos de Braga e Mosteiro Castro Avelãs; Nuno Martinj de Chacim; Alfonso Menendj de Bornes;	Tinham aqui bens	Ver, Tomo III, p.60 e 84 PMH, p.1307
9	Bouzende – Villar de Casali de Buyzendo tb Boozindj –12	Regalenga; Nuno Martins de Chacim; Fernandus Iohannis.; et filij Alfonsi Menendi de Bornes	Tinham aqui bens	PMH, p.1309 PMH, p.1310
10	Burga – 12	Regalenga; Lupus Alfonsy	Tinham aqui bens	PMH, p.1306
11	Cabanas – 12	Hospital	Tinha aqui bens	MOM, Tomo II, p.167
12	Castro Roupal – 10	Ordem do Hospital Castro Roupal pela força que a Ordem do Templo adquiriu da herança estrangeira de Donni Regis de Moraes no mandato do Rei Donnj Sanncii	Tinha aqui fazendas	MAH, Tomo III, p.347 PMH, p.1306/1308
13	Carrapatos (Carrapatos) – 12	Arcebispos de Braga, Mosteiro de Castro de Avelãs e Mosteiro de Refoios Décimas ecclesie de Pinudelo – Pinhovelo) Alfonsus Menendj de Bornes; Petro Iohannis de Bornes; Alfonso de Travanca	Tinham aqui bens	Ver, Tomo II, págs. 84, 353 e 358 PMH, p.1308/1309/1311
14	Casas Queimadas (Desaparecida – ao lado de Vale da Porca) – 10	Regalengo; Castro de Avelãs; Templo – Alfonso Menendj de Bornes.	Tinham aqui bens	PMH, p.1311/1312/1290
15	Castelãos (Sancta Maria de) – 12	Cónegos de Miranda Nuno Martins de Chacim; Donno Alfonso de Travanca	Possuíam aqui terras	Ver, Tomo I, p.370 PMH, p.1311
16	Castelo de Balsemão (12) 1213/5/21	Templários	Tinha aqui bens	CTQ nº 16 e nº 19
17	Cernadela – 12	Mosteiro de Moreirola Regalengo Alfonsi Menedj de Bornis	Tinha aqui terras	Ver, Tomo IV, p.26 PMH, p.1271/1307

18	Chacim (Sanct Columbe de Chasin) – 12	Ordem Templários Ordem hospital Regalengo 1 – Petrus Camano, prelado da mesma igreja, sob juramento e questionado sobre o direito dos padroeiros, disse que metade da própria vila e da própria igreja é metade de Balsamão e do Rei e a outra metade da própria vila 7pertencem a Dom Egídio Martins e a sua irmandade e metade que é o senhorio do rei a detém Fernandus Cogomyo a quem o senhor rei a deu, e ele sabe que a herança que Ospitale tem em Banreses, que era do senhorio do rei.	Tinham aqui bens	Ver, Tomo III, p.366 MOM, Tomo I, p.413 PMH, p.1316 MAH, Tomo III, p.366/367
19	Cortiços – 12	Regalengo Mosteiro de Moreirola Alfonsi Menedj de Bornis, Nuno Martins de Chacim;	Tinha aqui propriedades	Ver, Tomo IV, p.35 PMH, p.1266; 1270/1307
20	Eclesiola Villa Santa Maria Magdallene 12	Ordo Templi; Regalenga, Mosteiro Castro de Avelãs		PMH, p.1309
21	Espadanedo (Sancti Michaelis de Spadanedo) – 2	Regalengo; Cónegos de Miranda, Mosteiro Castro Avelãs e Ordem do Hospital Castro de Avelãs tinha aquele casal na própria aldeia de Pedro Tyo e Dona Chamoia no tempo do irmão do rei D. Sanches	Possuíam aqui propriedades	Ver, Tomo I, p.68, Tomo III p.84 e 329 PMH, p.1323 MOM, Tomo I, p.329
22	Ferradal – 12	Regalengo; ecclesia de Valle de Porcas comparavit unum casale forarium Donni Regis in villa de Paxon	Possuíam aqui propriedades	PMH, p.1319/25
23	Fornos de Ledra – 2	Ordem Templários – Hospital	Abade de Guide dada a Algoso que à data era O. Templários 1185-1211	MOM, Tomo I, p.233/244
24	Gralhós (S. Cipriano de Gralaes) – 10	Regalengo; Ordem Templários e Ordem Hospital	Tinham aqui fazendas	Ver, Tomo III, p.334 e MOM, Tomo I, p.485 PMH, p.1306 MAH, Tomo III, p.334
25	Grijó de Vale Benfeito (hoje duas populações separadas) Grijo e Vale Banfeito – 12	Colégio Jesuíta de Bragança	Possuía aqui fazendas	Ver, Tomo VII, p.741
26	Guide – 2	Ordem do Hospital	2 partes	PMH, p.1268/9
27	Lagoa – 10	2 – duas partes Nuno Martins de Chacim	Tinha aqui bens	PMH, p.1274
28	Lamalonga (Lama Longa) – 2	Regalengo; Ordem Hospital	Doação D. Mór Garcia	MOM, Tomo I, p.195 PMH, p.1327

29	Lamas de Podence (Sanct Marie de Lami) – 12	Regalengo; Hospital Cónegos da Sé de Miranda e Mosteiro de Castro Avelãs; Nuno Martins de Chacim. Os galegos, dizem ser de Gonsalus Pedro, quando questionados onde os tinham, disseram que ele nasceu e sabe quando o Conselho de Bragança esteve em guerra com os soldados. Nuno Martins de Chacim e Mendes Gonçalves defendem 6 homens em Lamas que foram Foreiros do Rei e eles só fazem fórum por causa de quem os defende e ele sabe que ele próprio detém uma herança foraleira na mesma vila que foi deixada para ele de o seu pai e ele faz nome lá no fórum	Tinham aqui bens	Ver, Tomo III p.84 PMH, p.1316/1301
30	Leedra (tota terra de) – 2	Regalenga; Alfonsy Menendy de Bornes	Tinham aqui bens	PMH, p.1306/1307
31	Limãos (Vilar) – 10	Regalengo; Vilar de Limãos porque disse que os deve ter de uso e sabe que Nuno Martins de Chacim impede Villare de Illa porque disse que é dele e podem muito bem ficar lá. Castro de Avelãs, que é Domínio Régio, foi questionado sobre onde o tinha e disse que não sabia...	Tinham aqui bens	PMH, p.1285/1317/1329
32	Malta (Sancti Crestophani) – 12	Regalengo; Ordem Templários e Ordem Hospital Disse que tinha ouvido isso a homens que sabiam que a própria Vila pertencia ao Rei, e que a velha Rainha a tinha entregue à Ordem do Templo.	Tinham aqui bens	Ver, Tomo III, p.367 PMH, p.315 MAH, Tomo III, p.367
33	Meles – 12	Ordem Templários	Abade de Guide dada a Algosos que à data era O. Templários 1185-1211	MOM, Tomo I, p.244
34	Nozelos – 12	Ordem Hospital Regalengo	Doação D. Mór Garcia	MOM, Tomo I, p.195 PMH, p.1269
35	Paixão (Sancti Vicencii de Paxon (Área Macedo Cavaleiros desaparecida) – 10	Regalengo; dois casais Alfonsus Menedj de Bornes	Tinha aqui bens	PMH, p.1310
36	Pena Chaque (Desaparecida) – 12	Regalenga	Tinha aqui bens	PMH, p.1314
37	Peredo – 12	Regalengo; O. Templários e Afonso Mendes de Bornes; Nuno Martins de Chacim	Vilar	Balcão; pág. 17 PMH, p.1290/1308 MAH, Tomo III, p.314
38	Pinhovelo – 12	Arcebispos de Braga	Havia no seu termo fazendas	Ver, Tomo III, p.353

39	Podence (Pudincj) – 12	Regalengo; A igreja de Vale da Porca comprou uma casal para Doni Regis na Vila de Paixão. – ...que os homens dos soldados que ficam em Podence detêm a herança estrangeira de Donni Regis da Vila de Paixão num lugar chamado Vale Quente para além do rio em frente a Podence e não fazem fórum sobre isso para o Rei	Tinham propriedades no seu termo.	PMH, p.1310/1316
40	Sáá (Sá) 2	Hospital	Tinha aqui bens	PMH, p.415
41	Salselas – 10	Regalengo; Cónegos de Miranda, Mosteiro Castro Avelãs e Ordem Hospital. – Dicere Valasco Fernandi clerico quod villa de Salselas fuit tota regalenga et quopd pater de ipso Valasco Fernandj et oordo ospital; Castro de Avelãs	Tinham propriedades no seu termo.	Ver, Tomo III, p.323 MOM, Tomo I, p.487 PMH, p.1310/1314/1316
42	Sancta Columba Nova – 12 ao lado de Vallis Palacijs e Casas Queimadas	Regalengo, Templo	Tinham propriedades no seu termo.	PMH, p.1311
43	Santa Combinha (Sancti Giraldi de Sancta Columba) – 12	Ordem Templários e Afonso Mendes de Bornes Braga; concilium (Concelho) de Bragança	Tinham propriedades no seu termo.	Balcão; pág. 17 PMH, p.1311
44	Sancte Marie de Morais (Villa de Morales) – 10	Ordem Templários e Ordem do Hospital Regalengo; Dona Truyli et Martinus Petri	Tinham aqui bens, metade que era foreira Dona Frolhe e de Martins Pires	Ver, Tomo III, p.363 MOM, Tomo I, p.414 PMH, p.1308/1314 MAH, Tomo III, p.363, 333 e 336
45	Sancti Justi de Calvilij Sam Justo de Calvilhy (entre Carrapatas e Bornes) – 2	Templo; Hospital; Nuno Martins de Chacim	Tinham propriedades no seu termo.	PMH, p.1308 MAH, p.331
46	São Pedro de Maçaedo (Freguesia) (Villar de Masaedo (Macedo Cavaleiros) – 12	Hospital Nuno Martins de Chacim e Mendes Gonçalves. Regalengo 1285	Tinham Bens – em 1258 é indicada como freguesia, mas em 1290 é referida a primeira designação o que deixa entender a existência anterior	MOM, Tomo II, p.295, Gradíssimo <i>opus cit</i> p.148 e MAH, Tomo III, p.336 PMH, p.1290/1314
47	Sesulfe – 12	Arcebispos de Braga e Mosteiro Castro de Avelãs Regalengo	Há sítio no termo chamado Lameira da Courada e nele tinham propriedades.	Ver, MOM, Tomo III, p.84 PMH, p.1268/9/1307
48	Talhas – 10	Nuno Martins de Chacim e Ordem do Hospital e Cavaleiros (filhos e netos de Pedro Aires de Morais). <i>Benedictus Petri de Fermentãos, interrogado sob juramento, disse, que era de Durandus Petri, e para além de Talhas, que nada sabe mais nada –</i> O rei e Nuno Martins de Chasim e Menendus Menendij e seus irmãos detiveram-na.	Tinham aqui Bens	Gradíssimo <i>opus cit</i> p.149 PMH, p.1306/1308/1313/ /1317/1290

49	Talhinhas – 10	Ordem Templária e Nuno de Chacim Regalengo	Vila 2/3 O. Templários	Gradíssimo p.150 Balcão, pág. 17 PMH, 4ª alçada p.1287/1308 MAH, Tomo III, p.351
50	Valdrez – 10	Ordem Templários Regalengo, Nuno Martins de Chacim; Castro de Avelãs; Ospital; et fili Alfonso Menendij de Bornes;	Abade de Guide dada a Algosos que à data era O. Templários 1185-1211 Quinhão de Baldrêas	MOM, Tomo I,, p.412*`a f.117 liv II. <i>Inq afonso II lê-se; vieram a Mãe de Nuno Martins de Chacim que eram da O. Templi e Ospitalis</i> PMH, p.1288 e 1305/1310/1311/1313/1314/1324
51	Vale Benfeito – 12	Mosteiro de Moreirola; Regalenga; Concilium de Bragançia; Petrus Martiny	Tinha bens no seu termo	Ver, Tomo III, p.324 PMH, p.1306/1311
52	Vale da Porca (Santi Vicencii de Valle de Porcas) – 10	Tota foraria Donni Regis; Concilium de Bragançia. (villa de Valle de Porca que est tota foraria Donni Regis in tempore Regis Donnij S(ancii))		PMH, p.1314
53	Vale de Prados (Vallis de Prado) – 12	Ordem Templários; São Vicente de Bragança; Cónegos de Miranda; Mosteiro de Castro de Avelãs e Ordem do Hospital Regalenga; Concilium de Bragançia; Donnus Alfonsus de Bornes; et modo tenente e os Nuno Martins de Chacim; et fili Alfonso Menendij de Bornes;	Abade de Guide dada a Algosos que à data era O. Templários 1185-1211 Restantes tinham bens no seu termo	Ver, Tomo IV, p.385 MOM, Tomo I, p.244 e 412*`a f.117 <i>liv II. Inq afonso II lê-se; vieram a Mãe de Nuno Martins de Chacim que eram da O. Templi e Ospitalis.</i> PMH, p.1310/1324/1328
54	Valle Maiore) Val Maior – 2	Regalenga; Ordem Hospital	2 partes	PMH, p.1268/1344
55	Valongo – 2	Cónegos Sé de Miranda	Tinha no seu termo bens	Ver, Tomo I, p.84
56	Vila Nova (Rainha) – 2	Ordem Templários, Regalengo	Abade de Guide dada a Algosos que à data era O. Templários 1185-1211	MOM, Tomo 1, p.244; PMH, p.1361
57	Vila de Sandacili – 2	Regalengo	Tinham aqui bens	PMH, p.1350
58	Vilar de Ledra – 2	Regalengo, Castro de Avelãs	Tinham aqui bens	PMH, p.1268/1326
59	Vilar de Masaos – 10	Regalenga	Tinham aqui bens	PMH, p.1314
60	Vilar de Mayli – 2	Regalenga	Tinham aqui bens	PMH, p.1327
61	Vilar do Monte – 12	Jesuítas de Bragança	Tinham aqui bens	Ver, Tomo II, p.331
62	Vilar de Santilis – 10	Regalengo; Castro de Avelãs	Tinham aqui bens	PMH, p.1317
63	Vilar de Ouro – 12	Regalengo; Hospital	Tinham aqui bens	MOM, Tomo I, p.244/415
64	Vilarinho Agrochão – 2	Ordem Templários	Abade de Guide dada a Algosos que à data era O. Templários 1185-1211	MOM, Tomo I ,p.412*`a f.117 liv II. <i>Inq afonso II lê-se; vieram a Mãe de Nuno Martins de Chacim que eram da O. Templi e Ospitalis</i>
65	Vinhas – 10	Ordem do Hospital; Templários	Há sítio no termo chamado Couto e naquela tinha propriedades	MOM, Tomo III, p.335 Templários; Balcão Vicente, p.48 MOM, Tomo I, p.486

Nas conclusões finais apresentaremos as contas da representação da Ordem dos Templários no Concelho de Macedo de Cavaleiros.

A demografia no concelho de Macedo de Cavaleiros nos séculos XIII

Quando analisamos as Inquirições do séculos XIII, por norma, a descrição da localidade em questão, começa com o nome da paróquia em inquirição, ao que se seguem os depoentes, que se identificam e indicam a localidade onde nasceram e/ou vivem. Assim foi possível arrolar todos os nomes de “homens bons e ou ricos-homens” etc., das respetivas localidades dando-nos, se bem com algum grau de incerteza, um panorama demográfico da região. Assim, listamos os nomes das pessoas por localidades que encontrámos:

Nome da Localidade	Nome dos inquiridos	total
Ala – 12	Petrus Pelagij; Donnus Sabastianus; Gonsalvus Johannis; Martinus Rodereci; Pelagius Johannis Garsie Salvatoris	6
Agrochão	Laurencius Petri; Dominicus Vermudi; Pelagius Petri Bartholameus Pelagij; Martinus Ihannis	5
Amendoeira – 12	Menendus Gonsalvi; Dominicus Petri; Johannis Michelljs	3
Arcas – 12	Pedro Martins (arqueiro)	1
Bagueixe – 10	Pero Lopiz/Pero Lopez; Dom Matheus; Joham Martijnz; Johannes Rodericj; Pelagius Rodericj; Lupus Rodericj Dominicus Andree	7
Balsemão – 12 (extinta MC)	Egidio Martinj	1
Banreses – 12 (Extinta)	Miguel Domingui; Martim Fernandez; Martinus Menendj Martinus Fernandi; Petrus Martinj; Johannes Petri Martinus Petri; Donnus Petrus Fernandj; Nunus Martinj Fernandus Eanes; Donno Egidio Martinj	11
Bornes – 12	Dominicus Reymundj (Padre); Affonso Meendiz (Menendj); Pedro Camondo; Donnus Petrus dictus; Maurus de Bornes; Egidius Martinj; Egidius Menendj Petrus Gordo (Gois); Donnus Lupus; Dominicus Petri Petrus Gois; Johannes Barreto; Menendus Petri Petri Vicencij; Garsia Martinj; Egidius Menendj; Petrus Vicencij; Dominicus Niger; Petrus Iohannis; Perro Iohannis Stephanus Vivianj	20
Burga – 12	Alfonsus Lupi (Afonso Lopes Baião)	1
Carrapatos (Carrapatos) – 12	Alfonso Meendez Martinus Petri; Menendus Petri; Petrus Alfonssi	4
Castelãos – 12	Donnus Durandus; Petrus Dominici	2
Castro Roupal – 10	Ruy Fernandez / Roy Fernandez; Pedro Perez; Maria Gonçalves; Meen Gonçalves; Martim Fernandez; Martim Domjnguez; Rodericus Fernandy; Petro Ayrie; Menendus Pelagij; Martinus Laurencij	10

Cernadela – 12	Egidius Roderici; Laurencius Martinj (Padre); Johannes Petri; Petrus Iohannis; Petrus Martinj; Alfonsus Ciprianj	6
Chacim (Sanct Columbe de Chasin) – 12	Nuno Martins Chacim; Iohannis Petri; Fernandus Eannes Petrus Camano; Fernandus Cogomyo (Fernão Fernandes Cogominho; Donnus Ciprianus; Menendus Garsie; Martinnus Petri; Petrus Camano	9
Comunhas – 12	Fernande stevez (Bisavô de Martim Gonçalves de Macedo?)	1
Cortiços – 12	Alfonsus Petri (Padre); Sancius Petri; Petrus Iohannis Fernandus Iohannis; Iohannes Martinj; Iohannes Iohannis; Fernandus Ciprianj; Iohannes Fernandi Petrus Michaelis	9
Cre(a)stelos – 12 (extinta MC)	Afonso Gonçalves; Pero Viriz; Pero Fernandez Durandus Roderici; Fernandus Froyle; Fernandu Ferveis; Fernandus Gonsalvi; Fernandus Gonsalvi (militis)	8
Eclesiola (vila Santa Maria Madalena) – 12 (Extinta)	Petrus Martij; Petrus Iohannis; Fernandus Iohannis Durandus	4
Edroso – 12 (Sancti Marine de Idroso)	Garsia Pelagii (Padre); Donnus Salvator; Donnus Gees	3
Espadanedo – 2 Espadanedo (Sancti Michaelis de Spadanedo)	Donnus Durandus; Martinus Roderici	2
Ferreira – 12	Joham Gonçalves; Petrus Andree; Petrus Petri; Martinus Géés	4
Gradíssimo – 12	Iohannes Garsie; Iohannes Andre; Donnus Michel Donnus Vicentius	4
Gralhós – 10	Donnus Geens; Donnus Ciprianus; Michael Petri; Dominicus Petri	4
Guide – 2/3	Martinum Petri	1
Lamas de Podence (Sanct Marie de Lamis) – 12	Dom Andres; Pero Andres; Durandus Petri; Iohannes Nuniz; Donnus Leonardus; Iohannis Petri	6
Limãos – 10	Menendus Petri; Petrus Michaelis; Petrus Grasie	3
Malta (Sancti Crestophani) – 12	Iohannes Menendj; Iohannes Petri	2
Muymentinha – 12 (extinta MC)	Joham Domingui	1
Morais – 10	Roy Martijnz / Roy Martynz; Afonso Rodriguiz; Pero Vivees; Viviã Astrariz; Pero Moraes; Maria Lourenço Maria Andre; Viviam Perez; Dom Estevam; Domingos Mingui; Petro Ayrie; Michael Fernandj; Menendus Petri; Donna Fruylhi; Martinu Petri; Petrus Iohannis Andreas Petri; Johanes Martinj; Menendus Menendj	19
Murçós – 12	Fernand Estevez	1
Nozelos – 12	Petrus Ayrie; Alfonsus Lupi; Iohannes Iohannis; Martinus Garsie; Petrus Menendj; Petrus Gees; Andreas Michaelis	7
Paixão (Sancti Vicencii de Paxon) – 10	Pedro Camondo; Martinus Velasci; Donna Vaasquida Martinus Nuniz; Petrus Michaelis	5
Pinhovelo – 12	Fernandus Micael (Comendador da Igreja); Fernandus Dominicj; Iohannes Michaelis	3
Podence (Pudincj) – 12	Fernande stevez; Fernandus Pelagij (Padre); Menendus Gonsalvi; Petrus Ayrie; Fernandus Menendj; Martinus Ayrie; Dominicus Iohannis	7
Sáá (Sá) – 2	Dominicus Petri; Petrus Fortuniz	2
Salselas – 10	Menendus Garsie (Capelão); Johanes Petri; Petrus Garsie Fernandus Petri; Fernandus Iohannis (miles)	5

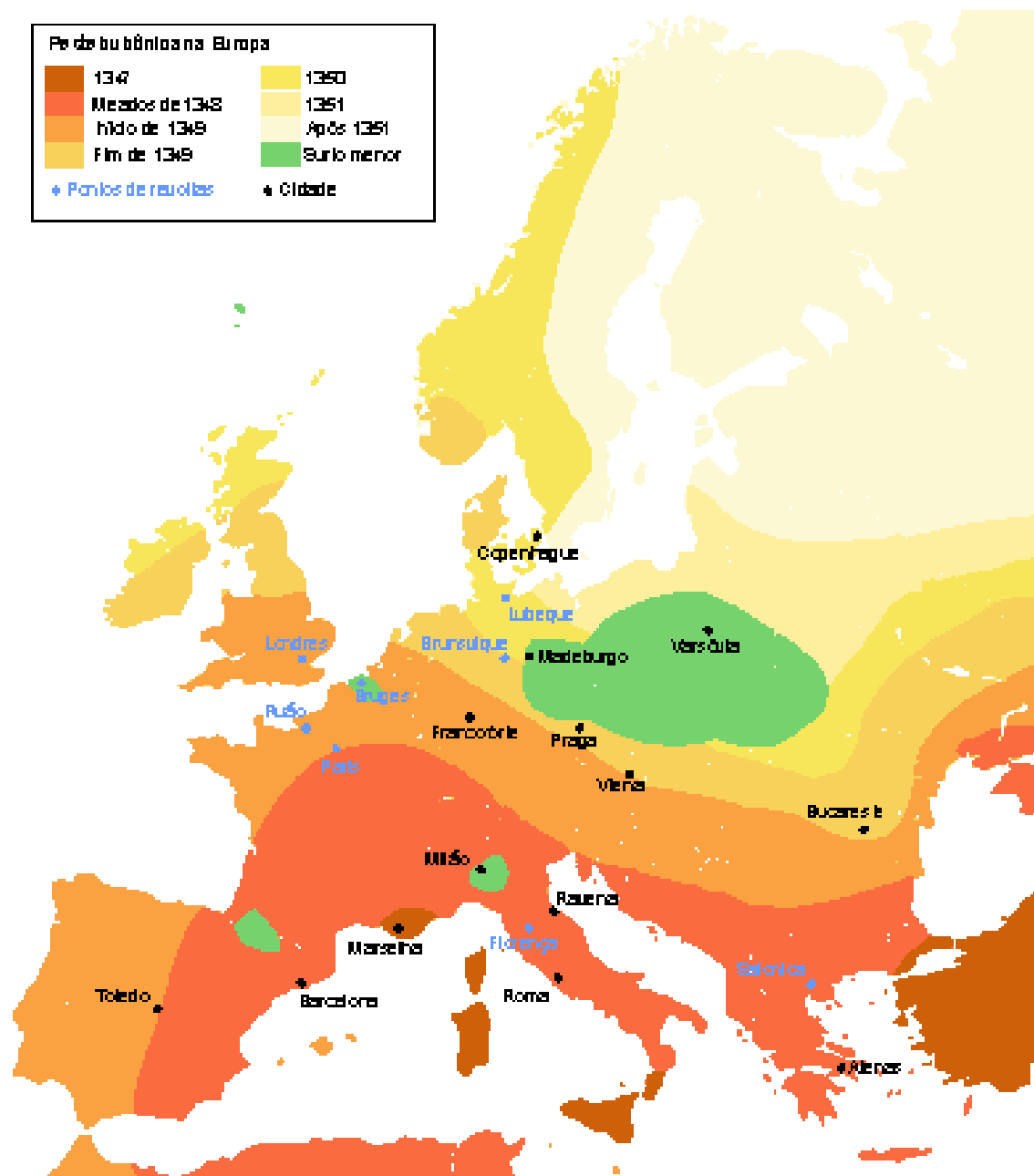
Santa Combinha (Sancti Giraldis de Sancta Columba) – 12	Michael Ayrie; Fernandus Petri; Petrus Petri; Donnus Benedictus; Alfonsus Menendj	5
Sesulfe – 12	Johannes Michaelis; Dominicus Petri; Andreas Vicencij Fernandus Martinij; Petrus Martinij; Dominicus Corzo Domnus Gees; Vincencius vicencii	8
Talhas – 10	Ruy Fernamdez; Roy Martinz; Viviam Astrariz; Martim Astrariz; Affonso Rodriguiz; Roy Garçia (clérigo); Pero Viviãaez; Domingos Bertolameu; Roy Garcia (cavaleiro)	9
Talhinhas – 10	Martinus Garsie; Garsia Fernandj; Andreas Domingo Johannes Petri; Michael Petri	5
Travanca – 12	Alfonso Menendj; Petrus Dominicj (Padre); Domnus Facundus; Domnus Michael; Domnus Vincencius Andreas Petri; Petrus Geens; Domnus Giraldu; Petrus Pelagij; Dominicus Iohannis; Donnus Alfonsus	11
Vale Benfeito – 12	Domingos Garcia; Roy Nunis (trata-se do filho bastardo de Nuno Martins de Chacim, Pai da Barregã do Rei D. Dinis, Maria Rodrigues de Chacim); Miguel Johanes; Martim Perez; Pero Gees; Joham Gonçalves; Domingos Meendez Johannes Ayrie; Menendus Fernandj; Johannes Pelagij Lupus Alfonsy; Petrus Martinj; Fernando Moozino Donnus Geens; Stephanus Vivianj	15
Vale Maior (Valle Maiore) – 2	Vidal Dominij	1
Vale da Porca (Santi Vicencii de Valle de Porcas) – 10	Johannes Martinj (Padre); Donnus Sancius; Johannes Fernandj; Martinus Fernandi; Guymara Iohannis; Michael Roderici; Michael Petri; Salvator Petri; Menendus Gonsalvi	9
Vallis de Palaciis (Vale Palácios) – 12 (extinta MC)	Muniu Muniz (Padre); Donno Galleco	2
Valongo – 2	Johannes Menendj	1
Vilar de Ledra – 2	Petrus Petri	1
Vilar Vedro de Prado Redondo – 12 (extinta MC)	Viviam Astaris/Clérigo	1
Vilarinho de Agrochão – 2	Fernandus Petri; Domnus Munius; Pelagius Gomecij Martinus Stephani; Menendus Pelagij; Johannes Crespus Petrus Garsie; Petrus Martinj	8
Vinhas – 10	Martim Fernandez; Meen Gonçalves; Dom Duram; Martim Domjngues; Dom Andres; Roy Fernandez Menendus Pelagij (dictus Cordom de Vinas)	7
51 populações	TOTAL = 272 x 4.14 = 1.126	272

Será Importante evidenciar as crises demográficas existentes sobretudo, no século XIII e no século XIV, para se entender a razão demográfica verificada em Portugal e no resto da Europa, sobretudo a partir de meados do século XIV.

Portanto, terão sido, as crises climáticas que se verificaram a miúdo no século XII que prejudicaram entre nós, os bons anos agrícolas e concomitantemente uma pequena depressão demográfica que poderá ter existido na zona Nordeste. Pois, foi sobretudo por meados da segunda década dos anos 300 (1315-1317) que tomou o nome em Inglaterra da “Grande Fome” causada por maus anos agrícolas. Mas, terá sido a partir de 1348-1350 que (chegou a Portugal) a grande epidemia, denominada a partir do século XVII de “Peste Negra ou Peste Bubónica” Que pode ter reduzido a população mundial de 475 milhões para 350–375 milhões no século XIV. Crise demográfica que demoraria à Europa um período de 200 anos para recuperar. Todavia para o período em análise, 1122-1319, (data limite da existência em Portugal da Ordem dos Cavaleiros – Monges Templários, não nos atinge. Mas, que não queremos deixar de referir, pois terá impacto em assunto posteriormente analisado.

Mário Barroca na sua tese de doutoramento, p.302, dá-nos outras fontes para investigação a partir das suas análises epigráficas; *“No Livro das Eras de St^a Cruz de Coimbra encontramos uma dessas referências: “Era de mil e trezentos e oytenta e seys anos foy grande mortaydade polo mundo assy que yualmente morrerom as duas partes das gentes. Esta mortaydade durava na terra por spaço de três meses. E as mays dores das doenças eram de levacoens que tijham nas verilhas e so os braços. E as de mays das gentes também as que morrerom como as que ficaram todos ouverom estas doores.” (ACMA, p.80-81). Em nota à margem deste registo alguém acrescentou e esclareceu: “Por sam Miguel de Setembro se compeçou esta Pestilência”. No Livro das Lembranças do mesmo mosteiro de St.^a Cruz encontramos novo registo do mesmo teor (ACMA, p.95). O cômputo de dois terços de mortes com a Peste Negra foi igualmente registado no Chronicon Alcobacense: “Era M”. CCCa. LXXX”. V a Fuit generalis pestilência per totó mundo in qua mortui sunt dues partes hominum.” (PMH, Script., p.22). Por seu turno, Fr. Joaquim de St.^a Rosa Viterbo registou, no seu Elucidário, uma celebrizada passagem de um documento da Colegiada de S. Pedro de Almedina, onde se referia um índice de mortalidade bem diferente, pretendendo-se que nove em cada dez pessoas haviam falecido com a Peste Negra:”*

Todavia há estudos que nos indicam que as zonas urbanas foram muito mais castigadas que as zonas rurais, havendo pela geografia europeia, algumas bolsas (a verde) que pouco sentiram esta pandemia.



Mapa da europa com as zonas afectadas no século XIV com a peste Bubónica, *In*, www.Wikipédia.com

Assim pela quantidade de nomes/pessoas arregimentadas nas inquirições efectuadas pelo Rei Afonso III em 1258 e pelo Rei D. Dinis em 1284, pouco deveria ter sido afectada a área geográfica das terras de Ledra e de Lampaças (por serem zonas rurais) que englobam hoje o Concelho de Macedo de Cavaleiros.

O primeiro censo demográfico efectuado à população Portuguesa verifica-se já no dealbar dessa pandemia. Referimo-nos ao “Numeramento de 1527/1532” dado à tampa em 1986, pelas autoras Júlia Galego e Suzanne Daveau e que vêm espelhar um pouco o que acabámos de afirmar, apesar de ser um numeramento efectuado +/- século e meio depois do que acabámos de afirmar. É assim, o que reza os números desse estudo demográfico do nosso país: Verificamos que a cidade de Bragança, está em 4º lugar no ranking nacional com **5.649 habitantes**, atrás de Lisboa, com 17.034 habitantes; do Porto com 13.122 habitantes e Barcelos 9.018 habitantes. Seguia-se-lhe a cidade de Santarém com 5.375 habitantes; Guimarães 4.958 Habitantes; e Coimbra com 4.570 habitantes. Portanto o Nordeste Transmontanos não seria assim tão despovoado.

Sobre a demografia de Macedo de Cavaleiros no século XIII

A relação que compilamos da análise às inquirições, dão-nos a conhecer o nome e em alguns casos a seu ofício, de 272 pessoas – homens, por certo, de maior idade e também por norma “Ricos-Homens e/ou Homens Bons” por certo casados e com filhos. Foram rastreadas 51 populações da área geográfica do Concelho de Macedo de Cavaleiros com a indicação de nomes de habitantes. Se aplicarmos o coeficiente 1 pessoa = devia multiplicar-se pelo coeficiente 4,14 –, utilizado pela Srª Professora Doutora Manuela Mendonça em obra de análise ao numeramento, teremos nestas 51 povoação **1.126** habitantes.

Voltando ao Numeramento de 1525 este indica-nos que a população de Nozelos tinha 112 vizinhos; Sezulfe 37 vizinhos, Cortiços 118 vizinhos e Chacim 124 vizinhos o que perfaz = 391 vizinhos, aplicando o mesmo coeficiente de 4,14 teremos **1.618** pessoas, somente nestas 4 localidades (as maiores à época).

Infelizmente não conseguimos chegar a um número de habitantes, correcto para a região que abrange a área geográfica de Macedo de Cavaleiros, todavia pelos dados disponíveis estamos em crer que, contrariamente ao comumente aceite, todo o Nordeste e mormente o Concelho de Macedo de Cavaleiros não era tão despovoado, nessa época, como muitos autores afirmam, mais que não fosse temos que levar em linha de conta a necessidade de defender as linhas da raia dos reinos de Castela e de Leão e a Sul de eventuais investidas Muçulmanas (das quais não há conhecimento).

Análise final e conclusão

Das informações recolhidas nas fontes indicadas, existiam em todo a área geográfica do, hoje, Distrito de Bragança, 70 localidades com bens imóveis de pertença à Ordem dos Templários, como se segue;

45 Existências de Bens imóveis pertencentes à Ordem dos Templários no Distrito de Bragança não incluindo o Concelho de Macedo de Cavaleiros

Algoso 7; Algosinho 7; Atenor 9; Avelanoso 7; Azinhoso 13; Bemposta 13; Bouçoos da Lobagueyra 6; Castro de Latonis 7; Leão; Coelhosa 5; Constantim 8; Guadramil 6; Leão; Ifanes 8; Leão; Izeda 5; Junqueira 16; Mogadouro 13; Outeiro 6; Palaçoulo 16; Parada de Infanções 5; Paredes 4; (Ar)Refega 6; Leão; Penas Roias 13; Rio de Onor 6; Leão; Rio Frio 6; Sam Gens de Parada 6; Sanceriz 5; Santa Comba de Rossas 4; Santa Engrácia Santulhão 1; Santa Maria de Malhadas 8; São João de Riba Douro 16; Leão; São Martinho de Angueira 8 Leão; São Pedro de Rio Torto 1; São Pedro de Sarracenos 11; Serapicos 5; Travanca 1; Uva 7; Vale de Frades 7 Leão; Vila Chã da Braciosa 16; Vila de Ecclesiola 5; Vila de Ulgo 8; Villa Massanas 1; Leão; Vilares Veterum 1; Vilar de Uinóo 7; Vilariça (Santa Cruz de) 14; Vimioso 7; Zorrozinhos, Sancti Petri de 4.

25 Existências de bens imóveis da Ordem dos Templários no Concelho de Macedo de Cavaleiros

Ala 2; Argana 2; Azibeiro 12; Banrezes 10; Bagueixe 10; Castro Roupal 10; Chacim 10; Casas Queimadas 10; Castelo de Balsemão 12; Villa Santa Maria Magdallene 12; Fornos de Ledra 2; Gralhós 10; Malta 12; Meles (12); Peredo 12; Sancta Columba Nova 12; Santa Combinha 12; Sancte Marie de Moraes 10; Calvilhy (entre Carrapatas e Bornes) 2; Talhinhos 10; Valdrez 10; Vale de Prados 12; Vila Nova (Rainha) 2; Vilarinho Agrochão 2; Vinhas 10.

Destas 70 localidades, 25 estavam acobertadas na área geográfica do que é hoje o concelho de Macedo de Cavaleiros, na parte restante do Distrito de Bragança existiam 45 localidades com bens imóveis que pertenciam, à Ordem dos Templários, mas temos que

considerar que dessas 45 localidades existiam 9 localidades; (*Guadramil; Rio de Onor; Vilar de Maçanas; Refega; Ifanes; São João de Riba Douro; São Martinho de Angueira; Vale de Frades e Vilares Maçanas*), todas elas da raia nordestina, que eram controladas pelos (frades de Alcañices) cavaleiros-monges Templários sedeados em Alcañices/Reino de Leão, logo, como dizem os autores, não respondiam ao rei Português, respondiam sim à Ordem dos Templários de Leão e ao Rei de Leão

Assumindo esta forma de interpretação temos que no distrito de Bragança existiam 61 localidades que respondiam aos Templários Portugueses e 9 que respondiam ao Rei de Leão. Resta-nos, portanto, 61 localidades com bens pertencentes à Ordem dos Templários, sendo que 25 dessas localidades se situavam na área geográfica que é hoje o Concelho de Macedo de Cavaleiros

Portanto; teríamos 25 localidades situados no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros e 34 na parte restante do Distrito, o que perfazia o total de 59 localidades controladas por Templários ligados ao grupo Português. Assim: **42,4%** era a percentagem de concentração de localidades com bens controladas pela Ordem dos Templários no concelho de Macedo de Cavaleiros. Mesmo considerando as 9 localidades como sendo em Território Nacional, Macedo de Cavaleiros tinha 36%, das localidades no distrito de Bragança que ali estavam situadas.

Interrogamo-nos: qual ou quais as razões de tão grande concentração de bens e presença física, de cavaleiros-monges Templários? Que interesse tinha/havia; (sociais/ estratégico/ /económicos, ou outro?) no concelho de Macedo para a Ordem dos Templários!

Mas, se considerarmos também as presenças físicas em localidades no Distrito de Bragança da “Ordem dos Hospitalários” (Século XII/inícios de XIV) temos que, em todo o distrito de Bragança, retirando o concelho de Macedo de Cavaleiros, existiam 13 localidades com bens pertencentes a esta ordem. E na região do hoje concelho de Macedo, havia 20 localidades pertencentes à Ordem dos Hospitalários, isto é, em todo o Distrito de Bragança existiam um total de 33 localidades com pertenças de bens imóveis desta Ordem Monástica, ou seja **60,6 %** das localidades pertencentes à Ordem dos Hospitalários que se concentravam na atual região do concelho de Macedo de Cavaleiros.

Ordem dos hospitalários

13 existências de Bens da Ordem dos Hospitalários no Distrito de Bragança não considerando o concelho de Macedo de Cavaleiros:

Algozo; Atenor/Miranda – 9; Avelanoso – 7; Bemposta; Constantim – 8; Freixeel – 3; Outeiro – 6; Rio Frio; São Pedro de Rio Torto; Vila de Ulgo; Vilar de Uinóo; Vilariça (Santa Cruz de); Zorrozinhos, (Sancti Petri de).

20 Existências de Bens da Ordem dos Hospitalários no Concelho de Macedo de Cavaleiros

Azibeiro; Banrezes; Castro Roupal; Chacim; Espadanedo – 2; Fornos de Ledra; Gralhós; Guide – 2; Lamalonga – 2; Lamas – 12; Malta; Nozelos – 12; Salselas – 10; Sancte Marie de Moraes; Calvilhy (entre Carrapatos e Bornes) – 2; São Pedro de Maçaedo (Macedo Cavaleiros) – 12; Talhas – 10; Vale de Prados; Vale Maior – 2; Vinhas.

Mais à frente veremos o mapa do Distrito de Bragança, dividido pelas unidades paroquiais e o número de Representações em cada Unidade das Ordens dos Templários e da Ordem dos Hospitalários.

Se analisarmos em conjunto; presenças das Ordens do Templários e dos Hospitalários na área geográfica que constitui hoje o Concelho de Macedo de Cavaleiros temos que o distrito de Bragança abrange uma área de 6.600km², enquanto o concelho de Macedo de Cavaleiros (692km²), ou seja, abrange pouco mais de 10% dessa área.

Se em todo o Distrito de Bragança existiam à época (nas inquirições) 93 localidades com bens da Ordem dos Templários e da Ordem dos Hospitalários. No concelho de Macedo de Cavaleiros juntavam-se 45 locais com bens das duas Ordens Monásticas neste Concelho o que correspondia a **49%** relativamente a todo o distrito de Bragança.

Segue mapa da dispersão/implantação nas localidades no Distrito de Bragança da Ordem dos Templários e da Ordem dos Hospitalários.



Para terminar mostra-se o mapa do Concelho de Macedo de Cavaleiros onde se regista a sua dispersão de povoamento desde o Calcolítico (Xaires) até aos dias de hoje, notando-se um palimpsesto impressionante de implantação dos povoados durante esses quase 50 séculos de história.

Neste momento podemos informar que pelo estudo realizado às pinturas rupestres do Forno da Velha na freguesia de Lagoa, por Sofia Figueiredo e António Batista (Côa) podemos acrescentar mais 10 séculos (V/IV^o milénio a. C.) ao registo da presença humana na região que é hoje Macedo de Cavaleiros, ou seja 6.000 anos de presença humana.

- Localidades vivas (existentes hoje);
- Localidades mortas;
- Localidades onde se registam as presenças Templárias;
- Registos das povoações com cronologia entre o Calcolítico e a Alta Idade Média.

- 67 Povoações vivas (a preto);
- 66 Povoações Mortas (a azul);
- 44 Povoados Arqueológicos desde o Calcolítico à época Romana;
- 25 localidades com bens pertencentes à Ordem Templária.



Bibliografia usada e/ou consultada

AAVV

Dicionário da Língua Portuguesa, 2003.

Dicionários Editora, Porto Editora, Porto, 2002.

AAVV

Dicionário de Sinónimos.

Dicionários Editora, Porto Editora, 2ª Edição, Porto, 2001.

AAVV

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa.

Instituto Antônio Houaiss, Tomo I, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

AAVV

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa.

Instituto Antônio Houaiss, Tomo II, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

AAVV

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa.

Instituto Antônio Houaiss Tomo III, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

AAVV

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa.

Instituto Antônio Houaiss, Tomo IV, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

AAVV

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa.

Instituto Antônio Houaiss, Tomo V, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

AAVV

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa.

Instituto Antônio Houaiss, Tomo VI, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

AAVV

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Volume XVIII, Círculo dos Leitores, Lisboa, 1977.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Volume VII, Lisboa/Rio de Janeiro, sd.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Volume IX, Lisboa/Rio de Janeiro, sd.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Volume X, Lisboa/Rio de Janeiro, sd.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Volume XV, Lisboa/Rio de Janeiro, sd.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Volume XXXIII, Lisboa/Rio de Janeiro, sd. p..

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Volume XXXV, Lisboa/Rio de Janeiro, sd.

AAVV

Guia de Portugal, Trás-os-Montes e Alto Douro, Il Lamego, Bragança e Miranda, 5º Volume, 3ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume VII, Editorial Enciclopédica Limitada, Lisboa/Rio de Janeiro, s.d.

AAVV

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume XV, Editorial Enciclopédica Limitada, Lisboa/Rio de Janeiro, s.d.

A. H. de Oliveira Marques

História de Portugal, Volume I, Lisboa, Editorial Presença, 1997.

Alves, Francisco Manuel

Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança. Reedição do Museu do Abade Baçal, 2ª edição, Tomo I, II, III, IV, V, VI, VII; VIII, IX, X, XI e XII Bragança, 1975.

Amaral, Augusto Ferreira

“Martim Gonçalves de Macedo salvou D. João na Batalha de Aljubarrota?” *In* Armas e Troféus, VI série, Tomo IV, nºs 1,2 e 3, Lisboa, 1992.

Amaral, Augusto Ferreira do

A Varonia Ferreira do Amaral, Edição do Autor, Lisboa, 1974.

Baêna, Sanches de Visconde

Arquivo Heráldico-genealógico, parte 2, artigo “Macedo”, Lisboa, 1872.

Baêna, Luís Sanches e Silva, Maria Teresa Sanches de Baêna Bustorff

Memória Histórica dos Sanches de Baêna; ISBN 978-989-691-908-5 – Lisboa, 2022.

Barbosa, Pedro Gomes, e Mendes, Carlos Santos

De Macedo a Macedo dos Cavaleiros, via Aljubarrota, a figura de Martim Gonçalves de Macedo, Edições CMMC/ATQ, Macedo de Cavaleiros, 2006.

Barroca, Mário Jorge

Epigrafia Medieval Portuguesa, 862-1422, Volume I, FCT, Lisboa, 2000.

Barros, João de Barros

Colecção de Manuscritos inéditos; agora dados à estampa – Geographia d’entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. Porto, 1789.

Barros, Vítor Fernando

Dicionário dos falares de Trás-os-Montes, Campo de Letras Editores, AS, Porto, 2002.

Borrego, Nuno Gonçalo Pereira

Cartas de Brasão de Armas, Coletânea, Edição Guarda-mor, Edições de Publicações Multimédia, Lda., Lisboa, 2003.

Cardoso, Manuel José de Sousa

Macedo de Cavaleiros rua a rua, Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, Macedo de Cavaleiros 2005.

Chambel, Pedro.

Marcas do Quotidiano nos monumentos funerários. A representação de animais na tumularia medieval do Entre-Douro-e-Minho. <http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments>.

Corrêa, Manuel de Mello (dir)

Anuário da Nobreza de Portugal, Instituto Português de Heráldica, 1ª Edição, Lisboa, 1985.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume I, Livraria Civilização, Porto, 1929, p..

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume I, Livraria Civilização, Porto, 1929, p..

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume II, Livraria Civilização, Porto, 1930, p..

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume III, Livraria Civilização, Porto, 1932, p..

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume IV, Livraria Civilização, Porto, 1934.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume V, Livraria Civilização, Porto, 1936.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume VI, Livraria Civilização, Porto, 1939.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume VII, Livraria Civilização, Porto, 1940.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume VIII, Livraria Civilização, Porto, 1945.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume IX, Livraria Civilização, Porto, 1947.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume X, Livraria Civilização, Porto, 1948.

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume XI, Livraria Civilização, Porto, 1949,

Costa, Américo

Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Volume XII, Livraria Civilização, Porto, 1949.

Fernandes, Francisco (Coord)

Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, Volume II, Editorial Verbo, Mem Martins, 1984.

Fernandes, Francisco (Coord)

Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, Volume III, Editorial Verbo, Mem Martins, 1984.

Fernandes, Francisco (Coord)

Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, Volume IV, Editorial Verbo, Mem Martins, 1984.

Ferreira, Alexandre

Suplemento Histórico ou Memórias para a História da admirável Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Tomo I, Lisboa Occidental, 1735.

Figueiredo, Cândido

Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, 12ª Edição, Livraria Bertrand, Amadora, 1978.

Figueiredo, José Anastácio de

Nova História de Militar Ordem de Malta, 1ª parte até à morte do Rei D. Sancho II, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Refundida sobre a primeira edição de 1793.

Figueiredo, José Anastácio de

Nova História de Militar Ordem de Malta, 1ª parte até à morte do Rei D. Sancho II, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.

Figueiredo, José Anastácio de

Nova História de Militar Ordem de Malta, Parte II até à morte do Rei D. Dinis, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.

Figueiredo, José Anastácio de

Nova História de Militar Ordem de Malta, Parte III até aos nossos dias; com o copioso Índice Geral. Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.

Galego, Júlia e Daveau, Suzanne

O Numeramento de 1527-1532, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1986.

Gayo, Felgueiras

Nobiliário de Famílias de Portugal, Volume VII, 3ª edição, Edições de Carvalhos de Basto, Braga, 1992.

Graça, Luís

Hospitais e outros estabelecimentos assistenciais até ao final do século XV, Textos sobre saúde e trabalho UNL – Escola Nacional de Saúde Pública, Lisboa 2000, in www.ensp.unl.pt/graca/textos.

Gonçalves, Iria

Imagens do Mundo Medieval, Edições Livros Horizonte, Lisboa, 1988.

Houaiss, António

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomo I, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

Houaiss, António

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomo II, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2002.

Houaiss, António

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomo IV, Círculo dos Leitores, Lisboa 2002.

Lobo, A de Sousa Silva Costa

História da Sociedade em Portugal no século XV, prefácio de José Mattoso, Edições Rolim, Lisboa, 1984

Marques, A. H. de Oliveira

A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos de vida quotidiana, Edições Sá da Costa, Lisboa, 1964.

Marques, A. H. de Oliveira

Breve História de Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1995.

Marques, Daniel Filipe da Costa

Conflito e violência nas inquirições Gerais de 1284, Volume 3, Porto, 2017.

Mattoso, José

A Identidade Nacional, 4ª edição, Fundação Mário Soares, Gradiva, Publicações SA, Lisboa, Outubro, 2008.

Mattoso, José

História da Vida provada em Portugal – A Idade Média – Círculo dos Leitores, Maia, 2016.

Mendes, Carlos Santos Mendes

Retratos do quotidiano no Concelho de Macedo de Cavaleiros, Caderno Terras Quentes, nº 7. Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros, 2010.

Mendes, Carlos Alberto Santos

Macedo de Cavaleiros, Cultura Património e Turismo, contributos para um programa integrado, Edições CMMC/ATQ, Minerva Transmontana, Vila Real, 2005.

Mendes, Carlos Santos

Apostilas sobre a presença de D. João I, Nuno Álvares Pereira e Martim Gonçalves de Macedo em Castelões, Cadernos Terras Quentes, nº 6, Edições CMMC/ATQ, Macedo de Cavaleiros, 2009.

Mendonça, Manuela

Cidades, Vilas e Aldeias de Portugal, Estudo de História Regional Portuguesa, Edições Colibri, Faculdade de Letras de Lisboa, 1995.

Morais, Cristóvão Alão de

Pedatura Lusitana (Nobiliário de famílias de Portugal), Volume I, Livraria Fernando Machado, Porto 1943.

Morales, Fernando de Fr.

Deffiniçoens & Estatutatos dos Cavalleeyros, e Freyres da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Lisboa Occidental, 1742.

Moraes, Fernando de Fr (D. Prior Geral)

Deffiniçoens & Estatutatos dos Cavalleeyros, e Freyres da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Lisboa Occidental, 1746.

Olisiponensis, Ivssv Academiae Scientiarvm – Portvgaliae Monvmenta Historica - Inquisitiones, Volvmen I, Pars II, Fascicvlvs VIII; 4ª Alçada, Olisipone, 1861.

Pereira, Maria Helena da Rocha

Obra Médica de Pedro Hispano, in Actas Universitatis Coninbrigensis, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1973.

Pires, Armando

O Concelho de Macedo de Cavaleiros, Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, reedição 1993, Macedo de Cavaleiros.

Rades, Andrade

Chronica de las tres Ordenes de Caballeiros; Santiago; Calatrava e Alcântara, Toledo, 1572.

Rodrigues, Luís Alexandre

Contributos para o estudo da arquitectura religiosa no concelho de Macedo de Cavaleiros, Cadernos Terras Quentes nº 3, Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros, 2006.

Santana, Maria Olinda Rodrigues

Documentação foraleira Dionisina de Trás-os-Montes, Estudos e Ensaios UTAD, Ed. Colibri, Janeiro 2008, Lisboa.

Seco, Fernando Álvaro

1º Mapa de Portugal editado em 1560.

Serrão, Joel e Marques, A.H. de Oliveira (direcção)

Nova História de Portugal – Portugal na crise dos séc. XIV-XV, pág 53, Editorial Presença, Lisboa s.d.

Silva, Marcelo Cândido da; *et. al.*

“Portugal1300: fome, clima e abastecimento em Portugal no final da Idade Média”. *Medievalista* 33 (Janeiro – Junho 2023), p.351-372.

Torrinha, Francisco

Dicionário Latino-Português, Terceira Edição, Edições Marãnus, Porto, 1945.

Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, Fr.

Elucidário, Letra A e de Letra B a Z, Livraria Civilização, Porto, Barcelos, 1993.

Züquete, Afonso Eduardo Martins

Armorial Lusitano – Genealogia e Heráldica, Representações Zairol, Lda, Lisboa, 1987.

Züquete, Afonso Eduardo Martins

Nobreza de Portugal, Volume II, Editorial Enciclopédia, Lda., Lisboa, 1960.

τφ



Templários em Macedo de Cavaleiros

Templários em Macedo de Cavaleiros

*Manuel Cardoso

Bom dia a todos, espero que se sintam em vossa casa ao estarem aqui entre nós.

Começo por agradecer o convite que inicialmente me foi dirigido pelo meu amigo Dr. António Pimentel, em nome da Comenda Local de S. Pedro de Macedo de Cavaleiros, para lhes vir dirigir meia dúzia de ideias sobre esta nossa terra, agradecimento este que tenho de fazer também à Dr.ª Mafalda Nascimento que, num simpático email, formalizou o convite em nome da Associação Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Jerusalém – OPCTJ para hoje estarmos aqui, a falar sobre Templários neste coração de Trás-os-Montes.

Agradeço também, a todos, os minutos de atenção que lhes venho pedir, esperando que os não dêem por mal empregues e que, no final, possam concluir por si próprios o mesmo que eu tenho pensado ao longo dos anos de meditação neste assunto.

Mas se discordarem de mim, não faz mal: as diferenças de opinião são sempre bons motores do conhecimento.

[Para motor do conhecimento está em montagem um pequeno mas importante museu numas salas do r/c deste mesmo edifício do Centro Cultural, o **Museu Ordem dos Templários e da Identidade Nacional**, por protocolo entre a Câmara Municipal e a Associação Terras Quentes, que pretende, precisamente, retirar do esquecimento e duma injusta humildade o papel, quer dos cavaleiros-monges quer dos nossos autóctones coevos, na construção do país que fomos e que hoje ainda somos.]

Pode parecer estranho eu dizer que estamos aqui para falarmos sobre a nossa terra quando o título desta breve comunicação é o de falarmos sobre a existência da Ordem na nossa terra, mas, na realidade, só faz sentido falarmos, pela minha parte, nesta antiga ordem, naquilo que se refira precisamente à nossa terra, já que não sendo eu um historiador, só poderei discorrer com propriedade sobre aquilo de que gosto e sei, Macedo de Cavaleiros e o seu Tempo, *lato senso*, já que Macedo de Cavaleiros e o seu Tempo têm sido uma constante na minha vida e desde que me lembro.

E do que me lembro mais foi de que, sendo ainda pequeno, ouvia a quase todos dizer que Macedo era uma terra sem história, que a história era Chacim, era os Cortiços, era Vale de Prados... a nossa era uma aldeia obscura a que apenas a reforma administrativa liberal viera roubar a essa obscuridade, em 1853. Tudo muito recente. E que era uma terra sem passado, por isso.

Até para o edifício igreja, dita por todos como construída em 1861 (o que é completamente errado!), se apontavam datas recentes, querendo-se ignorar as pedras antigas que estavam diante dos olhos como uma evidência do contrário! Este exemplo da igreja era eloquente: que as talhas douradas tinham vindo do extinto Convento de Sesulfe, que a torre tinha vindo doutra igreja de Moncorvo, que tudo era postiço e a fingir, portanto! Macedo?! Macedo não tinha história e Macedo era recente, tudo feito há anos, poucos anos!

Esta ideia, erradíssima, tem uma razão de ser: a política. Felizmente que isto não se passa em todo o País, mas é muito português: os recém-chegados, os arrivistas de qualquer espécie têm a mania de rebaptizar ruas e monumentos, edifícios e obras de arte. Por isso a Avenida Rainha Dona Amélia é hoje a Avenida Almirante Reis; a Ponte sobre o rio Tejo foi inaugurada como Ponte Salazar e hoje tem o nome que tem; o nosso jardim de cá, o em frente à Câmara Municipal, teve também o nome do Presidente do Conselho e passou a 1.º de Maio.

E se estas mudanças de nomes, que de inocente não têm nada, se limitassem à toponímia, seria fácil fazer a sua sequência e ir andando na cronologia do presente para o passado e para o conhecimento da História, mas não: estas mudanças de nomes são apenas a maquilhagem de mudanças mais profundas e sérias. E isto tem sido particularmente grave na nossa terra, provocando o desconhecimento sobre o nosso próprio passado! Mesmo o passado recente.

Aqui entre nós, os trasmontanos em geral, mas os deste Nordeste mais acentuadamente, somos uns verdadeiros iconoclastas e autofágicos dos nossos recursos e da nossa história. Desconsideramos os nossos monumentos e o nosso património! E desconsideramo-lo imenso! Porque começamos por desconsiderar as pessoas: deve ser um dos sítios mais difíceis de alguém poder ser profeta na sua terra!

Reparemos só nos exemplos de Macedo: a nossa primeira câmara municipal foi construída ainda na monarquia e funcionou como tal até que um republicano, por razões particulares, lhe deitou fogo em 1943.

A cadeia, do século XIX, edifício de cantaria, foi demolido sem deixar rasto. O mesmo aconteceu com os talhos e a leitaria, de linhas modernistas, com o velho quartel dos bombeiros, com a central eléctrica...

Há fotografias e postais antigos, felizmente! Mas há alguma placa relativa que o lembre aos residentes e visitantes? Não, claro que não. Como não há as placas descerradas aquando das respectivas inaugurações, nem do edifício dos correios, nem da estação dos caminhos de ferro, nem do grémio da Lavoura, nem do nosso hospital, nem do SLAT, nem das escolas, nem de quase nada – a não ser as mais recentes!

Porquê? Porque os que se vão sucedendo nos cargos políticos de chefia querem mostrar que eles é que fazem, eles é que fundam, eles é que são o progresso.

Que não haja vestígio do que foi antes: veja-se o exemplo do nosso cemitério novecentista, desaparecido completamente, trasladado para o “cemitério novo” e com a indicação de que nem o portão, um belíssimo portão com uma estética rara na nossa vila/cidade, datado no ferro forjado e com um granito bem aparelhado e estético, deveria ser preservado como elemento *landmark*, ali ou noutro lugar.

E sei bem do que falo: numa reforma urbanística recente da nossa praça oitocentista, em que se fazia a feira, que a desfigurou quase por completo, tive que me acorrentar ao gradeamento em ferro forjado da escola Adães Bermudes para chamar a atenção para tal atentado ao património – e é um acto da minha vida que recordo com orgulho, embora tenha sido incompreendido por muitos na altura e me tenham apontado caluniosamente como sendo contra o progresso.

Pelo menos a escola e um tanque municipal em cantaria foram salvos, tendo este sido deslocado, em vez de, pura e simplesmente, demolido, apesar de que o precioso gradeamento se sumiu, tal como o muro em cantaria, tal como as pedras de suporte da rua e da escadaria de acesso à feira, enterradas por uma escavadora juntamente com outras, para que delas não restasse a vista e os vindouros não tivessem provas do crime histórico e urbanístico cometido. Uma grande falta de respeito para com quem nos antecedeu e se bateu e gastou recursos para fazer empreendimentos de melhoria das condições de vida das pessoas que aqui viveram.

Poderia citar muitos outros exemplos, como o do Solar dos Vasconcelos, por sinal a casa do nosso primeiro Presidente da Câmara, e muitos outros edifícios, todos na nossa terra, edifícios cuja função a memória foi esquecendo, sucessivamente demolidos, e nada os

lembra na actualidade, por conveniência e favores políticos, dos supostos vencedores, que vieram depois e quiseram fazer vontades de investidores sem escrúpulos, ignorantes ou propositadamente iconoclastas, actores da pequena ideologia política.

O apagamento da história e o seu revisionismo tem sido dramático para Macedo de Cavaleiros. Só assim se explica o silêncio de séculos que existiu sobre Martim Gonçalves de Macedo, o nosso herói que na Batalha de Aljubarrota salvou a vida de D. João Mestre de Avis, recentemente recuperado do esquecimento e que, muito justamente, aqui tem um pequeno e precioso museu da iniciativa da Associação Terras Quentes e apoiado pela Câmara Municipal.

Só assim se explica o silêncio sobre a importância da Igreja como instituição e como cordão umbilical nosso com o resto do mundo, o termos sido a residência de comendatários da Ordem de Cristo, do Convento de Refóios de Basto, de outros importantes senhores que Alão de Morais menciona, mas que os posteriores autores e contadores da nossa história convenientemente têm vindo a omitir.¹

Esta importância da Igreja na nossa terra, mencionada em numerosos documentos de arquivo que a atestam, aliada ao seu posicionamento geográfico, fez com que, quando Macedo foi elevada a sede de concelho, tivesse já então mais população do que Chacim, do que Cortiços, do que Vale de Prados..., mas os historiadores apressados ignoraram ou fingiram ignorar este facto importantíssimo...²

II

Todos estes factos que referi são factos recentes, cabem no intervalo temporal de pouco mais dum século, são compreensíveis porque a memória chega mais ou menos a todos, com o testemunho deste ou daquele. O mesmo não acontece com os Templários, cuja vida pessoal e institucional decorreu há mais de sete séculos e então deixou de existir.

1 Na Pedatura Lusitana cujo autor é Alão de Morais há diversas referências a Macedo relativas a esse passado antigo. E os artigos de Ferreira do Amaral nos Cadernos Terras Quentes, que podem ser consultados e feito o seu download em www.terrasquentes.pt são eloquentes a este respeito. Assim como é de leitura obrigatória António Elias Gradíssimo, *Macedo de Cavaleiros na Idade Média*, in Cadernos Terras Quentes, 12, 57-186, Macedo de Cavaleiros 2015.

2 Até terem sido publicados alguns artigos e, sobretudo, a obra de Carlos Mendes, que coloca este assunto no lugar que merece: Macedo de Cavaleiros, Cultura Património e Turismo, Ed. Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, 2005. E a tese fundamental de Luís Alexandre Rodrigues: De Miranda a Bragança, arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna, Dissertação de Doutoramento, História de Arte, FLUP, 2 Volumes, Porto, 2001.

Para invocarmos os Templários e a eles nos referirmos com propriedade, temos de recorrer a documentos, sejam documentos escritos, sejam documentos materiais do campo da arqueologia ou doutro ramo tangível da História.

Anteriormente, há séculos, ninguém escreveu sobre os Templários da nossa terra e deles não temos, ou quase não temos, vestígios palpáveis. Já adivinham porquê, tendo em consideração o que já referimos sobre os que vêm a seguir silenciarem e omitirem tudo ou quase do relativo aos que estiveram antes.

E ainda acrescento um argumento mais, para que se compreenda o que irei dizer, recorrendo à nossa história local do século XX ou seja, de ontem.

Para muitos é suposto que o regime que sucedeu ao 28 de Maio de 1926 tenha sido monolítico e em que tudo ocorria a preto e branco, duma só cor política, sem qualquer pluralismo e totalmente amordaçado. Puro engano, pelo menos no que toca à nossa história local. E não sou só eu quem o diz.

Augusto Frederico Schmidt, político e escritor brasileiro, esteve cá em 1947 e deixou nas suas memórias que “Na grande e impressionante simplicidade transmontana, Macedo de Cavaleiros é qualquer coisa de inquieto e de novo. A vila é ambiciosa. A sua idade não vai além dos oitenta anos. De aparência tranquila, há uma fecunda insatisfação em Macedo de Cavaleiros. Por exemplo, nem todos estão contentes com o pároco presidente da Câmara local, embora gregos e troianos apoiem o governo do Estado Novo. Limita-se a oposição a uma luta surda, mal conhecida ainda, da qual só os muito íntimos da política de Macedo de Cavaleiros têm revelação”.³

As palavras de Schmidt ganhariam toda a propriedade novamente uns anos depois, ao ser editada uma monografia de fôlego sobre Macedo, por sinal muitíssimo bem escrita em estilo e português de quilate por um saudoso amigo meu, mas cujo enviesamento factual reconheço: o autor omite os nomes e datas de quem electrificou a vila, construiu estradas e mandou fazer edifícios, a dotou duma nova rede de abastecimento de água, etc., etc. porque secretamente não podia, ia contra si e o seu grupo, escrever o nome do Dr. Frederico Falcão ou do Dr. Bernardino Guedes de Miranda para a posteridade, seus opositores políticos ainda que todos fiéis servidores da situação do País, uns dos *gregos* se ele dos *troianos*, não fazendo parte da sua agremiação dentro do regime que todos serviam...

3 Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), *As Florestas, Páginas de Memórias, Descoberta de Trás-os-Montes*, 2ª Edição, Topbooks Editora e Distribuidora de Livros, Lda. Rio de Janeiro, 1997.

Há, por isso, um denominador comum, uma vaga de fundo que atravessa toda a história em geral e em especial toda a história da nossa região: a de que tem havido sempre dois “partidos”, se quisermos usar esta expressão, o dos que estão no poder e o dos que vêm a seguir, existindo entre ambos uma dinâmica destrutiva permanente entre o ora fazes tu e ora faço eu... ora desfazes tu, ora desfaço eu... ora deixa-me cá esconder tudo o que antes de mim disseram ou fizeram por me ser mais conveniente...

III

Não é de estranhar, por isso, que tenhamos sido certa vez abordados, há muito pouco tempo, e tenhamos tido dois telefonemas, em que falavam de modo veemente e até com uma ameaça, para que esquecesse toda a história relacionada com os Templários em Macedo de Cavaleiros, porque não era história, mas invenção, e que o autor dos artigos sobre o tema no caderno da Terras Quentes, não por acaso um meu amigo, estaria a *falsear a história*.⁴

Ora, não sendo eu um historiador, mas tendo formação científica, e sólida, habituado a estar como estou a lidar com dados, testes, provas e resultados, assim como a saber elaborar hipóteses científicas sobre os dados e os resultados, não fui nem sou fácil de me deixar convencer por qualquer refutação que não esteja solidamente argumentada. E não foi nem tem sido o caso com os que me têm abordado a dizer que laboro numa fantasia. Até por que eu sei bem distinguir a fantasia da realidade, gosto de escrever contos e romances e sei não misturar as coisas – a não ser quando o quero, como romancista. E a presença dos Templários na nossa terra não é uma fantasia nem romance, foi uma realidade!

Os artigos até agora publicados nos Cadernos Terras Quentes, longos e bem documentados, que alguns conhecerão e que se encontram disponíveis na net, permitem por si concluir que os Templários estiveram nestas terras e tiveram senhorio sobre muitas delas, de que auferiam rendimentos. Também tal é explícito no livro de Balcão Vicente, com um elucidativo mapa em que identifica Vinhas, Morais e Peredo com propriedades da Ordem do Templo.⁵

4 Trata-se do artigo de Carlos Mendes, A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão e a Ordem do Hospital de São João Baptista de Jerusalém no Concelho, hoje, Macedo de Cavaleiros, *in* Caderno Terras Quentes 19, 51-106, 2023.

5 António Maria Balcão Vicente, *In* Macedo de Cavaleiros, Da Terra de Lapaças ao Concelho – Os Forais e a sua época, Âncora Editores, 2004.

Assim aparecem também propriedades templárias em Talhinhos e em Bagueixe, Argana, Azibei, Chacim, Fornos de Ledra, Gralhós, Meles, Peredo, Santa Combinha, Valdrez, Vale de Prados, Vilar Douro, Vilarinho de Agrochão.^{6 e 7}

Mas, sendo assim, porque é que não há monumentos, inscrições, vestígios materiais mais palpáveis da presença dos Templários entre nós? Pelas razões que apontei acima: se apagámos vestígios, inscrições, demolimos edifícios e coisas parecidas num passado recente, nos séculos XX e XXI, imaginem só, aliás, deduzam só, quanto disso não terá acontecido ao longo da nossa história nos últimos setecentos noventa e sete anos! Uns a apagar o que outros antes fizeram! Houve muito tempo para tal.

E no tempo dos Templários, aqui, haveria dois partidos? Havia e são do conhecimento da historiografia, pelo menos o dos que eram a favor das Senhoras Infantas e o dos que eram contra... Deste conflito dependeu o equilíbrio do domínio de terras no início do século XIII. E logo a seguir o conflito que opôs Afonso III a Sancho II, mais uma vez dois partidos. E depois nas Inquirições, os funcionários de el-Rei dum lado e os senhores da terra por outro...

O sucessivo alinhamento da Ordem, que aqui não vamos narrar, contribuiu, estamos convencidos, para que qualquer intenção construtiva pela sua parte não fosse prioritária ser feita por aqui, longe como passámos a estar das prioridades militares, políticas e sociais do Reino, ainda por cima com a capital a ser mudada, então, de Coimbra para Lisboa.

IV

Os Templários tinham começado a existir como tal em 1118 e as primeiras doações obtidas em Portugal ocorreram em 1122, tendo-lhes sido entregue o castelo de Soure em 1128 e confirmada em 1129 pelo Infante D. Afonso Henrique. Até à instituição da Ordem de Cristo, em 1319, decorreram cerca de dois séculos.

Terão estado nesta zona de Trás-os-Montes, como Templários, cerca de um século ou, até, menos, já que a sua zona prioritária era mais próxima da fronteira e, daí, Penas Roias, Algos, Mogadouro...

6 António Elias Gradíssimo, *Macedo de Cavaleiros na Idade Média*, In *Cadernos Terras Quentes*, 12, 57-186, Macedo de Cavaleiros 2015.

7 Carlos Mendes, Miguel Sanches de Baêna, Pedro Gomes Barbosa, *A Ordem dos Cavaleiros do Templo no Nordeste Português*, Macedo de Cavaleiros, um concelho templário, In *Caderno Terras Quentes* 16, 9-145, Macedo de Cavaleiros, 2021.

O Castelo de Balsamão aparece, juntamente com as Terras de Lapaças e Ledra, a ser mandado entregar pelo Papa Inocêncio III, em 1211 e 1213, no contexto da guerra ocorrida no reinado de D. Afonso II com as irmãs e, conjuntamente com o Castelo de Balsemão, surge o senhorio de muitas das Terras de Lapaças e Ledra, grosso modo o equivalente, nesse século XIII, aos hoje concelhos de Macedo, Mirandela e sul do de Bragança⁸, na doação que Dona Sancha faz aos Templários.

A investida do Rei de Leão em 1212, já anteriormente em guerra com Sancho I, foi particularmente violenta para as terras transmontanas. E a presença tranquila dos Templários como senhores de Balsemão terá sido por pouco tempo, se é que se efectivou de forma durável, já que a devastação de Afonso IX de Leão terá sido terrível. O castelo esteve ocupado pelas tropas de Afonso IX.⁹

O concerto das partes, estabelecido já no reinado de D. Sancho II de Portugal, não terá tido como consequência, pensamos, uma prioridade de reconstrução dos castelos trasmontanos, já que estavam longe, no seguinte estado de coisas, das zonas de conflito, então muito a sul, com os *Almóhadas*.

Ter sido Balsamão um dos castelos Templários de Trás-os-Montes não parece, pois suscitar dúvidas do ponto de vista documental. E com uma nota curiosa. Surge na doação de D. Sancha, no documento de pazes de Afonso IX e nas bulas Papais. A doação que dele é feita por Dona Sancha, filha de Sancho I de Portugal, tem um significado especial se pensarmos que esta Infanta foi reconhecida como Beata, tal como as suas irmãs. Foi a fundadora do Convento de Celas.¹⁰

8 De acordo com o documento de 1223 pelo qual foram acordadas as pazes definitivas entre as infantas e a Coroa – assinado já no reinado de Sancho II –, as regiões mais afectadas pela invasão leonesa situavam-se essencialmente no Minho e em Trás-os-Montes, ou seja, a norte do rio Douro, onde se registam ataques às localidades e fortificações de Valença – que parece ter sido reduzida a ruínas –, Melgaço, Lígares (Linhares?), Balsemão, Freixo de Espada-à-Cinta, Urros, Mós, Alvi, Picota –onde em 1220 eram ainda bem visíveis os sinais da devastação leonesa – e Sicoto, ao castelo de Lamiselo, à terra de Barroso, a Vinhais, Montenegro, Laedra, Lapaças, Miranda do Douro, Santo Estêvão de Chaves, Aguiar da Pena e Panóias. *In*, A guerra em Portugal no reinado de Afonso II, no contexto de las Navas de Tolosa, Miguel Gomes Martins, Instituto de Estudos Medievais – FCSH/UNL, *La Península Ibérica en tiempos de Las Navas de Tolosa Madrid*, 2014, isbn 978-84-941363-8-2, p.443-458.

9 Não é claro se haveria já Templários instalados em Balsamão, cremos que não, aquando desta investida leonesa, até por que a Ordem se absteve de intervir ao lado de Afonso II, formalmente, no cerco e ataque ao castelo de Montemor-o-Velho. *Vide* Miguel Gomes Martins, op. cit.

10 Portanto Balsamão, o nosso Balsamão de hoje, teve a intervenção de duas especiais figuras da cristandade: a Beata Sancha Sanches e o Venerável Frei Casimiro Wyszynski.

V

A este facto há a juntar uma hipótese, sugerida por Sanches-Baêna, relacionada com a particular eficiência e destreza bélica notada aos combatentes desta zona do reino, várias vezes evidenciada em combate e que poderá ter estado na origem da tradição militar passada a gerações vindouras, nomeadamente a que com brio e consequências notáveis demonstraram os cavaleiros que acompanharam Martim Gonçalves de Macedo a Aljubarrota.

Tal nível de apuro no exercício das armas estaria relacionado com a presença dos Templários entre nós, que aqui terão introduzido técnicas de manejo e armas novas, como por exemplo a besta, trazida do estrangeiro, e aqui feito escola, colocando “muito à frente” os coevos combatentes trasmontanos em relação aos demais¹¹. Se pensarmos que Balsamão está paredes meias com Paradinha de Besteiros, poderemos ter aí mais um resquício desses tempos e desta hipótese.

Creemos que a investigação histórica no que aos Templários em Trás-os-Montes e, em especial, em Macedo de Cavaleiros, diz respeito, está ainda no início e pode estar no início de grandes descobertas.

IV – CONCLUSÃO

A de que o castelo de Balsamão, provavelmente arruinado na Guerra das Senhoras Infantas e desleixado por ser de segunda linha, teria entrado em declínio ainda antes ou durante o reinado do Lavrador e, por isso, não restarem nele elementos pétreos ou figurativos que hoje remetam directamente para a Ordem do Templo, por ausência da sua reconstrução durante a vigência da ordem, virada para as campanhas militares a sul do reino. Talvez a arqueologia nos possa trazer algo de novo

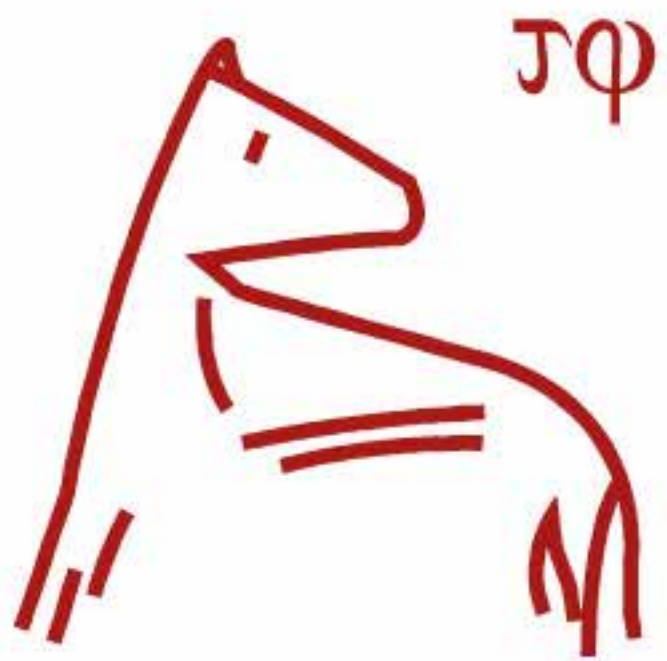
Mas, ainda, há Malta, São Cristóvão de Malta. Que foi dos Hospitalários e, antes disso, dos Templários, no pequeno intervalo temporal a que já nos referimos. Uma análise aos marcos de cantaria de delimitação do seu termo e às cruzes inscritas em baixo e alto relevo impor-se-ia, tal como se importaria um exame arqueológico atento a toda a aldeia, aos vestígios da capela de São Cristóvão, que não era a actual igreja, mas uma edificação roqueira empoleirada em fragas a oeste da aldeia, talvez uma torre?!, “quase redonda,

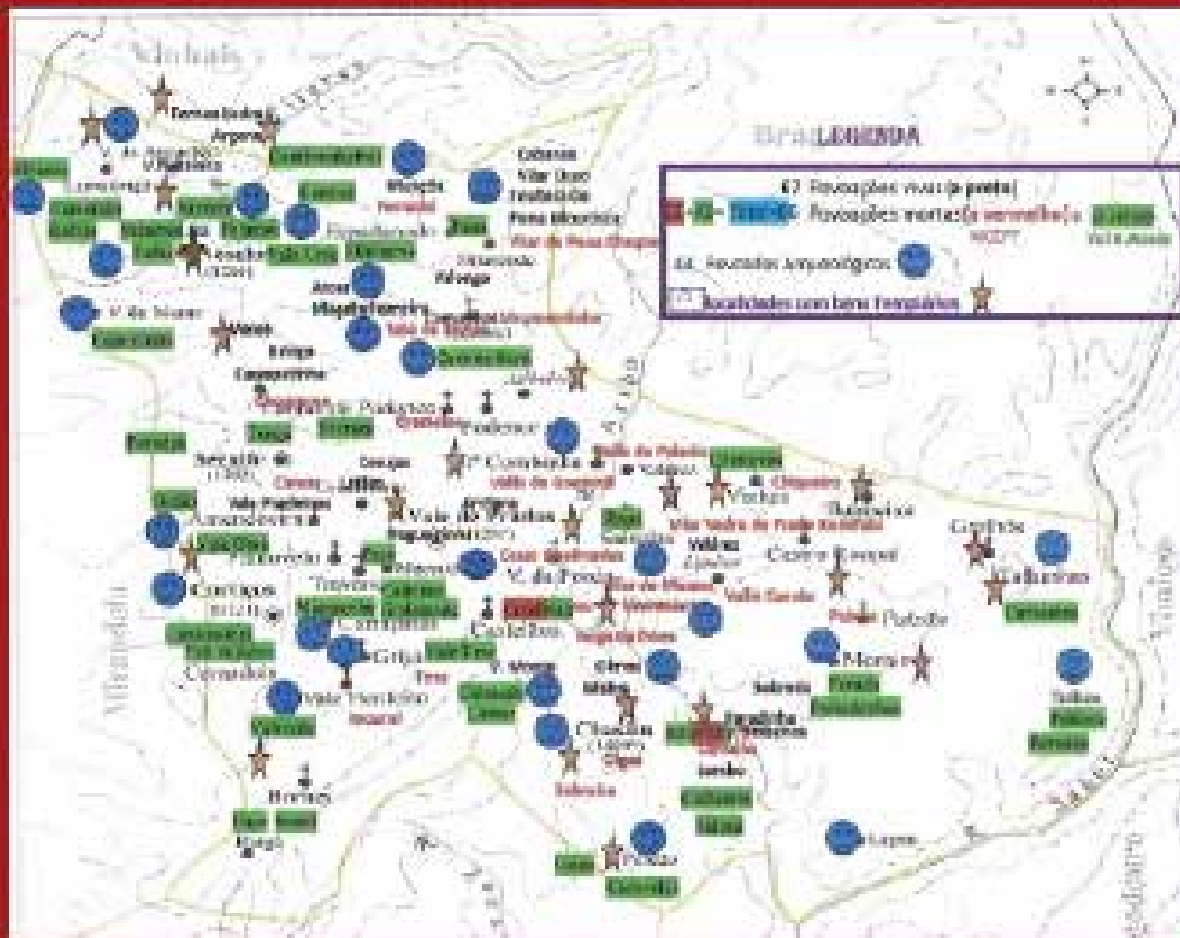
11 Miguel Sanches-Baêna, *et al.*, op. cit.

via-se no que sobrava das paredes”, segundo um pastor me contou há anos, arrasada – e este arraso é sempre suspeito.... – e aos caminhos e estradas de acesso, o do carril, o que vem de Banreses e atravessa o Azibo em alpondras dionísinas e numa ponte medieval ou mais antiga, reconstruída no cabralismo, atravessa Malta e segue para Chacim, todo esse planalto desolado que vai desta aldeia ao sítio do Castelo, no termo de Limãos, a Balsamão, ao Escarledo, ao Poço dos Paus, à Abelheira, ao Fontelheiro, a Chacim. É difícil não pressentir a certeza de que ali haja algo mais. Até no Bairro do Castelo, no Lombo...

Malta mereceria um investimento sério de investigação, uma tese de doutoramento. Que é que nos está ali escondido mesmo debaixo dos nossos olhos?

Os olhos de alguém viram também na fachada granítica da igreja de Santa Eugénia de Ala umas reminiscências de leitura templária, uns baixos-relevos quase apagados com as três cruzes do calvário, um remate frontal com uma cruz que poderá ser de São Tiago, poderá ser a do Balio de Leça, poderá ser o que não se sabe.





As 25 localidades que possuíam bens da Ordem dos Templários, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros

Em todo o Distrito de Bragança a Ordem dos Templários possuía bens em 70 localidades. 42,4% dessas localidades estavam no concelho de Macedo de Cavaleiros. Porquê?

Bragança no primeiro censo feito em Portugal, era a 4.ª cidade (vila) mais numerosa – hoje está em 47.ª lugar do ranking nacional